

Somos tu y yo
Claudia Velasco





Somos Você e Eu

Claudia Velasco



Sinopse

Emily Gardiner, aliás Mary Taylor, como é conhecida nas ruas do East End londrino, sobrevive como pode com os "trabalhos" pouco legais que realiza pelo centro da cidade mais cosmopolita e colorida do mundo: Londres do final do século XIX.

Emily, que mal tem 18 anos em 1890, cresceu na casa de uma grande família inglesa, onde a sua mãe é costureira a tempo integral e onde as diferenças sociais, as injustiças e o recalcitrante classismo que deveria absorver desde que nasceu, forjam nela um caráter guerreiro e independente, forte e com tanto temperamento que a empurram, aos quatorze anos, a abandonar essa vida em busca de uma nova, longe de sua mãe e rodeada de inúmeros perigos.

No entanto, embora tudo esteja contra ela, Emily Gardiner luta e sobrevive, planeia um futuro estável e independente junto a seus sócios, Molly e Winston Everhard, que serão a sua nova família e caminha com passo firme e seguro pelas convulsas ruas do centro da cidade, até que a aparição de uma personagem, completamente inesperada, lorde George Connaught, médico militar recém-chegado da Índia e filho do poderoso duque de Stevenage, altera as suas prioridades, os seus princípios, a alma e enche a sua vida de uma sensação completamente nova: amor.

George e Emily estão unidos pelo destino e apesar do abismo social que os separa, os seus caminhos se cruzam, no meio de perigosas e apaixonantes aventuras que ambos deverão viver juntos e em separado, para conseguir que o seu amor triunfe e se

sobreponha aos inimigos do presente e do passado, que farão todo o possível para separá-los.



— Mary!

Foi a última coisa que ouviu antes de perder os sentidos. O golpe de Fred “*O Ruivo*” tinha sido certo, bem no centro do peito. Tinha-lhe batido com toda a alma, sem que ela pudesse evitá-lo. Tinha sentido como se saísse o ar dos pulmões e como era lançada para trás a uma velocidade extraordinária. Não tinha conseguido defender-se, nem evitar a queda, nem proteger o seu saque. Fred “*O Ruivo*” tinha agarrado a sua elegante bolsinha de noite e o seu colar de pérolas e tinha saído disparado em direção ao rio. O mataria quando conseguisse recuperar-se, quando conseguisse ver alguma coisa, quando pudesse, pelo menos, respirar...

— Um momento! Abram espaço. Precisa de ar!

— Milorde, milorde, ajude-nos, por favor.

Molly Graham, de joelhos junto ao corpo inerte de sua melhor amiga, viu como aquele elegante cavalheiro lhes prestava atenção e começou a chamá-lo acenando. Estavam em pleno Piccadilly Circus, rodeadas por centenas de curiosos, e ninguém fazia nada por Mary.

— Milorde, pelo amor de Deus.

— Fique calma, sou médico.

O elegante cavalheiro se ajoelhou e procurou algo no bolso interior de sua casaca. De seguida tirou uma pequena navalha e cortou sem hesitar os cordões do corpete de Mary. Molly deu um gritinho, mas ele não lhe fez o menor caso.

— O golpe foi tremendo, mas pelo menos assim poderá respirar melhor. Não usa espartilho? — perguntou com tranquilidade.

— Não, milorde.

— Melhor assim.

— Mary?

Molly começou a golpear as brancas bochechas da sua amiga, e esta moveu a cabeça. O homem se inclinou mais e sentiu os batimentos cardíacos no seu pescoço.

— George! O que faz, homem? É tarde.

— Cale-se, Paul!

A jovem virou a cabeça para ver aquele tipo tão desagradável que tentava levar o médico dali, vestia de cinza pérola e nas suas costas duas damas, com o cabelo cacheado, olhavam para aquela cena com cara de espanto, quase a ponto de desmaio.

— Está bem, não se preocupe — sussurrou o cavalheiro dirigindo-se a ela — mas precisa descansar. Talvez tenha feito uma fissura em alguma costela.

— Como diz, milorde?

— Que talvez tenha machucado uma costela. Não posso comprová-lo, mas seria boa ideia que a visse o seu médico.

— O seu médico?

Molly moveu a cabeça com resignação. Mary Taylor tinha aparência de senhorita nessa noite, mas não porque o fosse, mas porque tentava passar despercebida entre a alta sociedade londrina que ia àquelas horas ao teatro. Estar vestida como uma senhora ajudava-a a meter-se em lugares onde podia roubar carteiras, jóias e outras coisas, sem chamar muito a atenção.

— Bem, obrigada, milorde.

O cavalheiro se inclinou uma vez mais e moveu Mary para a calçada. A juvenzinha se queixou e começou a abrir os olhos.

— Boa noite, então — disse o homem.

— Boa noite — respondeu Molly, vendo como Mary abria, por fim, os olhos negros para olhar para aquele homem.

— O que aconteceu?

Quase não podia falar, mas o aroma a loção de barbear e a limpeza daquele indivíduo tinha-a feito voltar de entre os mortos. Levantou-se um pouco e distinguiu a figura alta do homem, coberto por um casaco de pano, muito caro certamente, negro e comprido.

— Quem era?

— Não faço ideia, nunca o tinha visto na minha vida. Disse que era médico e te ajudou com o corpete.

— O corpete? Oh, não! Maldito seja! — Olhou para si mesma — Permitiu que o cortasse?

— Ajudou a respirar. Não seja chorona, Mary Taylor. Salvou-lhe a vida, estava já quase morta e tudo.

— Quase morta ou morta de todo?

— Cale-se e vamos embora daqui. Já chamamos bastante a atenção por hoje.

— Merda! — Mary exclamou, tentando ficar de pé, agarrou-se à mão de Molly e se levantou, apoiando-se na parede — Que dor! Vou matar aquele ruivo do demônio assim que lhe ponha as mãos em cima.



Londres, novembro de 1890

Mary Taylor e Molly Graham se embrenharam imediatamente pelas lotadas ruas do centro. Nenhuma das duas tinha ainda completado os vinte anos, eram amigas há seis e viviam juntas num quarto de uma miserável, mas limpa, pensão perto de Charing Cross, onde podiam dormir tranquilas e onde sonhavam, todo o tempo, que a vida lhes desse de presente, algum dia não muito longínquo, um pouco de fortuna.

Olhando para a sua querida amiga, Mary a agarrou pelo braço para andar mais depressa. Tinha sido muito má ideia brigar com Rogelia Hewitt, uma das queridas de Bob “*O Carvalho*”, o desgraçado pai de Fred “*O Ruivo*”. Aquele tipo controlava as ruas de Londres, de acordo com a sua vontade e enfrentar uma de suas amantes prediletas iria lhes custar caro; ela sabia, mas o preço valia a pena se recordasse a cara de espanto daquela mulher estúpida, depois de ter-lhe esvaziado um balde de água gelada na cabeça.

Rogelia acreditava ser uma senhora e não era mais que uma rameira com mau gosto, como dizia Molly, e ela não ia permitir que a dita cuja abusasse de ninguém, muito menos dela, que não lhe tinha feito nada, salvo nascer mais bonita e com mais classe. Rogelia Hewitt não podia perdoar-lhe isso e cada vez que tinha oportunidade, fazia alguma maldade. Mary já estava cansada e por fim, tinham acabado aos gritos e Hewitt empapada em plena rua. Mary não se

arrependia de nada mas, sentia muito por Molly, que era uma vítima inocente da sua imprudência, porque o roubo daquela noite era só o princípio. Certamente Bob “*O Carvalho*” tinha mandado pessoalmente o seu filho para fazer-lhes mal e não parariam até enxotá-las da cidade.

Suspirou e pensou em sua mãe.

Mary Taylor na verdade se chamava Emily Gardiner. Sua mãe, Katie Gardiner, era irlandesa e costureira em um dos palácios mais elegantes da cidade. Tinha chegado a Londres pela mão de uma nobre senhora inglesa, lady Anne Shafterbury, quando tinha doze anos; tinha-a feito vir desde Cork como serviçal e desde o começo a decisão lhe tinha saído muito rentável, Katie era uma fada com a agulha e trabalhava de sol a sol, sem reclamar. No palácio havia, pelo menos, seis costureiras trabalhando o dia todo, que se ocupavam tanto da roupa, como dos habitantes da casa — seis filhos, marido e mulher, e duas tias-avós —, um trabalho incessante. Sempre havia o que fazer e as empregadas de costura só descansavam ao domingo, se não fosse temporada de bailes, claro, porque nesse caso nem sequer podiam sair para ir à igreja.

Mas Katie Gardiner não se queixava. Emily só recordava a sua muito bela mãe trabalhando, com a cabeça abaixada sobre o tecido, às vezes com uma vela diminuta como única iluminação, às vezes colada à janela para ver melhor um bordado, mas sem perder, nunca, o sorriso. Era uma costureira maravilhosa e, no entanto, ganhava uma miséria, e ninguém, jamais, reconhecia o seu trabalho, por isso Emily começou a odiar os Shafterbury desde muito pequena.

Ela tinha nascido dentro das quatro paredes do palácio. A sua mãe tinha dado a luz no miserável quartito onde vivia e nessa mesma

noite tinha voltado para o trabalho, porque a senhora tinha um banquete real e precisava do seu vestido novo terminado a tempo. As companheiras de sua mãe, as faxineiras e até mesmo a governanta lhe tinham contado isso muitíssimas vezes, mas Katie Gardiner jamais tinha querido falar sobre o assunto. Sempre era assim; ela não falava, nem se queixava e quando Emily, aos dez anos, ousou perguntar quem era o seu pai, a resposta foi uma sonora bofetada que a calou para sempre. Foi a primeira e a penúltima vez que a sua mãe a golpeou, mas esse resultou ser um ato contundente o suficiente para que Emily jamais voltasse a interessar-se, de forma tão aberta, por semelhante segredo.

Indagando e fazendo perguntas discretas, soube que Katie só tinha dezesseis anos quando ela tinha nascido e que a senhora a tinha mantido no palácio por pura caridade, porque poderia tê-la jogado na rua como promíscua. Mas não, a dama tinha optado por perdoar o deslize da sua costureira e lhe tinha permitido ficar na casa com a menina e criá-la como uma mais de seu serviço. Desse modo, Emily Gardiner, que não se parecia em nada com a sua mãe, cresceu entre agulhas, tecidos e botões, acostumando-se a brincarem completo silêncio, sem levantar a voz, nem à vista aos senhores, e permanecendo quase invisível para não incomodar. Emily aprendeu a ler graças aos livros que a perceptora da família, a senhorita Wilkes, emprestava-lhe às escondidas e aos oito anos, quando a puseram a trabalhar como às demais, já sabia ler, escrever e fazer contas, algo que, evidentemente, se manteve em segredo.

Era esperta e ágil, muito vivaz e tinha uma perigosa tendência para rir às gargalhadas, algo que à sua discreta mãe irritava sobremaneira, que lhe rogava prudência e sobretudo, silêncio. Katie

não queria incomodar, preferia passar inadvertida e às vezes pedia, por entre lágrimas, à sua filha que mostrasse mais sensatez em seu comportamento. Emily se rebelava ante tantos medos, mas sempre acabava obedecendo para não prejudicar a sua mãe, cuja conduta era irrepreensível. Embora às vezes ouvisse a proprietária da casa ou as suas filhas gritar-lhe e repreendê-la por algo, quando, na verdade, Katie era a perfeita servidora; para além de bonita e doce, um modelo de virtude. Não obstante, Emily nunca se sentiu muito próxima dela.

Quando fez doze anos teve a sua primeira menstruação e o seu corpo começou a adquirir formas arredondadas e desconhecidas até então, aí Emily foi confinada ao lugar mais escuro da sala de costura e das cozinhas. A sua mãe não queria que ninguém a visse, muito menos os membros da família; especialmente, os homens. Alertava-a continuamente para que não saísse da área de serviço, e quando viu um dos empregados das cavalariças segui-la com o olhar, deu ao pobre moço tal bofetão que ele não voltou a dirigir-lhe a palavra. Emily não entendia nada daquilo e tentava obedecer, embora sem compreender o porquê de tantos temores.

Naquela época foi quando conheceu Molly em Covent Garden, uma garota ruiva, filha de irlandeses também, que brincava às corridas e trapaceava perto do mercado com os seus irmãos e restantes parentes. Molly Graham era esperta e contava histórias divertidas. Ficaram logo amigas e quando deixavam Emily acompanhar as serviçais nas compras, sempre se encontravam para conversar. Molly era dois anos mais velha que Emily e aos quinze começou a trabalhar como camareira em um hotel da cidade. A jovem estava feliz porque conseguir um emprego em um lugar tão elegante tinha sido um favor feito especialmente a seu pai, mas entrar no

Queen Hotel seria o começo da sua desgraça e a aproximação involuntária a Emily Gardiner.

Não estava nem há um ano trabalhando no hotel quando contou que tinha conhecido um homem, um cavalheiro que dizia estar apaixonado por ela. O homem, bem mais velho do que seu pai, era amável e muito generoso, um hóspede habitual, que logo começou a dar-lhe guloseimas e vestidos de presente e quando Molly contou à sua amiga, como confidência íntima, que tinha feito amor com ele, Emily abriu os olhos como pratos.

— E isso o que é?

— Não sabes?

Molly pôs-se a rir às gargalhadas, apesar de estar na igreja.

— Shiu!, que a minha mãe me mata. — Emily olhou para a sua mãe, que rezava o terço de joelhos uns bancos mais adiante, e se benzeu — Não, não sei.

— Amor físico, mulher. O homem coloca o seu..., já sabes, dentro de mim, por aqui. — Fez um gesto que quase matou a sua amiga de susto — E é delicioso... Não no início, mas depois, Deus bendito! É maravilhoso.

— O seu...? — Não podia acreditar — Que nojo!

— E os beijos, com a língua, já sabes.

— Com a língua? Estás louca, Molly, completamente louca.

Poucos meses depois, Molly ficou grávida e deixou de ver Emily durante muitas semanas. Quando se encontraram, por acaso, na igreja lhe disse que o homem, Peter, tinha-a instalado em uma pensão discreta, até que desse à luz e que logo levá-los-ia, a ela e ao bebê, para viver com ele em Devon, onde tinha um imóvel e casa próprios. Emily ficou feliz por sua amiga e lamentou que fosse para

tão longe de Londres, mas entendeu que era o melhor para ela, porque a sua família já não lhe falava e o seu pai a tinha repudiado publicamente. Molly não tinha outra alternativa a não ser casar-se com aquele homem tão mais velho e criar o seu filho longe de casa; era o melhor.

Contudo, os planos se torceriam de forma trágica para a pobre Molly, e Emily ver-se-ia obrigada a tomar, pela primeira vez na sua vida, algumas decisões contra a sua mãe.

Seis meses depois daquele último bate-papo em Santa Margarida, Molly mandou recado a Emily, através de uma das serviçais da casa. Necessitava urgentemente de falar com ela, e a jovem escapou, a meio da hora da sesta, para encontrar-se com a sua amiga em Covent Garden. O susto que teve ao vê-la quase a matou. Molly, antigamente bastante roliça e bem desenvolvida para a sua idade, era uma espécie de fantasma, com o cabelo emaranhado, sujo, a roupa transformada em farrapos e tão magra quanto um palito. Tinha os olhos azuis esbugalhados e dizia incoerências em frente ao mercado.

— O que te aconteceu, Molly? Onde está o teu filhinho?

— Ele o levou.

— Quem? Como?

— Peter... levou-o ... para Devon; quis o menino, mas não a mim.

— O que dizes?

— É um menino; eu o chamei de Patrick, como o meu pai. Ele disse que o levava para batizá-lo e nunca mais voltou.

— Roubou-te o bebê?

— Sim e quase me esvaí em sangue, quase morri, e ninguém

me ajudou.

Ligando os pontos, Emily compreendeu que o noivo de Molly que, ao que parecia, era uma espécie de latifundiário, tinha levado o seu filho para longe e a tinha abandonado. A moça, sem dinheiro e doente, tinha dormido na pensão até que o dono a tinha jogado para a rua a pontapés, e nem a sua família, nem os seus conhecidos tinham querido ajudá-la. Só restava Emily, que não tinha nada, exceto sua mãe e aquela casa na qual não tinha nada. Mas, nessa mesma tarde levou Molly ao palácio, onde a cozinheira e a sua mãe tiveram piedade da moça, alimentaram-na e lhe deram um pouco de roupa. Mas não podiam fazer mais, então Emily, a meio do desespero e com um sentimento de total injustiça que lhe crescia no peito, rompeu com todas as regras e se apresentou diante de Rose Shafterbury, a última duquesa de Monmouth, para pedir ajuda.

— O que queres? — perguntou-lhe com aspereza lady Shafterbury, quando a teve diante, em seu salãozinho de chá.

— Queria pedir-lhe trabalho para uma amiga, milady. É forte e sabe limpar. Só pede teto e comida; necessita de um lugar para viver.

— Tem amigas? — A odiosa mulher pôs-se a rir às gargalhadas, e a sua filha mais nova, Rosemunde, com ela —. Uma mendiga?

— Foi camareira no Queen Hotel, milady.

Engolindo toda a humilhação, continuou de pé diante da mulher e com a cabeça baixa.

— Foi? E por que não continua a trabalhar lá?

— Esteve doente.

— Não quero doentes em minha casa; já muito faço ao manter gentinha como vocês. Fora daqui, moça.

— Não nos mantém, milady; nós trabalhamos para você.

— Está replicando-me, pirralha insolente?

— Não, milady.

— Olhe para ela, mamãe, não é mais do que uma qualquer. Um dia destes quererá atrair um de meus irmãos.

Rosemunde observou com desprezo os olhos negros e formosos da costureirinha, o cabelo escuro debaixo de seu chapéuzinho de algodão, a pele imaculada e a boca sensual e bem marcada que davam ao seu rosto uma beleza imperdoável.

— O que pensas fazer com ela?

— Nada. O que queres que faça? Já sabe que o teu pai...

— Emily!

A voz angustiada de sua mãe quase a fez saltar de onde estava. Katie apareceu nas suas costas, muito nervosa e pediu desculpas à sua senhora. Não podia acreditar que a sua filha estivesse ali.

— Desculpe-a, milady. É uma menina, não sabe o que faz.

— Sim, sei. Só pedi trabalho para Molly. É muito trabalhadora e responsável, e precisa de ajuda.

— Como educaste tão mal a tua bastarda, Katie? Tira-a daqui; não quero vê-la.

— Sim, sim, milady.

— Ou seja, não pode ajudá-la? — Emily insistiu, enquanto a sua mãe a puxava.

— Fora! — Rosemunde gritou ficando de pé — Rameira! Não faltes ao respeito à sua senhora.

— Não fiz nada de mal — sussurrou, dando-lhes as costas.

E então, nesse mesmo instante, uma xícara de chá de porcelana se espatifou contra a sua mãe. Katie não se moveu mas, Emily se voltou para Rosemunde Shafterbury deitando fogo pelos olhos.

— Como se atreve?

— O quê?

— O que lhe fez a minha mãe para além de servi-la? Como pode ser tão desconsiderada?

— Emily, não, pelo amor de Deus! — Katie Gardiner começou a chorar — Está tudo bem, não aconteceu nada.

— Como não aconteceu nada? Fez-lhe mal, mãe.

— Não me fez nada.

— Fora daqui! Insolente! Rameira! Filha de Satanás!

Com uma força descomunal, Rose Shafterbury começou a empurrá-las, completamente fora de si. Era insólita tanta ira e Emily não pôde evitar sentir-se confusa. «Esta mulher está louca varrida», pensou e deu um passo atrás quando quis esbofeteá-la.

— Fora! Katie Gardiner, acolhi-te quando deste à luz esta bastarda, mas já não quero vê-la mais. Fora da minha casa. Tu podes ficar, mas ela não. Fora!

Os gritos as seguiram pelos corredores e escada abaixo, ao mesmo tempo que as cabeças das camareiras, pajens e até do mordomo apareciam por toda a parte. Katie levou a sua filha para a área de serviço e uma vez que a teve diante, esbofeteou-a com todas as suas forças.

— Como pudeste morder a mão que te dá de comer?

— O quê? Só lhe pedi trabalho para a minha amiga. Aquela mulher está completamente louca, mãe. Por que me odeia tanto?

— Como pudeste? Recolhe as tuas coisas e vai-te, Emily.

— Como?

A governanta e a cozinheira quiseram detê-la; Molly ficou de pé, assustada, e fez menção de ir-se sozinha e rapidamente.

— A senhora acalmar-se-á depois do seu segundo copo de Genebra, Katie. Deixa para lá, não faças caso. Emily, vai para o teu quarto e não saias, até que nós digamos alguma coisa.

— Não! Deve ir. Envergonhou-me. A senhora...

— Não vens comigo, mamãe? Faltou-te ao respeito, tratam-te como a um cão, não vês? Vamos, saiamos juntas. É a nossa oportunidade, podemos procurar tra...

— Vai-te! — chiou a sua mãe e Emily deu um passo atrás — Não quero ver-te mais.

Desse modo e sem planejar, Emily Gardiner saiu do palácio dos duques de Monmouth sem entender nada de nada. Acabava de fazer quatorze anos. Nesse dia pela manhã estava a trabalhar e no minuto seguinte se encontrava na rua com uma sacola roupa e Molly pelo braço. Não tinham para aonde ir, nem a quem recorrer, mas Emily sentiu, de repente, um formigamento subindo por todo o seu corpo. Liberdade, chamava-se e isso a converteu, de repente, na mulher mais feliz que pisava na Inglaterra.



— No que estás pensando?

Molly a tirou de suas lembranças, quando lhe pôs a lata que usavam como xícara, cheia de chá, sobre a mesinha.

— No dia em que saímos da casa dos Shafterbury. Foi glorioso.

— Deus bendito! Ainda recordo os gritos daquela louca.

— Fez-me um favor, a bruxa. Espero que arda no inferno.

— Eu acredito que estava esperando a desculpa perfeita para desfazer-se de ti e tu a deste de bandeja.

— Sei disso.

— Já se passaram quase quatro anos, parece um século, amiga.

— É um século, querida Molly. Toda uma vida.

Observou como Molly passarinhava novamente pelo quarto e sorriu. A moça era limpíssima e se empenhava em manter o cômodo como «cristal», conforme dizia. Viviam ali desde quase o começo da sua aventura; era um cômodo de quatro metros por quatro metros, que dava ao pátio interior do edifício. Tinham uma cama, um fogão para cozinhar, uma mesa e um pequeno armário. Além disso, tinham levado um tapete persa, abandonado perto de Flint e duas cadeiras. Podiam comer e tomar chá se quisessem, dispunham de recursos e o mais importante, ninguém as incomodava. Pagavam a sua renda religiosamente a cada sexta-feira e quando fechavam a porta, sentiam-se no palácio de Buckingham. Era o seu lar, embora ninguém fizesse sequer ideia onde era.

Quando ficaram na rua, decidiram voltar para Covent Garden para virarem-se conforme pudessem. Emily tinha umas moedas em sua sacola e alugou um quarto para ambas, local onde começou a planejar o seu futuro.

A primeira coisa a fazer era procurar trabalho. Ela era uma costureira de primeira e Molly podia ser faxineira ou cozinheira. Contudo, logo se deram conta de que o único trabalho que lhes ofereciam era o de prostituta, a melhor opção para uma mulher sozinha, jovem e pobre que tentava sobreviver nas ruas de Londres.

Por fim, Emily conseguiu emprego em uma loja de tecidos fazendo arranjos, embora lhe pagassem uma miséria, deu-lhes o suficiente para pagar um mês de pensão, mal comer e subsistir sem

empregar-se em uma das casas de meninas de Piccadilly. Não obstante, Molly começou a considerar seriamente tal possibilidade, quando se deu conta de que com o salário de costureira de Emily Gardiner não chegavam a lado nenhum.

Sem que a sua amiga soubesse, Molly Graham começou a ganhar umas moedas deitando-se com tipos que chegavam ao porto, quase todos estrangeiros. O contato o fazia uma velha bruxa que levava metade do pagamento pelo serviço, e Molly esteve trabalhando nisso três meses, até que Emily a apanhou e a obrigou a deixá-lo sob ameaça de que a abandonaria se não o fizesse. Isso era algo que, é óbvio, Molly não podia suportar, assim acabou deixando o negócio e resignar-se a passar fome e carências, mas com a dignidade intacta. Emily não podia compreender que uma mulher chegasse a descer tão baixo e chorou várias semanas quando soube que o dinheiro que Molly contribuía para a «sociedade», como ela tinha chamado ao seu acordo, provinha da prostituição.

— Não me importa. A maioria das vezes estão tão bêbados que não chegam nem a tocar-me — Molly se desculpou quando a apanhou, em plena rua, com as mãos nos quadris e cara de indignação — Não fiques assim.

— Não fico assim? Enganaste-me, mentiste-me, vendes-te por um penique e corres o risco de trazer outro menino ao mundo. Como queres que fique, Molly Graham? Maldita sejas!

Molly deixou todos os seus clientes exceto um, Winston Everhard, um bonito e elegante marinheiro que vivia de extorquir estrangeiros ricos e crédulos. Everhard tanto fazia de amante ocasional de velhas ricalhaças, como surripiava o dinheiro a seus maridos, nos salões ilegais de apostas. Era divertido, bonito e leal, e

quando Molly compreendeu que não podia passar muito tempo sem levá-lo para a sua cama, começou a chamá-lo de «meu noivo», coisa que fazia ferver o sangue de Emily, embora o tipo lhe tivesse caído bem desde o primeiro momento.

Depois de seis meses sobrevivendo na rua, costurando e fazendo recados de todo o tipo, Winston Everhard passou a fazer parte da «sociedade». Sendo um tipo esperto, descobriu imediatamente que Emily Gardiner, que tinha a cabeça bem em cima dos ombros e aquela pinta de senhorita fina, era uma mina de ouro. Começou a ensinar-lhe os seus truques de mãos, os roubos a toda a velocidade no meio de Piccadilly, as trapaças de curto alcance, os atos de contrabando à pequena escala no porto e como viu que a moça aprendia depressa, começou o seu treinamento pelas ruas de Westminster, onde furtar uma carteira a um duque avoadado era moleza.

Emily se divertia a roubar pessoas ricas. Era um desafio enorme e a adrenalina lhe subia por toda a corrente sanguínea quando se punha a trabalhar. Rapidamente se tornou perita, de tal maneira que começou a ser conhecida no bairro; por esse motivo mudou de nome e da noite para o dia se transformou em Mary Taylor, ladra e golpista.

Winston Everhard passou de amante e noivo de Molly, a sócio e amigo. Trabalharam juntos durante três anos. Ele vivia na mesma pensão em Charing Cross, cuidava delas e era um bom tipo, inteligente e com um grande coração. Ambos prometeram a Molly que encontrariam o seu filho e matariam o bode do pai e dotaram a sua pequena sociedade de uma certa organização, cujas regras cumpriam rigorosamente: o dinheiro era repartido em quatro partes — um terço para cada um deles e uma quarta parte para gastos e um

fundo comum de emergências — ninguém podia saber onde viviam, nem quem eram e em caso de perigo, deviam fugir sem olhar para trás, embora isso supusesse abandonar o companheiro.

Seguindo a última regra, Emily se perdeu de Winston uma noite em Leicester Square, no meio de uma rusga da Scotland Yard. Tinha sido de loucos. A polícia tinha aparecido de repente e em massa, e não lhe tinha ficado mais remédio que adotar o seu ar de senhora fina e caminhar por entre a multidão, como uma assustada dama em perigo. Estava vestida com roupa roubada, muito elegante e não lhe custou nada fazer-se passar por nobre e até mesmo ser ajudada por um guarda para chegar, sã e salva, a Oxford Street.

Prenderam o seu amigo e felizmente não o enforcaram, mas estava há dez meses detido em Holloway, em umas condições insalubres e lamentáveis, embora, segundo Molly, já tivesse organizado vários jogos de cartas com os reclusos e guardas e se divertia a valer, aguardando julgamento, depois do qual esperava voltar rapidamente ao crime.

Aqueles dez meses lhe pareciam que nunca mais acabavam, porque Winston era, além de um bom sócio, muito protetor. Desde o começo de sua amizade tinha deixado muito claro que uma mulher só precisava saber defender-se se queria sobreviver em Londres. Ele tinha resgatado uma navalha e um estilete de seus primeiros roubos e ambos se converteram, para Emily, em companheiros de viagem imprescindíveis. Winston a ensinou a usá-los, tal como a dar um murro na área adequada e a esquivar-se de um golpe sem muito esforço. Concluindo, ensinou-a a brigar e a proteger-se, com violência, se fosse necessário. Mas mesmo assim, ele com a sua altura e corpulência, protegia-as de forma natural. Respeitavam-os.

Não obstante, assim que Winston tinha sido detido, gente como Rogelia Hewitt ou Bob “O *Carvalho*” tinham vislumbrado a chance de fazer-lhes mal e vingar-se do seu êxito e altivez, porque se por alguma coisa criticavam Mary Taylor nas ruas de Londres, era por aquela soberba que parecia exalar por todos os poros.

«É forte e orgulhosa, mas não soberba», diziam os que a conheciam bem; contudo, o seu porte, a sua beleza deslumbrante e o verbo ágil e educado que acompanhava as suas palavras a faziam diferente e a afastavam, sem querer, dos seus iguais. Ela sabia e tentava moderar a sua linguagem tão correta e aquele sotaque de Kensington, com o qual tinha crescido, mas mesmo assim, continuava a ser diferente, e essa circunstância, às vezes, magoava-a, sobretudo quando a colocavam de lado e a olhavam com certa desconfiança. Por vezes, era duro, mas tinha aprendido a viver também com aquilo, a virar costas às críticas, como a todo o resto, enquanto Molly se dedicava a falar com todo o mundo, tão boa pessoa e sendo a magnífica amiga que era.



— Como está?

— Deus, Molly! Dormi um pouco... dói-me. — Tocou no peito — Talvez aquele tipo tivesse razão e tenha quebrado uma costela.

— Não disse quebrar, disse outra coisa. — Molly se aproximou e lhe acariciou o cabelo — Agora devemos ficar em casa uns dias e não sair, até que esteja completamente restabelecida.

— Sim? E o que comemos?

— Temos economias e o fundo comum.

— O fundo comum é para uma emergência.

— E acaso esta não é uma emergência? Estás ferida, não podes trabalhar assim e eu não penso sair sozinha. — Molly fez cara feia e se deitou a seu lado; era meia-noite e estava muito cansada — Se o meu Winston estivesse aqui...

— Se o teu Winston estivesse aqui, teríamos dado uma boa surra àquele ruivo do demônio. Mas, enfim... Amanhã será outro dia. Precisamos dormir, Molly. Boa noite.

— Boa noite.

— Olha! É ele.

— Quem?

Voltou-se para Grosvenor Place rapidamente, pensando que Molly falava de Fred “*O Ruivo*”. Era o primeiro dia que saía à rua, depois de sete de clausura e andava tensa e com a navalha bem segura.

— O tipo que te ajudou, o médico.

— Ah!

Emily olhou de cima abaixo para aquele homem, que cheirava a limpeza e a loção de barbear. Só recordava isso dele, um aroma delicioso e uma voz profunda. O tipo era jovem — uns trinta anos, calculou por alto — estava vestido de azul-escuro, usava um chapéu cinzento e tinha bigode. Caminhava com energia, acompanhado de outro homem muito mais velho e as suas botas — boas, finas e feitas sob medida — pisavam nos atoleiros de chuva com completa naturalidade. Emily o seguiu um instante com os olhos e logo voltou a fixar a vista no clube de cavalheiros, de onde uma de suas vítimas mais complacentes estava prestes de sair.

— É muito bonito e amável, coisa estranha nessa gente. O seu amigo queria que te deixasse deitada em plena rua.

— Hmm!

— Não tive tempo de agradecer-lhe.

— Já está, aí vem — Emily a interrompeu, caminhando para aquele elegante edifício —. Lorde Sloane, milorde, há quanto tempo...

August Sloane olhou para a doce moça com um sorriso e tomou os dedos para beijar-lhos com extrema educação. Para aquele nobre cavalheiro, Emily era a filha de um velho companheiro de armas a qual, de vez em quando, ajudava. A história tinha ocorrido a Winston Everhard depois de uma bebedeira monumental com lorde Sloane, em um conhecido prostíbulo da cidade, onde ficou a par de todos os detalhes de sua vida. Winston, que era um lince para aquele tipo de negócios, contou a Emily e Molly que lorde Sloane tinha servido na Índia e que essa era a sua única vida, nada mais lhe interessava e que sentia enormemente a falta de seus velhos camaradas, entre eles um tal de Jonathan Witherspoon, que tinha morrido servindo Sua Majestade em Bombaim.

Apenas uma semana depois de conhecer aquela história, a senhorita Amanda Witherspoon, encarnada magnificamente por Emily, apresentou-se ao cavalheiro em seu clube e lhe contou a sua desgraçada vida; disse-lhe que era filha do coronel Witherspoon e que vivia sozinha em Londres servindo como perceptora de uma família de classe média que mal lhe dava de comer. Lorde Sloane escutou o assunto com a respiração agitada e quando a garota lhe entregou uma carta, supostamente escrita por seu pai, onde lhe dizia que em caso de necessidade fosse ter com o seu velho companheiro de armas, August Sloane não pôde mais e se pôs a chorar, profundamente comovido.

Desde então, fazia mais de um ano, Emily ia ter com ele, muito de vez em quando, para saudá-lo, interessar-se por sua saúde e receber algum presente do cavalheiro. Lorde Sloane não tinha filhos e adorava conversar com a jovem Witherspoon porque era adorável, bela e muito culta. A levava a tomar chá e passavam uma tarde

diferente, isso sim, sempre acompanhados por uma donzela da casa onde trabalhava Amanda, encarnada por Molly, e que não a deixava só nem por um segundo.

— Querida, como está? Não te vejo com boa cara.

— Tive um acidente, milorde. Caí de um banco enquanto dava a aula, e me machuquei no quadril. Estou há sete dias sem poder trabalhar.

— Oh, bendito seja Deus! E já te viu algum médico?

— Ainda não, milorde. Bom, eu... — ruborizou e baixou os olhos, perturbada — Meus patrões negaram-se a chamar o médico e eu não disponho de meios; já sabe, milorde. Por essa razão...

— Não se fale mais disso. Vais imediatamente ver um doutor, ou melhor; eu me ocuparei da fatura. Wilkes, é isso... — Sloane parou em seco e olhou para o céu — Sim, Wilkes é o meu médico. Está em Baker Street. Podes ir e depois lhe pagarei.

— Na verdade, conheço outro doutor que já me tratou antes. Está perto de minha casa e é barato.

— Não tens de preocupar-te com os gastos.

— Sei, milorde, mas prefiro ir ao que já conheço — disse e levantou os olhos negros e o olhou com firmeza.

Lorde Sloane hesitou por um segundo e depois assentiu, encantado. Meteu a mão na jaqueta e lhe deu duas notas.

— Com isto será suficiente, querida?

— Absolutamente, milorde. Não sei como agradecer-lhe.

— Pois cuidando-te, pondo-te bem e vindo ver-me todas as semanas.

Uma hora depois, caminhavam em direção a Charing Cross com o dinheiro em segurança. Emily jamais aceitava muito daquele

cavalheiro porque, no fundo, lorde Sloane lhe dava pena. Assim, não era muito o que lhe tinha dado, mas o suficiente para comer pelo menos por mais uma semana. Talvez dez dias. Chegaram de braço dado a Piccadilly Circus e antes de virar para o mercado, aquele tipo, o médico, apareceu novamente em seu campo visual. Molly lhe apertou o cotovelo para que olhasse para ele e Emily ficou quieta vendo como ele atendia um menino que guinchava desesperado no chão. O médico, muito sereno, estava-lhe tocando no braço com extremo cuidado; com um movimento rápido o endireitou e o puxou, o que provocou um último grito do menino, que depois se calou de repente. A mãe do pequeno, uma das floristas da zona, olhou para o doutor com agradecimento e ele acabou o trabalho aplicando-lhe uma bandagem muito apertada. Depois, ficou de pé e seguiu o seu caminho como se não fosse nada.

— O que faz? Atende as pessoas nas ruas?

— Não — sussurrou alguém nas suas costas.

Emily e Molly se voltaram para ouvir Pearl Smith melhor, uma castanheira¹ muito velha que pululava por Piccadilly desde que tinha nascido.

— É lorde Connaught, filho do duque de Stevenage. Voltou das colônias e quer abrir uma clínica no bairro, para todos nós.

— Nós?

Molly soltou uma gargalhada e Emily seguiu com os olhos o elegante cavalheiro.

— Para os pobres. Tem já uma clínica na zona rica, mas quer ajudar os pobres, ou isso diz.

— Quem te disse isso, Pearl? — perguntou Emily.

— O reverendo Blackbourn. Ajudou-o a encontrar um gabinete e

ao que parece quer ganhar a confiança das pessoas com estas coisas, como endireitar o braço quebrado de Matthew Green. Olhem, já o arranjou... — As três olharam para o menino que corria pelo lugar com o braço enfaixado — Se não o conserta, fica torcido para sempre.

— Bom, já veremos — sussurrou Emily com aquela desconfiança habitual. Não acreditava na boa-fé dos ricos e por norma, odiava-os a todos.

— Salvou a vida da Mary na outra noite — comentou Molly — O maldito Fred Carpenter lhe deu um golpe no peito e ela perdeu os sentidos. Aquele homem, lorde Connaught, foi o único que nos ajudou.

— Então, Deus o guarde. Tenho de ir, garotas.

— Adeus, Pearl.

— Ah! uma coisa... — A anciã as chamou de novo, e elas se aproximaram, atentas — Cuidado com os Carpenter, o velho tem os olhos postos em ti, moça. — Pôs um dedo no decote de Emily — Quer-te na sua cama e se pretendes que te deixe viver em paz, mete-te na cama com ele e o satisfaça. É só um conselho...

As duas ficaram mudas. Emily levantou o queixo e se afastou caminhando com as costas retas e a mão de Molly bem agarrada. Sabia que o que Pearl Smith acabava de dizer era uma boa solução para muitas mulheres da zona; a velha não tinha nenhuma má intenção, mas ela não se deitava com ninguém e menos ainda com Bob “O *Carvalho*”, que era um velho verde e asqueroso, ao qual não podia sequer dirigir uma palavra.

— O que vamos fazer, Emily?

— Não me chames assim.

— É igual. O que queres fazer?

Molly parou de caminhar e procurou os olhos escuros de Emily, tão escuros que às vezes pareciam esquadriñar até ao fundo da alma.

— Compraremos mantimentos, subiremos para casa e depois veremos. Molly, não te assustes; não demonstres medo.



Como em cada domingo, madrugaram para ir à missa. Era o único dia da semana em que Emily Gardiner podia ver a sua mãe; de longe, porque não lhe dirigia a palavra, mas pelo menos podia ver como andava. Desde que tinha saído da casa de lorde Shafterbury, fazia quatro anos, a relação entre mãe e filha se tinham vindo a deteriorar passos largos. No início, Katie Gardiner, destroçada pela culpa, enviava a Emily algumas moedas pelas criadas da casa e conversava com ela na igreja; mas assim que lhe chegaram rumores mal-intencionados sobre a vida dissoluta que Emily supostamente levava em Covent Garden, deixou de preocupar-se com ela e deixou de falar com ela de forma definitiva.

Um bom dia parou de falar-lhe e embora Emily quisesse explicar-lhe, por centenas de vezes, os seus negócios e esforços para viver decentemente na cidade, a sua mãe não quis ouvi-la. Nesses últimos dois anos Emily se conformava vendo-a de longe, em Santa Margarida, a única igreja católica à qual a sua mãe podia ir aos domingos de manhã.

Foi naquilo que se transformou a sua relação, em espiá-la enquanto rezava de joelhos ou tomava a comunhão. Tratava-se de

um assunto lamentável aos olhos da própria Emily, embora não pudesse evitar ir ali cada domingo com a esperança, vã, de recuperar o carinho de sua mãe. Ela jamais confessava em público aqueles sentimentos, nem sequer a Molly, porque se envergonhava de sua própria debilidade; mas não faltava ao seu compromisso em Santa Margarida e passava a missa inteira com os olhos colados nas costas de sua mãe, que cada dia parecia pior.

— O que ela tem?

Emily agarrou o braço de Prudence White no mercado, depois da missa. A senhora White era governanta dos Shafterbury e conhecia Katie Gardiner desde que tinha chegado a Londres fazia vinte e dois anos.

— Quem? Moça do demônio, que susto me deste.

— A minha mãe. Faz um mês que a vejo piorar. Está mais magra.

— Está cansada, mulher; os anos pesam.

— Só tem trinta e quatro anos, senhora White. A minha mãe deve estar doente, muito doente — disse e suspirou olhando para o céu.

Nesse domingo, quase tinha perdido o fôlego ao ver a cara abatida de Katie. Fazia semanas que se ajoelhava com dificuldade diante do altar e era um verdadeiro esforço ficar de pé, mas naquela manhã o seu aspecto dava medo.

— Se a estão a matar de trabalhar...

— Matar de trabalhar? A tua mãe costura e borda, moça. Queria vê-la de joelhos a limpar as escadas de mármore.

— Trabalha dezesseis horas por dia, talvez mais e mal tem quem a ajude. Sei que Elsy foi embora há duas semanas.

— Ainda tem ajuda e me deixa em paz; tenho coisas a fazer.

— Um médico tem de vê-la. Eu pagarei. — Endireitou os ombros e a olhou fixamente.

— Lady Shafterbury se ocupa da saúde de sua gente, Emily Gardiner. Se a tua mãe precisar que a veja um doutor pedir-lhe-emos; não te preocupes.

— Não acredito que faça alguma coisa. Essa mulher é egoísta e malvada.

— Cala-te, sua mal-agradecida! Se não tivesse sido por aquela mulher, tu e a tua mãe teriam morrido em qualquer sarjeta faz tempo e agora, digo-te isto a sério, deixa-me em paz, tenho muitos recados a fazer.

Prudence White lhe virou as costas e Emily ficou quieta, observando-a com grande impotência. Ela não era idiota e sabia que a sua mãe não estava bem e que necessitava de descanso e de um médico mas, não podia fazer muito, exceto continuar a vigiá-la e se piorasse, intervir à força. Afinal de contas, ela era sua filha e algum direito a opinar devia ter.

Suspirou e se voltou para Molly no momento exato em que Fred “O Ruivo” segurava a sua amiga pelo pescoço. Molly, bastante mais roliça e torpe que Emily, não conseguia mexer-se e muito menos correr. Levantou os olhos azuis, desesperada e tentou escapulir, mas aquele ruivo do demônio lhe deu uma cotovelada nas costelas que a deixou sem fôlego. Emily caminhou para eles, tirou a navalha do bolso da saia e encarou o pirralho mimado sem mover um só músculo da cara.

— Solta-a, desgraçado, ou te racho agora mesmo.

— Quem?, tu?

Fred Carpenter sorriu e puxou Molly para o beco. A Emily não ficou mais remédio que ir atrás dele.

— Larga-a!

— Muito bem, muito bem, majestade, eu largo, mas tu vens comigo. Há alguém que quer cumprimentar-te.

— Muito bem. Vamos, então.

— Não, não vás!

Molly tentou interceptá-la, mas Emily a agarrou pelo ombro e a olhou com dureza aos olhos.

— Volta para casa e espera lá; agora eu vou. Não tenhas medo e me espera. Vai, Molly, vai já!

Gritou-lhe e a moça saiu aos tropeções para Charing Cross. Emily Gardiner ergueu os ombros, agarrou a capa e começou a caminhar com Fred “O Ruivo” colado às suas costas e sem emitir qualquer indício de medo, embora o seu coração parecesse que ia sair-lhe do peito. Caminhou a bom ritmo em direção a Leicester Square, até que o moço a empurrou e fez com que se perdesse por uns becos que não recordava. Depois, quase quinze minutos depois, voltou a conduzi-la para Covent Garden e assim durante um pouco, com a única intenção de inquietá-la e desorientá-la.

— Já está, majestade. Entra aí.

Outro empurrão, e Emily se encontrou no meio de um pátio interior cheio de caixas, sujeira e com os muros cobertos de fuligem. Levantou os olhos para os edifícios que o rodeavam e notou que nem uma mosca voava. Engoliu em seco, e então a mão de alguém lhe tocou no quadril. Virou-se, indignada, e lhe deu um forte pontapé entrepernas.

— Maldita sejas, filha do demônio!

Bob “O *Carvalho*” em pessoa começou a blasfemar saltitando por causa da dor. De seguida, uma mulher muito desagradável se aproximou dela e a empurrou contra a parede.

— Dá-me tudo o que tenhas. — Colocou-lhe a mão dentro da capa e lhe tirou a navalha para atirá-la ao chão. Depois a olhou de perto e falou com Bob Carpenter, que parecia recuperar-se, pouco a pouco — : É bonita, conseguirei muito por ela.

— Olha, Mary Taylor, não te mato porque vales mais viva, mas já me fartei. Acabou-se o teu reinado por minhas ruas, bonitinha. A partir de agora vais obedecer-me, percebeste? ou a putinha da tua amiga Molly morrerá de uma maneira bastante desagradável.

— Nós não te prejudicamos em nada.

— Como não? — Aproximou-se e a agarrou pelo queixo — Desafias-me, tiras-me os meus alvos e estás enriquecendo às minhas custas.

— Isso não é verdade.

— Cala-te! — Deu-lhe um bofetão que a colou à parede — Estas ruas são minhas, Londres é minha e trabalharão para mim, ou matarei primeiro aquela puta ruiva que vive contigo e depois matarei a tua mãe e quem mais fizer falta.

— Não tenho medo de ti.

Com a boca cheia de sangue, cuspiu nele, mas Bob “O *Carvalho*” nem se alterou. O homem esticou a mão e a agarrou pela nuca para falar-lhe bem na sua cara.

— Ah, não? Vou mostrar-te quem manda aqui.

Emily começou a contorcer-se, mas não pôde fazer nada quando aquela mulher, que era uma conhecida madame da zona, pegou nos seus cotovelos e os esticou para trás, imobilizando-a.

Então, aquele tipo imundo e sem dentes lhe abriu a capa e puxou as fitas de seu corpete, enquanto evitava os seus pontapés. De repente, parte de seus peitos ficaram a descoberto e Bob Carpenter ficou tão surpreendido pela beleza que tinha diante de si, que hesitou o tempo suficiente para que ela pudesse alcançá-lo com outro chute certo. Com o impulso, empurrou, com todas as suas forças, para trás e esmagou a mulher contra a parede. Esta a soltou e ela se recompôs e agarrou a navalha do chão.

— Vou capar-te, velho verde e asqueroso — sussurrou caminhando para Bob “*O Carvalho*”.

— Já perdeste a tua oportunidade, Mary Taylor. Agora vou matar-te! — Chiou — Vou matar-te. Rick! Fred! Maldição!

Em um segundo apareceram quatro jovens meninos para rodeá-la. Conheciam-na a todos, todos trabalhavam como capangas para Bob Carpenter e sabiam o que faziam. Com os seus sorrisos degenerados começaram a cercá-la e ela pensou que a única saída que tinha era cravar a navalha a si mesma, no pescoço. Olhou para o céu e pediu ajuda a Deus; respirou fundo e levantou a faca a tempo de ouvir uma voz escura e muito conhecida nas suas costas. Todos se voltaram nessa direção e os olhos de Emily se encheram de lágrimas ao ver Winston Everhard entrando naquele pátio.

— Vais matar uma de minhas garotas, Bob?

— O que fazes aqui? Fugiste do cárcere, Everhard?

— Soltaram-me por boa conduta. Mary — disse olhando para a sua amiga, que estava com o vestido rasgado e cara de pânico, no meio daqueles indesejáveis — estás bem, querida? Anda cá.

— Não! Aonde vais? Essa garota é minha. Quero usá-la até que já não me restem forças e então, passará para os meus meninos, o

que te parece?

— Que és imprudente, Bob; sempre o foste.

Antes de terminar a frase, Winston, que era alto como um castelo, caminhou para Carpenter e lhe golpeou as orelhas com as duas mãos. Este caiu ao chão, inconsciente. Sem que os seus capangas pudessem fazer alguma coisa para evitá-lo, levantou os olhos para eles e se moveu com uma calma que gelava o sangue. Emily agarrou a navalha com força e a enfiou na perna de Bob que estava mais perto dela; depois se voltou e esbofeteou a mulher que a tinha agarrado, enquanto ouvia os gritos de uma briga desigual nas suas costas. Virou-se respirando com calma e esperando ajudar, mas, antes que pudesse fazer alguma coisa, Winston já tinha deslocado um ombro ou outro ombro e tinha quebrado uma ou outra costela, sem a ajuda de ninguém. Em dez minutos estavam os cinco homens no chão. Olhou para a sua amiga, ofereceu-lhe a mão e saíram caminhando com tranquilidade em direção a Covent Garden, sem correr, embora um suor frio empapasse completamente as costas de Emily.



— Winston, bendito seja Deus! — Chegados a Charing Cross, lançou-se em seus braços — Salvaste-me a vida.

— Estavas defendendo-te bastante bem, tendo em conta que eram seis contra uma.

— E como é que saíste da prisão? Viste Molly? Como soubeste que eu estava...?

— Depois falamos disso. Ela foi quem me disse que te tinham

levado para o território do *Carvalho*. Não foi difícil encontrar-te. E agora, subamos; quero um chá e abraçar a minha bonita noiva.

No quarto, mais tranquilos e a salvo, Winston Everhard lhes contou com detalhe como o diretor da prisão o tinha deixado sair no domingo, por caridade cristã. Estava há muitos meses sem julgamento, ninguém sabia da sua permanência naquele local e o tipo, que era um péssimo jogador de cartas, ao qual tinha ensinado todos os seus truques de jogador profissional, tivera piedade dele e o tinha deixado ir em liberdade. Um milagre que além disso tinha ajudado a salvar a vida de Emily. Brindaram a isso com o rum que Molly guardava, há meses, para as suas boas-vindas, e quando caiu a tarde, já se sentiam melhor, muito mais otimistas e com um montão de planos para o futuro.

— Não há dinheiro no fundo, Winston — Emily lhe contou — Tivemos de usá-lo quando não pudemos trabalhar.

— Recuperaremos. Já encontraste um local para a tua loja? — Perguntou-lhe sorrindo com os seus malandros olhos marrons.

O grande sonho de Emily Gardiner era ter uma loja de roupa em um bom bairro, fazer arranjos, costurar e bordar a bom preço, com a ajuda de sua mãe e tornar-se em uma empresária independente.

— Desde que te detiveram não pensei mais nisso.

— Terás de voltar a pensar, pois — opinou ele, dando um tapinha no arredondado traseiro de Molly, que o olhava embevecida, desde que tinha aparecido nessa tarde de surpresa — E tu, querida, sentiste muito a minha falta?

Nessa noite, Emily se deitou no chão, em cima de um tapete, o mais longe possível da cama. Era algo difícil em um quarto tão minúsculo, mas tentava que o casal tivesse um pouco de intimidade.

Molly pendurou uma velha cortina para dividir o quarto em dois e Emily não teve outra hipótese senão fechar os olhos e tapar os ouvidos para não ouvir os suspiros e os gemidos do casal enquanto faziam amor. Ela sabia o que era aquilo. Embora fosse virgem e fugisse dos homens como da peste, tinha tido de aprender certas coisas à força, ao partilhar a sua vida com Molly e Winston, e não deixava de sentir-se incômoda ante tanta paixão.

À meia-noite continuavam a amar-se e ela começou a fantasiar com a ideia de procurar um homem — um açougueiro, um peixeiro ou um carpinteiro — tornar-se sua noiva e planejar uma vida juntos. Por que não? Não ia estar sempre só e a odiar os homens. Gostava de crianças e ter uma família própria era algo que almejava conseguir. Nas suas circunstâncias, no entanto, era complicado, por isso voltou a fechar os olhos e pensou em bordados: ponto cruz, ponto corrente, ponto haste, ponto folha, ponto palestrina e assim por diante, até que adormeceu.

3

George Connaught, segundo dos cinco filhos do poderoso duque de Stevenage, entreabriu os olhos claros e observou, com um pouco de angústia, o edifício onde se encontrava o seu novo consultório. Engoliu em seco e subiu os seis degraus que o separavam da rua com firmeza. Abriu a porta, e a senhora Adams, a senhoria, saiu a seu encontro com um enorme sorriso.

— Milorde!

— Doutor, doutor Connaught, por favor, senhora Adams.

— Claro, doutor, mas entre, entre.

A mulher o seguiu escada acima e se adiantou a tempo para abrir a porta do andar que acabava de limpar cuidadosamente. O elegante lorde Connaught tinha feito chegar as suas coisas fazia dois dias — livros e utensílios médicos — e ela os tinha colocado nos armários seguindo as suas instruções. O olhou de esguelha e não viu nenhuma expressão em sua cara.

— Parece-lhe bem?

— Sim, obrigado.

Caminhou, tirando o chapéu empapado pela chuva e foi até à janela. O que tinha diante era Cannon Street, muito perto da catedral de São Paulo, e seguiu com os olhos as carruagens e o denso trânsito de pedestres pela zona.

— Muito obrigado, senhora Adams. O meu criado trará uma placa para a porta. Espero que o ajude a colocá-la.

— É óbvio, milorde... doutor — corrigiu imediatamente — É uma

honra tê-lo em nossa casa.

Lorde Connaught tirou o casaco e se concentrou em seus livros, dando as costas à senhoria. Não o fez por ser mal-educado, mas sim por simples desorientação, embora ela o tomasse como um convite para deixá-lo a sós, assim saiu em silêncio e fechou a porta com extremo cuidado.

— Deus bendito! — sussurrou vendo a desordem dos volumes.

Recolocou os livros com cuidado e depois abriu a sua maleta e revisou o interior para comprovar que tinha tudo o que era necessário.

— Georgie!

O grito o fez saltar. Tratava-se de sua irmã Amanda, que entrou sem chamar. Olhou-a carrancudo.

— Jonathan trouxe-me; não te zangues.

— A mamãe sabe que estás aqui?

— Não. Acredita que vou tomar chá com Vitória Applewhite.

— Fabuloso — respondeu, continuando com o que estava a fazer.

— Aonde vais agora?

— Dar uma volta pelo bairro.

— Continuo a pensar que isto é deprimente. — Amanda levantou a saia de seu elegante vestido para percorrer o enorme cômodo com cara de desconfiança — Não sabes quem subirá até aqui; pode ser perigoso. Mamãe diz que corres muitos riscos estúpidos trabalhando neste bairro.

— Na Índia os corria diariamente e ninguém parecia importar-se.

— George, não sejas sempre tão desagradável.

— Está bem. Vais ou ficas? Eu tenho de ir.

— Aonde? Não vás. Vim buscar-te para que me acompanhes a

casa dos Appelwhite. Esperam-nos para a hora do chá.

— Eu jamais aceitei esse convite. — Fechou as cortinas e confirmou que a lareira estava apagada — Tenho trabalho.

— A procurar pacientes mortos de fome?

— Isso não é assunto teu. — Colocou a casaca e agarrou o chapéu — Se quiseres ficar fica, mas fecha bem a porta ao saíres.

— George! Não me deixes aqui sozinha. — Saiu atrás de seu irmão apressadamente — A sério não vens a Belgravia?

— Não. Jonathan! — Quando chegou à saída viu o seu criado cravando na porta uma placa metálica onde dizia: «Doutor George Connaught, médico-cirurgião» — Estupendo! Muito obrigado.

— De nada, milorde. Quer que o leve a algum lugar? A carruagem está a uma quadra daqui.

— Não velho amigo, vou dar uma volta, adeus! Adeus Amanda e fecha a boca!

George se encaminhou para este a bom ritmo, deixando sua irmã mais nova com a boca aberta ao pé da escada. Ela, que era mimosa e caprichosa, estava acostumada a conseguir tudo de todo mundo, exceto de George e ficou resmungando ao ver que não a acompanhava a casa de sua amiga Vitória. Olhou para Jonathan e lhe fez um gesto para que fosse buscar a carruagem, gesto ao qual o mordomo obedeceu com um meio sorriso.

A aventura, aos olhos de seus pais, de instalar um consultório médico naquela área de Londres, era uma grande imprudência, unicamente por ser ex-militar condecorado e filho de uma das grandes famílias da Inglaterra. Não obstante, para George Connaught o projeto estava definido desde os tempos em que estudava medicina em Cambridge. Naquela época, o seu professor de patologia, lorde

Wolfson, estava acostumado a organizar visita às zonas mais pobres e deprimidas da capital, com os seus alunos, para dar um pouco de consolo aos milhares de pessoas que se amontoavam no East End londrino. Era tanta gente que a Coroa calculava que havia quase um milhão de almas subsistindo na maior das carências.

Aquelas primeiras visitas marcaram a vida de George Connaught para sempre e jamais tinha se sentido mais médico do que quando curava os meninos malnutridos, os ossos quebrados de homens pobres e desgraçados ou as mulheres parturientes à beira da morte e que viviam naquele bairro. Em 1878, quando ele estava há um ano na Faculdade de Medicina de Cambridge, foi fundado o Exército da Salvação para enfrentar a miséria e George, juntamente com dois de seus melhores companheiros, colaborou de forma desinteressada, até que, acabados os estudos em 1883, o seu pai o obrigou a entrar no exército e a servir Sua Majestade no Continente. Só tinha vinte e três anos e não teve outra hipótese senão obedecer e embarcar rumo à Índia, com o grau de capitão do exército de terra, um trabalho que cumpriu rigorosamente durante os sete longos anos durante os quais viu o mundo, passou um calor infernal, entrou em combate e conheceu homens que se tornaram na sua verdadeira família.

Mas na Índia não só lutou e defendeu os interesses da rainha Vitória de espada e fuzil na mão, como também exerceu o cargo de oficial médico e adquiriu tanta experiência na arte da cirurgia e conhecimentos que, quando retornou a Londres, a 30 de setembro de 1890, era capaz de amputar um braço com os olhos fechados e tirar um apêndice com uma mão atada às costas. Além disso, sabia combater a malária, uma indigestão e assistir a partos, por muito

difíceis que se apresentassem e tinha uma intuição fantástica para os diagnósticos mais complicados. Achava-se um bom médico e essa era precisamente a profissão que pretendia continuar a exercer na sua cidade natal, embora os seus pais se empenhassem em que descansasse, relacionasse-se, paquerasse com a política e se convertesse no que realmente era: um nobre escandalosamente rico. No entanto, esse era um esforço completamente inútil para um George Connaught que, nos seus trinta anos, era impossível de lidar.

Assim, com uma ou outra condecoração e muita experiência às costas, começou a procurar um consultório para tratar de seus pacientes e depois de três meses desde o seu regresso da Índia, já contava com um muito elegante em Mayfair e um segundo, que dependeria dos ganhos do primeiro, recém-alugado em Cannon Street. Para ele este último representava o seu grande projeto pessoal, porque pretendia exercer nele, de forma gratuita e atender os indigentes e as gentes humilde de East End. Tratava-se de uma tarefa complicadíssima, porque aquelas pessoas não confiavam nos médicos e muito menos se fossem ricos e nobres, então o primeiro passo que tinha dado fora conhecer as suas ruas, passear pelo centro, por Liverpool Street, Aldgate ou Bishopgate, saudando as pessoas, apresentando-se e ajudando em algum caso que requeresse de assistência médica imediata, uma pequena aventura que estava dando os seus frutos, embora ainda ficasse muito por fazer.

Sabia que o seu maior trabalho seria conseguir ganhar a confiança de seus concidadãos, mas tinha paciência e contava com a ajuda de alguns membros da Igreja, como o reverendo Blackburn, de Covent Garden e seu pai Sejam Connelly, de Aldgate, que

tentavam aproximá-lo de seus respectivos paroquianos, com bastante afinco. George ia pouco a pouco e estava investindo muito dinheiro e energia no projeto, embora os seus entes queridos mais próximos não lhe prestassem a mínima atenção e muitíssimo menos o seu apoio.

Na verdade, o seu pai, Daniel Connaught, duque de Stevenage, tinha-o pressionado para retornar para a Inglaterra porque o seu primogênito, Charles, era um alcoólatra e um drogado, jogador e briguento, que há muito tempo andava envergonhando a família e dilapidando a sua fortuna. Charles, que era dois anos mais velho do que George, estava casado desde os vinte anos e tinha três filhas, de onze, nove e sete anos, as quais não via e que mantinha confinadas em Kent com a sua mãe, uma espetacular beleza da corte em outra época, que não saía de uma profunda depressão desde o nascimento da sua última filha. Charles, herdeiro do título e das riquezas da família, era um degenerado sem remédio e o seu pai, ainda em suas plenas faculdades mentais, estava disposto a deserdá-lo e passar o título de duque de Stevenage, com todos os seus direitos, ao seguinte beneficiário, o seu brilhante e admirado filho médico e militar, que, no entanto, contemplava os assuntos hereditários com uma imperdoável indiferença.

Como é óbvio, George não se negou às intenções de seu pai, mesmo por que, depois de uma longa e muito reveladora conversa com o seu irmão mais velho, que a seus olhos estava à beira de uma grave enfermidade de fígado, se não de uma morte iminente, se prontificou a cumprir com o seu dever; mas, sem deixar de lado a sua vocação como médico, os seus pacientes e o seu sonho de dar um pouco de assistência sanitária aos mais desfavorecidos. Daniel

Connaught o olhou, com os olhos entreabertos, durante longo tempo após escutar os seus argumentos e, por fim, suspirando, acedeu a que fizesse o que queria, desde que se compromettesse a que, chegado o momento, tomasse o título e de tudo o que isso encarregasse. George lhe deu a sua palavra de honra e desde então mal tinham falado no assunto. O duque ouvia as queixas de sua mulher em relação à carreira louca de seu segundo filho pelas perigosas ruas de East End com olhar beatífico e sem emitir qualquer tipo de comentário. Ao duque de Stevenage não lhe incomodava a vocação social de George; muito pelo contrário, admirava-o e não pretendia cortar-lhe as asas. Não obstante não lhe prestava muita atenção e muito menos ajuda, porque, no fundo de seu coração, sabia e temia, que George acabaria fracassando no seu propósito, por muito talento e energia que pusesse nele.

— O que aconteceu?

George abriu caminho por entre a multidão e viu um homem jovem com a clavícula completamente deslocada estendido no chão. Estavam na esquina da Strand com a Fetter Lane e acabava de atropelá-lo uma caleche que, como é óbvio, fugiu sem auxiliar o ferido. Agachou-se, deixou a maleta a seu lado e tirou as luvas para tocar na articulação distendida.

— Fica calmo, sou médico. Como te chamas?

— Peter... Deus bendito!, dê-me um gole para a dor, doutor.

— Não tenho nada disso, mas poremos o ombro no lugar. Fica quieto e me deixa trabalhar, de acordo? Não vais ter medo de um pouco de dor, pois não?

— Não, senhor. Estive na Marinha, doutor.

— Um marinheiro. Que interessante! Muito bem, levanta-te e

respira fundo.

Muita gente o rodeava, mas ele mal percebeu esse fato. Desde que era um pirralho, era capaz de concentrar-se em uma tarefa e perder a noção do tempo e do espaço, até mesmo quando um canhão era disparado a seu lado. Durante o tempo que passou na Índia, essa capacidade de concentração tinha sido muito útil para operar no meio de uma carga do inimigo ou dos gritos dos outros feridos. Respirou fundo e continuou a tocar com muita delicadeza no paciente, enquanto, a uma curta distância, nas suas costas, uma Emily Gardiner, disfarçada de senhorita e com Molly pelo braço, seguia as suas manobras de boca aberta.

Estava enfeitiçada com a forma como aquele homem tratava de Peter Hill, um açougueiro da zona; como lhe falava, sorria e tocava no ombro com aqueles dedos compridos e peritos, que pareciam conhecer todos os segredos do corpo humano. Inclinou a cabeça para ver melhor o seu perfil recortado por debaixo do chapéu, e de repente, com a extremidade do olho, localizou Dave Smith, um dos pirralhos que roubavam para Bob “O *Carvalho*”, aproximando-se sigilosamente da maleta do médico, que permanecia no chão. Separou-se de Molly, caminhou com firmeza e agarrou o menino pelo pescoço.

— Não te atrevas, Dave, não dês um passo mais — sussurrou-lhe, com as costas do doutor roçando-lhe na saia do vestido, enquanto o menino levantava os olhos e a olhava desafiante — A ele não.

— É teu noivo, por acaso?

— Cala-te e vai embora daqui.

Emily empurrou o moço com força e o tirou do círculo de

curiosos. Depois ficou perto da maleta para vigiá-la atentamente.

— Já está. Vou contar até três e o colocamos no lugar, de acordo?

O ferido assentiu. O médico começou a contar e, antes de chegar a três, puxou o braço de Peter Hill e o surpreendeu com uma sacudidela muito dolorosa, que lhe colocou a clavícula no lugar de forma quase instantânea. As pessoas aplaudiram e George Connaught procurou em sua maleta umas ataduras com as quais imobilizou o ombro. Depois ajudou Peter a ficar em pé e pediu a alguém que o acompanhasse a casa. Nem sequer suspeitava que tinham estado a ponto de roubá-lo, mas isso não importou a Emily; limitou-se a afastar-se discretamente e a desaparecer no meio da multidão, quando comprovou que o médico agarrava novamente a maleta em suas mãos.

— Isso, dá mais pretextos a Bob “O *Carvalho*” para querer matar-nos.

— Não podia deixar que o roubassem.

— Não é assunto teu, que eu saiba.

— Esse homem está ajudando-nos, a escória fedida do centro de Londres; deveríamos estar agradecidos e não andar roubando as suas coisas.

— A sério? — Molly soltou uma gargalhada e olhou para a linda cara de sua amiga com curiosidade — É um rico de Mayfair, pelo menos, pensei que tu mesma quererias espoliar as suas bonitas coisas...

— Não sou um monstro, Molly. Pelo amor de Deus, esse homem é médico! Aqui as pessoas adoecem e morrem sem ajuda de ninguém. É o único que se incomoda em fazer alguma coisa. Merece

o nosso respeito e farei o que esteja ao meu alcance para que assim continue, está bem?

— Está bem, está bem, o que tu quiseres — suspirou — como sempre...

Olhou para a jarra de latão e o vapor do chá fumegante saindo pela boca do recipiente lhe trouxe um montão de lembranças: lady Rose Shafterbury abrindo a caixa de madeira onde guardava o chá, com pequena chave dourada que usava pendurada ao peito e tirando o seu valioso tesouro com as mãos enluvadas; os meninos da casa comendo sanduíches e biscoitos às cinco da tarde na salinha de sua mãe; as cozinheiras assando enormes bolachas para receber os convidados da tarde e ela, de pé em um canto, esperando que alguém lhe desse permissão para agarrar os restos ou para provar um pedacito minúsculo de bolo que sempre devia comer às escondidas no sótão. Os olhos se encheram de lágrimas, esticou a mão, agarrou a tigela e saboreou o delicioso chá indiano, que nessa tarde Winston lhes tinha levado de presente.

Desde que tinha uso de razão sempre tinha tido de esperar pela permissão de alguém para comer, beber, brincar ou dormir e tinha aquele maldito hábito tão arraigado que, às vezes, dava por si esperando autorização de Molly para começar a comer a sopa ou para agarrar um pedaço de pão da mesa. Era uma atitude estúpida e lamentável, amaldiçoou uma vez mais os Shafterbury, que sistemática e continuamente lhe tinham recordado o lugar que lhe correspondia no mundo, sem que pudesse fazer o que quer que fosse para evitá-lo. Nada, exceto sair daquela casa e começar de zero, algo que não tinha sido ruim de todo.

— Em que estás a pensar, duquesinha? — Winston Everhard,

que sempre a chamava assim por causa do porte tão diferente que mantinha, sentou-se à sua frente e procurou os seus olhos negros — Não fique triste.

— Não estou triste; pelo contrário, estou desfrutando do meu delicioso chá.

— Uma boa aquisição, isso é o que é. Sempre soubeste apreciar as boas coisas.

— Obrigada, milorde.

Apoiou as costas no encosto da cadeira e olhou para o seu amigo com um sorriso. Ele acabava de chegar de uma jogatina que o tinha mantido ocupado durante quase três dias. Estava esgotado mas, feliz e o melhor disso tudo foi ter trazido um suculento saque, que lhes permitiria respirar em paz durante umas semanas. Emily olhou para as suas compridas pernas esticadas, para a sua camisa azul gasta, mas limpa e para a sua cara de boa pessoa, com aqueles olhos tão brilhantes que sempre conseguiam arrancar-lhe um sorriso. Ela gostava de Winston Everhard como de um irmão mas, muitas vezes se perguntava se conseguiria encontrar um homem como ele, para que pudesse apaixonar-se e ter um lar.

— Quem é o charlatão que se passeia por aí como um bom samaritano?

— Não sei — respondeu Emily, observando Molly, enquanto esta se sentava no regaço de seu noivo.

— Um lorde não sei o que — Molly interveio — Seu pai é duque e ele tem um consultório no bairro caro, mas abriu um em Cannon Street faz duas semanas.

— Interessante.

— Emily se empenhou em protegê-lo.

— Ah, sim?

— Mas o que dizes? — Corou com muita relutância e fixou a vista na janela — Só se trata de ser justa. O homem vem aqui para ajudar e não me parece bem que tentem roubá-lo, ou algo pior.

— Justo, assim é — opinou Winston sem ignorar a atrapalhação da sempre fria Emily Gardiner — Irei vê-lo um dia destes por causa da minha dor no peito. Cada vez se repete com mais frequência.

— Meu Deus! É sério? — Molly ficou de pé, assustada e lhe tocou a testa — Meu pai morreu do coração.

— Tenho trinta e um anos, minha vida. Espero chegar à idade de teu pai ainda, não te preocupes.

— Poderias visitar o doutor esta semana. É grátis.

— Posso pagar-lhe e agora não se fala mais nisso. Queria comentar convosco um assunto mais divertido do que esse: falei com Bob “*O Carvalho*”.

— Quando? — Emily ficou tensa e o olhou nos olhos — Por quê?

— Ontem à noite, durante o jogo de cartas. Apareceu e falamos como dois cavalheiros. Não ponha essa cara de dúvida, duquesinha. Escuta e depois opina, está bem? — Emily assentiu — Disse-lhe abertamente que nós continuaremos em Covent Garden, Piccadilly e na área que tivermos vontade mas, fazendo trabalhos grandes, importantes, já sabem... — bufou — coisa fina e sem violência e que o resto, cedíamos a ele se deixar-nos em paz, porque se voltar a atacar um de nós, não terei piedade.

— E aceitou?

— Sim... bom, não aceitou, mas se calou e quem cala... consente.

— Eu não confio nesse indesejável. — Emily ficou de pé e tentou ajustar a janela por onde penetrava o vento gelado — Se calou é porque não fará caso disso. Ele tem um pequeno exército de delinquentes e nós só somos três.

— E eu não ajudo muito — Molly sussurrou.

— Tem medo de mim e lhe dei a entender que no cárcere fiz amigos, muitos e perigosos, que mais valia ter cuidado comigo. Sempre me temeu e depois de nosso bate-papo, mais ainda. Acredita em mim, devemos esperar e ver o que acontece.

— Pois eu estive pensando em deixar as carteiras e as pequenas joias. Deveríamos dar uma volta a isto, não sei; somos inteligentes demais para continuar como ladrões de pouca monta pelo centro.

— E o que propões?

— Fraudes, defraudar os peixes gordos, enganar as pessoas realmente ricas, vender ar por dinheiro, encontrar um meio... Sei que podemos fazê-lo.

— Continua.

— No outro dia falei com Susan Robinson, a madame de Oxford Street, me contou algo muito interessante... — Winston a animou a prosseguir e ela se serviu de mais chá — Disse-me que uma de suas garotas tinha chantageado um membro da Câmara dos Lordes, um barão ou algo assim. A moça vinha prestando-lhe serviço há um ano, desde que tinha quatorze e uma boa manhã se apresentou em sua casa em Belgravia para falar com a mulher do tipo; não lhe disse nada, só lhe pediu uma esmola para um Convento das Carmelitas mas, o cavalheiro em questão, ao vê-la, quase morre de terror e lhe ofereceu tudo o que tinha se o deixasse em paz e não se

aproximasse mais de sua esposa. A garota lhe pediu uma succulenta soma e desapareceu para sempre.

— E pretendes deitar-te com nobres para chantageá-los? — perguntou Molly com cara de tola.

— Não, mas podemos vigiar os bordéis de luxo, os mais conhecidos, marcar os clientes, segui-los e depois pedir-lhes dinheiro por nosso silêncio. Levaremos um pouco de tempo, mas pode funcionar.

— Hmm!... É um negócio a longo prazo, duquesinha.

— Sei, Winston, mas com sérias hipóteses de dar-nos dinheiro suficiente para sairmos desta merda. Depois poderemos fazer o que quisermos: eu teria a minha loja de roupas, vocês a vossa estalagem em Brighton.

— Pode ser.

Winston afastou Molly do seu regaço e começou a passear, acariciando o queixo.

— Podemos ir uma noite cada um para não chamar à atenção, ver as pessoas e ir perguntando quem são. Susan se nega a colaborar porque se se souber que ela é informante, o negócio se acaba, mas acredito que quando ganharmos dinheiro e possamos suborná-la, ajudar-nos-á imediatamente. No princípio, deveremos fazê-lo sozinhos, mas acredito que conheço alguns desses lordes do demônio, porque na casa onde cresci ia muita gente dessa almoçar e jantar.

— E como os abordamos?

— Tranquilamente: «Milorde, bom dia». — Endireitando os ombros, falou com seu sotaque mais refinado — «Temos uma informação que imagino que prefere manter em privado».

— Perfeito.

— E se quiserem matar-nos? — Molly interveio — Podem disparar contra nós e ficar tranquilos à mesma.

— Não, porque só um de nós abordará o nobre e deixará bem claro que pertencemos a uma organização, que há gente vigiando e que, se tentar machucar-nos, toda a informação de que dispomos chegará automaticamente às suas famílias, à sua igreja, à imprensa e à Câmara dos Lordes.

— É brilhante.

— Obrigada.

— Mãos à obra, então... — Aproximou-se de Emily e lhe deu um beijo na cabeça — Sabia que devia associar-me a ti, moça. Juntos, os três, chegaremos muito longe.



Duas semanas depois de iniciarem a vigilância sistemática dos dois bordéis mais caros de Londres, Emily, Molly e Winston começaram a ter claro quais eram as presas mais adequadas. Logo localizaram os cavalheiros, conservadores e abnegados pais de família, que as prostitutas e o consumo de ópio convertiam em bêbados de muitos cuidados, esbanjadores de dinheiro próprio e alheio e presas fáceis de caçar. Emily comprovou que vários deles pertenciam ao governo e inclusive, à família real e compreendeu que o negócio que se desenrolava diante dos seus olhos podia chegar a ser muito mais rentável do que tinha sequer imaginado.

Elaboraram listas e uma manhã Molly levou uma carta ao Parlamento, destinada um conhecido membro, onde lhe dava o

primeiro aviso da chantagem. Emily se esmerou na letra e na redação da missiva, conseguiram papel de primeira e a entregaram com discrição para, dois dias depois, abordar o destinatário, à saída da oficialização religiosa em Westminster. Lorde Davison, de cinquenta e cinco anos, olhou para Emily com enorme confusão. Ela estava vestida de luto, com um grosso véu negro ocultando-lhe a cara; afastou-a até um canto escuro da abadia e lhe entregou um envelope com o dinheiro requerido. Não falou e mal a olhou; simplesmente tirou o envelope do casaco, entregou-o e saiu apressadamente da igreja. Ela ficou olhando para o dinheiro com o coração desenfreado; era muito mais do que tinha visto em toda a sua vida. Sentou-se em um banco e ali permaneceu até que Winston e Molly entraram para procurá-la, mortos de preocupação.

— O que foi? — Winston sussurrou, tocando-lhe nas mãos frias.

— Nada. Deu-me isso sem pigarrear.

— A sério?

O seu amigo agarrou o envelope e o olhou com surpresa. Mostrou o conteúdo a Molly e o guardou no bolso interior da sua casaca.

— Bem, saíamos daqui.

Nessa tarde compraram *fish&chips*² no melhor local de Londres, umas cervejas e subiram para a sua casa tranquilamente, mas, uma vez lá, começaram a gritar, a abraçar-se e a beijar-se com tanta felicidade que acabaram os três no chão, bêbados e satisfeitos, fantasiando com um futuro prometedoro.

— Pela moça mais esperta de Londres! — Winston brindou —. Porque graças a ti, querida duquesinha, Molly e eu nos casaremos antes do verão.

— De verdade?

Molly se lançou a seu pescoço.

— É óbvio, e teremos muitos filhos, querida.

— Graças a Deus! — Molly exclamou. Dirigiu-se então para a sua melhor amiga — E tu serás minha madrinha, Emily Gardiner, promete-me.

— Está prometido — respondeu ela com sua caneca levantada, depois se aninhou no tapete e dormiu imediatamente.

O importante era ser prudentes, decidiram, depois da bebedeira, não dar um segundo golpe até um par de semanas depois. Pagaram o aluguel do mês e se dedicaram à vigilância dos bordéis, o mais discretamente possível. Era uma fase tranquila e com dinheiro suficiente para comer bem, economizar e afastar-se das ruas do centro.

Emily se entretinha a costurar e a anotar todos os detalhes de suas *presas*, e numa daquelas manhãs de vigilância, seguindo lorde Rushmore até à catedral de São Paulo, foi testemunha de uma cena que a deixaria ainda mais perplexa sobre aquele médico de Cannon Street e que fazia dias não via.

Ela caminhava por aquela rua aparentando passear como uma transeunte mais quando, em um beco à sua direita, ouviu os gritos afogados de uma discussão. Fechou o guarda-chuva e foi ver o que acontecia. Tratava-se daquele doutor, alto e elegante como sempre, no meio de dois indesejáveis que ela conhecia bem. Eram irmãos, irlandeses e residentes em Whitechappel. Às vezes atuavam em Piccadilly e estavam acostumados a ser muito violentos, então, por puro instinto, tirou a navalha do casaco e ficou em guarda para intervir, se houvesse necessidade disso. Não foi necessário porque,

antes que pudesse dizer «amém», o médico levantou o cotovelo e o esbarrachou contra um de seus atacantes, com tanta força e precisão, que o atirou ao chão, ao mesmo tempo que levantava o punho e golpeava o outro em plena cara. Os dois irmãos blasfemaram em gaélico e se recompuseram rapidamente para atingi-lo. Nesse momento, Emily pensou aproximar-se, embora o canhão da pistola que o médico tirou e pôs na frente do Toby McGuinness a detivesse, com a mesma eficácia que aos irlandeses.

— Só pretendo ajudar no bairro mas, se for preciso, matá-los-ei — sussurrou com aquela voz grave e educada.

— Pedimos umas moedas, não é para que te ponhas assim.

— Tenho mau gênio.

— Está bem, está bem, nós vamos embora.

Os tipos retrocederam para o interior do beco, e George Connaught os seguiu com o olhar frio e penetrante, até que desapareceram de sua vista. Depois se voltou para Cannon Street e viu a jovem, uma dama, de pé, quieta, observando a cena. Guardou a arma e deu um passo na sua direção.

— Sinto muito, senhorita, espero não tê-la assustado, mas tentavam atracar-me.

— Bem.

Ela olhou, só por um segundo, para aqueles seus enormes olhos claros e se virou para sair o mais depressa possível dali. George sacudiu o casaco, suspirou e decidiu continuar com o seu percurso de todos os dias.

Emily Gardiner jamais poderia esquecer a superioridade do cavalheiro defendendo-se, a tranquilidade e eficácia de seus movimentos, o seu sangue-frio e serenidade. Depois do fugaz

encontro, voltou rapidamente para sua casa e se ensimesmou em um silêncio tão perturbador, que os seus amigos começaram a temer por sua saúde. Não podia explicar o que demônios lhe ocorria, salvo que se sentia impressionada por aquele médico que tanto arrumava um osso quebrado, como arvorava uma arma ou se defendia a murros. Era um mistério e começou a perguntar-se de onde tinha saído aquele indivíduo tão extraordinário.



— Molly! Mãe de Deus! O que aconteceu? Molly!

Emily agarrou a sua amiga pelo braço enquanto ela desmaiava lentamente e tentou agarrá-la, mas era inútil, Molly era muito mais forte do que ela e inconsciente, ainda por cima. Deixou-a cair na calçada da praça e se agachou para socorrê-la.

— Ajudem-me, por favor. Molly!

Olhou para o mercado de Aldgate e ninguém se aproximava delas, nem para dar-lhes água, e começou a pedir ajuda aos gritos, desesperada, sem nenhum resultado, até que por fim uma mão firme e enorme a agarrou pelo ombro.

— O que aconteceu? Não se preocupe, sou médico.

— Milorde, a minha amiga... Não sei o que lhe aconteceu, não reage.

Sentiu o roçar do casaco de George Connaught na cara e viu como ele punha um joelho em terra para aproximar-se de uma Molly cada vez mais pálida.

— É uma hemorragia — sussurrou, mostrando-lhe a saia empapada de sangue de Molly. Ela não tinha notado antes e não

pôde evitar tapar a boca com ambas as mãos — Não se assuste, não morrerá por cauda disso, mas preciso levá-la ao meu consultório. Devo atendê-la e não o farei bem em plena rua. Senhorita? Olhe para mim.

— O quê? — Olhou-o nos olhos e se perdeu em um fundo água-marinha com pintinhas azuis que a deixou paralisada.

Ele voltou a tocar-lhe no ombro para falar com autoridade.

— Preciso levar a jovem para o meu consultório, entende-me? É imprescindível para atendê-la como deve ser. O meu consultório fica a umas poucas quadras de distância. Ajude-me, por favor.

Emily assentiu e ficou de pé para ajudá-lo a levantar Molly. O médico a agarrou em braços e lhe fez um gesto para que ela se ocupasse da maleta. Obedeceu sem hesitar e apressou-se em acompanhar o seu ritmo acelerado a caminho de Cannon Street. Estava muito assustada e pensou em Winston, mas não tinha tempo de avisá-lo. Estavam longe de casa e ele andava ocupado com o seu turno de vigilância.

Quando chegaram ao edifício, o doutor deu uma patada na porta e uma mulher mais velha saiu ao seu encontro para abri-la apressadamente e acompanhá-los ao segundo andar. Aí o médico colocou Molly em uma maca muito confortável, forrada de couro e logo lhes pediu que o deixassem a sós com a paciente, só seriam uns minutos. Emily assentiu, ainda aturdida e retrocedeu até à escada para ficar ali acompanhada pela senhora Adams, que lhe sorria sem tirar-lhe os olhos de cima.

— É um bom médico, o melhor, não se preocupe com ela, senhorita.

Emily se olhou a si mesma e comprovou que estava bem

vestida. Era natural que aquela mulher a tivesse confundido com uma dama. Não respondeu e se limitou a encolher os ombros.

— É a sua donzela?

— Sim.

— Quer um chá?

— Não, muito obrigada.

Passaram vários minutos, o tempo parecia não passar e começou a passear pelo patamar, olhando a carpete desgastada da escada, os quadros sujos nas paredes e a porta de madeira do consultório onde uma pequena placa de metal dizia: «Doutor George Connaught». Suspirou, cada vez mais preocupada, até que a maldita porta se abriu e o médico, vestido com uma bata escura manchada de sangue, fê-la passar com uma vênia.

— De quanto tempo estava grávida? — Soltou-lhe assim que fechou a porta nas suas costas.

— Grávida? — Ficou perplexa e se dirigiu para a maca onde Molly descansava com mais cor nas bochechas e coberta com várias mantas — Não sabia.

— Pelo menos, quatro semanas — opinou o doutor, tirando o seu livro de notas — Que idade tem?

— Quem?

— A paciente, é óbvio — respondeu e sorriu pela primeira vez.

Emily ruborizou até às orelhas observando-o de soslaio.

— Vinte anos. Fê-los no fim de ano.

— Qual é a data de seu nascimento?

— Vinte e nove de dezembro.

— A sério?

Era insólito permitir-se àquelas confianças com uma paciente,

mas não conseguiu evitá-lo. Bufou e voltou a sorrir, dessa vez com os olhos escuros daquela dama em cima dele.

— Sinto muito, é que eu nasci nesse mesmo dia, dez anos antes, mas o mesmo dia.

— O que lhe aconteceu, doutor?

— Um aborto espontâneo. Teve mais filhos?

— Um aborto? — Passou a mão pelo rosto sabia o que era, mas ignorava que isso pudesse acontecer a Molly, que certamente não tinha feito nada para provocá-lo — Sim, teve um bebê, faz cinco anos. Como pôde acontecer isto? Ela...

— Às vezes acontece. Não significa nada, simplesmente a gravidez não vai avante e o corpo espontaneamente expulsa o feto.

— Feto? — Com a mão de Molly bem segura, olhou-o nos olhos.

— O menino, chama-se feto antes do nascimento. Enfim, melhorará. Assisti-a e não continuará a sangrar. O mais perigoso nestes casos é a hemorragia, se não se detiver a tempo pode provocar a morte da mãe. Muitas são as mulheres que morrem por este motivo. A senhora teve sorte. Qual é seu nome completo?

Emily passou um pedaço respondendo a uma série de perguntas sobre a sua amiga, enquanto o doutor Connaught anotava detalhadamente as respostas em um caderno, até que Molly abriu os olhos e falou com voz pastosa.

— O que me aconteceu?

— Nada grave. Estás no consultório do médico em Cannon Street.

— Winston?

— Não pude avisá-lo. Agora vamos para casa, fica tranquila, vais ficar bem.

— Preferiria que ficasse aqui umas horas.

George Connaught passou junto a Emily e se inclinou sobre a doente para observar as pupilas, levantou-lhe as pálpebras, pôs-lhe dois dedos no pescoço e, com um ar concentrado, tocou-lhe finalmente na testa.

— Teve uma hemorragia, senhora Graham. É algo delicado. Deveria descansar e agasalhar-se. Pode ficar aqui e amanhã irá para casa.

— Aqui?

Molly olhou para Emily com cara de pânico.

— Está tudo bem, é o meu consultório e a senhora Adams, a minha senhoria, pode atendê-la; ficará bem.

— É mesmo necessário? Posso conseguir uma carruagem e levá-la para casa.

— Não é boa ideia, senhorita.

— Bem, está bem. — Emily passou a mão pela cara e olhou para a sua amiga, forçando um sorriso — É melhor obedecer ao doutor, querida. Eu ficarei contigo, embora deva ir a casa para avisar Winston, parece-te bem? Se não chegarmos, vai preocupar-se. Posso ficar com ela, doutor?

— Claro, mas se precisa mandar um recado, tenho um menino que trabalha para mim e...

— Não, devo ir pessoalmente, obrigada.

— Como queira.

Antes de deixar o consultório do doutor George Connaught, Emily Gardiner acordou como a senhoria que esta acenderia a lareira, levaria chá e se ocuparia de atender Molly. «Na sua própria casa não estaria tão cômoda», pensou percorrendo com os olhos o austero,

mas acolhedor consultório, e decidiu ir a correr a Charing Cross para deixar recado a Winston e pô-lo ao corrente do sucedido. Afinal, tratava-se de seu filho também.



— Winston vai zangar-se muito comigo.

— Mas o que dizes? — levantou-se e lhe agarrou a mão.

Era meia-noite e Molly não dormia, apesar de estar esgotada e dolorida, pois a notícia do aborto a tinha deixado destroçada. Tinha sido Emily pessoalmente a contar, depois de retornar de Cannon Street e a pobre choramingava há horas.

— Acreditará que foi culpa minha.

— Nada disso, são coisas acontecem e Winston não é estúpido, ama-te.

— Não sei como pôde acontecer. Tomamos cuidado porque não queremos filhos até que nos casemos.

— É algo que não se pode evitar. Vá lá, dorme.

— Onde está o doutor?

— A senhora Adams me disse que foi para casa dormir, ele não vive aqui.

Levantou-se para agasalhar Molly e pensou no desgosto estúpido que havia sentido quando ao voltar, uma hora depois de ir a Charing Cross, não se tinha encontrado com o médico no consultório. «Ele tem a sua vida e os seus compromissos», disse a si mesma e aquilo, por alguma maldita razão, provocava-lhe uma espécie de buraco no peito.

— Deverias dormir, Molly. Precisas descansar.

— Boa noite.

A voz rouca de George Connaught a fez saltar de seu lugar. Voltou-se para a porta e viu o médico, muito elegante, entrar e aproximar-se em silêncio.

— Como se encontra, senhora Graham?

— Melhor, doutor, obrigada.

— Vamos ver.

Voltou a inclinar-se para repetir os gestos de sempre.

«Pupilas, pulso, febre... », pensou Emily. Quase se roçou nela com o movimento e uma vez mais pôde perceber o aroma a loção e a limpeza que ele desprendia. Era extremamente agradável.

— Melhor, muito melhor.

— Está muito elegante — comentou Molly, vendo a imagem impecável do médico vestido de fraque.

Era muito bonito e a camisa imaculada de colarinho engomado lhe dava um aspecto imemorável. Emily a repreendeu com os olhos, mas não se importou e sorriu para o elegante lorde Connaught, que lhe devolveu o sorriso, enquanto deixava a capa sobre uma cadeira.

— Tinha um compromisso familiar.

— Pois lhe agradeço por vir ver-me. Sinto-me melhor. Talvez devesse ir para casa.

— A estas horas? Nem sonhe, amanhã poderá ir.

George observou então a amiga de sua paciente e a percorreu de cima abaixo com curiosidade. Não era a primeira vez que a via, tinha a certeza, mas não conseguiu determinar nem onde, nem quando. Talvez em algum baile ou compromisso social. Era linda, pequena, com os ombros retos e um corpo bem estruturado. Tinha o

pescoço longo e a pele branquíssima. Tinha tirado o chapéu e usava o cabelo escuro preso em um elaborado coque que lhe dava um aspecto muito feminino e ressaltava o seu perfeito perfil, além disso era proprietária de uns doces, amendoados e enormes olhos negros, muito estranhos, tão escuros como poucas vezes tinha visto na Inglaterra.

— Você e eu nos conhecemos?

— Perdão?

— Seu rosto me é familiar.

— Não sei.

Emily apertou a mão de Molly para que guardasse silêncio. Esse tipo tinha sido muito decente com elas, mas não pretendia dar-lhe pistas para que a localizasse.

— Tem algum irmão ou parente no exército?

— Não, milorde, nada disso.

— Não sei, parece-se com alguém que conheço mas, enfim, se a tivesse visto antes, certamente lembrar-me-ia.

— O mesmo digo, milorde.

— Bem. — Cravou nela os seus olhos transparentes e Emily Gardiner baixou a cabeça, completamente perturbada. Ele notou, pigarreou e mudou de tema — Como vejo que continua bem, irei...deixá-las-ei sozinhas, mas virei amanhã bem cedo, tudo bem?

— Sim, obrigada, doutor.

— Está bem. — Hesitou por um momento, esticou a mão, agarrou a capa, colocou-a, fez-lhes uma vênia e desapareceu tão silenciosamente como tinha chegado.

— Uau! — sussurrou a doente.

— Sim, agora dorme — foi a resposta áspera de Emily, que a

tapou até às orelhas, antes de voltar para a sua cadeira.

Assim que Molly adormeceu, ela agarrou uma vela e se dedicou a espiar as estantes de George Connaught. Tinha muitos livros, todos sobre medicina e embora os abrisse e folheasse com atenção, pouco pôde entender por culpa daquela linguagem tão especializada que utilizavam. Também percorreu as paredes onde tinha pendurado alguns quadros com imagens da Índia e se sentou em sua cômoda poltrona olhando para a mesa ordenada e limpa, em que tinha cadernetas, plumas, tinteiro e um cachimbo com boquilha de prata repousando junto a um pacote de tabaco muito caro.

Além dos armários, da maca, e de algumas poltronas, a sua mesa e uma secretária, o médico tinha junto à janela uma coquete mesinha baixa, rodeada por três cadeiras igualmente caras e ainda por cima, um serviço completo de chá, de porcelana em tons azuis. «O toque feminino», pensou ela, percebendo o seu aroma a loção de barbear por toda a parte. Sem dúvida, ele passava muito tempo naquele lugar e cada canto estava impregnado de sua presença.

Em um cabide viu duas batas limpas e uma capa. Agarrou a última, aspirou o seu familiar aroma e depois de sentar-se em uma das poltronas se tapou com ela. Era muito agradável, muito, e fechou os olhos pensando que em toda a sua vida jamais tinha conhecido alguém como aquele maldito doutor.

— Ouça! Molly!

Os gritos de Winston a despertaram. Assustada, olhou para o relógio de parede do consultório e comprovou que eram cinco e meia da manhã. Levantou-se e correu para a porta para parar o escândalo de seu amigo. Quando chegou às escadas se encontrou com a senhora Adams, vestida com uma puída bata, e a tranquilizou

assegurando-lhe de que se tratava do marido da paciente.

— Não se preocupe, senhora Adams, é o marido de minha donzela eu me ocupo.

— Tem a certeza?

— Toda, obrigada.

Winston Everhard entrou como um touro desenfreado pela casa, e Emily lhe explicou, com calma, o que tinha acontecido, até que ele conseguiu controlar o pânico e aproximar-se de Molly, que dormia placidamente na maca. Tinha estado seguindo um ministro do governo toda a noite por Londres. O tipo se movia pelos lugares mais sórdidos da cidade e quando por fim tinha decidido deixá-lo e voltar para casa, encontrou-se com a nota de Emily explicando-lhe onde estavam. O medo o tinha paralisado por uns minutos, embora tenha saído correndo para East End para comprovar como se encontravam.

— E ficará bem? — perguntou, enxugando uma lágrima.

— O médico diz que sim, mas será melhor que fales com ele quando voltar, o que me leva a... — Alisou o vestido e procurou a sua capa — Disse-lhe que és o marido. Espera que ele chegue e fala com ele, é melhor que eu vá embora.

— Por quê?

— Ontem à noite me disse que a minha cara não lhe era estranha. Não quero que me relacione com nada, nem que me reconheça, não convém.

— Por...?

— Seu pai é um duque. Tem amigos ricos e nobres, é melhor que não ligue um nome à minha cara, não concordas?

Olhou para Winston com os olhos muito abertos e ele assentiu e procurou uma cadeira para sentar-se junto a Molly. Emily se

aproximou e lhe pôs uma mão no ombro.

— Sinto muito Winston, mas ela está bem. O doutor Connaught foi maravilhoso. Ajudou-a muitíssimo e é certo que poderá ter mais meninos, não te preocupes.

— Pobrezinha.

— Sei. E agora eu vou, vemo-nos esta tarde em casa. Irei pessoalmente deixar a missiva para lorde Wilbourd como estava previsto, sim?

— Sim — respondeu Everhard, seguindo-a com os olhos.

A jovem colocou o chapéu e lhe sorriu antes de perder-se na escuridão da escada. Ele se apoiou no flanco de Molly e fechou os olhos, completamente esgotado.

— São acomodados, gente sem caráter.

Emily deixou o volumoso envelope em cima da mesa e olhou para os seus amigos, encolhendo os ombros.

— Convém-nos que sejam assim, não?

Molly ficou de pé e agarrou novamente o envelope que lorde Wilbourd, conde de não sei o quê, tinha-lhe entregado nessa manhã sem pigarrear.

— Sim, mas fico perplexa. Não entendo como pessoas sem nenhum espírito de luta conseguiram uma posição tão privilegiada na vida, é injusto.

— Foram os seus ancestrais que lutaram. Eles só vivem de rendas, Emily Gardiner — Winston bufou — E não te queixes, para nós é perfeito, não sei o que acontecerá quando algum se mostrar difícil.

— Eu acredito que, enquanto tratemos com os mais velhos, tudo correrá bem.

Molly colou as costas à banquetta para que Rosy, a garçonete, servisse-lhes *fish&chips* e passou a mão pelo cabelo.

— Sentes-te mal, querida? — Winston a olhou, franzindo o cenho.

— Não, estou bem. O doutor me disse que já estou completamente recuperada. Só estou um pouco cansada.

— O doutor? — Emily elevou os olhos para ela, sem deixar de comer as suas batatas fritas.

— Esta manhã estive em Cannon Street. O doutor Connaught me tinha chamado e me fez uma revisão.

— Ah!

— Perguntou-me por ti.

— Por mim? — Ruborizou e continuou a comer, aparentando calma, embora essa só possibilidade lhe fizesse saltar o coração do peito.

— Acredita que te conhece e está intrigado.

— Não lhe disseste nada?

— Não, claro que não.

— Quero esse lorde Connaught bem longe.

— Por quê? É muito boa gente e um médico faz sempre falta, então... — Molly olhou para a cara séria de Emily — O que tens entre mãos?

— Não sei, algo que...

— Diz Winston — ordenou.

— Tenho três candidatos de primeira e dois já passam dos sessenta anos. — Tirou as suas notas — Mas o terceiro, o mais rico, a melhor peça, segundo Susan, é precisamente alguém que se relaciona com o doutor.

— Como?

Molly mal sabia ler, mas agarrou o papel e o olhou com atenção.

— Charles Connaught, barão de Kernow, primogênito do duque de Stevenage, é o irmão mais velho de George Connaught, o teu médico.

— Vá, deixemos esse em paz.

Winston não hesitou. Não iriam por alguém assim.

— É podre de rico.

— Não precisamos de problemas.

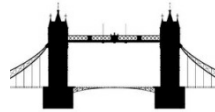
— Bem, de acordo, mas esse homem é um tipo a temer. Gasta tanto dinheiro nas casas de ópio que não sei como continua vivo. É viciado há tanto tempo...

— Sei quem é — meditou o seu sócio — claro que sei. Além disso, joga, bebe e vai às putas, mas às das ruas, não gosta das caras. É alto e elegante como o médico, mas parece um ancião por causa da vida que leva. Não precisamos dele. Vamos atrás desse secretário real, que tampouco fica atrás com os seus vícios.

Emily aceitou esquecer Charles Connaught a nível profissional, mas não a nível pessoal, porque esse rico indivíduo se relacionava com gente muito perigosa, tanto como os irmãos McGuinness. Uma manhã os tinha visto a conversarem Hyde Park, onde tinham permanecido juntos bastante tempo e quando pôde comprovar o seu nome, ficou surpreendida ao descobrir que aquele ricaço era o irmão mais velho do médico que os McGuinness tinham tentado atacar junto ao seu consultório. Não teria de ser um lince para relacionar ambos os acontecimentos e a dúvida tinha começado a inundar os seus pensamentos depois.

Embora compartilhasse todas as suas ideias com Winston, preferiu ocultar-lhe esse assunto em particular e se dedicou, em seus momentos livres, a investigar Charles Connaught para ver que passos tomava. O homem era caótico, não tinha horários, nem obrigações, residia em casa de seus pais — um espetacular palácio localizado no bairro de Westminster — e saía sozinho ao cair da tarde, todas as noites até de madrugada. Contudo, na última semana, encontrou-se em uma ocasião com os McGuinness pela manhã e ao que parecia, compartilhava amizade com eles, ou pelo menos um interesse

comum, porque os viu muito compenetrados. Em troca, nenhuma só vez o tinha visto com o médico porque, apesar de compartilharem residência, George levava um ritmo de vida completamente oposto ao de seu irmão e jamais coincidiam.



O jantar em casa do primeiro-ministro, lorde Salisbury, estava tornando-se o pior dos pesadelos. O político conservador, no seu segundo mandato à cabeça do governo de Sua Majestade, a rainha Vitória, era um tipo agradável, mas um pouco reservado e embora mantivesse uma íntima amizade com seu pai, o duque de Stevenage, fazia anos, e os conhecesse virtualmente toda a vida, olhava para George com uma distância difícil de aguentar.

Ele, que não apreciava os jantares e os compromissos oficiais, fazia uma hora que estava em completo silêncio, vestido com traje a rigor, e ouvindo a conversa incansável da sua companheira da direita, lady Stamford, que não parava de tagarelar sobre jovens casadouras e os sorrisos de sua companheira da esquerda, uma estranha juvenzinha loira, com olhinhos de camundongo, que o olhava ruborizando-se a cada piscar de olhos, enquanto ele só podia pensar nos últimos casos que tinha entre mãos.

O primeiro: as erupções escandalosamente grandes que uma menina de East End sofria por todo o corpo e que não podia determinar de onde provinham exatamente; como não era sarna, nem lepra, nem nada parecido, devia ser uma alergia e essa mesma tarde tinha extraído uma amostra para estudá-la com calma e se fosse preciso, levá-la a Cambridge para que o seu amigo e colega, David

Law, lhe desse uma olhadela. O segundo: um operário do porto, ao qual se lhe fechavam os pulmões ao menor esforço e que estava tratando com dose controladas de ópio, com muito bons resultados. O terceiro: lady Remington, de dezessete anos, que estava seriamente deprimida há alguns meses, sem que ninguém pudesse determinar a origem das crises, embora o doutor McMurray, de Oxford, opinasse que se tratavam de surtos epiléticos e portanto, devia ser internada em um centro psiquiátrico, algo que ele esperava evitar, se conseguisse algum medicamento que não fosse muito agressivo e que acautelasse os estados de ansiedade da dama que normalmente precediam os desmaios...

— George! — Levantou o olhar para lorde Salisbury, que tinha em frente, e se endireitou em sua cadeira — Quando casar, moço? Que idade tens já?

— Trinta, excelência.

— Na tua idade eu já tinha um filho, e mesmo assim todo o mundo se queixava de que me tinha casado tarde. — As pessoas se riram da piada e George se limitou a sorrir — Deverias escolher já, entre o enorme jardim de belezas que tens à disposição..

— Sim, milorde, farei.

— E voltas para exército?

— De momento, não, meu pai me pediu que permaneça na Inglaterra.

— E o que fazes?

— Trabalho, milorde. Sou médico.

— Ah, claro, claro!

O primeiro-ministro desviou o olhar e continuou a conversar com outras pessoas. George Connaught suspirou e cravou os olhos na

preciosa taça de cristal da Boêmia.

— Conhece lady Graciella, a filha dos duques de Hatfield?

A mulher mais velha da direita se colou ao seu ouvido e lhe tocou no antebraço que repousava sobre a mesa. Ele deu um coice e negou com a cabeça.

— Acabam de apresentá-la em sociedade. Tem dezesseis anos e é a criatura mais formosa de Londres, deveria conhecê-la. Todas as quintas-feiras organizo uma velada musical em casa. Passe por lá e a apresentarei, sua mãe já a conhece.

— Obrigado, milady, terei isso em conta.

— Um homem tão elegante e galhardo como você deveria assentar a cabeça.

— Acredito que já está assentada, milady, mas obrigado.

— Ui! que divertido é... — A mulher moveu os brincos de pérolas e aplaudiu como uma menina — Até que não tenha uma mulher que cuide de você, não será completamente feliz e a sua mãe está desejando celebrar umas bodas.

Uma hora depois felizmente, pôde despedir-se de seus pais, dos anfitriões, de alguns conhecidos e abandonar o tedioso jantar. Já era fevereiro e embora estivesse um frio terrível, pelo menos não chovia nessa noite. Descia por Saint James Park em direção a Westminster, pensando em meter-se na cama, quanto antes e em começar a negar-se determinantemente em participar dessas veladas tão aborrecidas, quando um ruído abafado, nas suas costas, fê-lo ficar em guarda, agarrar bem na bengala-espada e continuar a caminhar normalmente, com todos os sentidos em alerta.

Não havia uma alma na rua e estava sozinho, era uma presa fácil. Desse modo, seguiu o seu caminho normal com a certeza de

que tentariam atacá-lo antes de chegar à abadia, que era a zona mais escura da rua.

Os paralelepípedos soavam com o ruído de suas botas, e quando levantou os olhos e divisou o Big Ben a curta distância, voltou-se, desembainhou a espada e se encontrou de frente com aqueles dois valentões que já conhecia.

— Outra vez? — perguntou, movendo a cabeça — Não tiveram o bastante?

— É muito esperto doutorzinho.

Um daqueles indivíduos fez um gesto e apareceram mais três que rodearam George Connaught em um instante, que ergueu os ombros e nem se alterou. De uma olhadela avistou facas e armas variadas, embora os superasse em estatura, compleição física e certamente, experiência, calibrou a possibilidade de tirar a arma, disparar e sair fugindo, embora aquela conduta não encaixasse no seu comportamento habitual.

— O que querem agora? Não estou no vosso bairro.

— Mas sim no teu. Dá-me tudo o que tenhas e te matarei depressa, sem dor.

— Não me digas? — Bufou, meneando a cabeça, e viu a perturbação no grupo — Que valente és! Não? Cinco contra um! Muito valente, sim.

— Vai à merda, Connaught... Matem-no! — gritou.

George deu um passo atrás, girou e feriu o que tinha nas suas costas com a espada. Depois, atacou o segundo, e nesse momento, os dois maiores, os chefes, atiraram-se sobre ele para agarrá-lo pelo pescoço. «Vai ser complicado tirar a pistola», pensou e se separou deles golpeando-os na cara com o cotovelo. Eram idiotas, tinham feito

o mesmo fazia umas semanas e voltavam a cometer o mesmo erro. Contudo, um deles, o mais jovem, mostrou-lhe de repente o cano de sua própria pistola e ele parou os murros nesse exato momento.

— Acreditavas que não sabia os teus truques? O que fazes sem a tua pistolinha agora? ah, valente?

Não tinha nada a perder. Atirou a espada ao chão e encetou uma briga tremenda, cego de ira. Se iria morrer matando, faria, pelo menos estava em casa, então, não pensou nas consequências, nem nas feridas que aquela gente lhe provocava de forma superficial nos braços e no torso. Repartiu tudo o que pôde, até que alguém, tão alto e forte quanto ele, se imiscuiu na briga e afastou um daqueles indesejáveis. Em uns minutos, a briga tinha deixado de ser desigual e quando já não havia nenhum de seus oponentes de pé, deteve-se ofegando e com os punhos erguidos e se voltou para o seu salvador e procurou os seus olhos.

— Boa noite, doutor.

Winston Everhard lhe sorriu com os dentes manchados de sangue e George lhe devolveu o sorriso, agachando-se para recuperar a pistola e a sua valiosa espada.

— Como é que sai para passear em tão más companhias?

— Veja bem, senhor Graham. — Ele acreditava que Winston era o marido de Molly e portanto, que o seu apelido era como o de sua paciente — Graças a Deus que você andava por perto.

— Saíamos daqui.

— Bem, mas me deixe convidá-lo para uma bebida, quer?

— A isso nunca se diz que não, milorde.

O primeiro impulso foi aproximar-se para verificar os feridos, mas obviamente não o fez. Deu umas palmadinhas nas costas de

Winston e caminharam juntos, tranquilamente, para a estação de Waterloo, em Lambeth, do outro lado do rio, para visitar um conhecido e animado botequim que não fechava durante toda a noite. Quase não conversaram durante o caminho mas assim que desabaram em uma mesa afastada e George Connaught comprovou que não tinha nenhuma ferida grave, salvo o lábio fendido e a preciosa jaqueta rasgada em vários lugares, olhou para o seu novo amigo e lhe agradeceu.

— Não sei se teria saído daquela emboscada sem a sua ajuda, Graham. MUITÍSSIMO obrigado.

— Você ajudou a minha Molly, doutor. Favor com favor se paga.

— Não compare, por Deus. Reitero-lhe o meu agradecimento. Aquela gente é muito persistente.

— Conhece-os? — George assentiu e chamou o taberneiro — Os irmãos McGuinness são canela fina, milorde, gente de muito cuidado...

— Não me chame milorde, quando muito doutor e melhor ainda, por que não acabamos com as formalidades? — Esticou a mão e a apertou com firmeza — George, George Connaught.

— Winston — Everhard respondeu, sorrindo —. Esses tipos são assassinos, estelionatários, ladrões e muitas coisas mais. Acho estranho que atuassem em Westminster desta maneira. Deveria tomar cuidado.

— Amanhã irei denunciá-los... O quê? — Soltou uma risada ao ver a cara de Winston.

— A polícia não pode fazer nada contra aquela gente.

— E o que sugere?

— Não andes sozinho à noite, nem sequer compreendo como

podes passear por East End com essa roupa, esse relógio e essa bengala, sem que não te tenham tentado matar mais vezes. É suicida.

— Trabalho lá. As pessoas sabem.

— Até que precisem de comer e te dêem uma pancada na cabeça para roubar-te.

— Falas como a minha mãe e sinceramente, acho isso muito estranho... — Engoliu a primeira jarra de cerveja, pediu a segunda e uma garrafa de uísque escocês — Têm muito pouca fé na natureza humana.

— Sei onde vivo — Winston respondeu — Deverias procurar alguém que te escolte. Mas me diz uma coisa, por que te empenhas em trabalhar em East End?

— Ser médico e não tentar que a medicina chegue a todo o mundo parece quase pecaminoso.

— Está bem, mas deverias tomar cuidado.

— Sou major do exército de Sua Majestade, Winston, normalmente me cuido bem eu mesmo.

— Nas ruas do East End, não acredito.

— Não o tenho feito mal de todo, até agora, e já vão quase dois meses.

— Parabéns. Eu só te dei um bom conselho.

— E eu agradeço — disse levantando a jarra — e o terei em conta.

Passaram quase toda a noite bebendo. Winston Everhard se considerava a si mesmo um bom bebedor, quase um profissional, suportava as apostas de bebida com serenidade e mão firme. Por isso, ficou perplexo ao ver a resistência de seu rico e elegante

companheiro de farra que, às duas da madrugada, continuava a conversar sem dar sinais de indisposição, coisa que o surpreendeu gratamente.

— A Marinha?

— Sim — Winston respondeu — Servi dos quatorze aos vinte e dois anos. Depois voltei à Inglaterra e trabalhei no porto como marinheiro ocasional, estivador, operário para tudo, enfim, já sabes, fiz-me à vida, embora o que queira é voltar para Brighton e constituir família.

— Brighton? O segundo irmão de meu pai é o duque de Brighton...

— Ah, sim? Talvez sejamos aparentados — Everhard brincou, piscando-lhe o olho.

— Não acredito. Essa gente é do pior tipo. — Soltou uma gargalhada e suspirou — As minhas primas são as mulheres mais estúpidas e superficiais que conheci em toda a minha vida. Já sei! — De repente, sentou-se melhor na banquetta e deixou a jarra de cerveja na mesa. Olhou para o seu camarada com os olhos claros muito abertos e lhe deu de presente um amplo sorriso — Já sei.

— O quê?

— A senhorita Taylor, a chefe da tua Molly, já sei de onde a conheço.

— Ah, sim? — Winston fingiu indiferença, embora todos os alarmes se disparassem.

— Do beco, junto ao meu consultório. A primeira vez que aqueles tipos, os McGuinness, tentaram atracar-me, ela estava lá, de pé, observando a cena. Quis falar-lhe, mas desapareceu diante de meus olhos.

— Pois ela não comentou nada.

— Era ela, é difícil esquecer um rosto assim, embora tenha demorado semanas para encaixar as peças.

— É tarde. Acredito que deveríamos ir.

— O que faz em East End? Quando atendi a tua esposa, estavam no mercado de Aldgate.

— Não sei... compras, suponho.

— Onde vive?

— Perto de Oxford Street — mentiu, cada vez mais incomodado. Emily matá-lo-ia se soubesse que estava às duas da manhã, falando dela, em um botequim, com aquele homem.

— É uma dama realmente bonita, distante, mas bonita... — Chamou o taberneiro para pedir a conta — É tarde, tens razão, amanhã tenho trabalho.

Despediram-se na ponte de Westminster. George Connaught lhe deu tapinhas nas costas e Winston girou em direção a Embankment, caminhando depressa, feliz e um pouco bêbado, mas muito satisfeito com a agradável noite que tinha passado com aquele curioso ricaço. Quando chegou à pensão em Charing Cross se meteu na cama e abraçou Molly. Ela não se alterou, mas sentiu Emily movendo-se em sua cama.

— Que tal a noite, Winston? — sussurrou.

— Tudo bem. Não consegues dormir?

— Não, não sei o que se passa. Tenho insônias.

— Insônias?

— Não consigo dormir.

— Pois então fala numa língua que eu entenda, moça.

— Está bem, boa noite.

— Onde está a minha mãe? — Aproximou-se de Prudence White no mercado e a governanta, como sempre, observou-a como se visse um fantasma — Não foi à missa.

— Está resfriada.

— A sério? Viu-a um médico?

— Sim — mentiu — o mesmo que viu as senhoritas. Todos estão resfriados.

— Ai sim? — Semicerrou os olhos negros e escrutinou o rosto envelhecido e cansado da governanta. Esta baixou a vista e continuou a escolher as suas verduras — Precisa de remédios? Posso mandar-lhe um pouco de dinheiro.

— Não precisa de nada de ti, moça, fica tranquila.

— Eu gostaria de saber como ela está. Diz às moças que as procurarei esta semana por aqui, para que me digam como está.

— Muito bem. Adeus.

A governanta a seguiu com os olhos e a viu perder-se por entre a multidão. Emily era bonita, linda na verdade, tanto que a sua mãe tinha temido que algum dos jovens da casa se encaprichasse por dela, quando começou a tornar-se mulher. Tinha medo que Emily acabasse convertida na amante ocasional de algum nobre caprichoso e tinha tentado protegê-la até não poder mais. A pobre menina se criou praticamente escondida por entre as saias dos serviçais e quando cresceu e o seu forte carácter começou a dar sinais de vida, Katie não soube governá-la e não fez mais que afastar-se dela, até

que acabou por perdê-la, mal a moça tinha quatorze anos.

Mas a moça era forte, inteligente e valente, sabia desenrascar-se bem e estava há quatro anos sobrevivendo sozinha, no meio da malandragem que pululava pela cidade, algo que no fundo do seu coração as enchia de orgulho, a todas elas, as companheiras de sua mãe que a tinham visto crescer e tornar-se independente. Emily Gardiner triunfaria na vida, sabiam disso, tinha um dom especial para seguir em frente e defender-se. Tinha herdado de sua mãe a capacidade de trabalho, a responsabilidade e aquela seriedade que as fazia únicas, e de seu pai, a beleza, a elegância e uma classe que não se comprava em nenhum lugar.

— O que te disse? — Molly a agarrou pelo braço, enquanto via ao longe como a governanta dos Shafterbury, Prudence, seguia a sua amiga com o olhar.

— Que tem um resfriado.

— Então, não é nada grave.

— Não sei. A minha mãe está débil e duvido muito que a deixem descansar. Queria vê-la.

— Queres tentar? Vamos lá?

— Para que me deem patadas? Não, Molly, muito obrigada, não acredito que queira ver-me. Enfim — suspirou — devo ir a um lugar, sozinha. Esperas-me em casa?

— Não, acompanho-te. Vamos.

— Molly, não...

— Shhh! — Empurrou-a para a rua — Acompanho-te.

Chegaram a Hyde Park, passeando e conversando e o contornaram, até que Emily avistou Charles Connaught ao longe, tinha um aspecto lamentável. Era muito cedo, por volta das nove da

manhã de domingo e certamente ainda não tinha ido a casa dormir. Estava agasalhado e um juvenzinho, o seu pajem, passeava perto dele com ar aborrecido... era muito estranho. Esperaram um momento sem perdê-los de vista, até que Emily viu o que temia. Os irmãos McGuinness se aproximaram daquele homem pelas costas. Ela empurrou Molly para uma zona mais discreta e continuou a observá-los com atenção.

Os três indivíduos conversavam de modo acalorado. O irmão do doutor parecia furioso e chegou a empurrar um dos McGuinness com a ponta de sua bengala, gesto que o delinquente recebeu com as mãos ao alto. Demorou um bom pedaço repreendendo-os e no final, tirou algo do casaco e o entregou e depois lhes deu as costas e desapareceu em direção a Oxford Street. Emily não perdeu um só detalhe do encontro e quando Molly avistou os McGuinness, no meio do parque, esteve quase a perder o fôlego.

— O que fazemos? Sabes, por acaso, quem são aqueles homens?

— Shhh! Sei, está tudo bem.

— Como está tudo bem?

— Não nos viram, nem sequer repararam em nós. Anda, vamos.

Winston lhes tinha contado, por entre risadas, a noite que tinha passado com o doutor Connaught em Lambeth, depois de tê-lo ajudado a desfazer-se dos McGuinness em Westminster. Emily tinha ouvido em silêncio a brincadeira, assim como a resistência de George Connaught à bebida e a sua inegável simplicidade e simpatia. Winston o qualificava de «um grande tipo», e ela não tinha querido opinar, pior ainda, guardou a informação que tinha sobre o irmão do médico e a relação, muito estranha, que mantinha com os seus

assaltantes. Primeiro queria comprovar a sua teoria, e acabava de fazê-lo. Tinha chegado a hora de compartilhá-la com Winston Everhard.

Caminharam apressadamente em direção a Charing Cross e quando chegaram a casa, o seu amigo não estava. Molly recordou que tinha uns jogos de dados no porto e Emily se consumiu, durante o resto da manhã, em reflexões sobre as razões que Charles Connaught poderia ter contra o seu irmão, porque era, mais do que evidente, que tinha algo a ver com os dois ataques que os McGuinness tinham perpetrado contra o médico. As coincidências desse tipo não existiam e certamente seguiam um plano perfeitamente esboçado por Connaught. Isso era tão claro que sorriu.

Às quatro da tarde decidiu sair para dar um passeio e chegou a Cannon Street sem sequer pensar. Era domingo, por isso era provável que o médico estivesse desfrutando de algum elegante compromisso social muito longe de ali. Assim, passou tranquilamente diante do seu consultório, chegou até Aldgate e depois retornou pelo mesmo caminho, pensando no trabalho daquele homem, o qual achava muito interessante, útil e cheio de mistério. Muitas maravilhas que gostaria de conhecer, como ser capaz de tocar um osso e pô-lo em seu lugar, parar uma hemorragia ou costurar uma ferida aberta.

— Não está.

— Vi-o entrar.

O sotaque rude e ciciante dos irlandeses a paralisou, mas se obrigou a continuar caminhando com as costas retas. Vestida de viúva, com a cara tapada por um véu, sentia-se protegida, então diminuiu o ritmo, fingindo um percalço com seu sapato. Levantou os olhos e viu os McGuinness encaminhando-se para a entrada traseira

do consultório. Olhou para a janela de Connaught e, efetivamente, o reflexo de uma vela acesa lhe indicou que ele estava trabalhando lá dentro. Não hesitou nem um segundo: subiu as escadas apressadamente e bateu à porta com o punho fechado.

— Senhorita Taylor? — perguntou ao vê-la na rua vestida de luto — Passa-se algo?

— Tem uma arma? — Empurrou-o para um lado e entrou no edifício sem muitas cerimônias — Onde está a senhora Adams?

— Em casa de sua irmã. O que aconteceu?

— Tem uma maldita pistola? — O perfurou com os olhos negros e George Connaught franziu o cenho.

— Sim

— Ainda bem. Pegue nela ou fuja daqui. Vem por você.

— Quem? Como...?

A porta traseira rangeu e George tirou a arma do interior de sua jaqueta. Olhou para a bela mulherzita que tinha à sua frente e a empurrou para o salão da senhora Adams, embora ela resistisse, tirando, por sua vez, uma navalha do bolso de seu vestido. Não falaram, não houve necessidade, ela ficou quieta com a sua arma bem agarrada e ele levantou a pistola em direção aos passos sigilosos que pretendiam chegar até àquele andar.

Quando os irmãos McGuinness, providos de seus próprios revólveres, levantaram a vista e viram o médico apontando-lhes a sua arma, demoraram uns segundos para reagir. O mais velho disparou sem qualquer pontaria e o recuo do disparo o fez cambalear, momento que George Connaught aproveitou para arrombar-lhe um disparo no centro do peito. O médico nem se alterou, moveu o braço uns centímetros e disparou no segundo homem, sem dar-lhe tempo

nem para pestanejar. Ambos caíram soltando fumaça de suas roupas.

— Deus bendito!

Emily Gardiner se apoiou na parede. Estava completamente perplexa. Olhou para Connaught e comprovou a serenidade em seu rosto. Não tinha hesitado, nem lhe tinha tremido o pulso, simplesmente tinha atuado e tinha acabado com o problema.

— Está bem? — perguntou, tocando-lhe no braço.

— Claro.

— Bem. Vou procurar a polícia. Será melhor que saia comigo.

Ela obedeceu e ambos saíram com as pernas trementes. Se aquela gente o tivesse apanhado desprevenido o teriam crivado de balas, porque sabia que era capaz de passar horas concentrado, sem ouvir nada e certamente, não teria percebido os seus passos, nem o ranger da porta, nem nada de nada e teria morrido em cima de sua secretária, sem qualquer possibilidade de defesa. Felizmente, aquela misteriosa jovem o tinha advertido a tempo. Devia-lhe a vida e quando pisaram na calçada, quis dizer-lhe isso mesmo, embora ela fizesse menção de sair dali correndo.

— Muito obrigado, devo-lhe a vida. Obrigado. Aonde vai? — Agarrou-a pelo braço, mas ela escapou dele, ao ver que o som dos disparos já estava atraindo alguns curiosos — Não vá. Deixe-me acompanhá-la a casa.

— Não, assim está bem. Cuide-se, doutor.

— Não, não vá. — Ele se colocou no seu caminho —. Esperemos a polícia e depois a levo a casa. Quererão ouvir a sua declaração, salvou-me a vida.

— Não foi nada.

— Como não?

George se inclinou para olhá-la nos olhos e Emily deu um passo atrás, ao ver as suas preciosas e enormes íris cor água-marinha de tão perto.

— Não quero saber nada da polícia. Se deseja agradecer-me, deixe-me ir.

— Bem, bem. — Levantou as mãos em sinal de rendição. Não tinha nem ideia da vida daquela jovem, mas não pretendia prejudicá-la. — Como queira.

— Obrigada.

— Devo-lhe a vida.

— Milorde — disse antes de partir. Ao longe se ouviam as carruagens da polícia aproximando-se.

George Connaught se voltou para ela e a olhou fixamente.

— O seu irmão — balbuciou muito nervosa — lorde Charles, foi ele quem mandou essa gente.

— Como?

— Já há algum tempo que se reuniam em segredo, o seu irmão lhes pagava, estou certa disso.

— Como diz? — Repetiu, pestanejando com grande rapidez.

Emily olhou para os guardas e começou a retroceder, assustada. O médico quis retê-la, mas só conseguiu segui-la com os olhos.

Chegou a sua casa tão agitada e tão depressa que era incapaz de recordar o percurso que tinha feito de Cannon Street até Charing Cross. O sangue lhe fervia por todos os cantos do corpo, e quando abriu a porta do cômodo e se encontrou com Molly e Winston conversando à volta da mesa, apoiou-se na parede, soprando.

— O que te aconteceu? — Molly correu para assisti-la — Estás

gelada. O que te fizeram?

— O doutor Connaught — sussurrou e Winston deixou o seu lugar com os olhos muito abertos — Está bem, não se preocupem, mas quase o matam em seu próprio consultório.

Demorou uns minutos para explicar o ocorrido. Molly lhe serviu uma xícara de chá e ela começou a contar os acelerados acontecimentos daquela tarde, sem omitir os detalhes. Depois, já mais quente e tranquila, olhou para Winston Everhard e lhe contou as suas suspeitas a respeito de Charles Connaught, os seus encontros com os McGuinness em Hyde Park e a estranha coincidência de que estes soubessem dos hábitos do médico.

— Quanto tempo levas com isto?

— Umas três semanas, não sei bem, desde que soube que o barão de Kernow era irmão do doutor. Chamou-me a atenção que lidasse com gente como os McGuinness e sabendo do ataque no beco, depois o de Westminster, não sei, não podia deixar isso para lá e continuei a investigar.

— Por que é que não me disseste nada?

— Porque era um assunto pessoal, não sei, pura curiosidade. Hoje os vimos outra vez em Hyde Park e por puro instinto fui até Cannon Street. Foi um milagre. Um milagre descobrir aqueles encontros, um milagre ouvi-los precisamente hoje perto do consultório e um milagre chegar a tempo.

— E estão mortos? — Molly perguntou, vendo a cara de aborrecimento de Winston.

— Acredito que sim. Até porque os atingiu à queima-roupa.

— Não me parece normal que me ocultes coisas, Emily Gardiner. Somos sócios, confiamos um no outro. — Winston se

levantou para agarrar a sua capa — Eu não gosto disso.

— Não acreditei que o desenlace fosse tão rápido. Pensava contar-te justamente hoje e olha... Onde vais?

— A Cannon Street. Vou ver o que aconteceu e ajudar Connaught no que necessite. Deve estar um pouco aturdido.

— Disse-lhe aquilo de seu irmão, mas não me deu tempo para explicar-lhe. Podes fazer isso?

— E o que lhe digo? Como justifico as tuas suspeitas?

— Simplesmente lhe diz que confie em mim. É um bom tipo, compreendeu que não queria ficar para falar com a polícia. Certamente não fará mais perguntas.

Winston Everhard chegou a Cannon Street a tempo de encontrar-se com George Connaught falando com a polícia. Estavam retirando os corpos dos McGuinness do patamar da porta e o médico, aparentemente muito tranquilo, explicava pela enésima vez, a um inspetor da Scotland Yard, as circunstâncias do fato: dois delinquentes muito conhecidos em Londres tinham tentado, pela terceira vez, atacá-lo.

O inspetor fechou o seu caderno de notas e lhe disse que podia ir. George se voltou para a rua e viu Everhard por entre a multidão. Sorriu-lhe e lhe fez um gesto para que entrasse.

— Acompanha-me lá dentro, Winston. Vou ver a minha senhoria, está muito nervosa.

— Claro.

Everhard entrou com a aba do chapéu tapando-lhe a cara e se esgueirou atrás do médico para evitar a polícia, só levantou a cabeça quando chegaram ao consultório, onde uma mulher mais velha, a senhora Adams, permanecia sentada em uma banquetta, branca

como papel.

— Tome estas gotas, senhora Adams. — George fez com que abrisse a boca e lhe deu o líquido tranquilizador — Agora vá para a cama e amanhã será outro dia. Se quiser fico esta noite aqui...

— Não, não, doutor, já estou bem e volto para a casa de minha irmã. Não penso dormir aqui.

— Como queira. Lamento muito. Eu...

— Não, pelo amor de Deus, eu lamento muito mais. Espero que não me vá deixar por isso.

— Não, senhora, não se preocupe.

A dama desapareceu sorrindo de soslaio a Winston e este observou a calma com que o médico guardava os remédios e ordenava os livros de sua mesa. Ninguém teria dito que acabava de liquidar dois perigosos assassinos contratados e que tinha estado prestes a morrer. Salvo pelas mãos manchadas de pólvora, nada em seu traje evidenciava a conturbada tarde dominical que tinha vivido.

— Como está a senhorita Taylor? — disse por fim, sem olhá-lo.
— Foi embora a meio da confusão.

— Bem, um pouco preocupada contigo, mas bem. Ela é muito forte.

— Já vi que sim. — Voltou-se para o seu novo amigo e lhe cravou os olhos claros — Quem demônios é aquela dama? Jamais vi uma mulher mais determinada.

— Está preocupada contigo — insistiu, ignorando a pergunta — e me pediu que te dissesse uma coisa. Se quiseres acreditar em nós, muito bem, se não, pelo menos já não será assunto nosso.

— Do que se trata?

George se apoiou na beira da secretária e cruzou os braços

sobre o peito. Estava em mangas de camisa e de repente sentiu frio, ainda era inverno, em pleno mês de fevereiro e a chaminé se tinha apagado.

— Ela, Mary — pigarreou — viu, por reiteradas vezes, aqueles homens, os McGuinness, reunidos com o teu irmão em Hyde Park.

— O meu irmão? Quem? Simon?

Simon era o mais novo dos Connaught, tinha vinte anos e era um encenqueiro reconhecido por todo o mundo, além de um menino encantador, divertido e que se relacionava com toda o tipo de gente, sem ter em conta a sua condição social ou financeira, mas achou estranho, porque Simon estudava direito em Oxford e por isso, ele sabia, estava há meses sem pôr os pés em Londres.

— Tens um irmão que se chama Simon?

— Sim, o mais novo.

— Pois eu me refiro ao mais velho, o barão de Kernow, Charles Connaught.

— Charles? — Abriu muito os olhos, pois o seu irmão não tinha estado perto de pessoas como os McGuinness em toda a sua vida — Duvido.

— Bem, eu só cumpro com o pedido. Agora vou embora, vejo que estás bem e quero jantar com Molly. — Agarrou o chapéu e fez menção de sair, mas George o deteve.

— Sinto muito, Winston, não estou duvidando de tua palavra, mas o meu irmão é um classista recalcitrante que mal sai de Westminster, Kensington ou Belgravia. Não sei como poderia conhecer aquela gente.

— Ficaria surpreso se descobrisses as preferências de teu irmão, doutor. É um conhecido farrista do centro, assíduo dos bordéis

mais perigosos de Lambeth ou de East End e lida com gente com a qual, nem eu sou capaz de olhar na cara.

— Charles?

— Sim, Charles Connaught.

— Sei que é um irresponsável e... enfim... — Passou a mão pelo cabelo. Sabia das aventuras de seu irmão, mas supunha, por lógica, que se desenvolviam no resguardo dos salões de luxo da cidade — Deus bendito!

— À Mary, a senhorita Taylor, chamou-lhe a atenção ver um homem como o teu irmão com aquela gente. Viu-os pelo menos, um par de vezes em Hyde Park e tendo em conta que depois vieram por ti, eu em teu lugar faria algumas perguntas.

— E como é que ela conhece o meu irmão?

— Muita gente conhece o teu irmão.

— Estão insinuando que Charles está por trás dos ataques?

— Sinceramente? — perguntou Winston, e George assentiu, sentindo uma enorme pressão no peito — Pois sim. Ele tem motivos para querer perder-te de vista?

— Muitos mais dos que imaginas — respondeu com franqueza. Agarrou o casaco e o chapéu — Tenho de ir, Winston e muitíssimo obrigado por tua ajuda.



Chegou a casa rapidamente, entregou o chapéu e a bengala a Jonathan e entrou a grandes passos no refeitório. Empurrou a porta e se encontrou cara-a-cara com a família jantando em silêncio. Os seus pais, a sua irmã Amanda, duas de suas tias e Charles, que levantou

os olhos da sopa com cara de espanto.

— Muito surpreso em ver-me, irmão?

— O quê?

— És tão pouco homem que tens de pagar para que outros me liquidem, bastardo?

— George!

As mulheres da mesa protestaram e Charles se levantou de seu lugar com calma.

— És um covarde, Charles, sempre o soube, mas isto é demais, mesmo para ti.

George se aproximou mais e o outro tentou fugir, sem muitas opções. Então deu um passo para a frente e o agarrou pelo peitilho.

— Filho de uma grande puta, és um maldito filho de uma grande puta.

— Já basta! George! Não faltes ao respeito à tua mãe!

Seu pai se levantou irado e chamou os empregados com a mão. O mordomo e dois moços se aproximaram em silêncio.

— Que demônios é que está a acontecer?

— O teu filho mais velho, pai, o mais recente barão de Kernow, mandou matar-me um par de vezes, não foi, Charles? — Atirou-o contra a parede e Charles, vermelho de ira e de vergonha, mal podia respirar — Esta tarde foi a última. A polícia acaba de retirar do meu consultório, os cadáveres de teus dois esbirros, irmão. Os McGuinness já passaram à história. Vamos ver quem procuras agora para que faça o teu trabalho sujo.

— Solta-me, bode! — Charles se revolveu e escapou dele com muito esforço. Clareou a voz e olhou para o seu pai antes de falar — Mente, está louco.

— Não minto e tenho testemunhas, Charles, estás acabado. Faz séculos que és história, mas agora penso denunciar-te à polícia.

— Não! Mas o que estão a dizer, Daniel? O que está acontecendo? — Lady Connaught, pálida e assustada, olhou para o seu marido com desespero.

— Vai embora daqui, Eleonor! Vão todas! Saiam! — Foi a resposta do duque, que ficou imediatamente a sós com os seus dois filhos varões — Que demônios estás dizendo, George? Fala claro, antes que mates a tua mãe de desgosto.

— Sofri três ataques no último mês, os três por parte dos famosos irmãos McGuinness, uns conhecidos delinquentes do centro e curiosamente, antes de cada intento, reuniram-se com o meu querido irmão mais velho em Hyde Park. O que te parece, pai? Nem sequer se escondeu, o bode.

Charles, vermelho de ira, não sabia nem o que dizer, embora pensasse negar os fatos até à morte.

— Isto é verdade, Charles?

— Como podes acreditar pai, que eu...?

— Vindo de ti, eu já não acredito em nada, Charles. És a vergonha da família. Deus bendito!...

O duque se sentou com a mão no peito. Uma dor aguda no flanco esquerdo o estava deixando esgotado. George franziu o cenho e se ajoelhou a seu lado.

— O que sentes, papai? — Tomou o pulso e se preocupou. Saiu correndo ao vestíbulo para procurar a sua maleta e retornou correndo a seu lado — Tranquilo, tranquilo, relaxa. Aspira estes sais. Vá lá, respira fundo.

— Já estou melhor, não me trates como uma donzela, George.

Daniel Connaught começou a ver bem de novo e olhou para o seu primogênito, que não tinha movido, nem um só músculo da cara, ante a sua indisposição.

— Sai da minha vista, Charles. Amanhã falaremos os três, na hora de almoço no clube e espero que te comportes como o cavalheiro que se supõe que sejas.

Charles saiu rapidamente do refeitório, com o colete do traje rasgado e a gravata completamente torcida. Tinha muito mau aspecto, com a cara infestada de veias vermelhas e azuis e um andar inseguro. George sentiu lástima por dele, embora lhe promettesse uma surra, assim que tivesse oportunidade, porque não deixaria passar semelhante canalhice.

— Sinto muito, papai. Sinto tê-los importunado desta forma.

— De verdade acreditas que aquele imbecil ordenou que te matassem, Georgie?

— Sim.

— Tens provas?

— Tenho as minhas fontes e ele, os seus motivos.

— Não o vou deserdar, simplesmente tirarei o título. Sabes, não o deixarei sem nada.

— Sempre é melhor ser duque que não sê-lo, pai. — Levantou-se, esticando as costas.

— Amanhã resolveremos o assunto. Os papéis do legado já estão assinados, não há nada que ele possa fazer.

— Mandou matar-me por três vezes. Não vou deixar passar isto como mais uma de suas travessuras.

— Estás bem? — O duque olhou pela primeira vez para o seu filho favorito e viu as suas mãos manchadas de pólvora, o seu

aspecto cansado e avaliou pelo que acabava de passar — George, o que aconteceu?

— Aqueles indivíduos se atreveram a entrar hoje no meu consultório. Se não tivesse sido por alguém que me avisou a tempo... Enfim... tive sorte e pude abatê-los. A polícia se encarrega agora de seus cadáveres.

— Deus Santo! — Daniel Connaught se levantou da cadeira e se aproximou de George para agarrá-lo pelos braços — Não digas nada à tua mãe, está bem? Já bastante tem em cima.

— De acordo.

— Graças a Deus que te avisaram e que és um soldado bem treinado, filho.

— Graças ao Real Exército de Sua Majestade, pois — brincou, devolvendo o abraço de seu pai — Agora deves descansar, por ordem médica e sem desculpas.

Charles Connaught, barão de Kernow, desapareceu de Londres no mesmo domingo em que seu irmão o repreendeu diante de toda a sua família, acusando-o de conspirar para assassiná-lo. O nobre, envergonhado e bêbedo que nem um gambá, decidiu mudar-se para Kent com a sua mulher e com as suas filhas, sem dar as caras, nem assistir à reunião que o seu pai tinha convocado no clube de cavalheiros ao qual pertenciam. Simplesmente tinha fugido, tal como tinha feito durante a maior parte de sua vida, de suas obrigações e tanto o seu pai, como o resto da família sentiram uma enorme decepção por seu comportamento.

George acedeu a não denunciá-lo, pelo menos naquela altura, à polícia, face aos rogos de sua mãe, embora advertisse que não esqueceria a afronta e quando, a 1 de março de 1891, o seu ilustre pai, o duque de Stevenage, anunciou oficialmente no Parlamento, ante a corte e a rainha, que os seus direitos sucessórios passavam legalmente para o seu segundo filho, ignorando assim o primogênito, por sua incapacidade para assumir o título, ele recebeu a notícia encolhendo os ombros, mais pendente de um parto gemelar que tinha entre mão, do que dos direitos e obrigações que recairiam sobre ele.

No que dizia respeito a Emily Gardiner, que não tinha tornado a vê-lo desde a morte dos McGuinness, leu a notícia nos jornais e viu a fotografia que se publicava do médico nas páginas da sociedade, com um sorriso. Era muito bonito, embora aquela imagem não lhe fizesse justiça e começou a refletir seriamente se o novo status de

Connaught não o levaria a abandonar o consultório em East End.

— Olha, olha, que preciosidade!

Emily deu um salto e se voltou para Fred “O Ruivo”, que lhe falava colado ao seu ouvido.

— O que queres?

— Nada, olhar para ti.

Ele avançou um passo e Emily ficou bem quieta, embora com o coração na boca. Colocou a mão no bolso de seu vestido e agarrou a navalha.

— No que trabalhas agora? Os meus meninos te viram rondando Westminster. Que negócio trazes entre mãos? Sais com tipos ricos?

— Não é assunto teu, que eu saiba.

— Ah, não? Tudo o que acontece Londres é assunto meu.

— Vai à merda, Fred.

Esquivou-se e só conseguiu afastar-se um metro. O rapaz a agarrou pelo cotovelo com força e ela se deteve para evitar um escândalo no meio de Piccadilly.

— Vigiamos-te. Sabemos que deduraste os McGuinness ao doutor, para que os matasse. Os traidores pagam caros os seus pecados, é um recado de meu pai.

— Deixa-me em paz.

— Posso matar-te agora mesmo. Sem Everhard por perto, não és mais que uma puta assustada.

— O que está a acontecer?

A profunda voz de George Connaught fez com que ambos se calassem. Fred “O Ruivo” se separou de Emily e adotou um ar do mais humilde possível, baixou a cabeça e tirou o chapéu.

— Nada, milorde. Estava falando com a senhorita.

— Tens a certeza?

George, que tinha visto a cena à distância, observou os olhos assustados da jovem e logo se aproximou do moço, que lhe chegava apenas ao peito.

— Não estarás incomodando a dama?

— Não, milorde.

— Está bem, senhorita Taylor?

— Sim, doutor, muito obrigada.

— Bem, pois tu — disse e tocou Fred com a ponta da sua bengala — vai daqui antes que chame a polícia.

— Obrigado, milorde.

O rapazola, com uma atitude quase servil, conforme pareceu a Emily, separou-se deles sem dar-lhes as costas. Ela engoliu em seco, soltou a navalha e olhou Connaught nos olhos. Era meio-dia e o pálido sol da primavera iluminava as íris transparentes do médico de forma maravilhosa. Ele sorriu e ela ruborizou até às orelhas.

— De certeza que não a estava incomodando? Pareceu-me...

— Não, é um pilantra, mas não é perigoso — mentiu, olhando para o chão.

— Não a vejo desde aquele domingo tão desgraçado. Enfim, não sei... — Faltavam-lhe as palavras, porque a beleza daquela moça o perturbava mais do que o normal — Disse a Winston que gostaria de agradecer-lhe de maneira mais formal.

— Não é necessário. — Agarrou a saia e tentou sair correndo.

— Permita-me convidá-los para jantar, a você e aos Graham, ou a tomar chá. Deveria dar-me essa oportunidade.

— Não acredito que possa, milorde, mas obrigada. E agora, se

não se importa, tenho de ir.

— Sim, sim me importa.

Em um gesto absolutamente desconjurado a agarrou pelo cotovelo. Emily o olhou com os olhos muito abertos e ele deu um passo atrás, bastante envergonhado.

— Sinto muito, mas devo insistir. O chá das terças-feiras no Grand Hotel é famoso por suas delícias, será por pouco tempo, por favor.

— Falarei com os Graham — sussurrou. — Avisaremos, mas agora tenho de ir.

George Connaught ficou observando como se perdia por entre as gentes... Sentia um desgosto desconhecido no peito. «Às vezes as mulheres conseguem ser muito frustrantes», pensou e as que tinham cabeça, muito mais. Olhou para o céu, respirou fundo e continuou, energicamente, o seu caminho em direção a East End.



— Este lugar é lindo — Molly Graham opinou, sentando-se à mesita do Grand Hotel. — Eu adoro.

A seu lado, Emily, vestida com um traje muito elegante em tons azuis, sentou-se resmungando todo o tipo de palavrões. Os seus amigos a tinham literalmente, arrastado para tomar chá com aquele médico, mas mesmo assim não tinham conseguido que dissimulasse a sua cara de desgosto. Agarrou o guardanapo e o posou em sua saia.

— E onde estará Connaught? — Everhard perguntou, olhando em seu redor. Ele também estava muito elegante e Emily o olhou,

encolhendo os ombros — Se não chegar, pediremos igualmente, aqui os sanduíches de pepino são sublimes. Queres um, meu amor?

— Claro que sim, querido.

— Não sei que demônios estamos a fazer aqui...

— A agir como gente normal, Emily, que aceitam convites, encontram-se com os amigos e desfrutam de alguns dos luxos da vida. — Winston olhou para ela, carrancudo — Ou queres ser uma marginal toda a tua vida?

— A realidade de cada um, é a realidade de cada um.

— Muito bonito, sim, muito ambicioso.

— Sinto muito, tive uma urgência. — George Connaught chegou agitado à mesa e Winston se levantou para apertar-lhe a mão — Deveria ter chegado antes de vocês. Tudo bem?

— Sim, só estamos aqui há cinco minutos.

— Perfeito.

O médico olhou para as damas e lhes sorriu, depois levantou os olhos para o *maître* e este chegou imediatamente junto a ele.

— Milorde? — sussurrou o elegante garçom com uma vênia.

— Traga um serviço de chá completo, Phillipp, para quatro, por favor.

— Em seguida, milorde.

O moço desapareceu e George olhou de esguelha para a senhorita Taylor, que estava radiante com aquela cor que ressaltava a sua pele branquíssima e os seus olhos escuros.

— Cheguei tarde porque um de meus pacientes engoliu uma pedra — comentou para romper o gelo, Charly Black, de seis anos.

— E conseguiu tirá-la? — perguntou Molly.

— Dei-lhe um laxante. A sua mãe a recuperará esta tarde —

soltou de repente.

Imediatamente compreendeu que, como costumava acontecer, os detalhes escatológicos de sua profissão não interessavam a ninguém, pigarreou e observou em silêncio como os garçons serviam o chá.

— E está você casado? — Molly falou sem pensar e Emily esteve a pontos de cair da cadeira.

— Molly! — exclamou com os olhos muito abertos.

— Está tudo bem — respondeu Connaught — Não, não estou casado, senhora Graham. Não tenho essa sorte.

— Comprometido?

— Agora não.

— Agora?

— Tive uma prometida durante seis anos mas, enquanto estive com o exército na Índia, ela aproveitou para casar-se com outro. — Agarrou a sua xícara de chá e bebeu tranquilamente.

Emily e Molly cruzaram um olhar de surpresa e foi Winston quem mudou de tema.

— Quando vais de viagem?

— Dentro de dois dias.

— À Índia? — perguntou Molly.

— Não, a Viena — respondeu, olhando para as moças — no continente. Vou à Escola Moderna de Medicina.

— Vai estudar?

Emily Gardiner abriu a boca pela primeira vez e George se apoiou no encosto da cadeira para olhá-la nos olhos.

— Os médicos estão continuamente a estudar, porque os avanços em nosso campo são diários e sim, vou a Viena para assistir

a uns cursos sobre cirurgia.

— Que interessante!

— É sim.

Passaram a hora seguinte falando de temas banais, para aborrecimento de Emily, que queria saber sobre a cirurgia e sobre essa tal escola em Viena, mas não foi possível e tanto George, quanto Winston acabaram por falar do exército, da Marinha, de boxe e de rugby. Ela se dedicou a escutar com atenção a voz educada e grave do médico, fascinada com o seu vasto vocabulário e a sua capacidade para expressar-se e acabou espiando, de soslaio, os seus enormes olhos claros, que pareciam azuis dentro de um recinto fechado e verdes ao ar livre, o seu cabelo castanho claro, bem penteado, fazia suspeitar que de pequeno tinha sido dono de uns rebeldes cachos loiros e tinha um sorriso amplo e reluzente. Tudo nele era luminoso, limpo e belo e quando ouviu as suas gargalhadas sinceras e cadenciosas, não pôde evitar sorrir e olhá-lo com mais simpatia.

— Boxeava no exército, amigo, era um esporte de cavalheiros.

— No exército sim, não em Lambeth.

— Eu gostaria de vê-lo.

— E participar? Eu apostaria em ti, és mais forte e são que a maioria dos boxeadores que o fazem a cada noite.

— Poderia ser divertido.

— Logo veremos, quando voltares de Viena.

— De acordo, será um prazer.

— Não acredito que seja lugar para o doutor — Molly opinou — Não te atrevas a levá-lo, Winston. É perigoso.

— Perigoso? — Winston Everhard olhou Connaught de alto a

baixo e pôs-se a rir — Perigoso é ele para os outros, querida.

O chá acabou uma hora e meia depois e Emily aceitou que o médico lhe segurasse a cadeira e a ajudasse com a sua bolsa e a sua coquete sombrinha, antes de saírem para a rua. Em Piccadilly, no meio do bulício quase ensurdecedor da tarde, despediram-se muito amavelmente e prometeram repetir o encontro, assim que George Connaught retornasse do continente, quinze dias depois. Sorriu-lhe timidamente antes de afastar-se e não pôde evitar voltar-se para ele para vê-lo perder-se por entre a multidão. Molly e Winston observaram, com um sorriso, como agia e partilharam um olhar cúmplice, embora Emily, completamente embevecida, nem sequer tenha notado.

Nada podia ser perfeito. Emily Gardiner olhou Molly nos olhos e com a sua serenidade habitual, segurou-a pelo ombro para que se tranquilizasse. A jovem estava muito nervosa, tremia dos pés à cabeça e estavam chamando a atenção.

— Vamos para casa, querida. Fica tranquila, dá-me a mão e saíamos daqui.

O encontro daquela manhã na catedral de São Paulo com lorde Hamilton tinha resultado em um desastre e o pior era que tinha sido a vez de Molly encontrar-se com ele. Em quase quatro meses tinham chantageado cinco membros destacados do Parlamento, com excelentes resultados. Todos tinham pagado muito dinheiro para não ver revelados os seus segredos na imprensa e em seus círculos mais íntimos. Mas Paul Hamilton, de quarenta anos, tinha reagido de forma diferente, muito violenta e naquele dia, assim que Molly tinha aparecido na igreja, o tipo a tinha repreendido aos gritos, ameaçando-a levá-la imediatamente ante a Scotland Yard por delinquência e estelionato. Molly, com menos recursos que Emily, tinha optado por sair correndo de São Paulo, morta de medo, sem tentar um diálogo ou um entendimento.

— Vou levar todo o material que tenho de Hamilton aos jornais.

— Como?

Winston observou como começava a tirar as suas notas.

— Se não atuarmos depressa e demonstrarmos que falamos a sério, não voltaremos a conseguir uma vítima. Esse tipo não acredita

que o tornemos público, mas levará uma enorme surpresa.

— Temos muitos membros mais da Câmara dos Lordes suscetíveis de ser chantageados, Emily. Acalma-te e respira, antes de fazeres qualquer coisa.

— Se não atuarmos, acabou-se o negócio. Só contamos com o medo dessa gente para arrancar-lhes dinheiro. Têm de perceber que falamos a sério.

Winston Everhard assentiu em silêncio e a acompanhou ao botequim em Piccadilly Circus, onde normalmente se reuniam os repórteres mais conhecidos de Londres. Ele conhecia alguns, de suas jogatinas de cartas e dados e podia confiar em mais do que um, assim entraram naquele local com segurança e sabendo que o que tinham entre mãos era algo que dificilmente algum deles iria recusar.

Winston entreabriu os olhos e por entre a fumaça dos cachimbos, avistou Edward Grant, jornalista do Daily Telegraph, o jornal mais popular da cidade, o mais barato e o mais lido, que tinha fama de ousado e corajoso.

— Edward, tens um momento?

— Everhard! patife. Quanto faz que não te via, maldito bastardo?

O repórter olhou mais além de seu amigo e viu uma elegante jovem vestida de escuro. Esticou os ombros e se desculpou por sua linguagem.

— Sinto muito, não sabia que vinhas acompanhado.

— Apresento-te a minha sócia, Mary Taylor. Temos algo para ti.

— A sério?

Emily desdobrou em cima da mesa as suas notas e o informou de todos os movimentos nada santos, de Paul Hamilton, conde de Worsthorne, um respeitável membro da Câmara dos Lordes por

matrimônio, conservador, anglicano praticante e genro de uma dama da rainha Vitória. Hamilton era consumidor de ópio e cliente assíduo de prostitutas, especialmente orientais e menores de idade. Jogava Go, o popular jogo chinês, nos antros mais perigosos de Londres e estava dilapidando a fortuna de sua mulher, às mãos cheias.

— Não sei se os meus chefes quererão ir contra um conservador — respondeu Grant, lendo as belas notas da jovem — mas eu me encarregarei disso. Se não me apoiarem, publicarei noutro jornal.

— Não queremos que alguém lhe sobre, pois aí ele pode pará-lo à força de dinheiro.

— Não, não se preocupem. Sei como sondar os meus chefes, sem dizer-lhes tudo.

— Este sujeitinho — Emily continuou — tem antecedentes de violência. Escuros rumores falam de brutais surras a prostitutas jovens e coisas piores, atos todos ocultados, devido ao seu prestígio e ao silêncio de suas próprias vítimas...

— Não será Jack, o Estripador?

— Não, não creio.

Emily sentiu um calafrio ao recordar os crimes perpetrados por aquele assassino em 1888. Tinham sido dias de muito medo e incerteza para qualquer mulher que vivesse sozinha em East End, não só para as prostitutas.

— Bom, acredito que não, mas se queres ir por aí, podes fazê-lo.

— O que têm contra Hamilton? Isto por quê?

— Queres a notícia? — perguntou-lhe Winston e Grant o olhou e assentiu — Então, não faças perguntas.

— Dou-te os horários de suas saídas e os sítios onde vai. Ninguém confirmará estes dados, mas podes comprová-los pessoalmente.

Emily Gardiner deixou a última nota nas mãos do repórter e se apoiou no encosto da cadeira.

— Obrigada.

— De nada.

Estavam-se metendo em um terreno perigoso, mas Emily não se importava. Era crucial arriscar para ganhar e não podiam hesitar perante aquele tipo. Deviam mostrar-lhe a sua força e arruinar a sua reputação, de uma vez por todas. Tratava-se de um degenerado violento e agressivo e merecia um castigo. Além disso, Hamilton não podia localizá-los, não sabia nada sobre eles. Molly tinha ido ao encontro em São Paulo vestida de luto, com um grosso véu negro cobrindo-a até à cintura, e era completamente impossível que pudesse identificá-los, então não se preocupava. Só esperava que Edward Grant protegesse a fonte e guardasse a sua identidade, coisa muito provável aos olhos de Winston, que confiava na fome de fama do repórter, que estaria encantado em receber os louros pela própria investigação.



— Emily!

Voltou-se para a voz, que lhe soou familiar. Estava em Covent Garden comprando flores para o seu quarto, que agora era só dela, desde que Winston e Molly se tinham mudado para um cômodo independente e abriu muito os olhos ao encontrar-se com Louise,

uma das donzelas dos Shafterbury.

— O que aconteceu, Louise?

— É a tua mãe. Está doente e quer ver-te.

— Como? continua doente?

Emily soltou as flores e notou perfeitamente como o pânico lhe subia pela corrente sanguínea.

— Sinto muito, Emily. É sério. O médico de lady Shafterbury diz que não há esperança.

— Como? Que médico? O velho Ferguson? esse ancião ceguinho que odeia atender o pessoal do serviço?

— Bom eu...

Louise espremeu a saia sem saber o que dizer. Certamente, o doutor Ferguson apenas os olhava se eram eles os pacientes e não um membro da família, mas não era culpada moça. Só tinha ido até ali para avisar da maltratada saúde de Katie Gardiner.

— Só vim buscar-te..

— Maldição!

As lágrimas lhe umedeceram os olhos. Se os seus cálculos estivessem corretos, a sua mãe tinha trinta e quatro anos. Ainda era muito jovem e certamente podia ficar bem, podia melhorar; mas com os cuidados adequados. Respirou fundo e cravou os olhos negros na donzela.

— Vou procurar um médico de verdade, Louise e irei ver a minha mãe. Volta para casa e lhe diz que estarei lá assim que possa.

Estavam a 1 de abril. Em teoria, o doutor George Connaught já teria voltado da sua viagem a Viena há três dias ou isso esperava ela quando voou pelas ruas a caminho de Cannon Street. Não quis nem imaginar que ele pudesse ter atrasado o seu regresso e que não

estaria trabalhando. Confiou no seu instinto e chegou ao consultório rapidamente. Golpeou a porta principal e a senhora Adams saiu ao seu encontro.

— Senhorita?

— Sou Mary Taylor, senhora Adams. O doutor está? É uma emergência.

— Espere aqui.

A senhoria se voltou e subiu as escadas lentamente, caminhando até ao consultório. Emily não podia mais com a angústia que sentia e tinha intenção de segui-la, mas acabou por desistir e esperou, com inquietação os cinco minutos que Connaught demorou para aparecer no patamar da escada.

— O que aconteceu, senhorita Taylor? Você está bem?

A cara pálida da jovem o assustou. Desceu depressa os degraus e a olhou nos olhos.

— É a minha mãe, doutor. Dizem que está a morrer, mas eu...
— engoliu em seco, estava quase a chorar — Acredito que você pode ajudá-la. Precisa de um médico.

— Muito bem. Onde está? — Voltou-se para a senhora Adams e lhe falou com autoridade — Traga a minha maleta, por favor.

— Em Kensington.

— Muito bem. Traz carruagem? — perguntou-lhe, e ela negou com a cabeça — Procuraremos uma, fique calma. — Aproximou-se e lhe tocou no ombro — Fique tranquila, vamos ajudá-la.

Saíram para a rua apressadamente e Connaught conseguiu rapidamente uma carruagem de aluguel. Subiram, sentaram-se um em frente do outro e quando o carro iniciou a marcha, Emily passou a mão pelo rosto, decidida a confessar àquele indivíduo o seu grande

segredo. Levantou os olhos negros e o observou. Ele estava atento ao denso tráfico de veículos que os rodeava. Pigarreou e falou quase sem respirar.

— Não me chamo Mary Taylor e a casa a que vamos é a de lorde e lady Shafterbury, onde a minha mãe trabalha como costureira há vinte e dois anos. Eu nasci ali, sem pai conhecido e me criei como uma serviçal, até que a própria lady Shafterbury me jogou na rua por revoltar-me um pouco. Tinha quatorze anos, e depois sobrevivi como pude no centro de Londres, ajudada, graças a Deus, por Winston e Molly, que não são meus servos, mas os meus melhores amigos...

— Shafterbury? — perguntou George um pouco aflito com tanta informação.

De tudo o que tinha ouvido, o único que lhe retumbava na cabeça era o sobrenome daquela gente: Shafterbury.

— Sim.

— E como se chama, então?

— Emily, Emily Gardiner. Uso o nome de Mary Taylor por segurança, para que não me relacionem com a minha mãe. Eu...

— Bem, não é assunto meu — ele a interrompeu, vendo Hyde Park à sua direita — Já estamos quase lá.

Desceram da carruagem em silêncio e ao chegar às grades do enorme casarão dos Shafterbury, Emily ficou paralisada. Fazia anos que não voltava ali e um desgosto muito familiar lhe entorpeceu os músculos de todo o corpo. George Connaught viu o seu desconcerto e tocou à campainha sem hesitar.

— Sim?

O mordomo apareceu e, àquela distância, só distinguiu Emily Gardiner, tão bela e digna quanto recordava. Desceu os degraus da

casa e se aproximou dela, carrancudo.

— O que fazes batendo à porta principal, moça? Vai por trás, pela entrada de serviço.

— Trago um médico. Deixa-me entrar, Peter.

— Entra por trás.

— Boa tarde, Peter. Quer abrir a maldita porta de uma vez e deixar-me passar para que possa ver a minha paciente, a senhora Gardiner?

O doutor Connaught ficou frente a frente com o empregado e lhe falou com tal autoridade que Emily se sentiu de repente muito segura.

— Milorde?

Ao velho Peter Burton quase se lhe dá uma apoplexia ao ver lorde George Connaught ali e começou a tremer como uma folha. Tirou as chaves e abriu a porta. George fez uma vênia a Emily e entrou com ela no vestíbulo com total naturalidade. Aguardou até que o mordomo os alcançasse e o olhou esperando indicações para chegar até à doente, embora as suas intenções tenham sido truncadas ao ouvir a voz da proprietária de casa, lady Shafterbury, nas suas costas.

— George? George Connaught em minha casa? Sabia que não demorarias muito em vir ver a minha Rosemundede.

— Lamento dizer que é uma visita profissional, Rose. Devo ver a mãe da minha amiga, a senhorita Gardiner.

— Como?

A garganta de Rose Shafterbury se fechou literalmente ao ver aquela moça insolente pisando no vestíbulo de sua casa. Emily Gardiner tinha crescido e se tinha convertido em uma mulher tão formosa que assustava. Observou-a de cima abaixo e falou com todo

o desprezo de que foi capaz.

— Que demônios fazes tu aqui, maldita ingrata? Entra pela cozinha se quiseres ver a tua mãe. Como te atreves a passar diante de meus olhos?

— Não te atrevas a falar-lhe nesse tom.

George Connaught ficou diante de Emily e com a sua estatura a fez desaparecer do campo visual daquela bruxa. Olhou-a fixamente nos olhos e só então lady Shafterbury compreendeu que acabava de colocar a pata na poça, diante do solteiro mais rico e assediado de Londres.

— Exijo um pedido de desculpas, Rose.

— Sinto muito, é que estou muito nervosa. A pobre Katie está muito mal, mas o meu médico já a viu. E como é que se conhecem?

— Onde está?

— Ali — indicou com a sua enluvada e flácida mão — Peter, acompanha lorde Connaught até aos aposentos da senhora Gardiner.

O médico se voltou para uma Emily muda e assustada e a empurrou brandamente pela cintura. Ela avançou com passo firme para o seu antigo quarto, e quando chegaram e viu a sua mãe prostrada na cama, caiu-lhe a alma aos pés. Ajoelhou-se a seu lado e começou a chorar como uma menina.

— Está muito mal, Emily.

George se aproximou dela, depois de passar mais de meia hora auscultando a doente e ficou agachado a seu lado. Emily, inconsolável, com um lenço na mão, levantou os olhos e olhou os seus tão claros sem poder falar.

— É tuberculose, mas em um estado muito avançado. Sabe o que é tuberculose? — Ela assentiu — Podemos fazer muito pouco.

Dei-lhe morfina para as dores.

— Morfina?

— É um remédio, um analgésico, estamos usando com êxito no exército. Tira as dores do paciente. Não sofrerá, acredite em mim.

— Tem trinta e quatro anos.

— Sei, mas deve estar há anos com esta enfermidade, sem fazer nada para tratá-la. Está muito débil. Já tem os ossos comprometidos e outros órgãos internos...

— E o que posso fazer? — Os soluços a afogavam e as demais empregadas da cozinha também a observavam com lágrimas nos olhos — Posso levá-la para a minha pensão? Tenho espaço, posso cuidar dela.

— Não é aconselhável mover a sua mãe agora.

— E morrerá assim?

— Pelo menos, sem dor. Sinto muito, sinto mesmo muito.

Katie Gardiner morreu apenas umas horas depois, às dez da noite e com a sua única filha sujeitando-lhe a mão. George Connaught não se separou delas e quando a imprudente Rosemund Shafterbury apareceu pela área de serviço para convidá-lo para jantar, ele quase a assassinou com o olhar. Fez-lhe um gesto para que desaparecesse de sua vista e depois lhe deu as costas com autêntico desprezo.

Odiava mulheres como Rosemund Shafterbury. Não estava acostumado a tolerar muito tempo as suas paqueras, os seus movimentos de leque e sobretudo, aquela superficialidade da qual, normalmente, faziam ornamento, assim não teve nenhum pejo em humilhá-la diante de seus empregados, bem antes de ordenar ao mordomo que fosse procurar, em uma carruagem, o padre Connelly,

que era o pároco da moribunda.

Katie Gardiner faleceu depois de receber a extrema-unção e todos os seus companheiros a choraram com muito sentimento. Prudence White, em nome dos serviçais, ajudou a amortalhá-la e antes de meia-noite, um carro fúnebre, pago pelo próprio Connaught conduziu-a até à igreja de Santa Margarida, para que pudesse ser velada por seus mais queridos.

Quando Emily, como em transe, sentou-se na primeira fila da igreja e olhou para o humilde esquife no altar, soltou um pranto profundo e sentiu como se partisse em duas. Inúmeros sentimentos a embargaram e fizeram com que se sentisse culpada e de repente, realmente sozinha.



— O que sabem do pai de Emily? — perguntou George a Winston, quando abandonavam o cemitério em passo lento.

A jovem tinha enterrado a sua mãe virtualmente sozinha e salvo alguns amigos de seu bairro, que tinham sabido de sua perda e dois empregados da casa Shafterbury, Emily Gardiner só contou com o apoio de Winston, Molly e do próprio lorde Connaught, que não se separou de seu lado durante todo o processo.

— Nada, ela não sabe nada. A mãe dela jamais permitiu que lhe perguntasse por ele. Por quê?

— Fica muito sozinha.

— É forte e nos tem .

— Sim, mas... — Olhou para ela à distância, ela ia vários passos adiante, de braço dado com Molly Graham — Não sei, não

sei.

— O que aconteceu? — Winston Everhard deteve o passo e o olhou nos olhos — Estás interessado em Emily? Toma cuidado...

— Não é isso — interrompeu-o, franzindo o cenho — É que francamente me faz lembrar de alguém. Mas não lighes ao que digo.

— De quem?

— Nada, nada. Quando tiver isto mais claro, digo-te alguma coisa.

George Connaught se despediu deles na porta do cemitério. Emily lhe agradeceu incansavelmente a sua ajuda e ele desapareceu, fazendo uma vênha, a caminho do seu consultório. Tinha passado quase três dias pendente da jovem e de sua mãe e quando chegou a Cannon Street tinha gente esperando-o, mas assim que acabou de atendê-los, procurou papel, uma pluma e se sentou diante de sua secretária para escrever uma carta a um de seus camaradas mais apreciados, um verdadeiro herói na Índia, um oficial destacadíssimo: lorde Michael Shafterbury, Major-General do exército de Sua Majestade, barão de Wisley e irmão mais novo de lorde Arthur Shafterbury.

Desde que tinha visto Emily Gardiner, algo em seu aspecto o tinha deixado perplexo e não era só porque se tratava de uma moça muito bela e muito elegante, mas sim pela impressionante semelhança física que compartilhava com alguém que ele demorou meses para identificar.

Sempre soube que ela o fazia lembrar-se de uma pessoa próxima, mas não foi até ao momento em que lhe falou da sua verdadeira origem e dos Shafterbury, que a realidade o esmagou como uma pesada laje. Emily Gardiner era idêntica a Michael

Shafterbury, seu superior e seu amigo em Bombaim e só foi necessário somar dois mais dois, para tirar as suas próprias conclusões. Não ia ser o primeiro caso de namoricos entre o senhor de uma grande casa com uma de suas empregadas. Não era nenhuma novidade e em uma ocasião, o próprio Michael lhe tinha confessado, muito envergonhado, que se encontrava vivendo na Índia permanentemente por uns problemas de saias na Inglaterra, que a sua família tinha sido incapaz de tolerar. Por outro lado, o Major-General Shafterbury tinha trinta e seis anos, dois mais que a falecida Katie Gardiner, e era mais que provável que pudesse ter tido uma filha com ela.

Suspirou e se inclinou sobre a folha de papel de cor baunilha. Era militar, Michael também e o melhor seria abordar a questão sem adornos, nem floreios. Descreveu-lhe a situação, falou-lhe da recente morte de Katie Gardiner e compartilhou as suas suspeitas, de que a jovem Emily fosse sua filha, acrescentando, de passagem, as duras condições de vida da moça que sobrevivia sozinha em Londres desde os quatorze anos.

Acabou a missiva, fechou o envelope e o levou pessoalmente ao serviço de correios do exército. Necessitava que as notícias chegassem logo ao Major-General Michael Shafterbury e esse era o sistema mais seguro e veloz do planeta.

— O que é a tuberculose?

Emily o olhou nos olhos e George deteve o passo. Encontraram-se em Saint James's Park por acaso e tinham decidido dar um passeio juntos. Ela se ofereceu para acompanhá-lo ao seu consultório em Mayfair e ele aceitou, encantado. Tinham passado quinze dias desde a morte de sua mãe e não se tinham voltado a ver.

— Refiro-me ao que acontece ao corpo do doente.

— Essencialmente, a tuberculose é uma doença contagiosa que se transmite pelo ar, por um agente que se chama *Mycobacterium tuberculosis*, ou bacilo do Koch, batizado assim em honra de seu descobridor, um médico prussiano que se chama Robert Koch. O doutor Koch conseguiu isolar esse bacilo, essa bactéria, esse organismo diminuto — disse, tentando explicar o inexplicável a alguém como Emily, conforme pensou — Ataca os pulmões, que infetam e adoecem. Há febre e debilidade. O paciente tosse muito e vai apagando-se, porque os pulmões não funcionam bem. Os pulmões o ajudam a respirar — acrescentou indicando-lhe o centro do peito com o dedo — e se estiverem doentes não funcionam, paralisam-se, você asfixia e morre. É um resumo muito básico dessa doença. Continua a ser estudada, mas é mais ou menos assim.

— Dói?

— Os pacientes referem estar muito cansados, afetados por estados febris, suores e no final da doença, têm dor. Se o ar não entrar nos pulmões, a situação se torna muito angustiosa e muito

dolorosa, mas com a sua mãe, aplacamos a dor com morfina.

— Mas quanto tempo pode ter estado doente? Sofrendo sem dizer nada?

— Meses, anos, nunca saberemos, Emily. Depende da força que ela teria antes de notar os primeiros sintomas da doença.

— Angustia-me pensar que estive sofrendo em silêncio, trabalhando até ao último momento, porque naquela casa jamais se respeitou a saúde ou a vida dos empregados e como tal, ninguém deve ter feito nada para ajudá-la.

— Sinto muito.

— Sinto-me culpada. — Reatou o passeio, enxugando as lágrimas — Se eu tivesse estado com ela, faria algo para ajudá-la, teria obrigado aquela gente a chamar um médico.

— Por que foste embora daquela casa?

George perguntou com total naturalidade, e ela respondeu sem pigarrear.

— Lady Shafterbury me jogou fora por enfrentá-la. Molly precisava de trabalho, eu pedi, negou-se e começou a insultar-me. Só exigi um pouco de respeito para a minha mãe e para mim, mas já sabemos como é. Ficou histérica e me jogou na rua. Mas como diziam todos nas cozinhas, estava previsto. Sempre me odiou.

— Odeia-te? Por quê?

— Não sei, porque, juro por Deus, cresci escondida na área de serviço. Minha pobre mãe me obrigava a estar em silêncio... — Olhou-o de esguelha, sorrindo — Aprendi a ser invisível desde muito pequena. Tudo para não incomodar os senhores da casa, sobretudo lady Rose Shafterbury.

— E nasceste lá?

— Isso foi o que me disseram. A minha mãe chegou da Irlanda aos doze anos para servir na casa como costureira e me teve com dezesseis. Ao que parece, a sua mestria com a agulha a livrou de que a jogassem na rua comigo recém-nascida. Pobre mamãe, não fez mais que sofrer em seus trinta e quatro anos de vida.

— E o que fizeste depois?

— Trabalhei. — Ficou tensa — Winston, Molly e eu somos sócios. Fazemos pequenos negócios e vamos sobrevivendo.

— Foste muito corajosa.

— Não sou a única pessoa que sai adiante por seus próprios meios, doutor, não é para tanto.

— Posso fazer-te uma pergunta pessoal? — Emily assentiu sem olhar — Sabes alguma coisa de teu pai?

— Nada, nem ideia. — Ela não podia nem pensar sobre isso. — Uma vez, Prudence, a governanta, disse-me que me parecia com ele e me contou, em segredo, que minha mãe o tinha amado muito. Não sei nada mais.

— Não gostarias de encontrá-lo?

— A meu pai? — Riu docemente — Essa é a fantasia de todos os órfãos, sabe? Mas acredito que é impossível. Se não deu sinais de vida em dezoito anos, seus motivos terá.

— Deus bendito! Que demônios é aquilo?

George Connaught ouviu os gritos daquele menino e se deteve para ver a capa do Daily Telegraph, que era anunciada no meio da rua.

— Paul Hamilton?

— Como diz?

Emily sentiu que o sangue lhe subia à cara. Os seus joelhos

fraquejaram, mas engoliu em seco e se aproximou para ver a capa do jornal, no qual se podia ler: «O demônio anda à solta», um titular exagerado, mas eficaz.

— Conhece-o?

— Sim, claro. É marido de minha prima Alice. — Comprou o jornal por dois peniques e o leu com a boca aberta — Ao que parece é cá uma figura, não? Pobre Alice.

— Sinto muito por ela.

De soslaio comprovou que uma ilustração muito realista mostrava o cavalheiro, com aspecto de vicioso assassino, entrando em uma espelunca em Whitechappel. Edward Grant fizera bem o seu trabalho, com muitos detalhes e salpicado de um ar dramático do mais suculento possível.

— Deus bendito! É incrível. Suponho que conseguirão provar todas estas acusações.

— Se o publicaram, com certeza que sim — foi a resposta de Emily, que deixou de olhar para o jornal, para observar o rosto formoso e varonil de Connaught concentrado nas letras impressas do Daily Telegraph.

— É grave, muito grave. — Ele levantou os olhos de cor água-marinha e a apanhou olhando-o.

Emily deu um passo atrás e ruborizou até às orelhas.

— Bom, doutor, devo ir, mas antes queria perguntar-lhe quanto lhe devo pela atenção que teve para com a minha mãe, o carro fúnebre e os remédios.

— Nada, por Deus.

— Como nada? Posso pagar...

— Não duvido, mas não me deves nada.

— Co...?

— Salvaste-me a vida, devia-te isso. Agora estamos quites, de acordo? — Interrompeu-a com um amplo sorriso.

— Não diga isso em voz alta, milorde. Muitas pessoas adorariam provar que eu delatei os McGuinness.

— Ah, sim? — Ficou tenso — Ameaçaram-te? Tens problemas por causa daquele incidente?

— Não se preocupe, doutor, sei cuidar bem de mim mesma.

— Perfeito. — Moveu a cabeça, sorrindo — Enfim, não me debes nada. De acordo?

George cuspiu na palma da mão e a ofereceu; ela imitou o gesto e apertou pela primeira vez a seu enorme e cálida mão, ficando com o coração acelerado.

— De acordo. — Emily fez uma pequena reverência e desapareceu no meio do mar de gente.



Dois dias depois que Paul Hamilton fora crucificado pelo Daily Telegraph, o nobre abandonou o Parlamento e anunciou que se retirava para o campo durante uma temporada. A notícia caiu como uma bomba na cidade e a nova presa de Emily, Winston e Molly pagou a suculenta chantagem do trio, chegando a agradecer poder fazê-lo e proteger, dessa forma a sua dissoluta vida.

Não lhes custou nada cobrar o dinheiro e quando se reuniram na pensão para fazer contas, decidiram que já tinham suficientes recursos para se retirarem por um mês, pelo menos e deixar que os lordes do Parlamento fossem meditando sobre o que lhes podia vir a

cair em cima. Molly e Winston viajaram para Brighton para ir escolher o local onde instalariam a sua estalagem e Emily iniciou um novo costume: passear com o doutor George Connaught por Saint James's Park ou Hyde Park quando se encontravam por acaso. Era óbvio que pouca casualidade havia naquilo, porque ela tinha tudo perfeitamente controlado, mas George simulou sempre que os ditos encontros eram fortuitos, embora suspeitasse que ela os provocasse com muita elegância.

Falavam de tudo, especialmente de medicina. Emily tinha uma curiosidade incansável a esse respeito e George lhe contava detalhes sobre os seus pacientes, os casos mais difíceis, de anatomia ou farmacologia. Ela perguntava e escutava com atenção e rápido aprendeu as partes do corpo humano, os nomes de alguns órgãos, músculos e ossos, completamente maravilhada pelo fato de que existissem termos para isso. E quando começou a tomar nota de algumas palavras, George lhe deu de presente um manual básico de medicina, que ela aceitou como se fosse um enorme tesouro.

— Falange distal, falange meia e falange proximal — Emily recitou, tocando o dedo do meio.

George a observava, divertido. Tinham ido tomar chá, a sós, no Grand Hotel e ela tinha chegado empenhada em demonstrar-lhe as suas últimas aprendizagens de aluna aplicada.

— Há vinte e sete ossos na mão, oito no carpo, cinco metacarpianos e quatorze falanges...

— Perfeito. Dá-me a mão. — A segurou e a girou para roçar-lhe a palma com suavidade — Aqui há cinco ossos, um de cada dedo. São ossos metacarpianos, constituem o esqueleto da mão. Alguma vez viste um esqueleto? — Ela negou com a cabeça — Tenho um em

casa, levarei para o consultório para que o estudes, de acordo?

— De acordo.

— Bem.

Seguindo um impulso, George deslizou o polegar com o que segurava a sua fina mão e lhe acariciou a palma com muita familiaridade. Ela acreditou morrer ante o gesto e ficou vermelha como um tomate.

— Tens umas mãos muito bonitas.

— Obrigada.

— Nota-se que sabes bordar.

— Claro, quem não sabe? — respondeu. Retirou a mão e cravou os olhos na mesa.

— Talvez, mas Winston diz que és uma artista com a agulha e que queres abrir o teu próprio negócio.

— Sim, assim é.

— Parece-me uma grande ideia.

— É a mais prática.

— Tenho de ir a Cambridge no próximo fim de semana. Tenho uma reunião com os velhos camaradas. Queres vir? Pensei que talvez gostasses de visitar a Faculdade de Medicina.

— Eu? Sozinhos?

Quase o assassina com o olhar. George se colou à cadeira, sorrindo.

— Há uma pensão muito elegante e decente para senhoritas na cidade. Podes ficar lá e eu, na minha antiga residência universitária, Emily Gardiner. Por Deus!, acreditava que fôssemos amigos e tu és uma moça valente e moderna. Gostarás de ver aquilo, inclusive podemos assistir a uma aula de anatomia. Não era isso o que

querias?

— A sério?

— Claro...

— Não sei.

Era algo completamente inadequado, mas a curiosidade superava o possível dano. Passaram um bom pedaço em silêncio, até que por fim levantou a cabeça e o olhou nos olhos. George Connaught não moveu nem um só músculo da cara ao escutar a sua decisão.

— Está bem, irei. Diz-me a que horas e onde e lá estarei. —
Tinha-o tratado por você pela primeira vez.



Jamais tinha saído de Londres. Em dezoito anos de vida só conhecia a sua cidade e mesmo assim pouco, porque os seus movimentos se tinham circunscrito sempre à zona central e pouco mais, assim que, subir em uma carruagem naquela manhã de sexta-feira para sair da capital a caminho de Cambridge foi, para Emily Gardiner, uma espécie de recompensa por todos os duros anos que tinha suportado no passado. Era um prêmio e se apresentou em Park Lane, bem onde George Connaught lhe tinha dito que estivesse, com meia hora de antecedência.

Usava roupas de viagem, um traje cinzento e levava dois mais na mala, dois chapéus e um par de botas para o campo. Ela costurava e sua roupa era primorosa. Não ficava nada atrás das senhoritas mais elegantes de Londres. Assim, quando o seu amigo se aproximou dela, ele não pôde evitar sentir-se maravilhado por causa

de seu esplêndido aspecto.

— Chegaste cedo — disse, olhando-a de cima abaixo.

O seu cabelo escuro estava penteado com esmero e a encantadora sombrinha negra era perfeita, tal como o corpete bordado do vestido e o tecido forte, mas com movimento, que ressaltava as suas formas femininas e harmoniosas. Era linda e George Connaught teve de engolir em seco e desviar os olhos para o parque para evitar parecer um impertinente.

— Não viajaremos sozinhos, irão conosco o doutor Joseph Lister e a sua esposa.

— Doutor?

— Sim. É um dos cientistas ingleses mais importantes no momento. Desenvolveu a assepsia e a antissepsia, Emily. São dois conceitos que ajudaram muito na cirurgia e na saúde dos pacientes. Mas, enfim, depois te explicarei isso. Disse-lhes que és filha de um grande amigo e que por essa razão, vais comigo a Cambridge. Não quero que haja mal-entendidos.

— Que tipo de mal-entendidos? Obviamente alguém como tu não tem nada a ver com alguém como eu... — Surpreendeu-se até ela mesma ao ouvir-se dizer aquilo, mas o comentário foi espontâneo e quando olhou para os olhos carrancudos de Connaught, compreendeu que estava sendo muito imprudente —. O digo porque é evidente, não acredito que terei de dar explicações.

— Alguém como eu? Queres ofender-me?

— Não, isso jamais. Eu te respeito, doutor.

— Pois soou muito mal.

— És rico, nobre e um bom médico e eu uma garota de East End que sobrevive como pode. O lógico é que fosse tua faxineira,

nem sequer a filha de um teu bom amigo, mas a desculpa me serve. Direi o que quiseres.

— Se dá conta do que está a dizer? És uma classista... — Cravou-lhe os olhos claros e ela bufou, meneando a cabeça.

— George, filho! Que alegria ver-te! — Joseph Lister em pessoa desceu de uma carruagem para saudar Connaught e de passagem, ver de perto aquela doce moça que estava a seu lado — E esta jovem, quem é?

— Emily, Emily Gardiner, Joseph, é a nossa companheira de viagem.

— Encantado, querida, mas vamos, vamos, quero chegar a Cambridge quanto antes.

Emily se sentou em frente a George e junto à mulher do barão Lister durante todo o trajeto. Estava fascinada com o bate-papo que o seu amigo e Lister iniciaram assim que a carruagem avançou e se debateu durante o caminho em observar o entusiasmo nos olhos água-marinha de Connaught e a bonita paisagem que ia passando ante ela, através da janela aberta. A senhora Lister, que tinha aspecto de aprazível avó de contos de fadas, mal lhe dirigiu a palavra e não a interrogou, nem a incomodou minimamente, de modo que, quando por fim chegaram à cidade universitária de Cambridge, uma hora e meia antes do jantar, ela estava com o sorriso perene na cara, contente e relaxada, com o coração cheio de orgulho por George, que sabia tanto e era tão encantador e muito satisfeita por ter desfrutado de uma viagem com pessoas tão interessantes, cultas e agradáveis.

— A senhora Williams se ocupará de todas as tuas necessidades até segunda-feira, Emily. Deixo-te aqui e venho buscar-te dentro de uma hora para irmos jantar.

— Aonde vais?

Emily olhou com desconcerto para o vestíbulo tão elegante da casa e para aquela mulher que a olhava com tanta altivez. George lhe roçou o braço, tranquilizador.

— Aqui ao lado. — Empurrou-a para as escadas da entrada para mostrar-lhe as ruas — Estamos em Rensfield Road, vês? E aquela rua ali é Trumpington. No final é onde fica a minha antiga residência universitária, Peterhouse, depois mostro-ta, vais adorar. Estamos muito perto, mas não te posso alojar lá, porque não admitem senhoritas.

— Bem, obrigada. Não te preocupes, era só curiosidade.

— Venho ter contigo daqui a pouco, então.

— Doutor...

— O quê? — Voltou-se para ela, enquanto colocava o chapéu.

— Obrigada.

— De nada. Eu é que te agradeço por me acompanhares.

Cambridge acabou por ser uma cidade maravilhosa. George Connaught se esforçou para mostrar-lhe os seus segredos, as suas ruas, as suas maravilhas artísticas e a levou à Faculdade de Medicina para que pudesse ver as suas salas de aula e as suas turmas abarrotadas de alunos, todos muito elegantes, aos olhos dela. Eram os jovens mais brilhantes e aplicados da Grã-Bretanha e até mesmo da América, porque muitos viajavam até ali, desde a antiga colônia, para se formarem na sua prestigiosa Faculdade de Medicina.

— Os Laboratórios Cavendish são os mais famosos do país, Emily — disse-lhe diante da Faculdade de Física — Aqui se estudam constantemente os avanços nas mais diversas ciências e são o orgulho para nossa universidade. Sabe quem é Henry Cavendish? —

Ela negou com a cabeça — Procurarei alguns livros para que aprenda sobre ele. Era químico, físico e estudou a densidade da terra... — Calou-se e olhou para os seus olhos negros.

— O que foi?

— É complicado e nem sequer eu posso explicá-lo de forma compreensível.

— Não importa.

— Bom... — Ele lhe ofereceu o braço para continuarem a passear — A Universidade de Cambridge foi fundada no ano 1209 por académicos que chegaram de Oxford...

— Tens um irmão estudando em Oxford, não?

— Sim. Como sabe?

— Winston me disse isso. Chama-se Simon e estuda Direito. — George assentiu, sorrindo — Que sorte poder estudar em um lugar como este!

— É mesmo. Foram os meus melhores anos.

— E por que foste para a Índia?

— Sou o segundo varão da família. O meu pai queria que servisse no exército, e assim que terminei os estudos, tive de partir para o continente, mas não foi tão ruim assim.

— Entraste em combate?

— Sim, mas servi sobretudo como oficial médico e aprendi mais lá, do que em seis anos de estudo. O exército de Sua Majestade conta com os melhores médicos do país, a sério...

— George? George Connaught?

— Deus Santo! David Law. Acreditava que estava na América. — Emily observou em silêncio o abraço sincero dos dois camaradas e esperou pacientemente para ser apresentada — Que bom que estás

por aqui! Queria falar contigo.

— E a dama?

David Law, que era bonito, alto e muito expressivo, olhou para Emily, franzindo o cenho. Sendo a primeira vez que via Connaught de braço dado com uma moça, imaginou que era uma parente ou melhor ainda, a sua prometida.

— A senhorita Gardiner, Emily, é a filha de um bom amigo do exército e lhe estou mostrando a cidade.

— Encantado.

— Igualmente, milorde.

— De milorde, nada, só sou o doutor Law, milady, o orgulhoso filho de um lojista de Liverpool.

Emily lhe deu de presente um enorme sorriso e ambos se olharam nos olhos pouco mais de um segundo, um gesto que não agradou, em nada, ao doutor Connaught, que semicerrou os seus, muito incômodo. «É a saudação de uns iguais» pensou, conhecendo a animosidade que Emily sentia pelos nobres. De repente, sentiu-se alheio a eles, a ela, e aquela situação o magoou especialmente no peito. Deu um passo adiante e agarrou o seu amigo pelo cotovelo.

— Quando podemos conversar? Queria saber a tua opinião relativamente a uma coisa, David.

— Esta noite depois do jantar?

— Perfeito. No Trevo Azul às nove e meia. Está bem para ti?

— Claro. Aonde vão agora?

— Sir Wolfson me deu permissão para assistir à sua aula de anatomia.

— Uma autópsia? A um sábado?

— Sim, tivemos sorte.

— E pretendes levar a dama?

David contemplou os olhos tão escuros da moça e a viu muito serena. Era linda e observava Connaught com uma certa devoção contida, muito enternecedora. Era adorável.

— Foi a isso que viemos. A senhorita Gardiner é uma aficionada muito aplicada do nosso ofício.

— Que raridade! Mas bom, depois me contas o que lhe pareceu. Agora vos deixo para passearem à vossa vontade, tenho uma entrevista no laboratório.

O médico se despediu com uma vênia e eles retornaram à Faculdade de Medicina para conseguir um bom lugar na área pública da sala de aula de anatomia. George procurou uma cadeira discreta e próxima à porta para Emily, e ela se sentou, maravilhada pela enorme sala onde muitos alunos já se encontravam, com as suas casacas e com os seus papéis, prontos a tomar notas. No centro do recinto, que era como um teatro isabelino, e uma enorme mesa coberta de mármore esperava tranquilamente que o professor titular, Wolfson, iniciasse uma autópsia com fins puramente acadêmicos.

— Se te sentires mal, podes sair. Não te sacrifiques em nome da ciência — George lhe disse ao ouvido.

Emily nem olhou para ele. Observava como uns empregados colocavam o cadáver de um homem na mesa e como sir Wolfson e os seus ajudantes se aproximavam dele com instrumentos médicos e uma serra muito grande.

— Emily?

— Sim, sim, não te preocupes — Devolveu-lhe o sorriso e se preparou a ver a aula. Contudo, assim que aquela gente abriu o corpo inerte do indivíduo e o doutor Wolfson introduziu as duas mãos dentro

do peito, teve de voltar-se e abandonar a sala com náuseas. George saiu correndo atrás dela.

— Ah? estás bem?

— Não rias de mim.

— Não rio. — Mas ria, apoiado na parede do corredor, vendo como ela tentava parecer bem — É normal, muitos companheiros meus não suportavam estas aulas. É asqueroso, não tens do que se envergonhar.

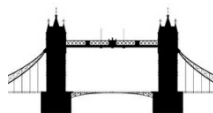
— Cheira muito mal.

— Claro, está morto e conservado em formol.

— Podemos sair daqui, doutor?

Nessa noite o acompanhou ao jantar com os seus amigos e não passou inadvertida. Muita gente a olhava com curiosidade. Era amiga de George Connaught, algo que só por si era insólito e embora ninguém se atrevesse a perguntar a sua origem, todos supuseram que se tratasse de uma dama muito fina, por causa de sua beleza, de suas maneiras e de seu sotaque impecável e ninguém pôde sequer imaginar que tinha passado mais de uma hora diante do espelho mudando de roupa e modificando o seu penteado. Jamais se tinha esmerado tanto em seu aspecto, e quando chegou à recepção em um dos salões do Peterhouse, o fez sentindo-se muito bonita.

George foi galantemente atencioso para com ela e nessa noite, quando a deixou na residência e se despediu com uma discreta vênha, Emily Gardiner desejou, pela primeira vez desde que o conhecia, que ele deixasse de ser um cavalheiro e a beijasse.



— Mãe de Deus! — sussurrou com um enorme sorriso. A seu lado uma presença sigilosa a surpreendeu colando-se a ela.

— Deve ser a primeira mulher que conheço que desfruta com este esporte de selvagens, milady.

— Oh, doutor Law! Bom dia e não sou lady de ninguém, simplesmente Emily.

Voltou a sua atenção para as duas equipes de rugby que se enfrentavam em um jogo amigável no centro daquele gigantesco campo e procurou com os olhos George Connaught, para não perdê-lo de vista.

— Nunca tinha visto um jogo e me parece muito divertido.

— Ele era uma estrela em seus anos universitários e de esgrima, de luta, de boxe, já sabe, o homem perfeito.

— Quem? O doutor?

— Sim, claro.

David Law a observou completamente fascinado por sua beleza tão natural e carente de artifícios e logo seguiu os seus olhos negros, que não se separavam da figura alta e elegante de Connaught.

— Sempre se destacou em tudo, um homem de sorte.

— E você não joga rugby?

— Agora não. Tenho uma lesão de joelho que é melhor cuidar.

— Pois o doutor não queria que viesse ver, mas me aborrecia na residência e com este dia tão maravilhoso, é melhor desfrutá-lo ao ar livre, não acha?

— É óbvio. Conhecem-se há muito tempo?

Na véspera tinha tentado interrogar o seu amigo sobre a moça e sobre a sua relação com ela, mas, como sempre, Connaught se mostrou extremamente prudente em suas respostas.

— Não muito. Ele tem um consultório perto de onde vivo. Atendeu uma amiga minha e também assistiu a minha mãe antes de sua morte, faz pouco mais de um mês. Conhecemo-nos desde dezembro passado, parece-me.

— Sinto muito por sua mãe.

— Obrigada.

— E seu pai é militar?

— Bom... — Fechou os olhos ao ver uma placagem muito violenta contra o seu amigo — Ai, Deus, que dor...!

— Não lhe acontece nada. Está acostumado — Law opinou, vendo como o aludido ficava de pé sorridente — Militar do exército de terra?

— Hmm!, sim — respondeu sem olhá-lo, recordando a mentira que George tinha inventado — Mas não vive na Inglaterra; está na Índia.

— E você se interessa muito por medicina?

— Sim, interesse-me por muitas coisas.

Emily se voltou e lhe cravou os olhos negros. As pernas de David Law tremeram, mas se manteve sereno.

— Não tive a sorte de poder estudar e educar-me, mas tento aprender de tudo um pouco.

— Pois é uma novidade encantadora.

— Encantadora?

Ela franziu o cenho, ficando na defensiva. Odiava aquele tipo de adjetivos referindo-se a uma mulher e menos ainda se essa mulher fosse ela. O doutor Law recuou, um pouco arrependido de seu comentário, mas não pôde argumentar porque George Connaught apareceu a seu lado rapidamente.

— Oh! O que fazes interrogando a minha convidada, David?

— Não a interrogo, estamos conversando. Bom jogo — Ofereceu-lhe a mão, e George devolveu a saudação olhando para a linda Emily Gardiner, vestida de cor-de-rosa pálido — Só conversamos. Onde almoçam?

— Tinha pensado no Harry's, algo típico e buliçoso.

— Pois eu os convido, parece-lhes bem? E assim podemos conversar um pouco sobre o caso de que me falaste. Acredito que tenho uma ideia.

— Perfeito. Vou trocar-me e já volto, de acordo?

Emily assentiu, observando como corria para a residência universitária para trocar-se. Estava vestido para jogar rugby, com calças brancas curtas, até aos joelhos, que deixavam à vista as suas pernas fortes e cobertas por um pelo dourado do mais varonil possível e com a camiseta azul e branca característica da sua universidade. Sem querer suspirou, ao comprovar que o inteligente e brilhante médico era, para além disso, um tipo hábil e com muita energia. «O homem perfeito», como tinha dito David Law apenas alguns minutos antes. Demasiado perfeito.



— Por que não te casaste, doutor?

Na carruagem de volta a Londres, onde viajavam sozinhos, Emily procurou os seus olhos para perguntar. Ele estava a ler o jornal e levantou o olhar água-marinha para ela com surpresa. Não sabia se tinha ouvido bem a pergunta.

— Como?

— Não queres falar da tua vida privada? Achava que éramos amigos, Connaught e você, um homem valente e moderno.

— Parafraseando-me, milady?

— Um pouco, mas diz-me: por que não te casaste?

— Não chegou o momento.

— Mas estiveste comprometido? Disseste isso a Molly uma vez.

— Sim, bom. — Afastou o jornal e acariciou a bochecha, pensativo — Aos dezoito anos me comprometeram com uma prima. Quando acabei o curso, aos vinte e três, fui para a Índia, como já sabes e enquanto eu estava lá, ela se casou com o homem que de verdade lhe interessava.

— Comprometeram-te?

— Um acerto entre famílias. É o normal, não sabes?

— Sim, mas...

— Éramos primos, conhecíamos-nos de toda a vida e ela sempre esteve apaixonada por seu atual marido. Alegrou-me saber que se tenha casado com ele. — Cravou-lhe os olhos azulados e Emily lhe sustentou o olhar — Algo mais?

— Incomodei-te? Sinto muito.

— Não me incomodaste nada. E tu, por que não te casaste?

— Eu? — Bufou, revolvendo-se no assento — Parece-me um muito mau negócio.

— Negócio?

O seu sorriso iluminou a manhã e ele a quis, e esta ergueu os ombros para expor a sua teoria.

— Uma garota como eu pode aspirar a casar-se com um açougueiro, um padeiro, um sapateiro ou, com sorte, um marinheiro mercante. Nos primeiros casos, me matariam de trabalhar no negócio

da família, no último, o meu marido passaria o ano longe de casa com uma noiva em cada porto e em todos, acabaria consumida antes dos trinta anos, carregada de filhos e completamente submetida à autoridade alheia. Prefiro trabalhar para mim, ganhar o meu próprio dinheiro e ter o meu próprio lar.

— Muito lógico, mas por que uma garota como tu só pode aspirar a esse futuro tão negro?

— Não tenho família, nem dinheiro, nem sobrenome. Onde achas que pode chegar alguém como eu?

— Conhecendo-te, onde queiras.

— És muito amável, mas muito ingênuo, doutor.

— Eu acredito firmemente que o trabalho, o talento e a inteligência podem abrir todas as portas.

— Isso mesmo e é por essa razão que guardarei o escasso talento que Deus me deu para mim mesma.

— É uma opção muito inteligente, Emily.

Olhou-a longamente. Ela girou a cabeça e se concentrou na paisagem. Era tão bonita que deixava qualquer um fora de jogo com apenas um olhar e além disso era inteligente, doce e especialmente feminina. Contudo, estava tão ferida e assustada, que uma couraça grossa e impenetrável a rodeava, pondo um imenso muro entre ela e o mundo. Quis aproximar-se e abraçá-la, protegê-la... mas supôs que isso entre eles era um assunto impossível. Baixou os olhos e se concentrou novamente no jornal.

— E esse talento usá-lo-ás em tua loja de costura?

— Isso espero.

— Estupendo.

— Doutor.

— Sim?

— No próximo domingo Molly e Winston vão casar-se em Santa Margarida e...

— Ah! Mas não estão casados? — Interrompeu-a, perplexo. Essa gente mentia mais do que era aceitável, pensou.

— Não. É que depois de atenderes, Molly ficou com vergonha de dizer-te que não era casada.

— Mas vocês tiveram muito tempo para esclarecer-me isso, não?

— Estás zangado?

— Eu não gosto de mentiras. Parecem-me um ato muito desleal.

— Sinto muito.

Calou-se, vermelha como um tomate, e se voltou para embrenhar-se na paisagem com os olhos brilhantes. Estava muito envergonhada e George suspirou antes de falar.

— Está bem, está bem, está tudo bem. O que ias dizer-me?

— Ia convidar-te para as bodas.

— A que horas são?

— Às dez, antes da missa das doze.

— Verei o que posso fazer.

A viagem de Emily Gardiner a Cambridge mudou a sua vida para sempre. «Já não é a mesma», disse Molly assim que a viu chegar a casa naquela segunda-feira, flutuando por entre as nuvens. Vinha emocionada e sorridente e demorou dois dias para contar-lhes os detalhes da experiência, que para ela tinha sido a mais feliz de toda a sua vida. Jamais se tinha sentido tão integrada, aceita e normal como quando esteve entre os amigos e colegas de George Connaught, que ofereciam uma conversa interessante e de uma amabilidade sincera.

Em seu ambiente, Emily se movia como uma estranha. Jamais tinha encontrado alguém com quem conversar de seus interesses e a maior parte do tempo a observavam com desconfiança, por causa de seu aspecto e de sua educação. Em Cambridge, não, ali só tinha sido a acompanhante de um colega, do respeitado e querido George Connaught, o homem mais brilhante e atraente do universo.

— Deitaste-te com ele?

Molly se enrodilhou a seu lado na véspera de suas bodas, uma noite que não queria compartilhar com o seu recém-prometido. Emily tinha voltado fazia cinco dias da sua viagem com o médico e ainda não tinha tido tempo para falar com ela, assim aproveitou a noite para abordá-la sozinha.

— Já não és virgem?

— Claro que sim! Mas que demônios estás a dizer?

— A sério? — Molly se levantou e procurou os seus olhos —

Não posso acreditar isso. Os dois sozinhos e não aconteceu nada? Beijou-te?

— Não!

— Agarrou-te na mão? Disse-te alguma coisa?

— Não! — Sentou-se, indignada — Somos amigos, Molly. Fez-me o favor de mostrar-me a universidade. Ele sabia o quão importante era para mim conhecer aquilo, nada mais. É tão difícil assim de entender?

— Quantos homens te dizem galanteios durante o dia? — Emily abriu muito os olhos e se calou — Dez em dez. E, no entanto, esse doutor não te disse nada? Não tentou nada? Será que não gosta das mulheres? Olha, é provável. Solteiro aos trinta? É estranho, não?

— Molly, às vezes queria matar-te, a sério.

— E o que fizeram?

— Já vos contei.

— Conferência, jantares, passeios e rugby?

— Sim. Boa noite.

Emily desabou no travesseiro com um estranho desgosto no peito. Molly tinha, em parte, razão, obviamente não interessava minimamente a George como mulher e isso doía, muito.

— E tu gostarias de deitar-te com ele?

— Molly!

— Vi como olhas para ele. Jamais te vi olhar para alguém dessa forma e não te culpo, porque o doutor parece um anjo caído do céu. É o homem mais bonito que pisa em East End e Londres, se me apurar. Gostas dele?

— Que mais dá? Para ele sou uma espécie de obra de caridade. Diverte-se ajudando-me e ensinando-me coisas. E agora, toca a

dormir. Amanhã é o teu grande dia.

— Winston diz que as mulheres tão inteligentes como tu afastam os homens, que deverias aprender a ser mais coquete e mais humilde.

— Winston diz isso? É um maldito traidor — brincou, fechando os olhos — Até manhã, Molly.



Molly e Winston disseram “sim, quero” a 20 de maio na igreja de Santa Margarida, com Emily e os Smith como testemunhas. Joe e Faith Smith eram amigos de Winston há muitos anos e nesse domingo se apresentaram muito elegantes para acompanhar o seu amigo em um dia tão especial. Foi uma cerimônia curta, mas muito bonita e embora Emily Gardiner tenha passado toda a cerimônia olhando para a porta, esperando a entrada de George Connaught, chegou a emocionar-se pelas sentidas palavras do sacerdote e pelas lágrimas de sua amiga, que não podia estar mais bonita.

Acabado o enlace se encaminharam para seu *fish&chips* favorito e comeram com brindes e votos de um bom casamento à mistura. Os novos senhores Everhard convidaram generosamente os seus convidados e pela tarde, só com Emily, que parecia ausente e um pouco cansada, compraram um pedaço de bolo, que comeram na intimidade da pensão, com umas boas xícaras de chá, enquanto falavam do futuro e da nova vida que se lhes abria por diante.

— Queremos ir para Brighton em setembro, querida — Molly soltou no fim. Emily levantou os olhos até ela e encolheu os ombros — Já temos o local. Demos um sinal e Winston acredita que o outono

é o melhor momento para iniciar o negócio.

— E é.

— Virás conosco? — Winston olhou para ela, entreabrindo os olhos.

— Eu? Não. Quero o meu negócio em Oxford Street... com sorte, em Piccadilly Street.

— Nós já temos dinheiro para o nosso, mas o teu é mais caro. Se formos...

— Não se preocupem, eu tratarei disso.

— Não acho piada nenhuma deixar-te em Londres, Emily. Somos uma família.

— Molly, querida — disse e estendeu a mão para acariciar-lhe o braço — vocês agora vão formar outra família. Eu irei vê-los, mas fico em Londres.

— Ou seja: temos três meses para dar outros golpes e reunir o teu dinheiro.

Winston ficou de pé e se serviu um copo de cerveja — Junho, julho e agosto. Em meados de setembro quero estar já em Brighton.

— Perfeito. Tenho três candidatos, um para cada mês e já está.

— Você manda.

— Está bem. Mas agora vou para o meu quarto. Estou cansada.

Levantou-se e fez menção de abrir a porta, mas a voz clara de Winston a deixou congelada, com a mão sobre a maçaneta de metal.

— Não vás a Cannon Street, ele não está. Ontem nos vimos no botequim da Lambeth. Foi felicitar-me e deixar um presente para Molly, porque hoje não podia ir à igreja.

— Não pensava sair. — Abriu a porta sem olhá-los.

— Lamento não te ter dito antes. Esqueci-me. Sinto muito que

tenhas passado o dia esperando-o.

— Eu não esperava a ninguém.

— Disse que estava muito ocupado e que lhes mandasse lembranças, às duas. Acredito que será complicado voltar a vê-lo durante o verão. Tem planos.

— Muito bem.

Voltou-se para eles forçando um sorriso.

— Com a família.

— Boa noite.

As lágrimas subiram aos seus olhos sem explicação alguma. Saiu depressa para o corredor, entrou em seu quarto e desabou na cama, chorando como uma madalena.

— Ficou triste — Molly sussurrou, agarrando-se ao braço de seu recente marido.

— É melhor assim, é preciso que dela se afaste quanto antes.

— Por quê?

— Não conheço ninguém melhor para Emily que George Connaught, Molly, mas ela não é para ele. Não é bom que passem tanto tempo juntos, que se iluda com um mundo que não é o dela, ou que saiam em viagem. É muito inapropriado, e ela acabará sofrendo. De fato já sofre, não?

— Mas o doutor te disse alguma coisa? — Molly franziu o cenho, zangada.

— O mesmo que acabo de dizer-te, querida. Ele é um tipo inteligente e acredito que se deu conta de que a estranha amizade que o uniu a Emily Gardiner é inadequada.

— São amigos.

— Não pode haver amizade entre um homem e uma mulher.

— Tu és amigo de Emily.

— Porque te tenho a ti e porque ela é como minha irmã. Mas para os homens do tipo do doutor Connaught, uma moça como Emily acabará convertendo-se em um entretenimento, um capricho...

— Mas o que dizes? — Até mesmo para a ingênua e submissa Molly Graham esse comentário lhe soou mal. Deu-lhe a volta para que a olhasse nos olhos — Esse médico é decente e uma boa pessoa, jamais se aproveitará dela e o mais importante é que ela jamais consentirá que ele se aproveite.

— Ela arrastará um bonde por ele e acabará por ficar para trás e ela não merece. O que achas? Que alguém como o futuro duque de Stevenage vai casar-se com alguém como ela? Como nós? Por Deus, Molly, acorda e deixa já de sonhar, ele é quem é e embora tenha um consultório de caridade em Cannon Street, jamais, ouve bem, jamais poderá fugir ao seu destino.

A casa familiar em Bath era uma das favoritas de George Connaught. Grande, fresca e um sítio perfeito para distrair-se, descansar e pôr um pouco de ordem em sua cabeça.

Decidiu escapar para ali dois minutos depois de despedir-se de Emily Gardiner em Piccadilly Circus, depois de maravilhoso fim de semana em Cambridge, quando olhou para os seus olhos negros e descobriu neles um brilho de afeto que o aterrou. Emily o fascinava, não só por causa de sua beleza e encanto, mas também e sobretudo, por sua vivacidade, por sua inteligência, por sua risada franca e aquele espírito de luta que a fazia única. Era uma mulher extraordinária e por essa mesma razão, não pretendia nem queria machucá-la, defraudá-la e terminar, por sua culpa, com uma amizade como a sua.

Em poucas semanas, tinham desenvolvido uma confiança extraordinária. Desde que Ihe tinha confessado as suas origens, uma de suas inumeráveis barreiras tinha caído e o tinha deixado entrar em sua vida com normalidade. E ele tinha querido entrar, o que sem dúvida tinha sido uma decisão inesperada. Ele jamais se tornara íntimo de seus pacientes ou dos parentes de seus pacientes, não era muito ético. Mas, com ela, não tinha sido nada difícil estabelecer uma amizade e depois de vários encontros, a presença de Emily em sua vida estava a começar a ser imprescindível.

Sentia o pulso acelerar cada vez que entrava em Saint James's Park esperando encontrá-la, ou quando batiam à porta de seu

consultório e lhe anunciavam a sua visita. Iluminava-lhe a vida, era evidente e para o seu próprio bem, o da própria Emily, era melhor que se afastasse dela, porque não queria quebrar-lhe o coração.

Nos seus trinta anos de vida tinha tido relacionamentos sentimentais, muitos e variados e sempre acabavam da mesma forma: amantes despeitadas, chorando e exigindo muito mais do que ele podia oferecer. Não se tinha apaixonado, não tinha nem ideia do que significava amar verdadeiramente alguém e tal feito o convertia, aos olhos de muitos de seus amigos, em uma besta fria e cruel e no fundo de sua alma, não queria que Emily Gardiner acabasse por pensar algo semelhante dele. Preferia manter a amizade, a ternura e os bate-papos, os bons momentos e estacionar, eternamente, a atração que sentia por ela.

Em Cambridge se tinha sentido muito confortável a seu lado, até mesmo orgulhoso de levá-la pelo braço. Era uma companhia única, deliciosa, demasiado boa para ser verdade, então era melhor parar com aquilo, afastar-se de Londres e evitar a Emily Gardiner um sofrimento ainda maior no futuro. Não pretendia convertê-la em sua amante, não era correto e tampouco em sua noiva, portanto, devia afastar-se e deixá-la ir.

A 19 de maio, na véspera das bodas dos Everhard, tinha encontrado Winston no botequim de sempre, em Lambeth. Até mesmo aquele indivíduo direto e rude o tinha advertido para que se afastasse de sua amiga.

— Emily não é como as demais mulheres.

— Eu sei.

— Acho bem, doutor.

Só tinham trocado essas frases e a coisa tinha ficado clara,

devia ser mais prudente e colocar distância entre ele e a moça. George já tinha decidido fazê-lo e por essa razão tinha ido ao botequim, para dizer-lhe isso, de algum jeito. Bastou dizer-lhe que ia embora de Londres por uma temporada, para que o antigo marinheiro entendesse as suas intenções. Depois desse encontro, nessa mesma noite, tinha viajado para Bath e aí se encontrava, desfrutando das delícias daquela vida privilegiada que o rodeava por toda a parte.

— Irmãozinho, o que te aconteceu? Nunca te tinha visto tanto tempo quieto.

— Sophie, como estás? — Esticou a mão e tocou no braço de sua irmã mais querida.

Sophie Dench, a mais recente marquesa de Wight, tinha chegado a Bath com as suas filhas para desfrutar de umas semanas de férias.

— Eu estou bem, e tu? Não estarás apaixonado? — Aproximou-se para olhá-lo nos olhos — Mãe de Deus!, sim estás!

— Não é verdade. Que tolice! Deus me livre! — Pôs-se a rir, meneando a cabeça.

— E em que pensavas?

— Na vida, na medicina.

— A medicina, a medicina... não há nada mais para ti. E quem é ela?

— Quem? — Ficou de pé, sorrindo — Por amor de Deus! Por que não me leva a dar um passeio?

— Quem é?

— Ninguém. Vamos?

— E essa ninguém não será a linda jovem que levou a Cambridge faz três semanas?

— Como dizes?

— Os rumores voam. Encontrei-me com a irmã de Henry Wilkes faz dois dias na cidade.

— Essa senhorita se chama Emily Gardiner e é filha de um amigo. Está interessada em medicina e a convidei para conhecer a minha faculdade.

— Mas Charlotte diz que é linda, que os deixou a todos embevecidos.

— E eu tenho culpa disso?

— O que faz o meu adorável e elegante irmão em Cambridge com uma mulher muito bonita? O que queres que pense?

— Nada, já tens muito em que pensar. É verdade que vais comprometer Madeleine?

— Sim.

— Só tem dez anos.

— Não se casará até aos dezesseis; não sejas desmancha-prazeres. O prometido é Rufus Caldecott, futuro duque de Alvington. É um menino encantador e se dão muito bem.

— Parece-me primitivo e estúpido.

— Quando tiveres filhas, logo me dizes.

— Oh, não! Se tiver filhas, o que eu duvido, não farei jamais semelhante coisa.

— Está bem, está bem, não mudes de assunto. É tua noiva? tua amante?

— Não, Sophie. — Deteve o passeio pelo jardim e olhou para a sua irmã nos olhos — É a filha de um amigo, bonita sim e encantadora também, mas muito longe de minhas possibilidades. Merece alguém muito melhor do que eu. Contente?

— Melhor do que tu? Não há ninguém melhor do que tu.
— Sophie.
— Se pensas isso, é porque te importas.
— Não penso continuar a falar disto.
— Tens assim tanto medo de admitir o que sentes?
— Vou montar um pouco, depois falamos, querida. — Deu-lhe um beijo na bochecha e se voltou para as cavaleiras para afastar-se dela, quase a correr.



Um mês depois da sua inesquecível viagem a Cambridge, Emily Gardiner desabou em um banco da abadia de Westminster, aflita e triste. Olhou para o teto, ajoelhou-se e fechou os olhos, tentando não pensar. Era muito duro pensar ultimamente e a sua cabeça não podia mais dar voltas e voltas aos dias passados com George Connaught, aos seus bate-papos, às suas discussões e ao porquê de seu repentino desaparecimento de Londres.

Como era óbvio, ele não lhe devia qualquer explicação. Ou talvez devesse? Eram amigos, maldição e de repente ia embora sem despedir-se, sem anunciá-lo. O que tinha feito ela? Não a suportava? Não aguentava mais o seu mau gênio, as suas perguntas, a sua presença, cada vez mais constante na vida dele? Certamente tinha acabado sobrecarregando-o, invadindo a sua intimidade, o seu trabalho. Era culpa dela, sabia e pretendia afastar-se de George para sempre, embora o coração lhe doesse demasiado por sua ausência.

Todos os dias acordava cedo a pensar nele. E adormecia a pensar nele. Ia diariamente até ao consultório em Cannon Street e

passava por ali, esperando vê-lo, ainda que fosse às escondidas. Não pretendia cumprimentá-lo, só queria vê-lo, vislumbrar a sua alta e elegante figura, os seus olhos de cor água-marinha. Tinha saudades da sua voz, da sua risada suave, da sua ironia deliciosa, como encolhia os ombros e afagava o cabelo se estava cansado, como olhava para os pacientes semicerrando os olhos antes de tocá-los, como agarrava a bengala e a maleta com a mesma mão e como colocava o elegante chapéu com um movimento gracioso e divertido. Tinha saudades de tudo nele, sentia brutalmente a sua falta e não sabia como devia reorganizar a sua existência desde esse ponto, como deveria continuar a viver sem George Connaught, alguém que, de qualquer maneira, nunca tinha sido dela.

— Olá, preciosidade?

Bob “O *Carvalho*” em pessoa lhe cortou o passo em Whitehall. Emily nem levantou a cabeça e se esquivou sem abrir a boca.

— Quero falar contigo.

— Sobre o quê?

— Sei o que andas a fazer com aqueles ricalhaços. Tu os vigias e nós a ti.

— Não sei do que falas.

— Cuidado, bonita, porque te tenho na mira. Os McGuinness eram bons camaradas e sei que foste tu quem os vendeu ao doutorzinho.

— Eu não fiz nada, não faço nada. Por que não te esqueces de mim?

— Porque eu gosto de ti?

Agarrou-a pela cintura e ela se contorceu, embora fosse impossível afastá-lo. A rua estava repleta de gente, mas ninguém

reparava na sua cara de horror.

— És como uma fruta estranha, rica, doce e viçosa. Eu sou melhor amante do que aquele teu médico. Queres ver?

— Deixa-me em paz!

Deu-lhe um chute e Bob “O *Carvalho*” pôs-se a rir às gargalhadas.

— Tenho-te vigiada, Taylor e se der um passo em falso, vou apanhar-te e então terás de fazer muitas coisas para que não te entregue à polícia.

— Vai à merda.

— Esse Connaught tem bom gosto, sim senhor. Acredito que lhe vou perguntar o que te deu para conseguir meter-se na tua cama. Assim que o vir, vou contar-lhe o que sei de ti e das vontades que me dás. Talvez ele queira conhecer os teus segredos.

— Que medo!

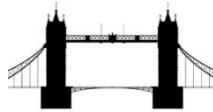
— Ele sabe que sacas dinheiro a velhos indefesos como àquele pobre lorde Sloane? Ou que roubas e trapaceias em Piccadilly e Westminster? Ele acha que vives de quê? Das tuas rendas?

— Deixa Connaught em paz, Bob. Ele não tem nada a ver com isto.

— Ele é o teu ponto fraco, ah? — Afastou-se dela sorrindo-lhe com ironia — Eu sabia que algum dia ainda havia de apanhar-te em falso.

Os joelhos de Emily Gardiner tremiam. Encostou-se a uma vedação e respirou fundo, tentando parecer serena. Deviam ter mais cuidado com o Bob “O *Carvalho*” e com a sua gente, deviam redobrar a vigilância e sobretudo, deviam mantê-lo afastado de George. Ele não sabia nada da sua vida, do seu «trabalho», embora tivesse

perguntado muitas vezes sobre os seus negócios com Winston, eles tinham omitido a verdade e estava certa de que podia suportar tudo, qualquer coisa, menos que George Connaught conhecesse a sua verdadeira ocupação.



— O que queres fazer?

— Têm dinheiro suficiente para abrir a estalagem?

— Sim.

Winston a observou, acariciando a barba. Nessa tarde Emily tinha chegado branca como papel a casa, assustada e inquieta, e depois de contar-lhes sobre o encontro com Bob “O *Carvalho*” continuava sem compreender o porquê de tanto alvoroço.

— Mas o que te disse? Nunca tiveste medo desse imbecil, Emily. Tu e eu já lhe demos vinte mil voltas...

— Não sei. Voltou a falar dos McGuinness. Querem vingança. Podem denunciar-nos como eu fiz com eles e mandar-nos diretamente para a prisão. Estivemos a extorquir membros do Parlamento, nada menos.

— Está bem, tomaremos cuidado.

— Estamos a ser vigiados.

— Falta-nos aquele tipo, o escocês. Tiramos-lhe a massa e abandonamos isto para sempre ou por uma longa temporada.

— De acordo.

— E o que vais fazer? Ainda não chega para o que querias.

— Vi um lugarzinho em Regent Street. É pequeno, mas posso viver nele e começar a costurar.

— Viver lá?

— Não serei a primeira que o faz. Se conseguir trabalhar um pouco, poderei pagar o aluguel. Preferiria Piccadilly Street, mas, para agora, serve bem e me afastarei um pouco de toda esta merda.

Emily ficou de pé e afastou o cabelo. Sentia-se verdadeiramente mal, preocupada e confusa. Precisava descansar.

— Mas Brighton é longe. Vem conosco, lá as mulheres também se vestem, sabes?

— Mas não têm tanto dinheiro como as de Londres.

Nessa tarde se deitou depois do chá e dormiu quatorze horas seguidas. Uma infusão preparada pela proprietária da pensão ajudou e pela primeira vez em um mês, caiu como morta na cama. Na manhã seguinte, quando se levantou, muito cedo, sentia-se estranhamente melhor. Decidiu que a única coisa a fazer, para evitar o desastre total no que a George Connaught dizia respeito, era manter-se muito longe dele. Não o voltaria a ver e desse modo, Bob “*O Carvalho*” não teria maneira de machucá-la.

Vestiu-se de luto e saiu em direção ao Parlamento com o envelope preparado para Andrew McFadden. Esse nobre escocês era um crápula muito cuidadoso e era amigo pessoal da rainha. Era um esbanjador e um jogador contumaz, definhava todas as noites nas casas de ópio e mantinha duas ou três prostitutas em Whitechapel, uma joia para qualquer extorsionário.

Chegou às Casas do Parlamento às nove da manhã e entregou a missiva no registro de entrada. Quando se virou para voltar para Charing Cross viu, a uma certa distância, George Connaught conversando com dois homens mais velhos. Um deles, com o cabelo branco e os olhos verdes, era o seu pai, era óbvio — eram muito

parecidos — e o outro, igualmente elegante e distinto, era Andrew McFadden, a sua vítima potencial. Baixou os olhos e se afastou discretamente, caminhou devagar em sentido contrário ao grupo, mas não pôde passar longe deles o bastante para deixar de ouvir o seu animado bate-papo.

— Bath é encantador, mas muito aborrecido — estava dizendo o duque de Stevenage ao seu amigo — George e eu nos aborrecemos terrivelmente lá.

— Qualquer lugar é melhor que esta cidade de loucos, Daniel.

— Eu tenho trabalho a fazer, cavalheiros. Devo ir.

Emily observou como o médico se despedia para perder-se por Whitehall e ela saiu atrás com passo firme. Não queria forçar a sua amizade, mas precisava saudá-lo, olhá-lo nos olhos, nem que fosse pela última vez. O coração acelerou o suficiente para fazê-la esquecer as suas intenções de afastar-se dele, as semanas de espera e o seu aborrecimento e quando, por fim, o alcançou na Strand, já estava sem o véu e com as bochechas avermelhadas.

— Bom dia.

— Bom dia. — Voltou-se para ela sem tirar o chapéu e mal esboçou um sorriso — Que surpresa! Como está?

— Eu bem, obrigada. E você? Onde esteve?

— De férias.

Reatou a marcha e ela ficou a seu lado.

— Achei estranho teres ido sem se despedir.

— Por quê?

— Não sei. — Ruborizou até às orelhas e quis sair correndo, mas engoliu em seco e continuou a andar — Achava que éramos amigos.

— Estou com um pouco depressa, Emily. Gostei muito de ver-te, mas tenho de despedir-me agora.

George se deteve e lhe cravou os olhos de cor água-marinha. Sentia-se o mais miserável dos mortais porque ela parecia muito desconcertada.

— Claro. Eu... — Os seus olhos se encheram de lágrimas e foi incapaz de olhá-lo no rosto — Sinto muito. Adeus.

Virou-se rapidamente e voltou sobre os seus passos com o coração apertado. Caminhou com as costas retas e a bom ritmo, até que calculou que ele já não podia vê-la. Então, pôs-se a correr como se fugisse do próprio diabo, envergonhada, confusa e jurou a si mesma que jamais, em toda a sua vida, voltaria a dirigir-lhe a palavra.

A 15 de julho, aniversário de sua irmã Amanda, George se levantou cedo para ir ao seu treino de esgrima e depois se meteu em seu quarto a tomar o café da manhã. Como vinha fazendo todos os dias nas últimas três semanas, pensou em Emily Gardiner e em seus assustados olhos negros, em sua confusão, no tremor de seu queixo e da sua fria despedida na rua Strand. «Melhor assim», repetiu para si mesmo uma vez mais, tomando um sorvo de chá, era melhor que ficasse zangada e se afastasse dele, caso contrário, estava certo que acabaria por machucá-la muito mais, conhecia-se bem, tinha experiência e embora tivesse sido um pouco cruel, preferia que ela o odiasse a que acabasse confundindo os seus sentimentos.

Só lamentava uma coisa: que ela se reafirmasse nessa sua obsessão de não confiar nas pessoas. Por desgracia tinha confiado nele e o desenvolvimento dos acontecimentos o tinha levado a virar as costas a essa confiança, à amizade que lhe tinha devotado, mas Emily acabaria por entender isso e perdoá-lo. Além disso, parecia preferível que uma menina só e assustada, como Emily continuasse a não confiar em ninguém, provavelmente era o mais seguro.

— Milorde.

— Sim, Jonathan. — Olhou para o mordomo e o animou a falar.

— Tem visitas, milorde.

— Quem?

Afastou o jornal e temeu que se tratasse de Emily Gardiner. Na semana anterior se tinha apresentado no consultório e ele se negara,

usando para isso a senhora Adams, a recebê-la, e era muito provável que se atrevesse a ir até à sua própria casa para que a recebesse.

— O barão de Wisley, milorde, lorde Michael Shafterbury.

— O quê?

Colocou a casaca e desceu correndo até ao vestíbulo. Entrou apressadamente e parou em seco ao reconhecer a figura esbelta e elegante de seu amigo. Michael Shafterbury se virou para ele e se aproximou para dar-lhe um grande abraço.

— Onde está a minha filha? — Foi a primeira coisa que disse, assim que acabaram as saudações da praxe.

— Portanto, é tua filha?

— Sim, a mãe dela ... — engoliu em seco — Katherine e eu estivemos juntos quando não éramos mais que meninos. A minha família me desterrou quando ficou grávida e só tive notícias delas quando me mandaste aquela carta, uma carta que agradecerei durante toda a vida, George.

— Ela, Emily, não sabe de nada. Fiz por iniciativa própria.

— Acho estranho que não saiba nada de mim. O meu irmão, Arthur, prometeu-me que cuidariam dela, que... Maldição! nem o meu irmão, nem a minha cunhada conseguem dar-me explicações.

— Vive sozinha desde os quatorze anos. Conseguiu desenrascar-se, porque os milagres existem, Michael. A tua cunhada a jogou na rua e a mãe dela morreu de tuberculose, sem receber os mínimos cuidados médicos.

— Não posso acreditar nisso. — Michael Shafterbury se sentou em uma cadeira e escondeu a cabeça entre as mãos — Mande dinheiro todos os meses, desde há dezoito anos, para elas, para que educassem a pequena e pudessem viver com um pouco de folga. É

minha filha, George.

— Asseguro-te que nada disso se respeitou. Sabe ler e escrever porque é muito inteligente e esperta, mas foi apenas mais uma serviçal em casa de teu irmão.

— Merda! Matarei aqueles miseráveis.

— Sinto muito, amigo.

— A primeira coisa a fazer é ver Emily. Podes levar-me até ela?

— Bom, hoje é o aniversário da Amanda, a minha irmã. Estão prestes a chegar para o almoço. Se quiseres comemos alguma coisa, acalmamo-nos, e depois tentamos dar com ela.

— Não, George. Diz-me ao menos onde vive.

— Não sei. É muito discreta e nunca me disse onde é a sua casa.

Afastou o cabelo, confuso. A verdade era que não tinha nem ideia de onde encontrar Emily Gardiner e isso lhe pareceu, de repente, muito estranho.

— Mas como...? — Ficou de pé e o olhou nos olhos, com os mesmos olhos negros de sua filha — Onde a costumavas ver? Como...?

— Já te disse que a conheci no consultório. Ela e os seus amigos vivem perto de East End, mas sempre nos vimos no parque, no meu consultório ou na rua.

— Em East End? — Agarrou o chapéu e lhe deu um tapinha nas costas — Obrigado, companheiro. Irei vadiar um pouco. Não sei como darei com ela, mas...

— Darás com ela — interrompeu-o, chamando o mordomo com a mão — Ela se destaca no meio da rua, é muito elegante e é igual a ti. Prepara-te para te olhares ao espelho.

— A sério?

— Sim. Jonathan, por favor. — O mordomo o olhou com os ombros muito retos — Diz a Roger que desça o meu chapéu e a minha bengala. Vou sair por um momento.

— Sim, milorde, mas o almoço...

— Não sentirão a minha falta. Não te preocupes, velho amigo.

«Encontrar uma filha, depois de dezoito anos, é mais importante que qualquer aniversário», decidiu e saiu à rua para acompanhar Michael Shafterbury, que parecia esgotado. Deu-lhe um tapinha nas costas e lhe prometeu que dariam com Emily, embora não estivesse certo de como o conseguiriam.

— Não sei onde está.

Winston Everhard olhou com os olhos abertos como pratos para aquele indivíduo tão alto e elegante como George Connaught, quando ambos apareceram no botequim de sempre. A semelhança entre aquele cavalheiro e a sua amiga era extraordinária, mas se calou, esperando até saber o porquê de a procurarem.

— Não sabes? Procurámo-la durante todo o dia. O meu amigo, Michael Shafterbury — disse o médico, apresentando-lhe o seu camarada — acaba de chegar da Índia. Mal dormiu e só queremos falar com ela.

— Sinto muito por ele, mas não sei onde Emily está.

— Mas como é possível? George diz que você é como a sua família.

— Se quiser saber de Emily, diga-me o porquê e quando a vir, comunicarei.

— Não, não se trata disso. Olhe...

— Um momento. — George ficou diante de Everhard bastante sério e fez calar Michael com um gesto — Winston, sei que proteges

Emily. E que vivem na defensiva. Não entendo o motivo, mas respeito e te asseguro que isto não tem nada de perigoso. Lorde Shafterbury só quer falar com ela e te dou a minha palavra de honra de que não é nada de mal, nem...

— Shafterbury? — Everhard repetiu com ironia — De onde é que conheço esse nome? Ah, já sei! É daquela gente que a minha amiga odeia com toda a alma.

— Bem — disse lorde Shafterbury, que soltou um bufido de resignação — ela tem todo o direito de odiar a minha família, mas estou a procurá-la para dar-lhe algumas explicações. Estou alojado no Grand Hotel, em Piccadilly. Já sabe o meu nome. Peço-lhe, senhor Everhard, que vá ter com Emily Gardiner e lhe diga que estou à procura dela. Agradecer-lhe-ia muitíssimo.

Winston lhe devolveu o aperto de mão e esperou que os dois nobres e ricos cavalheiros, vestidos com elegância e primor, abandonassem o botequim, depois, desabou em uma banquetta e meditou sobre o que acabava de acontecer. Emily o tinha feito jurar, fazia apenas uma semana, que jamais diria a George Connaught onde ou como estava. Ela tinha fechado, para sempre, a porta a essa amizade e não queria voltar a ouvir falar desse indivíduo.

Molly lhe tinha contado que Emily, em um último intento de aproximação a George, tinha-se apresentado no seu consultório para devolver-lhe uns livros e, de passagem, conversar com ele, contudo, o doutor se negara a atendê-la e essa tinha sido a última gota para uma Emily que, depois disso, tinha-se tornado em um fantasma. Passava os dias fechada em casa, a chorar, e nem sequer queria falar com Molly. Tinha o coração quebrado, como eles tinham temido há já bastante tempo, e lhe tinha jurado que jamais conviveria

novamente com Connaught, e muito menos falar-lhe dela ou dizer-lhe o seu paradeiro.

Ele era um homem de palavra e leal e por Emily faria qualquer coisa. Por essa razão, não lhes tinha dito nada sobre onde estava, nem a Connaught, nem ao seu amigo, que parecia um parente próximo da moça, mas os motivos que ambos tinham para encontrar Emily Gardiner pareciam-lhe muito importantes. Então, devia decidir se dava ou não o recado que lhe tinha solicitado aquele elegante lorde Michael Shafterbury com tanta amabilidade.



— Hoje falei com George Connaught — soltou à hora de jantar.

Tinha comprado comida preparada na rua para convidá-la para jantar com eles e Emily ficou com a colher a meio caminho da boca ao ouvir aquilo. Winston pigarreou.

— Veio procurar-me, no botequim, acompanhado de um homem, um tal Michael Shafterbury, perguntavam por ti.

— Michael Shafterbury? Por mim?

— Sim. Disse que queria esclarecer algumas coisas.

— O doutor?

— Não, Michael Shafterbury, um tipo muito amável.

— Deve ser parente daquela gente de Kensington. Que demônios poderá querer de mim? Talvez ache que lhes roubei alguma coisa.

— Não acredito que seja isso.

— Não me interessa, obrigada.

— Não lhe disse onde tu estavas. Não te preocupes.

— Obrigada, Winston. Sei que posso confiar em ti.

— E o que pode querer esse homem tão elegante? Winston diz que era muito elegante e esbelto — Molly sussurrou, ante a cara torcida de sua amiga.

— O que importa isso? deve querer reclamar de alguma coisa, ou sei lá eu... — Ergueu-se e alisou a saia do vestido — Sinto muito, meninos, fiquei sem fome. Acho que vou dormir, mas obrigada pelo jantar.

— Talvez queira dar-te alguma coisa. Parece rico e agradável, não sentes curiosidade?

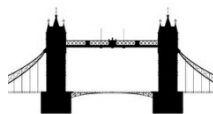
— Olha, Molly, esses ricos são todos iguais e só podem trazer problemas, acredita em mim, conheço-os. Cresci com eles, e não há nem um que seja decente ou tenha bom coração. Alguma coisa querera de mim e não estou disposta a perder o meu tempo com alguém como ele, nunca mais.

— Emily...

A jovem saiu com grandes passos a caminho de seu quarto e fechou a porta. Molly se voltou e olhou para o seu marido com lágrimas nos olhos.

— Até podes dizer, meu amor, que o doutor lhe fez um favor afastando-se dela, mas nunca a vi tão triste.

— Isso lhe passa. Fica tranquila.



Emily se atirou na cama e sentiu como as suas lágrimas empapavam em um instante o travesseiro. Chorava há tantos dias que já tinha perdido a conta e se zangou consigo mesma por

continuar com a mesma atitude, uma e outra vez. Deitou-se, tapou-se com a manta e se recordou da cara da senhora Adams quando ela tinha aparecido, foi tão estúpido da parte dela, em Cannon Street com três livros de George Connaught na mão.

A sua intenção era vê-lo, porque não suportava, nem só mais um dia, a angústia e o buraco no peito que lá se tinha instalado, porque não o vi. Sentia falta dele, precisava de respostas, o porquê daquela atitude para com ela, saber o que tinha feito de mal, por que estava zangado e se mostrava distante, e alguma coisa ela tinha de fazer, por essa razão, naquela manhã, tinha-se vestido e inventou a desculpa dos ditosos livros emprestados para bater à porta do consultório.

— Sim?

— Bom dia, senhora Adams. O doutor está? Queria devolver-lhe estes livros.

— Dê-me, senhorita. O doutor ordenou que não o interrompessem, está costurando uma ferida muito grave.

— Ah, sim?

— Sim. Um dos estivadores do porto chegou com o dedo quase pendurado. O doutor Connaught está costurando-o — comentou a mulher com orgulho —, depois dou-lhos.

— Poderia dizer-lhe que estou aqui? Talvez me deixe observar a operação.

— Não acredito.

— Já o fez outras vezes, sabe que me interessa.

— Não.

— Por favor. — Colou-se ao chão, com muito mau modo se a senhora Adams optou por subir ao consultório sem pigarrear.

— Diz que sente muito, mas que não pode atendê-la. — A mulher voltou quase em seguida, e Emily franziu o cenho — Diz que está trabalhando.

— Disse-lhe que...?

— Sim e ele disse que desta vez não, que não pode ser e que agradece por ter trazido os livros.

— Muito bem, obrigada.

— Adeus.

Depois daquele mau momento, jurou, diante da tumba de sua mãe, que jamais, em circunstância alguma, voltaria a procurá-lo. Não tentaria encontrar respostas, nem explicações, já tinha percebido muito bem que não queria vê-la, que se tinha livrado dela e que, por mais que quisesse saber, jamais saberia que coisa tão grave assim tinha acontecido entre eles para que a afastasse daquele modo. Essas explicações guardá-las-ia ele para as pessoas que lhe importavam e não para uma pobre moça da rua, ignorante e sem nome, que o admirava como a um deus.



— Emily.

— O quê?

Sobressaltou-se e ficou em guarda. Estava no cemitério a meio da semana, ao meio-dia, só e tranquila, quando a voz de George Connaught a tirou de seu ensimesmamento de forma brusca.

— Sinto muito interromper. Sinto muito, a sério, mas...

Aquilo era demasiado brusco, no entanto, tinham tido êxito. Depois de dois dias de busca, por fim, tinha-lhe ocorrido uma boa

ideia: o cemitério. Ele sabia perfeitamente onde estava a tumba de Katie Gardiner e tinham ido ali como último recurso.

— Preciso apresentar-te a uma pessoa.

— A quem?

— A um bom amigo.

— Não estou interessada. Obrigada.

Levantou-se de onde estava, alisou o vestido e iniciou a marcha em sentido contrário ao de Connaught. Tinha o coração na garganta e a emoção lhe invadiu imediatamente a corrente sanguínea, mas devia manter-se firme e evitar aquele homem. Não sabia por que demônios procurava agora por ela, mas era seguro que não se tratava de nada generoso e agradável, então seria melhor virar-lhe as costas.

— Emily.

Michael Shafterbury ficou perplexo ao vê-la. A moça era sua filha, não tinha a menor dúvida e tinha o porte e a elegância de sua avó, Anne Shafterbury, duquesa de Monmouth, a mãe de Michael. O cabelo escuro, a pele clara e aqueles olhos negro azeviche enormes e inteligentes. Os joelhos lhe falharam, mas deu um passo em frente e a deteve no meio das tumbas, com o chapéu na mão.

— Emily.

— Quem é você? — Olhou para as suas costas e viu o doutor a uns metros, que os observava sem intervir — O que quer?

— Meu nome é Michael Shafterbury. Eu, bom...

Aquilo era o mais difícil que tinha feito em toda a sua vida. Nem os seus anos de serviço na Índia, nem as conspirações de sua própria família quando era jovem, nem o abandono de Katie Gardiner, quando não era mais do que uma linda e assustada e triste menina tinham comparação.

— Eu, eu conhecia a sua mãe. Katie e eu...

— Pois aí tem a sua tumba, pode deixar-lhe flores, se quiser. —
Moveu-se para o lado e continuou o seu caminho.

— Não, espera!

— O que foi?! — Emily se voltou, indignada — O que pode querer um Shafterbury de alguém como eu? ah?! Que demônios quer?

— Conhecer-te.

— E isso porquê? Devo-lhe alguma coisa? Acredita que trouxe alguma coisa de sua casa? Acredita que o cemitério é um bom lugar para abordar alguém desta forma?

— Não, é óbvio que não, mas não sabíamos onde encontrar-te.

— Olhe, Shafterbury, diga-me o que quer de uma maldita vez. Tenho de ir. As pessoas como eu trabalham, sabe?

— Sou teu pai. — Soltou-o de repente, não era daquela maneira que tinha planeado fazê-lo, mas ela não lhe tinha deixado outra opção.

— O quê?

O golpe foi certo, no centro do peito, pestanejou e olhou com curiosidade para os olhos daquele homem, que se pareciam tanto com os seus. Deu um passo atrás e se agarrou à figura de um anjo que adornada um enorme mausoléu.

— Lamento ter de que dizer isto assim, mas é evidente que não quer escutar-me.

— Isso não pode ser verdade.

— Claro que sim. Juro-o pela memória da tua mãe.

— Deixe a minha mãe em paz.

— Nós nos amávamos. Ela foi o grande amor de minha vida e

tive de...

— Abandoná-la?

— Sim.

Baixou a cabeça, derrotado. As lágrimas não o deixavam falar. Emily Gardiner o observou de cima abaixo e teve de reconhecer que aquele homem lhe era tremendamente familiar. Tinha os seus olhos e o seu cabelo escuro e tremeu ante a evidência.

— Éramos apenas crianças e a minha família me obrigou a deixar a Inglaterra. Estou há dezoito anos na Índia e sempre acreditei que eles cuidavam de vocês.

— A minha mãe era só empregada deles e eu, também.

— Agora sei.

— Um pouco tarde. — Engoliu em seco e olhou de esguelha para George Connaught, que os continuava a observar sem mover-se

— Não sei a que vem isto agora. Se queria sossegar a sua consciência, pois já está, já sei. Adeus.

— Preciso dar-te uma explicação.

— Não é preciso. A ela — disse, e indicou a tumba de sua mãe com a cabeça — talvez lhe importassem as suas explicações, mas a mim não, Shafterbury, assim já pode seguir com a sua vida em paz.

— Emily.

Agarrou-a pelo braço e ela se revirou, indignada.

— Não me toque!

— És minha filha. Não posso continuar com a minha vida como até agora e tu, tampouco.

— Fez durante muito tempo e a que vem isto agora, ah? Não me interessam nem você, nem as suas explicações. Jamais tive um pai e agora tampouco quero ter um. Não preciso de ninguém, de ninguém,

ouviu-me? Estou acostumada a não importar para ninguém, posso continuar com a minha vida como até agora. Você... faça o mesmo.

Afastou-se bruscamente de Michael Shafterbury, aguentando as lágrimas. Caminhou rígida como um pau para a saída do cemitério e assim que chegou à rua, chamou um carro de aluguel que a levou para longe dali, daquele tipo e já agora, de George Connaught, que evidentemente algum papel desempenhara em todo aquele desatino.

— Sinto muito, Michael. Já te tinha dito que era uma moça com muito caráter. — George se aproximou de seu desconsolado amigo e lhe pôs uma mão no ombro — Dá-lhe tempo para que assimile. É uma boa garota, mas vive na defensiva.

— Está em seu direito, abandonei-a, a ela e a Katie. George, sou um maldito covarde. Quem quereria um pai como eu?

— Emily Gardiner é a garota mais solitária que conheço. Estou certo de que quer e precisa um pai como você, Michael, dá-lhe um pouco de tempo.



— Sempre soube que tinha de ser nobre, basta olhar para ti. — Winston olhava para Emily, que chorava nos braços de Molly, depois de ter-lhes contado o estranho encontro no cemitério — E te pareces muito com aquele tipo, não podes negar.

— Mas que demônios quer agora? Do que me serve, ah?

— Talvez queira explicar-se.

— Lavar a sua consciência e destroçar-me a vida um pouco mais, isso é o que ele quer.

— Eu ouviria o que tem para dizer. Sempre te queixaste de que

a tua mãe não te dizia nada, se ele quer falar, deixa-o. — Molly lhe acariciou o cabelo e procurou os seus olhos — Não queres saber o que aconteceu?

— O que aconteceu? Pois o de sempre: o mocinho se enrabichou pela jovem servente, deixou-a grávida e depois do bem-bom, largou-a e se esqueceu dela. Isso foi o que aconteceu. Que mais é que pode explicar-me? É a história mais velha do mundo.

— Um mocinho que faz isso, não volta dezoito anos depois para abordar a sua filha e revelar a sua identidade — Winston opinou com bom senso — Por alguma coisa está aqui. O doutor me disse que vinha da Índia. Se fez uma viagem tão longa é porque se importa.

— E que demônios faz o doutor no meio de tudo isto?

— Não sei. Parece que eram camaradas.

— À merda com ele também! — Levantou-se para fugir para o seu quarto — À merda toda essa maldita gente! Não quero saber nada deles, de nenhum, ouviram bem?



— Doze mil libras? Tu sabes quanto é isso?

Arthur Shafterbury, duque de Monmouth, ficou de pé, indignado e caminhou para o seu irmão mais novo com o dedo em riste.

— Estás louco.

— Isso é o que a tua mulher me roubou durante dezoito anos, até me deve mais, mas com as doze mil ficamos quites.

— Roubou?

— Sim, Arthur, a tua maldita mulher me roubou, a mim e à minha filha.

O militar se levantou e encarou Arthur do seu metro e oitenta e cinco de altura. O duque de Monmouth retrocedeu um passo e passou a mão pela cara.

— Mandeí religiosamente o acordado para o sustento da mãe de minha filha e da menina e agora sei que ambas foram tratadas como serviçais, em minha própria casa, a casa de meus pais. Onde demônios está a honra e a palavra, Arthur? Diz-me!

— Eu não sabia de nada.

— Isso não te exime das tuas responsabilidades e não me mintas. Claro que sabias! Estavas lá quando o nosso pai me disse que se eu fosse para a Índia, em troca, a família se encarregaria de Katie e da menina.

— Não sei, não sei. Rose...

— Rose é uma maldita ladra, mentirosa, cruel e invejosa, sempre foi.

— Não fales assim de mi...

— O quê? Não te lembras do que aconteceu entre nós? Tenho todo o direito de tratá-la como quiser. Conheço a tua esposa, Arthur, talvez até melhor do que tu.

— Bom, bom. — O duque de Monmouth desabou em uma poltrona, com a mão no peito — Não falemos agora de velhas rixas, por Deus...

— Como não? Não te dás conta do que fez? De verdade que nenhuma vez pensaste que a tua sobrinha era criada às escondida entre os serviçais? Que nunca ninguém procurou dar-lhe uma educação ou um trato adequado? Que a mãe dela acabava com os olhos e com as mãos costurando para a odiosa da tua mulher? Que morreu aos trinta e quatro anos vítima da tuberculose por não ter

recebido atenção médica?

— Isso é mentira...

Rose Shafterbury, que ouvia a discussão atrás da porta, não aguentou mais e entrou na biblioteca com as costas retas e ar ofendido.

— O meu médico a viu e...

— Cala-te, Rose! Não te atrevas a dirigir-me a palavra!

— Mas é verdade. O doutor Ferguson...

— George Connaught diz que morreu por falta de atenção médica, porque ele chegou tarde para poder fazer alguma coisa e o fez, porque a minha filha lhe pediu que viesse, porque ela insistiu, embora tu não quisesses, nem sequer, deixá-la entrar.

— Isso é mentira. Essa moça sempre foi uma mentirosa.

— Não fales assim da minha filha!

Michael estava tão zangado que não respondia pelos seus atos. Caminhou para aquela insuportável mulher e esteve quase a esbofeteá-la, mas, um último raio de lucidez, deteve-o a tempo.

— Há testemunhas, muita gente que te odeia e esteve disposta a contar-me o que aconteceu e não só naquele dia, não. Sei muito bem o que aconteceu desde que tive de ir e deixar Katie só e nas mãos de gente como vocês.

— Quisemos ajudá-la. Ela trabalhou com gosto, amava o seu trabalho.

— Cala-te! Cala-te! Arthur diz a essa bruxa que saia da minha presença ou acabarei matando-a.

— Rose, já ouviste. Vai-te daqui.

— Mas mentem. A menina foi criada aqui e...

— Entre os serviçais? Mendigando as tuas sobras? Desprezada

pelos de seu próprio sangue? Parece-te bem, Rose? Conseguias dormir tranquila com esse peso na consciência?

— Katie sempre quis mantê-la afastada.

— Não fales em Katie! Não te atrevas! Tu não és ninguém, nunca foste, jamais chegaste sequer à sola do seu sapato. Por isso a odiavas, a invejava e te dedicaste a desprezá-la por toda a sua vida. A única coisa que lamento é não ter sabido antes, estar tão cego e enganado, mas já despertei e juro por Deus que pagarás por isso, entendeu? Pagará pelos teus pecados, velha bruxa amargurada.

— Arthur!

Rose Shafterbury olhou para o seu marido, com olhos desesperados, mas o duque nem se moveu.

— Agora sei que ela continuou aqui porque a ameaçou tirara sua filha, mandando-a para um orfanato. Disseram-me isso muitas pessoas do serviço e tanta gente não pode mentir. Agora sei que aguentou o que foi preciso para proteger a menina e eu sem saber, eu pensando que tudo estava bem como me dizias em tuas cartas, Rose. Mentiu em tudo e agora não suporto sequer olhar para você, não se dá conta?

— Ela alguma vez se queixou, não, pois não? Nunca te disse nada, tão mal não estariam.

— Katie não sabia ler, nem escrever. Como demônios ia se pôr em contato comigo? — Deu-lhe as costas — És uma imbecil, malvada e mal-intencionada e além disso, uma idiota. Sai de minha vista.

— Arthur!

— Vai-te daqui, Rose! Enganou-me e puseste a minha honra em causa. Sai da minha vista. Fora daqui, mulher! — O duque se

levantou e a empurrou para o corredor, ali a sua filha mais nova, Rosemund, esperava a sua mãe, pálida como papel — Sai de minha vista por uma temporada, ou acabarei matando-a às pauladas.

— Arthur!

A mulher queria confrontar o seu marido, mas Monmouth lhe fechou a porta na cara de tal maneira, que retumbaram as paredes de toda a casa. Voltou-se para o seu irmão e o olhou aos olhos.

— Sinto muito, Michael, sinceramente, sinto muito. O meu pecado foi esquecer-me do assunto. Acredito que nos quatorze anos que a mocinha viveu aqui não a vi mais de duas ou três vezes. Sempre estava na área de serviço, não sei nem como é e Katie... ela era muito discreta. Suponho que o meu pecado foi não saber o que acontecia na minha própria casa. Sinto muito e se quiseres que me desculpe pessoalmente com a tua filha, farei. Somos a sua família, quero que saiba disso.

— Ela não quer saber nada, nem de vocês, nem de mim. Está doída e não a culpo, Arthur, sofreu demais.

— Sinto muito, sinto tanto que não sei como pedir perdão.

— Não a viste nenhuma vez?

— Não quando era grande.

— É o vivo retrato de nossa mãe. Suponho que por essa razão a tua mulher estava desejosa de tirá-la daqui e procurou mantê-la escondida na área de serviço, até que conseguiu jogá-la na rua.

— A mamãe?

— Sim. — Michael Shafterbury desabou em uma cadeira e afagou o cabelo, tinha os olhos cheios de lágrimas — Quero as minhas doze mil libras em uma semana. É a única coisa que vou deixar à minha filha, antes de voltar para Bombaim.

— Claro, é óbvio, não te preocupes, Michael.

O duque de Monmouth se despediu de seu irmão mais novo na porta de casa e viu como a sua carruagem de aluguel se perdia em direção a Hyde Park. Sentia uma angústia espantosa no corpo. Recordava a perseguição que Rose, a sua mulher, tinha feito a Michael desde muito jovem. A ambição tinha obrigado a filha de um barão de meia-tigela, como o pai de Rose, a casar-se com o futuro duque de uma grande casa inglesa, sem amor, nem desejo, porque, na verdade, ela sempre tinha sentido um fraquinho pelo mais novo da família, Michael, que naquela altura era um adolescente brilhante, feliz e carinhoso. Quando ele tinha quatorze anos, a sua cunhada, de vinte e dois, já mãe de dois filhos, tinha-o incitado a ter contato carnal com ela e quando aos dezesseis, Michael deixou de prestar-lhe atenção para fixar-se na linda costureira irlandesa da casa, Rose começou a perder a razão e a persegui-lo como uma cadela no cio.

Naquela época, Anne, duquesa de Monmouth, que não se dava nada bem com a cabeça-de-vento da nora, tentou pôr tudo em ordem e o casal, formado por Arthur e Rose, foi obrigado a mudar-se para a Cornualha, por uma temporada, para evitar os falatórios e as queixas do próprio Michael, que não omitia nenhum dos intentos de Rose para reconquistá-lo. O escândalo estava servido e enquanto eles se instalavam longe da cidade e tinham outro filho, Michael deixava grávida a muito jovem Katherine Gardiner, que só tinha quinze anos e não era mais do que uma servente qualificada do extenso serviço de sua mãe.

Arthur recordou fugazmente a reunião que mantiveram então com Michael, que já tinha completado os dezoito, na mesma biblioteca onde acabavam de discutir. O seu pai e a sua mãe, que o

adoravam e tinham planeado um futuro esplendoroso para ele, tentavam convencê-lo a que se esquecesse do assunto, enquanto o jovem, valente e cheio de energia, insistia em querer casar-se com a costureira. Era uma questão impossível e acabou arranjando uma solução de emergência: a família se encarregaria da mãe e da filha e ele aceitava viajar para a Índia com o exército de Sua Majestade. Michael toda a vida tinha querido ser soldado e o seu pai estava disposto a aceitar esse futuro militar, se ele parasse, por um tempo, com o assunto das bodas. Ele, que não era mais que um pirralho, chorou e suplicou — Arthur o recordava com um pouco de lástima — e por fim o pressionaram cruelmente para convencê-lo que o melhor para Katie e para o bebê era deixá-los ao encargo da família, até que se tornasse um homem de recursos e pudesse voltar para buscá-los. A Michael não ficou outro remédio senão aceitar e partir antes do nascimento da menina.

Quando a pequena nasceu, Arthur e Rose, que estava completamente louca pela história de amor entre Michael e Katherine, encontravam-se na Cornualha. Um ano depois, os seus pais faleceram em um acidente naval, ao retornar precisamente da Índia, e eles tiveram de tornar-se responsáveis pelo título e pela família. Naquela altura, ele já nem se lembrava de Katherine Gardiner e de sua filha. Deixou todos os assuntos domésticos nas mãos de sua mulher e não tinha voltado a ouvir falar delas, até àquela mesma semana, quando Michael tinha aparecido para procurar a sua filha.

Voltou-se para a casa e viu Rose aparecerá janela de seu quarto. Era uma mulher dura e distante. Embora não fosse o que mais queria na vida, nesse momento, odiou-a e a desprezou como jamais o tinha feito e desejou não voltar a vê-la nunca mais. Os

assuntos da família eram sagrados. O sangue estava acima de qualquer outra coisa e jamais poderia perdoar que tivesse tratado a sua própria sobrinha daquela maneira. Não o faria. Ele era culpado por abandono, mas Rose, sua esposa, a senhora da casa, era responsável por omissão, ocultação e crueldade.

— Peter! — Chamou, e o mordomo correu para junto de si pelo corredor — preparem uma carruagem e a bagagem da duquesa: vai embora para a Cornualha.

— E a sua, excelência?

— A minha não, Peter, o que quero é aquela mulher longe daqui. Que se vá já! Fui claro?

— Como desejar, milorde.

George Connaught apareceu à janela do seu consultório em Mayfair e viu que chovia a cântaros. Estavam em pleno verão, 30 de julho de 1891. Fazia quinze dias que o seu amigo e camarada Michael Shafterbury se tinha apresentado em sua casa, procedente da Índia e não podia deixar de pensar em sua história, em Katie Gardiner e como é óbvio, em Emily, que se tinha esfumado das ruas de Londres, como por artes de magia. Ele era o responsável final por aqueles fatos e não fazia mais que dar voltas à cabeça de que modo podia para ajudar Michael e de passagem, também Emily, que era a mais prejudicada em todo aquele assunto.

Se a relação de amizade deles tivesse gozado de melhor saúde, poderia tê-la abordado com mais confiança, mas infelizmente a sua decisão unilateral, de cortar laços, não só o tinha afastado da moça, como também o tinha convertido, de repente, em seu inimigo... era óbvio.

— Milorde, milorde!

— O quê? — Voltou-se para a entrada e viu a senhora Mills, a sua senhoria, aparecendo com a cabeça pela porta entreaberta.

— Procuram-no.

— Quem é?

— Um menino. Não quer dizer o seu nome.

— Muito bem, que entre.

Caminhou para a secretária e esperou que o moço entrasse com o seu humilde chapéu na mão. Era muito feio, assim que o olhou

semicerrou os olhos.

— Boas, milorde.

— Bom dia. Em que posso ajudar-te?

— Você procurava Mary Taylor, a garota bonita de Piccadilly?

— Sim, por quê? — Ficou tenso e caminhou para ele com cuidado — O que lhe aconteceu?

— Sei onde está.

O menino baixou a cabeça e George compreendeu que esperava uma recompensa. Passou dez dias perguntando por ela em East e em West End, oferecendo dinheiro, se alguém lhe desse algum indício sobre o seu paradeiro.

— Está na prisão.

— Na prisão? Por quê? Que raios aconteceu?

— Não sei, só sei que está lá. Passou a noite, mas não fez nada de grave. Só precisa que paguem a sua fiança.

— Onde está?

Agarrou a casaca e o chapéu, e empurrou o menino para a rua. Na escada fez um gesto à senhora Mills para que despachasse os pacientes que esperavam no patamar.

— Onde?

— Holloway, milorde.

Alugou uma carruagem e voou para o bairro de Islington, onde se encontrava aquela prisão mista e bastante perigosa. Antes de subir ao carro de aluguel, deu umas moedas àquele moço ruivo que fortemente o recordava de alguém. Depois, quando desabou no assento, lembrou-se: era o menino que um dia tinha apanhado a incomodar Emily no centro. Colocou a cabeça para fora da janela e o viu caminhando encantado em direção ao parque.



— O que você faz aqui? Onde demônios está Winston?

A saudação de uma Emily despenteada e cansada fê-lo sorrir. Ela parou em seco e esperou que o guarda abrisse a grade e a deixasse abandonar aquele pátio comum onde tinha passado a madrugada ao relento e rodeada de malfeitores de diferentes sexos e condições.

— Estás bem?

— E Winston?

— Não tenho nem ideia. Alguém me avisou de tua detenção no consultório.

— Quem?

Emily saiu arrumando-a saia do vestido com muita dignidade e caminhou com as costas retas para o portão, sem olhar para atrás.

— Aquele menino ruivo, que um dia...

— Maldito filho de puta! Quando vir esse canalha vou partir-lhe as pernas.

— Como dizes?

George Connaught pôs-se a rir às gargalhadas e a agarrou pelo cotovelo, para conduzi-la até à carruagem, a qual esperava a uns quarteirões dali. O trâmite de liberação tinha sido muito simples. Pagou vinte libras e assinou um papel imundo, sem que ninguém o identificasse ou fizesse perguntas e dez minutos depois, levava a moça de volta a casa.

— Esse bodezinho se chama Fred, Fred “O Ruivo”. Ele e os seus me entregaram à polícia no meio de uma briga em Leicester Square. Fizeram-no para divertir-se e vingar-se um pouco de mim,

mas quando colocar-lhe as mãos, desejará não ter nascido.

— Eu me ocuparei dele. Onde vais?

Emily se deteve na primeira esquina, agarrou o vestido para esquivar-se de um atoleiro, olhou-o de esguelha e lhe fez um gesto de adeus com a mão.

— Amanhã farei com que Winston te leve o dinheiro da fiança. Obrigada e adeus.

— Não me interessa o dinheiro. Tenho uma carruagem aqui mesmo. Deixa eu te levarem casa.

— Não, muito obrigada.

— Emily, pelo amor de Deus. Está chovendo, não dormiste e estas ruas são perigosas. Deixa eu levá-la para casa. Não tem que me dirigir uma palavra se não quiser. Vem, por favor.

Ela pensou sobre o assunto. Notava como a água da chuva lhe descia pelas costas como uma enxurrada, os sapatos estavam encharcados e não levava sequer um chapéu decente. Olhou para Connaught, sempre tão elegante, com um traje cinzento-pérola e a camisa branca impecável e depois para a confortável carruagem e decidiu segui-lo. Subiu, colou-se à janela e optou por não olhar para ele.

— Tens a certeza que estás bem? Trataram-te de forma adequada?

— Como achas que tratam as pessoas no cárcere, doutor?

— Não tenho nem ideia, por isso pergunto.

— Estou bem, obrigada.

— Onde tenho de levar-te?

— A Charing Cross, obrigada.

— Muito bem.

Em nenhum momento, olhou para ele. Respondia com os olhos fixos na rua, o pescoço tenso e os ombros retos. Estava mais na defensiva do que nunca e George se sentiu muito mal, tão alheio a ela que lhe doeu. Pigarreou e também olhou para a rua sem falar. Quinze minutos depois, quando comprovou que faltava pouco para chegar ao seu destino, encheu-se de coragem e falou quase sussurrando.

— Michael Shafterbury é um homem decente, nobre e com bom coração. Cometeu muitos erros, como todos nós, mas talvez devesses dar-lhe uma oportunidade e ouvir o que tenha para dizer.

— Tens alguma coisa a ver com o fato de ele ter-me encontrado, doutor? — Girou a cabeça e lhe cravou os olhos negros, frios como duas lascas de gelo, ele engoliu em seco e assentiu — E isso por quê?

— Só lhe escrevi falando-lhe da morte da tua mãe. Soube assim que te vi que me recordavas de alguém e quando me falaste nos Shafterbury, não pude evitar relacionar-te com ele. Só lhe perguntei se havia algum parentesco e ele me foi encontrar, em minha casa, recém-chegado da Índia.

— Com que direito?

— Ele é meu amigo, meu camarada...

— Claro, ele é teu amigo.

Emily tocou com o punho fechado na parede da carruagem, para que o chofer parasse e abriu a portinhola.

— Ainda falta um pouco. Aonde vais?

— Não quero que saibas onde vivo, doutor. Obrigada pela ajuda, foste muito amável. Amanhã Winston pagará o incômodo.

— Emily...

Ela saltou para a rua e começou a correr. Continuava a chover imenso e se perdeu imediatamente por entre as gentes. «É dura como um muro de pedra», pensou, sentindo-se impotente e bastante idiota. A pobre moça estava condoída e com razão. Como tinha sido capaz de afastá-la de sua vida daquela forma? Como tinha conseguido feri-la de maneira tão gratuita? Ele não era mais que uma besta fria e sem sentimentos, um maldito canalha. O olhar que Emily Gardiner lhe tinha votado, ao despedir-se, acabava de deixar-lhe isso bem claro.



— Mas como...? Como? Maldição!

Winston deambulava como um leão enjaulado por seu quarto. Emily e Molly o tinham tido de agarrar, com todas as suas forças, para evitar que saísse para a rua para matar Fred “O Ruivo”.

— Vou quebrar-lhe a cara, maldito filho de uma grande puta.

— Eu tive culpa, não reagi. Fiquei a olhar, como uma estúpida, para a briga entre aquelas mulheres e quando me dei conta, a polícia me levava caminho da prisão. Não devia ter parado lá, nem perder a perspectiva, sou uma idiota.

— Mas ele te delatou?

— Claro, como um maldito jogo. O grande bode depois foi ao consultório do Connaught para avisá-lo e além disso terá cobrado umas moedas pelo incômodo. É muito esperto, aquela víbora.

— E por que iria ao consultório do médico?

— Eles acreditam que é meu amante. Bob “O Carvalho” pensa isso. — Ficou vermelha e baixou a cabeça — Esperariam tirar-lhe

dinheiro, mais do que a vocês os dois.

— E o que é que fazias a ver uma briga entre rameiras? — Molly repreendeu-a com os olhos azuis abertos como pratos.

— Pois... não sei. Estava nas nuvens...

— Como estás há meses. Se não conseguires estar alerta, não saias sozinha.

— Sei, sinto muito. O... já sabem.

— O quê? O doutor ou o teu pai?

— Shafterbury, é óbvio. — Separou-se do casal e olhou para eles muito séria.

— E que tal a noite em Holloway? — Molly a interrogou, temendo o pior.

— Fria e incômoda, mas não foi má de todo. Graciella e Caroline, duas das garotas da Susan, entraram comigo e não me deixaram sozinha.

— Está bem, pois agora vai para o teu quarto, asseia-te e descansa. Depois veremos o que é que vamos fazer com aquele ruivo do demônio.

— Não faças nada sem mim, promete-me isso Winston, jura-me por Molly. — Agarrou-o pelo braço e o olhou nos olhos — Jura!

— Não farei nada.

— Jura!

— Juro.



Winston Everhard se levantou cedo nessa manhã e saiu à rua mais sereno, mas com vontade de esclarecer certos assuntos.

Caminhou diretamente para Covent Garden e se sentou nos degraus do mercado à espera. Quarenta minutos depois avistou ao longe ao Fred “O *Ruivo*”, levantou-se, caminhou silenciosamente na sua direção e, quando estava junto a ele, agarrou-o pelo cangote.

— Leva-me ao teu pai, maldito filho de puta.

— Aiii! Não me faças mal, Everhard.

— Leva-me ao teu pai.

O menino obedeceu e caminharam juntos pelo labirinto de East End até encontrar o covil “d’O*Carvalho*”. Uma vez nele, Winston soltou o pirralho e enfrentou Bob com os braços como garras.

— Sabes o que fez a teu maldito animal?

— Não fale assim do meu filho, Winston, não seja insolente.

— Delatou a minha sócia. Ela passou a noite na prisão.

— Não lhe cairá mal, assim aprenderá que não é tão fina como acha.

— Se volta a acontecer, Bob, vou matar o teu bastardo. Aviso-te disso com tempo, já sabes. — Deu a volta para voltar à rua.

— Meteram-se nas minhas ruas. Já lhes disse isso. Essa garota não faz mais que desafiar-me desde que chegou.

— Faz meses que não nos chocamos com os teus interesses, Bob. Por que não tentamos dar-nos bem?

— Ganham muito dinheiro ultimamente. Quero a minha parte.

— O quê?!

— Londres é minha, Winston, tu sabes.

— Oh não, amigo! Londres não é de ninguém e se seguires por esse caminho, teremos problemas, mas de verdade. Já estás avisado.

— Ela delatou os McGuinness, aqui se fazem, aqui se pagam.

— Não tens provas.

— Winston!

Everhard se voltou para ele com cara de aborrecimento.

— Sei de gente que pagaria muito dinheiro para encontrar uns malditos extorsionários que estão dizimando os lordes do Parlamento.

— Winston não moveu nem um só músculo — Já me fizeram chegar algum adiantamento, assim já estás avisado.

Winston Everhard lhe deu as costas e caminhou, como se nada fosse, em direção a Cannon Street. A ameaça era clara e por um milésimo de segundo lhe falharam as pernas. Se os chegavam a apanhar, iriam para a forca, aos três, de maneira que a sua participação no negócio acabara de forma instantânea. Teria de ter uma conversa séria com Emily, deviam sair da cidade e passar uma temporada em Brighton.

— Amigo!

A mão firme de George Connaught em seu ombro fê-lo saltar. Tirou a navalha de forma automática e a colocou diante dos olhos claros do médico, antes que pudesse reconhecê-lo.

— Merda, Connaught! Não me dês estes sustos.

— Sinto muito, homem.

— Vais para o consultório?

— Já estamos aqui. — O médico olhou para a casa com um sorriso.

— Claro, claro, não me tinha dado conta. Entremos, quero falar contigo.

Subiram em silêncio ao primeiro andar, e enquanto George tirava a casaca, deixava a maleta e servia dois copos de conhaque, observando a confusão na cara do antigo marinheiro, Winston, um

pouco aturdido, desabou em uma poltrona e tirou dinheiro da bota.

— O que fazes?

— Isto é para ti. A fiança de Emily.

— Nada disso.

Sentou-se em frente a ele e lhe ofereceu uma dos copos e tomou um gole do seu.

— Oh, não! Ela manda e tu recebes. Não quero que me esfolem vivo.

— Que venha me esfolar se quiser. Não vou aceitar o dinheiro.

— Isso já não é assunto meu. — Everhard esticou a mão e deixou o dinheiro em cima da mesa. George o observou, meneando a cabeça — Queima-o ou o dá de presente. Eu já cumpri com o meu trabalho.

— O que te aconteceu? Estás preocupado?

— Um pouco.

— Por quê? Não será por causa deste dinheiro.

— Não, negócios.

— Que negócios? Posso ajudar?

— Não creio.

— Por que não?

— Sei que não, doutor, não te incomodes, mas obrigado pela intenção. Agora me diz uma coisa, sabes por que Fred “O Ruivo” te veio avisar da detenção de Emily?

— Eu levava dez dias perguntando por ela pelo bairro.

— E isso porquê?

— Queria falar com ela sobre o seu pai.

— Lorde Shafterbury.

— Michael Shafterbury, sim.

— É responsável por ele ter aparecido a procurá-la?

— Suponho que sim. Ele era o meu superior na Índia. Somos bons amigos e lhe escrevi a comentar as minhas suspeitas de que Emily podia ser parente dele. A parecença física entre ambos é impressionante e ao saber que tinha sido criada com os Shafterbury... somei dois mais dois e o resto já sabes. Ele veio de seguida a Londres, está destroçado.

— Por quê?

— Passou dezoito anos mandando dinheiro para a manutenção e educação de Emily e agora veio a saber como foi realmente a vida de Katie Gardiner e de sua filha naquela casa.

— A sério? Acreditas nele? De verdade que em dezoito anos não soube de nada?

— A sua cunhada lhe escrevia com regularidade falando-lhe da maravilhosa vida de Katie e Emily. Mantiveram-no enganado e é óbvio que acredito nele. Michael Shafterbury é meu amigo. Sei que é honesto e que isto se converteu em um verdadeiro drama para ele. Está destroçado e eu gostaria de ajudá-lo, nem que seja em fazer com que Emily ouça as suas explicações.

— Essa moça sofreu muito, já não precisa de palavras.

— Acreditas mesmo nisso?

— Sim.

— Eu não. Parece-me que as explicações aliviam a todos.

— Como as que ela precisa saídas da tua boca.

— Como?

— Sei que te afastaste dela porque és um cavalheiro e não quiseste aproveitar-te de seus sentimentos e como amigo delate agradeço por isso, mas o teu distanciamento foi brusco e a pobre

garota continua tão confusa que dá pena. É forte e corajosa, mas obviamente se sente ferida por ti. E agora o da aparição do pai... Soma outra vez dois mais dois, doutor, ela tampouco vive o seu melhor momento.

— Eu... bom... — Franziu o cenho e ficou sem palavras.

— Há formas e formas de fazer as coisas e tu foste radical, mas está tudo bem. Estás no teu direito e sinceramente, Connaught, agradeço-te que te separasses dela. Foi melhor assim. — Levantou-se e caminhou para a porta.

— Ajuda a convencê-la para que fale com o seu pai?

— Não.

— Bem, que mais posso dizer? — Ergueu-se e olhou para ele, com as mãos nos bolsos — Winston, jamais quis ferir Emily. Eu me importo com ela e porque me importo, afastei-me dela, não por causa dos seus sentimentos, mas por causa dos meus. Porque não sou o tipo mais recomendável. Ela merece alguém melhor do que eu. Um bom marido, alguém capaz de dar-lhe uma família, não um homem que só vive para o trabalho.

— Não me debes nenhuma explicação.

— Bem — disse e levantou as mãos em são de rendição — mas o que eu possa ter feito, sem querer, a Emily, não tem nada a ver com Michael Shafterbury. Ele merece uma oportunidade para explicar-se e ela, um pai. Não crês que Emily precisa de um pai, Everhard?

— Um bom pai sim, não um tipo que em dezoito anos não viajou para a Inglaterra, uma só vez, para comprovar como se encontrava a sua filha. Será teu camarada, um barão de não sei o quê e um militar de alta patente, doutor, mas, a meus olhos, é só um idiota

irresponsável que deixou, em mãos alheias, os seus assuntos sujos, sem ligar uma merda para as consequências.

— Visto assim, tens razão, mas na verdade não sabes nada acerca de Michael...

— Dá no mesmo. Tu tens os teus motivos e eu tenho meus. Não vamos discutir por causa disto, ou vamos?

— Não, mas ele é meu amigo e me recuso a deixar que o julguem sem que possam ouvir os seus argumentos.

— Está bem, doutor, tenho de ir.

George Connaught ficou com a palavra na boca e viu como aquele homenzarrão abandonava o consultório com grandes passadas. Não ia persegui-lo para dar mais explicações, era absurdo, mas o incomodou o fato de que se negasse a ajudá-lo, no que dizia respeito a Emily Gardiner e a seu pai. Era perfeitamente evidente que ela confiava em Winston, mais do que em qualquer outra pessoa no mundo e não tê-lo do seu lado complicava um pouco mais as coisas.

«Estas pessoas são muito estranhas», pensou. Estavam cheias de segredos e silêncios sem resposta, mas tinham um sentido tão férreo de lealdade que era comovedor. Os nobres se gabavam de valores como aqueles, dos quais normalmente careciam, mas era gente como Emily, Winston ou Molly a que realmente convertia o conceito de amizade em algo verdadeiro e evidente.

Suspirou, contrariado, apareceu ao patamar para comprovar que não havia pacientes à espera e decidiu ir à rua e procurar Emily. Não podia ficar apático e sem fazer nada, enquanto o tempo passava e a distância entre a moça e ele se tornava cada vez maior.



— Por favor... — Passou diante e ela se esquivou dele por duas vezes, até que ficou quieta e levantou o queixo, desafiante — Por favor, dá-me um minuto.

— Não.

— Por quê?

— Eu não falo com gente como tu, milorde. Estive na prisão, não te recordas?

— Deixa-me dizer duas coisas sobre Michael Shafterbury e te deixo em paz. Não confias em mim?

— Quer que seja sincera? — Cravou-lhe os olhos negros e ele meneou a cabeça.

— Sei que ultimamente me comportei como um idiota desalmado contigo, Emily, mas eu sou assim. O trabalho me absorve, a família, as obrigações. Sou uma pessoa que dispõe de pouco tempo para as amizades, embora isso não queira dizer que não te considere minha amiga.

— Tens um estranho sentido de amizade, doutor.

— Talvez, mas, por Deus, dá-me um minuto. — Olhou para Hyde Park e lhe fez um gesto com a cabeça — Um passeio curto e não te voltarei a incomodar, dou a minha palavra de honra.

— Curto.

— Perfeito, obrigado — disse e suspirou, aliviado.

George iniciou a marcha junto a ela, que usava um vestido em tons lavanda muito bonito. O chapéu era da mesma cor e o levava caído sobre um lado, o qual lhe tapava, de forma muito coquete, a parte esquerda da cara.

— Conheci Michael Shafterbury em Bombaim. Era meu superior direto. Servi sob suas ordens durante sete anos e uma vez

mencionou que tinha tido de deixar a Inglaterra por pressões da sua família. Não gostava de falar de Londres e sempre supusemos que as lembranças da pátria não eram muito agradáveis para ele. Enfim, quando te conheci em Cannon Street, me fez lembrar imediatamente de alguém. Disse isso, ou não? Perguntei isso, não é verdade? — Ela assentiu sem olhá-lo — E quando me falaste da tua mãe, dos Shafterbury e fomos àquela casa, as dúvidas se dissiparam. És tal e qual o meu amigo. Por essa razão lhe escrevi imediatamente uma carta explicando as minhas suspeitas. O que verdadeiramente eu não esperava era que se apresentasse em Londres, à tua procura, isso eu juro. Jamais imaginei a dimensão que iam tomar os acontecimentos. Não tinha nem ideia da história de Michael com a tua mãe, das manobras da família, nem da total ignorância que ele tinha a respeito. Emily?

— Estou escutando.

— Bem. Ele tinha dezoito anos quando a tua mãe ficou grávida e as pressões da sua família para que não se casasse foram brutais. Finalmente e para evitar prejudicar a tua mãe, partiu para a Índia em troca de que a família cuidasse de vocês. Esteve sempre pendente de ti economicamente e não tinha, nem ideia, de que a sua cunhada vos tinha confinadas na área de serviço, que a tua mãe tinha trabalhado até à sua morte e que tu não recebias o trato, nem a educação que lhe tinham prometido. Está completamente destroçado, Emily e só quer falar contigo. Não pensa incomodar, nem se impor na tua vida, só quer te dar uma explicação.

— E por que vem agora? Por que não o fez antes?

— Isso tens de perguntar-lhe a ele. Eu não sei de nada mais.

— Não acredito em nada disso, não acredito nas pessoas da tua

classe, são todos uns egoístas e uns mentirosos.

— Emily...

— É verdade e me remeto apenas aos fatos.

Ela agarrou a saia do vestido com a muito clara intenção de acabar o passeio e fugir depressa dali, mas a voz familiar de um homem lhe deixou o gesto congelado.

— Amanda Witherspoon, minha querida menina. Há quanto tempo!

— Lorde Sloane, como vai?

O ancião caminhou para ela com os braços abertos. Acompanhava-o uma mulher mais velha com uniforme de enfermeira e agarrou as mãos de Emily, que estava branca como papel.

— Eu bem. E tu querida? Tens má cara. Estás bem? Faz muito que não vais ver-me.

— Estive ocupada, milorde, mas estou bem, obrigada.

— Linda como sempre. E este cavalheiro? — August Sloane olhou para trás dela, viu a figura alta e muito elegante daquele homem e sorriu imediatamente — George Connaught, doutor, o que faz em Hyde Park? Não sabia que conhecia Amanda.

— Amanda? — George se aproximou do ancião com a mão estendida, viu a cara de pânico de Emily e sorriu para o velho Sloane com cordialidade — Como está, lorde Sloane? Já vi que tomou atenção ao que lhe disse e que saiu para passear como lhe recomendei.

— Sim. Bertha me acompanha.

A enfermeira fez uma pequena reverência e George olhou para os olhos bem abertos de sua amiga.

— Estupendo. É importante que não fique em casa.

— E vocês, desde quando se conhecem? Certamente, a minha querida Amanda é das moças mais bonitas da cidade. — Sloane piscou o olho a Connaught com picardia — Não vejo um casal mais formoso que vocês os dois juntos.

— O doutor Connaught é o meu médico, lorde Sloane.

— E o meu. Wilkes se aposentou e recomendou este cavalheiro, que além disso serviu, tal como eu, no exército de Sua Majestade ... E quando me irás visitar? Brevemente se celebra a missa pelos caídos da Inglaterra em Westminster. Espero ver-te lá, Amanda.

— Claro, milorde.

— Caídos? Há algum caído em tua família, *Amanda*? — perguntou George com sarcasmo, vendo como o pânico ia aumento na cara de Emily Gardiner.

— Seu pai, George, o capitão Jonathan Witherspoon, grande camarada de infantaria. Amanda, querida, não contou nada ao major Connaught? Ela é órfã de militar, doutor.

— Não sabia de nada.

George baixou os olhos e Emily interveio com rapidez.

— Muito bem. Bom dia aos dois, eu tenho de ir.

— Acompanho-te — disse George, agarrando-a pelo braço.

Despediram-se do ancião Sloane e caminharam depressa para Park Lane, onde o tráfico de carruagens era muito intenso. O médico não a soltou até pisar na calçada e quando estavam longe o bastante do venerável ancião, parou em seco e procurou os seus olhos negros.

— Que demônios disseste àquele pobre homem? E o mais importante: por quê?

— Não é assunto teu.

— Como não é assunto meu? Estás muito equivocada, Emily

Gardiner. Mentiste àquele pobre ancião que, para além de ser um camarada do exército, é meu paciente. Estás louca? Por que lhe mentiste?

— Ele me confundiu com a filha de um companheiro morto, e eu... — disse, e engoliu em seco, vermelha como um tomate — deixei que me ajudasse.

— Deixaste-o ajudar-te?, o que significa isso?

— Que quando tive fome e frio, lorde Sloane me deu umas moedas para poder comer, é isso o que significa. Pensas denunciar-me, doutor?

— E ainda te atreves a desafiar-me? — Bufou e começou a caminhar dando-lhe as costas — É incrível.

— Não tens nem ideia do que é não ter ninguém a quem recorrer. Jamais lhe fiz qualquer mal, nem me aproveitei. Ele quis ajudar-me e eu permiti. Certamente dorme melhor acreditando que faz uma boa ação para com a filha de um camarada morto.

— Mas é mentira. Mentiu.

— Por necessidade, mas tu não saberás o que é isso, pois não?

— Ah, não! Emily, não tentes purgar as tuas penas transpassando-me de culpa. Eu não sou culpado de ser quem sou e de ter nascido onde nasci, de acordo? Não sejas tão autoindulgente, deixa de justificar-te com esses argumentos estúpidos.

— Argumentos estúpidos?

Não lhe saíam as palavras. O pior que podia acontecer a Emily Gardiner era que alguém a chamasse de estúpida. Quadrou os ombros e caminhou para ele, jogando faíscas pelos olhos.

— Não tens nenhum direito de julgar-me, Connaught. Nenhum, ouviste bem? Não sabes nada de mim.

— Sim, sei que tens um pai que quer ajudar-te, falar contigo e evitar que voltes a passar fome ou frio e que sintas necessidade de enganar e extorquir as pessoas, tens coragem para escutá-lo? Ah? Se não tens pejo em mentir descaradamente a um pobre ancião, por que tens para enfrentar o teu próprio pai?

— Não sabe nada de mim.

— Você tampouco sabe alguma coisa de mim — espetou-lhe, olhando-a do cimo de sua altura com os olhos transparentes e frios como gelo, de maneira que ela se calou e baixou os seus, muito confusa — e permito que me julgues continuamente, a mim e aos que se supõe que são como eu, como Michael Shafterbury, do qual não sabes absolutamente nada. Acaba com esses preconceitos e fala com ele. — Engoliu em seco, arrependido por ter perdido a calma em plena rua — Por favor.

— O que pensas fazer com Sloane? Vai me delatar?

— É óbvio que não, mas em troca, escuta o que o que o teu pai tem para dizer-te.

— Está me chantageando?

— Se isso te tranquiliza, de acordo, uma troca: o meu silêncio por um encontro com Michael Shafterbury.

— Está bem.

Emily ergueu os ombros, outra vez dona de si mesma. Jamais tinha estado tão perto do abismo como naquela manhã diante de lorde Sloane e deu graças aos céus de que Connaught, no fundo, fosse um bom tipo.

— Amanhã vou ao cemitério, diz-lhe que às onze da manhã nos podemos encontrar lá.

— Perfeito, obrigado.

— Bom.

Virou-se para caminhar em sentido contrário, respirando fundo, tentando não começar a chorar no meio da rua.

Não queria pensar em sua mãe, mas não fazia outra coisa desde a inesperada aparição de Michael Shafterbury em seu universo.

Elas nunca se tinham dado bem. De muito pequena, Emily tinha notado o abismo que as separava, porque não havia duas pessoas mais diferentes que mãe e filha. Katie era discreta, doce, submissa, cumpridora e silenciosa. Por seu lado, Emily tinha uma energia sem limites bulindo-lhe dentro do peito que a empurrava a fazer perguntas, a confrontá-la, a impor o seu critério e a discutir por qualquer coisa. Sabia que a tinha decepcionado em inúmeras ocasiões, que a tinha envergonhado e agora, além disso, sabia que a tinha mortificado com uma atitude que, certamente, tinha colocado, muitas vezes, Katie Gardiner em uma situação muito complicada face à família Shafterbury.

Jamais compreenderia por que a sua mãe tinha suportado, ano atrás ano, aquele tratamento por parte daquela família e por que nunca tinha reagido, nem rebelado, nem a tinha defendido diante daquela gente. Não conseguia entender, se não o tinha feito antes, quando o comportamento de sua mãe parecia lógico diante de seus chefes, menos agora que sabia que era filha de um Shafterbury e que Katie jamais tinha lutado para dar-lhe o lugar que merecia. Era muito triste e decepcionante e se odiou por ter ainda mais matéria de recriminação para com a sua pobre mãe, por ter mais motivos para sentir-se alheia dela e para sentir-se sozinha.

Levantou a vista para a entrada do cemitério e suspirou. Mal tinha fechado os olhos toda a noite pensando naquele encontro com Michael Shafterbury, seu pai, um homem do qual não sabia nada, que não lhe interessava minimamente e que certamente voltaria a dar-lhe as costas, assim que aliviasse a sua consciência. Não esperava absolutamente nada dele e só pedia a Deus que o encontro acabasse logo. Olhou para o relógio da igreja e comprovou que eram dez da manhã. Ainda tinha uma hora para pensar e acalmar-se.

— Bom dia.

Encontrá-lo junto à tumba de Katie a surpreendeu. Shafterbury tinha chegado cedo, estava vestido de cinzento-carvão, muito elegante e tal como George Connaught, usava uma elegante bengala de madeira de cedro na sua mão direita. Era um tipo realmente atraente e ao vê-la ficou de pé, tirando o chapéu.

— Chegaste cedo.

— Você também.

— Queria estar um momento a sós com a tua mãe.

— Já que estamos aqui...

— Claro, claro. Falemos.

Ofereceu-lhe um lugar a seu lado em um banco de mármore descascado e ela se sentou com cautela.

— Sabes qual é o teu segundo nome?

— O meu segundo nome? — Olhou-o de soslaio — Não sabia que tinha um segundo nome.

— Tem. Chamas Emily Anne. Anne por minha mãe, a duquesa de Monmouth. Ela foi a tua madrinha de batismo. — Emily ficou em silêncio — Não sei por que Katie te negou tantas coisas, calou tantas outras e não te contou nada de nós.

— Eu tampouco.

— Estava assustada. Ela sempre teve medo de que te arrancassem de seu lado. Pessoas como a minha cunhada, essa maldita mulher, Rose, dedicaram-se a coagi-la toda a sua vida e ela não soube ou não pôde defender-se.

— Arrancar-me de seu lado?

— Prudence, a governanta, diz que Rose a ameaçou. Disse-lhe que se te usasse para pressionar a família, jogariam à rua e te entregariam em um orfanato. Essa mulher é uma maldita víbora, Emily, não sei como não me ocorreu prever o que ocorreria. O certo é que enquanto os meus pais foram vivos estiveram pendentes de ti. Quando tinhas quase um ano de vida me visitaram em Bombaim e me levaram esta gravura. — Tirou do bolso um camafeu muito bonito, onde havia um cacho de cabelo escuro e uma gravura diminuta de um bebê — És tu, Emily e esta mecha foi a tua mãe quem a cortou. — Emily sentiu uma pressão estranha no peito, então desviou o olhar e continuou em silêncio — Quando os meus pais retornavam para a Inglaterra, o seu navio sofreu um acidente, uma colisão e eles morreram. Foi então quando Arthur e Rose assumiram o título e a casa e quando aquele inferno começou para vocês.

— Por que não veio em dezoito anos?

— Não queres saber como começou tudo?

— Connaught já me contou. Só quero saber por que não veio ver-nos antes.

— Primeiro porque não podia. Tinha feito um juramento: devia ficar no exército seis anos, pelo menos. Depois, porque o meu trabalho me impediu de fazê-lo. Tinha responsabilidades na Índia. E mais tarde, porque não queria. Voltar para Londres era reviver muito

sofrimento e preferi continuar longe, enquanto Rose me mantinha a par de teus progressos.

— Que progressos?

— Disse-me que Katie se tinha casado com um dos moços das cavaliças, que era muito feliz e que tu eras saudável. Quando ela me contou isso, pensei que morria, sabe? — Passou a mão pelo cabelo com tristeza — Eu amava a tua mãe e os nossos planos eram casar-nos e instalar-nos na Irlanda, na terra dela, longe daqui. Contudo, antes da minha licença, quando já estava há três anos em Bombaim, contaram-me sobre o casamento dela e todo o meu mundo mudou, embora compreendesse que ela não me podia esperar e que o melhor para ti era ter um pai de verdade.

— Disse que se tinha casado?

— Isso. — Olhou-a com os olhos úmidos — Já não tinha motivos para voltar a Londres.

— Ela jamais saía da sala de costura. Como demônios ia casar-se?

— Eu estava longe, não sabia de nada. Katie era linda e doce, qualquer homem a teria querido a seu lado. Era o mais lógico e quando tens tanta dor, não pensas com clareza, nem em nada. Depois, os anos passaram e embora continuasse a receber, esporadicamente, notícias tuas, compreendi que tinhas outro pai e que era absurdo criar ilusões. Retornar a Londres ou procurar-te me pareceu injusto para ti, para Katie e continuei em Bombaim, onde tenho feito a minha vida em todos estes anos.

— Está casado? Tem filhos?

— Casei-me faz três anos com uma inglesa nascida na Índia. Chama-se Beatrice e não temos filhos. Não, de momento, ela é jovem

e ainda podemos tê-los.

— Custa-me aceitar que acreditasse em tudo o que a sua cunhada lhe contava.

— Não tinha motivos para pensar que mentia.

— Eu teria comprovado.

— Sei, agora sei.

— E por que não me reconheceu legalmente?

— Quando os meus pais viajaram para Bombaim, assinei as certidões de nascimento, de batismo e as demais, mas jamais chegaram à Inglaterra e Rose não voltou a falar do assunto com a tua mãe. Mortos os meus pais, já não teve que responder perante ninguém e a tua mãe se calou por medo de que te afastassem dela. Mas agora estou disposto a acabar com essa injustiça e eu gostaria de dar-te o meu sobrenome.

— Oh, não! Muito obrigada, mas não é necessário, estou muito orgulhosa de ser uma Gardiner, senhor.

— Não duvido, mas tens esse direito.

— A minha mãe está morta, milorde e só a ela poderia importar, a mim já não.

— Tens razão, mas já sabes qual é o meu desejo.

— Bem, pois, já está, não?

Levantou-se olhando para a cara angustiada daquele homem e um impulso a empurrou a sentir ternura por ele, mas depressa o ignorou e o olhou franzindo o cenho.

— Disse ao doutor Connaught que escutá-lo-ia. Já cumpri com a minha palavra. Devo ir.

— Emily, um momento. Não pretendo comover-te com minha desgraçada história. Não procuro a tua pena, porque tu és a única

vítima em todo este assunto...

— Não, eu não, milorde, a única vítima foi a minha mãe.

— Ela também, mas tu eras um bebê inocente e eu não soube proteger-te. Deixa-me corrigir algum do dano que te fiz.

— Já não há nada para corrigir. Não se preocupe. Da minha parte está tudo esquecido. Digo-o a sério. Adeus.

— Não, um momento. Uma coisa mais, só uma, por favor, espera.

— O quê?

— De qualquer modo, pretendo recuperar-te, aspirar o teu apreço, deixa-me cuidar de ti. Não sou estúpido, sei que para mim já é tarde. — Os seus olhos se encheram novamente de lágrimas e Emily sentiu que o coração lhe subia à garganta — Sei que isso é impossível, mas abri um fideicomisso neste escritório de advogados. — Tirou um cartão e o colocou na sua mão — Lorde Sheen é meu amigo. É um bom homem, podes ir ter com ele e contar com o seu bom julgamento e conselho. Sabe quem és e ajudará em tudo o que precisares.

— O que é um fideicomisso?

— É um fundo de dinheiro. Tem cem mil libras, doze mil as recuperei, pois é o valor que Rose Shafterbury me roubou durante todos estes anos. O resto é um presente. Quero que o uses como o quer que seja que te faz falta, ou que o guardes ou o invistas. O dinheiro é teu.

— Isso é muito dinheiro. Eu não...

Devolveu-lhe o cartão meneando a cabeça, mas Michael Shafterbury o pôs na palma da sua mão e lha fechou com a sua, enorme e cálida. Emily sentiu uma corrente telúrica³ ante o contato e

deu um passo atrás.

— É teu. Durante dezoito anos enviei este dinheiro para a tua educação. A minha maldita cunhada o guardou. Agora é teu. Faz o que quiseres com ele. George diz que tens planos para o futuro, que queres montar o teu próprio negócio, pois já tens recursos. Faz e desfruta. Também é um bom dote para um bom matrimônio. — Sorriu pela primeira vez e foi como olhar-se ao espelho. Emily apertou o cartão e amaldiçoou Connaught por andar contando as suas intimidades às pessoas — Já está tudo tratado. Sheen te poderá orientar no que queiras fazer.

— Não pode vir aqui, depois de tanto tempo e oprimir-me desta forma.

— Não quero oprimir-te, quero compensar-te.

— Nada poderá compensar os quatorze anos que suportei naquela casa, milorde. Você não entende.

— Obviamente, não entendo. Não sei nada de ti e tampouco me deixas saber, e ante uma situação tão injusta, esta — acrescentou e lhe indicou o cartão — é a minha única forma de dar-te um pouco do amor que sinto por ti. Tu és minha filha, Emily, sempre te amei, embora não estivesse contigo e só desejo o melhor para ti.

— Eu...

Emily começou a balbuciar, à beira das lágrimas. «Se tivesse menos cabeça e menos autocontrole, me lançaria nos braços deste homem», pensou olhando para os seus sapatos brilhantes e para o seu aspecto impecável. Mas não o fez. Felizmente, era forte e não precisava de ninguém.

— Não preciso do seu dinheiro.

— Perfeito, fico contente, mas guarda o cartão e o dinheiro

estará esperando a qualquer momento.

— Tenho de ir.

— Claro e obrigada por me escutar.

— Adeus.

Dirigiu-se apressadamente para a saída. Estava muito alterada e o sangue bombeava nos ouvidos. Caminhou engolindo as lágrimas, embora se detivesse quando Michael Shafterbury voltou a chamá-la.

— Emily!

— O que foi? — perguntou sem voltar-se.

— Parece muito com a tua avó Anne, é impressionante . Ela estaria muito orgulhosa de ti. Ainda bem que herdaste o seu caráter forte e independente e não o de teus covardes e débeis pais.

Emily não quis nem olhar para ele e quando chegou à porta do cemitério, já estava a chorar de forma descontrolada. Michael Shafterbury, o seu pai, despertava sentimentos que estavam adormecidos na sua memória. Sentiu ternura e carinho por ele, apesar de tudo o que os separava e isso a desconcertou totalmente. Não esperava sentir nada por aquele homem, devia odiá-lo, ele a tinha abandonado, tinha deixado a sua mãe desamparada, que não fora mais do que uma menina assustada toda a sua vida. Ele não merecia nada, nada, à excepção do seu eterno desprezo. Contudo, uma coisa parecida com amor lhe encheu o coração e quis morrer.



— Emily? Emily!

George Connaught a viu através da janela do seu consultório em

Cannon Street, olhou para as horas em seu relógio de bolso e comprovou que era mais de meio-dia. Lá fora chovia e ali estava ela, de pé, em frente ao edifício, sem mover-se e encharcada até aos ossos. Abriu a janela e a chamou, mas Emily Gardiner, ao ver-se descoberta, saiu caminhando apressadamente em direção a São Paulo.

— Emily!

Desceu a correr a escada e não lhe foi muito difícil alcançá-la. Agarrou-a pelo cotovelo, deteve-a e a olhou nos olhos. Estava desolada. As lágrimas se mesclavam com a água da chuva e o seu elegante chapéu de tecido jorrava graciosamente sobre a sua preciosa cara.

— O que te aconteceu? Como está?

— Não sei — foi a sua resposta, soluçando.

— Bem, está tudo bem. Sobe ao meu consultório. Vai adoecer se continuar assim molhada.

— Não tenho frio.

— Sei, mas sobe ao consultório. Agora, Emily! Vamos!

Agarrou-a pela cintura e a subiu ao cômodo. Na escada pediu à senhora Adams que lhe trouxesse chá e umas mantas e quando a sentou em uma das poltronas junto à lareira, agachou-se para tirar-lhe os sapatos e o chapéu, tirou-lhe a bolsinha de cetim e a capa de verão e a deixou mais cômoda. Ela permitiu que ele o fizesse sem protestar, mas quando a cobriram com duas mantas de lã e lhe puseram uma xícara de chá quente nas mãos, levantou os olhos para George e para a senhora Adams e ficou amuada como uma menina pequena.

— Está tudo bem, senhora Adams. Obrigada. Eu trato disto.

— Tem a certeza, doutor?

— Sim, claro, obrigado.

Acompanhou a senhoria até à porta e a fechou, pedindo-lhe que não o incomodassem durante o resto da tarde. Depois suspirou, voltou-se para Emily e se aproximou para ficar de cócoras a seu lado. Procurou os seus olhos e lhe acariciou o cabelo.

— Falaste com o teu pai?

— Sim. — Os soluços a afogavam. Não tinha nem ideia do que estava fazendo ali e de repente, sentiu-se pior — Deveria ir, doutor... não estou doente.

— Shhh! O que aconteceu?

— Nada.

— E por que é que está assim? Quanto tempo faz que não dorme?

— Não sei, muitas noites. Sinto-me muito mal. Dói o coração. A minha pobre mãe, ele, todo o mundo... Todos sofreram por minha culpa.

— Tua culpa? Que culpa? Se foi a única inocente nesta história.

— A minha mãe perdeu o amor de sua vida, ele a ela, ambos sofreram muito, afastaram-se por minha culpa, não se falaram. Ele continua a sofrer e a minha mãe morreu sozinha e o tendo saudades, tenho a certeza disso, tentando proteger-me, e eu... eu a deixei sozinha, também a abandonei.

— Não és responsável pelo que aconteceu.

— Em parte sim.

— De maneira nenhuma, Emily. — Como tremia com os soluços, então decidiu colocar umas gotas de água de melissa no seu chá — Bebe isto, ajudará um pouco.

— Não posso odiá-lo.
— Não tens de odiá-lo.
— Abandonou a minha mãe e me abandonou.
— Era um pirralho tão indefeso quanto a tua mãe. Não podemos culpá-lo.

— Mas deveria odiá-lo.
— Por quê?
— É o que seria lógico, doutor.
— Não. — Encolheu os ombros e se sentou em uma poltrona em frente a ela. Emily afastou as mantas ao sentir-se um pouco melhor e lhe sustentou o olhar —. Por quê?

— Por quê?
— Não te fez nada, nem sequer o conhece. O ódio se desenvolve por contato, tal como o amor, então...

— Deixou-nos sozinhas, nas mãos daquelas pessoas.
— Ele acreditou que era o melhor para vocês e a tua mãe decidiu aceitá-lo. Eles poderiam odiar-se ou amar-se, desprezar-se ou perdoar-se, mas tu não tem nada a ver com esses sentimentos.

— Visto dessa maneira... — disse, franzindo o cenho, e se serviu de mais chá.

George se inclinou e repetiu a manobra da água de melissa.

Ela lhe agradeceu com uma vênica e se apoiou no encosto de seu cômodo assento.

— Talvez tenha razão.
— Gostou dele, então?
— Não é má pessoa, não parece.
— Não é. É um tipo excelente, muito respeitado, não por seus galões, seu título ou seu dinheiro, mas sim por coisas de verdade,

como por sua integridade e valentia. Eu admiro Michael Shafterbury e todos os homens sob o seu mando na Índia também.

— Conheces a mulher dele?

— Sim, Beatrice. Fui a suas bodas em Bombaim.

— E como é?

— Não lhe perguntaste?

— Não. Não me podes dizer?

— É uma moça jovem, bastante discreta, agradável e o ama, cuida dele, pois ele viveu sozinho muitos anos.

— Que patente tem no exército?

— É Major-General do Real Exército de Sua Majestade. É o segundo no comando, depois do governador e só tem trinta e seis anos.

— Deu-me dinheiro, muito dinheiro.

— Ah, sim? Muito bem, poderá abrir a tua loja de costura onde quiseses, não?

— Por que lhe falaste de meus planos?

— Perguntou-me coisas sobre ti, como fazes agora sobre ele. Sente-se melhor?

— Sim, deve ser isso que colocaste no chá. Não está drogando-me, doutor?

— Não, mulher, é água de melissa, um sedativo natural.

Emily Gardiner apoiou a cabeça no apoio de braços da poltrona e observou, descaradamente, o elegante George Connaught. Estava cansada e sentia a cabeça tonta. Estava há, pelo menos duas noites, sem dormir e de repente, os músculos relaxaram de forma deliciosa. Cravou os seus olhos negros nos água-marinha de Connaught e ele amparou o seu olhar tranquilamente, recostado com displicência na

sua poltrona, com as pernas esticadas e os braços estendidos sobre ela. «É tão bonito e tão varonil», pensou com os olhos meio fechados pelo sono, tão bonito que não havia dois como ele em toda a Londres.

George esperou que adormecesse. Levantou-se e a agasalhou com ternura. Embora Emily aparentasse ser a garota mais forte e independente da terra, continuava a ser uma menina assustada e só, e isso o comoveu uma vez mais. Contemplou o seu cabelo escuro e suave, as suas bochechas rosadas e a acariciou com um dedo. Inclinou-se sobre ela e lhe beijou uma orelha, pequena e perfeita. Cheirava a violetas e um desejo inesperado lhe atravessou todo o corpo como um furacão.



— Doutor?

A vizinha de Molly Everhard o sobressaltou. Estava há horas a estudar, em completo silêncio, enquanto Emily dormia em frente à sua secretária. Fazia bastante tempo, tinha mandado um menino do bairro procurar Molly ou Winston em Covent Garden e já se tinha esquecido disso. Olhou para a janela e comprovou que estava escuro. Esfregou os olhos e ficou de pé, esticando os ombros.

— Incomodo?

— Não, Molly. Entra, por favor. Estava lendo um pouco.

— O que tem? — Molly se aproximou, muito preocupada, de Emily, que dormia como um anjinho no sofá, e depois se voltou para o médico com os olhos muito abertos — Está doente?

— Não, cansada. Há muitas noites que não dorme e os últimos acontecimentos acabaram com ela. Dei-lhe água de melissa para que

descanse. Amanhã estará como nova. Só queria avisá-los para que não a esperassem.

— Estivemos esperando por ela toda a manhã. Saiu cedo para falar com aquele homem, o seu pai — Molly se corrigiu, sussurrando — e como não voltava, já estava ficando preocupada.

— Correu tudo bem, não te preocupes. A tua amiga está bem. O que acontece é que, às vezes, as emoções podem ser exaustivas.

— E eu que o diga, doutor. A pobrezinha parece uma alma penada faz tempo.

— Amanhã estará muito melhor. Quer ficar com ela esta noite?

— É preciso? É que não consegui avisar Winston e não quero preocupá-lo.

— Não, não é preciso. Eu posso ficar um pouco mais e depois direi à senhora Adams que esteja pendente dela.



Fred “O Ruivo” se encostou na porta do botequim para impedir que entrasse alguém, cuspiu no chão e tirou a navalha das calças para limpar as unhas. Era tarde e estava aborrecido. Girou a cabeça para o interior do covil e aí viu o seu pai conversando com aqueles dois ricalhaços tão arrogantes: Paul Hamilton e o seu camarada, Charles Connaught.

— Já perguntamos ao repórter. Demos-lhe dinheiro, depois uma boa sova e não diz nada.

— Teremos nós de intervir — Paul Hamilton opinou.

— Não, assim não. — Connaught tirou uma caixita de rapé, a aproximou do nariz e aspirou, fechando os olhos — Nós ficamos à

margem.

— Como não foi a ti que crucificaram publicamente, Charles, não tens direito a opinar.

— Se o que este indivíduo diz é verdade — sussurrou Connaught — e o teu caso e o meu estão relacionados, sim, tenho direito a opinar.

— Bom, senhor Carpenter — disse Paul Hamilton, que esticou as pernas e olhou de cima abaixo para o seu tosco interlocutor — vamos ao ponto. Diga ao meu camarada o que me contou, através de seu amigo, Wilfred.

— Acredito que localizamos as pessoas que se dedicam a chantagear as pessoas como vocês, milorde. Ainda não posso dá-las de bandeja, é preciso dar tempo ao tempo. Também acredito... — suspirou, olhando-os nos olhos — que uma dessas mesmas pessoas delatou os McGuinness quando foram cumprir o seu pedido... já sabe...

— Que pedido? Eu?! — Charles Connaught se engasgou por causa da ira, ficou de pé e jogou mão à pistola que levava no cinto.

— Charles, cala-te! — Hamilton o repreendeu com autoridade — Toda a Londres sabe que mandaste matar o teu irmão, não venhas reclamar agora, maldito sejas! Queres apanhar quem te delatou, ou não?

— Um dos chantagistas avisou o médico da chegada dos McGuinness.

— Todos farinha do mesmo saco...tem a certeza?

— Toda, mas tenho de apanhá-los desprevenidos, milorde. Assim que os apanhe, são vossos.

— E quanto nos vai custar?

— Dez mil.
— Dez mil?, está louco?!
— Você decide, milorde.
— Bem, depois falaremos. Quero a cabeça dessa gente em uma bandeja, ouviu? E quanto antes melhor.

Ambos os cavalheiros se levantaram e abandonaram o local em silêncio. Bob “*O Carvalho*” olhou para eles, enquanto acariciava a barba. «Tenho-os presos pelo rabo», pensou, rindo até cair.

Há várias semanas que podia ter entregado Winston Everhard e as suas duas putinhas a Hamilton, mas não o tinha feito por puro divertimento, porque gostava daquele idiota. O nobre o tinha mandado chamar pessoalmente para solicitar-lhe isso. Paul Hamilton, furioso por causa do assunto do jornal, fizera algumas perguntas e ao comprovar que o dono das ruas do centro se chamava Bob “*O Carvalho*”, decidiu ir até ele para encontrar os chantagistas que o tinham vendido ao Daily Telegraph. Bob os tinha encontrado, claro que sim, prestando atenção e posto todos os seus capangas a farejar por ali.

O negócio tinha sido mais ou menos simples e depois de uns dias tinha tido bem claro que Mary Taylor e os seus sócios estavam jogando forte e ganhando somas muito elevadas de dinheiro. Levavam tempo longe das ruas, viviam melhor do que antes e, além disso, ela passava os dias passeando atrás de gente rica em Westminster. Em uma semana soube que tomava notas dos movimentos de alguns nobres e em duas, viram-na dar um golpe, moleza, embora não tivesse dito nada a Hamilton para tentar sacar-lhe mais dinheiro.

O nobre, que era um desgraçado e um sádico, tinha-lhe pagado

só metade do acordado e se negava a entregar-lhe o resto, assim Bob não pensava fornecer-lhe nada mais concreto, até que pusesse o saque completo sobre a mesa, mais ainda quando lhe ocorreu comentar, como quem não quer a coisa, que um dos chantagistas tinha delatado também os McGuinness, no obscuro assunto com o doutor George Connaught, E Hamilton tinha saltado do assento ante a notícia.

Nesse preciso momento, Bob soube que os Connaught eram parentes de Hamilton e que Charles, o suposto instigador da tentativa de assassinato, ruminava a sua raiva e o seu desejo de vingança longe da cidade, com muita vontade de pôr a mão em cima do responsável final da sua desgraça, o intrometido que tinha alertado o médico do ataque, tendo-lhe salvado a vida e de passagem, tinha-o relacionado com os assassinos contratados.

O próprio Hamilton animou Bob “O *Carvalho*”a acrescentar Charles Connaught ao negócio e era isso que acabara de fazer, embora esperasse ainda umas semanas para entregar-lhes Winston, Mary e Molly em uma bandeja de prata, porque primeiro queria cobrar as dez mil libras e então, os entregaria. Seria um verdadeiro prazer. Além disso, já tinha avisado Everhard sobre o assunto, cumprindo com o código de honra que regia as ruas: não trair os companheiros.

Ele tinha avisado e quem avisava não era traidor.

Há três dias que andava nas nuvens, muito contente e os seus amigos celebravam, porque Emily Gardiner, depois de uma saudável noite de sono no consultório de George Connaught, voltara a sorrir, a brincar e a conversar com aquele seu entusiasmo tão encantador.

Winston tinha começado a fechar contas pendentes para mudar-se em seguida para Brighton com as moças, embora Emily continuasse a negar-se, assegurando que se mudaria para Regent Street. Ele pretendia arrastá-la até à costa por uma temporada e Molly, feliz, planejava o seu futuro junto a seu marido, rodeada de meninos e convertida em proprietária e senhora de seu próprio lar.

— Crês que poderei encontrar Patrick agora que estou casada?

Era a primeira vez, em meses, que falava de seu filhinho e Emily lhe apertou a mão com ternura. Foram ao cais de Embankement visitar uns comerciantes de tecidos em uma manhã ensolarada e agradável e se surpreendeu com o comentário.

— Claro, querida. Um dia encontrará.

— Winston diz que um menino jamais esquece a voz de sua mãe e que Patrick me reconhecerá.

— Com efeito, não te preocupe.

— E você? Vai voltar a ver o teu pai?

— Não creio — suspirou — É melhor deixar as coisas como estão.

— Certamente ele te ama. Não se pode deixar de amar um filho, ainda que não o veja.

— É provável, mas me parece que para as mães é um sentimento mais forte, mais concreto...

Olhou para a direita e uma figura alta lhe chamou a atenção. Estava acompanhada por outros homens, quatro ou cinco, mal-encarados e com pinta de estivadores do porto. Seguiu-os com os olhos e compreendeu, rapidamente, que se organizavam para alguma coisa. O peito se lhe contraiu e sentiu um buraco no estômago. Empurrou Molly para que se apressasse e passaram perto do tipo alto sem que as visse. Molly lhe espremeu os dedos ao reconhecer aquela cara: Charles Connaught em pessoa.

— Que demônios faz aqui? — perguntou-se Emily — Não se foi embora?

— Não sei. Talvez não seja assunto nosso, Emily. Vamos.

— Não, eu não gosto nada disto. Aqueles não trabalham para Bob “O *Carvalho*”?

— E eu é que sei? Vamos embora daqui.

Emily Gardiner se ancorou no chão e em um segundo, avaliou a estranha situação. Charles Connaught estava rodeado de gente de má índole, no meio da rua e estava muito interessado em dar instruções. Era cedo, oito da manhã e calculou que George devia estar em Mayfair, em seu consultório chique, porque além do mais era quinta-feira, mas nunca se sabia. Respirou fundo e tentou decidir o que fazer. Talvez fosse pecado estar tão desconfiada, não sabia, mas depois de um segundo de reflexão, decidiu que era melhor ser precavida. Voltou-se para Molly e lhe falou com muita autoridade.

— Molly, vai procurar Winston. Diz-lhe o que vimos e que vá a Cannon Street alertar o doutor...

— Por quê? O que tem isto a ver com o doutor?

— Cala-te e faz o que te digo. Diz a Winston que vá ao consultório. Agora! Fui clara?

— E tu? Aonde vai?

Molly abriu os braços ao ver que se dirigia para Vitória Street.

— Eu vou a Mayfair. Corre, Molly, por favor.

Teve de alugar uma carruagem para chegar mais depressa. A sua intuição lhe tinha salvado a vida mais de uma vez, por isso, que aquele medo irracional que lhe distendia os músculos a empurrou a localizar George rapidamente. Devia alertá-lo de suas suspeitas, nada mais. Depois, deixaria que ele atuasse em conformidade.

— O doutor?

Chegou ofegando ao edifício da Curzon Street e a senhora Mills, a senhoria, recebeu-a franzindo o cenho.

— Bom dia, senhorita. Não está.

— E onde está?

— Não temos maneiras esta semana?

— Senhora Mills, é importante. — Agarrou-a pelo braço — Onde está George, sabe?

— Veio um menino buscá-lo, aquele ruivo que já esteve aqui. Havia um parto compli...

Josephine Mills não acabou a frase, porque aquela juvenzinha tão bonita, mas tão estranha, deu-lhe as costas para sair correndo rua abaixo. Viu como agarrava a saia do vestido para correr melhor e moveu a cabeça em sinal de reprovação. «É uma vergonha, que as damas de hoje em dia não saibam comportar-se», meditou. Fechou a porta e retornou para as suas obrigações.

Emily não viu a sua cara de desgosto, nem se despediu. Saltou para a rua com a certeza de que o seu amigo estava em perigo, não

tinha a mais pequena dúvida. Se Fred “O *Ruivo*” estava metido naquilo, não era preciso saber nada mais.

Correu para Piccadilly Street procurando uma carruagem e não a encontrou. As lágrimas lhe nublaram de repente a vista e se amaldiçoou, mas continuou em frente, para Piccadilly Circus, procurando um meio de transporte. Contudo, antes de chegar à praça, uma mão firme a agarrou pelo braço e a deteve de repente, o que motivou que se voltasse para essa pessoa jogando faíscas pelos olhos.

— Emily, o que aconteceu? Estás bem? — Michael Shafterbury em pessoa a olhava com o cenho franzido — Emily, escuta?

— Sim, sim, está tudo bem. Tenho muita pressa.

Emily tentou esquivar-se dele, mas Shafterbury, que levava pelo braço uma mulher loira muito bonita, não a soltou e insistiu na sua pergunta.

— O que te aconteceu? Maldição! Já olhaste para ti?

— Eu? — Emily se deteve para engolir em seco, certamente tinha cara de pânico, então tentou acalmar-se — Está tudo bem. Bom, na verdade, sim. Preciso de uma carruagem, tem uma?

— Aqui não, mas espera um segundo.

Michael deixou a sua acompanhante na calçada e se plantou no centro da rua. Emily o observou muito surpreendida e ainda se surpreendeu mais, quando o nobre deu um assobio e conseguiu parar uma carruagem de aluguel no meio do caótico tráfego.

— Já está. Aonde vai?

— Cannon Street, ao consultório do doutor Connaught. É urgente.

— Por quê? O que aconteceu? Emily, maldição! George é meu

amigo.

— Parece-me que o vão matar — soltou de forma involuntária.

Por alguma razão confiava em Shafterbury, que aparentemente era um tipo de ação igual tal como o doutor. Subiu à carruagem e o olhou nos olhos.

— O irmão dele voltou para a cidade. Já tentou matá-lo em uma ocasião e agora acredito que tentará fazê-lo outra vez.

— Está bem, vamos. — Não fez mais perguntas. Dirigiu-se para a sua acompanhante e lhe falou com suavidade — Querida, retorna ao hotel. Voltarei dentro de uma hora. Ficarás bem?

— Sim. Vai, Michael. Está tudo bem.

— Vamos!

Shafterbury se sentou na carruagem, abriu o guichê que o separava do condutor e falou com tanta autoridade que Emily sentiu uma espécie de orgulho crescendo no coração.

— Voe para Cannon Street, amigo e lhe pagarei o dobro.

— Obrigada — sussurrou olhando para o seu pai de cima abaixo, ele se acomodou em seu assento e não disse nada — Talvez esteja exagerando, mas faz uma hora vi Charles Connaught com gente de má índole e depois em seu consultórios de Mayfair me disseram que o doutor tinha saído para uma urgência, uma urgência anunciada por um conhecido delinquente de East End. Por isso...

— Não me dê mais explicações. Se acreditas que George necessita de ajuda, não quero saber mais.

— Certo.

Baixou os olhos dando graças a Deus pela oportuna aparição de Shafterbury e rogando à Virgem para que protegesse Connaught até que chegassem. O médico fazia muito por seus pacientes: visitava os

covis mais perigosos sem medo de contagiar-se ou de que o roubassem, ou passava a noite velando por um menino doente que dormia em um prostíbulo de meia tigela. Estava convencida de que tinha partido atrás de Fred “*O Ruivo*” sem pensar, nem por um segundo, que podia ser perigoso.

Chegaram rapidamente a Cannon Street e a senhora Adams lhes disse que não sabia nada do doutor, que por ali não tinha passado e foi então quando o pânico começou a embotar-lhe os sentidos. Deteve-se no meio da calçada, tentando pensar e quando notou a presença próxima e silenciosa de Michael Shafterbury a seu lado, levantou os olhos para ele e encolheu os ombros.

— Não sei onde procurar — confessou sinceramente.

— Essa gente que viste com Charles Connaught, quem são?

— Gente de Bob “*O Carvalho*”, um conhecido chefe do bairro.

O seu filho, Fred, foi quem foi buscar George Connaught a Mayfair.

— Está bem. E por onde está acostumado a mover-se esse Bob?

— Por toda a parte.

— Tem que ter uma guarida. Certamente...

— Sim, já sei. Siga-me.

Caminharam depressa para o mercado de Aldgate, depois desceram por Minories Street em direção ao rio e então chegaram àquela zona sinistra onde ninguém decente, em seu próprio julgamento, entraria por vontade própria. Michael Shafterbury se deteve vendo o panorama — as ruas cheias de lodo e sujeira — e agarrou a sua filha pelo braço.

— Bem, Emily, eu continuo sozinho. Tu entra nessa igreja e me espera lá. — Indicou-lhe com a cabeça uma pequena capela — Se

encontrar George, voltarei para buscar-te em seguida.

— Não, senhor. Vou com você.

— Não. Isto é pior do que imaginava.

As pessoas os observavam com muita desconfiança e teve a sensação de estar em um campo de batalha, mas com muitos menos possibilidades de vencer do que na Índia.

— Estou armado. Já volto.

— Eu também.

Emily tirou a navalha da bolsa e mostrou-lha. Depois se agachou e tirou uma pistola minúscula da bota, a sua mais recente aquisição. Shafterbury abriu muito os olhos escuros por causa da surpresa. Soltou um bufido.

— Estas são as minhas ruas, milorde. Acredito que precisa de mim, se quiser chegar vivo ao Tâmis.

Michael Shafterbury se sentiu pai pela primeira vez em sua vida. Observou a moça com os olhos semicerrados e quis obrigá-la a obedecer, levá-la para casa e pô-la a salvo de todos os males do universo. Mas compreendeu que era impossível, assim não teve outro remédio a não ser confiar nela. Viu a decisão em sua linda face, o seu olhar firme e a forma como segurava nas armas e sentiu uma mescla de orgulho e terror, um sentimento absolutamente novo para ele. Agarrou-a pelo braço e entrou com ela naquelas ruas pestilentas, pedindo aos céus que os protegessem e lhes permitissem ter o pulso firme caso viesse a ser necessário.

— Está ali, bendito seja Deus. — Ao longe divisou a alta figura de George Connaught abandonando um edifício desmantelado com Fred “O Ruivo” à sua esquerda — Parece que está bem, talvez tenha exagerado.

— Não acredito.

Michael localizou, com a extremidade do olho, uma dúzia de homens aproximando-se de seu camarada pela direita. George estava a falar com aquele menino, enquanto caminhavam e não prestava atenção ao seu redor. Era muito ingênuo. De repente, a rua ficou vazia e George Connaught, major do exército de Sua Majestade, converteu-se em um alvo fácil.

— Mãe de Deus.

— Fica nas minhas costas, Emily, entendido? — Tirou a pistola e a olhou nos olhos — Não é um jogo, isto é perigoso.

— Eu sei.

Os fatos se desenvolveram a uma velocidade vertiginosa. Emily Gardiner tirou as suas duas armas e as agarrou com força. A pistola tinha só duas balas sem recarga automática, então não podia desperdiçá-las e meditou durante uma fração de segundo se a sua afiada, mas pequena, navalha serviria de algo face àqueles homens que pareciam armários.

Colou-se a Michael Shafterbury, que alertou George aos gritos. O médico o olhou, atirou a maleta ao chão e imediatamente tirou a pistola que levava em um coldre preso nas suas costas. Levantou a bengala, deslizou a capa de madeira que a cobria e de repente, o elegante acessório se converteu em uma espada afiada e bastante grossa. Emily pestanejou e o viu empurrar Fred “*O Ruivo*” para o chão.

O que ouviu de seguida foram os gritos da balbúrdia. Meteu-se no meio e disparou a um mesmo indivíduo as duas balas. Depois ergueu a navalha e se limitou a esperar em posição de defesa, porque todos a ignoravam descaradamente.

Seu pai, que era um tipo jovem, bem treinado, alto e muito forte, desembaraçava-se com tanta habilidade que ela não podia tirar-lhe a vista de cima. George Connaught, por seu lado, abria feridas e quebrava ossos com a mesma calma e frieza com que os curava. Era uma briga desigual que rapidamente se converteu em injusta, quando alguém a agarrou pela cintura, tapou-lhe a boca e gritou junto ao seu pescoço:

— Matarei esta puta! Quietos!

George Connaught e Michael Shafterbury levantaram as mãos em sinal de rendição. Ela começou a remexer-se, indignada, mas o seu pai lhe falou com a voz rouca e controlada.

— Tranquila e quieta, de acordo? Acalme-se... O que querem? Deixem-na em paz.

— Só queremos o médico.

— Muito bem, perfeito. Aqui estou.

Connaught atirou as armas ao chão e caminhou para eles com ar desafiante. Estava despenteado e ofegava levemente. Emily olhou para os seus olhos transparentes e meneou a cabeça de forma negativa. Não podia entregar-se, acabariam por matar aos três.

— Solta-a, maldito covarde!

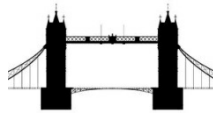
— Está bem.

O tipo titubeou ante a arrogância do doutor, que mais parecia um soldado do que um médico e nesse momento, um golpe seco o paralisou. Foi como ouvir o ruído de uma melancia partindo-se no chão. Emily notou o tremor do tipo contra o seu corpo antes que a soltasse e caísse a seus pés, com a cabeça aberta por uma tremenda machadada. Olhou para ele e depois levantou a vista para Winston Everhard, que era o responsável por aquela bagunça.

— Winston.

— Espera aí, sócia e não te movas.

Winston caminhou com a machada ensanguentada em direção aos cinco delinquentes que ainda estavam de pé e sorriu. Adorava enfrentar homens que estivessem à sua altura. Olhou para Connaught e lhe fez um gesto para que recuperasse as suas armas, depois olhou para o pai de Emily, que permanecia impoluto apesar da briga e o saudou com uma vênica. Logo de seguida, lançou-se aos gritos em direção dos capangas “d’O Carvalho”.



— Emily, vem cá por favor.

A jovem agarrou o candelabro e se aproximou de seu pai. Estavam a salvo, no consultório de Cannon Street e Michael Shafterbury se dispunha a costurar a ferida que George Connaught tinha junto às costelas, debaixo da axila, suficientemente oculta a seus olhos como para que não pudesse tratar-se ele mesmo. Estava sem camisa e já tinham limpado o sangue, então Shafterbury se inclinou com a agulha curva na mão e deu o primeiro ponto de sutura. Emily olhou para a cara tensa de seu amigo e compreendeu que aquilo devia ser muito doloroso.

— Serão pelo menos seis — sussurrou Shafterbury.

— Faz os que tiveres de fazer... Merda! — Queixou-se pela falta de delicadeza de seu camarada, mas olhou para Emily Gardiner forçando um sorriso — É a segunda vez que me salva a vida, Emily. Obrigado.

— De nada — respondeu ela, observando o trabalho de seu pai,

enquanto olhava para o torso musculoso e para o peito varonil, coberto de pelo loiro de Connaught, que era um homem muito forte e realmente formoso.

— Mandarei Charles para a prisão. Denunciarei, assim que possa pôr-me de pé.

— Eu acredito que o teu irmão já deve estar bem longe de Londres — opinou Winston, que se aproximou com um copo de brandy e o pôs nos lábios — não é idiota.

— Já veremos. E a tua mão, Winston?

— É só um arranhão.

— Depois vejo.

— Não é nada, doutor...quem terá de ver é o general maior Shafterbury, que está sangrando.

— Já está. — Michael Shafterbury acabou a sutura e os olhou com cara de interrogação. Certamente tinha a manga da camisa manchada de sangue, mas não era nada sério — Há brandy para mim?

— Como é óbvio.

Winston foi buscar outro copo e Emily deixou o candelabro na secretária do doutor, onde repousava a sua espetacular bengala de cedro. Agarrou-a para admirá-la de perto e comprovou que pesava o que parecia.

— É uma lembrança do exército — Shafterbury lhe explicou desde o seu assento — É um presente de honra por sua valentia e serviços prestados. Muito poucos oficiais voltam para casa com uma dessas.

— É muito bonita.

— Está bem? Deixa-me ver isso, deixa?

George interrompeu a conversa e se aproximou de Emily para olhar-lhe o pescoço. Aquele capanga, que tinha ousado tocar-lhe, tinha deixado marcas, mas não tinha nenhuma ferida. Depois lhe agarrou as mãos e começou a revisá-las.

— Estou bem. Olha para ti, doutor, dá pena — brincou, afastando-se... punha-a nervosa que a tocasse e preferia manter a distância.

George olhou para si mesmo e procurou um pano úmido para limpar o sangue das mãos e da cara.

— Briga como um herói, milorde. Já sei a quem saiu Emily.

Winston olhou para Michael Shafterbury com um grande sorriso.

— Dezoito anos no exército são de ajuda, amigo e sinceramente preferiria que ela não brigasse tão bem. — Olhou para ela com ternura e Emily baixou os olhos — Não é nada tranquilizador.

— Mais tranquilizador é uma mulher deprimida, pedindo os saís — replicou a jovem, sorrindo.

— Nem uma coisa, nem outra, mas no fundo é bom saber que sabes defender-te.

— E agora o quê? — George ficou no meio do grupo com as mãos nos quadris — Preocupa-me que aquela gente vos relacione outra vez comigo. Temo que irão por Emily, assim que possam.

— Não é certo — disse olhando-o carrancuda.

— Sim é. Terá de pensar em uma solução — respondeu ele, cravando-lhe os olhos água-marinha — Deverias sair da cidade ou...

— O quê? Fugir? Está louco? Se fugir jamais poderei voltar para Londres, porque assim que retornasse acabariam comigo. Não, senhor... eu fico, não tenho medo. Por que não vais tu, que és quem querem matar?

— Emily... — Winston interveio — o doutor tem razão. Ele pode permanecer à margem, meter-se em seu bairro e não sair de lá, mas tu andas nestas ruas, não te dá conta? E agora que vamos...

— Vão? — perguntou George.

— Sim, Molly e eu vamos para Brighton na semana que vem. Há outras razões de peso para querer abandonar a cidade e ela não quer acompanhar-nos.

— Que razões? — perguntou Shafterbury como sem querer.

— Negócios.

— Que negócios?

— Suficientemente perigosos para que Bob “*O Carvalho*” queira apanhar-nos, e com o que aconteceu esta manhã, já chega... penso mesmo antecipar a viagem.

— Que tipo de negócios? — insistiu Michael Shafterbury olhando para a sua filha com preocupação.

— Negócios — repetiu ela, olhando para Winston de soslaio.

— Não perca tempo, Michael, não te dirão nada — atravessou George, abrindo a porta à senhora Adams, que entrava com chá e uns sanduíches — Não somos dignos da sua confiança.

— Exato — replicou Emily e se levantou arrumando a saia — Há negócios que são difíceis de explicar.

— O mais seguro é sair de Londres e deveria vir conosco, Emily.

— Eu quero falar com esse Bob “*O Carvalho*”. — George desabou, por fim, em uma poltrona e passou a mão pela cara, estava levantado desde muito cedo e se sentia esgotado depois da briga — Essa gente está acostumada a ser razoável se falarmos com respeito. Direi que a minha única intenção é trabalhar em paz no bairro e que o meu maldito irmão não é mais que um bode vingativo que o acabará

metendo em uma confusão.

— E por que Charles quer te matar, George? Não entendo nada.

— Oh!

O médico observou o seu camarada Shafterbury e recordou que ele não tinha nem ideia de seus últimos meses na Inglaterra. Engoliu o último gole de brandy antes de falar.

— O meu pai deserdou Charles por causa do seu comportamento e me cedeu legalmente os direitos sucessórios do ducado, isso é tudo.

— Isso é tudo? Tem motivos para te odiar. Esse idiota só viveu pelo ducado, ou não?

— Sim, mas não é culpa minha. É um imbecil.

— Se quiseres, fala com esse Bob, mas quem deverias enfrentar é Charles.

— Já o fiz, Michael, mas o grande bode reagiu fugindo. E agora encomendou o meu assassinato a profissionais.

— Profissionais que não tinham nem ideia de que o seu alvo era um elemento a temer — brincou Winston — Deviam acreditar que seria moleza e não contavam com a tua sorte, nem com as tuas habilidades, doutor.

— E com os meus bons amigos — particularizou George, olhando para Emily, que permanecia quieta, com a cara volta para a janela — E quero conservá-los, por isso, Emily, o que pensas fazer?

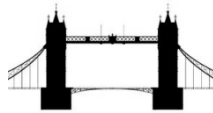
— Eu? Mudar-me para Regent Street. Encontrei um local, que inclui uma moradia, perfeito para a minha loja.

— Não ficará mais remédio a não ser falar com Bob “O *Carvalho*”.

— Não tens de fazê-lo.

- Como não? Não permitirei que te façam mal.
- Não é da tua responsabilidade, doutor.
- Como não é da minha responsabilidade? Acredito que és a minha única responsabilidade, Emily, pelo amor de Deus.

Winston Everhard e Michael Shafterbury cruzaram um olhar ante o comentário, mas não abriram a boca. Emily ficou quieta, sem replicar, observando George, que ficou de pé para trocar a camisa e recarregar a pistola. Estava zangado e se sentia impotente e por essa razão não era um bom momento para muitas discussões.



- O que faz aqui?

Nessa mesma noite Winston conseguiu uma entrevista para George Connaught com Bob “O *Carvalho*” no botequim da Lambeth e o médico chegou pontualmente ao encontro, embora ficasse perplexo e com pouca vontade para o diálogo ao ver Michael Shafterbury esperando-o ao lado de Everhard.

- Agora também é assunto meu.
- Eu tratarei disto.
- Não duvido, só venho como apoio logístico.
- Olha, Michael...
- Essa gente só entende um idioma, George e esse é o da grana. Já conversei com Winston — disse e deu um tapinha nas costas de seu novo amigo — e o meu dinheiro também tem valor, então entra aí e fala com esse indivíduo. Beatrice me espera para tomar um porto antes de ir dormir.

Entraram em um reservado do botequim e tiveram de esperar

quinze minutos até que Bob Carpenter se dignasse a aparecer, rodeado por quatro escoltas. Aproximou-se da mesa e os saudou com um aperto de mão.

— Não foram os meus meninos — foi a primeira coisa que saiu de sua boca.

— Ah, não? — George semicerrou os olhos.

— Não. Atuaram fora do meu controle.

— E o que fazia o teu filho no meio do assunto?

— Olhe, doutor, a Freddy ofereceram umas moedas para ir buscá-lo em Mayfair. Isso fez o guri, nada mais.

— Carpenter, só quero trabalhar no bairro, dar um pouco de atenção médica aos vizinhos. Não pretendo nada mais e eu gostaria de saber que conto com o teu apoio.

— Que tipo de apoio?

— Basta que não me venda ao primeiro licitante, por exemplo.

— O seu irmão foi quem pagou para atacá-lo, não eu.

— Mas tu podes ajudá-lo a encontrar quem o faça.

— Pode tentar matá-lo em qualquer parte, não só em meu bairro.

— Todos supomos que é mais fácil em East End do que em Mayfair.

— Sim, mas eu não fiz nada.

— Não estou te acusando. É para ocasiões futuras. O meu irmão é muito persistente, sabe?

— Quer proteção?

— Não, quero que me deixem em paz, a mim e aos meus amigos. Posso proteger-me a mim mesmo, mas também gostaria que não lhe facilitasse a vida. Você é o chefe. Sei que te procuram.

— O que não entendo é por que um tipo rico e nobre como você, Connaught, quer ficar entre nós.

— Os meus motivos não interessam, mas direi que é vocação médica meramente. Posso contar com que nos deixem em paz, a mim e aos meus amigos? — perguntou e olhou eloquentemente para Winston Everhard.

— O que eu tenha com Winston e com as suas sócias já não é assunto seu, doutor.

— É. Eles são meus amigos e me importa o seu bem-estar, não sabe até que ponto, Bob.

— Já sabemos até que ponto lhe interessa Mary Taylor, doutor. A quem não interessaria?

Bob sorriu com a boca desdentada, procurando apoio nos três homens, mas nenhum lhe amparou a brincadeira e acreditou ver muita ira no olhar transparente de Connaught, que, no entanto, nem pestanejou.

— Só pretendo fazer o meu trabalho. É a única coisa que queria deixar bem claro, Bob. Ajudo um pouco os teus vizinhos, não interfiro em teus negócios e sei que Winston e sua gente tampouco. Isto é um encontro em sinal de paz e se, além disso, dizes que não foram os teus os que me atacaram, não há nada mais a falar.

— Isso é — replicou Bob, um pouco confuso. Tinha previsto tirar alguma coisa daquele encontro e os três tipos começavam a ficar de pé com a intenção de ir embora.

— Farei o que possa se Winston continuar a respeitar o meu território e se você facilitar-me as coisas, doutor.

— Facilitar?

— Já sabe, se ajudar um pouco os meus camaradas a não

terem de buscar o pão a qualquer preço...

— Não vou pagar para que me protejas, Bob... essa não é a minha intenção.

— Mas eu, sim vou pagar pelo seu incômodo, senhor Carpenter.

Michael Shafterbury lhe sorriu com uma amabilidade exagerada, tirou um envelope e o deixou em cima da mesa. Olhou-o nos olhos e voltou a falar, enquanto o deslizava para “*O Carvalho*”.

— Esta é uma amostra de paz, minha, pessoal e espero que sirva para deixar tranquilos os meus amigos.

— Claro.

— Tem a certeza? Posso confiar em sua palavra?

— Claro, milorde. — Bob agarrou o envelope e comprovou que estava cheio — Dou-lhe a minha palavra.

— Isso espero, porque senão os meus amigos do governo e da prefeitura receberão um relatório imediato de suas atividades. — Sorriu — Sou um pouco irascível, quando me faltam à palavra.

— Entendido.

Os três abandonaram o botequim e caminharam em silêncio até cruzar a ponte de Westminster. Então, George Connaught se deteve em seco para olhar para o seu camarada nos olhos. Estava indignado pelo suborno que ele acabava de pagar e por sua intervenção, de modo que mal lhe saíam as palavras.

— Dás conta do que acabou de fazer?

— Obviamente, George, não te alteres tanto.

— Como não? Pagaste a um conhecido delinquente para que nos deixem em paz. É isso? Se dá conta?

— Winston e Emily precisam de tempo para reorganizar as suas vidas, só tempo e acabo de pagar por ele. Assim que Winston e a sua

esposa estejam em Brighton e Emily tenha a sua loja e sua vida longe de East End, já não importará o que faça Bob “O Carvalho”.

— Isso é o que pensas. Agora tem mais motivos para acossá-la, porque sabe que conseguirá dinheiro se não o fizer.

— Chegado o momento, veremos.

— Ah, sim? E se não nos der tempo para vê-lo chegar

— Claro que sim. Quando pensar em meter-se com Emily acudirá antes a nós para ver se saca mais algum. É muito simples, temo-lo controlado, George. Acalme-se e pense.

— Irá até Bombaim atrás de você?

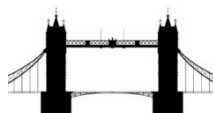
— Não, irá atrás de você... espero que continue a seguir a minha filha de perto.

Connaught baixou os olhos. Estava bastante confuso. Bufou, meneando a cabeça e depois olhou para Winston Everhard, que os observava em completo silêncio. O seu amigo lhe sorriu de forma eloquente e se sentiu como um adolescente estúpido e inexperiente. Que demônios estavam insinuando? Maldição! Já não podia continuar nem mais um minuto a discutir e em pé depois daquele dia tão duro.

— Amanhã fiquei de tomar chá com Emily no Grand Hotel. Custou muito convencê-la. — Michael Shafterbury falou com total naturalidade — Quero apresentar-lhe Beatrice. Também virão Winston e a sua esposa. Eu gostaria que tu também fosses.

— Não sei, depende do trabalho.

— Bem, às cinco estaremos lá. Espero que possas ir, George. E agora, senhores, boa noite.



Não podia negar que a experiência, compartilhada com seu pai em Minories Street, tinha modificado em grande parte a percepção que tinha dele. Michael Shafterbury era um homem de honra, valente e impulsivo como ela, e pela primeira vez em sua vida, experimentou a sensação de parecer-se com alguém, de ter raízes, de não ser alheia a todo o mundo que a rodeava, porque não só se pareciam fisicamente, como também no caráter e compreendeu que embora tentasse, não poderia negar jamais que aquele homem tão elegante e cortês era seu pai.

Por essa razão e por todos os sentimentos desconhecidos que lhe tinha despertado em apenas uns dias, tinha aceitado tomar chá com ele e com a sua esposa no Grand Hotel. Em outras circunstâncias, não teria aceitado, nem morta, o seu convite, mas depois de terem salvado juntos a vida de George Connaught e dos perigos compartilhados, não podia negar-se e ali estava, de pedra e cal, sentada em frente a Beatrice Shafterbury, a jovem esposa de seu pai, enquanto Winston e Molly conversavam incansavelmente sobre a sua mudança para a costa.

— Boa tarde. Sinto muito pelo atraso.

George Connaught chegou apressadamente e se sentou em frente a ela. Não o esperava e se moveu incômoda em sua cadeira, com as bochechas avermelhadas e o coração palpitando com força no peito.

— Não chegas tarde, George. Ainda não nos serviram. Como está? — perguntou-lhe Beatrice com grande amabilidade — Muito trabalho? Michael diz que não tem trégua.

— Tudo bem, obrigado e sim, muito trabalho, mas se trata disso, de ter muito que fazer.

— Em Bombaim não parava — comentou Beatrice, olhando para todos da mesa — Passava o dia escondido no hospital, trabalhando. Era célebre por sua ausência de vida social.

— E aqui deve ser igual — brincou Shafterbury, olhando de soslaio, para a sua linda filha.

— Dizem que na Índia a vida social é muito ativa — disse Molly.

— Oh, sim! Procuramos seguir o calendário de bailes e festejos da Inglaterra, para além de todas as atividades locais. Enfim, é muito divertido ou seria um autêntico suplício.

— Por quê? — perguntou-lhe Emily carrancuda e Beatrice a olhou nos olhos.

— Pelo calor, o trabalho duro, os constantes conflitos.

— Mas pelo que percebi a possante classe alta britânica goza de muitos luxos lá, não?

— Sim, Emily, mas as condições climáticas são terríveis — explicou-lhe o seu pai — e estamos em guerra. Apesar de tudo, é uma zona ocupada.

— Mas estão lá por vontade própria, não?

— Pela pátria — opinou George com ironia.

— Pela pátria dos indianos ou pela nossa?

— Por ambas — atravessou Shafterbury, vendo como lhes traziam as bandejas com inúmeras sanduíches e outras delícias — Mas não falemos de política. Já viste o local em Regent Street?

— Se vocês não gostam de estar lá, talvez devessem retirar e deixar aquela gente viver em paz — comentou Emily antes de tomar um sorvo de chá.

A jovem conhecia muitos indianos que viviam em East End em completa miséria e lhe tinham contado as atrocidades que o governo

britânico tinha cometido e continuava a cometer, naquele imenso país.

— Se não estivéssemos lá, os sultanatos, os clãs e as diversas invasões de seus vizinhos e teriam ainda mais submetidos à pobreza e à ignorância. O Reino Unido levou a civilização ao país — disse Beatrice, um pouco ofendida e o seu marido lhe acariciou os dedos da mão com ternura — Fizemos-lhes um favor colonizando-os.

— Não é o que eles opinam.

— Emily. — Winston olhou para a sua amiga com um sorriso.

— Emily tem razão. Grande parte do país está contra a colonização britânica, por isso não param de revoltar-se e é óbvio, não os culpo. — George suspirou — Poucas vezes consegui sentir-me orgulhoso do trabalho que fazíamos lá, por essa razão preferia esconder-me no hospital.

— Ah! Essa era a razão? — Com tato Michael Shafterbury tentou desviar o bate-papo para impedir uma discussão absurda entre sua jovem filha e Beatrice, que era muito sensível — E nós pensando que tentava evitar as suas incontáveis pretendentes...

— Tinha muitas? — perguntou Molly com um grande sorriso.

Emily, por seu lado, ficou tensa, franziu o cenho e mordeu um delicioso sanduíche de pepino.

— Milhões — exclamou Beatrice Shafterbury — milhares de milhares. Um homem tão bonito e tão brilhante.

— Já conseguiste as licenças para o local?

George procurou os olhos de Emily Gardiner, ignorando os comentários de Beatrice e a moça o olhou franzindo o cenho.

— Que licenças?

— Falamos disso antes de... bom, de ir a Cambridge. Deve

pedir licenças na prefeitura e falar com os sindicatos.

— É verdade, mas não tive tempo. Mãe de Deus, que desorientação!

— Pois deveria fazer isso rapidamente.

— Sei. Vou fazê-lo...

— Pode pedir a Albert Sheen que trate disso. Ele se ocupará, todos os seus clientes têm negócios — disse Shafterbury, surpreendido pela confiança com que George e Emily dialogavam.

— O advogado do fideicomisso?

— Sim, Emily, ele tratará de tudo o que precise.

— Não sei. Eu...

— Claro que sim. Sheen é perfeito. — George a olhou nos olhos uma vez mais — Conheço-o, é um tipo muito eficiente.

— Bem, farei isso.

— Perfeito, obrigado.

Michael Shafterbury suspirou, agradecido. Emily lhe devolveu o sorriso e se dedicou a comer e a escutar os bate-papos alheios, em silêncio, pensando em seu negócio e em tudo o que tinha a fazer a partir daquele momento.

Regent Street era, muito provavelmente, a rua comercial mais importante da cidade. Chamada assim em honra do príncipe regente Jorge Augusto, convertido em 1820 em Jorge IV, foi desenhada pelo arquiteto John Nash em 1811 como parte da rota cerimoniosa que ia da residência do regente, Carlton House, em Saint James's Park, até Regent's Park. Começou por chamar-se Lower Regent Street na intercessão com a Charles II Street e Waterloo Agrada, seguia para norte por Piccadilly Circus e se convertia então em Regent Street, depois girava para oeste e depois de uma curva, dirigia-se para norte outra vez. Uma rua larga, elegante e muito próspera, onde Emily Gardiner tinha visto um localzinho pequeno perto de Piccadilly Circus para instalar o seu negócio. Contudo, Albert Sheen, o advogado do fideicomisso, tinha encontrado um local maior na mesma Regent Street, ao nível de rua, com moradia e ateliê no segundo andar e junto a Oxford Circus; era mais caro e mais elegante do que ela procurava, mas a impressionou assim que pôs um pé nele.

Fazia só uma semana que tinha visitado o escritório daquele homem em Mayfair, ao lado do consultório de George Connaught, acompanhada por Michael Shafterbury, para as apresentações oficiais e ele já tinha dado com um lugar mais bem situado e em perfeito estado e graças ao dinheiro do fideicomisso podiam adquiri-lo na totalidade, pagar as despesas e as licenças pertinentes. Albert Sheen só esperava a sua aprovação para pôr em marcha a operação e ela chegou nessa manhã para ver *in situ* a moradia e decidir.

— Como é possível que se dê tão bem com George?

— Como diz?

Emily olhou para Michael Shafterbury com os olhos muito abertos. O segundo andar da loja era luminoso e enorme, e o percorriam acompanhados por Beatrice e Molly, que tagarelavam como velhas amigas.

— Surpreende-me ver uma amizade entre uma moça de tua idade e George, que é um moço verdadeiramente atípico.

— Atípico?

— Só tem tempo para o trabalho e para o esporte. Não sei, embora seja um grande amigo, em geral não é muito amigável.

— Conheci-o quando atendeu Molly em uma ocasião e sempre se mostrou muito amável. Tornou-se amigo de Winston, primeiro, depois atendeu a minha mãe antes de ela morrer, ajudou-a a morrer sem dor, pagou o seu funeral. Não sei, sim, parece-me amigável.

— Ele diz que é a única mulher com a qual pode falar de igual para igual.

— A sério? — Ruborizou, sentindo uma emoção quase instantânea na corrente sanguínea — Eu gosto de falar de medicina, será por isso.

— E de rugby?

— Também.

— Bom, alegra-me que sejam amigos e que possas contar com ele na minha ausência. É um grande homem e confio nele. Já sei que sempre te desenrascou estupendamente bem sozinha — particularizou ao ver uma sombra de aborrecimento em seus olhos negros — mas um bom amigo faz sempre falta.

— Claro.

— Também quero agradecer que mantenha contato com Beatrice e comigo. Não sabe o que isto significa para mim, Emily.

— Gosto de você.

— Como?

— Gosto de você. Se eu não gostasse, não lhe dirigiria a palavra.

— Bom, pois, obrigado.

— E... você gosta de mim?

Molly chegou a correr a seu lado e a agarrou pelo braço.

— É perfeito, mas é um pouco caro.

— Podes pagá-lo — opinou Beatrice — e se for para fazer alguma coisa, faz grande, é o que sempre dizia o meu pai. Todo o mundo comenta que tens um talento extraordinário, certamente esta empresa triunfará.

— Muito obrigada.

Emily olhou para os olhos claros daquela jovem e sorriu pensando em sua mãe, no que teria sofrido sem Michael Shafterbury, no quão apaixonada estaria por ele, em sua saudade de tantos anos. Beatrice tinha o que a sua mãe tinha sonhado durante toda a sua vida e só por isso, ela devia cumprir os seus sonhos. «Era uma espécie de sinal», decidiu. Olhou para a sua amiga Molly e sorriu.

— Sim, fico com a casa e com a loja. São perfeitas.



Modas Gardiner foi o nome escolhido para batizar a elegante e coquete loja de Emily Gardiner em Regent Street. Ela decidiu que queria algo curto e identificativo e apostou no seu sobrenome, que

era comum e fácil de pronunciar. Em 14 de outubro de 1891 abriu as suas portas oferecendo arranjos de costura, tecidos, acessórios de todo tipo e como é óbvio, vestidos confeccionados por ela mesma e pelas duas costureiras que tinha contratado e embora no primeiro dia não entrasse ninguém, Emily chorou de orgulho admirando a sua pequena vitrine cheia de objetos formosos e tecidos de sonho pagos com o dinheiro de seu pai, um tipo realmente amável e generoso que tinha retornado à Índia deixando um grande buraco em seu coração.

— Tens o mesmo talento de tua mãe — ele lhe tinha dito uma manhã, enquanto ela terminava de costurar a bainha de um modelo exposto em um manequim.

Faltava pouco para a sua partida e Michael Shafterbury fazia o possível por ir vê-la diariamente, enquanto ela acabava de arrumar a loja.

— Ela era insuperável. A seu lado só sou uma amadora.

— Não, estaria muito orgulhosa de ti.

— Obrigada, mas não acredito.

— Por que não?

— Nada do que eu fazia era de seu agrado. Infelizmente, a minha mãe e eu éramos como a noite e o dia e ela não conseguia suportar isso.

— Sinto muito.

O comentário lhe doeu e se sentou em frente a Emily para continuar a conversar. A jovem estava ocupada e não parecia incomodada com sua presença.

— Devia lembrá-la de mim...

— Agora sei que sim, mas isso deveria ter jogado a meu favor, não? — Levantou a vista e o olhou nos olhos — Afinal, tinha-o

amado.

— Mas eu falhei para com ela. Disse-lhe que retornaria em um par de anos e não voltei. Devia odiar-me.

— Não creio.

Deixou a agulha e tratou de recordar o comportamento de sua mãe. Era séria e ria pouco, mas não a imaginava odiando ninguém e menos ao pai de sua filha.

Acredito que jamais sentiu rancor por quem quer que fosse.

— Quando a conheci era uma menina muito alegre. Fazia-me rir e era linda. Cada dia de minha vida lamentarei ter-lhe arruinado a sua...

— Ela decidiu estar com você por livre e espontânea vontade, não? Ninguém a obrigou.

— Sim, mas eu continuei com uma vida longe daqui e ela ficou esperando. — Passou a mão pela cara e lágrimas lhe encheram os olhos. Emily pigarreou e fingiu não ver — Enfim, ao menos tinha a ti e o certo é que fomos muito felizes juntos.

— Sim?

— Sim. Gostava de sair e passear pelo parque, ir ao teatro, comer guloseimas em Covent Garden. Tinha começado a trabalhar sendo muito pequena ainda. A minha mãe a trouxe para Londres quando tinha doze anos e embora fosse muito trabalhadora e responsável, era só uma criança.

— Conheceram-se na casa de Kensington?

— Sim, claro. Brincávamos no jardim. Vinha conosco quando íamos para o campo e conversávamos às escondidas na despensa grande da cozinha. Conhece? — Ela assentiu — Às vezes passávamos toda a noite conversando em sussurros por entre as

batatas e presunto — disse e riu docemente. Emily o imitou, tentando imaginar a sua mãe em semelhante situação — Eu passava as tardes na sala de costura, fugindo de meus tutores e uma vez escapamos e chegamos até à estação Vitória, mas apanharam-nos e foi o princípio do fim...

— O princípio do fim?

— Foi quando soubemos que estava grávida. Estava grávida de pelo menos de três meses e a minha primeira reação foi fugir com ela para longe de Londres. Mas nos apanharam, mandaram-me para o exército e a deixaram a cargo de meus pais. O resto da história já conheces.

— E os pais dela? Tampouco me falou deles.

— Ah, não? A mãe dela morreu quando ela era muito pequena e foi criada por uma irmã mais velha, Emily Gardiner. — Piscou-lhe o olho — Katie adorava a sua irmã, mas tiveram que se separar para poder manter as outras duas irmãs mais novas. O pai dela também morreu jovem. Então, a tua mãe veio para Londres e acredito que as demais continuaram na Irlanda. Quando tudo aconteceu, eu escrevi a Emily, em Cork, mas jamais obtive resposta.

— Ou seja, chamo-me Emily por causa de uma tia?

— Isso. É incrível que Katie não te contasse nada, continuo sem entender os seus motivos.

— Eu também não. Jamais falava da família e a única vez que perguntei por meu pai, deu-me um tapa tamanho que ainda me dói.

— A sério? Deus bendito! Deve ter sofrido tanto.

— Suponho que sim, mas eu não tinha culpa nenhuma.

— É óbvio que não, mas ela tampouco. Acredito que nenhum de nós tinha, salvo essa maldita sociedade onde nos calhou viver.

Felizmente as coisas vão mudando e tu pode decidir agora sobre a tua vida, sobre os teus sentimentos e sobre o teu futuro e fazes isso muito bem, Emily. Estou muito orgulhoso de ti.

— Muito obrigada, mas com a sua ajuda está sendo mais simples.

— Fico feliz por isso, mas não esqueça de uma coisa, está bem?

— De quê?

— Desfruta da tua vida. Não ponhas limites e abre o teu coração, porque os bons momentos, a maior parte das vezes, são efêmeros.

Uma semana depois desse bate-papo, Michael e Beatrice Shafterbury se despediram dela com um aperto de mãos, em meados de outubro, depois de celebrar os seus dezenove aniversários e depois de três meses de estadia em Londres e Emily lhes tinha dito adeus com um estranho nó na garganta. Nas últimas semanas, tinham conseguido manter uma relação distante, mas cordial, apenas só por sua culpa, porque o casal tinha feito todos os possíveis para aproximar-se dela, mas, independentemente de tudo, tinha sido algo muito parecido a uma relação familiar. Ambos eram boas pessoas e Shafterbury não a pressionava, nem controlava, nem fazia muitas perguntas, o que facilitou ganhara sua confiança.

Obviamente não podia tornar-se seu pai da noite para o dia, havia muita dor atrás deles e a lembrança de uma Katie Gardiner muito desgraçada, mas quando partiu, ao menos se olharam nos olhos com um sorriso, sem rancor e Emily prometeu escrever-lhe e mantê-lo a par de seus negócios.

Por seu lado, Winston e Molly se mudaram para Brighton assim

que ela comprou a casa nova. Devido aos rogos de George Connaught não a deixaram sozinha em East End nem um só dia e quando já pôde dormir em Regent Street, os seus amigos viajaram para a costa com um montão de planos e sonhos. A separação tinha sido dolorosa, muito, sobretudo para Emily, que, de repente, tinha voltado a ficar órfã, mas se escreviam com regularidade e Winston viajava a Londres pelo menos uma vez por semana por causa dos negócios e para vê-la e comprovar que tudo estava bem.

As suas vidas tinham mudado da noite para o dia, já não se lembrava de Bob “O *Carvalho*” e de suas gentes, passava os dias trabalhando e esperando ver George Connaught, que voltava a ser seu amigo e se deixava cair pela loja um dia sim, outro não, para saudá-la.



— Bom dia.

A voz grave e educada do doutor fez com que abandonasse o ateliê e aparecesse na loja. Faltavam duas semanas para o Natal e tinham várias encomendas, as duas costureiras trabalhavam a bom ritmo e Josie, que era neta de Prudence, a governanta dos Shafterbury, atendia ao balcão, uma moça educada e muito vivaz.

— Ah, bom dia, esperava-te para o chá...

As palavras lhe congelaram na boca ao ver junto a seu amigo duas muito elegantes damas, acompanhadas por uma menina adolescente e uma donzela. As senhoras eram loiras e envergavam casacos de pele de primeira qualidade.

— Emily, trouxe-te duas novas clientes. Apresento-te a minha

irmã mais velha, Sophie Dench, marquesa de Wight, a minha irmã mais nova, Amanda e a minha sobrinha, Madeleine.

— Olá, encantada — respondeu Emily, arrumando o coque.

Os olhos claros das duas mulheres a percorriam com descaramento e se sentiu um pouco aturdida, mas se recompôs depressa e lhes sorriu com seu encanto habitual.

— Em que posso ajudá-las?

— O meu irmão se empenhou em trazer-nos. Diz que você é a melhor costureira de Londres e já vejo que não mentia. — Sophie se aproximou de dois manequins vestidos com roupa desenhada por Emily e os olhou de perto — Faz sob medida? Podemos fazer encomendas se quisermos?

— E o mais importante — interveio Amanda — não nos pode visitar em casa? É um aborrecimento vir ao centro com este tempo.

— Recebemos encomendas, é óbvio e não, não fazemos visitas a domicílio.

— Ah, não? E porquê?

— Amy, por Deus! Em Paris as damas vão às suas costureiras favoritas, visitam os seus ateliês, fazem as provas e tomam champanha, tudo de uma vez. É muito divertido.

Sophie falava enquanto percorria a loja devagar, olhando tudo com muita atenção. Emily levantou os olhos e se encontrou com os de George, que lhe sorriam, tranquilizadores.

— Tudo é muito bonito. Tem chapéus?

— Claro. Josie, por favor, pode mostrar às senhoras o que nos acaba de chegar da Itália?

A funcionária se apressou a tirar as caixas com o novo modelo e Emily aproveitou para oferecer-lhes um chá. Ambas o rechaçaram e

Sophie, a mais velha, que era bastante parecida com o irmão, manifestou rapidamente o seu desejo de levar, pelo menos, quatro chapéus, um deles para a pequena Madeleine, que acabava de comprometer-se em matrimônio, conforme disse.

— Amanda se casa em maio. Fica muito pouco tempo para acabar o enxoval, embora já o tenha quase todo.

— Nunca mais fica completo, Sophie. Ainda preciso de conjuntos para a viagem de noivos.

— Como podes ver, a senhorita Gardiner tem coisas muito modernas.

— Não sei. — Amanda suspirou, contrariada e depois olhou para Emily com atenção — E quando você se casa, senhorita Gardiner?

— Eu? — Emily ruborizou uma vez mais e concentrou-se excessivamente em ordenar os botões que Josie tinha tirado das gavetas — Não entra em meus planos.

— Mas que idade tem? George diz que temos a mesma idade, não é verdade, irmãozinho?

Connaught, que folheava um jornal colado à janela, as olhou de esguelha e assentiu.

— Tenho dezenove anos.

— Eu também e sendo uma moça tão bonita, certamente terá muitos pretendentes entre os seus colegas.

Amanda fez um eloquente gesto para a rua e voltou a sorrir. Emily compreendeu que se referia aos outros comerciantes e encolheu os ombros.

— Não seja impertinente, Amy, deixa a senhorita Gardiner em paz. Olhe, Emily — disse-lhe, piscando-lhe o olho — quando as

moças vão casar-se, acreditam que o tema das bodas é o único que interessa a todo o mundo. Não lhe faça caso. Posso experimentar aquelas luvas ali?

As irmãs Connaught passaram quase uma hora na loja, e Emily voltou a experimentar uma sensação que odiava, o desprezo da gente que acreditava ser superior por nascimento, dinheiro ou título, dava igual, simplesmente se tratava de pôr cada um em seu lugar e marcar as diferenças. Ela sabia muito bem disso, cresceu suportando-o e não gostou do comportamento de Amanda Connaught, que era arrogante e malcriada, enquanto a irmã mais velha, bastante mais simples e simpática, não podia fazer nada para contê-la.

Emily se mostrou parca em palavras com a mais nova dos Connaught e destinou toda a sua atenção a Sophie Dench e à sua filha, que pareciam farinha de outro saco e quando por fim partiram, seguidas da donzela e de um George Connaught completamente indiferente, respirou fundo, sentindo uma tensão tremenda sobre os ombros.

— Tanto perguntar para nada levar — Josie opinou — Gente como aquela senhorita Amanda Connaught é da que não precisamos por aqui. Não sei para que veio, se não pretendia comprar nada, isso se viu logo.

— Talvez não tenha vindo comprar, Josie — respondeu Emily, retornando ao ateliê.

— Ah, não? E então que diabos queria?

— Não sei.

Sorriu para a balconista, com a qual compartilhava o apartamento no segundo andar e voltou para a sua mesa de costura.

Tinha perfeita consciência que na alta sociedade londrina já se comentava a estranha amizade que compartilhavam George Connaught, médico de prestígio e futuro duque de Stevenage e a filha natural⁴ de Michael Shafterbury. Seu pai, antes de voltar para Bombaim, tinha feito pública a sua existência e depois, muita gente tinha visitado a loja só para vê-la de perto.

Ela não se sentia cômoda com semelhante atenção e tinha feito todos o possível para esconder-se dos curiosos, mas acabou por reconhecer, depois de ser convencida por George e Winston, que o seu *status* e a curiosidade, às vezes insalubre, que provocava nas pessoas eram muito benéficos para o seu recente negócio. Supunha que por essa razão as irmãs Connaught tinham ido a Regent Street: para vê-la de perto, agradar ao doutor e de passagem, sobretudo Amanda, deixar bem claras as diferenças que a separavam de seu aristocrático e adorado irmão. De fato, Emily não esquecia essas diferenças nem uma só vez e as tinha presentes para não afundar-se mais na relação com aquele homem, pelo qual se sentia fascinada há mais de um ano.



— Hoje vi Bob “O *Carvalho*” no consultório.

— Ai, sim? O que lhe aconteceu?

Emily serviu o chá e remexeu as brasas da lareira com o atizador. Lá fora nevava e já era de noite, embora mal fossem cinco e meia da tarde. Voltou para a sua poltrona e olhou George Connaught nos olhos.

— Tem problemas nos rins.

— É grave?

— Não muito. Preocupa-se?

— Eu? Não, só curiosidade.

— Ele também sente curiosidade por você. Inteirou-se de que é filha de um nobre.

— Disso eu não gosto nada.

— Eu tampouco, mas as notícias voam nesta cidade.

— Como as que falam de tuas visitas aqui.

— Ah, sim?

George a observou com os olhos muito abertos.

— Sabes que sim, doutor.

— E isso te incomoda?

— Um pouco. Está em jogo a tua reputação, não quero te prejudicar.

A jovem sorriu e deixou a xícara de chá sobre a mesinha. George se pôs a rir, apoiando-se no encosto da sua cômoda poltrona.

— A sério, que dama quereria casar-se com um homem que passa as tardes tomando chá em uma loja de modas para senhoras?

— Melhor. Assim me deixam em paz.

— Ah, bom! Se isso ajudar.

— E você?

— Eu, o quê?

— Casaria com alguém como eu?

Emily sentiu como lhe subiam as cores, mas nem sequer se moveu.

— A que propósito vem isso agora?

— O teu pai quer te ver casada, as minhas irmãs se perguntam como uma juvenzinha tão formosa não tem um bom marido. Não sei,

é curiosidade, queria conhecer as tuas preferências.

— Já as conheces, doutor, viver e trabalhar para mim mesma.

— Ou seja: fico descartado de uma assentada — brincou.

Era a primeira vez, desde que se conheciam, que ironizava com algo assim e compreendeu em seguida que podia ofendê-la. Pigarreou e se calou. Mas Emily já se tinha posto na defensiva.

— Tu ficaste descartado desde que nasceste, doutor. Um nobre como tu não deve ser íntimo de alguém como eu. Já te disse isso uma vez.

— E nessa ocasião te adverti que eras uma classista.

— Classista, eu? Vocês, os ricos, podem dar-se ao luxo de ser classista, não alguém como eu.

— Se me discriminares e julgares por causa de minhas origens, já és uma classista, pior que as mais recalcitrantes de Kensington.

— Está bem, como quiseres.

— Não discutes hoje comigo?

— Não, estou cansada.

— Pois te trouxe um livro sobre assepsia e antissepsia do doutor Joseph Lister, lembras-te dele?

— Como não? A sério? Me mostra.

Como muitas tardes, ficaram até antes da hora de jantar conversando sobre medicina e acerca dos pacientes de George. Essas reuniões eram habituais, quase diárias e quando ele não aparecia, ela sentia falta dele, mas jamais o dizia ou reprovava as suas ausências. Eram amigos e camaradas e quando George Connaught se desculpava por chegar tarde ou não aparecer, ela cortava pela raiz as suas palavras, deixando-lhe claro que não se deviam explicações, nem desculpas. Nada os obrigava a verem-se,

nem os comprometia a cumprir com as visitas. Eram argumentos que o doutor não podia rebater, nem discutir por respeito a ela, embora às vezes sentisse necessidade de ouvir palavras de saudade e até mesmo de recriminação, palavras que o esclarecessem, de uma maldita vez por todas, o que significava ele para uma Emily Gardiner sempre fria e controlada.

— Emily, perguntam por você.

Olhou para Josie da bruma da febre. Sentia-se desfalecer naquela manhã, mas tinham algumas encomendas para entregar e por isso se encontrava a bordar no ateliê junto à lareira. Deixou a peça na mesa e se levantou para sair à loja. Arrumou a saia e apareceu com um sorriso, embora a figura que se encontrou passeando junto ao mostrador principal a deixasse gelada.

— Senhorita Gardiner, boa tarde.

Paul Hamilton, conde de Worsthorne, olhou-a com um sorriso gélido e vazio, Emily ergueu os ombros e caminhou para ele com firmeza.

— Recomendaram-me muitíssimo o seu trabalho.

— Ah, sim? E o senhor é...?

— Claro, não me conhece. Paul Hamilton, conde de Worsthorne e esta é a minha esposa, Alice. De fato, um parente dela, o seu primo George Connaught, falou-nos esta semana de sua encantadora loja.

— O doutor Connaught é muito amável. Em que poderei ajudá-los, milorde?

— É Alice. Querida — disse, dirigindo-se a sua mulher sem olhá-la — fala com a senhorita.

— Temos muitos compromissos natalinos e meu mestre-chapeleiro, monsieur Balzac, não sei se o conhece, diz que não pode aceitar mais encomendas e como só ele...

— Ao ponto, Alice, não enjoe a senhorita.

Hamilton cortou de repente a sua mulher e Emily o olhou franzindo o cenho, enquanto a afetada, muito formosa e muito sorridente, mudou o discurso para obedecer imediatamente ao seu marido.

— Preciso de um par de chapéus de noite.

— Muito bem. Temos muitos modelos novos e da última moda. Josie, por favor, baixa o novo pedido que chegou ontem. Não se preocupe, milady, certamente encontraremos algo de que goste.

— Obrigada.

Passaram a meia hora seguinte experimentando modelitos à condessa de Worsthorne, que tinha trinta anos e dois filhos, conforme contou a Emily, embora parecesse uma menina mimada de doze anos e repreendida constantemente por um marido azedo e sem um pinga de amabilidade. Emily Gardiner a atendeu como a todos os seus clientes e se mostrou amável e silenciosa, embora os olhos de Paul Hamilton, presos na sua nuca, a mantivessem em um constante estado de alerta. O tipo era desagradável, mais ainda, pois conhecia as suas degradantes afeições e Emily começou a rezar para fossem embora logo, bem no momento em que ele a abordou junto à caixa para pagar os ditosos chapéus e fazer-lhe algumas perguntas.

— De certeza que não nos conhecemos, senhorita Gardiner?

— Não, milorde, recordaria.

— Disseram-me que antes se dedicava a outros negócios.

— Ah, sim? — Olhou-o nos olhos e lhe sorriu — Não é verdade.

— Não tinha dois sócios em East End?

— Como diz?

O coração lhe subiu à garganta e compreendeu, com certeza absoluta, que aquele tipo sabia quem ela era, mas voltou a sorrir e

recebeu o dinheiro da compra com tranquilidade.

— Não, milorde, e obrigada por vir visitar-nos.

— Encontra-se mal?

Paul Hamilton deu um passo em frente ao vê-la ruborizada e com os olhos brilhantes e a olhou de perto. Esse tipo, Bob “O *Carvalho*” lhe tinha dito que aquela mulherzinha ocultava coisas, nada mais, mas era óbvio que se referia a algo relacionado com as chantagens e estava disposto a não tirar-lhe os olhos de cima.

— Sim, milorde, estou bem, obrigada. É uma gripe, um pouco de febre.

— Deveria tomar cuidado, então.

— Sim, muito obrigada.

Os condes de Worsthorne foram embora às quatro da tarde e a hora seguinte Emily Gardiner a passou vomitando, com náuseas e uma febre cada vez mais alta. Sentia-se muito doente e a culpa não era só do resfriado, estava certa de que os seus males tinham sido desencadeados pelo medo, medo de que aquele tipo pudesse desenterrar o passado e mandar o seu futuro para a lixeira. Hamilton era um homem poderoso, persistente e procurava vingança e estava claro que não pararia até apanhar os chantagistas que tinham conseguido arruinar a sua vida.

— O quê? Deus bendito, o que fazes? — Despertou ao sentir as mãos frias de George Connaught no pescoço — George!

— Shhh! Cala-te, por favor, só tento encontrar o teu pulso.

— Estou bem.

Sentou-se na cama e se tapou com as mantas, só usava a camisola e ele pretendia afastar as cobertas para auscultá-la. Felizmente tinha despertado a tempo.

— O que fazes em meu quarto?
— Josie me disse que estás doente desde ontem. Vomitaste?
— Como te atreves a entrar em meu quarto?
— Sou médico, Emily Gardiner. Estive em mais quartos do que imaginas. Vomitaste?

— Sim, mas já estou bem.
— Estás a arder. Encosta. Emily? — Olhou-a com um meio sorriso, os seus olhos claros brilhavam perto da luz da vela e ela obedeceu, carrancuda — Bem.

Josie apareceu com uma xícara de água quente com limão e George, impecável com seu traje cinzento-pérola, tirou o casaco para ficar em mangas de camisa, dobrou os punhos e tirou uma garrafinha de sua maleta. Verteu na água umas gotas de gengibre e se sentou na cama para ajudá-la a beber, pouco a pouco, a infusão. Emily, mais emocionada do que febril, agarrou a xícara com as duas mãos e bebeu sentindo o olhar água-marinha de Connaught a poucos centímetros da sua cara.

— Trouxeste água fria, Josie?
— Sim, agora mesmo doutor.

A moça saiu do quarto para retornar em seguida com uma bacia e uns pedaços de tecido. Pô-los no criado-mudo e os umedeceu, espremeu-os e depois os dobrou impecavelmente para colocá-los sobre a testa ardente de Emily.

— Se a febre não baixar, terei de aplicar as compressas frias sobre o estômago.
— Isso nem sonhes.
— Dói a garganta?
— Dói tudo.

— Deve ser um resfriado e além disso estás esgotada. Foram uns meses duros, hein? Um par de dias de descanso e estará como nova, não dói o estômago?

— Não.

Ela fechou os olhos sentindo como o doutor trocava a compressa fria e voltava a refrescar a testa.

— Tenta dormir.

— Josie pode continuar a ajudar-me.

— Shhh! Cala-te de uma vez.

Caiu em um sono instantâneo e delicioso, enquanto sentia as mãos enormes e lindas de Connaught na testa, esticando o tecido úmido, roçando o cabelo, desprendendo aquele aroma a limpeza e a loção que o caracterizava. Ele era atencioso e transmitia serenidade com apenas a sua presença e Emily se sentiu melhor, só por saber que ele estava por perto.

— Olá.

— Olá.

Emily lhe sorriu. Estava há uns minutos a observá-lo. Ele tinha adormecido em um sofá, ao lado da cama. Tinha as longas pernas esticadas e a cabeça apoiada no encosto. Tinha tirado o colete e a gravata, a camisa branca estava fora das calças e dormia profundamente, no entanto, quando se sentiu observado, girou a cabeça para ela, abriu os olhos enormes e transparentes e lhe sorriu.

— Tudo bem? — Levantou-se e lhe tocou a testa — Não tens febre, mas normalmente baixa durante a madrugada.

— Por que não foi dormir em casa, doutor? Não tenho nada de grave.

— Sei, mas é minha paciente. Tem sede?

— Sim, obrigada. — Sentou-se e tomou um gole de água, depois se enroscou no travesseiro e continuou a observá-lo — Por que te tornaste médico, doutor?

— Eu gostava de ciência e queria aprender.

— E a tua família te apoiou?

— Sim, bom, suponho que para eles era indiferente.

— Os teus pais devem estar muito orgulhosos de você. É um bom médico e ajudas muita gente.

— Não sei e na verdade, não me preocupa o que possam pensar.

— Não se dá bem com eles?

— Já sabe que com Charles me dou realmente mal. — Sorriu-lhe, e ela lhe devolveu o sorriso — Com os meus pais me dou bem. A minha mãe é muito carinhosa e o meu pai é um homem inteligente e discreto, não fala muito, gosto dele — suspirou — Depois estão as minhas irmãs e Simon, com eles mal tenho contato, embora a minha irmã favorita seja Sophie.

— É muito agradável.

— Sim, é inteligente. Queres conversar? A estas horas? Por que não tenta descansar?

— Não sei, gosto de conversar, incomodo?

— Não, claro que não. Conversemos.

— Recebi carta do m... de Michael Shafterbury.

— Que tal estão?

— Bem. A verdade é que é um tipo muito amável. — Passou a mão pela cara, recordando as carinhosas palavras de seu pai na carta — Diz que já voltou para o trabalho e me adverte que Rose Shafterbury retornou a Londres, que a ignore e que o avise se ela

aparecer por aqui ou me incomodar de algum modo.

— Essa mulher, realmente, preocupa Michael.

— É que ela é... — Não encontrou as palavras e o olhou, encolhendo os ombros — Enfim, eu não tenho medo dela e acredito que não se atreverá a vir por aqui depois do que aconteceu.

— Uma mulher cruel.

— Cruel, invejosa, fria, pouco compassiva, ela e a sua família. Má gente, doutor, não se parecem em nada com Michael Shafterbury, felizmente.

— Deve ter sido muito duro viver naquela casa.

— Foi. Sabes uma coisa? No outro dia estava trabalhando em um vestidinho para a filha de uma florista em Covent Garden, uma velha amiga e recordei quando a minha mãe reformava os velhos vestidos de Rosemunde Shafterbury para mim. A menina usava pouco os seus trajes e eu vestia o que ela desprezava, mas muitas vezes, quando Rosemunde ou lady Shafterbury viam o estupendo resultado dos arranjos e quão bonitos ficavam, faziam-me devolvê-los. Minha pobre mãe chorava por isso e eu optei por vestir-me sempre da mesma maneira, com um avental cinzento muito feio. Assim evitávamos que Rosemunde tivesse um de seus chiliques... O que foi? — Levantou os olhos e viu a cara desencaixada de seu amigo.

— É horrível.

— Bom, não sei, já passou.

— Mas eras uma menina.

— E isso me ajudou a que não o visse como um drama. O certo era que me importavam pouco os vestidos. Quem chorava era mamãe, que devia sofrer muito por aqueles atropelos, pobrezinha. —

Os olhos se encheram de lágrimas pensando em sua mãe e George abandonou a sua poltrona para sentar a seu lado e acariciar o cabelo escuro, sentindo a mesma angústia no peito — Ela chorava quase todos os dias, sabes? Por qualquer coisa e agora entendo os seus motivos. Era muito injusto e eu não ajudava nada, porque sempre fui tão rebelde que lhe complicava ainda mais a nossa vida ali.

— Mas você não sabia de nada. Era normal que se rebelasse.

— Era uma criança egoísta. Michael Shafterbury me disse que jamais se perdoaria por tê-la feito sofrer e acredito que eu tampouco, doutor.

— Não diga isso, não tinha nenhuma responsabilidade no que dizia respeito à sua mãe, Emily. Não se culpe.

Em um gesto insólito, George esticou o braço e a agarrou contra o seu peito. Emily não resistiu. Aspirou o seu delicioso aroma, fechou os olhos e o abraçou.

George Connaught não recordava ter embalado alguém em toda a sua vida, nem sequer a um paciente ou à sua irmã mais nova, não tinha memória de ter feito algo similar com nenhum ser humano. Mas abraçar Emily foi um gesto absolutamente natural, próprio, lógico e lhe encheu a alma de paz e ternura. Manteve-a contra o seu peito, beijou o seu cabelo suave que cheirava a violetas e lhe acariciou as costas enquanto ela chorava e se desafogava, recordando a sua mãe. Compreendeu que aquilo era uma explosão emocional completa e a deixou soluçar por um bom tempo, pensando em como lhe subiria a febre por culpa da tristeza.

Emily chorou encostada a George sem ponderar, nem por um segundo, que estavam recostados na mesma cama, ela vestida com roupa de dormir e ele em mangas de camisa, sozinhos e em plena

noite. Nada lhe importou, porque o alívio do tê-lo a seu lado, consolando-a, eliminou, de uma só vez, os possíveis danos, os medos e as regras de boa conduta que se supunha deveriam ser cumpridos. Ele era seu amigo, ela sentia um enorme carinho por ele e no meio da febre e do seu mal-estar, o seu abraço foi como um farol aceso no meio das brumas, seu sustento e seu agasalho.

Dormiu colada ao peito de George Connaught, sobre a camisa empapada por suas próprias lágrimas e ele permitiu que o fizesse sem protestar, embalando-a e sussurrando-lhe infinitas palavras de consolo.



— Meu Deus! Ainda estás aqui?

Levantou-se, apoiando-se nos cotovelos e o viu lavar as mãos na bacia, junto à janela. Estava penteado e já tinha colocado a casaca.

— Sim. Como se sente?

— Acredito que melhor. Que horas são?

— Sete da manhã. Josie já está levantada e preparando chá. Eu tenho de ir, mas voltarei ao meio-dia.

— Obrigada, doutor, mas acredito que estarei bem e com certeza tens pacientes que precisam mais de ti do que eu.

— Eu decidirei isso.

George a olhou nos olhos e sorriu. Emily lhe devolveu o sorriso com muita doçura e permaneceram olhando-se nos olhos por uns segundos, até que Josie os interrompeu ao entrar com uma bandeja no quarto.

— Olá, chefe, como está hoje?

— Melhor, Josie. Muito obrigada. Acredito que já passou.

— Não confie, Josie, estes episódios de febre e vômitos nunca são gratuitos. Terá que obrigá-la a descansar por mais um dia. — George se dirigiu à balconista, colocando o chapéu e recolhendo as suas coisas — Voltarei mais tarde e você, Emily, obedece ao médico, de acordo?

Emily Gardiner só podia obedecer ao médico, porque o seu episódio de febre se transformou em um forte resfriado que a manteve prostrada na cama uma semana. George Connaught ia vê-la pontualmente duas vezes por dia e ela aceitava os seus cuidados com resignação e olhos brilhantes, nublados pelo afeto sem medida que sentia por ele, seus gestos e seus lindos olhos transparentes.

Passou o Natal na cama, com um prato de sopa bem quente e sozinha, porque Josie compartilhou o dia com a sua mãe em Kensington. Lá fora nevava e ela se acomodou entre as mantas para ler, para pensar nos últimos acontecimentos de sua vida e como não, no doutor Connaught, que logo celebraria o seu trigésimo primeiro aniversário, a 29 de dezembro, tal como Molly, que desfrutava por aqueles dias da etapa mais feliz de sua vida gerindo uma estalagem em Brighton, juntamente com Winston, que a enchia de amor e cuidados.

Molly merecia tudo isso e muito mais e pensou na possibilidade de que ela mesma merecesse, um dia, ter um bom marido, uma casa e filhos. Já tinha um lar e um negócio, só lhe faltava encontrar o homem adequado, um de verdade, alguém como o seu idolatrado George Connaught.



— Em que pensas, filho?

Eleonor Connaught lhe tocou nas costas e lhe pôs na mão um copo de conhaque. George se voltou para ela e sorriu, estava há muito tempo com ar aborrecido, olhando para a neve cair sobre o jardim. Era Natal e toda a família permanecia reunida no salão, abrindo presentes e comendo iguarias. Todos menos Charles e sua família, que, como era óbvio, não tinham vindo a Londres durante as festas.

— Em nada, mãe.

— Não estará apaixonado?

— Eu? — Abraçou-a pelos ombros e lhe deu um beijo na testa

— Não sei o que é isso.

— Alegra-me sabê-lo.

— Ah, sim?

— Sim. Os rumores sobre ti e aquela moça... a filha natural de Michael Shafterbury, têm realmente me preocupado.

— O que diz? — virou diante de si e lhe cravou os olhos — Que rumores?

— As pessoas falam, até Sophie acredita neles. — Baixou o tom e se aproximou de seu filho para falar-lhe em sussurros — Dizem que tens uma aventura com essa mulher e não me importa, enquanto não passe disso.

— Não passe disso? — Sentiu como se lhe tivessem dado um tapa e a fúria começou a subir-lhe pelo peito — A que se refere, mamãe?

— Esse tipo de moças são só um entretenimento para cavalheiros da tua posição, George, espero que percebas bem isso, para que não acabes por manchar o nome da nossa família. Há centenas de muito belas senhoritas de boas famílias esperando que repares nelas, sabes bem.

— Conhece a senhorita Gardiner, a filha de Michael?

— Não.

— Então, como se atreve a falar assim dela?

— Eu, Georgie, por Deus... Estamos só a conversar...

— Não vou permitir jamais, mãe, que se refira à senhorita Gardiner nestes termos, fui claro? Ela é uma dama e não porque é filha de Michael Shafterbury, mas por si mesma. Não é minha amante, nem minha querida e é óbvio, não é dessas moças que entretêm cavalheiros como eu...

— George!

— Está sendo tão injusta e fofoqueira como as matronas mais insuportáveis desta cidade e me sinto envergonhado.

— George!

— Boa tarde.

Olhou para todos os presentes com os olhos semicerrados e partiu a enormes passos para o vestíbulo de entrada, pediu a sua casaca e a sua bengala e saiu para a rua apesar da nevasca. Vinte minutos depois estava tocando à campainha da porta de entrada de Emily Gardiner.

— Doutor? — Ela desceu a escada envolta em uma manta e a abriu com o cabelo solto e um pouco revolto — O que aconteceu?

— Nada. Posso entrar? Está frio.

— Claro, entra, entra — disse-lhe sorrindo, muito feliz e subiu

correndo para o pequeno salão no segundo andar.

George a seguiu, e quando se encontraram frente a frente diante da lareira, ele tirou de um bolso interior de seu casaco um pequeno pacote envolto em papel dourado para ela, estendeu-o e Emily o recebeu com os olhos brilhantes.

— O que fazes, no dia de Natal, fora de casa, doutor?

— Queria dar-lhe um presente. Abre.

— Não tinha por que me dar nada. — Abriu o pacote e viu que era uma preciosa caixinha de bombons, seis primorosos bombons envoltos em papel de prata — Muito obrigada.

— Gosta de bombons? — perguntou, tirando a casaca — São belgas, trouxeram de propósito e vai adorar.

— Nunca comi um destes.

— A sério? — Ela assentiu e pôs o bule sobre o fogão da lareira — Não posso acreditar nisso.

— A sério e eu adoro o presente, embora não saiba se serei capaz de tirá-los de um pacote tão bonito para comê-los.

— O chocolate é delicioso, além de nutricional. Ajudará na tua recuperação. Deve comê-los, de acordo? Posso sentar-me? Serve-me um chá?

— Claro e bom... — Ficou muito nervosa pensando na surpresa que tinha reservada, retrocedeu muito sorridente e abriu uma gaveta do aparador — Eu também tenho um presente para ti. Na verdade, era para o teu aniversário, mas já que me trouxeste estes, eu gostaria de te dar isto.

— Para mim? — Olhou para a seu lindo rosto, franzindo o cenho e ela tirou a caixa e lha pôs nas mãos — Por quê?

— Porque é Natal e dentro de quatro dias será o teu aniversário.

— Muito obrigado.

George abriu a caixa e encontrou um estojo de metal. Pousou-o em cima da mesa de jantar e o manipulou com supremo cuidado. Lá dentro estava um instrumento médico maravilhoso e muito valioso.

— Um estetoscópio? Deus bendito, Emily! Como o conseguiste?

— Tenho os meus contatos.

Emily se sentia feliz vendo a cara de surpresa de George Connaught. Os olhos claros brilhavam e tocava no aparelho com suavidade, com aqueles dedos lindos e compridos que tinha.

— Gosta?

— Se eu gosto? É fantástico, o meu é primitivo ao lado deste. Mas onde o comprou? Com certeza que te custou uma fortuna.

Tirou-o do estojo e começou a inspecioná-lo na totalidade. Era uma peça estupenda e depois de olhá-lo bem, desviou os olhos para Emily e lhe sorriu, soprando.

— Emily Gardiner, de onde o tiraste?

— Pedi ajuda ao doutor Law. Escrevi para Cambridge e ele me disse que o podia encomendar na França. Fiz através de um amigo do Winston, do porto e chegou a tempo, faz um par de dias.

— Importou-o? Mas deve ter sido muito caro. Não posso permitir que gaste tanto dinheiro. Darei metade. Quanto custou?

— Está louco? — Agarrou-lhe o braço muito séria — Ofende-me, sabe? Posso permitir-me um maldito estetoscópio. É um presente. É meu amigo e sempre te deste muito bem comigo. Apeteceu-me comprá-lo.

— Sim, mas...

— Mas nada. Gosta? — Ele assentiu — Pois desfruta, de acordo? O chá com açúcar ou mel?

— Com mel, mil obrigados.

Desabou em um sofá junto à lareira com o estetoscópio nas mãos. Era um luxo e se sentiu miserável por ter-lhe comprado só meia dúzia de bombons naquela loja em Piccadilly. Tinha sido um presente discreto, mas a relação deles tampouco dava para mais, embora vendo o que tinha diante, era óbvio que Emily não considerava esses convencionalismos sociais.

— Como se sente?

— Muito melhor. O que faz a sua família no Natal?

— Come e faz barulho. A casa está cheia. É um pouco exaustivo.

— É um antissocial, doutor.

— Sim, claro.

— Então te agradeço duplamente por ter vindo ver-me. É muito amável.

George a observou, sorrindo. Não tinha nem ideia do insensato impulso que o tinha levado diretamente a ela, a meio de uma nevasca monumental e no dia de Natal, mas ali estava e se sentia muito bem, como se aquele pequeno salão humilde, mas quente, fosse o seu verdadeiro lugar no mundo. Deslizou os olhos pelo aspecto infantil de Emily Gardiner: o seu cabelo escuro e ondulado, solto pelas costas, a sua cara rosada, os seus ombros estreitos e a forma cuidadosa com que tentava tirar do invólucro um dos bombons para não rompê-lo. O seu coração se encheu de ternura, ou algo mais. Uma onda estranha de sentimentos que não pretendia traduzir para não ficar louco.

— Dá-me isso.

Tirou-lhe o bombom e o desembulhou em seguida, espremendo o papel de prata que o cobria. Emily abriu a boca e protestou, muito

zangada.

— Não! Eu gostava do papel. Mas por que é tão bruto?

— É só um invólucro.

Pôs-lhe o chocolate na mão e ela levantou os olhos para ele, franzindo o cenho.

— Mas é o invólucro do primeiro bombom da minha vida.

— Emily...

— Não, para você é fácil, sempre teve de tudo.

— Já estamos...

— É verdade, doutor, não me entende. — Agarrou o papelzinho e começou a alisá-lo em cima da mesa. Depois provou um pedacito do chocolate e sorriu, fascinada — É muito bom.

— É delicioso. Emily...

— O que é isso?

O rangido da porta os deixou mudos. George Connaught ficou de pé, agarrou na sua bengala, que repousava no chão e olhou para Emily, incitando-a a ficar em silêncio.

O ruído se repetiu e então Emily Gardiner tirou a sua pistola da mesa de costura. Provinha do primeiro andar, concretamente da cozinha e uns passos amortecidos empurraram George a aparecer na escada e a gritar com voz firme:

— Quem está aí?

Não houve resposta. Voltou-se e olhou para a sua amiga com autoridade.

— Fica aqui, Emily, não te movas.

Desceu os degraus a correr, ao mesmo tempo que a fuga do intruso se fazia evidente. «São mais do que um», pensou ouvindo o barulhão que saía da cozinha, embora quando chegou a ela só pôde

ver a porta aberta, com a fechadura quebrada, e vários painéis pelo chão.

— Mãe de Deus! — Emily, colada às suas costas, olhou para a desordem com a boca aberta.

— Que desastre! E por que desceu? Disse...

— Shhh! Olha.

Entre as pegadas de barro e as painéis pelo chão, viu um papel perfeitamente dobrado. Agachou-se e o agarrou com mãos trementes.

— O que diz?

— Nada, idiotices...

Emily tentou guardar o papel no bolso da bata, mas o médico o arrebatou de um puxão.

— «Sei quem é»? O que significa isto?

— E eu é que sei? Por Deus, que desastre!

Tentou afincadamente fechar a porta quebrada, mas George se pôs a seu lado com cara de aborrecido.

— Como eu é que sei? É uma ameaça, não vê?

— Iam entrar em minha casa para ameaçar-me? Certamente não era para mim, só queriam roubar.

— E levaram alguma coisa? — perguntou olhando ostensivamente em seu redor.

— Pois não sei. Vou ver.

— É uma ameaça. Quem poderia arriscar-se a entrar em tua casa, no Natal, para deixar-te este recadinho? Querem te assustar. Quem pode querer fazer isso? — Ela não olhava para ele, concentrada em restabelecer a desordem — Emily!

— Não sei, doutor, não sei.

— Irei falar com Bob “O *Carvalho*”, se tiver feito alguma coisa, vai dizer-me...

— Não! Aonde vai?

— Já sabe. A que horas Josie volta?

— Daqui a pouco.

— Quando vier, vou conversar com esse tipo.

— Não! Não é nada. Foram vândalos, doutor; não exagere e em todo caso, eu falarei com esse homem.

— Não, Emily. Prometi a seu pai que velaria por sua segurança e isso farei. Além disso se estiverem perigo é por minha culpa, sabemos isso.

— Não tem nada a ver com isto, doutor. Isto não tem nada a ver contigo, nem com Bob “O *Carvalho*”...

— Ah, não? — Inclinou-se para olhar nos seus olhos escuros, pois sabia que estava mentindo-lhe ou que lhe ocultava algo — Emily?

— Vândalos que tentaram entrar para procurar comida. Não terá que procurar mais motivos. Roubaram-me comida. — Olhou para a despensa e fingiu que lhe faltavam coisas. Está claro: presunto e um pouco de farinha.

— Tens a certeza?

— Sim.

— Deus bendito!, que demônios aconteceu aqui?

Josie entrou elevando um grito ao céu. Vinha coberta de neve e olhou primeiro para a sua chefe, e depois para o doutor Connaught. — Boas, doutor — continuou — Feliz Natal. O que aconteceu?

— Alguém entrou para roubar e quebraram a porta.

— A sério? E fizeram tudo isto?

— Sim, Josie. — Emily a olhou com os olhos muito abertos — Vou fechar pondo este armário aqui, me ajuda? Amanhã chamarei o chaveiro.

Passou a seguinte meia hora limpando e organizando a cozinha com George Connaught colado a seus calcanhares. O médico, que começou a pensar no que teria acontecido se nessa tarde ele não tivesse estado acompanhando Emily Gardiner, não falava e se limitou a encaixar a porta e a fechá-la o melhor possível, olhando-a de soslaio, até que, acabada a tarefa, consultou a hora e decidiu partir. Mas antes agarrou a sua amiga pelo cotovelo e lhe falou com o cenho franzido.

— Há algo que eu deva saber?

— A que te refere?

— Dá-me a sensação que oculta algo e se o faz e, não posso ajudar.

— Tem sempre que tentar ajudar as pessoas, embora não peçam isso, doutor?

— O quê? — Separou-se dela e a olhou bastante ofendido.

Emily baixou o olhar e lhe deu as costas.

— Não há nada que deva saber. Agradeço muitíssimo pela ajuda, mas não deveria preocupar-se mais comigo, não é sua obrigação.

— Está bem, ótimo!

Agarrou a capa, dirigiu-se a grandes passos para a entrada e saiu para a rua. Emily se sentiu culpada mas, não podia fazer outra coisa. Devia mantê-lo à margem, porque George Connaught, com toda a sua boa intenção, não era mais que um estorvo no meio do problema que ameaçava a sua vida e que não era outro que lorde

Paul Hamilton, conde de Worsthorne, que evidentemente já estava muito perto dela.

— Tem certeza?

Winston leu uma vez mais o papel e a olhou nos olhos. Junto a ele, Molly roía as unhas, cada vez mais assustada.

— Quando esse tipo esteve aqui já sabia. Ele e eu sabíamos. Não disse nada, mas o intuí perfeitamente.

— Mas por que ia mandar alguém forçar a porta para deixar uma nota? É absurdo.

— Eu acredito que, se o doutor Connaught não tivesse estado aqui, essa gente teria tentado fazer algo mais. Estou certa de que a voz do doutor os surpreendeu e que por isso fugiram. Quem sabe se inclusive foi o próprio Hamilton quem entrou com a sua gente.

— Mas como ia nos apanhar? — Molly interveio, erguendo-se.

Estava muito bonita. Era o dia de seu aniversário e por essa razão, Winston a tinha levado a Londres para ver Emily. Mas as notícias que a sua amiga tinha para dar-lhes tinham destruído a festa.

— Por denúncia. Alguém nos terá vendido, querida.

— Bob “O *Carvalho*” — Emily opinou — mas não importa. Nós temos de negar até ao fim, não têm como prová-lo.

— Talvez não precise de provas e só se trate de um ajuste de contas pessoal, amiga. Isso é o que me preocupa. E o que disse Connaught?

— Ele? Pois nada. O que ia dizer?

— Talvez devêssemos por ao corrente. Esse tipo é primo dele por casamento, talvez conseguisse persuadi-lo da sua inocência.

— Não! Isso jamais. O doutor não tem de saber nunca de nossos *negócios*, de acordo? Prometam-me isso, os dois.

Winston e Molly assentiram e Emily olhou de esguelha para a caixa do estetoscópio que George tinha deixado esquecida, não tendo voltado para recolhê-lo, ofendido, certamente, por causa do que lhe tinha dito no dia de Natal — Ele fica à margem, não deve saber de nada e no que a ele diz respeito, este foi só uma tentativa de roubo normal e banal.

— É perigoso, Emily. Não fico nada tranquilo que viva aqui sozinha.

— Josie está cá...

— Sim, Josie, que é uma heroína... Por Deus!, não estou a brincar. Vem uma temporada para Brighton.

— E fechar o meu negócio? Não, obrigada. Se mostrar medo ou hesitação a esse Hamilton, estou perdida.

— Está bem, mas contratarei alguém para que fique de guarda aqui de noite, alguém de confiança e assim poderei dormir mais tranquilo.

— Está bem, obrigada.

— Deverias casar. Procurar um homem que te proteja.

— Molly...

— Molly nada. É uma pena que uma moça tão bonita como você continue sozinha. Talvez devesse deixar que o doutor a corteje.

— Mas o que diz? — Ficou vermelha e Winston sorriu.

— Um dia esse homem vai casar e depois quero ver o que vai fazer, ah? Achaque a sua mulher deixará que continue a ser seu amigo?

— Esse será um problema dele, não meu.

— Isso é o que diz e não fuja.

— Não fujo, vou um minuto à loja. Por que não vais esquentando água para o chá e serve o bolo? Já volto.

— Embora corra, não pode fugir do que é evidente, Emily Gardiner.

Molly gritou com as mãos nos quadris. Emily a ignorou e desceu à loja sem olhar para trás. Não queria pensar em George, nem nas suas possíveis noivas ou esposas, isso era muito difícil de digerir e preferia ignorar o fato de que, qualquer dia, ele ia comprometer-se, casar e iniciar uma família. Ia acontecer e quando acontecesse, logo encontraria maneira de superá-lo.

Desceu as escadas muito depressa, mas antes de chegar ao patamar se encontrou cara a cara com Josie e se deteve ao vê-la alterada. A juvenzinha estava com a boca aberta e muito pálida e instintivamente Emily fez menção de retroceder, embora tenha sido impossível, porque bem nas costas da funcionária a imagem de dois homens vestidos de uniforme a deixaram paralisada em seu lugar.

— Senhorita Gardiner?

— Sou eu. O que se passa?

— Um momento, por favor, não se mova. Inspetor Smith, ela está aqui — disse o policial, chamando o seu superior.

Em seguida, materializou-se a seu lado um homem amadurecido, elegante e com óculos, vestido à civil, que lhe falou com um sorriso.

— Senhorita Gardiner, sou o inspetor Joseph Smith, da Scotland Yard. Preciso falar com a senhorita.

— Por quê?

— É uma investigação. Preciso que me acompanhe.

— Aonde? — Agarrou-se ao corrimão da escada e tentou parecer serena, embora soubesse que estava perdida.

— À sede de meu escritório, senhorita. Não é um convite. Tem de acompanhar-me porque há uma denúncia contra você.

— Contra mim? Mas por quê?

Emily viu como Smith dava uma ordem silenciosa ao policial de uniforme e como este começava a tirar as algemas e se dirigia para ela.

— Está bem, não é necessário chegar a esses extremos. Vou buscar a minha capa e volto em seguida.

— Um minuto — sussurrou Smith, e ela retornou rapidamente ao pequeno salão, onde Winston e Molly esperavam com cara de pânico.

Emily os olhou e lhes fez um gesto com a mão para que ficassem em silêncio.

— Shhh! Vêm por mim — sussurrou, procurando a capa e a sua bolsa — Precisarei de um advogado.

— É óbvio.

— Adeus, meninos. Não tenham medo por mim e se mantenham à margem. Procurem alguém que se ocupe do assunto.

Desceu correndo à loja e saiu dela, escoltada por aqueles três homens que não lhe tocaram, nem a algemaram, mas que a convidaram a subir a uma carruagem da polícia que os esperava muito perto. Emily se sentou em frente ao inspetor Smith e lhe sorriu com todo o encanto de que pôde fazer uso, depois suspirou com doçura e falou docemente.

— Posso saber do que me acusa, inspetor Smith?

— Saberá no devido momento, senhorita. Agora, rogo-lhe é melhor que fique em silêncio.



Depois de cinco anos a viver sozinha em East End era a segunda vez que a detinham, o qual tinha mérito, porque a média de detenções de seus companheiros de aventuras pelas ruas londrinas era de uma por ano, pelo menos, assim que ela era uma espécie de novata, uma novata muito assustada. Assim que a deixaram sozinha em uma sala sem janelas, bastante sinistra, um medo atroz começou a subir-lhe por todo o corpo. Sentou-se e se levantou mil vezes da cadeira, esperando que alguém fosse falar com ela. Arrumou o vestido, o cabelo, as unhas e ninguém aparecia por ali, até que, no mínimo, duas horas depois de sua chegada, a porta de metal se abriu e teve de enfrentar um sorriso frio, que acabou por aterrorizá-la.

— Está acusada de extorsão, intenção de chantagem e coação — disse-lhe aquele polícia com voz afônica e estendendo uns papéis sobre a mesa — Reconhece a sua letra, senhorita Gardiner?

— Não. — Emily jogou uma olhadela rápida às cartas que ela tinha mandado a Paul Hamilton e que agora repousavam sobre a secretária, em frente a seus olhos, e negou com muita convicção.

— Tem a certeza?

— Como é óbvio.

— Joseph! — O policial chamou Smith e este se aproximou sem tirar os olhos de cima de Emily — Papel e tinta, agora mesmo.

— Muito bem, milorde. Já volto.

— Que idade tem, senhorita Gardiner?

— Dezenove.

— Onde estão seus pais?

— A minha mãe morreu no ano passado e meu pai vive em

Bombaim.

— O barão de Wisley, lorde Michael Shafterbury?

— Assim é.

— E por que não usa o seu sobrenome?

— É uma decisão pessoal.

— Sua, ou de lorde Shafterbury?

— Minha, milorde.

— Ah, sim?

O policial, chefe de alta patente da Scotland Yard, olhou-a de cima abaixo. A moça era muito bela e seria uma lástima que acabasse na prisão, mas Paul Hamilton lhe tinha pedido pessoalmente que aplicasse todo o peso da lei sobre ela e isso era o que pretendia fazer.

— Será a única em sua posição que o faz.

— O quê?

— Não aceitar o sobrenome de seu legítimo pai.

— Estou em meu direito.

— E o seu amante?

— Como diz?

— O doutor George Connaught.

— Como se atreve...?

— Não se faça de digna comigo, senhorita. Toda a Londres conhece a vossa relação.

— Está faltando-me ao respeito. Quero falar com o seu superior imediatamente. — Agarrou o bordo da mesa e se expressou com calma, mas com autoridade. Não podia deixar que a pisoteassem.

— Milorde, aqui tem.

Joseph Smith retornou com tinta e papel e interrompeu a

discussão que Emily Gardiner pretendia iniciar naquele mesmo momento.

— Bem. Escreva o que vou ditar-lhe — ordenou o tipo afônico, ignorando o seu aborrecimento, Emily agarrou o papel e imitou, sem hesitar, uma letra infantil e com erros. Podia fazê-lo e adorava aquele tipo de joguinhos. Além disso, a letra da carta para Hamilton era uma versão muito exagerada da sua letra real, assim jamais a apanhariam por ali e pensou que seu o interrogador era um pouco torpe. Escreveu durante muito momento, talvez quinze minutos, até que o indivíduo se cansou e deu um golpe na mesa — Está bem. Do que vivia quando estava em East End?

— Fazia arranjos de costura, da caridade dos amigos e de algum dinheiro que me dava a minha mãe — mentiu com os olhos fixos no homem.

— E por que usava um nome falso?

— Como diz?

— Mary Taylor, lembra-se? Todos por ali a conhecem por esse nome.

— Não queria que me relacionassem com a minha mãe. Ela se envergonhava de mim.

— E isso por quê?

— Porque vivia sozinha.

— Nada mais?

— Não, não tinha nada mais pelo que envergonhar-se.

— E por que vivia sem a sua mãe?

— Discuti com lady Shafterbury, a ama de minha mãe e ela me jogou na rua.

— Mas não é sua família?

— Jogou-me na rua da mesma maneira. Naquela época eu não conhecia o meu pai e não pude fazer nada.

— E como pôde abrir um negócio da noite para o dia?

— O meu pai, lorde Michael Shafterbury, financiou o negócio. Disponho de um fideicomisso no Banco da Inglaterra.

— Ah, sim?, de quanto?

— Isso não acredito que seja assunto seu, milorde, mas se quiser chame o meu executor, lorde Albert Sheen. Tem o seu escritório de advogados em Mayfair. Ele poderá informá-lo do que quiser.

— Com quem vive?

— Com o Josie, minha funcionária, em um apartamento sobre a minha loja.

— E o seu amante mantém essa casa?

— Como diz...? — Franziu o cenho.

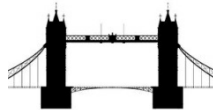
— E do que vivia em East End? — repetiu o tipo, interrompendo os seus protestos.

— Já lhe disse.

— Volte a dizer-me.

O interrogatório demorou uma eternidade. Aquele indivíduo lhe repetia mil e uma vezes as mesmas perguntas, ficava de pé, falava-lhe pelas costas, dava golpes na mesa e, às vezes, gritava e atirava a cadeira contra as paredes. Emily se manteve firme apesar do cansaço, da sede e da fome, e repetiu uma e outra vez as mesmas respostas sem hesitar, até que o policial se cansou e a abandonaram à sua sorte naquela cela sem janelas. Como é óbvio, não lhe deram água, nem comida e quando, por fim, caiu adormecida no chão, alguém veio despertá-la aos gritos para voltar a interrogá-la.

A ação foi repetida tantas vezes que ela perdeu a conta e acabou por desmaiar por puro esgotamento. Ainda estava convalescente da forte gripe que tinha superado graças aos cuidados de George Connaught e se sentia débil, tinha frio e depois o peito começou a queimar-lhe por dentro e a febre a subir por momentos.



— Não pode detê-la sem acusações durante tanto tempo. Passaram três dias desde a sua detenção.

Albert Sheen, acompanhado por outro advogado de seu escritório e por George Connaught, apresentaram-se pela enésima vez na sede da Scotland Yard procurando por Emily Gardiner.

— Se estiver aqui, quero vê-la. Somos seus advogados.

— A senhorita Gardiner foi acusada de extorsão e chantagem por um membro do Parlamento. Enfrenta fortes acusações e não penso deixá-la livre.

— Exijo o *habeas corpus*, pois não pode retê-la aqui.

— Ah, não? — Seamus Green os olhou com um meio sorriso — Porque você diz, milorde?

— Não! Porque é completamente ilegal. Que provas tem contra ela?

George Connaught, que não dormia há duas noites, equilibrou-se contra o policial feito uma fúria, Sheen o agarrou pela manga, mas não pôde evitar que gritasse e chamasse a atenção de todos naquele gabinete.

— Entendo que se preocupe por sua... *amiga*... — disse Green com sarcasmo — mas a lei é a lei, milorde.

— Que insinua, maldito insolente?

— George, calma, calma! — Albert Sheen o agarrou com todas as suas forças — Não ajudamos em nada Emily perdendo a cabeça. Estou certo de que o capitão Green se limita a fazer o seu trabalho, de forma legal, não é assim, milorde?

— Claro, como não?

— Como ela está? Estava convalescente de uma pneumonia quando a detiveram. Sou seu médico. Tenho direito de saber.

— Está bem.

— Quando a levará ante um juiz?

— Quando acabar de contar-nos toda a verdade, e agora se me desculparem, cavalheiros. — Green se levantou e lhes indicou a saída — Temos trabalho aqui. Quando houver novidades sobre a detida, avisarei, lorde Sheen, não se preocupe.

George saiu da Scotland Yard enjoado. Estava cansado e confuso, mas sobretudo preocupado. Uma impotência brutal lhe quebrava a alma, tanto que ninguém podia retê-lo em casa ou no consultório, porque há três dias que andava pela cidade procurando respostas, ajuda e soluções para Emily.

— Vai para casa, George. Bill fica de guarda aqui. É óbvio que não perderemos de vista estes gabinetes. Vá lá, homem, há quanto tempo não dorme?

— Podem torturá-la?

— Como diz?

— Os rumores dizem que a polícia...

— Jamais o farão com Emily, acredita em mim, ela é filha de um nobre.

— Filha natural.

— Mas foi reconhecida publicamente por Michael. Vá lá, não pense nisso, vai para casa.

— Sei que fazem mal aos detidos e ela é muito frágil e esteve doente... — Os seus olhos se encheram de lágrimas e Albert Sheen lhe agarrou o ombro com carinho.

— Está tudo bem, estará bem. Agora cuida de ti um pouco. Precisamos de ti também são e forte...

— O que aconteceu?

Winston Everhard chegou até eles com o chapéu metido até às orelhas. Também estava apavorado por sua amiga, sobretudo porque nem o dinheiro, nem o prestígio de seus amigos tinham ainda conseguido resgatá-la das garras da Scotland Yard.

— Nada, não nos deixam vê-la, Winston. — George passou a mão pela cara e decidiu pôr em prática a ideia que há dias dava voltas na sua cabeça — Vou ver o primeiro-ministro Salisbury, depois vejo-vos.

— Mas...?

— É amigo de meu pai, Albert, não te preocupes. Tentarei falar com ele esta manhã, depois te conto.

— Eu te acompanho — disse Winston e se dispôs a caminhar a seu lado em silêncio.

George e Winston foram diretamente às Casas do Parlamento⁵, onde o primeiro-ministro cumpria com a sua agenda de trabalho. Connaught chegou às portas de acesso do edifício oficial com segurança e pediu falar com o seu pai, que assistia a uma sessão da Câmara dos Lordes. Alegou um problema pessoal grave, o que motivou que, apenas quinze minutos depois, o duque de Stevenage, Daniel Connaught, estivesse no vestíbulo de entrada com cara de

preocupação.

— O que aconteceu, George?

— A mim nada, pai, mas preciso ajudar uma pessoa e para isso é imprescindível que fale com lorde Salisbury.

— Com Robert? Para quê?

— É muito importante

— Imagino que seja. O que aconteceu, filho?

— Trata-se de uma amiga, a senhorita Emily Gardiner. Foi detida pela Scotland Yard acusada de extorsão e não sei quantas coisas mais. É tudo mentira, mas nem os seus advogados, nem eu, nem ninguém pode fazer nada para tirá-la dos calabouços, onde já está há setenta e duas horas incomunicável...

— Eh, eh! Um momento... Quem?

— Emily Gardiner. É filha do meu amigo e camarada Michael Shafterbury.

— Essa moça? Sei quem é. A tua mãe passa a vida a falar dela.

— A minha mãe?

— Já sabes, que é a tua... querida e... — Daniel Connaught ruborizou e olhou de soslaio para o amigo de seu filho, o qual não conhecia.

— Não é minha amante, nem minha querida, pai. Pelo amor de Deus! Já o disse mil vezes à minha mãe. É uma amiga e filha de um grande amigo, ao qual prometi que ajudaria na sua ausência, Michael está na Índia servindo o exército de Sua Majestade. Preciso que alguém me ajude.

— E a sua família? Os Shafterbury não podem fazer nada?

— Michael não quer que se aproximem dela e além disso duvido muito que se interessem pelo seu bem-estar. Pode ajudar ou não? Se

não, tentarei chegar a lorde Salisbury de outro modo.

— Pedirás um favor a Robert Gascoyne-Cecil em nome da minha família?

— Em meu nome. O que se passa? Não me escutou?

— Fiz e devo alegar que não conheço essa dama, que será filha de quem é e muito bonita, mas não quero comprometer o meu bom nome em uma empresa que possa me estourar na cara.

— Como?

George despertou de repente. Estava um pouco dormente pelo cansaço, mas de repente uma luz brilhou na sua cabeça. Quadrou os ombros e caminhou dois passos em direção a seu pai, que retrocedeu, assustado.

— Jamais te pedi qualquer coisa. Acredito que mereço um pouco de ajuda e o farei em meu nome. É a minha palavra a qual comprometo. Ela é inocente, filha de um oficial do exército da Inglaterra e necessito, exijo, que me escutem e me ajudem.

— George!

— Já chega, pai, pelo amor de Deus. Não posso perder nem um minuto mais. Vais levar-me a ver Salisbury ou não? Maldição!

Daniel Connaught olhou durante um segundo para o rosto resolutivo de seu filho e depois lhe fez um gesto para que o seguisse. George pediu a Winston que o esperasse ali e caminhou atrás de seu pai pelos corredores das Casas do Parlamento, até ao escritório de lorde Robert Gascoyne-Cecil, marquês de Salisbury e primeiro-ministro de Sua Majestade. Este os recebeu em seguida com abraços e amostras de afeto bastante sinceras e depois o duque de Stevenage os deixou para que conversassem a sós.

O primeiro-ministro escutou a história de Emily Gardiner e da

sua recente detenção pela Scotland Yard e George apresentou todos os seus argumentos, fazendo insistência no currículo impecável do pai da moça, o barão de Wisley, na Índia, para solicitar a sua ajuda. O médico foi preciso e eloquente e manifestou a sua fé incondicional na inocência de Emily, que não era mais que uma moça sozinha e corajosa, que tinha conseguido abrir caminho na vida e aguentar o injusto tratamento que tinha recebido por parte da família de seu pai. Uma sobrevivente, forte e lutadora da qual não sabiam nada desde que tinha sido detida, em sua própria casa, pela Scotland Yard.

— Do que é acusada?

— De extorsão, tentativa de chantagem e coação.

— Quem a acusa?

— Paul Hamilton, conde de Worsthorne, mas não é oficial. O advogado dela, Albert Sheen, conseguiu a informação de um de seus contatos que tem na Scotland Yard, porque na verdade ninguém nos diz nada.

— Que idade tem?

— Só dezenove anos, milorde.

— Deus bendito! E o que posso fazer eu? A polícia não está sob a minha alçada, George.

— Não diretamente, milorde, mas se pudesse ordenar que levassem Emily Gardiner diante de um juiz para que a acuse oficialmente, que alguém a tire daqueles calabouços e que possamos vê-la, os seus advogados pelo menos...

— Ah! Já me recordo — Robert Gascoyne — Cecil de repente balançou a sua farta barba e olhou para George de soslaio — Paul Hamilton protagonizou aquelas capas escandalosas na imprensa...

— Isso, milorde. Ele diz que Emily é responsável pela sua

desgraça, por isso a acusa ou pelo menos foi isso que nos foi dito.

— Essa moça responsável pelo escândalo? Bendito seja Deus, qualquer coisa serve para limpar o seu nome, é evidente que ele era culpado de suas indiscrições, e ninguém mais. Lembro-me que a sua família sofreu muitíssimo... Enfim... Farei o que puder. Christopher!

— Primeiro-ministro?

Um jovem enxuto, bem vestido e com óculos, entrou no escritório e se inclinou fazendo uma educada reverência.

— Ponho em tuas mãos o lorde George Connaught. É filho de meu querido Daniel, conhece-o. — O secretário assentiu — Faça o que for necessário para ajudá-lo em tudo o que peça e manda chamar em seguida o chefe da Scotland Yard. Preciso falar com ele.

— Sim, Primeiro-ministro, imediatamente.

— Obrigado, milorde. Fico em dívida. — George Connaught se aproximou para dar-lhe a mão e lhe sorriu — É muito amável.

— Faremos o que for preciso, filho, não se preocupe.

— Muitíssimo obrigado, Primeiro-ministro. — O médico fez menção de ir embora, mas na metade do caminho, Robert Gascoyne-Cecil o chamou. George se voltou para ele e prestou atenção.

— Sabe o que se diz sobre você e essa moça na cidade, não?

— Milorde?

— Até mesmo a minha mulher me falou disso. Acredito que depois desta tua interferência nesta questão, deverá reconsiderar a relação que mantém com ela. Dentro de dias este assunto será de domínio público e se não, dá tempo ao tempo, afinal ela é filha do barão de Wisley.

— Não entendo, milorde. Emily Gardiner é uma dama e filha de um amigo.

— Muito bem. Não estou acostumado a dar conselhos, mas neste momento não posso calar-me: casa-se com ela, ou afaste-se, filho. — Suspirou e voltou a sua atenção para os papéis de sua mesa — Enfim, bom dia, George. Saúda a tua mãe de minha parte.

George Connaught, perplexo, demorou uns segundos para reagir. Olhou longamente para o ilustre cavalheiro e depois seguiu o seu secretário, Christopher, para a saída, onde se concentraram imediatamente em pôr em marcha a ajuda para tirar a sua amiga dos calabouços da Scotland Yard.



— Deus bendito, que vergonha! — Amanda Connaught caminhou para a sua mãe, muito zangada — Não se fala de outra coisa, mamãe. Que vergonha!

— De quê, Amy? O que te aconteceu?

— Charisse Stamford, prometida de Christopher Primrose, um dos secretários do Primeiro-ministro... — engoliu em seco e tentou acalmar-se — contou a todas, no chá dos Shafterbury, que aquela rameira, Emily Gardiner, está detida por não sei quantas coisas e que o meu irmão George, em pessoa, visitou esta manhã o primeiro-ministro para pedir-lhe ajuda e tirá-la da prisão.

— O quê? Ele fez o quê?

Eleonor Connaught quase sufocou. Levou a mão ao peito e olhou para a sua filha mais nova com os olhos prestes a sair das órbitas.

— Charisse diz que o seu prometido teve de intervir para tratar do assunto, porque lorde Salisbury não se negou a ajudá-lo e porque

George comprometeu a sua palavra de honra, jurando pela inocência dessa mulher. Isto já é muito, mãe. Têm de fazer alguma coisa, todas ficamos surpreendidas e lady Shafterbury quase desmaiou. Tivemos de dar-lhe saís para que reagisse.

— Meu Deus! Ele tem de parar já com isso.

— É óbvio, Lucy estava lá. Se disser algo à sua família, talvez decidem romper o compromisso.

— Amanda, mas, o que diz? O que tem isso a ver como teu compromisso?

— Como não? O meu irmão não só trabalha com pobres, como também se deita com eles.

— Amanda!

A duquesa de Stevenage desmaiou de desgosto e a sua donzela correu para o seu lado para pôr-lhe saís no nariz.

— É verdade, todo o mundo o diz. Por que se não é verdade, para quê passar tanto tempo com ela? No final, acabará por ter um bastardo e terá de reconhecê-lo... Talvez decida casar-se com ela.

— Não, isso jamais! Alguma coisa faremos, terá de afastar-se dessa mulher, Meu Deus! Que desgraça, que desgraça. Não paramos de ter desgraças nesta família.

— Ele não fará nem caso, já sabes como ele é.

— Então, teremos de fazer alguma coisa com ela.

— Rose Shafterbury diz que é perigosa e que terá de tirá-la do caminho, que se a sua mãe foi capaz de enrolar-se e atribuir um filho a lorde Michael, ela pode fazer o mesmo com o meu irmão e que o melhor seria que a condenassem e enforcassem de uma maldita vez.

— Amanda! De onde tiras essa linguagem? Não é cristão desejar o mal alheio.

— Se por causa dessa prostituta, Jason romper o compromisso, então a matarei com as minhas próprias mãos.

— Ninguém fará tal coisa, por Deus, falarei com o teu pai. Talvez tenha de insistir para que o teu irmão retorne à Índia, procurar-lhe uma boa mulher e esquecer este assunto.

— Não o fará. Ele quer ficar aqui com os seus asquerosos pobretões e aquela prostituta. Está louco por ela. Não sabes como olha...

— Pensarei em algo, querida. Não se angustie.

— Eu também pensarei em algo, de fato, Rosemund Shafterbury está disposta a ajudar-me.

— O que queres fazer? — Eleonor olhou como a sua filha saía para o corredor muito decidida — Não faças nada sem consultar-me. Não quero aborrecer-me com o teu pai por culpa dessa mulher, Amanda.



— Tens amigos mais capitalistas do que eu, mas isto não acaba aqui, só para que saibas — o policial lhe disse, colado à sua orelha.

Emily mal podia manter-se ereta naquela cadeira dura onde tinha passado os últimos três dias, dormitando e sem água, nem alimento. Tinha febre e não conseguiu responder, só agradeceu a umas mãos que a levantaram e estenderam sobre a cama da cela e a taparam com uma manta.

— Dorme, puta mentirosa. Dorme, que manhã vais para casa.

Alguém lhe molhou os lábios com água e tentou beber, mas o corpo não lhe respondia e optou por dormir e esquecer por um

momento a dor nos ossos, a febre e o peito ardente que não a deixava respirar. Não sabia há quantas horas estava ali, mas era igual. Estava entrando em uma fase de apatia total e por mais que tentassem despertá-la, molhando-lhe a cabeça e sacudindo-a pelos ombros, ela já mal respondia às constantes perguntas, mesmo que, de seus lábios, jamais saísse o que aquela gente esperava ouvir, que ela e os seus amigos tinham extorquido Paul Hamilton.

Milagrosamente, não contou a verdade e se manteve firme em suas respostas, tanto que, quando Seamus Green recebeu a visita de um dos secretários do Primeiro-ministro com a ordem expressa de soltar a detida, ele já estava ponderando a possibilidade levá-la diante de um juiz, porque estava ficando farto de sua obstinação.

Nessa mesma noite ordenou que a atendessem e arrumassem e prometeu ao secretário que a soltariam na manhã seguinte, um trâmite que o deixava em uma situação vergonhosa, embora pretendesse obrigar Paul Hamilton a assumir a responsabilidade por aquela detenção, pessoalmente e diante do Primeiro-ministro Salisbury.

— Mãe de Deus, Emily!

Molly começou a chorar quando a viu sair do edifício agarrada por dois guardas e por Albert Sheen, que levava o semblante muito sombrio. Correu para ela soluçando, enquanto Winston Everhard e George Connaught ficavam quietos e sem palavras ante a imagem desoladora da jovem.

— Estou bem, estou bem — repetia ela quase sem voz e sem que pudesse caminhar sozinha e olhou de esguelha para o doutor, que tinha os olhos cheios de lágrimas — É a gripe outra vez.

— Vou matar aquele filho de puta.

George passou por seu lado feito uma fúria, Sheen não pôde fazer nada para detê-lo e suplicou a Winston que o seguisse.

— George! Não! Não vale a pena.

George Connaught chegou à entrada dos gabinetes chamando aos gritos por Seamus Green. «Matá-lo-ei com as minhas próprias mãos», decidiu ao ver o aspecto de Emily, que parecia uma morta-viva. Sentiu a mão firme de Winston agarrando-o pelo braço, mas se esquivou dele, golpeou uma mesa com a bengala e a partiu ao meio ante o horror dos empregados, que ficaram de pé, gritando.

— Sai, maldito filho de puta, se for homem! Sai e me olha na cara, Green!

— Não está, milorde. O capitão Green não está aqui — disse-lhe um dos guardas com as mãos ao alto — Rogo-lhe que se acalme. Este é um edifício público, se não o fizer, terei de detê-lo.

— E vai me maltratar como fazem com as mulheres indefesas?

— Milorde, rogo-lhe.

O policial chamou os guardas da entrada, que começaram a rodear o médico.

— George, amigo, vamos sair daqui. — Winston o abraçou pelos ombros e lhe falou com calma — Emily precisa de ti, precisa de um médico, cuidaremos dela e quando estiver melhor, eu mesmo ajudarei a encontrar esse filho de puta, prometo isso. Mas agora temos de sair daqui.

— Diga ao covarde desprezível de seu chefe — disse George, que se aproximou do policial e lhe falou com a voz carregada de ira, mas sem gritar — que quando o encontrar desejará não ter nascido, ouviu bem?

— Ameaça, milorde?

— Não é uma ameaça. Se voltar tê-lo diante de mim, o matarei, ouviu bem?

Saíram rapidamente da Scotland Yard sem olhar para trás. Seamus Green fechou a porta de seu gabinete no segundo andar e bufou, movendo a cabeça. Pensou que deveria tomar cuidado se não queria acabar em um calabouço sob a sua custódia, depois foi até à janelinha do escritório e conseguiu ver Connaught e o seu amigo subindo à carruagem onde certamente levavam a moça.

— Os homens se tornam imbecis quando se trata de uma mulher bonita, Rick — disse em direção do seu assistente, que no meio da briga não tinha deixado de trabalhar e continuava impertérito sentado à sua mesa — Pôr em risco o seu sobrenome e o seu prestígio por uma rameira, isso é normal?

— Não sei, senhor.

— Por uma peça como Emily Gardiner, talvez, mas te asseguro que não vale a pena. A moça é culpada, sei disso e esse Connaught é um idiota. Mesmo com todos os seus títulos e galões, continua a ser um idiota.

George Connaught olhou uma vez mais o rosto cansado de Emily e engoliu em seco para não chorar. Afastou o cabelo e se concentrou em organizar a sua maleta, enquanto Josie e Molly ficavam junto à cama para velar o sono da doente.

Tinham estado com ela por uma hora. A primeira coisa que tinham feito tinha sido inundá-la em uma banheira quente para que ficasse quente, depois lhe tinham dado umas massagens por todo o corpo com azeite de camomila e, finalmente, o médico tinha entrado para comprovar que não tinha feridas ou contusões graves, mas uma recaída da forte gripe que tinha superado fazia poucos dias. Pôs-lhe papel de jornal quente no peito, a fez beber um chá com gotas de gengibre e a cobriu com doçura. Não havia muito mais que ele pudesse fazer, nada, exceto vigiá-la de perto para evitar que a febre subisse muito.

— Como ela está? — perguntou Winston quando, por fim, o médico apareceu no salão.

— À beira de uma pneumonia, esgotada e sedenta, mas ficará bem. Albert, quero denunciar aquele tipo. Vou acabar com ele. É um delinquente...

— Para, George — disse o advogado, ficando de pé — Entendo como se sente e estou igualmente desolado, mas não podemos fazer nada. Vou escrever a Michael e apresentaremos uma queixa oficial por detenção ilegal e maus tratos que Emily suportou durante os interrogatórios, mas de momento não faremos mais nada.

— Fazem sempre, continuamente. É o procedimento O que vai denunciar?

Winston Everhard sabia perfeitamente que os interrogatórios eram assim, embora aqueles ricos não tivessem nem ideia disso.

— O melhor é virar a página e esquecer o assunto. Como ficou a situação na polícia?

— Virar a página? — O doutor deitava fogo pelos olhos e Winston meneou a cabeça com um meio sorriso — O que está a dizer? Podiam tê-la matado, sabia?

— Mas não o fizeram e é melhor manter a polícia ao longe. Acredita em mim.

— Por quê? Tem algo a temer?

— Não, doutor é porque para a gente como nós o melhor é ser invisível para a polícia. Você não entende, mas Emily e eu, sim. Sem dúvida, o mais sensato é esquecer o episódio e seguir adiante com as nossas vidas.

— Oh, não! Não penso esquecer este assunto. Dá-me igual o que vocês acham. — Agarrou uma garrafa de conhaque e se serviu de um copo — Detiveram-na sem provas, mantiveram-na isolada durante quatro dias e saiu naquele estado, isso não vou perdoar, esquecer, nem tolerar. Achaque poderei viver com algo assim, sem fazer nada a respeito?

— George — disse Albert Sheen, que olhou de esguelha para Winston Everhard e depois se dirigiu a Connaught — não é nem seu pai, nem seu irmão, nem seu marido, então deixa que seja Michael Shafterbury e eu, em seu nome, quem faça alguma coisa. Já fizeste muito pondo o teu prestígio como garantia diante do Primeiro-ministro.

— O quê?

O médico o olhou indignado, respirou fundo e preferiu calar-se, porque aquele homem tinha razão e embora lhe doesse, era verdade: não tinha nenhum direito, nem responsabilidade alguma para com Emily Gardiner e devia aceitá-lo.

— Está bem. — Everhard ficou de pé e levantou as mãos em sinal de concordância — O importante agora é ela. Alguém pode explicar-me em que situação legal ficou?

— O primeiro-ministro, através do diretor da Scotland Yard, exigiu que fosse colocada em liberdade, por falta de provas. Obviamente esse tipo, Green, não tinha nada concreto contra ela, salvo a acusação de Paul Hamilton. É o que têm e com isso, não têm nada.

Albert Sheen foi para o cabide e agarrou a sua capa. Levava todo o dia pendente do caso, pela amizade que o unia a Michael Shafterbury, mas já era hora de voltar para casa.

— E como é possível que a tenham detido sem provas? — perguntou George.

— Porque pretendem arrancar a confissão com os interrogatórios. É evidente que algo tinham em seu contrário, mas ela não lhes deu nada, assim, pelo menos para já, acredito que não devemos preocupar-nos com a Scotland Yard.

— Pelo menos para já?

— Sim, George. Suponho que não encontrarão nada contra Emily, mas prefiro não dar tudo por feito. Estaremos atentos e hoje mesmo escreverei a Michael. Talvez seja o melhor momento para que Emily adote, de uma vez por todas, o sobrenome de seu pai e até mesmo que vá para a Índia por uma temporada ter com ele.

— Fugir? Não tem por que fugir, ela é inocente, Albert.

— Não duvido disso, George, mas sou advogado. Prefiro ter todas as cartas em minha mão, não?

Sheen olhou para o amigo da moça, Winston Everhard e voltou a ver em seus olhos uma sombra da qual não gostou. Ocultavam algo e rogava aos céus que não se tratasse de algo criminal. Era provável que Emily Gardiner não fosse tão inocente assim, como pensava Connaught, ao fim e ao cabo, tinha passado quatro anos sobrevivendo sozinha e de qualquer maneira em East End, usando um nome falso e associando-se com gente como aquele Everhard, que era um conhecido trapaceiro do porto.

— Enfim, amigos, tenho de ir. Foi um dia duro. Amanhã virei saber notícias da moça.

O advogado partiu e George Connaught desabou sobre uma poltrona pela primeira vez no dia. Estava esgotado, zangado e além disso, devia ir ao consultório para atender outros pacientes. Olhou para Winston e falou baixinho, cravando-lhe os olhos água-marinha.

— Têm algo a ver com tudo isto, Winston?

— Com o quê, amigo?

— Não me mintas, Winston, a mim não.

— Doutor...

— Jurarei ante o arcebispo da Cantuária, se for necessário, que ela é inocente, porque não permitirei que ninguém lhe faça mal, mas ao menos mereço saber a verdade.

— Achas que...?

— Nesta altura da minha vida acredito em qualquer coisa — interrompeu-o e passou a mão pela cara — Que negócios tinham em East End?

— Olha, George...

Winston Everhard se calou, ponderando se era justo continuar a enganar o seu amigo. Contudo, antes que pudesse continuar a falar, Molly entrou a correr na salinha para chamar o médico.

— Doutor! Está a vomitar sangue. Não conseguimos deter os vômitos. Tem muita febre.

George se levantou de um salto e correu para o quarto de Emily para atendê-la. Winston voltou para o seu lugar, agarrou a cabeça entre as mãos e soltou uma infinidade de maldições por ter de comportar-se como um bastardo precisamente com o George Connaught, que era um tipo decente, uma boa pessoa e um amigo que acabava de salvar a vida da moça, intercedendo por ela ante lorde Salisbury.

Emily não teria sobrevivido muitos dias mais nas mãos de Seamus Green, ele sabia, como sabia que ela não os tinha delatado. Estavam tendo muita sorte e deviam tudo a Connaught, que era um homem de honra, alguém em quem confiar e um amigo ao qual talvez devesse contar toda a verdade, para que soubesse realmente o que estava a arriscar protegendo Emily Gardiner.



— Ah, doutor! O que fazes ainda aqui?

Emily falou dando-lhe de presente um sorriso e ele deixou o sofá, onde lia uma novela, para aproximar-se da cama e tocar-lhe na testa com ar profissional.

— Não tem febre.

— Estou melhor. O que faz aqui?

Mal lhe saía a voz, porque a garganta lhe doía horivelmente, mas continuou a sorrir e viu como ele se sentava na cama e a olhava nos olhos.

— Estou melhor. Vai para casa.

— Quer se desfazer de mim?

— Um pouco sim. Há quantos dias estás aqui?

— Quatro, eu acho.

— Não quero que a tua mãe comece a preocupar-se.

— Não se preocupará. Quer água? Um chá? Molly acaba de trazer.

— Não, obrigada, doutor. Estou bem, a sério.

— Tem certeza?

George esticou a mão e lhe acariciou a cabeça. «É linda», pensou, apesar das olheiras que rodeavam os seus enormes olhos negros. Tinha a pele branquíssima, o cabelo escuro estava preso em uma única trança e vestia uma camisola de dormir simples, de algodão cru muito fechado, mas parecia uma princesa, um anjo e não conseguiu evitar baixar os dedos e acariciar a sua cútis perfeita e suave. Estava há horas e horas a vê-la dormir, pendente de cada um de seus suspiros, de seus gemidos, porque um sentimento de ternura enorme inundava a sua alma cada vez que ela acordava e lhe sorria.

— Estive muito preocupado com você.

— Eu sei, mas já estou melhor, dou a minha palavra de honra.

Emily sorriu com o coração na garganta, muito emocionada, sentindo o contato de sua mão enorme e cálida sobre a sua pele. Respirou fundo, levantou a sua própria mão e acariciou a de George Connaught, olhando-o nos olhos. Ele sorriu e não se moveu, nem rechaçou aquele gesto tão carinhoso, pelo contrário, parecia

igualmente alterado e feliz.

— Obrigada por estar aqui.

— Em que outro lugar poderia estar, Emily Gardiner?

— No seu palácio em Westminster, com os seus pacientes em Mayfair ou em Cannon Street, em Cambridge jogando rugby...

Soltou uma gargalhada suave, agarrou-lhe a mão e lhe beijou a palma. Cheirava a loção de barbear e a limpeza, como sempre e aspirou o seu delicioso aroma sem pensar que estava cometendo uma tremenda indiscrição.

— Fico grata por ter ficado. Molly fica assustada por qualquer coisa.

— Ela e todos. Eu me faço de forte, mas passei muito mal. Eu não gosto de te ver doente.

— Logo ficarei boa. Quando chega lorde Sheen? Quero falar com ele.

— Ainda não chegou. Não quero que veja ninguém. Deves descansar e não se preocupe. Está tudo em ordem.

— Não sei, doutor, não sei.

George a soltou e se afastou para servir-lhe um chá. Emily seguiu os seus movimentos, recordando fugazmente a sua passagem por aquele calabouço terrível na Scotland Yard: o frio, o esgotamento, os gritos e a apatia enorme que sentiu e que a ajudou a não sentir, nem padecer nada, apesar dos esforços de seu carcereiro em intimidá-la.

— Não penses mais nisso.

— É difícil não fazê-lo.

— Quer falar comigo sobre isso? Quer contar o que aconteceu?

— O médico se aproximou com a xícara de chá e a deixou no criado-

mudo. Voltou a sentar na cama e a olhou com muita atenção.

— Se precisar falar, pode confiar em mim.

— Não, não quero falar disso.

— Bem, como queira — observou atentamente como tomava o chá e voltou a acariciar-lhe o cabelo.

— Sabe o que dizem de nós na cidade, doutor Connaught? — Cravou-lhe os olhos negros e ele pôs-se a rir — Pois como está aqui, em meu quarto, terão motivos, mais do que suficientes, para manchar a minha reputação definitivamente.

— Isso te preocupa?

— Não muito. Além disso, depois da minha passagem pela prisão, suponho que já fica pouca reputação para salvar.

— Porque se te preocupa podemos corrigir... — Tinha falado sem pensar e esteve prestes a recuar, mas ao ver o precioso rosto de Emily iluminado pelo rubor, pensou que valia a pena continuar — Eu adoraria limpar a tua honra de forma oficial.

— E isso como se faz?

— Não sabe?

Continuou a olhá-la nos olhos, e depois baixou os seus olhos para a boca dela. Emily sentiu como se a queimasse e ficou vermelha como um tomate. O coração pulsava com fúria no peito.

— Doutor Connaught!

Molly entrou sem chamar e os fez saltar da cama. George ficou de pé muito depressa e a recebeu arrumando o colete e a camisa — Sinto muito, milorde. Um homem, o seu mordomo, conforme diz, procura-o lá em baixo.

— Jonathan?

— Sim, é isso, Jonathan. Diz que é importante.

— Muito bem. — Franziu o cenho e olhou para a sua paciente — Já vou, continua descansando.

Emily o seguiu com os olhos sem que pudesse articular uma só palavra. Tinha estado prestes a dizer-lhe algo muito importante e o pulso tinha acelerado até tal ponto, que o sentia contra os ouvidos. Olhou para a sua amiga e quis contar-lhe o diálogo que acabava de manter com o médico, mas foi incapaz e suspirou colocando a mão no peito.

— Eu nunca vi um homem mais bonito do que o doutor e olha que o meu Winston é lindo, mas este homem tem algo muito especial naqueles olhos tão claros que Deus lhe deu. Emily?

— Sim, sim, claro.

— Fariam um casal tão bonito, você tão bonita e ele tão atraente. Seriam motivo de inveja de toda a cidade.

— Molly, Por Deus, isso é impossível.

— Por quê?

— Sabes muito bem porquê. — Tapou-se com as mantas e olhou para a sua amiga aparentando tranquilidade — Ele precisa uma esposa nobre, rica e de boas famílias.

— E só pode estar com ele se casar?

— Como é que é?

— Estamos a caminho do século XX, Emily Gardiner. Uma mulher que quer um homem não precisa casar com ele, não seja antiquada.

— Molly!

— Se eu fosse metade de bonita que é, teria feito os homens mais desejados de Londres apaixonar-se por mim. E agora, obedece ao médico e continua a descansar.



— Sinto importuná-lo, milorde, mas os seus pais solicitam a sua presença em casa.

— O que aconteceu, Jonathan? Algo grave?

George Connaught atendeu o fiel mordomo na loja e lhe deu um tapinha nas costas para que falasse.

— Hoje é o jantar com a família Rhys-Evans.

— Com quem?

— A família do prometido de lady Amanda.

— E eu com isso, Jonathan? Olha, sinto muito, desculpa-me com a minha mãe, mas estou atendendo uma paciente. A senhorita Gardiner está muito doente e precisa de mim.

— O seu pai me disse que o levasse a rastros, se fosse necessário.

— Não tenho dez anos, velho amigo. Diz a meu pai que não quero ir e pronto. — Fez menção de voltar para o andar superior, mas se virou para o mordomo para falar-lhe, franzindo o cenho — Jonathan, como sabias que eu estava aqui?

— Há alguém em Londres que não saiba, milorde?

Jonathan, que conhecia George Connaught desde pequeno, deu-lhe as costas sabendo que não conseguiria arrastá-lo ao palácio, tinha-o sabido mesmo antes de ir buscá-lo, mas o duque tinha insistido e não tinha tido outra hipótese a não ser entrar naquela loja e perguntar por ele. Fez-lhe um último gesto de despedida com a mão e se perdeu no meio da neve que caía discretamente sobre a cidade. George ficou perplexo por uns minutos e depois olhou para Josie, que tinha seguido toda a cena em silêncio. A funcionária encolheu os

ombros e baixou a vista para seguir a arrumar o balcão. Ele bufou, indignado, e alcançou as escadas, convencido de que devia resolver as especulações de todo o mundo quanto antes.

— Emily... — Chegou à carreira ao quarto e Molly o deteve fazendo-o calar — Adormeceu como sempre: de repente e sem avisar.

— Mas se não demorei nada. — Olhou para a cama e a viu enrolada, dormindo — Bom, o melhor é que descanse.

— Isso. Por que não vai para casa e descansa, doutor? Está há muitos dias aqui, eu cuidarei dela, prometo.

— Não, vou esperar que acorde.



— Como pode nos fazer isto?

— O quê?

George entregou a capa e a bengala ao seu valete e começou a subir as escadas devagar. Amanda, a sua irmã, falava com aquela voz de apito insuportável que utilizava quando estava zangada, por isso nem sequer olhou para ela.

— Ontem à noite não vieste ao jantar com a minha futura família por casamento. Todos ficaram com a boca aberta ao não te ver.

— A mim? Não é você quem vai casar com o tal Jason?

— Mas não estávamos todos e além disso as pessoas sussurravam por causa da tua... *amiga* — espetou, furiosa. Estava indignada com ele e não pensava calar-se.

— Amanhã falamos, querida. Agora me deixa em paz, estou esgotado. — Entrou em seu quarto e começou a desabotoar o colete

quando notou que Amanda o tinha seguido até ali — Que quer? Não ouviu que não quero falar?

— É vergonhoso, George. A nossa mãe não se atreve nem a olhar para as suas amigas na cara. É um milagre que a família de Jason não tenha reprovado nada ainda.

— Que demônios está aí a dizer?

— Toda a cidade fala de teus namoricos com aquela mulher — disse e ergueu os ombros estando às beiras das lágrimas — Nem sequer és discreto e agora todos sabem que ela esteve na prisão e que continuaria lá se não tivesse você, porque a tirou de lá pedindo favores... como pode nos envergonhar desta maneira?

— Como se atreve a falar nesse tom?

— Vou casar-me em maio e ninguém fala disso, porque os seus namoricos com aquelazinha monopolizam os rumores de todo a Londres.

— Não fale assim dela, Amanda! Não admito! — Caminhou para a moça jogando faíscas pelos olhos e Amanda deu um passo atrás, morta de medo — A senhorita Gardiner é minha amiga, filha de meu camarada Michael Shafterbury e não tolerarei que lhe falte ao respeito em minha presença, ouves-me, pirralha insolente?

— Os Shafterbury não a reconhecem, envergonham-se dela e dizem que a mãe dela enganou lorde Michael, que essa moça pode ser filha de qualquer um. — Amanda Connaught estava histérica, mas viu claramente a mão de seu irmão levantar-se no ar, antes de sentir a bofetada na bochecha. Logo de seguida, acariciou a cara e começou a chiar — Mamãe! Mamãe! Bateu-me!

— Sai do meu quarto! Fora daqui!

— O que aconteceu? — Lady Eleonor chegou rapidamente

seguida por duas donzelas e abraçou a sua filha mais nova, que chorava gritando no corredor — O que fez, George?

— Bateu-me para defendê-la, para defender aquela rameira.

— Não! — A duquesa ficou entre ambos para evitar que George esbofeteasse novamente a sua irmã. Olhou-o nos olhos e levantou o dedo com autoridade — Não se atreva a tocar nela, George Andrew Connaught. Esta é a minha casa e espero que a respeite.

— Muito bem, mãe, pois diga à sua filha malcriada que não me falte ao respeito e eu não voltarei a pô-la em seu lugar.

— Estamos todos nervosos. Amanhã será outro dia. Amy, vai para a cama, Annie vai acompanhar-te e você, George, entra em teu quarto. Temos de falar.

A duquesa de Stevenage respirou fundo e decidiu resolver o assunto de uma vez por todas. Há meses que ouvia os constantes falatórios sobre o seu filho e aquela mulher e já estava farta. Além disso, queria celebrar as bodas de Amanda em paz e tranquilidade e não pretendia tolerar mais a tensão que se respirava naquela casa por causa daquele assunto.

Procurou uma cadeira e se sentou em frente a seu filho. Olhou nos seus enormes olhos claros e o convidou a tomar assento.

— O que tem com essa moça?

— Não é problema teu.

— Sou tua mãe e sim é.

— É uma amiga. A filha de um...

— Isso já me disseste — a dama o interrompeu — Quero a verdade.

— É só uma amiga ena verdade, não me sinto confortável falando de minha vida privada contigo. Tenho trinta e um anos, mãe.

— Idade mais do que suficiente para casares e iniciares uma família, então, compreenderás que estejamos preocupados contigo. Há muitas candidatas para ser a tua prometida, mas obviamente a tua relação com essa mulher dificulta qualquer compromisso de matrimônio.

— Não vou comprometer-me com nenhuma de suas candidatas, não se preocupe.

— E o que pretende fazer? Agora que o seu pai te nomeou seu legatário, tem a obrigação de casar rapidamente. É o normal.

— A única coisa que quero é que entenda que a senhorita Gardiner não é minha amante, nem minha querida, mãe, fui claro? Já sabe disso e espero que quando ouvir intrigas sobre isso as esclareça imediatamente.

— Não tenho por que defender essa mulher, nem sequer a conheço.

— Só tem dezenove anos. É uma boa garota e posso apresentá-la quando quiser.

— Não, obrigada; não quero inimizar-me com Rose Shafterbury por culpa dessa moça.

— Rose Shafterbury é uma bruxa desalmada que enganou, maltratou e roubou Emily e a sua mãe durante anos. É uma víbora e não deveria nem deixá-la entrar nesta casa.

— Porque tu o dizes?

— Nem sequer o seu marido a tolera, mãe. É uma mentirosa e uma má pessoa, mas enfim... — Quadrou os ombros — Estou esgotado, fim de bate-papo. Faz o que quiser e eu continuarei a fazer o que me pareça bem.

— Não pode continuar a manchar o nome da sua família.

— Manchar o quê?

— Enquanto toda a cidade, os nossos amigos e familiares continuem a cochichar sobre a tua relação com essa mulher, mancha o nosso sobrenome e permite que ande de boca em boca. Pensa um pouco nisso, filho e tenta ser mais responsável e menos egoísta.

— Quer que deixe de ver Emily Gardiner porque as pessoas cochicham?

— Isso.

Eleonor Connaught se levantou mais tranquila, pelo menos tinha tentado e George já sabia o que pensavam sobre o assunto.

— Se gosta tanto dela, pelo menos seja mais discreto. Entendo que esteja enrabichado por dela, disseram-me que é linda, mas não tem de passar a vida em sua casa. Compre uma bonita residência longe daqui, em Windsor ou Cambridge, que você gosta tanto. Sejam discretos, faz ao menos por ela, se é que de verdade se importa.

— Está sugerindo que pode ser minha amante se o fizer discretamente?

— Muitos cavalheiros o fazem, não é um menino, Georgie. Conhecemos muitos casos similares.

— Ela não é minha amante, nem quero que seja e o mais importante, Emily jamais aceitaria.

— Acha? — A duquesa pôs-se a rir — É bonito, rico, elegante e um cavalheiro. Meu filho! Quem poderia te rechaçar? Se ela quiser e for inteligente, como acredito que é, compreenderá que pode estar contigo discretamente, enquanto você faz a sua vida, casa e cumpre com os seus deveres como futuro duque de Stevenage.

— Às vezes consegue ser malvada, mãe. Prefiro não continuar a falar com você, assim, se não se importa, deixa-me em paz. Preciso

dormir.

— E que planos tinha para ela, George, ah? — perguntou, saindo para o corredor e apoiando-se na porta do quarto para evitar que seu filho a fechasse — Não pretenderia convertê-la em sua noiva?

— Essa sim é que é uma boa ideia — replicou, afastando da porta — muito boa. E no fundo sei que não é assim tão má pessoa, mamãe. Boa noite.

Eleonor Connaught, duquesa de Stevenage, ficou perplexa vendo como a porta se fechava diante de seu nariz. George era o seu filho mais responsável, mas também o mais rebelde, era quem tinha mais caráter e as ideias mais claras. Isso o tornava confiável, mas também perigoso. Desde muito pequeno tinha desistido de orientar os seus passos, mas tampouco tinha sido necessário, porque George era, acima de tudo, sensato e muito inteligente, não era como Charles, que tinha sido uma calamidade desde o seu nascimento. Contudo, a sua atitude ante o assunto Emily Gardiner a aterrava, porque já há muitos meses desafiava todo o mundo com sua aproximação à moça e começou a temer que ele, com aquela teimosia, acabasse impondo o seu capricho, tornando a moça parte da sua vida de forma oficial.

Essa era a pior das opções possíveis, mas talvez a mais lógica para alguém como George e se enjoou apenas ao contemplar essa possibilidade. Apoiou-se na parede e chamou aos gritos a sua donzela.

— Leva-me para a cama, Gwendolyn. Acredito que estou sofrendo um enfarte.

— Aviso o lorde George, milady.

— Não, querida. Não quero que acabe comigo esta noite.



George apoiou a cabeça na porta ouvindo as queixas de sua mãe, fechou os olhos e não se moveu. Estava esgotado depois de cinco dias pendente de Emily e só precisava dormir em sua cama, esticado, relaxado e bem agasalhado, nada mais.

Finalmente, quando ouviu Eleonor perdendo-se pelo corredor, retrocedeu para a sua cama e se despiu. Tinha pedido a Roger, o seu valete, que o deixasse sozinho, assim não tinha de esperar ninguém, nem conversar, simplesmente se despiu e se meteu na cama a bordo do sono mais profundo. Na verdade, não lhe importavam as opiniões das pessoas, da sua família, da sua mãe, nada lhe podia tirar o sono naquela noite e fechou os olhos pensando nos de Emily, tão grandes e escuros.

Se não o afetavam os mal-intencionados falatórios, ele continuaria a ignorá-los, porque o pior que podiam fazer era começar a agir contra a miserável sociedade que os rodeava. Não pretendia sucumbir aos preconceitos e ao «o que dirão», jamais tinha feito e não era momento para começar, embora, talvez, devesse ser mais responsável e pensar em Emily e na sua reputação, em seu futuro e se afastar dela.

Abriu os olhos de repente com o coração acelerado. Afastar-se dela? Já tinha tentado uma vez e tinha sido penoso. Poderia fazer outra vez? Sentou-se na cama e passou a mão pela cara. Não podia nem contemplar a possibilidade de afastar-se dela; gostava da sua companhia, do seu bate-papo, da sua risada, da sua amizade. Não

pensava renunciar a ela, isso, jamais.

Emily parecia não se importar sobre o que se dizia deles, e estava acostumada a ser sincera, assim não havia nada mais sobre o que falar. Contudo, certamente, o seu amigo e camarada Michael Shafterbury não aprovasse nada que estivesse comprometendo a honra de sua filha, ele não podia afastar-se da moça, já não, porque a só possibilidade de perdê-la lhe partia a alma em duas.

Levantou-se, foi para a sua secretária e tirou uma garrafinha de uísque que guardava em uma gaveta. Bebeu um gole e se juntou à janela. Chovia e fazia um frio de morte, estavam a 8 de janeiro e o inverno galopava pela Inglaterra. Àquelas horas ela dormia em sua cama em Regent Street, muito mais recuperada e com as bochechas avermelhadas. Sorriu ao recordá-la, Emily Gardiner era a criatura mais formosa que tinha visto em toda a sua vida e dona da personalidade mais interessante que ele jamais tinha conhecido em uma mulher. Era doce e feminina, mas valente e lutadora, com as ideias claras, uma energia envolvente e tão inteligente como qualquer um de seus camaradas. Era única e especial, insubstituível e talvez tivesse chegado a hora de fazer algo a respeito.

Voltou para a cama sorrindo, entusiasmado como um colegial. Falaria com ela, devia fazê-lo e depois disso, talvez acabassem de repente com os rumores que percorriam a maldita cidade.

Sentou-se em frente à mesa de costura da salinha e tirou da cesta as peças que ainda faltavam bordar. As moças lhe tinham subido o trabalho para ir adiantando a tarefa, porque a sua gripe, a detenção e a sua posterior recuperação tinham atrasado o trabalho, apesar dos esforços das costureiras em substituí-la. «São muito boas e responsáveis», pensou enfiando a agulha, «empregadas de primeira e devia oferecer-lhes um presente como reconhecimento».

Levantou os olhos e viu os bombons que George lhe tinha dado no Natal, junto à mesa de costura. Esticou a mão e tirou um. Olhou-o por um momento e o desembulhou com um sorriso. Aquele homem era adorável e só por recordar de seus olhos água-marinha o coração lhe saltava no peito.

Não tinha palavras para agradecer a sua ajuda ante o primeiro-ministro, as suas atenções, os seus cuidados e aquele manto de amparo que estendia sobre ela todo o tempo. Era firme e frio, mas tão terno, que Emily acreditava que não o podia amar mais. George Connaught era um homem maravilhoso e embora jamais pudesse ser dela, ela o amaria em silêncio para o resto de sua vida. Era uma decisão que tinha tomado no meio da febre e do mal-estar das últimas semanas e se sentia satisfeita com isso, tranquila ao ter conseguido definir, por fim e de alguma maneira, a estranha relação que os unia.

Ela não queria nada dele, não podia aspirar a nada mais, salvo a sua amizade e isso a compensava enormemente, por isso estava

decidida a cuidar do que a vida lhe tinha dado, que era o prazer de poder conversar com ele, de contar com ele e de amá-lo, em segredo, mas amá-lo de algum jeito, porque era impossível não fazê-lo.

— Uma mulher acaba de perguntar a Josie se é verdade que espera um filho do doutor Connaught.

— O quê?

Emily olhou para Molly, que parecia zangada.

— Juro, assim, diretamente. Tive de intervir dizendo que tanto você, quanto lorde Connaught são pessoas decentes e...

— A sério? — Ruborizou por pura raiva e pensou que as coisas já tinham ido longe demais.

— Sim, como dissemos às clientes que estavas indisposta nestes últimos dias, já inventaram isso da gravidez.

— Mãe de Deus! — Baixou os olhos e tentou concentrar-se no trabalho — Esta tarde descerei à loja para sossegar os rumores. Pobre doutor, o que terá de ouvir.

— Pobre doutor? Ele é homem, além de rico e nobre, a ele estas intrigas não se agarram, Emily, a única prejudicada podes ser você, não entende?

— Dá-me igual, Molly. Tenho o meu negócio e a minha vida. Não dependo de ninguém e me é indiferente o que as pessoas dizem de mim.

— Se isto continuar, quem se atreverá a pedir a sua mão?

— O quê? Mãe do céu, Molly! Sabe que não pretendo casar.

— Não? Mas sendo tão jovem e bonita, não gostaria de ter um marido e meninos?

— Não.

Levantou os olhos para o teto e fantasiou com a ideia de ter

George Connaught como marido e muitos filhos parecidos com ele, mas afastou essa ideia rapidamente e olhou fixamente para a sua amiga.

— Não, não penso nisso. A propósito, quando voltas para Brighton? Eu adoro que esteja comigo, mas Winston deve ter muitas saudades suas.

— Virá buscar-me depois de amanhã, se estiver bem, parto.

— Claro que estou bem. Foi muito boa ficando tantos dias.

— Emily — Molly começou, procurando uma cadeira e se sentando a seu lado — Winstone eu, bom... Queríamos agradecer por não ter dito nada, pois apesar de tudo o que fizeram guardou silêncio e...

— Vocês também teriam feito o mesmo, não? Somos camaradas, não foi nada.

— Eu não teria aguentado. Tenho pesadelos só de pensar que aquele homem venha prender-me e não consiga...

— Não pense nisso, fica tranquila.

— Mas não disse nada de nada?

— Dizer o quê? — A voz rouca e profunda de George Connaught a interrompeu, Molly ficou de pé, vermelha como um tomate e Emily lhe deu de presente o mais radiante dos sorrisos.

— Do que falam, senhoras?

— De nada, doutor. Ditosos os olhos que te veem, já estávamos sentindo saudades suas.

— Sim, sinto muito. — Tirou a casaca e o chapéu e a olhou com os olhos brilhantes — Tive muito trabalho no consultório, embora tenha mandado um menino de Cannon Street ontem para verificar se não precisava de mim.

— Sim, obrigada.

— Ou seja, já não precisa de mim? — Sorriu com picardia e se aproximou para tocar-lhe na testa. Ela moveu a cabeça com resignação e não disse nada — Já está melhor, basta olhar. Podem me oferecer um chá?

— Claro, como não, doutor. Já trago.

Molly saiu para a cozinha e George ocupou o seu lugar junto a Emily, que estava linda e muito sorridente.

— Vejo que está muito bem.

— Sinto-me muito bem, obrigada. Cuidou maravilhosamente de mim. Não sei se algum dia conseguirei agradecer por isso.

— Isso não se agradece. Foi um prazer. Está comendo chocolate? — Olhou para o pacote.

— Sim. Quer um?

— Não, prefiro um chá.

— Então, tem tido muito trabalho?

— Sim, pneumonias, gripes, partos, ossos quebrados... O de sempre. Sinto muito não ter podido vir antes.

— Está bem, não se preocupe. — Afastou os olhos do bordado e o olhou nos olhos. George Connaught sorria de forma estranha sem afastar a vista dela — O que aconteceu?

— É muito bonita, sabe?

— Não diga isso. — Ruborizou até às orelhas e se concentrou no bordado — Fala de algum caso interessante. Como estão os rins de Bob “O Carvalho”?

— Não gosta de elogios?

— Não. O que se passa? Está de brincadeira hoje?

— Na verdade, não. Estou há quatro dias pensando muito em

você e chegou a hora de perguntar uma coisa.

— O quê?

— Olhem quem me encontrei no patamar.

Molly apareceu com uma bandeja e nas suas costas, lorde Albert Sheen entrou com o chapéu na mão. George bufou, confuso ante a interrupção, mas ficou de pé para receber o advogado com enorme cortesia.

— Albert, o que te traz aqui?

— E a você, George?

Lorde Sheen o olhou de cima abaixo e depois dirigiu a vista para a sua protegida.

— Eu, pois vim a ver como está Emily.

— Eu também e mostrar-lhes a carta da queixa que mandaremos para a Scotland Yard e para o ministro do Interior em nome de Michael Shafterbury. Além disso continuamos a exigir as provas que motivaram a tua detenção mas, não há resposta, assim acredito que acabaremos com esse tipo, Seamus Green, que atropelou não sei quantas leis neste caso.

— Em nome de Michael Shafterbury? Não posso fazer essa queixa eu mesma?

— Pode fazê-lo, mas o mais correto é que o façamos em nome de seu pai, que é nobre e um oficial de alta patente do exército. — Passou-lhe uma pasta com os papéis — Lê o documento e me dá a sua opinião. Se estiver de acordo, apresentaremos amanhã mesmo.

O advogado olhou como Emily se embrenhava na leitura da demanda e depois fixou os olhos em George Connaught, que tampouco lhe tirava a vista de cima. Esse homem tinha mais de trinta anos, era rico, talentoso, um médico de prestígio, veterano do

exército e futuro duque, não podia haver solteiro mais cobiçado em toda a Inglaterra e no entanto, passava a vida perto da filha ilegítima de Michael Shafterbury.

Arriscou a honra intercedendo por ela diante de Salisbury e tinha velado o seu sono durante quase uma semana, enquanto ela recuperava de sua passagem pela prisão. Era evidente que estava interessado nela, mas nenhum dos dois mostrava o mais ténue gesto romântico para com o outro, pelo menos de forma pública, assunto que o intrigava cada vez mais.

— É perfeito, milorde. Muito obrigada.

— Bem, Emily, adiantaremos à resposta de seu pai e o apresentarei como seu representante legal na Inglaterra. Não quero perder mais tempo.

— Parece-me bem, obrigada. Quer um chá?

— Sim, obrigado e deveríamos tratar do outro assunto, se se sentir bem.

— Claro, claro.

— Mas em privado.

Molly e George se olharam e ante o silêncio de Emily, abandonaram o pequeno salão bastante contrariados, sobretudo o médico, que acreditava ter todo o direito de escutar qualquer assunto que afetasse a sua amiga. No entanto, ela não o convidou a ficar, então agarrou a sua casaca, a sua maleta e o seu chapéu e decidiu despedir-se para voltar em outra altura. Emily lhe sorriu e lhe fez uma vênha antes de descer as escadas quase aos tropeções.

— Acredito que deveria adotar o seu sobrenome paterno. Michael deixou tudo previsto e assinado, basta a sua assinatura para que possa iniciar os trâmites oficiais.

— Não quero mudar o meu nome.

— Por quê?

— Não é necessário. Há dezenove anos que sou uma Gardiner...

— Mas o seu legítimo direito é usar o sobrenome Shafterbury. O teu pai sempre quis assim e só as desgraçadas circunstâncias o impediram. Não vejo qual é o problema, pelo contrário, como advogado devo te aconselhar que é o mais sensato e o mais seguro a fazer. Nenhum policial ousará acossar uma Shafterbury, acredita em mim.

— Acredita que a polícia voltará a buscar-me? — O pulso acelerou e sentiu náuseas.

— Temo que sim. Sabemos que Paul Hamilton está movendo mundos e fundos para te culpar e fará o possível para acabar contigo. Usar o seu sobrenome e te legitimar como filha de um nobre jogaria a seu favor, essa é a realidade objetiva e deveria reconsiderá-la.

— Deus bendito!

— Pode sempre continuar a usar o seu sobrenome Gardiner, se quiser. Faremos público o reconhecimento de seu pai ante a rainha e ante o Parlamento e depois podes fazer o que quiser.

— Não eram esses os meus planos. — Ergueu-se, vendo a cara de Green em sua memória. Não se sentia capaz de enfrentá-lo novamente — Tem a certeza que Hamilton continua a insistir?

— Dou a minha palavra de honra. Não se cansa de pressionar a polícia e é um tipo poderoso, Emily. Deveríamos tentar te proteger, sobretudo porque é inocente.

— Claro. — Olhou-o nos olhos e depois lhe deu as costas — Está bem, lorde Sheen. Se acredita que é o melhor a fazer, assim se

faça.

— Perfeito, felicito-te. É a melhor decisão possível e o seu pai se sentirá muito satisfeito. Enfim, acredito que vou indo, ainda tenho trabalho.

— Muitíssimo obrigada por tudo.

— Outra coisa — disse-lhe antes de sair — se receber alguma petição de compromisso ou algo similar, também deve tratá-la comigo.

— Como diz? — Ficou vermelha como um tomate e o olhou com a boca aberta.

— A sua beleza se está convertendo em lenda, querida. Todo a Londres fala da misteriosa filha de Michael Shafterbury, a qual o doutor George Connaught não deixa nem por um instante.

— Por Deus! Que estupidez!

— Estupidez ou não, não estranharia que, a partir de seu reconhecimento oficial, comessem a chover propostas de matrimônio. O seu pai é um homem muito rico.



Três dias depois passeava de braço dado com Winston Everhard por Hyde Park. Estava frio, mas era um dia ensolarado e estava desejosa de ver a rua e respirar outro ar, então se agasalhou e o seu amigo se ofereceu para acompanhá-la, apesar dos protestos de Molly, que ainda não achava que estivesse plenamente recuperada.

Emily se despediu dela com carinho e depois tinham descido à rua com a intenção de conversar a sós, porque Winston continuava muito preocupado com a guerrilha que Paul Hamilton tinha iniciado

contra eles.

— Está no seu direito e luta com a razão do seu lado, só espero que o seu amigo repórter não acabe dando com a língua nos dentes.

— E eu. — Winston passou a mão pela cara — Não quis fazer-lhe uma visita porque provavelmente o têm vigiado, assim deveremos confiar na sua lealdade.

— Que terá um preço, imagino.

— Se ainda não nos delatou é por que não tem intenção de fazê-lo, Emily.

— De qualquer maneira, eu gostaria que soubesse que nós também recompensaremos o seu silêncio.

— O que diz?

— Tenho um pouco de dinheiro. Posso pagar-lhe.

— E então, se põe novamente em perigo. Asseguro que Hamilton, que não é bobo, terá alguém pendente dos movimentos de Grant. Não devemos aproximar-nos dele e além disso, caso seja necessário, será a palavra dele contra a nossa.

— Lorde Sheen diz que, quando for oficialmente uma Shafterbury, a perseguição cessará.

— Disse a verdade ao seu advogado?

— Não! Está louco?

— Em teoria, o seu advogado deveria saber de tudo. E a George?

— A ele tampouco. Não quero vê-lo enterrado no meio deste assunto.

— O problema é que já está enterrado até ao pescoço, Emily. Arriscou muito defendendo a tua inocência diante de todo o mundo. Pôs-se contra a sua família, os seus pares, contra toda a sociedade.

Foi muito corajoso e nem sequer perguntou se era verdadeiramente inocente. É um bom tipo esse Connaught, soube assim que o vi. É um cavalheiro e algum dia deveria conhecer a verdade.

— Tem razão, Winston, mas tenho medo...

— Do que tem medo?

— De perdê-lo para sempre. Uma vez me disse que não suportava a mentira e não tenho feito mais nada do que ocultar-lhe coisas.

— Ainda está a tempo de ser sincera, Emily. — Deteve o passo para olhá-la nos olhos — Sei o que sente por ele. Shhh! — exclamo e sossegou os seus protestos com um gesto — E deveria começar por dizer alguma coisa, senta com ele e diz toda a verdade.

— Eu...

— É evidente que está apaixonada pelo doutor. Há meses, todos notamos e acredito que ele também sente alguma coisa por você. Somos adultos. Não continue a comportar-se como uma criança, Emily Gardiner. É uma moça madura, de que demônios está à espera?

— Não posso... — balbuciou, muito confusa — não devo, não quero que se afaste de mim. Não poderia suportar.

— Bem! — Winston aplaudiu e ela o olhou, carrancuda — Por fim, um pouco de sinceridade. Parabéns. É um passo, minha amiga. O seguinte já sabe qual é.

Caminharam para o elegante bairro de Mayfair e Winston a deixou à entrada do consultório de George Connaught com a promessa de recolhê-la depois de uma hora. Ela não estava disposta a confessar-se naquele dia ao médico, mas sim a fazer-lhe uma visita de cortesia, já que não tinha voltado a vê-lo desde que Albert Sheen

os tinha interrompido a meio de um bate-papo bastante interessante e desse modo tocou à campainha e a senhoria saiu ao seu encontro com um sorriso.

— Senhorita Gardiner, que surpresa!

— Bom dia, senhora Mills. O doutor Connaught está?

— Sim, claro. Passe, está em consulta, mas falta pouco. Sente-se, por favor.

Emily se sentou em uma das elegantes cadeiras da sala de espera e observou com atenção a decoração tão formosa do consultório, que era dos mais elegantes da cidade. Tinha muito pouco a ver com a de Cannon Street e se perguntou se George se sentiria mais confortável a trabalhar ali, em seu ambiente e rodeado de comodidades.

— Bem, pois, obedecerei, George, mas só se vier lá a casa para a velada musical de terça-feira.

Aquela voz retumbou nos ouvidos de Emily. Não levantou os olhos do chão, nem foi necessário, porque reconheceu imediatamente o metálico sotaque de Rosemunde Shafterbury dirigindo-se ao doutor com aquele descaramento.

— Precisamos de você lá. *Eu* preciso de você lá.

— Obrigado, Rosemunde, mas toma o xarope e depois falamos.

— Bom dia.

Emily ficou de pé e olhou para ambos com bastante segurança. Atrás de Rosemunde viu Andy, uma das donzelas da moça e lhe sorriu.

— Emily! — George não pôde evitar surpreender-se e caminhou para ela com um enorme sorriso — Deus bendito! Que surpresa. Não sabia que estava aqui.

— Não o avisei, doutor, porque não quis interromper — interveio a senhora Mills, preocupada.

— Está tudo bem, senhora Mills. Está tudo bem.

Emily falou com doçura à caseira e depois olhou para Rosemunde Shafterbury com firmeza. A moça, bastante bonita, mas com aquela traço de desgosto que sempre usava na cara, observava-a com a boca aberta.

— Bem, bem, entra, Emily, como está? — O médico se esqueceu imediatamente de Rosemunde e empurrou Emily para o consultório — Hoje ia passar por sua casa.

— Adeus, George, querido. Vemo-nos na terça-feira em casa?
— Insistiu Rosemunde, cada vez mais indignada — George!

— Perdão?

O médico franziu o cenho e se voltou para ela, inclinando a cabeça. Não compartilhavam a mínima confiança e por isso o seu tom o tinha aborrecido imediatamente.

— Vemo-nos na terça-feira em minha casa? Amanda e Jason irão com os seus pais.

— Não creio, mas depois veremos. Adeus.

Deu-lhe as costas e Emily pôde ver claramente, do interior do consultório, o chilique de raiva que estava prestes a dar à insuportável moça e lamentou por Andy, que teria de aguentá-la até chegar a casa. Baixou a cabeça e esperou que George fechasse a porta.

— Então vai às veladas musicais das terças-feiras em casa dos Shafterbury? Lembro-me que duravam muito, embora eu as ouvisse da despensa da cozinha.

— Emily... — George Connaught semicerrou os olhos e a olhou

com um meio sorriso.

— Não sabia que Rosemunde era sua paciente, *George, querido* — pronunciou com sarcasmo. Caminhou pelo enorme consultório olhando para os seus infinitos tesouros. Eram muito interessantes, embora a raiva que lhe subia pelo peito a impedisse de apreciá-los com clareza. Rosemunde Shafterbury tinha essa capacidade, a de alterá-la ao mais pequeno contato.

— O que aconteceu?

O médico se apoiou na beira de sua secretária e começou a rir. Era divertido vê-la com a sua linda cara tensa pelo desgosto, tentando dissimulá-lo, enquanto passeava a sua esplêndida figura pelo cômodo.

— Nada. Enfim... — respirou fundo — só passei para saudar-te.

— Há algum problema com o fato de atender Rosemunde Shafterbury? É o meu dever.

— Dá-me igual. Faz o que quiser, mas eu continuarei a não suportá-la.

— Por quê?

— Faço uma lista?

— Refiro-me ao fato de que faz anos que não sabe nada dela. Por que permite que lhe afete? Não lhe dê essa satisfação.

— À merda com essa pirralha, está bem? — Voltou-se para ele e ficou com as mãos nos quadris — Só passei para saudar-te. Já que vejo que está bem, vou embora, esperam-me para comer.

— E como se sente? — Aproximou-se para tomar o pulso e tocar na testa, mas ela se afastou bruscamente — Emily, o que foi?

— Nada. A sério, tenho de ir ...

Passou a seu lado muito depressa sem saber por que se sentia

tão desgostosa, quando dez minutos antes estava tranquila e até decidida a contar-lhe os segredos de seu coração.

— Está com ciúmes?

— O quê?

Emily abriu muito os olhos e ficou vermelha. Pigarreou tentando defender-se, mas não lhe saíram as palavras.

— Não deveria estar. Eu só tenho olhos para você, embora todo o mundo pareça notar menos...

Connaught não soube como tinham saído aquelas palavras de sua boca, e assim, de repente, mas sentiu um profundo alívio ao se ouvir dizê-las. Foi como soltar amarras e avançou para ela, procurando os seus olhos negros.

— Emily, olha para mim. Eu nunca disse algo semelhante a ninguém e bom, por Deus, quer olhar para mim? Maldição.

— Isto é muito violento.

— Por quê?

— Porque eu vinha com intenção de confessar algo parecido.

— De verdade?

— Bom, Winston diz que...

Não pôde continuar a falar porque os dedos de George lhe tocando no pescoço a deixaram muda. Fechou os olhos e notou o seu calor colando-se a ela, o delicioso aroma a loção e a limpeza de suas mãos, os seus lábios suaves roçando os seus e foi como se o mundo desaparecesse sob os seus pés. Não sentiu nem ouviu mais nada, salvo o longo e profundo beijo que George Connaught lhe deu. A sua língua entrando em sua boca e o delicioso contato de todos os seus sentidos contra ele. Aquele era o primeiro beijo de sua vida e era maravilhoso e quando por fim se separaram, os joelhos lhe tremiam e

o estômago permanecia contraído pela emoção.

— Há tanto tempo desejo te beijar que nem eu mesmo o recordo.

— Não seja mentiroso. — Pôs-se a rir, muito nervosa, vermelha como um tomate e sem poder olhar para os seus olhos água-marinha. Arrumou o vestido e pigarreou — Deveria ir.

— Come comigo. Direi à senhora Mills que nos prepare alguma coisa, ou melhor ainda... — Aproximou-se e a segurou pela cintura, pela primeira vez com toda a confiança — Podemos ir a Piccadilly Circus e comer *fish&chips* onde tanto gostas, quer?

— Winston virá me buscar.

— Convidamos ele.

— Não sei... — Estava muito feliz, mas tão nervosa que não podia nem levantar a cabeça.

George se sentiu muito enternecido por sua reação e a abraçou com força contra o seu peito.

— Podemos ir pouco a pouco, Emily. Não quero precipitar nada, de acordo? Acima de tudo somos amigos, somos nós, somos tu e eu, só quero que desfrutemos de estar juntos.

— Está bem, só são os nervos.

Permaneceram abraçados por vários minutos, ele balançando-a com doçura, enquanto Emily Gardiner, com os olhos fechados, aspirava o seu delicioso aroma, sentindo o seu calor e compreendendo que aquilo era como subir ao céu, o único lugar onde devia estar, o seu verdadeiro lar e acabou chorando contra o seu peito, até que apareceu Winston Everhard para recolhê-la e então George se separou dela, para convidar o seu amigo a comer no centro.

— Hmm, não! Esta dama vai comigo — brincou, afastando Winston para oferecer o braço a Emily.

Ela sorriu e se agarrou a seu braço, sentindo como lhe segurava os dedos com a sua enorme mão. Era um gesto muito íntimo, muito eloquente para passear assim pela rua, mas não se importou.

— Levem-me a esse lugar de *fish&chips* que vocês tanto gostam.



— Vai casar com ele?

Molly a abraçou com força em seu quarto, depois que Winston lhe contou as novidades. Obviamente, Emily não tinha aberto a boca e flutuava com olhos sonhadores por seu quarto, em completo silêncio.

— O que diz? Não.

— Como não? Fazem um casal tão bonito...

— Ele é nobre, Molly. Procurará outra mulher para casar. Sei, mas não me importa e além disso, só me beijou.

— E parece pouco? Quanto tempo faz que o conhece? Quase dois anos? Demorou muito para beijá-la, deve ser sério.

— Não quero pensar nisso, Molly, só em que me beijou e foi maravilhoso.

— Ai, que bonito! — Molly aplaudiu, feliz por sua amiga e voltou a abraçá-la — Ele é tão bonito.

— É, e tão doce.

No dia seguinte, George lhe mandou uma caixinha de bombons na primeira hora da manhã e apareceu à hora do chá, como sempre

fazia, com uma rosa e um livro de medicina que David Law lhe tinha mandado de Cambridge. Era de cirurgia e o folheou com ela por um bom tempo, antes de aproximar-se para beijá-la. Só pensava em beijá-la, era tão bonita e tão sensual, que estava há horas alterado e sentindo saudades. E quando nessa noite se despediram antes do jantar, olhou para a hora comprovando que tinham passado cento e vinte minutos beijando-se sem parar, como adolescentes, subindo a temperatura por momentos e com um desejo por ela cada vez mais crescente no peito.

Emily o olhava nos olhos e respondia a seus beijos com a mesma paixão. Acariciava-lhe o cabelo e lhe agarrava nas mãos com uma naturalidade e confiança surpreendentes, como se fossem um casal toda a vida e começou a ponderar, em seguida, a possibilidade, cada vez mais lógica, de pedir a sua mão oficialmente.

— O pulso está quebrado e terei de colocar uma tala, senhora Brook.

George agarrou a mão do menino com cuidado e pediu a Emily que segurasse as placas para começar a imobilizar todo o braço com as ataduras. Ela obedeceu, observando, embevecida, como ele realizava aquela ação simples, muito concentrado.

— Terá de usar isto durante um mês e lhe imobilizo todo o braço para evitar que volte a magoar-se antes do tempo. Tomará cuidado, Billy?

— Sim, doutor.

— Isso espero. Não sei quantos ossos quebrados tem já.

— É que é muito travesso, milorde.

— Bom, já está. Agora para casa e dois dias sem correr, nem brincar na rua.

— Mil obrigados, doutor, mil obrigados.

Helen Brook, uma peixeira de Covent Garden, sorriu para Emily antes de ir embora abraçando o seu filho. Ela os seguiu até à porta e se despediu deles na escada.

— Emily, vem aqui.

— Diz-me...

Aproximou-se da secretária onde ele anotava a última fratura de Billy Brook em sua ficha e esperou com os braços cruzados.

George Connaught deixou a pluma em seu sítio e levantou os olhos claros para ela, sorrindo. Rodeou a mesa, sujeitou-a pela nuca

e lhe deu um beijo longo e apaixonado, ao qual ela respondeu imediatamente.

— Senti a sua falta.

— Só passaram dois dias, doutor. — Acariciou-lhe o pulso, pensando uma vez mais que ele só podia ser um sonho — E por isso vim tomar o café da manhã contigo.

— E eu te agradeço por isso.

— Já tem tudo preparado para esta noite?

— Sim. — Agarrou-lhe na mão e a beijou. Nessa noite tinha um jantar oficial no palácio de Buckingham e devia assistir acompanhando de sua família — Eu adoraria que viesse comigo.

— Temo que a rainha não gostaria de conhecer uma humilde costureira como eu.

— Acredito que ficaria encantada contigo.

— Ah, que lisonjeador! Sabe uma coisa? Tenho que ir, tenho muito trabalho. Amanhã, se puder, passa a tomar chá e me conta sobre tal o jantar, de acordo?

— São muitas horas até manhã.

Era sincero, porque desde que tinham ficado íntimos, fazia apenas dez dias, não dormia. Tinha saudades dela e essas saudades eras muito dolorosas.

— Que amável é! Mas tenho que ir.

Aproximou-se do cabide para recolher o seu casaco e nesse momento, ouviu-se claramente a voz de uma mulher dentro do consultório.

— George, filho?

— Mãe!

George caminhou muito surpreso para a sua elegante mãe,

sendo aquela a primeira vez que o visitava em Cannon Street. Chegou até ela, que vestia inteiramente de rosa e a beijou na bochecha.

— Que surpresa! O que faz aqui?

— Morreu a irmã de Gwendolyn e viemos ao funeral, a uma igreja que há aqui ao lado. Está muito ocupado, ou pode me acompanhar para casa?

Eleonor Connaught olhou para o cômodo e abriu muito os olhos ao distinguir a figura miúda e estilizada de uma jovem de cabelo escuro. Era linda, muito fina e lhe sorriu por um segundo, até que compreendeu que se tratava daquela mulher, a famosa Emily Gardiner e ficou séria de repente.

— Bom dia.

— Bom dia, milady.

Emily, vermelha como um tomate, fez-lhe uma educada vênia antes de agarrar bem no casaco para sair à rua.

— Permite que lhe apresente a senhorita Gardiner, mamãe. É a amiga da qual falamos, a filha de Michael Shafterbury.

A jovem o olhou carrancuda ao ouvir aquela observação, mas não disse nada e sorriu para a bela dama com cortesia, embora a mulher a olhasse de cima abaixo, de forma bastante desdenhosa.

— Esta, Emily, é a minha mãe, Eleonor Connaught.

— Duquesa de Stevenage — corrigiu a dama, dando-lhe as costas.

George olhou para Emily, um pouco contrariado e tentou retê-la, mas ela passou como um murmúrio a seu lado.

— Adeus, duquesa — disse antes de fechar a porta — e adeus, doutor, obrigada por tudo.

Chegou a sua casa meia hora depois apressada, sufocada pela vergonha e pelo azedo que sentia na boca. A duquesa de Stevenage, como muitas mulheres de sua classe, era altiva e depreciativa e embora ela tivesse imaginado que, sendo mãe de George, seria diferente, não o era e o olhar que lhe tinha dedicado no consultório tinha deixado perfeitamente claro o que pensava dela.

Desde que tinha beijado George em Mayfair estava literalmente nas nuvens, embora a cada noite, a cada hora, a cada segundo que passava sozinha tentasse convencer-se, para seu próprio bem, que aquilo era uma relação efêmera, linda, mas sem futuro, porque jamais poderiam dar um passo além do que tinham dado e porque devia preparar-se para acabar por chorar por ele, pois no momento em que ele tivesse de casar-se, ela se afastaria e o deixaria partir.

Não podia falar com ninguém a esse respeito, nem sequer com George, que era adorável, mas também não era necessário, porque sempre tinha sido uma moça sensata e com os pés bem assentados na terra. Desde muito menina sabia qual era o seu lugar no mundo e nem todo o amor que sentia pelo doutor Connaught, nem todas as ilusões que tinha colocado naquela relação, embotariam os sentidos, nem lhe enganariam. Não pretendia perder de vista a realidade e estava preparada para tudo, inclusive para o desprezo e para a mágoa. Assim, ela sabia que a duquesa de Stevenage não tinha com o que preocupar-se, porque jamais reclamaria nada de seu filho, embora a dama não soubesse disso, não a culpava por olhá-la daquela maneira. De fato, compreendia-a e chegado o momento, se tivesse oportunidade, diria quais as suas autênticas intenções para com George.

— Sabe que horas são?

Desceu as escadas até à porta principal e a abriu a George, que estava vestido com uniforme de gala, tão elegante que, ao vê-lo, deu um passo atrás por cauda da impressão.

— Está bem?

— Queria falar contigo.

— Mas é muito tarde...

Ele superou a escassa distância que os separava e lhe deu um beijo. Tinha tido tantas saudades durante a festa, que finalmente tinha conseguido escapar mais cedo que o resto da família.

— Está bem? — Emily perguntou-lhe de novo, que lhe sujeitou a cara para olhá-lo aos olhos.

— Posso entrar?

— Sim, entra.

Enrolou-se na bata e subiu as escadas até ao salão, tranquilizando de passagem Josie, que apareceu despenteada para ver o que acontecia.

— Está tudo bem, Josie. Volta para a cama. É o doutor.

— Algum dia deixará de chamar-me de doutor? — Olhou-a com ternura, ela tinha o cabelo solto e estava descalça — Sinto muito por vir tão tarde. Já estava dormindo?

— Estava lendo. Está muito bonito. Esse é o seu uniforme?

— O de gala. — Olhou-se a si mesmo e lhe sorriu — Não lutamos no campo de batalha vestidos assim. Bom, eu...

— O que foi?

— Queria desculpar-me em nome da minha mãe. Foi muito grosseira contigo esta manhã e...

— Não foi nada. Não me conhece, é normal e não me pareceu uma grosseria. De fato, estou acostumada... — Calou-se e o olhou de

frente, não queria aumentar o problema — Está bem; não se preocupe e obrigada pelo pedido de desculpas.

— A que está acostumada?

— Nada. Quer um chá? Está frio esta noite.

— A que está acostumada? — Sujeitou-a pelo cotovelo e a obrigou a ficar quieta — Diz.

— Sou filha da costureira de uma grande casa, de uma serviçal, George. Estou acostumada a que as damas, como a tua mãe, só vejam em mim uma subordinada. Não tem por que ser amável comigo e não me queixo. É o que é.

— Não diga isso, Emily...

— Não, doutor. É um amor comigo e com toda a gente que te rodeia. Para você não existem essas diferenças, mas para o resto do mundo sim. Eu sou consciente delas porque as sofri durante toda a minha vida. Mas já não me importo, a sério. Quer um chá ou não?

— Não posso tolerar...

— O que eu não vou tolerar, doutor Connaught — interrompeu-o, sorrindo-lhe — é que discuta com a sua mãe por minha causa. Era o que faltava, sim? Está tudo bem, não tem importância e não acredito que a volte a ver, assim por que não esquecemos o assunto e me contas como foi a tal festa?

George Connaught se sentiu, de repente, muito vulnerável. Caminhou para ela e a abraçou com todas as suas forças. Não queria que lhe fizessem mal, que sofresse e jurou que não voltaria a tolerar nenhum desprazer para com ela, menos ainda vindo de sua família. Ele amava Emily, estava claro. Amava-a desde o primeiro dia em que a tinha visto e ninguém, jamais, voltaria a fazer-lhe mal e ainda menos por sua culpa.



— Faz um mês que me beijou pela primeira vez, Emily Gardiner. Mereço esta tarde para mim. É um aniversário.

— George, por favor, se me interromper, demoro mais para acabar. Dá-me dez minutos.

Olhou-o e sorriu. Ele se aproximou e lhe beijou a cabeça. Tinham entradas para o teatro e teria preferido ir com tempo até Leicester Square, passear um pouco juntos, mas ela, arrumada e pronta para sair, tinha tido de atender uma encomenda importante que nenhuma de suas empregadas podia solucionar.

— Várias das convidadas para as bodas da tua irmã nos compraram chapéus, espero que haja muitas bodas esta primavera, porque é um negócio estupendo.

— E virá às bodas comigo?

— Eu? Por quê? Não, doutor.

— Por quê?

— A tua família não me quereria lá e eu não quero encontrar-me com gente como os Shafterbury.

— E até quando?

— Até quando o quê? — Levantou os olhos negros e o viu contrariado.

— Até quando não quererá misturar-te com os da minha classe, como você os chama.

— Não acredito que seja necessário, George. Deixemos as coisas como estão... — Levantou-se com o bordado acabado e caminhou para a loja — Já está, meninas, terminado. Vou com o

doutor Connaught ao centro. Fechem cedo e nos vemos amanhã. George, vamos?

— Sim.

Ofereceu-lhe o braço e saíram caminhando para Piccadilly, ele mais silencioso do que o normal e ela conversando sobre os comércios que viam em seu passeio.

— O que se passa, doutor?

— O que significa deixar as coisas como estão, Emily? — Deteve-se a um metro do teatro e procurou os seus olhos.

— Você tem a sua vida e eu a minha. Não sou uma menina iludida e conheço exatamente o chão em que piso.

— Ah, sim? E que chão é esse?

— Podemos entrar? Vamos chegar tarde.

— Não, explica. Sei que pode ser muito eloquente com os seus argumentos.

— Está zangado?

— Um pouco confuso.

— Estamos muito bem juntos. Eu adoro estar contigo porque eu gosto de muito de você, mas entendo que não faço parte da sua vida e não me importo, porque desfrutar do tempo que seja, a seu lado, faz-me muito feliz.

— Não faz parte da minha vida?

— Sabe? Está a ficar um pouco desagradável. Talvez devêssemos voltar para casa.

— Não, Emily. Escuta-me. — Separou-a do mar de gente que os rodeava e lhe sujeitou as mãos — Você faz parte da minha vida mais do que qualquer outra pessoa no mundo, porque faz meses que a minha vida gira em torno de você, não entende isso? Desde que nos

beijamos em Mayfair assumiu uma atitude muito estranha e não a compreendo. Não te quero como minha divertida amante de Regent Street, Emily, por isso tento te integrar nos meus planos, como nas bodas de minha irmã, e tu, por decisão própria, fica de fora porque não sei que ideia tem de mim e do que pretendo contigo.

— Sou consciente das diferenças que nos separam, isso é tudo. Não quero perder a cabeça.

— Que malditas diferenças são essas? — Subiu o tom de voz e lhe soltou as mãos —. Só nos podemos ver em sua casa, mal quer sair. Tem envergonha de mim?

— Não quero que seja o contrário.

— Ouve bem o que diz?

— Já percebi. Vou voltar para casa, não saio contigo para acabar discutindo.

— Dávamo-nos melhor quando acreditava que não te queria. Está na defensiva e me magoas. Foi apenas você quem fez um mapa mental da situação sem que eu abrisse a boca. Quer ser só minha amante? Escondida na sua loja em Regent Street? A salvo dessa sociedade que tanto odeia?

— Está bem, perfeito, acabou-se. Eu vou embora.

Fez menção de sair correndo, com as lágrimas lhe alagando a garganta e então a figura de um homem alto, vestido de negro, cortou-lhe o passo. Ela elevou a vista e encontrou Paul Hamilton olhando-a com um sorriso, ao mesmo tempo que George a agarrava pela cintura para afastá-la dele.

— Boa noite, George. Vai ao teatro? — Estendeu o braço e George Connaught lhe devolveu o aperto de mãos com cortesia.

— Onde, senão ao teatro? — Olhou-o de cima, deixando Emily

fora de seu campo visual, mas Hamilton se moveu procurando a sua linda cara — Como sempre, bem acompanhado, primo. Senhorita Gardiner, como vai?

— Depois de minha passagem pela prisão? — Ela o encarou com o queixo bem alto e George bufou, meneando a cabeça — Muito bem, obrigada.

— Está livre e sem acusações, pelo que sei.

— Muito a seu pesar, suponho.

— Não acredito que seja o momento, nem o lugar, para discutir sobre essa questão, Emily — George atravessou, bastante tenso.

— Claro, é óbvio.

— Georgie, querido!

Alice, a mulher de Hamilton, apareceu quase correndo nas costas de seu marido para dar dois beijos ao médico. Ele os devolveu com carinho e então ela observou Emily Gardiner de cima abaixo, franzindo a o narizinho arrebitado.

— Senhorita... Gardiner, o que faz por aqui? Fechou a loja mais cedo?

— Não, está aberta até às sete.

— E você, querido George, veio sozinho? Entra conosco?

— Sim, claro, dizem que a representação é excelente, acompanho-a, Alice. — Ofereceu o braço à sua prima e olhou para Emily nos olhos, embora ela tenha dado um passo atrás, baixando a cabeça — Vem?

— Não, obrigada, doutor Connaught. Foi um prazer encontrá-lo aqui. Agora devo voltar para casa. Amanhã madrugou para trabalhar. Boa noite aos três.

Ergueu os ombros e caminhou rígida como um pau em direção a

Piccadilly Circus. Sabia que ele não a podia seguir porque não se atrevera a deixar a sua prima e Hamilton abandonados, então não se incomodou em caminhar depressa, nem em correr, como queria fazer naquele momento. Caminhou com calma e percorreu Oxford Street de cima abaixo, depois retornou a Piccadilly Circus e desceu por Piccadilly Street até Saint James's Park e ali se sentou no parque, até que a escuridão a obrigou a retornar a casa, gelada, mas mais tranquila.

— Querida, estava preocupado. — Olhou para o alto da escada e se encontrou com Albert Sheen esperando-a no patamar — É tardíssimo.

— Lorde Albert, não sabia que tinha pensado vir. Se tivesse sabido...

— Está tudo bem. Vem, sobe. Vim tão tarde porque não podia esperar.

— Sim. Do que se trata? — Chegou ao salão e ficou quieta ao ver George Connaught sentado em uma poltrona junto à lareira. Tinha uma taça de conhaque na mão e estava em mangas de camisa — Doutor, o que faz aqui?

— Estou há uma hora à tua espera.

— Acreditei que estavas no teatro.

— Muito graciosa — foi a sua resposta.

Albert Sheen os olhou a ambos indistintamente, e depois se aproximou de Emily com uma pasta na mão.

— Tenho duas boas notícias para ti, Emily.

— Diga-me, milorde.

— A primeira, é que já é oficialmente Emily Shafterbury. Esta manhã a rainha assinou os documentos e já estás reconhecida como

a primogênita de Michael Shafterbury, barão de Wisley, para todos os efeitos. E a segunda... — Procurou os seus olhos com um sorriso enorme — Todas as acusações contra você foram retiradas, todas, já não tem com que o que se preocupar.

— A sério? Isso é estupendo, lorde Sheen. Muitíssimo obrigada.

— Magnífico, Albert. Bom trabalho. — George se aproximou do veterano advogado e lhe apertou a mão — É maravilhoso. E como foi isso?

— Não sei. Pergunta ao Hamilton. Não é seu parente? Não sei o que aconteceu, mas retirou todas as acusações e me alegro porque esse indivíduo é perigoso.

— Sei. É uma notícia muito tranquilizadora.

Emily Gardiner acabou de ler os papéis e depois se aproximou de Sheen para dar-lhe um beijo na bochecha. O advogado se tinha portado muito bem com ela, empenhara-se em seu problema e não tinha palavras para agradecer-lhe, então lhe serviu uma taça de conhaque e brindaram juntos pelo resultado de tão bom trabalho.

— Parabéns, por ambas as notícias. — George Connaught esperou que Sheen partisse para dirigir-se a ela — E não volte a deixar-me plantado daquela maneira. Não mereço isso e você tampouco.

— É uma advertência ou uma ordem?

— Toma-o como quiser, Emily. Não tenho paciência esta noite para discutir contigo.

— Boa noite, então... — Ficou junto à porta do salão e lhe indicou o caminho para a saída.

— Vou. Só queria verificar se estava bem.

— Estou, muito obrigada.

— O que sente por mim? — perguntou-lhe quando passou a seu lado. Sujeitou-a pelo pescoço com uma mão e a obrigou a olhá-lo aos olhos. Sustentou-lhe o olhar e encolheu os ombros — Eu te amo. Não tenho dúvidas a esse respeito.

— Eu tampouco.

— Bom e por que não para de discutir comigo?

— Você pergunta e eu respondo.

— Está bem, vou embora. Está claro que não entraremos em acordo. Até manhã. — Agachou-se e lhe deu um beijo fugaz na testa — Que durma bem.

Emily o seguiu com os olhos, viu como descia lentamente os degraus, enquanto colocava a casaca e o chapéu e um sentimento de ternura enorme lhe encheu o coração. Desceu a correr atrás dele e abraçou as suas costas fortemente, sem dizer nada. George Connaught se voltou e a apertou contra o seu peito, beijando-lhe a cabeça.

— Quando vai baixar a guarda comigo, Emily Gardiner? Por favor, diz-me.

— Não sei.

— Do que tem tanto medo?

— De te perder. — Separou-se dele para olhá-lo nos olhos — Sei que vou acabar por te perder e não poderei suportá-lo.

— Mas que demônios está a dizer?

— É melhor se guardarmos as distâncias, George. — As lágrimas lhe alagaram a garganta, mas falou com o coração nas mãos — É melhor não esquecer quem somos, não vê?

— Não entendo. Somos você e eu. Que mais terei de ver?

— Está bem. Não se preocupe. — Suspirou, engolindo as

lágrimas — Amanhã conversamos, sim?

— Que mais terei de ver? — Repetiu a pergunta como estava acostumado a fazer e ela se afastou, passando mão pela cara — Se você e eu não somos capazes de superar essas diferenças, como vamos pretender que outros as superem? Estamos juntos nisto ou não conseguiremos ser felizes.

— Eu já sou feliz sabendo que te verei amanhã.

— E eu, mas quero viver a minha vida contigo.

— Já a estamos vivendo, doutor.

— Até que os seus preconceitos e os seus medos sejam mais fortes e então decida esquecer de mim.

— Isso não ocorrerá jamais. Eu te amarei por toda a minha vida.

— Limpou uma lágrima e George esticou a mão para abraçá-la.

— Eu também, linda e não pretendo mudar o mundo, nem a maldita sociedade que nos rodeia, mas sim espero que você e eu sejamos capazes de viver acima dela...

— A realidade de cada um é a realidade de cada um. — Forçou um sorriso, procurando um lenço.

— Isso é uma estupidez...

— Está bem.

— Somos você e eu, Emily. Nada mais importa.

— Está bem.

— Promete-me que não voltaremos a discutir por isso. Importa-me uma merda o que outros pensam ou deixam de pensar. — Ela assentiu, mas ele lhe segurou o queixo para que o olhasse nos olhos — Promete-me isso.

— Está prometido...

— Obrigado... — Voltou a abraçá-la e sorriu — E amanhã sim,

vamos ao teatro, de acordo? “Ricardo III” é uma de minhas obras favoritas.

A partir daquela noite não voltaram a discutir. Emily cumpriu a pena e prometeu aprender a escutar e a ser mais tolerante, tal como George, antes de bradar aos céus e impor o seu critério.

A prioridade dela era fazê-lo feliz, vê-lo sorrir, conversar até tarde aconchegada em seu peito, ouvir a sua voz grave e linda e olhar para os seus olhos transparentes incansavelmente, enquanto lhe contava os detalhes de um novo caso ou uma anedota da universidade. Sentia-se feliz a seu lado e compreendeu que podia aprender a viver mais relaxada e não em alerta constante, na defensiva, como vinha fazendo toda a vida.

George era um homem sereno, inteligente e eminentemente feliz. Desde muito jovem tinha feito tudo o que tinha querido. Tinha tido uma infância alegre e rodeada de mimos e carinhos, com muitíssimas obrigações, sim, mas combinadas com outras muitas horas de esporte, férias e uma formação acadêmica de primeira categoria, inicialmente em Eton e depois em Cambridge, onde tinha usufruído, além disso, de estupendos amigos com os quais compartilhara farras e bons momentos.

Aos dezessete anos tinha ingressado na Faculdade de Medicina e aos vinte e quatro estava já na Índia servindo no exército. Jamais tinha passado necessidades, privações ou grandes tristezas e desde muito jovem se revelara um menino paciente, justo, valente e essencialmente tolerante, não sabia o que era o classismo. Não compartilhava dos costumes esnobes de alguns de seus familiares e amigos e jamais julgava alguém por sua origem ou posição. Isso lhe tinha evitado muitos desgostos ao longo de sua vida e lhe tinha

proporcionado muito bons amigos entre pessoas provenientes dos países e das origens sociais mais díspares.

Em geral, a sua vida lhe tinha moldado um caráter sereno e firme, sem fissuras, nem duplicidades. Jamais tinha sentido necessidade ou querido demonstrar nada a ninguém e isso lhe dava uma segurança que fascinava uma Emily Gardiner cada dia mais apaixonada. Ele era diametralmente oposto a ela, que reivindicava continuamente a sua posição, a sua autonomia e a sua mais-valia, e com o passar das semanas, ele lhe mostrou, através do seu exemplo, a desfrutar mais da vida e a deixar de ser aquela rabugenta insuportável em que se tinha convertido.



— Tenho que ir.

— Não, por favor. Não vá.

Se aninhou em seu peito com os olhos fechados. Adorava ouvir a sua voz estando naquela posição, sentindo o seu calor, a sua respiração suave e o timbre grave de suas palavras.

— É tarde. Temos de dormir.

— Está esgotado, doutor, fica aqui esta noite.

— Emily... — suspirou e afastou o cabelo — eu adoraria ficar contigo, mas não é muito decoroso.

— Acha que me importa o decoro? A esta altura?

Separou-se dela para olhá-la nos olhos. Tinha o cabelo escuro e ondulado solto sobre a cara, os olhos amendoados brilhavam por causa do efeito da vela acesa sobre a mesinha e sorria com inocência.

— Não penso deitar-me contigo.

— Pois eu sim penso em deitar-me contigo. De fato, não penso em outra coisa, por isso é melhor ir embora... — Saltou da cama, e Emily ficou a protestar como uma criança pequena — Isso não te vai levar a lugar nenhum, Emily Gardiner.

— Não acabou de ler. Acabemos o capítulo.

— Céu — aproximou-se dela, inclinou-se e a beijou nos lábios — sou um homem de trinta e um anos e estou há dois meses lendo livros à luz das velas e não estava mal, até que me trouxeste para a sua cama para fazê-lo. De que pensa que sou feito? De pedra?

— George!

— Nada de George. Respeitarei a sua virtude até que as forças me permitam. — Sorriu-lhe, piscando-lhe o olho, e ela se apoiou no travesseiro sem mais argumentos — Vou embora, querida. Amanhã virei cedo porque de noite tenho outro maldito jantar para os futuros maridos.

Aproximou-se novamente para beijá-la e ela o agarrou pelo pescoço com força. George Connaught, que se considerava um cavalheiro, tentou resistir, mas ela era muito persistente e apaixonada e acabou sentando-se na cama para abraçá-la e percorrer-lhe as costas com a palma da mão aberta. Emily era linda, doce e muito sensual e o desejo que sentia por ela era tão brutal que cada dia lhe custava mais comportar-se de forma decente e formal.

— Quero-te, George.

— E eu a ti, minha vida.

Empurrou-a contra o travesseiro, afundando-se em seu pescoço sedoso e que cheirava a violetas. Baixou a mão e lhe tocou nos peitos por cima do vestido de algodão. Ela suspirou e ele fechou os

olhos decidido a despi-la e a não esperar nem um segundo mais para fazê-la sua.

A campainha da porta soou alto e clara. Ficaram quietos e ouviram como Josie corria para abrir. Não era muito tarde, mas fazia mais ou menos uma hora que tinham jantado.

— Doutor!

— O que foi? — Respondeu, ficando de pé enquanto fechava a camisa e o colete.

— É uma urgência. Chamam-no no Grand Hotel.

— No Grand Hotel?

Saiu ao patamar e olhou para a entrada com os olhos semicerrados. De pé e com uniforme, um dos garçons do hotel o esperava com o chapéu na mão.

— Boa noite, milorde. A esposa de Phillip Heines, o maître, está de parto e me enviou para buscá-lo. Já sabe...

— Sim, sim, já sei... Dê-me um minuto. — Voltou para o quarto e viu Emily colocando as botas e o casaco — Aonde vai?

— Acompanho-o. Não perderia isso por nada deste mundo. Levo um ano tentando que me deixe ver um parto.

— Este pode ser complicado, por isso lhes disse que me chamassem...

— Ajudarei, então, não?

Saíram apressados acompanhados por Charly, o garçom, que tinha ido rápido e veloz buscá-lo ao único lugar onde se podia encontrar, todas as noites, lorde George Connaught. O menino olhou para Emily Gardiner, a qual conhecia, com um sorriso e os três caminharam depressa para Piccadilly Circus. George levava Emily pela mão, enquanto Charly o punha ao corrente das queixas de

Rachel Heines, a mulher do maître. Aquele seria o seu terceiro parto.



— Muito bem, Rachel, sabemos que será demorado, então deve ficar tranquila.

Ficou em frente à parturiente com firmeza. Emily o seguiu com discrição, até que a mulher, de uns trinta anos, estendeu-lhe a mão e a fez aproximar-se da cama.

— Ficaré comigo, milady?

— Claro, é óbvio, mas me chamo Emily.

— Bem. Se for menina se chamará Emily. Deus! — Deu um chiado e apertou a mão da jovem, que quase cai ao chão pela dor — Sinto muito.

— Está tudo bem. O que posso fazer, George?

— De momento, nada. Fica com ela.

Afastou-se para abrir com parcimônia a maleta e estender alguns instrumentos sobre uma mesinha. Depois, tirou a jaqueta e arregaçou as mangas da camisa. Olhou para Emily e lhe sorriu.

— A minha teoria é que desta vez são dois meninos, gêmeos, assim será um pouco mais demorado.

— Gêmeos? Como sabe?

— Pelos batimentos do coração. O estetoscópio que me deste de presente serve para isso, sabe?

— Que incrível! — Olhou para a enorme barriga da senhora Heines e suspirou — É um milagre.

Passou apenas uma hora junto à mulher, que chiava cada vez com mais força, porque começou a dilatar — conforme George lhe

explicou que se chamava àquilo — quase em seguida. Algumas donzelas do hotel levaram água quente, panos limpos e puseram mais lenha na pequena lareira do quarto e quando se aproximava o momento, o médico procurou uma banqueta e se sentou em frente à mãe, que fazia todos os possíveis por empurrar. «É uma experiência aterradora», pensou de repente Emily, vendo as dores que experimentava a senhora Heines, mas de uma só vez, o milagre mais puro da vida e se pôs-se a chorar quando George a chamou e ficou a seu lado com uma toalha nas mãos para receber o primeiro bebê.

— Muito bem, Rachel. Já está aqui. Empurra!

George, com aquelas mãos peritas e enormes, segurou docemente na cabeça do menino e este saiu logo de seguida. Levantou-o uns segundos pelas pernas. O bebê chorou e o pôs nos braços de Emily, apressando-se a atar e depois cortar o cordão umbilical, mas tudo com uma calma espantosa.

— Bem, é um menino. Querida, leva-o ali, que a senhora se ocupe. Emily?

— Sim...

Ela chorava e chorava, com o menino ensanguentado e sujo nos braços. Era lindo e caminhou com ele até uma mesinha junto à lareira, onde uma mulher mais velha e muito sorridente o agarrou e começou a limpá-lo com muita perícia.

— Sou a sua avó, senhorita. Não chore. Não tem filhos?

— Não. Que bonito é! É muito bonito.

— Já está aqui! São dois, como esperava — exclamou George quase aplaudindo e colocou as mãos dentro da mãe para ajudar o segundo bebê a sair.

Repetiu a operação anterior e tirou o segundo menino com cara

de triunfo.

— Uma menina, Rachel. Acredito que acabamos. Agora vem a placenta e depois poderá descansar.

Apenas três horas depois de chegar às dependências para os empregados do Grand Hotel, George Connaught examinava com cuidado as duas criaturas que acabava de trazer ao mundo. Contrariamente ao seu primeiro diagnóstico, o parto tinha sido rápido e muito simples e a mãe descansava feliz e satisfeita olhando de longe para os dois novos filhos que Deus lhe tinha enviado.

— Estão sãos e fortes, podem estar orgulhosos. — Aproximou-se dos pais, vendo como a avó e Emily colocavam aos meninos junto à mãe — Menino e menina, que sorte!

— Obrigada, doutor. Com você tudo é mais simples.

— Disso nada. Fez tudo muito bem.

— Como se vão chamar? — perguntou a avó.

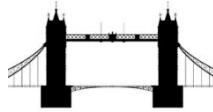
— Emily, como a senhorita, disse antes do nascimento, não? — Rachel Heines olhou para aquela moça que enxugava as lágrimas sem poder tirar os olhos de cima dos bebês — E o menino, não sei. Phillip, como o quer chamar?

— Não sei. Decide você — foi a resposta do maître, mais preocupado pelas duas bocas que lhe caíam em cima de repente, do que com os nomes.

— Que escolha a dama, pois! — Rachel opinou, sorrindo para Emily Gardiner — Diga-me, Emily, de que nome gosta?

— George, como é óbvio. — Olhou para o doutor com os olhos nublados de amor e começou novamente a chorar, ele se aproximou, abraçou-a pelos ombros e a beijou na cabeça — Talvez saia tão bonito e elegante quanto o doutor, não acham?

— Claro que sim, George e Emily, eu adoro — sentenciou a mãe, olhando para o casal com ternura.



Empurrou-a contra a parede do vestíbulo e a beijou com uma paixão desenfreada, Emily não se queixou, mas de repente o deteve, segurando-o pelo peito com as duas mãos. Eram duas da madrugada e acabavam de retornar de fazer o parto no Grand Hotel. Ela se sentia esgotada e feliz, mas sobretudo muito cansada. Tinham sido muitas emoções juntas e não podia entender como ele parecia tão fresco e descansado.

— Não está cansado?

— Não. — Abaixou-se um pouco para olhá-la nos olhos — Mas vou embora. Até manhã. Foi uma ajudante maravilhosa.

— Estou tão orgulhosa de ti.

— Um parto não é para estar orgulhoso de ninguém. Trabalha a natureza, Emily.

— Você ajuda e dá segurança, tranquilidade e isso não tem preço.

— Está bem. — Deu-lhe outro beijo e fez menção de partir, mas ela o segurou, agarrando-o pela jaqueta.

— Quando eu tiver filhos, vai ajudar-me?

— Se forem meus, sim. — Emily ficou séria de repente e ele pôs-se a rir às gargalhadas — É uma brincadeira. Claro que ajudarei no parto, em todos e cada um, porque espero que tenhamos muitos meninos, formosos e são como você.

Emily o olhou longamente. Subiu o primeiro degrau da escada e

o atraiu para beijá-lo e abraçá-lo pelo pescoço. Ele respondeu com a mesma urgência. Segurou-a pela estreita cintura e depois baixou a mão por suas costas para acariciar o seu traseiro arrebitado. Emily Gardiner tinha uns quadris muito sensuais e acolhedores e ao senti-las, ela soltou um gemido colado ao pescoço dele.

Depois disso não souberam como, mas estavam sobre a cama do quarto principal, beijando-se e tocando-se sem nenhuma objeção. Ele tinha tirado a casaca, a jaqueta, o colete, os sapatos e a percorria inteira com a mão aberta e ansiosa, ao mesmo tempo que ela suspirava e o mordida e o apertava contra o seu peito.

Antes que pudesse reagir ele a viu semi desnuda, vestida unicamente com aquela roupa interior de algodão branco, tão fino e já não houve volta atrás. Afundou a cara entre os seus seios suaves e generosos e lhe beijou a cabeça, com as lágrimas dela rolando pelas bochechas, feliz por tê-lo entre seus braços.

George Connaught a olhou nos olhos e lhe sorriu. Ela devolveu-lhe o sorriso, sentindo a sua intimidade latente e forte colada a seu ventre e se preparou para recebê-lo dentro de seu corpo e serem um só ser. Naquele dia e para sempre.

— Está radiante. Sempre foi bonita, mas está linda.

Molly a olhou nos olhos e Emily ruborizou até às orelhas. Agarrou-a pelo braço e a animou a caminhar pelo passeio marítimo uns passos atrás de Winston e George, que conversavam muito animados olhando para a praia.

— Já...?

— Sim.

— Deus bendito! E como foi?

— Molly!

— Conta-me, eu sempre contei tudo.

— Isso não e por favor, não quero que nos ouçam.

— Diz-me, pelo menos, quando foi.

— Faz duas semanas. — Sorriu olhando para George, que parecia tão sério e elegante com seu traje cinzento-pérola.

— E?

— Tudo bem. O que queres que te diga?

— E as bodas?

— Não falamos disso, está bem? A irmã dele se casa dentro de três semanas, e ele diz que esperará para depois falar com os seus pais, mas não me interessa, nem me importa, sabe bem.

— E vai a essas bodas?

— Não, não acredito que a sua mãe achasse muita graça.

— Querida! — George deteve o passo e esperou que ela chegasse a seu lado, sujeitou-a pela cintura e lhe indicou com um

gesto o porto — Quer dar um passeio em um navio? Winston diz que se pode alugar um.

— Nunca subi a um navio.

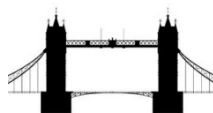
— Um bom motivo, então. — Olhou-a nos olhos e sorriu.

Emily se dissolveu como um cubinho de açúcar ante o brilho de seus olhos transparentes e ficou em pontas de pés para dar-lhe um beijo nos lábios. Molly e Winston se olharam nos olhos com cara de surpresa.

— Está bem, como queira.

— Feito. Procura-nos um bom capitão, Winston, que manhã levo a dama para um passeio pela baía.

Tinham chegado a Brighton para passar o fim de semana e ver, de uma vez por todas, a estalagem de Molly e Winston Everhard na costa. Tinha sido uma surpresa e o casal estava tão feliz que se desfez em cuidados com eles desde o primeiro minuto. Molly acreditava estar grávida e não os acompanhou muito nas excursões pela cidade, mas não era necessário, porque George Connaught e Emily Gardiner pareciam não precisar de ninguém mais no mundo para sobreviver. «Formam um casal formoso e com muita classe», opinou Molly vendo como caminhavam de mão dada ou conversavam abraçados no terraço. E Winston brindou sozinho e em segredo pela novidade de ver a sua melhor amiga feliz pela primeira vez em sua vida, completamente apaixonada e nada mais, nada menos do que junto ao melhor homem que conhecia, aquele médico peculiar e corajoso que saberia cuidar dela como ninguém.



— Era louro em pequeno? — perguntou-lhe enquanto lhe acariciava o cabelo claro, suave e um pouco encaracolado, livre da loção.

E George ronronou em resposta. Estava nu, deitado sobre ela e acariciando-lhe um mamilo rosado, que lhe parecia uma obra-prima da natureza.

— George.

— Sim. Por quê? — Ergueu-se um pouco e a olhou nos olhos — Como é possível que seja tão perfeita?

— Não diga tolices. Então, era loiro. A minha mãe também era loira, tinha os olhos claros, não da tua cor, mas...

— É perfeita...

Separou-se dela e baixou o seu dedo até aos pequenos pés de Emily. Depois, subiu por suas pernas esbeltas, suas coxas firmes e arredondadas, seus quadris, o ventre liso e macio, o umbigo redondo e diminuto, o estômago, seus seios generosos e empinados, o pescoço e chegou aos lábios deliciosos e rosados, suspirando e sem deixar de olhá-la com atenção.

— É uma opinião médica, é perfeita, senhorita Gardiner.

— É tão infantil, doutor!

— Mas ama-me?

— Sabe que sim.

— Isso me basta.

Abraçou-a com todo o corpo e ficou ouvindo os sons que chegavam da rua. A área era muito tranquila e lhe pareceu ouvir alguma confusão, mas não fez caso. Levantou a cabeça e beijou Emily, acomodando-se em cima dela. Amava aquela mulher e não passava muito tempo sem que o desejo o cegasse e não pensasse

em outra coisa que não fosse em fazer amor com ela. «Amamo-nos tanto e tão frequentemente que estamos convertendo-nos em um achado científico», brincava com ela e começou a temer que ficasse grávida antes do previsto. Era natural e embora procurasse por alguns métodos evitá-lo, a maioria das vezes lhe era impossível conter-se.

No dia seguinte, Winston a abordou aproveitando que estava sozinha, porque George tinha concordado em visitar uma amiga de Molly que estava doente. Ele a tinha convencido a ficar na estalagem e a separar-se um pouco de Connaught e a convidou a sentar-se em uma cadeira em frente a ele no terraço com vistas para o mar. A jovem, que era de linda por natureza, estava espetacular, e a olhou com olhos escrutinadores.

— Estás tão bonita que em meu povoado, que é este, diriam que esse Connaught tem muito boa mão.

— Para quê? — Entendeu a brincadeira e ficou vermelha como um tomate, coisa que fez rir Winston.

— É certo. O amor te faz maravilhas e não sabe como me alegro de que, por fim, estejam juntos. Nasceram um para o outro, como a minha Molly e eu.

— George é uma bênção de Deus.

— Quando se casam?

— Não falamos disso, não me preocupa.

— E quando vierem os meninos? Não estará já grávida?

— Winston! — Moveu-se incômoda na cadeira e desviou a vista para a praia — Por Deus bendito! Molly e você são muito impertinentes, a sério.

— É só uma pergunta. É o normal e espero que ele saiba

responder como deve ser, que o fará, é um tipo educado, nobre, confiável. Eu gosto do doutor. — Ela assentiu sem olhá-lo nos olhos — Disse-lhe a verdade?

— Sobre?

— Sobre Hamilton. É o teu homem agora, além de teu amigo.

— Ainda não, mas espero dizer-lhe logo — disse pigarreando, alterada. Sabia que devia falar com George, mas ainda não tinha encontrado o momento — Não quero continuar a mentir-lhe, mas é difícil abordar um tema assim, sabe bem como é.

— Sei como é o teu médico e sei como Hamilton é, um bode perigoso e por essa razão acredito que deveria confessar os teus segredos ao doutor antes que outro se adiante.

— Quem? Só Molly e tu sabem a verdade.

— Claro — sorriu, conciliador, e lhe indicou com a cabeça Connaught e Molly, que se aproximavam pelo passeio marítimo — As mulheres de Brighton estão em polvorosa com o elegante médico da capital. Não me admiraria nada que adoecessem todas, para que ele se aproximasse delas por um momento.

— Olá, tudo bem?

George chegou até eles e olhou para Emily com um grande sorriso.

— Adiantamos, Winston e eu fizemos o jantar, Molly — disse à sua amiga, ficando de pé — Fizemos frango assado com batatas.

— Mmm, que delícia! — O médico se aproximou dela e a sujeitou pela cintura — Depois iremos dar um passeio pela areia, quer? Não está muito frio.

— Sim, minha vida. Será maravilhoso.



— Taylor! Por favor.

Emily Gardiner levantou os olhos da blusa que estava embrulhando e viu Fred “O Ruivo” na porta da loja, pálido e assustado.

— Ali, na cozinha — respondeu por impulso. O menino lhe dedicou uma vênia e correu a esconder-se na parte traseira da loja. Emily olhou para Josie e lhe fez um gesto para que ficasse em silêncio. Dois minutos depois, Jake, um dos guardas da zona, entrava no local com o cassetete na mão.

— Bom dia, senhoritas. Viram por aqui um ladrãozinho ruivo e vestido de escuro?

— Não, Jake. Passa-se alguma coisa? — Emily abandonou o balcão e se aproximou do guarda com cara de inocente — É perigoso?

— Não, senhorita Gardiner, mas o vi por aqui e queria apanhá-lo, mas acho que o perdi. Enfim, tenham um bom dia.

— Igualmente, policial. Até mais tarde.

Acompanhou o guarda até à saída e ficou uns segundos observando como se perdia por entre as pessoas, antes de retornar à loja, onde Josie continuava com a boca aberta.

— Não se preocupe, Josie, é inofensivo.

— Inofensivo? Esse menino é um ladrão de carteiras.

— Não nos fará mal.

Foi devagar à cozinha e encontrou Fred escondido em um canto. Fez-lhe um gesto para que saísse e este se pôs diante dela com o chapéu entre as mãos.

— Esta não é tua zona, Fred. O que faz por aqui?

— Vim dar uma olhadela. A propósito, vi o seu médico sair daqui muito cedo.

— Não tente a sorte, Fred e vai daqui antes que me zangue contigo.

— Obrigado, Taylor, fico te devendo uma.

— Está bem. Fora daqui.

O menino saiu rapidamente pela porta traseira e ela sorriu, meneando a cabeça.

— Emily! — Josie colocou a cabeça no corredor — As senhoras de Brigstone chegaram, querem que as atenda.

— Claro, já vou.

Respirou fundo e saiu para saudar as damas. Há cinco meses que atendia muitas senhoras de alta linhagem e ia ouvindo os rumores e as fofocas sobre as bodas mais famosas da temporada, as de Amanda Connaught com Jason Rhys-Evans. Dois meninos bonitos, populares e das melhores famílias da Inglaterra, que iam reunir quase oitocentos convidados, entre eles a própria rainha Vitória.

Emily ouvia em silêncio e com um sorriso, o assunto não lhe interessava minimamente. A jovem só pensava em George e em suas veladas juntos, no fato de que quase se instalara em sua casa e nos planos que tinham para o verão, porque ele queria levá-la à Normandia, na França, para desfrutar de umas merecidas férias.

— Não sabe como é o vestido de bodas de Amanda Connaught?

— Como? — Olhou para a senhora Brigstone através do espelho, onde experimentava um vestido, e negou com a cabeça.

— O doutor não lhe contou nada?

— Não.

Emily nem se alterou, porque há muito tempo que se esquivava dos comentários que lançavam a respeito de George e a insistência das pessoas para que falasse dele, assim que ficou de pé e deu um passo atrás.

— Fica perfeito, milady, a cor é maravilhosa para você.

— São suas mãos, querida, que costura como os anjos... E não vai às bodas? Seria a mais bonita da festa, tenho a certeza.

— Eu? Não, milady, nem sequer conheço os noivos. Agora se me desculpar, vou colocar o toucado e me diz o que lhe parece.

Nessa tarde foi procurar George a Cannon Street e voltaram a passear para casa para jantarem tranquilos. Ele estava exausto, mas mesmo assim se deitaram cedo, fizeram amor com a entrega de todas as noites e depois ela se enroscou em seu peito para ouvir como dormia, coisa que aconteceu quase em seguida, assim aproveitou para escapulir-se da cama e sair para o salão para terminar alguns trabalhos que tinha pendentes.

— Aonde vai? — Olhou-a e a viu completamente nua, com o cabelo solto, procurando a bata — Emily, não vá.

— Tenho trabalho, dorme, está bem? Depois das bodas da tua irmã dedicarei a você todo o tempo do mundo.

— Quando tem que viro teu período?

— O quê? — Ruborizou até às orelhas e fechou a bata muito séria — E a que propósito vem isso a estas horas?

— Sou médico, além de seu companheiro. Não fique tão alterada. Quando costuma ter o período?

— Por quê?

Aproximou-se do espelho para entrançar o cabelo e evitar olhá-lo na cara.

— Porque estamos há um mês a fazer amor e não vi que tivesse tido a menstruação. Preocupa-me.

— George, incomoda-me muito falar disto contigo, está bem? Vou bordar por um pouco, continua a dormir.

— Lembra do que falamos sobre a concepção?

Emily assentiu, nervosa, porque ainda sentia vergonha ao recordar aquela madrugada em que lhe tinha falado da ejaculação, de esperma, de óvulos e da fecundação.

— Não tivemos nenhum cuidado. Eu não fui muito responsável e pode acontecer. Talvez estejas grávida.

— Nunca prestei muita atenção aos meus períodos. Não te posso dizer datas concretas, sinto muito.

— Bem, eu o faço por você e digo que passou pelo menos um mês. Emily! — Levantou-se para segui-la ao ver que escapava para o salão — Não estou reprovando de maneira nenhuma, na verdade. — Ajoelhou-se a seu lado e procurou os seus olhos tão formosos — Seria o homem mais feliz do mundo se fosse me dar um filho, sabe?

— Não posso falar disto... — Os seus olhos se encheram de lágrimas e mal conseguia sujeitar a agulha — Sinto-me muito desconfortável. Duvido muito que os demais casais falem disto desta maneira tão... direta.

— Nós não somos como os outros. Mas está bem, dá-me um beijo. — Sujitou-a pelo pescoço e a beijou com doçura — Amo-te e se estiver grávida, bendito seja Deus, só desejo sabê-lo para cuidar de ti e do bebê como deve de ser.

— Se for assim, logo saberemos.

— Tens náuseas, enjoos? — Ela negou com a cabeça — Deixa ver?

— Não! Por Deus, está tudo bem. Quer deixar-me trabalhar em paz?

— Santa Mãe de Deus! — exclamou, ficando de pé — Afinal, não é tão moderna como eu pensava...

— Boa noite.

— As bodas da Amanda são a 1 de maio e a 3 falarei com os meus pais.

— Eu não te pedi nada.

— Perfeito, faço porque quero.

Observou-a com atenção. Se estava grávida era muito cedo para ver mudanças físicas nela, mas algo em seu coração lhe dizia que podia estar e não deixava de pensar nisso desde que tinham estado a Brighton. Emily era uma moça jovem, sã e ambos se entregaram a uma atividade sexual desenfreada e carente de cuidados. Em trinta e um anos, era a primeira vez que fazia amor com uma mulher dessa forma, sem tomar nenhum tipo de precaução e perdendo a cabeça completamente, então era muito provável que Emily Gardiner tivesse perdido a virgindade e ficado grávida quase ao mesmo tempo, circunstância que o enchia de felicidade, embora não deixasse de preocupar-se com o seu bem-estar.

— Amo-te, linda.

— E eu a ti, mas não estou preparada para falar contigo de tudo isto. Consegue entender?

— Claro, sinto muito. Vou dormir. Não fique até muito tarde a trabalhar.



Pela manhã, saiu muito cedo deixando-a adormecida na cama e foi diretamente para o escritório de Albert Sheen. Como nobre e herdeiro de um ducado, devia solicitar a permissão da rainha para fechar um compromisso de matrimônio e necessitava da aprovação do responsável legal por Emily, para fazer o pedido. Estava decidido a casar-se com ela e lhe faria a surpresa no dia seguinte ao das bodas da Amanda. Pediria a sua mão, joelho em terra e com um anel e lhe falaria da solicitude oficial à Coroa. Não queria esperar mais tempo e embora ela se mostrava cética a esse respeito, ele adiantaria os trâmites e a surpreenderia com o caminho quase feito.

— Não acredito que Michael se oponha, muito pelo contrário, não pode ser uma melhor notícia. George, parabéns.

— Bom, ela ainda não disse sim, mas estou seguro de que não me rechaçará. — Deu-lhe a mão e ficou de pé — Acredito que podemos casar-nos este verão, dentro de um par de meses ou antes, assim que a rainha dê a sua aprovação e assinemos as capitulações.

— Porquê tanta pressa?

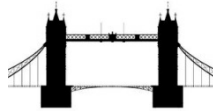
— Quero viver com ela já, Albert. É absurdo estender um noivado por tanto tempo. Conhecemo-nos há quase dois anos e estamos convivendo há mais de um mês.

— Já tens casa?

— Sim, o apartamento em Mayfair. O andar de cima está vazio. Contratarei alguém para a decoração e não há muito mais a fazer, pois não?

— Não, salvo felicitar aos dois. Não sabe o quão feliz me faz. Emily é uma moça estupenda e tu não pode ser melhor candidato. A

sério, dá-me um abraço e brindemos com um copinho de brandy, me acompanha?



Dois dias antes das bodas de Amanda Connaught, os papéis solicitando a aprovação de um matrimônio entre George Connaught e Emily Shafterbury chegaram diretamente ao gabinete da rainha Vitória para esperar a sua aprovação. Gerard Kennedy e Albert Sheen, como representantes legais dos noivos, apresentaram pessoalmente os papéis e nessa noite, quando George assistia a outro aborrecido jantar pré-nupcial na sua casa de Kensington, tinha um enorme sorriso desenhado em seu atraente rosto, o que fascinou a sua irmã mais nova, que acreditou que se devia à felicidade que o embargava por seu iminente enlace com Jason Rhys-Evans.

Contudo, como vinha acontecendo há algumas semanas, ele acabou as sobremesas e desapareceu da festa para ir diretamente para casa de Emily Gardiner, que o esperava acordada, lendo um livro.

— Que tal a festa?

— Aborrecida. Preciso de consolo. — Despiu-se e se lançou na cama para se aninhar em cima dela, que o embalou com um sorriso no rosto — O que está lendo?

— “Jane Eyre”, de Charlotte Brontë. Já leu?

— Não.

— Eu gosto muito do nome.

— Jane Eyre?

— Não, Charlotte. A sua irmã mais nova se chamava Emily,

sabes? A autora de “O Morro dos Ventos Uivantes”. Também adoro esse livro.

— Hmm! — Tentou tirar-lhe o livro das mãos para beijar-lhe o pescoço e deslizar com os dentes as alças da camisola por seus preciosos e suaves ombros — Que interessante!

— Se alguma vez tiver uma menina eu gostaria de chamá-la de Charlotte. É um nome muito feminino e com muita força, não acha? George, estou a falar contigo.

— Sim, minha vida.

— George!

— O quê?

Ele se incorporou para olhá-la nos olhos. Emily esticou a mão e lhe acariciou a cara. Era tão bonito e os seus olhos, os mais formosos do mundo, no entanto, ficou séria para repreendê-lo.

— Vem aqui e se desnuda antes de me saudar, mete-se em minha cama e presume que dormirás comigo. Pelo menos, faz um esforço e fala um pouco comigo. Antes era mais educado e fingia que gostavas de conversar comigo.

— Tem razão. — Sentou-se a seu lado e lhe passou a mão pelo rosto. Emily o olhou morta de riso e ele pigarreou muito sério — Falemos. Sobre o que quer conversar? A divisão tripla da tíbia? William Shakespeare? A reprodução humana?

— A divisão tripla da tíbia.

Deixou o livro, apagou a vela e se aninhou a seu lado. Aspirou o seu aroma e enredou os dedos no pelo loiro e denso de seu peito. George levantou a mão e lhe acariciou o cabelo solto.

— A tíbia é um osso comprido que suporta o peso do corpo. Um dos extremos se articula com o fêmur e é largo. Tem os côndilos

medial e lateral, ou superfícies glenóideas, que se articulam com os côndilos do fêmur — recitou de cor e Emily pôs-se a rir às gargalhadas — Dispõe de uma parte superior plana que se chama «face articular», que é composta por dois côndilos e de uma eminência entre os côndilos chamada «área intercondilar»... Mais?

— Não, não sabe o quanto te amo. — Subiu para cima dele e o abraçou com todo o corpo.

George sentiu a suavidade de sua pele contra o seu peito e gemeu de desejo. Ela se colou a ele para beijá-lo e ele subiu as mãos por suas coxas perfeitas e mornas antes de virá-la para recostá-la no colchão.

— Amo-te, doutor, não sei se é possível alguém amar mais outro alguém.

No dia seguinte, despediram-se como se fossem separar-se para sempre, pelo menos, isso pareceu a Emily quando, depois do chá, George agarrou o casaco e o chapéu com um meio sorriso. Nessa noite de sábado eram os ensaios das bodas de sua irmã, depois um jantar e pela manhã muito cedo, um café da manhã pré-nupcial e à uma as bodas em São Paulo. Era demais e não poderia vê-la até domingo pela tarde, quando esperava escapulir-se de sua família para voltar ali, abraçá-la e pedi-la, de passagem, em matrimônio.

— Amanhã vem vestido com o uniforme de gala. Eu gostarei de ver como deslumbraste na cerimônia.

— Emily... — Aproximou-se dela e a apertou contra o seu peito — espero que esta seja a última vez que me deixa sozinho. Na próxima virá comigo, sim?

— Depois veremos. Agora vai, ainda temos de entregar um par

de xales e um chapéu... — Sem motivo, se lhe encheram os olhos de lágrimas e procurou um lenço em seu avental — Não sei o se passa. Estou bem, não me olhes assim e vai, espero que tudo saia perfeito.

— Se não estiver comigo, nada pode ser perfeito — sussurrou-lhe ao ouvido, antes de dar-lhe um beijo no pescoço.

— Disse a Emily que deveríamos ir à porta da igreja para ver os noivos. — Josie os interrompeu sem nenhuma piedade, entrando na loja com um pacote enorme — Não se importará, pois não, doutor?

— Pois sim, sim me importarei. — Colocou o chapéu, franzindo o cenho — Se ela não quer vir comigo às bodas, não compreenderei que vá espiar como o resto dos curiosos.

— George. — Emily lhe sorriu mas não recebeu resposta — Não seja assim.

— A sério, se te vejo no meio da multidão, atenta nas consequências. — Abriu a porta e saiu para rua a grandes passos.

Emily se voltou para Josie, encolhendo os ombros.

— Eu sim vou, Emily, deixa, não? Toda Londres estará lá.

— Faz o que quiser, Josie. Não faça caso do doutor, que às vezes é um rabugento.

Umas bodas, um enterro ou uma execução se aplaudiam da mesma forma em Londres e nessa ensolarada manhã de maio não houve melhor maneira de passar o tempo do que ir às imediações da igreja de São Paulo, para ver de perto a flor e nata da sociedade londrina, indo em massa às bodas de Amanda Connaught com Jason Rhys-Evans. Até mesmo a rainha Vitória apareceu na igreja de braço dado com o seu filho mais velho, o príncipe Alberto Eduardo e o povo todo irrompeu em aplausos e vivas para a sua soberana, que não estava muito acostumada a sair do palácio nos seus setenta e quatro anos de idade.

Emily Gardiner se levantou tarde e tomou o café da manhã com calma lendo o jornal e quando Josie se despediu dela às dez e meia da manhã para ir com as suas amigas ver as bodas, decidiu tomar um banho e ler tranquilamente, sem pensar muito em George, na sua família, nos Shafterbury e em toda aquela gente que estaria desfrutando muitíssimo de um evento tão divertido e espetacular. Ela não sentia falta de estar lá, tinha saudades de George e na hora em que se celebrava a cerimônia, optou por agarrar um casaco e sair para caminhar pelo parque para relaxar-se e deixar passar o tempo o mais rapidamente possível.

Por seu lado, George Connaught cumpriu elegantemente e deslumbrando a mais do que uma, a sua tarefa como uma das testemunhas do noivo e passou a cerimônia sério e ausente, recordando os olhos negros e o corpo perfeito e acolhedor de Emily,

da qual não esperava separar-se no que restasse do domingo. Disse a ele mesmo que parecia um adolescente apaixonado, enquanto ouvia os votos dos noivos e se imaginou, por um minuto, com Emily pelo braço, dizendo «sim, quero» diante de todo o mundo. Jamais tinha acreditado que poderia amar alguém daquela forma e de repente, tudo lhe pareceu mais formoso e mais aprazível e as pessoas mais agradáveis e simpáticas, tanto que, às duas da tarde, depois dos brinde e quando todo o mundo começava a ocupar as mesas para almoçar, agarrou o seu pai pelo braço e o levou para a biblioteca, decidido a falar com ele de uma vez por todas.

— A casa está cheia. Tenho não sei quanta gente aguardando para saudar-me. Não pode esperar?

— Não, pai.

— O que quer, George? Fala depressa, pelo amor de Deus.

— Vou casar-me com Emily Gardiner, Emily Shafterbury, na verdade. Já sabe quem é. O meu advogado apresentou ante a rainha as capitulações e espero convertê-la em minha esposa o antes possível.

— Está grávida?

— Por Deus! — Apoiou-se na enorme secretária de carvalho e o olhou na cara — Não.

— Então? Quer matar a tua mãe de desgosto? George, é o meu herdeiro, o próximo duque de Stevenage, não pode casar com alguém da tua posição?

— Não.

— George...

— Não venho pedir-te permissão. Na minha idade compreenderá que não penso fazer o que tranquilizar a minha mãe,

mas o que me pareça bem. Quero casar-me com Emily e assim se fará e se não te parece bem que ela seja duquesa, de acordo, por mim perfeito: revoga a minha nomeação como legatário e me tira um peso de cima. — Fez menção de ir embora e lorde Connaught o deteve com um grito.

— George! Não podia esperar que terminassem estas malditas bodas para me dar um desgosto?

— Para mim é uma notícia maravilhosa, papai e esperava que para você também fosse.

— Pois não é. Essa moça é filha ilegítima...

— Era. Por fim aceitou usar o sobrenome de seu pai e é sua herdeira, para todos os efeitos. Pensei que já sabiam, mas, em todo o caso, eu gostava dela ainda quando não era mais do que uma costureira de Covent Garden.

— Não tem de casar com ela.

— Oh, sim! Se ela aceitar, claro.

— Ainda não lhe pediste?

— Não e conhecendo-a, talvez diga não. De qualquer maneira, adiantei-me e a solicitação para que a rainha aprove o enlace já está no palácio de Buckingham.

— A tua mãe quererá que te deserde e que te tire tudo...

— Fabuloso. Tenho o meu próprio dinheiro. Viveremos de meu trabalho como médico e deixarei de relacionar-me com esse bando de idiotas aos que chamam amigos.

— O que foi que essa mulher te fez?

— Nada, pai. Sabe que jamais gostei de tudo isto que nos rodeia, mas por ti retornei à Inglaterra e aceitei ser teu herdeiro. Pedi e aqui estou. A única coisa que mudou é que amo uma mulher e a

quero comigo, como minha esposa, entende? Mas se não consegue impor à sua mulher e aprovar a minha decisão, tudo bem, sem rancor. Tirem-me os títulos, o dinheiro e o que quer que seja necessário. Jamais precisei deles e com Emily a meu lado, menos ainda.

— Deus bendito!

O duque de Stevenage olhou para o seu lindo e elegante filho e viu aquela determinação inflexível em seus olhos claros. George era assim e nada, nem ninguém, podia fazê-lo mudar de opinião. Suspirou e moveu a mão a modos de aceitação.

— Tudo bem. Faz o que quiser, mas não espere aplausos, nem o apoio de sua mãe. Eu te dou o meu. Agora devo voltar para o almoço. Que mais posso fazer por você?

— Quero o anel da avó Elizabeth. É meu, pelo menos me lembro disso e agora será para a minha prometida.

— Jesus! Sabe quantos meses de queixas, desmaios, brigas e gritos vou ter de enfrentar a partir deste momento por sua culpa?

— Sabe manejar a mamãe melhor do que ninguém. Não se faça de fraco.

— Bem...

O duque foi para a caixa-forte, abriu-a e tirou o cofre com as joias da família, às quais a sua esposa não costumava ter acesso. Afastou os estojos dos anéis e George se aproximou para procurar o seu. Localizou-o rapidamente e o guardou no bolso da jaqueta.

— Obrigado, papai, a sério. — Aproximou-se e lhe deu um forte abraço — Quando conhecer a Emily, vai adorá-la. É a mulher mais bonita e inteligente que conheço.

— Isso foi o que me disseram.

Saíram juntos para jardim e se separaram para ocupar as suas

respectivas mesas, George, mais sociável e risonho do que o habitual, compartilhou mesa e toalha com as solteiras de ouro da aristocracia britânica e depois passou um bom momento conversando com os primos e amigos chegados de ambas as partes. Estava radiante e à hora do baile, aceitou em dar de presente uma ou outra valsa às suas insuportáveis pretendentes, que o admiravam com olhos sonhadores, antes de olhar para as horas e comprovar que eram cinco da tarde, o melhor momento para voltar para Emily e dar-lhe de presente o anel de compromisso de uma maldita vez.

— George.

— O que foi?

Voltou-se e encontrou Paul Hamilton a um metro dele. Estavam no corredor envidraçado que separava as dependências públicas das privadas do palácio e o olhou carrancudo.

— Não deveria estar aqui.

— Somos família, recorda? Só preciso de um minuto do seu tempo.

— Tenho pressa, sinto muito.

— Gerard Kennedy me falou da sua intenção de casar.

— As notícias voam.

— Estudamos juntos em Oxford, não o culpe, além disso, o seu pai acaba de contar-me isso em segredo. Bom, a mim e a outros amigos enquanto fumávamos um charuto na biblioteca.

— Tudo bem, perfeito.

— Trata-se de Emily Gardiner. É importante.

— Não fale nela, de acordo? Não quero quebrar sua cara diante da família. Não fiz nada antes por respeito a Alice, então não me dê motivos para fazê-lo justamente no dia das bodas de minha

irmã.

— É importante, muito grave, diria eu e é justo que saiba. Dá-me dez minutos e depois pode desafiar-me para um duelo se quiser, será justo.

George o observou franzindo o cenho. Olhou para as horas novamente em seu precioso relógio de bolso e suspirou, meneando a cabeça.

— Vamos para o jardim dianteiro. Esperam-me e não quero chegar tarde.

— Deixa-me falar até ao fim e não fique furioso antes do tempo, está bem?

George assentiu e esperou que falasse com as mãos nos bolsos.

— Não tenho provas, mas sei que a senhorita Gardiner, acompanhada por seus dois sócios, Winston e Molly Everhard, dedicaram-se durante meses a seguir, investigar e documentar os passos, nada santos, de muitos membros da Câmara dos Lordes. O seu trabalho era impecável, e quando feito, mandavam umas missivas muito eloquentes que ameaçavam revelando todos os dados, evidentemente muito negativos, sobre as vergonhosas atividades pessoais desses cavalheiros, à imprensa e ao Parlamento — Levantou a mão para que George não falasse — No início de 1891, não pude determinar o mês exato, um dos homens que controlam East End, Bob “O *Carvalho*”, sei que sabe quem é, detectou algo estranho no comportamento da senhorita Gardiner e de seus compinchas e ordenou uma contra-vigilância que o levou a descobrir o estupendo negócio que tinham montado às custas de chantagem a gente rica. Este homem, Carpenter, diz que começou a

seguí-la, farto de ser desafiado em seu próprio terreno, que não lhe pagassem tributo por roubar e trapacear em seus domínios e porque se mostrava muito insolente para com ele.

— Não quero continuar a ouvir isso. — Fez menção de ir embora, mas Hamilton cruzou por diante, sereno e sem um pingo de agressividade.

— Se for casar com essa dama, George, parece-me perfeito, mas ao menos escuta até ao final o que tenho para dizer.

— Tem mais cinco minutos.

— Desse modo, enquanto vigiava outros nobres, ela se deu conta de que a seguiam e conseguiu te salvar duas vezes desses assassinos contratados, os MacGuinness e os delatou, um ato imperdoável entre os delinquentes de qualquer canto do mundo. “O *Carvalho*” quis vingar-se dela e ainda quer, embora o seu pai, Michael Shafterbury lhe tenha pago uma soma muito suculenta para deixá-la em paz, não é assim? Graças a ele, agora, esqueceu-se dela, mas a têm jurada, porque não só delatou a seus pares, como, para além disso, ganhou muito dinheiro e não quis pagar os seus tributos a Carpenter. “O *Carvalho*” e a sua gente sabem que ela é culpada, como também sabem que enganava um ancião veterano do exército, August Sloane, para que lhe desse dinheiro. — George sentiu um calafrio cruzando-lhe a coluna, mas não disse nada e se manteve quieto — Mas isso é um assunto entre eles que não me compete.

»Eu fui uma das sete ou oito vítimas de Gardiner e de seus sócios. Na primavera passada me chegou a primeira missiva contando-me que conheciam os meus vícios em clubes de ópio e prostíbulos do centro. Não era segredo, ia ali com assiduidade. As cartas eram muito detalhadas e embora no início tenha pensado

pagar o que me pedia, que era muito dinheiro, por fim decidi recusar e ver até onde eram capazes de chegar. E chegaram à imprensa, já sabe o que aconteceu.

George assentiu e recordou que na manhã em que viu as capas da imprensa, enfurecendo-se com Hamilton, estava acompanhado precisamente por Emily.

— Neguei-me a pagar, mas fui o único e algum dos que pagaram os tem agora dançando entre os convidados das bodas de tua irmã. Sei que muitos deles morrem de medo de que se conheçam os seus vícios e debilidades, mas me confessaram que sim, receberam as cartas. Um deles tinha uma guardada e consegui que ma desse para compará-la com a minha. Juro que são idênticas, só variam as datas e os dados mais específicos e todas elas estão nas mãos da Scotland Yard.

Quando a denunciei cometi o erro de não ter provas, mas pensei que confessaria. Contudo, é forte e depois você interveio como o cavalheiro que é e a tirou da confusão.

— Não quero escutar mais nada...

— Bob “*O Carvalho*” não vai testemunhar porque odeia a polícia e a minha única esperança é que o jornalista que assinou o artigo me confirme que Winston Everhard ou Emily Gardiner foram quem lhe deu toda a informação sobre mim de bandeja. Se quiser fala você com ele, ou melhor conta-lhe isso, a mim, até agora, não me disse nada, mas todo o mundo tem um preço e é preciso dar tempo ao tempo.

— Vai à merda! — Agarrou-o pelo peitilho e o estampou contra a parede — Maldito filho da uma grande puta!

— Pode bater-me ou insultar-me, George, mas isso não mudará

a realidade, e é que a tua noiva é uma chantagista, hábil e muito inteligente, mas uma chantagista que se dedicou, durante meses, a extorquir gente como eu, como nós, por um punhado de dinheiro.

— O que se passa aqui?

Simon Connaught, o irmão mais jovem de George, irrompeu no jardim com um charuto na mão.

— O que aconteceu?

— Casa com ela, mas isso não a protegerá de que um dia destes venha a pagar por seus delitos.

Paul Hamilton sentiu o murro em plena cara e depois a náusea que o atirou ao chão. George Connaught lhe tinha quebrado o nariz com um golpe certo e sem oportunidade de defesa.

— Não se aproxime dela, Hamilton, ou te matarei com as minhas próprias mãos! Ouviu?

— George!

Simon quis contê-lo, mas o médico se esquivou e saiu a grandes passos para a rua, bufando de raiva e confusão, decidido a encontrar Emily, para que lhe desmentisse imediatamente tudo o que acabava de ouvir.



Sentiu um calafrio por todo o corpo e procurou o xale para se cobrir. Estava bordando há algum tempo junto à janela, embora a escuridão a tivesse obrigado a acender uma vela. Olhou para o relógio de parede e comprovou que eram seis e meia da tarde. George demorava e logo seria noite fechada. Ergueu-se para acender a lareira e então ouviu a chave da porta e os passos enérgicos do

doutor subindo para o salão.

— Olá. — Ficou quieta ao vê-lo com o cabelo revolto e a jaqueta do uniforme aberta — O que te aconteceu?

— Ama-me?

— O que aconteceu, George?

— Ama-me? Maldição!

— Sim, por quê? — Os seus ossos gelaram e compreendeu imediatamente que algo horrível estava prestes a acontecer.

— Então, não me mentiria?

— George, está me assustando.

— Fala, maldição, Emily! — Atirou uma jarra que estava no aparador ao chão, e ela saltou para colar à parede — Paul Hamilton me contou, com detalhes, o negócio de extorsão que, em teoria, Winston, Molly e você montaram durante meses e que estava dirigido a vários nobres da Câmara dos Lordes. Diz que chantagearam pelo menos sete pessoas e que mentiste e também ao Sheen e à polícia, negando, mas que um dia conseguirá provar que foi você, que não é mais que uma delinquente sem escrúpulos de East End. — Mal conseguia falar, tal era a raiva que tinha dentro. Caminhou para ela e viu os seus olhos cheios de lágrimas. — É a sua última oportunidade, Emily, diz a verdade.

— É verdade. — Embrulhou-se no xale e engoliu as lágrimas — Não desse modo, mas em parte é verdade.

— Deus bendito! — Sentou-se em uma poltrona e tapou a cara com as mãos — Por que me mentiste?

— Não queria te envolver...

— Não queria me envolver e deixou que fosse ao gabinete do Primeiro-ministro jurar por sua inocência?

— Eu não pedi que o fizesse. Nem sequer sabia que ia chegar tão longe...

— E aonde ia chegar, se você, que é o mais importante da minha vida, estava na prisão?

— Jamais devia saber. Eu disse a Winston que procurasse um advogado, não que fosse te procurar.

— E por quê? Por que fez isso? Por que chantageou aquela gente?

— Precisávamos sobreviver, não podíamos trabalhar em East End, porque Bob “O *Carvalho*” não nos deixava e nos tinha ameaçado. Conheci a proprietária de um prostíbulo que me falou de gente importante que dilapidava a sua fortuna com o ópio e com prostitutas, que eram violentos, más pessoas e pensei que poderíamos sacar um pouco de dinheiro... — As lágrimas mal a deixavam falar — No início foi muito simples, até que demos com Hamilton e então tivemos de denunciá-lo à imprensa. Depois o escândalo que se montou ficou fora de meu controle e esse tipo merecia porque é um delinquente, violento, agressivo e perigoso, ao qual temem nas ruas do centro.

— O quê?

— Não me sinto orgulhosa de ter extorquido a essa gente, mas nada do que tínhamos contra eles era mentira.

— E está satisfeita?

— Eu não disse isso.

— É uma chantagista, Emily e me enganou.

— Sinto muito.

— Por que não me disseram isso? Os três zombaram de mim, falando de seus negócios em meus narizes, sem que eu soubesse

que compartilhava o meu tempo com delinquentes.

— Sinto muito.

Olhou-o feita muito lágrimas e George nem sequer pestanejou. Ergueu-se e voltou a caminhar para ela.

— Disse uma vez que não suportava a mentira. Isto é o pior que me podia fazer, não o seu passado, as trapaças ou a sua estranha forma de ganhar a vida, não. O que me destroça é que tenha mentido, que tenha me enganado, porque não poderei voltar a confiar em você na vida.

— Sinto muito. — Continuava a chorar, incapaz de defender-se.

— Que mais trabalhinhos fazia em East End?

— O que insinua?

— Não sei, agora te vejo capaz de tudo. — Olhou-a nos olhos e lhe sustentou o olhar com uma frieza tal que ela sentiu o seu ódio lhe chegando à alma — Que mais me ocultou?

— Nada mais.

— Não acredito. Vê? Como poderia acreditar em você, se é uma maldita embusteira...

— Faz o que quiser, mas agora vai embora da minha casa. Está faltando ao respeito.

— Faltando ao respeito? E o que fizeste comigo durante o último ano, ah?

— Eu te amo, George e lhe respeito e se te menti foi por vergonha e por medo, porque sabia que jamais, alguém como tu, poderia entender a necessidade e o desespero que pode levar alguém a fazer o que quer que seja para comer e sobreviver.

— Não acredito em você. — Voltou-se para a porta e se deteve antes de cruzá-la — Eu jamais te diferenciei. Nunca me importou a

sua origem ou a dos Everhard. Confiava em vocês porque eram meus amigos...

— Você crê que não te importam as diferenças e até pode ser verdade, mas jamais poderá entender-me, porque não tem nem ideia do que é passar fome, frio e não ter ninguém a quem recorrer quando não é mais que uma criança só e assustada.

— Bravo — disse e aplaudiu com ironia — o papel de órfã indefesa. Não é a única moça que saiu sozinha da lama, Emily e muitas pessoas não precisaram roubar, nem mentir para levar uma vida melhor.

— Não sabe de nada, George e por favor, já é suficiente, rogo que vá. Algum dia as nossas diferenças iriam chocar e parece que foi hoje. Sai de minha casa agora mesmo e não volte aqui.

— Não penso voltar, mas entende que é porque me mentiu e enganou. Não se trata das nossas diferenças, embora esses preconceitos enormes que tem acabariam por nos separar, mais cedo ou mais tarde.

— Os meus preconceitos? E os seus?

— Não sei do que fala.

— Tem tantos preconceitos quanto eu ou mais ainda, tantos que teve que encontrar um pai nobre para aceitar que eu gostava de você e que podia fazer parte da sua vida.

George Connaught abriu muito os olhos, completamente ofendido, endireitou os ombros e falou com toda a raiva que lhe estava carcomendo as vísceras.

— Faz uma hora acreditava que não podia respirar sem você, Emily e agora nem sequer posso olhar na sua cara.

Deu-lhe as costas, desceu os degraus apressadamente e

quando chegou à entrada, atirou as chaves ao chão. Emily Gardiner caiu de joelhos, soluçando sem nenhum controle, com o coração feito em farrapos e uma dor dilacerante lhe quebrando o corpo em dois.



— Não fala e só chora. Está na cama. Está há uma semana assim.

Josie abriu a porta aliviada ao ver Winston, que, como muitas segundas-feiras, apareceu pela cidade para fazer alguns recados.

— E onde está o doutor?

— Esse é o problema: o doutor.

Winston Everhard deixou as suas coisas na cozinha e subiu ao quarto de sua amiga, que permanecia às escuras. Abriu as cortinas e se aproximou da cama. Emily dormitava, abraçada a uma almofada. Estava em cima do edredom, gelada e com a cara inchada de tanto chorar.

— Emily...

— Deixa-me sozinha. Só preciso descansar um pouco.

— Vim de Brighton e não penso partir sem que me diga que demônios te aconteceu. Deixo de te ver por um mês e me encontro com isto. Onde está Connaught?

— Ele não virá mais aqui. — Ergueu-se um pouco na cama e olhou para Winston nos olhos — Paul Hamilton falou com ele e ele me despreza, deixou-me e não voltará mais.

— Como?

— É isso e é melhor assim.

Levantou-se com muita dificuldade e correu ao banheiro para vomitar. Desde a briga com George vomitava quando a dor não a deixava respirar.

— O que lhe disse aquele bastardo?

— A verdade.

— E você o que disse?

— A verdade também. Já não podia continuar a ocultar nada.

Como está Molly?

— Emily, sinto muitíssimo.

— Não, é melhor assim. Cedo ou tarde ia cansar da amante divertida de Regent Street. — Um soluço a afogou e respirou fundo para recuperar a compostura — E ia procurar uma esposa fina, imaculada e longe de qualquer suspeita para formar uma família.

— Sinto muito.

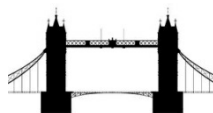
Winston a abraçou e ela resistiu, afastando-se imediatamente.

— Vieste por trabalho? Como está Molly? Tinha que mandar-lhe um vestido de verão, então não esqueça de pedir.

— Vai adoecer se continuar assim.

— Não, estou bem, a sério, amigo. Onde pretendia eu ir com um médico tão respeitado? Cedo ou tarde isto ia acontecer e é melhor agora que dentro de cinco anos e com uns quantos bastardos sem sobrenome agarrados às minhas saias.

Winston observou a dureza de seu olhar e se assustou. Preferiu ignorar o assunto, não discutir com ela e a deixou sozinha com a promessa de voltar na hora de comer.



— Onde está o doutor Connaught? — perguntou Winston.

— Não está, mas na semana que vem outro médico, o doutor Anderson, se encarregar dos pacientes.

A senhora Adams, de Cannon Street, nem sequer o deixou entrar.

— Deixou o consultório?

— Por uma temporada, mas se precisar de um médico, a partir da próxima segunda-feira, poderá ir ao doutor Anderson, que é da inteira confiança do doutor Connaught.

Winston, bastante contrariado, acabou os seus recados e passou por Mayfair antes de comer, onde a outra senhoria, a senhora Mills, repetiu-lhe as mesmas palavras e usando o mesmo tom. Tampouco pôde entrar para comprová-lo e acabou indo diretamente à sua casa em Westminster, onde o mordomo, Jonathan, explicou-lhe na entrada de serviço que o seu senhor tinha partido da cidade.

— De férias?

— Não sei, senhor, mas estará fora muitas semanas.

Nessa tarde, com Emily diante dele, tentou indagar o alcance da briga e descobriu que era muito mais séria do que esperara. Animou-a a viajar com ele a Brighton para recuperar-se, embora obviamente ela se tenha negado terminantemente, então abandonou Londres com um estranho desgosto no peito e sentindo-se bastante impotente.

Só três semanas depois da visita de Winston a Londres, Emily Gardiner, em pessoa, repetiu os mesmos passos que ele tinha dado em Mayfair e Cannon Street, e encontrou as mesmas respostas. Ela, superadas as primeiras semanas de aborrecimento e dor, tinha decidido procurar George para esclarecer as coisas, mas se inteirou

de que ele tinha passado os consultórios para outras mãos e que se encontrava em viagem, embora ninguém, logicamente, a quisesse informar de seu paradeiro.

Perambulou durante horas, buscando-o pela cidade sem resposta, e compreendeu que conhecia muito pouca gente do seu entorno, salvo David Law, de Cambridge. Uma manhã nos finais de maio, subiu a uma carruagem que a levou diretamente à cidade universitária, onde pôde falar, milagrosamente, com Law, que viajava nesse instante para Liverpool e daí para os Estados Unidos.

— Não sabe nada dele?

— Não, mas estará estudando no continente, tenho a certeza ou talvez tenha voltado para a Índia. Não pensou nisso?

— Claro —. Baixou os olhos sombreados pelas olheiras e Law sentiu uma enorme pena por ela.

— Qualquer dia volta para casa e irá procurá-la. Sei que a aprecia muito.

— E você, aonde vai?

— Para a Pensilvânia. Vou dar aulas na Faculdade de Medicina de Filadélfia.

— Felicito-o.

— Sim, estou desejando conhecer a América, a terra das oportunidades.

— Isso dizem...

— Sim, acredito que é o melhor momento para viver ali, tudo em evolução e crescimento.

— Sim, tem razão. Bom, devo deixá-lo...

Um enjoo atroz lhe embotou a cabeça e se agarrou ao braço de David Law com força. Ele a auxiliou e a obrigou a sentar-se em um

banco do parque.

— O que se passa?

— Nada. Deve ser o calor. Obrigada, doutor Law e muita sorte em sua viagem.

Separou-se do médico para correr a vomitar a um lugar afastado. Há um mês que estava assim, com náuseas, vômitos e duas faltas de período. Pensou em George, olhando para a preciosa insígnia da Universidade de Cambridge e começou a chorar uma vez mais. Chorava tanto que Josie dizia que lhe iam acabar as lágrimas, mas ela não conseguia e passava da tranquilidade ao pranto mais desmedido sem poder fazer nada para evitá-lo.



A 15 de junho, exatamente quarenta e cinco dias depois que George Connaught tinha desaparecido de sua vida e de Londres, Emily Gardiner continuava perambulando como um fantasma pela loja e pela casa, saindo de vez em quando para passear pelas ruas, esperando encontrá-lo. Só queria vê-lo e pedir-lhe desculpas por tudo o que tinha acontecido. Mas o tempo passava e o médico continuava sem dar sinais de vida, embora ela não deixasse, nem por um segundo do dia, de pensar nele.

— Oh, querida! É que as suas bodas serão maravilhosas.

A voz lhe soou familiar, mas não fez caso e continuou acomodando os lenços de seda em uma gaveta, de costas para o balcão, até que a risada de outra mulher a fez estremecer até aos ossos. Tratava-se de Rosemunde Shafterbury em pessoa e não se moveu, permitindo que fosse Josie quem a atendesse.

— Senhoras, em que podemos ajudá-las?

— Não se lembra de mim, ah, senhorita Gardiner? — A Emily não ficou mais remédio que voltar-se e forçar um sorriso — Amanda Rhys-Evans, antes Connaught, irmã do doutor George Connaught.

— Oh, sim, milady! Como se encontra?

— Muito bem, muito feliz. — Piscou-lhe o olho, e Emily continuou olhando-a sem prestar a mínima atenção a Rosemundede — Muitas das convidadas de minhas bodas ficaram tão satisfeitas com os seus modelos que trouxe a minha futura cunhada para ver a sua loja. Vocês já se conhecem e ela está tão atarefada que necessita de ajuda para concluir o enxoval.

— Claro. — Emily olhou de soslaio para Rosemundede, que tinha um sorriso babaca na cara e se dirigiu a Josie — Nós, encantadas. Josie é a melhor para a tarefa e ficará ao seu serviço.

— Bem, muito obrigada.

— De nada.

Emily voltou para os seus lenços e lhes deu as costas. Nesse momento, Amanda aproveitou para falar muito alto e entre gargalhadas.

— Rosemundede se casa a 28 de setembro, sabe?

— Muito bem. Parabéns — sussurrou Josie, sabendo que esse era o dia do aniversário de Emily.

— Casa-se com o meu querido irmãozinho George. Acabam de assinar o acordo de compromisso e estamos todos tão contentes que saímos em seguida para fazer algumas compra.

Emily ouviu o nome como por entre sonhos. Agarrou-se fortemente à estante e baixou a cabeça para respirar melhor. As mulheres continuavam a tagarelar sobre George e Rosemundede e do

interesse da moça em que lhe bordassem três dúzias de lencinhos com as iniciais de ambos.

Parecia mentira, mas era verdade. Recompôs-se um pouco e ouviu como elas davam detalhes da igreja, da data e da viagem de bodas. Amanda voltara por aqueles dias de sua lua de mel na França e Rosemundie tinha rogado a seu prometido que a levasse a ela lá também.

— O meu prometido fala francês, assim será fácil comunicar.

— Claro.

Josie, com lágrimas nos olhos, continuou a atender as jovens, dissimulando a sua preocupação para com Emily, que não se movia e continuava agarrada à estante.

— Mas terão que retornar logo, já sabe como é ele com o trabalho e se quer integrar o gabinete médico real, deverá cumprir à letra com as permissões que lhe deem.

— Já lhe disse: mais agradar e menos trabalhar. Pelo menos deixou aquele consultório falso, tão longe. Não permitiria que entrasse em casa depois de tocar em não sei que gentinha.

— Sim, já vai entrando em razão.

— Boa tarde, senhoras, as deixo nas mãos de Josie. Eu tenho de atender outros assuntos.

Emily Gardiner levantou a cabeça e as olhou com o mais radiante de seus sorrisos. Nem uma só lágrima. Se tinham ido ali para humilhá-la, não conseguiriam, então, despediu-se com o seu encanto habitual e subiu para a sua casa para tentar assimilar tudo o que acabara de ouvir.



— Fabuloso, fabuloso.

Amanda Connaught não podia acreditar no que tinham acabado de fazer. Rosemundie era uma atriz de primeira e o teatrinho tinha saído perfeito. Agarrou-a pelo braço e caminharam para Hyde Park a bom ritmo e mortas de rir.

— Viu que cara, a muito puta...?

— E se chegar a seu irmão?

— Estará de viagem todo o verão e este era o melhor momento para tirar, de uma vez por todas, aquela praga de cima dele.

— E a data das bodas esteve genial, não?

— Genial! Que sorte que sabia o dia do aniversário dela! É genial, Rosemundie.

— E o que faremos com as encomendas?

— Que as comam com batatas. As muito mortas de fome não voltarão o pôr a vista em cima de nós.

— Estava pálida. É uma rameira, assim tenho a certeza que arranja outro antes de um mês.

— Outro sim, mas não o meu irmão, que é um senhor de verdade. A minha mãe quase teve um enfarte, quando soubemos que queria casar com ela. Felizmente brigaram e ele a abandonou e com a reputação, se algum dia teve uma, pela lama.

— Não sabem o que aconteceu?

— Não, mas na mesma noite de minhas bodas, agarrou as suas coisas e se foi, graças a Deus.

— Deve ter sido sério.

— Sim e a rameira teve a ousadia de apresentar-se em casa a perguntar por ele. Eu não estava e minha mãe tampouco. Por sorte, porque se estivéssemos, a teríamos posto para fora a pontapés.

— Bom, pois agora que sofra e que o esqueça, que se inteire de uma vez de qual é seu lugar no mundo, maldita arrogante morta de fome! Com aquele ar de grande senhora em sua loja... Odeio-a com toda a minha alma.

— Eu também, mas acredito que por fim conseguimos ver-nos livres dela. Um chá para celebrar?

— Emily, querida, quanto tempo sem te ver. — Ficou de pé para saudar Albert Sheen, que chegava tarde nessa manhã a seu escritório — Mas senta. Diz, em que posso te ajudar?

— Não queria incomodá-lo, milorde, mas é importante.

— Está doente? — Sheen olhou para a sua admirável face abatida, para as olheiras e para os lábios sem brilho e suspirou — Emagreceu muito.

— Sim, bom, estou bem, obrigada.

— O que se passa?

— Quero saber se posso deixar o meu negócio funcionando, se vocês podem administrá-lo, que em grande parte é o que fazem agora, porque preciso sair da cidade e não queria fechar a loja. Mary-Anne, uma das balconistas, pode geri-la e o meu amigo Winston Everhard pode dar-lhe também uma olhadela.

— Aonde vai?

— Para Nova Iorque.

— Para a América? Por quê?

— Quero começar uma nova vida. Há muitas oportunidades para gente empreendedora como eu e tenho dinheiro para fazê-lo. Não posso continuar a viver em Londres e quero mudar de ares.

— O que aconteceu? Onde está George?

— Não sei. Faz dois meses que rompemos a nossa... amizade. Não o tornei a ver, mas isso já não importa. Vou para Nova Iorque. Tenho bilhetes para dentro de duas semanas. Saio de Liverpool.

Pode parecer precipitado, mas é uma decisão muito pensada.

— E o teu pai?

— Trouxe esta carta. — Entregou um envelope muito volumoso — Explico-lhe tudo em detalhes e bom, ele me aconselhou que vivesse e aproveitasse o meu dinheiro e isso é o que farei. Quero montar o meu próprio negócio lá e começar do zero, mas sem fechar a loja em Regent Street, se for possível.

— Claro que é possível. O que me preocupa é que uma juvenzinha de dezenove anos parta sozinha para a América.

— Não vou sozinha. Josie, uma funcionária minha, vai comigo. Juntas levantaremos o negócio, tenho certeza.

Engoliu em seco. Encheu-se de coragem para enfrentar Sheen. Não queria chorar e estava preparada porque a viagem era o melhor que podia fazer. Depois de falar com o doutor Law e de conhecer a notícia das bodas de George com Rosemund, pôs-se a indagar ena verdade, alguém trabalhador e com dinheiro como ela podia construir uma nova vida longe dos preconceitos, do classismo e das etiquetas de seu país e isso era precisamente o que precisava fazer, antes de perder a prudência por completo.

— O que aconteceu com George Connaught? Acreditei que estavam muito a sério. Ele e eu...

— Vai casar-se com uma dama de Kensington — interrompeu e o advogado ficou pálido de repente — e é normal, na idade dele é o que devia ter feito faz tempo. Mas isso não é assunto meu, milorde. Quero saber se o seu escritório vai me ajudar e se preciso preparar muitos documentos antes de iniciar a viagem. Tenho só duas semanas.

— Claro, claro que ajudaremos. Porei duas pessoas a trabalhar

nisso. E quanto à viagem, tens a documentação para viajar?

— Pedimos já. Está a ser preparada.

— Emily. — Albert Sheen ficou de pé e aproximou uma cadeira a seu lado — Aprecio você muitíssimo porque é filha de meu grande amigo Michael e porque te considero uma moça trabalhadora, inteligente e encantadora e eu gostaria de pedir um pouco de confiança: pode dizer o que aconteceu realmente com George?

Emily Gardiner endireitou os ombros, fixou a vista no chão e contou ao advogado todos os detalhes do assunto Hamilton, confessou toda a verdade, com os seus porquês, os seus motivos e a necessidade de mentir a ele, a George e às pessoas da Scotland Yard. Sabia que tinha roubado e tinha medo que fossem por ela a qualquer momento. George a tinha deixado porque não a considerava mais que uma delinquente de Covent Garden e ela entendia, perdoava e pretendia seguir adiante com a sua vida, sem incomodar, nem enganar ninguém nunca mais.

— Se também quiser, a partir do momento em que eu vá daqui, deixar de me representar, eu entenderei. Está no seu direito e sinto muito por ter mentido, sinto mesmo, de verdade. Mas os meus motivos eram muito poderosos, tão capitalistas como os que me levaram a levar a cabo essas chantagens.

— Não estou aqui para te julgar. — O advogado ficou de pé e se mostrou sereno — Não tem de ir, nem nada parecido. Obrigado por dizer por fim a verdade e sinto muito que George não tenha entendido.

— Ele está no seu direito. Eu só desejo que seja feliz com a sua nova vida. — Engoliu um soluço e o olhou nos olhos.

— Por que diz que está assustada e crê que vão por ti?

— Faz uma semana, Bob “O *Carvalho*”, um conhecido chefe de East End, apareceu na minha loja para advertir-me que Hamilton e a sua gente iam por mim, que não queriam nem polícia, nem julgamentos e que agora que estava sozinha... sem George para me proteger, já não teriam nenhum remorso.

— E confia nesse tipo?

— Por curioso que pareça, sim. Eu ajudei o seu filho faz uns dias, nem me lembrava do incidente e ele me quis agradecer assim, com informação. Não há ninguém que saiba mais sobre o que ocorre em Londres que Bob “O *Carvalho*” e a sua dica acelerou a minha intenção de partir.

— Muito bem, ponha em marcha, Emily. — Tocou-lhe na mão por cima da secretária — Estou certo de que sairá maravilhosamente bem em Nova Iorque. Tenho amigos lá, levará algumas cartas de recomendação, que tal?

— MUITÍSSIMO obrigada, milorde. É um anjo.



— Não posso acreditar que vá e que talvez não volte a te ver.

Molly lhe apertou a mão e começou outra vez a chorar. Emily olhou para Winston e tratou de sorrir.

— Virei de visita, melhor ainda, mandarei um bilhete para que vá a Nova Iorque de férias, quer?

— É muito longe. O que fará lá?

— Trabalhar e começar de novo. Josie vai ajudar, logo verá...

Olhou para a praia e viu a sua balconista brincando, como uma menina, com as gaivotas. Era a primeira vez que estava tão perto da

praia e parecia feliz. Josie tinha dois anos a mais do que ela, e seria uma excelente companheira de viagem, tinha a certeza.

— Não deveria permitir que a dor mude a tua vida deste modo, tem mais gente que te ama.

— Não é só por... — engoliu em seco — por ele, também é pelo Hamilton e por todo esse assunto. De repente, sinto-me como que encurralada e acredito que chegou a hora de romper com o passado. O meu advogado diz que é o melhor a fazer e me apetece muito conhecer a América.

— E esse homem virá por nós?

— Não acredito, querida. — Winston se dirigiu a Molly em um tom muito conciliador — Se quisesse vir, já o teria feito. Só lhe importa Emily e além disso, nem sequer sabe onde vivemos.

— Então, Emily poderia estar segura aqui, em Brighton, conosco?

— Claro.

— Pois fica aqui.

— Não, Molly, mas obrigada.

Olhou para a praia, para o terraço, para o pôr-do-sol, do qual tinha desfrutado, ali mesmo, abraçada a George. Pigarreou e tentou afastar essa lembrança da sua mente. Fazia setenta dias que não o via, setenta longos dias em que as saudades brutais que tinha dele mal a deixava respirar. Não podia sequer dormir na cama que tinham compartilhado, nem olhar para as suas coisas esquecidas na casa de Regent Street, não poderia voltar a viver se continuasse presa em suas lembranças. A ideia da viagem lhe tinha chegado diretamente do céu, talvez soprada por sua mãe e se sentia aliviada de deixar a Inglaterra dentro de quatro dias.

— Estou segura de que a briga que tiveste com o doutor...

— Sinto muito, mas não quero falar sobre isso. Por favor, Molly...

— Você dizia que estava preparada para que um dia ele partisse.

— Acreditava nisso, mas não era verdade e menos ainda para vê-lo casado com Rosemund Shafterbury.

Levantou-se de um salto e passou a mão pela cara. Um soluço afogado a obrigou a procurar um lenço e Molly se levantou para abraçá-la.

— Qualquer uma menos ela. Não posso viver com isso em Londres, correndo o risco de vê-los, encontrar-me com eles e que ela se passeie por minha loja com os seus filhos. Sou forte, mas nem tanto.

— Emily...

— Se queria castigar-me conseguiu-o fenomenalmente bem. — Voltou-se para ela, engolindo as lágrimas — Não queria chorar, veem? Não lhe desejo nada de mal, mas eu não quero ser testemunha da sua felicidade, não posso.

— Quem consegue acreditar que Connaught vai ser feliz com aquela estúpida mulher? Emily, por Deus.

Winston se levantou e passarinhou pelo pequeno terraço, muito afetado. Odiava ver Emily sofrendo e assim que pudesse pôr as mãos em cima daquele Connaught, o faria pagar, uma por uma, as lágrimas de sua amiga.

— Não sei que escuros motivos o levam a casar-se com ela, mas será um desgraçado o resto de sua vida e sinceramente, isso espero.

— A minha mãe dizia que não deveria desejar o mal alheio. — Agarrou Winston pelo braço, sorrindo-lhe — Ele é um bom homem, e merece o melhor.

— E o melhor é você e ele sabe.

— Winston...

Abraçou-a e ela se aferrou a ele, chorando como uma madalena. Jamais a tinham visto assim e Molly foi à cozinha para preparar uma bebida de ervas que a tranquilizasse um pouco.

— Sinto muito, não quero chorar mais. Vamos falar de negócios.

— Está bem.

Winston, deixou que se sentasse em frente a ele e a observou com calma. Estava mais magra, diferente e a dor em seus olhos negros era tão evidente, que fazia impressão só de olhá-la.

— Está tudo arrumado. Quando quiser passa pelo gabinete de Sheen para assinar os papéis e seremos sócios oficialmente. Eles se ocuparão de tudo, e você, quando puder, passa pela loja para ver que tal vai, não te darão problemas. Marie-Anne é muito eficiente e bom, quando puder vem ver-me a Nova Iorque. Vou sentir muito a vossa falta.

— Não te preocupe. Vou estar de olho. Ficaremos, de vez em quando, em Londres.

— Perfeito. Há dinheiro disponível e se surgir qualquer necessidade o pede a Sheen.

— Bom.

— Outra coisa mais, mas não quero que Molly saiba, não ainda.

— O que é?

— Bom... — Olhou-o nos olhos, suspirando, e se aproximou mais a ele — Estou grávida, Winston. Espero que guarde segredo.

— Deus bendito!

O homem passou a enorme e curtida mão pela cara e pôs a chorar, Emily o abraçou pelos ombros, surpreendida de ver um homenzarrão como ele a chorar e esperou que se acalmasse.

— Não chore por mim. Sou muito feliz. É o melhor que me pode ficar de George, o seu bebê. É um filho desejado e fruto de um amor imenso, é um presente de Deus. Winston, a sério, é minha única recompensa, no meio de todo este drama.

— E vai assim, sozinha?

— Josie estará comigo. Ela sabe do bebê e me apoiará em tudo. Espero que quando estiver instalada em Nova Iorque me dê tempo para organizar um bom lar para ele.

— Só tem dezenove anos, Emily, deveria ficar conosco. Cuidaríamos de você e do menino e depois, quando estivesse bem, poderia partir.

— Estou bem. É uma gravidez, não uma doença.

— E para quando o espera?

— Tenho quase três faltas, assim acredito que para o fim do ano.

— Não pode continuar a fazer tudo sozinha, sem contar com ninguém.

— Conto com Josie e escrevi a meu pai na Índia explicando-lhe tudo. Jamais precisei de qualquer coisa dele, mas quero que me apoie com o bebê. É seu neto. E quero todo o seu dinheiro, o seu sobrenome e o seu poder para proteger o meu filho.

— Proteger? Do que tem medo? De Connaught?

— Ele jamais saberá que temos um filho, disso, me ocuparei. Não me preocupa o doutor Connaught. É esta sociedade que me

preocupa. Um menino sem pai é muito vulnerável, sei muito bem, e não consentirei que o meu filho sofra ou seja diferente dos outros.

— Já fala como uma mãe.

— É por que já sou. — Tocou levemente no ventre, ainda liso, sorrindo e Winston lhe acariciou a cabeça com carinho — É o meu bebê, Winston, um verdadeiro milagre.

George Connaught desceu do trem a 5 de setembro de 1892 e em seguida viu a figura enxuta de Jonathan esperando-o junto à plataforma, entregou-lhe as malas e lhe deu uns tapinhas nas costas em sinal de apreço. Fazia quatro meses que tinha deixado Londres para viajar e depois do verão, retornava à cidade mais tranquilo e com as ideias mais claras na cabeça.

Subiu à carruagem que o esperava e olhou para o colorido e caótico trânsito da sua cidade com um sorriso. Tinha estado um mês em Bath, descansando e dois meses e meio em Berlim, estudando no Escritório Imperial da Saúde, juntamente com a equipe do doutor Robert Koch. Tinham sido quatro meses muito intensos e muito enriquecedores, que o tinham deixado como novo, mas sentia falta da loucura de Londres e da sua constante atividade. Mal falou com o mordomo durante o trajeto para Westminster e entrou em casa igualmente silencioso. Saudou a sua mãe com um beijo na testa, a seu pai com um abraço e se meteu em seu quarto para trocar-se antes de voltar a sair.

Ainda era cedo e precisava solucionar os problemas por ordem de importância. O primeiro, Emily, a quem precisava ver em seguida. Trocou de roupa, colocou o chapéu e saiu caminhando para Regent Street. Ainda retumbavam em sua cabeça as duras palavras que lhe tinha dito na última noite que a tinha visto e precisava desculpar-se com ela, suplicar perdão e rogar, de joelhos, que lhe desse outra oportunidade.

Tinha chegado furioso e doído a Bath, na mesma noite das bodas de Amanda, quando depois da discussão com Emily, tinha decidido escapar e fugir da cidade antes que acabasse matando alguém. Estava tão furioso e decepcionado com ela que não se importou em deixá-la sozinha, nem o que acontecesse com ela a partir desse momento, porque acreditou que não poderia perdoá-la nunca, nem voltar a olhá-la.

No entanto, depois de superar as duas primeiras semanas à força de muito meditar e desafogar-se praticando esgrima e rugby com os seus amigos, começou a ver a situação por outra perspectiva e a pensar em todos os passos que ela tinha dado ao longo de sua vida. Compreendeu, em parte, os motivos que a tinham empurrado a ocultar-lhe a verdade, porque continuava sem importar-se muito com o seu delito, mas sim, ainda estava doído por seu engano, algo que ele não estava acostumado a tolerar em ninguém.

Umas semanas depois de sair de Londres, em Berlim, voltou a pensar em Emily com serenidade, mas não lhe escreveu, nem quis entrar em contato com ela, porque precisava de mais tempo. Queria curar as feridas para retornar, sem rancor, a procurá-la e já estava preparado. Embora ainda tivesse pesadelos onde a via chorando por sua culpa, já era dono de si mesmo e podia enfrentá-la, olhá-la nos olhos e tentar falar.

No estrangeiro, durante dois meses e meio, tinha analisado a situação mil e uma vezes. Tinha dissecado cada conversa, cada minuto com ela, cada passo que tinham dado juntos e em separado e voltava para a cidade com uma ideia da sua relação bastante mais clara. Emily era inteligente, compreenderia e com sorte, talvez, pudessem voltar a começar tudo de novo juntos, se ela fosse capaz

de perdoar a sua reação, as suas palavras e a sua absoluta falta de compreensão.

— Boa tarde, Mary-Anne. Emily?

— Doutor Connaught.

A balconista se surpreendeu muito ao vê-lo e deixou a cliente que estava atendendo com as cintas e os bordados e se aproximou dele com um gesto de interrogação.

— Não está?

— Não, doutor. Ela não está.

— E a que horas volta? Esperarei lá em cima.

Atravessou o balcão com total confiança, mas Mary-Anne o agarrou pelo braço com firmeza.

— Não, milorde, sinto muito, mas a senhorita Gardiner já não vive aqui.

— Como? — Soltou uma risada nervosa e pestanejou várias vezes antes de voltar a falar — Onde vive?

— Foi embora de Londres, milorde e se me desculpar, tenho de atender esta senhora.

— Como foi embora de Londres? Para onde demônios foi? — Subiu o tom de voz, e tanto a balconista como a cliente o olharam com cara de susto — Sinto muito. Onde posso localizá-la? É importante.

— Eu não sei para onde se mudou, só sei que não vive aqui faz dois meses, milorde.

— Mas a loja...?

— Já não vem por aqui. Deixou-a nas mãos de seus advogados e do senhor Everhard, milorde e já não lhe posso dizer mais nada. Rogo que me deixe continuar com o meu trabalho.

Abandonou a loja enjoado. Olhou para a fachada e de repente, um montão de lembranças de Emily lhe surgiram ali mesmo: decorando-a, organizando a mostra tão orgulhosa e feliz, abrindo-lhe a porta de noite, sorrindo-lhe como só ela podia fazê-lo, com o seu cabelo escuro solto e os seus amendoados olhos negros brilhantes, olhando-o com tanto amor. Apoiou-se na parede e levou a mão ao peito com uma sensação de orfandade tal, que lhe levou vários minutos para recuperar o domínio de seus músculos para voltar a caminhar.



— Onde está Emily?

Entrou como um cossaco no gabinete de Albert Sheen e este ficou de pé muito contrariado. Não estava sozinho e George Connaught nem sequer tinha tido a gentileza de bater à porta antes de entrar.

— Estou ocupado, George, não posso atender-lhe agora.

— Bem, esperarei. — Apoiou-se na bengala e olhou para o acompanhante do advogado, forçando um sorriso — Conhecemo-nos?

— Claro, doutor. Fui vê-lo em Mayfair em uma ocasião.

— Ah!, muito bem. E demorará muito?

— George! Pelo amor de Deus, sai de meu escritório. Por favor.

— Não, está bem, já ia. — O cliente de Sheen ficou de pé e se despediu com pressas — Devo partir.

— Que demônios te aconteceu, George Connaught?

— Acabo de ir à loja de Emily e ela não está. Disseram-me que

foi embora de Londres.

— Assim é. O que quer dela? Talvez eu possa ajudar.

— Como? Quero vê-la.

— Por?

— Por? Que demônios é que se passa aqui?

— A senhorita Emily Gardiner é minha cliente, George. Se precisar de alguma coisa dela, eu estou autorizado a ajudar.

— Santo céu! — Desabou em uma poltrona, indignado — Estive quatro meses fora, retorno para falar com ela e ela partiu e o pior é que tanto a balconista da loja como você me tratam como se fosse um estranho. Sou eu, Albert. Pode dizer-me onde posso encontrar Emily?

— Não.

— Por que não?

— Tenho ordens expressas para não revelar o seu paradeiro.

— A mim tampouco?

— Especialmente a você e já está. Se não precisar de mais nada de mim, vai, por favor, tenho muito trabalho.

— Como especialmente a mim? Que raios está acontecendo? Quando decidiu partir? Onde e com quem?

— Teve muito tempo para pôr-se em contato com ela, ela só se foi há dois meses. George, por que é que vem agora procurá-la?

— Estão todos contra mim? — Suspirou e tentou acalmar-se — Tivemos uma discussão que não acredito que importe a ninguém exceto a nós e agora quero vê-la e desculpar-me com ela. Falar, só isso.

O advogado se sentou em sua poltrona de couro e cruzou os dedos, observando-o com atenção. O médico, sempre impecável,

detinha um atraente bronzeado em seu rosto perfeito e parecia saudável e feliz, muito diferente do aspecto lamentável que Emily apresentara nas últimas semanas que tinha passado com ela.

— Olha, sei o motivo dessa discussão. Ela me explicou tudo isso, porque era necessário que eu soubesse como seu advogado. Passou realmente mal por sua culpa e não é assunto meu, mas me alegro que tenha tomado a decisão de sair da cidade. Espero que se recomponha e possa começar de novo rapidamente, isso é tudo o que posso dizer. Está bem e onde quer estar e não há nada mais que deva saber.

— Foi para a Índia? Para Brighton?

— Boa tarde, George. Alegra-me te ver com tão bom aspecto. Quatro meses de férias é um verdadeiro luxo... — Levantou-se e caminhou para a porta — Tem muita sorte.

— Mas foi sozinha?

— Felizmente, ela nunca está sozinha porque tem amigos que a apoiam e a apreciam com sinceridade.

— Albert — disse, e pôs a mão na porta por cima do advogado, ao qual superava em vários centímetros de altura e suspirou tentando parecer cordato e sereno — não tenho doze anos. Não me fale desse modo, nem me trate como se fosse um idiota. Isto não é um jogo, preciso ver Emily e falar com ela.

— E eu expliquei que não posso dizer onde está. Conforme-se sabendo que está bem. Agradeço o teu interesse e até mais tarde.

— Bem, se não posso vê-la, faria chegar uma carta? Uma nota?

— Afaste-se dela, George. Se ainda a aprecia um pouco, afaste-se dela. Dá uma oportunidade para ter uma vida normal. Você já escolheu. Parabéns, mas esquece de Emily Gardiner.

— Já escolhi?

— Adeus.

Fechou a enorme porta de madeira no nariz e ele deu um passo atrás ao sentir o golpe seco. Quis abri-la outra vez, mas ouviu como Sheen a fechava à chave com descaramento. Era algo realmente insólito. Voltou para a sala de espera e viu como dois dos ajudantes do advogado o olhavam com má cara.

Encarou-os desafiante e saiu do escritório ainda mais confuso do que tinha chegado. Pisou na rua e caminhou para o seu consultório em Mayfair, resmungando um montão de maldições. Era a primeira vez que enfrentava uma hostilidade tão evidente e não entendia o porquê. Não imaginava Emily contando as suas intimidades a todo o mundo e muito menos a Sheen, mas estava claro que assim tinha sido e que não podia defender-se, não porque não lhe permitissem, mas sim porque, na verdade, o seu comportamento para com ela não tinha defesa alguma.



O consultório de Cannon Street estava virtualmente abandonado. O seu colega, Anderson, não tinha conseguido ganhar a confiança de seu atípico círculo de pacientes e quando chegou, na segunda-feira pela manhã, encontrou a senhora Adams protestando incansavelmente pela desatenção da mesma.

O gabinete estava limpo, mas vazio e passou um bom tempo arejando e revisando as últimas fichas com os seus casos, antes de sair para dar um passeio pela área. Não podia tirar Emily da cabeça. Dedicou grande parte da manhã a saudar os lojistas e comerciantes

de sempre, a quem informou do seu regresso ao trabalho e à uma da tarde retornou ao consultório para tranquilizar a sua senhoria e recolher as suas coisas antes de ir para Mayfair e passar o resto da tarde distraído, trabalhando.

— E a senhorita Gardiner, doutor? — Ficou tenso ao ouvir o nome e olhou para a mulher sem levantar a cabeça — Espero que volte a passar logo por aqui. Deixou-me um chapéu de sua loja para umas bodas e não pude devolver.

— Vá à loja e deixe-o lá se quiser.

— Que garota tão preciosa e tão amável! Não é verdade? Esperarei que venha vê-lo e assim a poderei convidar para um chá. Não a vejo faz tempo. Talvez desde junho...

— Junho?

— Sim, estive por aqui e... Ai, mãe de Deus!

A senhora Adams, sempre muito exagerada, agarrou a cabeça com ambas as mãos e o olhou muito assustada.

— O que aconteceu? Está bem?

— A carta, a última vez que veio lhe deixou uma carta.

— Uma carta? Onde está? — Atirou literalmente a pluma para cima da secretária e se aproximou da mulher com ansiedade — Quantas vezes veio desde que eu me parti?

— Veio duas vezes. Estava um pouco delicada de saúde, pareceu-me, mais magra, e bom, espere aqui...

A senhora Adams saiu para a sua casa no andar de cima e George a esperou com um nó no estômago no patamar da escada, até que a viu retornar com um envelope cor baunilha por entre os dedos. Tirou antes que voltasse a falar e se fechou no gabinete para abrir, ver a sua letra pulcra e feminina e sentou-se na poltrona para

preparar-se para lê-la com calma.

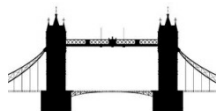
George, vou embora de Londres para sempre e não podia deixar a cidade sem tentar despedir-me de você. Fiz todo o possível para saber o seu paradeiro e ver-te, mas ninguém pôde dizer onde estava e com isso deduzo que não quer que te encontre.

Lamento muitíssimo tudo o que ocorreu e queria pedir perdão, uma vez mais, por ocultar fatos tão importantes, que acabaram por envolver-lhe em uma mentira ainda maior e sobre a qual não sabia nada. Jamais quis magoar-lhe, muito pelo contrário, só queria proteger-lhe. Mas como está acostumado a acontecer, fiz mal e acabei magoando-lhe eu mesma. Sinto muito, com toda a alma e espero que, algum dia, Deus te dê a capacidade de perdoar-me porque viver sabendo que me odeia é o pior que podia acontecer na vida.

Desejo-lhe o melhor e espero que Deus te abençoe com a felicidade que merece.

Emily Gardiner

George Connaught atirou a carta para cima da mesa com os olhos nublados pelas lágrimas. Mal podia ver as letras e afogou um soluço comprido e doloroso. Tinha o coração feito em pedaços.



A campainha tilintou com a entrada de um novo cliente. Winston Everhard adorava aquelas coisas que a maioria das lojas de Londres usava e tinha instalado um na porta de seu estabelecimento de

Brighton para saber, a qualquer momento, e desde qualquer canto da casa, quando alguém entrava. Além disso, desse modo, não tinha de estar pendente de abrir a porta pessoalmente.

Acabou de atender um hóspede que estava pagando o quarto e levantou os olhos para o recém-chegado. Era um tipo alto e bem vestido, que usava um traje de muito caro pano em tons cinzentos e um chapéu a combinar, o qual estava tirando nesse momento com sobriedade. Demorou um pouco para reconhecê-lo porque a luz do sol, que entrava pela janela, cegava-o, mas por fim o fez e a expressão de sua cara mudou de cordialidade a aversão em um segundo.

— Bom dia, Winston.

— Obrigado, senhor Steel. Espero que volte logo para ver-nos.

— Sorriu para o seu cliente, esperou que partisse e depois olhou para Connaught de soslaio — Ela não está aqui.

— E pode dizer onde está?

Sentia-se muito contrariado. Supusera que não o recebessem com aplausos, mas pelo menos esperava um pouco de amabilidade, tendo em conta que Winston tinha sido seu amigo.

— Não e embora pudesse, não diria nada. Bom dia.

Winston rodeou o balcão, fazendo um grande esforço para não se lançar ao seu pescoço e estrangulá-lo e caminhou para a porta fazendo-lhe um gesto para que saísse.

— Preciso pedir-lhe desculpas.

— Tarde, Connaught e vai, não quero que a minha mulher lhe veja.

— Podemos falar?

— Não, eu não falo com tipos como você, Connaught e o mais

importante, o que faz você vindo à casa de uns delinquentes como nós? Vai embora, doutor, não vá ser que algum de seus amigos o veja por aqui... — foi até ao terraço de entrada, sorrindo com ironia — Sai da minha casa agora mesmo.

— Sei que me portei como um canalha com Emily, mas preciso pedir-lhe perdão. Preciso falar com ela...

— Sabe uma coisa? Me importa uma merda o que você precisa. — Avançou para ele, assinalando-o com o dedo — Emily não merecia nada do que a fez passar, nada, porque ela não é uma má pessoa, nenhuma delinquente. É uma moça decente que não encontrou mais do que desgraçados em toda a sua vida, e você é o pior, assim fora daqui se não quiser que lhe quebre a cara...

— Winston! — Molly apareceu pelo corredor com o cesto da roupa limpa e os olhou a ambos com a boca aberta — O que faz?

— Bom dia, Molly. Sinto incomodar; vou já embora.

— O que veio fazer aqui? Procura a Emily?

— Sim, mas já sabe que não está aqui. Deixa que se vá.

— Por que a tratou tão mal? Estava doente de tanto chorar. Você não sabe o que lhe fez, você era o primeiro e único amor. Ela não era mais que uma menina, uma moça que merecia que a amassem e não que a desprezassem...

Molly tinha soltado tudo por entre soluços e o seu marido foi até seu lado para abraçá-la. Os olhos de George Connaught também se encheram de lágrimas e não sabia muito bem o que fazer.

— Ela o amava mais que a sua própria vida e o senhor se aproveitou dela e depois a abandonou como a um cão. Como pôde? Você que cura as pessoas, como pôde ser tão mau para ela?

— Eu não a abandonei, mas está visto que não poderemos nos

entender se não me deixam explicar. É melhor eu ir...

— Isso, vá. Não se casa na semana que vem? Onde está a sua prometida, doutor?

— Como? — Deteve-se e se voltou para Molly, franzindo o cenho.

— As notícias voam. Nós já sabemos que se casa com Rosemund Shafterbury a 28 de setembro.

— O quê?

Colocou as mãos nos quadris, meneando a cabeça. Só a sua dignidade o impedia de começar a chorar como desejava, assim pigarreou e olhou para o casal com toda a tranquilidade que conseguiu.

— Eu não me caso e muito menos com essa mulher. De onde tiraram isso?

— Disseram à Emily.

— Quem?

Ficou em guarda e olhou para Winston, que parecia muito confuso.

— A sua irmã e a própria Rosemund. Foram à loja dizer-lhe, à sua própria casa. Foram lá para contar-lhe e encomendar-lhe uns lenços para o enxoval.

— Não pode ser. A minha irmã? Que irmã? Isso é impossível.

— A mais nova, a que se casou em maio. Essa sua irmã foi à loja para tentar humilhar Emily e por sua culpa, ela decidiu ir embora da Inglaterra.

— Da Inglaterra? — O golpe foi como um murro no peito. Retrocedeu e se apoiou na parede — Para onde foi?

— Não sabemos, Connaught. Vai embora, por favor. Embora

não te vá casar, ela já está fazendo outra vida e é melhor deixar as coisas como estão. Todos sofremos muito, principalmente Emily.

— Ela acredita que vou casar-me com Rosemund Shafterbury e no dia de seu aniversário? Ela não pode ter acreditado em semelhante mentira.

— Ou seja, não é verdade?

Molly procurou os seus olhos cor água-marinha e se aproximou dele.

— É óbvio que não. Como ia fazer algo assim? Pelo amor de Deus, digam-me onde está. Preciso falar com ela, ela não pode continuar a pensar que eu...

Enjoou e perdeu o equilíbrio pela primeira vez em sua vida. Molly o agarrou e o obrigou a sentar-se em uma cadeira.

— Agora entendo por que Sheen e vocês... É mentira, brigamos, disse coisas terríveis, mas voltei a Londres para procurá-la e pedir-lhe perdão. Eu amo Emily. Como me iria casar com outra?

— Oh, meu Deus! — Molly sorriu e olhou para o seu marido — Quer encontrá-la?

— É óbvio que sim.

— Mas nós não sabemos para onde foi.

Winston agarrou Molly e a separou do médico, em quem já não confiava absolutamente. Emily já tinha sofrido bastante e não pretendia facilitar a vida para que voltasse a magoá-la e muito menos estando ela grávida. Tinha prometido guardar o segredo de seu paradeiro e pretendia continuar a fazê-lo.

— Simplesmente partiu e prometeu escrever, mas não o tem feito.

— Bombaim? Foi ter com o seu pai?

— Não sabemos.

— Muito bem, obrigado.

Levantou-se tentando descobrir com rapidez como conseguir um navio que o levasse à Índia o mais depressa possível. Certamente ela tinha decidido visitar Michael, era o mais lógico. Saiu do terraço, e quando tinha dado um par de passos, ouviu que Winston Everhard o chamava. Voltou devagar e lhe prestou atenção.

— Tem onde ficar?

— Não.

— Acompanho-o ao hotel do passeio marítimo, é para gente da sua classe.

Olhou-o de soslaio. Tinha decidido, nesse último momento, ser compassivo. Afinal, esse estúpido doutor tinha sido decente com eles no passado e Emily, apesar de tudo, amava-o.

— Não foi para a Índia, não perca tempo indo até lá e melhor ainda, não perca tempo procurando-a, porque ela não quer voltar a ver.

— Se não quer voltar a ver-me, estupendo, mas antes devo falar com ela. Depois disso, deixá-la-ei em paz.

— Emily diz que a chamou de delinquente.

George passou a mão pela cara, envergonhado e assentiu.

— Estava transtornado. Hamilton me abordou nas bodas de minha irmã e me deu tantos dados e detalhes que não tive argumentos para defendê-la. Não sabia do que estava falando e... não tenho o perdão de Deus, mas é que...

— Ela nasceu no meio da solidão mais absoluta e assim esteve até aos quatorze anos quando a jogaram na rua. Jamais alguém a protegeu e se chegou a ser criminosa, a chantagear e a extorquir

gente rica como você foi porque era o único modo que tínhamos, nós os três, para procurarmos um futuro melhor. Graças a isso temos esta estalagem e graças a ela, pudemos sair da lama e converter-nos em gente normal, porque antes não éramos mais do que uns marginais, continuamente ameaçados pela polícia, por Bob “O Carvalho” e por gente muito perigosa, sobretudo ela, que, sendo uma menina, e linda, conseguiu contornar muito mais perigos dos que você é capaz de imaginar.

Connaught engoliu em seco, com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu conheço perfeitamente os motivos dela, não a julgo, nem a culpo de nada. O que me doeu foi a mentira, que não confiasse em mim. Fomos uma só pessoa, amávamo-nos e ela continuou a mentir...

— E por que crê que ocultou todo esse assunto? A sério que não sabe?

— Não entendo.

— Porque ela estava apaixonada por você e não só te amava, mas também te admirava, idolatrava, foi como um deus para Emily e simplesmente sentiu vergonha, medo de decepcioná-lo e que acabou desprezando-a, como acabou por acontecer. Você não tem nem ideia, nem imaginação suficiente para saber o dano que lhe causou com as suas palavras, doutor.

— Sinto tanto. — Olhou para o mar chorando, sem importar-se com Winston, nem com o decoro, nem com a dignidade, nem com absolutamente nada — Preciso pedir-lhe perdão.

— Deixa isso para lá, não piore as coisas. Ela está bem, eu sei, e só precisa de tempo para se recompor. Depois, levantará mais forte, Emily é assim. Deixe-a em paz.

— Não posso viver sem ela e sabendo o mal que lhe fiz.

— Sim pode, claro que pode, doutor. Adeus... — Deteve-se e fez menção de despedir-se, mas de repente caminhou para Connaught para olhá-lo diretamente nos olhos — Só mais uma coisa: fica a saber que não vou tolerar, jamais, que volte a faltar com o respeito, porque ela é minha amiga, uma irmã, que aos quatorze anos foi para a rua por proteger Molly e aos dezenove arriscou a vida mantendo silêncio e não nos delatando diante da polícia, sem contar com o fato de que salvou-lhe a vida por duas vezes. Ela é uma dama, uma senhora e não volte jamais, ouviu bem? A magoá-la, porque se o fizer o matarei com as minhas próprias mãos.

Manhattan, Nova Iorque, maio de 1893

Despertou de um salto, sentou na cama e levou a mão ao peito para se tranquilizar. Fora só um pesadelo. Olhou para o seu enorme quarto primorosamente decorado, o dossel de sua cama e o berço de Charlotte à sua direita e relaxou imediatamente. Recostou-se e fechou os olhos, tentando recuperar o sono. Ainda era de noite e devia aproveitar, ao máximo, as suas horas de descanso se queria atender a todos os assuntos pendentes que a esperavam na loja.

— Está bem?

A vizinha de Beatrice lhe chegou da porta.

— Sim, obrigada, acredito que tive um pesadelo.

— Ouvimos gritar?

Beatrice Shafterbury, a esposa de seu pai, caminhou em pontas de pés pelo tapete e foi até ao berço da bebê.

— Não acordou.

— Felizmente. Sabe que horas são?

— Cinco da manhã.

— Oh, Bea! Sinto muito. Volta para a cama.

— Não há problema, só queríamos saber se estava bem. O seu pai se preocupa quando grita desse modo.

— Pede desculpas por mim.

— Bem, até manhã.

Beatrice abandonou o quarto e Emily se agasalhou com o suave

edredom de penas, tentando recordar do pesadelo, que certamente tinha a ver com George Connaught. Fazia quase um ano que vivia em Nova Iorque, em West Village, o bairro, a seus olhos, o mais formoso de Manhattan e ainda continuava a sonhar com ele.

A 27 de junho do ano anterior tinha embarcado com Josie no *RMS Etrúria*, um espetacular transatlântico da companhia Cunard Line, à qual tinha pago setenta e cinco dólares por cada uma, para viajar em primeira classe, rumo aos Estados Unidos.

A enorme embarcação de luxo tinha saído de Liverpool muito cedo e ela tinha ficado no convés por muito tempo, vendo desaparecer a Inglaterra diante de seus olhos. Tinha sido como mudar de pele e deixar o passado para trás definitivamente e isso foi o que fizera, ou pelo menos isso tentava, com vontade e disciplina, embora ainda não fosse capaz de pronunciar o nome de George Connaught ou falar dele em voz alta.

A primeira parte da travessia a tinha passado vomitando e doente em sua suíte. Enquanto Josie não parava de fazer amigos e participar de todo o tipo de festas e entretenimentos, o médico do navio, um homem muito mais velho e que não estava muito acostumado a tocar em seus pacientes, confirmou-lhe a sua gravidez e lhe ordenou repouso, coisa que fez de boa-vontade, durante os longos dias de viagem, inicialmente na cama de seu elegante camarote e depois nas cadeiras do convés de primeira classe, onde passava as horas com a vista fixa em um ponto indefinido, bem coberta e sem falar, repassando uma e outra vez os bons e maus momentos passados junto ao pai de seu filho, o qual nunca iria esquecer enquanto vivesse.

O descanso lhe fez muito bem e quando, vinte e oito dias depois

de sair de casa, pisaram no porto de Nova Iorque, com enorme emoção, uma moderna carruagem as esperava para levá-las ao hotel que lorde Sheen tinha contratado, desde Londres, para elas.

Desde o primeiro instante na América, descobriram que ali a sua vida seria diferente, assim que o diretor do hotel em pessoa as recebeu no hall para mostrar-se ao seu dispor e quando, poucas horas depois de registar-se nele, começaram a receber arranjos florais e saudações de boas-vindas de numerosos amigos de Sheen e de Michael Shafterbury, que estavam a par de sua chegada a Manhattan. Era como renascer e Emily decidiu deixar-se levar pelas circunstâncias e aproveitar a boa recepção para concentrar-se no objetivo daquela viagem, que era abrir o seu negócio de moda na cidade.

Dez dias após a sua chegada e depois de recuperar, de repente, a energia e a saúde, já tinha vários locais em vista para a loja e era assiduamente convidada para jantares, veladas musicais e recepções de todo o tipo. Normalmente declinava assistir, porque cedo compreendeu que os preconceitos sociais e o classismo tinham viajado diretamente da Inglaterra para as ruas de Nova Iorque, para instalar-se ali, sem nenhuma modificação. Tratavam-na como a uma rainha por ser filha de um lorde, um barão e davam por certo que Josie era a sua donzela e quando começou a dar explicações a esse respeito, a própria Josie foi quem a convenceu a ignorar as pessoas e prestar mais atenção ao importante, que era o seu futuro e o de seu bebê.

No fim de agosto, abriu a primeira lojinha dedicada a arranjos de roupa e a chapéus e começaram a trabalhar de porta aberta, a uns quarteirões de Washington Square, sem muito êxito no início, mas

com muita esperança. Trabalhava de sol a sol, alojavam-se no hotel e começou a deixar de pensar em George, pelo menos durante o dia. Embora pensasse procurar uma casa onde instalar-se, era uma tarefa que ia procrastinando, atarefada como estava em conhecer o mercado, os armazéns de tecidos, fios, sedas e botões; os comerciantes e os poderosos sindicatos, orientada, sempre, por algum amigo de Sheen, que era por ele recomendado em seus incontáveis telegramas.

Estava tão ocupada que quando o bebê lhe deu o primeiro chute, nem se apercebeu e quando uma noite chegou ao hotel e uma enorme quantidade de malas repousavam no hall impedindo-lhe a passagem, nem se incomodou em ver a quem pertenciam, até que a voz clara e familiar de um homem a fez deter-se e olhá-lo na cara.

— Deus bendito! O que fazem aqui?

Michael e Beatrice Shafterbury em pessoa a olhavam plantados na entrada do hotel com um sorriso na cara.

— Não queremos importuná-la.

— Não, por Deus, que surpresa!

Aproximou-se deles e lhes apertou as mãos. De repente, lhe vieram muitas lembranças à cabeça e os seus olhos se encheram de lágrimas. Michael Shafterbury, pela primeira vez na vida, avançou um passo e a abraçou.

— Viemos para estar contigo.

— Estou bem.

— Tem mau aspecto. — Beatrice a afastou para olhá-la — Não para de trabalhar, foi o que nos disse Albert Sheen.

— Bom, estamos começando o negócio e há muito a fazer. Conhecem Josie?

— Claro. Que tal, Josie? E isto é para você. — O seu pai procurou um pacote e o pôs nas mãos — Feliz aniversário.

— É hoje? — Não queria pensar naquele dia por nada do mundo, inclusive tinha proibido Josie de falar do assunto, assim fechou os olhos, suspirando — Obrigada, muitíssimo obrigada.

Seu pai e Beatrice quiseram explicar os seus novos planos, mas nessa noite não foi possível. Ela, de repente, rebentou em muitas lágrimas e Josie teve de desculpar-se a e levá-la para a cama, onde lhe preparou uma infusão com água de melissa para induzir-lhe o sono. Nesse dia, o de seu vigésimo aniversário, George se tinha casado com Rosemund Shafterbury em Londres, certamente em uma formosa e a corrida cerimônia e àquelas horas já dormiriam juntos na elegante suíte do melhor hotel da cidade. Era muito duro de suportar e dormiu soluçando, abraçada ao travesseiro e sentindo os sinuosos movimentos de seu bebê, que aos seus cinco meses de gestação dava chutes assim que ela ficava quieta.

— Como está?

Michael Shafterbury, muito preocupado, abordou Josie ao vê-la abandonar o quarto. A moça vinha chorando e tanto ele, quanto a sua esposa ficaram de pé com ansiedade.

— Está doente? É o bebê? Chamamos um médico?

— Não, milorde, é que hoje o doutor... — Josie pôs-se a chorar de tal modo de angustiada, que Beatrice Shafterbury se aproximou para abraçá-la pelos ombros — Hoje o doutor se casava em Londres. Emily está há vários dias mais silenciosa e trabalha como uma louca para não pensar, mas sei que continua a sofrer e hoje precisamente, esteve muito estranha, não a culpo.

— Não posso acreditar que George se case, não pode ser, ele

não é assim...

Lorde Shafterbury se separou da jovem afagando o cabelo. Fazia três meses que Emily lhe tinha contado a notícia e ainda não podia imaginar o seu velho amigo agindo tão mal e de forma tão irresponsável.

— Pois com a sua filha ele não está e ela continua a sofrer.

A sua mulher começou a amuar. Estava tão magoada pelo que tinha ocorrido, que tinha sido o seu grande apoio para deixar a Índia e viajar para os Estados Unidos para junto de Emily.

— Agora é indiferente o que tenha decidido fazer, o importante é Emily e o seu bebê.

— Amanhã chamaremos um médico.

— Só precisa de descansar. Deixemos que durma. Não se preocupe, milorde, ela é muito forte.

No dia seguinte, Emily Gardiner, mais calma, comeu com o seu pai e Beatrice no restaurante do hotel e ali descobriu os novos planos do casal, que eram tão jovens e atraentes que lhe custava vê-los como pais de qualquer modo, embora eles tivessem viajado até Nova Iorque para exercer precisamente esse papel, o de pais.

— Pediu transferência para Nova Iorque?

— Sim, à delegação britânica. A sede está em Washington, mas posso trabalhar a maior parte do tempo daqui, como representante militar.

— E permitiram isso?

— Ainda não, mas estou certo de que me permitirão e se não, depois verei o que fazemos, talvez me dedique aos negócios. — Michael Shafterbury lhe sorriu com o seu mesmo sorriso e Emily abriu muito os olhos — Não queremos invadir a sua vida, Emily, nos

manteremos à margem, mas eu gostaria de passar uma temporada perto de você. Espero que não se incomode, embora esteja em seu direito de pedir que vá embora...

— Não, na verdade, é uma surpresa muito agradável.

— Não pude exercer o papel de pai, mas se me deixar, eu gostaria de exercer o de avô.

— E deixou a sua casa para vir ter aqui comigo?

Olhou-os a ambos e pôs-se a chorar, chorava muito, por qualquer coisa. «É por causa da gravidez», diziam-lhe as mulheres mais velhas que iam à loja, mas, mesmo assim, era embaraçoso. — Sinto muito, sinto muito.

— Está tudo bem. — Beatrice lhe agarrou na mão, também a chorar — Estamos muito felizes por ter vindo. Para Nova Iorque, nada menos, é maravilhosa e será tão emocionante ver o bebê e estar contigo. Não se importa?

— Não.

— Bem, brindemos a isso. — Shafterbury com os olhos úmidos levantou o copo de vinho e lhe sorriu — Dizem que a chegada de um filho é sempre uma alegria e este menino, por enquanto, permitiu-me estar perto de você, assim é um acontecimento mais que afortunado.

A partir de então, a sua vida voltou a dar um giro vertiginoso. Desde aquela trágica noite de 1 de maio de 1892, ela tinha a sensação de estar vivendo um sonho, um montão de acontecimentos que escapavam completamente de sua consciência. Tinha superado as primeiras semanas depois da briga com George zangada, depois magoada e finalmente tinha saído à rua para procurar o doutor Connaught como um fantasma. Recordava muito pouco dos passos que tinha dado naquelas negras semanas, só sabia que tinha tentado

tudo para encontrá-lo, mas sem êxito e mais tarde tinha chegado Amanda Connaught e lhe tinha contado sobre as bodas com Rosemund e novamente um golpe a tinha obrigado a tomar decisões e a agir, por seu bem e sobretudo, pelo de seu bebê.

O impulso de viajar para Nova Iorque tinha chegado de repente, depois de falar com David Law, embora não recordasse, nem como tinha sido capaz, de ir até Cambridge para falar com ele. Todos os fatos eram nebulosos e quando uma tarde comentou isso com Beatrice, esta lhe assegurou que era o próprio corpo, a cabeça, que às vezes nos protegia da dor fazendo-nos esquecer um passado desgraçado.

Ela não sabia se deveria dar crédito àquela teoria, embora parecesse verdadeira, pois quando tentava organizar as lembranças, as decisões tomadas e a sua vida durante o último ano, era impossível fazê-lo. Não sabia nem como estava já em Manhattan, com uma loja de moda, trabalhando e ganhando a vida e como antes do nascimento de Charlotte tudo parecia ter encaixado de forma tão harmoniosa, de modo a proporcionar-lhe um bom lar, rodeado de todas as comodidades e muito amor.

Assim que o seu pai e Beatrice pisaram em Nova Iorque, eles se ocuparam pessoalmente de procurar uma casa e um mês depois da sua chegada, Michael Shafterbury a levou a ver um bonito *petit hotel*, como lhe chamavam por ali, moderno, acolhedor e muito elegante, situado em Washington Square. A casa era muito bonita, mas o melhor era que com ela lhe alugavam um local enorme, com grandes janelas, onde poderia instalar a loja em um local ideal.

— É perfeito — opinou Beatrice, olhando para madeira polida do chão e para as paredes brancas, a cozinha, os salões e aqueles

quartos de sonho, com um muito moderno banheiro em cada um deles.

— Para mim é um palácio — disse Emily, inspecionando tudo e Shafterbury a seguia com os olhos, esperando uma resposta — Deve ser muito caro.

— Se a quiser, é tua.

— Nossa, não? — Olhou-o acariciando a barriga, que já se notava debaixo de seu casaco de lã — Não vai alugar outra tendo esta imensidão.

— A sério? — Beatrice caminhou para ela com os olhos brilhantes — Michael e eu não queremos invadir o seu espaço.

— Se vocês estiverem de acordo, podemos compartilhá-la. Aqui há mais quartos que no palácio de Buckingham.

Emily saiu caminhando para o pátio que unia a casa com o local e os Shafterbury se entreolharam muito emocionados. Embora ela parecesse ignorar esse ponto, era muito mais do que tinham imaginado e só a possibilidade de participar de sua vida, fazia-os muito felizes.

— Do que eu mais gosto é disto. Mãe de Deus! É maravilhoso.

— É. Pode ter espaço para o ateliê, para os provadores, um gabinete e até um salão de chá se quiser.

Beatrice, que tinha estado em Paris, tinha-lhe contado que muitas boutiques da capital francesa ofereciam a seus clientes chá e biscoitos, enquanto se experimentavam e escolhiam os modelos.

— O local é perfeito.

— Enorme, precisarei de ajuda para decorá-lo.

— Conta comigo.

— Sei. — Olhou para Beatrice e sorriu.

A mulher de seu pai, que tinha só vinte e oito anos, era doce e simples, não um gênio, nem nenhuma mulher sofisticada e moderna, mas sim uma moça maravilhosa e muito carinhosa.

— Você o que pensa?

— «Se for para fazer alguma coisa...»

— «Faz em grande» — acabou a frase por entre gargalhadas — Muito bem, eu alinho, e vocês?

Contra todos os prognósticos, inauguraram a loja a 15 de dezembro, porque a equipe de vinte operários irlandeses que o seu pai contratara para a reforma só demorou quarenta e cinco dias para arrumá-la exatamente como ela queria. Acompanhou a obra todo o tempo, apesar do seu avançado estado de gravidez e contou com Beatrice e Josie quando as forças lhe faltavam e tinha de meter-se na cama morta de sono.

Na primeira lojinha já se tinham dado a conhecer e quando inauguraram o local, com uma festa muito concorrida — outra ideia de Beatrice — as damas mais finas de Manhattan prometeram visitá-la imediatamente. Ela fascinava aquelas mulheres por sua forma de expressar-se e sua procedência, coisa que a fazia rir, já que se considerava a si mesma uma mera garota de Covent Garden. Mas, para as americanas, o seu sotaque londrino, a sua elegância natural e o seu aristocrático pai eram garantia de bom gosto e refinamento, um preconceito muito conveniente, sobre o qual não pretendia discutir, porque era maravilhoso para o negócio.

Na noite da inauguração se arrumou, pela primeira vez em séculos e cruzou o pátio a caminho da festa muito iludida, dando graças a Deus por todos os presentes que o céu lhe estava mandando, o primeiro, Michael e Beatrice, pelos quais já começava a

ter carinho; o segundo, Josie e sua ajuda, e o terceiro e mais importante, o modo como estava a superar a mágoa que George Connaught lhe tinha causado, porque, graças ao apoio dos seus, já não chorava diariamente, ria de vez em quando e embora ainda não conseguisse falar dele com ninguém, pelo menos já não lhe doía tanto lembrar-se dele.

Outra circunstância que ajudou bastante foi que tinha chegado a Manhattan como Emily Gardiner, filha de Michael Shafterbury e o todo mundo tinha dado certo que era viúva, pois viajava sozinha. No início, talvez por pudor, ninguém lhe perguntava nada e assim que a sua gravidez começou a ser evidente, as pessoas aceitaram, sem que ela abrisse a boca, que era viúva e que Gardiner era o sobrenome do seu marido morto. Assim, ao não ter de dar explicações, relegou George Connaught, inconscientemente, para o baú das lembranças.

Ninguém, nunca, mencionava o pai de seu filho e isso facilitou o fato de ela tampouco pensar nele. O seu bebê era dela e de ninguém mais e tanto seu pai quanto Beatrice e Josie jamais permitiram que ninguém se interessasse muito sobre o assunto. Desse modo, na noite em que inaugurou as “Modas Gardiner” em Washington Square, ela era, para todos os seus conhecidos, uma jovem e formosa viúva prestes a dar à luz o filho póstumo de seu marido.

— Senhorita Gardiner, mal posso acreditar que seja você.

Emily se voltou e se encontrou com o doutor David Law a um palmo de distância.

— Doutor Law, que surpresa! — Embrulhou-se no xaile de seda para dissimular a gravidez e lhe sorriu, completamente desconcertada.

— Vim ver uns amigos ingleses na cidade, convidaram-me para

esta festa e agora vejo que o local é seu. Mal posso acreditar nisto, é muito bonito.

— Obrigada, sim, estamos muito orgulhosos. Vive ainda na Pensilvânia?

— Sim, claro. Vou para casa passar as férias de Natal, por isso estou em Nova Iorque.

— Pois não chegará na Véspera de Natal.

— Não, mas me agrada passá-la no navio. Organizam uma grande festa.

— Que bom...! — Passou a mão pela cara, enjoada e procurou com os olhos o apoio de alguém. Encontrou o seu pai e o chamou com a mão — Doutor Law, apresento-lhe o meu pai, Michael Shafterbury, graças a ele posso inaugurar tudo isto. Michael, este é o doutor David Law, um amigo do doutor George Connaught. Estudaram juntos em Cambridge.

— Encantado. — Lorde Shafterbury saudou o médico e abraçou Emily, que estava branca como papel, pelos ombros — O que faz nos Estados Unidos, doutor?

— Dou aulas na Universidade da Pensilvânia, de fato, quando vinha para aqui, falei com você, recorda? Na mesma semana. — Emily assentiu — Conseguiu encontrar o nosso querido George?

— Não, não consegui e agora se me desculpar, tenho de atender a mais convidados. Foi um prazer vê-lo e espero que desfrute de suas férias na Inglaterra.

— Igualmente, senhorita Gardiner, o prazer foi meu.

O médico viu como ela escapava para a parte traseira da loja e depois olhou para o pai da moça com cara de surpresa. Lorde Shafterbury, que tinha os mesmos olhos de sua filha, observava-o

com um sorriso na cara.

— Uma grande moça a sua filha, senhor. George a apreciava muito. Faz um par de anos a levou à faculdade para assistir a uma aula de patologia e...

— Sim, sim, sei, ela é muito curiosa, gosta de saber tudo. — Shafterbury lhe deu umas palmadinhas nas costas com afeto antes de separar-se dele — Foi um gosto conhecê-lo. Divirta-se e que tenha boa viagem, doutor.

— Obrigado, milorde.

Quando conseguiu sair do local abarrotado e chegar a casa, encontrou Emily sentada, completamente às escuras, junto à janela de seu quarto. Entrou sem chamar e procurou uma cadeira para sentar-se em frente a ela.

— É a sua grande noite, Emily. Sai daqui e desfrute. Trabalhou tanto e merece uma recompensa, mais do que ninguém.

— O que acontecerá se encontrar George e lhe disser onde estou?

— O que vai acontecer? Nada.

— Não quero que venha reclamar nada.

— O que pode reclamar? O bebê? Isso não permitiremos.

— O meu filho é meu. Não quero que tenha nada a ver com ele e muito menos com a sua mulher. Não quero que se aproximem do meu bebê, nem ela, nem ninguém da família Shafterbury.

— Não o farão. Estamos contigo, não tenha medo.

— Ele pode ser muito persistente.

— E você mais... — Sorriu-lhe e ela lhe devolveu o sorriso, limpando as lágrimas — É possível que nem se vejam e se se chegarem a ver, o mais certo é que aquele doutor nem se lembre de

que te viu. Toda aquela gente tão inteligente está acostumada a ser muito despistada. Vem, vamos comer alguma coisa e encontrar Beatrice, que se perdeu entre a multidão.

— Muito obrigado por estar aqui e por propiciar tudo isto.

— É um verdadeiro prazer, Emily. Para mim é um privilégio que me deixe estar a seu lado.

— Não diga isso. Que privilégio? Nada disso. Somos família e será um avô muito jovem e bonito.

— Ah, sim? — Levantaram-se para voltar para a festa.

— Sim, ninguém acredita que é meu pai.

— Talvez seja porque não me chamas papai.

— É difícil...

— É uma brincadeira. Anda, vamos, está muito bonita e as pessoas querem vê-la. Sabe uma coisa? Ninguém entende porque é que trabalha tanto, em seu estado e com todo o dinheiro que tem...

— Nenhum desses viveu em East End. Lá todos somos muito trabalhadores.



Charlotte chegou ao mundo somente quatorze dias depois da inauguração da loja, a 29 de dezembro, no mesmo dia de aniversário de seu pai e de Molly Everhard.

Tanta preocupação e tanto trabalho parou de repente nessa manhã quando uma dor dilacerante lhe cruzou os quadris da esquerda para a direita, para de seguida sentir um líquido quente descendo-lhe pelas pernas. Estava no ateliê da boutique, acompanhada por Holly e Mary O'Donnell, suas costureiras e ambas

afastaram o trabalho ao vê-la deter o seu passo, normalmente enérgico e agarrar-se a uma mesa com toda as forças.

— Já vem — sentenciou Mary, mãe de quatro filhos, levantando-se para auxiliá-la — Tranquila, apenas começou.

Duas meras horas depois mal podia suportar as contrações agarrada à mão de Beatrice e a parteira, uma mulher muito mais velha e com as mãos enormes, anunciou-lhe que o parto seria rápido, apesar de ela ser de primeira viagem e um pouco magrela, porque o bebê era pequeno e tinha muita pressa para nascer.

Ela a olhou com ódio, pedindo um médico, mas ninguém lhe fez caso e a mantiveram quieta na cama quando o que, na verdade, queria era estar de pé e andar.

— George me disse uma vez que não teria de fazer nada — sussurrou entre umas das pausa da dor a Beatrice — que teria de deixar a natureza atuar. Não permita que essa mulher me faça alguma coisa, por favor.

— E o que pode fazer? — Beatrice Shafterbury a observou, horrorizada, abrindo muito os olhos.

— Não vi as suas mãos? Até as dele eram menores.

Felizmente, Louise, a parteira, não fez nada e deixou que fosse a natureza a agir, ajudando que Charlotte viesse ao mundo a 29 de dezembro de 1892, às seis da tarde. Emily passou a maior parte do processo rezando e pedindo ajuda de todos os Santos, aos que a sua mãe costumava rezar, depois odiando George Connaught e finalmente, chorando, sentindo falta, com toda a alma, de um abraço dele e de ver o seu sorriso e os seus olhos cor água-marinha dando-lhe um pouco de consolo. Mas não foi assim e teve de dar à luz a sua filha, sozinha, entre desconhecidos e com uma Beatrice mais

assustada que ela mesma.

— Deus bendito! É uma preciosidade.

O seu orgulhoso avô a aproximou uma vez mais da luz para vê-la melhor. Charlotte era uma bonequinha muito pequenina, mas perfeita, com a cabeça redonda, sem cabelo e uns traços muito finos.

— É uma princesa, tal como a sua mãe.

Emily já estava trocada e asseada depois das oito horas de parto. «Um verdadeiro presente do céu para uma novata», tinha dito a parteira, embora ela se sentisse espancada e moribunda, mais cansada do que tinha estado em toda a sua vida e realmente dolorida.

— É saudável — sussurrou esgotada — mas quero que seja vista por um médico.

— Sim, claro, o doutor Robinson está a chegar, mas é saudável, não vê?

— Parece-se com George. — Olhou para o seu pai, e este não disse nada — Só espero que seja tão inteligente quanto ele.

— Que seja metade do inteligente que é, já é suficiente, Emily e deixa de pensar. Por que não tenta dormir?

E dormiu muitas horas.

Quase cinco meses depois do nascimento da menina, ainda recordava o esgotamento que lhe tinha vindo depois do parto. Passou muito tempo descansando e recompondo-se. O certo era que o primeiro mês de vida da menina tinha transcorrido sem que ela fizesse nada, exceto olhar para ela, porque Charlotte era um milagre, «tão linda e saudável, fruto do amor maior que sulcou o universo», disse-lhe uma noite quando a tinha aconchegada sobre o seu peito. Porque embora estivessem sozinhas e o seu pai ignorasse a sua

existência, ela queria que Charlotte o sentisse e que soubesse o muito que se tinham amado e o quão maravilhoso ele era, com o seu porte elegante e o seu sorriso encantador, os seus olhos transparentes e o seu aroma a loção de barbear e a limpeza, com as suas mãos formosas que curavam as pessoas, e aquela voz doce e profunda que ela jamais poderia esquecer.



— De William Butler.

Beatrice chegou ao terraço e deixou o arranjo floral em uma das mesinhas. Emily o olhou e continuou a ler o jornal.

— É muito amável.

— E muito chato — opinou Michael Shafterbury sem deixar de ler o seu jornal e com uma xícara de café na mão.

— Está cortejando-a. Deixa.

— Não quero que me corteje, nem nada que se pareça. Por favor, Beatrice, se puder fazer alguma coisa para que me deixe em paz, agradeceria eternamente.

— E por quê? Só tens vinte anos. Ele, trinta e é um advogado de prestígio. Os pais dele são de Nova Iorque.

— Michael... — Olhou para o seu pai, pedindo-lhe ajuda, e ele suspirou.

— Não quer pretendentes, querida. Charlotte mal tem cinco meses, na verdade, não entendo como essa corja de idiotas se atreve a cortejar uma mãe tão recente.

— Porque é a moça mais bonita de toda a cidade?

— Mãe de Deus! Tenho de ir.

Ergueu-se e então viu Ruth, a babá, chegar pelo jardim com Charlotte, que estava vestida de branco com um trajezinho que ela mesma lhe tinha feito e se esqueceu dos desgostos.

— Olá, meu amor. Como está?

— Está muito desperta. Deveria dormir mais.

A menina vinha com a cabecinha muito rígida, olhando para tudo e assim que viu sua mãe, sorriu, feliz.

— Não importa, é inquieta. Olá, carinho, dá-me um abraço. — Agarrou-a e a apertou contra o seu peito, enchendo-a de beijos — Vem à loja um pouquinho? Acompanha-me, céu?

— Não, é melhor ficar com o avô que a pode levar ao parque.

Michael Shafterbury se levantou, arrumando o traje feito por medida, para olhar para a sua neta de perto. A pequena, que era linda, tinha o cabelo escuro e uns enormes olhos claros, entre verdes e azuis, tais como os de George Connaught, embora ninguém se atrevesse a reconhecê-lo em voz alta, para não magoar Emily.

— Vem comigo ao parque, princesa?

— Bom, é melhor que vá agora ao parque, mas depois volta a mim .

Emily a beijou na cabecinha, depois a seu pai na bochecha e saiu para a loja. Era uma sorte que se encontrasse junto à sua casa, porque assim podia estar sempre perto de sua filha, embora tivesse de disputar o direito de mimá-la com Beatrice e Michael, que estavam como loucos com ela.

— Bom dia.

— Bom dia, senhora Gardiner — disseram as costureiras mais jovens ao vê-la entrar vestida de cor lavanda, sem chapéu e realmente muito bonita.

— Que tal estamos hoje?

— Temos dois vestidos de noiva e três de madrinha, os vestidos do jantar dos Flanagan e da apresentação de Rose Rosenberg, são pelo menos quatorze convidadas da mesma família. — Josie, muito elegante, disse-lhe assim que pisou no gabinete — Dez marcações de prova, para já.

— Muito bem, mas tudo a seu tempo, não se preocupe.

— Há alguém que quer vê-la.

— Não será William Butler?

— Não. São umas senhoras.

— Bom dia.

Foi à loja e uma moça jovem, a qual recordava ser filha de uma de suas clientes, outra mulher que a acompanhava se aproximaram para apertar a mão.

— Bom dia, senhora Gardiner. O meu nome é Elizabeth Roth. A minha mãe...

— Sim, sim, claro, a senhora Roth. Em que posso ser útil?

— Queríamos convidá-la para uma reunião.

— Agradeço, mas não estou acostumada a sair. Tenho uma bebê de cinco meses...

— Não é uma festa, nem nada disso. É uma reunião da Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres Americanas.

— Ah, sim? É muito interessante, mas eu sou inglesa — disse, sorrindo com doçura e olhando a vitrine, que precisava de uma arrumação.

— Não, não me entende. — Elizabeth Roth a olhou fixamente — Queríamos convidá-la a compartilhar conosco a sua experiência como mulher empreendedora. Tem este negócio, que é muito

próspero e é uma mãe muito jovem, completamente independente. Enfim, pode ser um exemplo para muitas de nós.

— Eu? — Ruborizou e não soube o que dizer. Ela não se considerava exemplo de nada.

— Sim. Às terças-feiras nos reunimos em minha casa, que é bastante perto, para conversar e compartilhar impressões e quando a minha mãe me falou de você e de que, em um ano, já tinha levantado este negócio, pensamos que poderia facultar-nos algo de sua experiência.

— Muitas mulheres imigrantes trabalham e levam adiante os seus negócios. Eu...

— Bom, é só uma ideia, não é nada formal, mas se desejar, na terça-feira que vem ficaremos encantadas de convidá-la para um chá.

— Pode trazer o seu bebê se quiser — disse-lhe a outra dama — Muitas temos filhos. É um menino?

— Não, uma menina. Chama-se Charlotte.

— Bom, pois as esperamos, às duas, quando quiser.

Emily recebeu um folheto desse grupo, fundado por Susan B. Anthony e Elizabeth Stanton em 1869 e pensou que talvez não fosse má ideia ir. Mas procrastinou a sua decisão, porque tinha muito trabalho a fazer.

Londres, maio de 1893

— Bendito seja Deus, John! Que demônios estavam a fazer?

O doutor George Connaught olhou para a ferida aberta que tinha aquele homem no abdômen e arregaçou as mangas da camisa.

— Uma briga com garrafas, major — respondeu o amigo do ferido, que estava igualmente ensanguentado — Uns da Marinha que se meteram com a Real Infantaria de Sua Majestade.

— Muito bonito.

George olhou para o homem, semicerrando os olhos e chamou o seu assistente para que o ajudasse a limpar a enorme ferida, que parecia um repolho aberto. Agarrou a agulha e se inclinou sobre o soldado para suturar aquela bagunça antes que infestasse.

Trabalhava como médico há seis meses no Royal Hospital Chelsea, fundado no século XVII pelo rei Carlos II, com o objetivo de atender os veteranos de guerra e as suas famílias, embora no final do século XIX não só atendesse membros do exército, mas também muitos pacientes vindos de outros estabelecimentos de saúde de Londres. Era um trabalho exaustivo, mas intenso e apaixonante e se sentia bem ali, onde o chamavam por sua patente militar e onde ninguém o incomodava muito. Podia passar horas e horas no consultório ou na sala de cirurgia, sem intenção alguma de voltar para casa.

O consultório de Cannon Street era cuidado, desde há meses,

por dois médicos jovens aos quais pagava um salário simbólico, por cumprirem com aquele trabalho humanitário na área. George passava por lá uma vez por semana para ver os casos mais complicados e aqueles pacientes só se deixavam atender por ele e mantinha diariamente uma enfermaria que era financiada com o dinheiro gerado pelo de Mayfair, onde não atendia pessoalmente ninguém, mas em troca tinha um sócio, rico e muito popular entre a alta sociedade londrina, que tinha convertido a clínica em um negócio muito rentável.

Não tinha queixa alguma sobre a sua vida profissional, à qual se dedicava de corpo e alma há oito meses, quando tinha tido de aceitar que tinha perdido Emily Gardiner para sempre e não lhe tinha ficado mais esperança que a medicina.

Mal dormia, madrugava diariamente e caía na cama, muito tarde, sem que para ele existissem dias de festa ou domingos. Disponibilizava-se para todos os turnos no hospital e realizava visitas privadas quando lhas solicitavam. Nunca dizia não a um caso e em uns meses se transformou em uma espécie de ermitão misterioso, silencioso e sério, ao qual poucos se atreviam a importunar, uma circunstância muito conveniente, quando a única coisa à qual aspirava na vida era que o deixassem em paz.

Vivia sozinho desde o outono, depois de armar um escândalo apoteótico em casa de seus pais, sobre o qual ainda se cochichava na cidade.

Assim que retornara de Brighton, onde se tinha informado da penosa e vergonhosa atuação de sua irmã Amanda para com Emily, confrontou-a no almoço familiar de domingo em Westminster e a insuportável moça nem sequer o tinha negado, assegurando-lhe que

apenas se tinha tratado de uma brincadeira inocente.

— Dizer à minha noiva que eu me ia casar com Rosemunde Shafterbury era uma brincadeira? É estúpida, ou quê?

— George! Por favor, rogo que respeite a minha esposa.

O pobre Jason Rhys-Evans ficou de pé, ofendido e caminhou para ele hesitante, mas aparentando segurança.

— Cale-se, Jason, isto não é nada contigo! — disse secamente sem nem sequer olhá-lo. — Fez porque é uma má pessoa, uma ociosa insuportável, por isso quis feri-la. A idiota da Rosemunde Shafterbury disse que a 28 de setembro era o aniversário dela, não? Riram muito nas suas costas?

— Era uma brincadeira, e você estava zangado com ela. — Amanda agarrou o seu lençinho de renda e fingiu chorar. — Tinha terminado com ela.

— E como demônios sabia disso? Maldita seja! Não vou perdoar isso nunca e exijo que te desculpe com Emily. Vai procurá-la e desmentir palavra por palavra o que lhe disse, ouviu? Beijará o chão por onde pisa, porque você não chega nem à sola dos seus sapatos.

— Essa mulher não era ninguém. Respeita a sua irmã, que somos a sua família, George.

Eleonor Connaught tinha falado muito séria e olhando para o seu marido, que permanecia impassível sentado à cabeceira da grande mesa.

— Ela era tudo para mim, mãe; não se atreva a intervir nisto, porque isso sim, eu não vou tolerar. Esta idiota é uma imatura e uma estúpida, sempre o foi, mas você é minha mãe, não ouse questionar a minha relação com Emily Gardiner.

— Não a nomeie em minha casa! — A duquesa ficou de pé,

vermelha de raiva — Se já desapareceu da sua vida, bendito seja Deus e me alegro que a sua irmã tenha tido a coragem de afastá-la de você.

— Como é que é?

— Sim, eu a apoiei quando me contou o que tinham feito, porque se isso ajudou a que essa mulher te deixasse em paz, alegro-me.

— Mãe! — Ficou pálido e olhou para o seu pai — Como pode ser tão mesquinha?

— Não lhe merecia. Olha para si, George, pode escolher qualquer uma.

— Eu já a tinha escolhido... — Olhou para todos uma última vez e se voltou para sair do cômodo.

No corredor, agarrou um precioso e muito caro vaso da entrada e o espatifou contra o grande espelho da parede, que se quebrou em mil pedaços. As mulheres da casa soltaram um grito com o estrondo e ele subiu para o seu quarto feito uma fúria.

— George! Aonde vai? Não se atreva a virar-me as costas. Daniel, faz alguma coisa!

Eleonor Connaught começou a soprar à beira do desmaio e o seu genro correu para sujeitá-la pelo braço. O seu marido, o duque de Stevenage, deixou o guardanapo sobre a mesa, ficou de pé lentamente e olhou para a sua filha mais nova com severidade.

— Essa moça não tinha feito nada de mal, salvo fazer o seu irmão feliz. Sinto-me muito decepcionado contigo e também envergonhado. Sabe por acaso o dano que fez a ambos?

— Daniel!

— Cale-se, Eleonor! E educa melhor a sua filha, que é uma

vergonha para a família.

Desde esse domingo de outubro, George Connaught não voltou a dirigir a palavra nem à sua mãe, nem à sua irmã. Levou todas as suas coisas em menos de uma hora e se instalou no segundo andar do apartamento em Mayfair, onde tinha pensado, em princípio, viver com Emily.

Não lamentou aquela decisão. Pelo contrário, de repente, sentiu-se mais livre e leve de responsabilidades e foi ao estar na sua nova casa que se animou em oferecer os seus serviços médicos ao Royal Hospital Chelsea, para entregar-se de forma obsessiva ao trabalho. Foi a única forma que encontrou para tentar superar a dor e as saudades de Emily, na qual não conseguia deixar de pensar. Embora tivesse prometido a Winston deixá-la em paz e respeitar a sua nova vida, para ele era impossível parar de procurá-la para dar-lhe uma explicação e se empenhou em passar, de vez em quando, pela loja para perguntar por ela ou em mandar uma quantidade enorme de cartas a seu pai na Índia para pedir a sua ajuda, ou em visitar com regularidade Albert Sheen em seu escritório para interessar-se pelas novidades, embora todos os seus esforços resultassem inúteis.

— George Connaught em pessoa.

O médico deu um último golpe de florete no seu oponente e se voltou para a voz que o chamava. Estava no clube, praticando esgrima, como fazia todos os sábados pela manhã e se surpreendeu muito ao ver David Law ali.

— David Law! O que faz aqui? — Fez uma vênica a seu companheiro de combate e deu umas palmadas nas costas de seu colega — Que tal Filadelfia?

— Bem. Vim almoçar com o doutor Fishbourne. Chamaram-me

para falar de um posto aqui em Londres.

— E é isso que quer? — Agarrou um copo de água que lhe ofereceu um garçom e o bebeu de um gole.

— Sim, claro. Vim em janeiro e ainda não posso retornar aos Estados Unidos.

— Mas porquê?

— Vim pelas festas e depois em Cambridge tive de atender uns assuntos pendentes e depois a minha mãe ficou doente e tive umas conferências na França; enfim, uma loucura. E contigo, tudo bem? Fazia anos que não te via.

— Anos? Nem tanto. Tudo bem. Estou no Royal Hospital Chelsea.

— Isso foi o que me disseram. É muito trabalho. Quando passa para o ensino?

— Não, obrigado, prefiro atender pessoas. Almoçamos um destes dias? Agora tenho de ir, tenho uma cirurgia dentro de uma hora.

— Claro. Passo por Cannon Street ou por Mayfair?

— Não, é melhor pelo hospital, qualquer dia e assim vê o que fazemos lá.

— Perfeito. Fiquei feliz em vê-lo, George.

Viu-o descer as escadas com energia para o jardimzinho interior do precioso edifício de repente, lembrou-se de Emily Gardiner, mas não disse nada porque George Connaught parecia ter pressa, então, deu-lhe as costas e começou a procurar o refeitório daquele elegante clube de cavalheiros ao qual, como era óbvio, ele não pertencia, de momento.

— Perdido? — Dois corredores e um lance de escadas mais à

frente encontrou-se novamente com o seu amigo, que estava a secar-se com uma toalha enorme — O refeitório está bem ao lado do jardim.

— A sério? Que desorientação! É que estes sítios são labirínticos. Ouve, George...

— Sim?

O médico parou e o olhou com os seus enormes olhos claros.

— Lembra da senhorita Gardiner?

— Como? — O coração lhe subiu à garganta — É óbvio que sim. Por quê?

— Vi-a há uns meses...

— Onde? — Avançou um passo e David Law retrocedeu, um pouco intimidado.

— Em Nova Iorque. Tem uma loja muito bonita. Acredito que está muito bem.

— Em Nova Iorque? — Sorriu e os olhos se encheram de lágrimas — Tem certeza? Falou com ela?

— Claro, com ela e com o seu pai, um homem muito elegante e agradável, falamos de você.

— De mim?

— Sim. Perguntei se o tinha encontrado. No ano passado por esta altura foi a Cambridge procurá-lo.

— Foi procurar-me? Por que não me disse nada?

— Faz muito que não nos víamos e por carta, esqueci-me.

— Bem, não há problema. O que disse em Cambridge?

— Nada, mas estava um pouco doente, pareceu-me. Passou pela faculdade e lhe disse que não sabíamos nada de você e depois me encontrei com ela em Nova Iorque, em Manhattan, em plena

Washington Square. Tem uma loja de moda muito grande e elegante. Disse-me que era graças à ajuda de seu pai, mas asseguro que ela é a famosa por lá. Toda a colônia inglesa falava de seu negócio e do quão trabalhadora é, apesar de...você sabe.

— Apesar de quê?

George sorria com cara de bobo, pois uma emoção enorme lhe subia pelo peito. David o observou, carrancudo.

— Está bem?

— Sim, sim, é que faz meses que tento, sem êxito, localizá-la e me surpreendeste muito. É um milagre. Obrigado David. — Apertou-lhe o ombro e engoliu as lágrimas — O que se passa com ela? Está bem?

— Sim, muito bonita como sempre, mas dizem que ficou viúva e que por isso deixou Londres. O seu pai chegou da Índia para passar um tempo com ela e embora não seja a mais alegre das criaturas, pelo menos é a mais próspera.

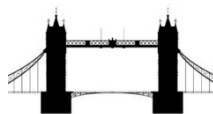
— Viúva? — Pôs-se a rir e Law meneou a cabeça.

— Ficaste contente, Connaught? Não é assim tão bode?

— Não, não, não é isso. É que acredito que alguém me deu por morto... e não a culpo.

— Que demônios...?

— Deixa para lá, amigo e muito obrigado. Que Deus te pague.



A 20 de maio embarcou em Liverpool rumo a Nova Iorque. Em dez dias, tinha organizado os seus compromissos profissionais no hospital e nas clínicas e tinha fechado a casa sem data de retorno.

Não tinha hesitado, nem meio segundo, em fazer aquela viagem, estava feliz por poder fazer alguma coisa, finalmente, no que dizia respeito a Emily. E quando chegou ao hospital e as informou sobre os seus novos planos, as pessoas o felicitaram porque era a primeira vez, em meses, que o viam sorrir, sinal de que os motivos de sua viagem eram felizes.

Cinco dias antes de partir se reuniu para almoço com o seu pai no clube e lhe disse que ia aos Estados Unidos com a intenção de casar-se com Emily Gardiner, se ela o aceitasse e se não estivesse já comprometida com outro, uma possibilidade que não queria considerar até tê-la por diante, porque só pensar nessa opção lhe tinha tirado o sonho durante dois dias.

«Pareces um pirralho com sapatos novos», disse o duque de Stevenage, olhando-o de cima abaixo com os seus aprazíveis olhos claros e prometendo-lhe que os seus advogados se fariam cargo da administração de ambas as clínicas. Daniel Connaught ainda se sentia culpado pelos últimos acontecimentos que tinham afetado George, e estava desejoso de mostrar-lhe o seu apoio em tudo o que fosse necessário. Acabaram despedindo-se com um grande abraço na rua, mas George, sob nenhum pretexto, aceitou ir à casa em Westminster para despedir-se de sua mãe.

— Ficaré muito desgostosa. Está doente pela sua partida...

— Não é problema meu, pai, sinto muito. Além disso, a minha mãe está mais sã que você e eu juntos.

— De qualquer maneira, ficará furiosa. E quando pensa voltar?

— Depende de Emily.

— Não deve ser saudável amar tanto alguém.

— Vale a pena, não se preocupe por mim.

Abraçaram-se uma vez mais e George viu como o seu pai subia ao seu elegante veículo para voltar para o Parlamento. Suspirou, colocou o chapéu e se encaminhou feliz para finalizar os últimos preparativos antes da viagem.

Manhattan, Nova Iorque, 14 de junho de 1893

— Washington Square? — Foi a primeira coisa que perguntou ao chegar ao elegante hotel junto a Central Park que tinha reservado por telegrama.

Passou vinte e cinco longos dias fechado em um navio onde não tinha feito outra coisa senão ler, escrever e fazer algum esporte — boxe e esgrima — em um pequeno ginásio ao qual foram muito poucos passageiros, então tinha a sensação de que saía de uma prisão. Por isso, depois de registrar-se e trocar de roupa, não tinha esperado, nem um minuto, para sair e procurar a loja de Emily Gardiner em Nova Iorque.

— Está mais ou menos perto. Peço um carro, senhor?

— Não obrigado, mas preciso um mapa ou algo assim. É o meu primeiro dia na cidade.

— Doutor Connaught?

Uma das damas que viajavam com ele no navio se aproximou muito amavelmente para interessar-se por seu problema. O certo era que tinha sido acossado com descaramento durante a travessia por muitas mulheres e antes de comprovar de quem se tratava a olhou com o cenho franzido.

— O meu marido e eu o podemos ajudá-lo. Vamos comer alguma coisa e lhe indicaremos o caminho. Não é a nossa primeira viagem a Nova Iorque.

— Oh, muito bem! Muitíssimo obrigado.

Ajustou o chapéu e a elegante casaca cinzenta com listras de seu traje e se apressou a seguir o casal Cameron, uns ingleses de Manchester que compartilhavam a sua vida entre os Estados Unidos e a Inglaterra há anos. Ambos adoravam Nova Iorque e embora vivessem normalmente em Washington, ficavam uns dias na cidade sempre que chegavam a porto.

George ouviu a história com cara de atenção, embora não entendesse nada do que lhe estavam explicando, emocionado e até assustado por ter de enfrentar, por fim, Emily depois de um ano e quarenta e quatro dias de separação. Não tinha nem ideia de como ia começar a falar com ela ou se ela permitiria sequer que abrisse a boca e quando aquele casal lhe disse que já estavam junto a Washington Square, um suor frio lhe percorreu a espinha dorsal.

— Onde vai? Quer companhia?

— Susan, por Deus, deixa o doutor em paz — protestou o senhor Cameron — Quererá fazer as suas coisas.

— Saberá voltar para hotel?

— Eu dou um jeito, obrigado.

Esperou que o deixassem sozinho e ficou parado no meio do parque, olhando em seu redor. A área era elegante e muito concorrida, havia muitíssima gente perambulando por ali. Olhou para as horas e verificou que era meio-dia. Engoliu em seco e começou a caminhar observando as casas que rodeavam a praça. Todas eram mansões e pequenos edifícios vitorianos que pareciam residências particulares, até que, de repente, vislumbrou algo parecido a uma loja, e levantou os olhos para ler a placa que havia sobre a fachada: «Modas Gardiner». O coração se contraiu e o pulso parou. Dobrou-se

sobre si mesmo, com as mãos apoiadas nas coxas e comprovou, pela primeira vez, em seus trinta e dois anos de vida, que podia ser um maldito covarde.



— Não faça mais isso, por favor lhe peço isso, William, a sério, acabarei por zangar-me de verdade.

— É só um presente.

— Não quero os seus presentes e tampouco as suas flores. Como esbanjas o dinheiro desta forma?

— Repete esbanjar, eu adoro como diz. — Emily olhou para o seu pretendente mais impulsivo e persistente e suspirou muito séria — Só tento cortejá-la.

— Não quero que me corteje, eu não gosto e me parece infantil e estúpido. — Já sem pinga de tato, caminhou para a entrada da casa e lhe fez um gesto para que partisse — Vai embora, por favor, tenho trabalho a fazer.

— Se nos casarmos, não voltará a trabalhar na vida.

— Tão pouco me conhece! Fora, por favor.

— Como conseguiu o pai de Charlotte cortejá-la?

— Não o fez, não foi necessário. Pode ir embora?

— E como te conquistou?

— William, por favor.

— Diz-me e eu vou.

— Eu amava aquele homem muito antes que ele se fixasse em mim, de acordo? Desse modo cortejos não foram necessários, nem conquistas, nem estupidezes várias que denigrem as pessoas.

— É muito dura e isso lhe faz ainda mais preciosa.

— Não voltes aqui e deixa-me tranquila, por favor. Se quiser ser meu amigo, perfeito,; se não, não volte.

Fechou-lhe a porta na cara, muito zangada. Estava preocupada com Charlotte, que tinha passado uma noite péssima por causa dos dentes e aquele cretino tinha aparecido para perturbá-la na sua própria casa. O seu pai tinha razão: deviam proibir que se abrisse a porta a quem não fosse convidado.

— Como ela está?

— Melhor, vou distraí-la. Vá tranquila, se chorar, chamo-a.

— De acordo. Tenho pouco trabalho, então não demore em chamar-me, sim? — Olhou para a sua preciosa menina de longe para evitar que começasse a chorar se a visse sair e passou pela cozinha, onde Beatrice organizava a comida e o jantar — Como está?

— Não sei... — Murmurou-lhe ao ouvido — Sinto-me igual.

— Desde que não se intoxique, tudo perfeito.

A mulher de seu pai tomava tudo o que lhe recomendavam para facilitar a concepção e na noite anterior tinha bebido um azeite desconhecido que tinha custado uma fortuna.

— Toma um chá, rapidinho. Está esgotada.

— Dormimos pouquíssimo. A pobre Charlotte está muito incômoda, mas já tomarei na loja, depois vejo vocês.

Saiu com passo ágil para a loja e entrou no ateliê saudando todo o mundo com um sorriso. As garotas lhe tinha feito aquele vestido da primavera em tons marrons que usava e todas elas elogiaram o quão bonita estava naquela manhã. Ela agradeceu os galanteios e se meteu no gabinete para revisar uns pedidos. Depois foi procurar umas blusas novas e decidiu pô-las nas estantes, enquanto Josie se

ocupava de atender uma senhora no balcão.



George Connaught passou dez minutos controlando o pânico e o ritmo respiratório antes de atrever-se a cruzar a soleira daquela bonita porta de madeira e vidro debruada em ferro fundido. Ao agarrar a maçaneta engoliu todos os temores e entrou pisando forte. Ficou uns segundos a observar o amplo salão pintado em tons de branco e esplendidamente iluminado graças às enormes janelas que davam para a rua e então a viu. Foi como se o mundo deixasse de girar e se apoiou na bengala de cedro para seguir os seus movimentos sem poder abrir a boca.

Emily, mais magra, entrou pela esquerda da loja com um vulto na mão. Usava um elegante vestido marrom, apertando a sua esbelta cintura, que modelava perfeitamente as suas costas retas, os ombros estreitos e aquele pescoço de cisne delicioso que ele adorava. Usava o cabelo escuro semirrecolhido com um broche de prata e os cachos castanhos brilharam quando a luz do sol os alcançou de frente.

Emily notou imediatamente que algo acontecia. Um silêncio evidente se estendia pelo salão e acomodou a última blusa vendo Josie, que permanecia quieta e com a boca aberta olhando para a porta.

— Josie? Está bem?

— Emily...

A voz se projetou maravilhosa e lhe chegou tal como uma adaga no centro do peito. Baixou a cabeça e se apoiou na estante.

— Doutor Connaught — disse Josie por fim, que há vários

segundos o observa ali de pé, quieto como uma estátua de sal, com a sua superioridade e elegância de sempre — O senhor por aqui?

— Sim. Olá, Josie, como está? — Avançou um passo e tirou o chapéu — Emily, tudo bem?

— Bom dia.

Ela se voltou procurando controlar os nervos e o olhou de frente. Era ele, não estava a sonhar e distinguiu em seguida os seus olhos cor água-marinha que brilhavam muito a tão curta distância.

— Que surpresa, doutor. O que o traz a Nova Iorque?

— Bom, eu... — pigarreou, e lhe cravou os olhos claros com uma angústia tal que ela sentiu um calafrio.

— Se precisa comprar alguma coisa, chamarei uma balconista.

— Não quero comprar nada. Vim para falar contigo.

— Senhora Gardiner, quando trarão os xales com as pérolas? — A cliente, da qual se esquecera completamente, tirou-a do estado de estupefação em que se encontrava — Josie diz que amanhã.

— Claro, senhora Moore, amanhã. Se Josie disse, assim será, não se preocupe.

— Podemos falar, Emily, por favor?

— Sinto muito, doutor Connaught. Agora tenho trabalho. Talvez em outra ocasião...

— Senhora!

Vivian, uma das donzelas da casa entrou correndo na loja e os sobressaltou a todos.

— É Charlotte. Está chorando outra vez e como pediu que a avisássemos...

— Sim, claro, já vou, Vivian. Muito obrigada.

Olhou para Josie com cara de pânico e se separou do balcão.

Tinha de sair dali, não queria falar com ele e muito menos arriscar-se a que Rosemund Shafterbury aparecesse a qualquer momento.

— Foi uma grande surpresa vê-lo, doutor, alegro-me que esteja bem. Josie, atende o senhor, talvez precise de alguma coisa.

— Sim, claro. Doutor? — Josie se dirigiu a ele, mas George não a olhava — Procura algum presente?

— Não! — Deu um golpe com a bengala no chão e a olhou fixamente — Obrigado, só quero falar com ela. Emily, por Deus bendito, tem um minuto?

— Olhem para esta linda princesinha...

Michael Shafterbury entrou com Charlotte nos braços e encontrou a sua filha pálida como papel e Josie igualmente alterada. Desviou os olhos para a porta e imediatamente reconheceu a figura de seu camarada George Connaught de pé, no meio da loja. Engoliu em seco, abraçou a sua neta e falou com uma tranquilidade espantosa.

— George, o que faz aqui, homem? Que surpresa.

— Michael, a surpresa é minha. Deixaste Bombaim?

— Sim, já vê, para dedicar-me à família. — Acariciou a carinha de Charlotte e olhou para Emily, que parecia à beira do desmaio — Esta lindeza já não chora, levarei ao parque.

— Tem febre.

O médico notou apenas com uma olhadela os olhos brilhantes da menina e as bochechas rosadas. Franziu o cenho e fez um gesto para ela com a cabeça.

— Sim, já sabemos, são os dentes. O seu médico nos disse que a febre é parte do processo.

— É, mas lhe deem algo sólido para que roa e se estiver gelado

melhor, isso aliviará.

— Eu trato disso.

Emily, por fim, conseguiu falar. Caminhou para seu pai, tirou-lhe a menina e se perdeu com ela na parte traseira da loja. Chegou ao ateliê e se apoiou na parede, abraçando Charlotte contra o seu peito. Olhou para as costureiras e lhes fez um gesto para que se calassem, porque queria ouvir a conversa entre seu pai e George, que continuava num tom bastante frio.

— O que o traz a Nova Iorque, George?

— Falar com a tua filha.

— Ah, sim? E isso por quê?

— Há vários mal-entendidos que precisamos esclarecer.

— Não acredito que ela precise esclarecer nada, está muito bem como está.

— Eu acredito que não. — Quadrou os ombros e olhou para o seu velho amigo, levantando o queixo — E, de qualquer maneira, trata-se de algo entre mim e ela, não estou pedindo a sua opinião.

— Não me desafie, George Connaught. Fui seu superior e seu amigo e mereço um pouco de respeito.

— E eu te respeito, Michael, só digo que passei vinte e cinco malditos dias em um navio para vir até aqui. Cheguei à cidade faz duas horas e vim diretamente para cá para falar com ela. Só peço dez minutos de seu valioso tempo. Achaque podes convencê-la a dá-los?

— E a sua esposa, a minha sobrinha Rosemund? Também passou vinte e cinco malditos dias navegando?

Emily fechou os olhos ao ouvir a risada grave de George.

— Esse é o primeiro assunto que teremos de esclarecer, Michael. Jamais me casei e muito menos com Rosemund

Shafterbury, a qual por certo não suporto. Foi uma desgraçada mentira urdida por minha irmã e se estou aqui é para que Emily saiba a verdade.

— Deus do céu!

Josie exclamou sem querer e se afastou dos cavalheiros para não parecer impertinente.

— E demorou mais de um ano para vir dizer a verdade?

— Quando voltei para Londres ela tinha partido e nem Winston, nem Mary-Anne, nem Sheen quiseram dizer-me onde estava. Foi uma casualidade que me inteirasse de seu paradeiro. Faz um mês me disseram que ela era agora uma viúva próspera que residia em Nova Iorque, e aqui estou.

— Não se casou? — Shafterbury, com um alívio enorme no peito se aproximou de seu amigo e o sujeitou pelo ombro — A sério? Sabe, por acaso, o quanto sofreu a minha filha, grávida e sozinha, imaginando-o com essa imprestável da Rosemunde?

— Oh, não!

Emily beijou a cabecita de Charlotte, à beira de um colapso. Era muito má ideia que soubesse da gravidez, isso não podia ser. Embora ele dissesse que não se tinha casado, não podia ser e quis sair e interromper o seu pai, mas já era muito tarde. George estava mudo e ela imaginava o porquê.

— Grávida?

— Não sabia?

— É óbvio que não.

Caminhou para o balcão e se apoiou nele, faltava-lhe o ar, Josie serviu um copo de água e ofereceu sem sorrir.

— Grávida? Bom, eu supus... — passou a mão pela cara —

Deus bendito! E onde está o nosso filho?

— Acabas de vê-la. É Charlotte, ela é a sua filha.

— Merda!

Emily não quis ouvir mais, agarrou bem a menina no quadril e caminhou depressa para a casa. Entrou feita uma fúria e subiu as escadas correndo. Chegou ao quarto e fechou a porta à chave.



— Não tinha nenhum direito, nenhum.

— O que queria? Que lhe escondesse a sua filha? Que lhe fizesse o que fizeram a mim? Que Charlotte não saiba quem é o seu pai? Emily!

Ela andava como um leão enjaulado, com um lenço na mão. Estava muito nervosa e tinha chorado toda a tarde. Um montão de sentimentos contraditórios lhe amontoavam no peito, mas havia uma só coisa que a preocupava e era que George queria ver a menina e naquela mesma tarde, não no outro dia ou em uma semana, não, nesse mesmo dia. Olhou para o seu pai e lhe dedicou um olhar assassino que ele ignorou.

— Eu devia decidir quando e como.

— Veio da Inglaterra. Não vou ser eu quem vai negará minha neta a possibilidade de desfrutar de seu pai.

— Devia ter me consultado sobre isso.

— Acreditei que sabia que estava grávida, todo o mundo sabia. E se lhe contaram que estava aqui, era normal que lhe tivessem falado de teu estado.

— Não assim. Meu Deus! — Ficou quieta e olhou para a

menina, que brincava no chão, alheia a todo — Onde está?

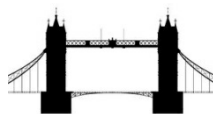
— Lá em baixo, com Beatrice.

— Não pode ser. Estávamos tão tranquilos e...

— Emily, escuta. — Agarrou-a pelos ombros e procurou os seus olhos. — Isto ia acontecer, mais tarde ou mais cedo, é melhor que seja agora, George é um bom tipo, não está casado, percorreu meio mundo para falar contigo e agora só quer ver a filha. Não tenha medo.

— Tem certeza que não está casado?

— Claro que não. Explicou-me o que aconteceu: aquelas estúpidas mentirosas quiseram magoá-la. Quando ele voltou para procurá-la em Londres, você já tinha vindo para cá e Winston lhe disse que a deixasse em paz. Ninguém lhe quis dizer onde estava e há meses que a procurava. Filha, olha para mim, eu confio nele, conheço-o há anos, é o pai da sua filha, deixa que a veja.



— Olá, Charlotte.

George Connaught caminhou para Michael, que tinha a bebê nos braços. Beatrice lhe tinha dito que tinha seis meses e que tinha nascido a 29 de dezembro, o mesmo dia de seu aniversário, em uma tarde muito fria, mas ensolarada. Ele tinha ouvido muitos detalhes da vida de sua filha com um sorriso na cara, porque depois do golpe inicial, uma felicidade enorme o embargava e não cabia em si de contente. Aproximou-se dela e lhe estendeu os braços.

— Vem comigo? Dói a boquinha?

— Levamos semanas com isto dos dentes. — Beatrice ficou de pé e acariciou a cabecita de Charlotte, que olhava para George com

os olhos muito abertos — e o doutor Robinson nos disse que isto mal começou.

— Mas vamos ajudá-la a levá-lo melhor, verdade, céu?

George lhe tocou na carita e uma corrente de energia estranha o fez estremecer. Beijou-a com carinho e foi como tocar na sua própria pele. Era uma sensação incrível e olhou para Michael e para Beatrice com os olhos úmidos.

— É linda.

— E muito esperta.

— Minha vida.

Abraçou-a contra o seu peito e caminhou com ela pelo salão. A pequena se deixava carregar com total tranquilidade e aproveitou que o olhava muito atenta para colocar-lhe o dedo na boca e comprovar as inchadas gengivas.

— Já tem dois dentes, mas ainda faltam sair muitos. A dentição é muito incômoda e eles ficam frustrados. Vamos dar-lhe um pouco de água de camomila e ides pôr umas cenouras cruas na geladeira com gelo. Têm geladeira? — Beatrice assentiu, fascinada — Quando estiverem muito frias vamos dar-lhe uma inteira, perfeitamente cortada e limpa, isso aliviará e poderá mordê-la, de acordo?

— Perfeito. Vivian — Beatrice chamou a donzela — ouviste o doutor, que preparem a camomila também.

— Sim, senhora.

A moça saiu e George se sentou com a sua menina nos joelhos. Era tão bonita que parecia uma bonequinha. Tinha o cabelo encaracolado, embora o dela fosse escuro como o de Emily e os olhos claros dele. Era uma mistura muito equilibrada de ambos e deu graças a Deus por poder tê-la entre seus braços.

— E Emily?

— Lá em cima. Está um pouco confusa e transtornada — Michael interveio, vendo a destreza com que George lidava com a pequena — É normal.

— Deixem-me subir e falarmos. Ela e eu sempre conseguimos falar...

— Agora, não. Está... — Shafterbury moveu as mãos sem saber como defini-lo. — Passou um mau bocado, George e não te esperava ainda. É um pouco violento.

— Entendo, mas preciso explicar-me ... — Charlotte se aninhou no seu peito, e ele a abraçou, beijando-lhe a cabecinha — E mais agora que sei que temos uma filha.

— Não sei como ela pôde superar tantas coisas e seguir em frente — Beatrice disse, sentando-se em frente a ele — Quando chegamos aqui parecia um fantasma, magra, abatida, arrastando a gravidez e a cara de pena pela cidade, enquanto lutava para abrir a sua loja e lidar com este novo país. Já vinha de uns meses terríveis em Londres, só e confusa e no entanto, teve força para ficar aqui e trabalhar para conseguir um lar para a sua filha. Custou-lhe muito e felizmente permitiu que ficássemos e a ajudássemos. Melhorou muitíssimo e já vê o que conseguiu. Mas o seu coração continua quebrado. Deveria ter paciência e esperar que ela esteja pronta para falar contigo.

— Esperarei.

— É dura como uma pedra, mas muito sensível. Devia saber isso melhor do que ninguém.

— Sei, sei.

Emily Gardiner viu do corredor como George abraçava pela

primeira vez a sua filha e se pôs-se a chorar. Deu um passo atrás e voltou para o seu quarto para esperar até que partisse. Tentava organizar os seus pensamentos.

Nem em seus melhores sonhos tinha aspirado voltar a vê-lo. Na verdade, jamais se permitia pensar em algo parecido, convencida como estava de que ele vivia com Rosemunde Shafterbury em Londres. Para ela ele tinha morrido a 1 de maio de 1892 e com ele, todas as suas esperanças de ser feliz e formar uma família.

Em um ano e dois meses não tinha deixado de pensar nele, nem um só dia, mais mesmo quando Charlotte nasceu e reconheceu nela algum de seus traços e como é óbvio, os seus lindos olhos cor água-marinha. Graças à sua filha, jamais poderia esquecê-lo, sabia e estava orgulhosa disso. Mas há meses que tentava relegá-lo para o fundo de seu coração, para não sofrer mais e vê-lo de repente ali mesmo, em sua casa, com a sua filha nos braços, tinha destruído, de uma assentada, todos os seus esforços, os seus planos e a sua tranquilidade.



— Charlotte ficou fascinada com o pai.

Beatrice comentou aquilo, como se nada fosse, enquanto tomavam o café da manhã, porque na véspera Emily se entrincheirou em seu quarto e não tinha podido falar com ela.

— É incrível como ele lida com ela. Tem muita destreza.

— É médico, está acostumado a lidar com crianças — foi a resposta de Emily, que não afastava a vista do jornal.

— Suponho que sim, mas é muito doce e carinhoso.

— O melhor é que a camomila e as cenouras foram estupendas para a menina. Passou muito bem a noite, não, Emily? — Michael Shafterbury atravessou, olhando-a de soslaio — Querida?

— Sim, dormiu toda a noite. Bom — disse e ficou de pé — vou trabalhar. Ontem acabei perdendo toda a tarde.

Levantou-se e saiu sem olhá-los. Tinha umas enormes olheiras e os olhos inchados porque tinha passado metade da noite a chorar e não queria que a consolassem com pena ou lhe dissessem qualquer coisa. Entrou na loja e trabalhou em excesso, primeiro no gabinete e depois ajudou as costureiras com uns bordados para não pensar, até ao meio-dia, quando o seu pai apareceu com Charlotte nos braços.

— Emily...

— Sim? — Olhou os dois e se levantou sorrindo para a menina, que esperneava feliz — Olá, minha vida. Aonde vai tão bonita? Dá-me um beijinho. — Agarrou-a para enchê-la de beijos, enquanto a menina ria às gargalhadas.

— Vamos passear um pouco. O pai dela veio para acompanhar-nos.

As quatro empregadas do ateliê o olharam com curiosidade, ao ouvir falar, pela primeira vez, no pai da pequena e olharam para a sua chefe para ver o que respondia.

— Muito bem, mas não voltem muito tarde.

— Não, tenho um jantar oficial e outros compromissos. Levarei George para conhecer o clube e os arredores e retornaremos em seguida.

— O clube? Nem dois dias em Nova Iorque e já precisa do clube?

— É para que possamos almoçar e jantar tranquilos, Emily. Um

médico inglês, jovem, rico e elegante como George Connaught é um alvo muito tentador para as damas locais. Ao pobre já o estão acossando com convites e hospedagens de todo tipo. — Michael Shafterbury percebeu perfeitamente o desconforto de sua filha ao ouvir o comentário e se alegrou, porque um pouco de emoção em sua vida não lhe viria nada mal — Então, vou apresentá-lo como meu convidado no clube. É um bom sítio para passar as veladas.

— Bom, adeus, minha vida. — Voltou a beijar Charlotte e a entregou ao orgulhoso avô — Desfrutem do passeio.

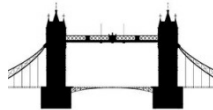
Esperou que o seu pai partisse e saiu para a loja para colocar-se atrás da vitrine. Apenas dois minutos depois viu George caminhando para o parque com Charlotte nos braços. Levava um traje azul escuro de corte impecável e um chapéu cinzento. A sua imagem representava, como normalmente acontecia, a quintessência do cavalheiro britânico: elegante e atraente, com o seu bigode muito bem recortado, a camisa de colarinho bem engomado, imaculada, e dando de presente à sua filha um sorriso esplêndido, enquanto a seu lado, o seu pai, Michael Shafterbury, competia com ele em dignidade e encanto. Ambos os nobres cavalheiros foram conversando e dois passos atrás deles estava Ruth, a babá, caminhava com o carrinho de passeio vazio. Emily suspirou, sem ser capaz de assimilar aquela idílica imagem, esticou a saia do vestido e voltou para a loja para chamar todas as empregadas ao ateliê.

— Bem. Ontem chegou a Nova Iorque o pai de Charlotte. Algumas já o viram e suponho que o continuarão a ver durante uns dias mais, porque veio para estar com a sua filha. Chama-se George Connaught, é médico e inglês como nós e bom...preferi dizer eu mesma isto a andarem a fazer especulações.

— Poderemos saudá-lo? — perguntou Mary O'Donnell, ante o olhar assassino de Josie.

Mas Emily suspirou e lhe sorriu com normalidade.

— Não sei, mas se passar outra vez pela loja, apresentá-lo-ei. Bom, isso era tudo. Voltem ao trabalho.



Saiu da casa de Liz Roth com Charlotte sentada em seu carrinho. A jovem e uma de suas donzelas a ajudaram a descer as escadas com a geringonça de passeio e depois lhe sorriu indicando-lhe com a cabeça a calçada em frente, onde William Butler esperava com um buquê de flores na mão. Emily bufou e ficou séria de repente.

— Que tipo mais chato! Não tem trabalho para fazer?

— Que não arruíne a tarde. Foi maravilhosa.

— Isso sempre.

Emily se tinha tornado muito amiga de Liz, que estudava literatura e ciências sociais e era também habitual a sua presença nas reuniões da Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres Americanas, onde, além de falar de política, sufrágio e feminismo, Charlotte se relacionava com outros meninos pequenos, filhos das demais assistentes. Era uma estupenda forma de conhecer gente interessante e estar tranquila e cômoda, sem chatos como aquele Butler acoossando-a com galanteios e adulações constantemente.

— Obrigada mais uma vez. Na semana que vem fazemos em minha casa.

— E o bonito inglês com olhos de cor impossível?

— Como?

— Já me falaram que um muito bonito patrício teu passa os dias em sua casa. Quando ia falar dele?

— É o pai de Charlotte.

— A sério?

Elizabeth Roth desceu um degrau e a olhou de frente. Ela e todas as suas amigas estavam fascinadas com Emily e com a sua história pessoal. Tinha-lhes falado de que trabalhava desde muito jovem e que vivia sozinha desde os quatorze anos, que tinha conhecido o seu próprio pai aos dezoito e que tinha sobrevivido, como podia, na zona mais pobre de Londres. Mas jamais tinha falado do pai de sua filha e ficou perplexa ante um comentário tão ligeiro.

— Sinto muito, não sabia. Muitas amigas me disseram que o viram com o Charlotte e com o teu pai, mas...

— Sim, é George, veio de visita.

— E está bem? Está contente?

— É uma história muito longa. Outro dia falamos, está bem? Agora não me apetece muito.

— Está bem, perfeito e uma coisa, se quiser que aquele indivíduo te deixe em paz — disse, olhando para Butler, que se aproximava dela com o sorriso colado na cara — diz a teu pai que fale com ele e que lhe exija que se afaste de você.

— Meu pai? Não tenho doze anos.

— Esse é o único idioma que entendem os idiotas como ele, já sabe, conversas de homens.

— Muito bem. Levarei isso em conta, obrigada.

— Adeus, Charlotte — disse Elizabeth, vendo como se afastavam e o pretendente se punha ao lado dela.

— Senhora Gardiner, que bonita, como sempre.

— Olá, William. Estás espiando-me?

— Não, embora para ser sincero, devo dizer que não me parece muito boa ideia que passe a vida junto a essas damas.

— Como?

— Têm fama de liberais e conflituosas. Não são gente com a qual deva se relacionar em Nova Iorque.

— Como é que é? — Deteve o passo e olhou para ele.

— É a minha opinião.

— E eu pedi a sua opinião?

— Não, mas... — Viu como ela reatava o passeio muito depressa e correu atrás — Sou daqui e sei o que é mais conveniente.

— Deixa-me em paz, William, por favor. Não tem dignidade?

— Eu adoro como é e não sou culpado do que sinto.

— Não me interessa, eu não gosto, nem sequer me cai bem. — Falou com tanto desprezo que se sentiu até culpada — E jamais te dei razão para pensar o contrário. Então, por favor, esquece de mim ou terei de falar com o meu pai para que se enfrente contigo, de acordo? Adeus.

Deixou-o de pé ao lado da loja e entrou ouvindo um revoo que provinha do ateliê. Saudou Josie com a mão, tirou Charlotte do carrinho e caminhou com ela em braços para ver o que acontecia.

— Deus bendito! O que se passou?

Entrou com passo firme e encontrou uma das aprendizes mais jovens sentada em uma cadeira, gritando e queixando-se e em frente a ela, de joelhos, George lhe inspecionava o braço do cotovelo até ao punho.

— Uma fratura simples — opinou o médico com sua serenidade habitual e em mangas de camisa.

Enquanto, Esther Phillips, a acidentada, observava-o de boca aberta, mais fascinada por ele do que por seu osso quebrado.

— Mas já o consertaremos. Preciso de talas e ataduras. Que alguém me traga umas tábuas lisas e cortem tecido, por favor.

— Eu vou. — Uma das empregadas saiu correndo para procurar o que ele pedia.

— Mas como isso aconteceu?

Emily se aproximou da garota e cheirou de raspão o aroma a loção de George. O olhou de esquelha e fixou a sua atenção em como ele apalpava o pulso e como, com um movimento preciso e brusco, pô-lo em seu lugar rapidamente. A garota chiou e Charlotte deu um coice.

— Está tudo bem. Vem cá, Charlotte.

Connaught estendeu os braços para a sua filha e Emily entregou-a para acariciar a cabeça de Esther, que chorava desconsolada.

— Carinho, a senhorita teve um acidente e vamos curar. Vai ajudar-me a curá-la? Olha, aí trazem o que necessitamos. Fica com a mamãe, enquanto eu coloco a tala à senhorita Esther, sim?

Devolveu-lhe a menina e se dedicou a colocar a tala no pulso de Esther Phillips com paciência, mas bastante depressa. Emily abraçou a pequena e juntas viram o processo sem perder um só detalhe, ela fascinada com a mestria que George sempre aplicava em seu trabalho e Charlotte mais pendente dos gemidos de Esther, que suportou a situação o melhor que pôde.

Aquilo lhe permitiu observar tudo o que quis: as suas mãos enormes, os antebraços fortes cobertos de pelo loiro, o perfil perfeito e as pestanas longas bordeando os seus olhos claros, que estavam

fixos na tarefa. Ele sempre tinha sido um homem atraente e varonil, mas para Emily, naquelas circunstâncias e depois de tanto tempo, pareceu-lhe uma espécie de anjo recém-caído do céu.

— Já está! Agora bebe líquidos, repõe as forças e descansa — sentenciou por fim, afastando-se dela.

— Muito bem, Esther. Vai para casa e descansa. Tira alguns dias e pede a alguém que a acompanhe.

— Obrigada, senhora Gardiner — disse a juvenzinha, que ficou de pé um pouco cambaleante para ir à cozinha beber água.

Emily suspirou com Charlotte nos braços e olhou para George nos olhos.

— Muito obrigada.

— Foi um prazer. Pode falar comigo uns minutos?

— Olha, doutor...

— Há oito dias que estou aqui, por favor, suplico-lhe. — Procurou os seus olhos negros sem atrever-se a tocá-la — Só uns minutos.

Emily assentiu e se encaminhou para o seu gabinete. Ele a seguiu, olhando para a loja, enquanto limpava as mãos com uma toalha que lhe tinham dado e quando chegou ao escritório, observou-a encolhendo os ombros.

— Em seu gabinete?

— Qualquer lugar é bom, não?

Emily abraçou Charlotte contra o seu peito e o convidou a sentar-se. George obedeceu, sorrindo para a menina.

— Quando ia dizer-me que tinha uma filha tão bonita?

— Nunca pensei que se interessasse. Para mim, você estava casado e formando a sua própria família...

— Emily, como... — disse, e se inclinou para frente, cravando-lhe os olhos claros — como pôde imaginar sequer que eu iria casar com outra? Com Rosemunde Shafterbury? Não me conhece...?

— Despediu-se de mim de forma bastante categórica...

Apoiou-se no encosto da cadeira, controlando-se para não hesitar, nem chorar, nem dramatizar a mais pequenina coisa. Acariciou a cabeça de sua filha e a embalou para adormecê-la.

— E depois a sua irmã e a própria Rosemunde se deram ao trabalho de ir à minha loja para contar-me sobre o compromisso. Não estava em condições de duvidar. Era o mais lógico e o assumi como tal.

— O mais lógico?

— Ela é uma dama da sua classe e você estava em idade de casar. Eu...

— Nos amávamos, somos você e eu, Emily. Como pôde acreditar...?

— Não fomos você e eu desde a noite em que me disse que não suportava nem olhar para a minha cara. — Engoliu em seco e deixou de olhar para ele.

— Estava aborrecido, cego e me comportei como um estúpido para contigo, mas assim que consegui clarear as minhas ideias, voltei para procurá-la.

— Demorou bastante...

— Procurei-a.

— Eu também o procurei — interrompeu-o, elevando o tom — como uma idiota, nos seus consultórios, em sua casa, pelas ruas e não aparecias. Tinhas ido embora, odiando-me e desprezando-me. Era a única coisa que sabia e a única que soube até agora.

— Jamais odiei-a, isso é impossível. — Esticou a mão e lhe roçou os dedos, mas ela se afastou — O que aconteceu nas bodas de minha irmã foi... muito duro de assimilar e me senti traído, era muito para aceitar que me tinha mentido e que me continuava a ocultar coisas. Fomos uma só pessoa, Emily, você sabia tudo de mim. Queria casar-me contigo, ter filhos, formar uma família e você estava mentindo.

— Disse que lamentava e os meus motivos eram de peso para continuar a ocultar certas coisas...

— Está bem, está bem. — Levantou as mãos e meneou a cabeça. — Isso já passou, sei os seus motivos, compreendo e já não me interessa nada daquilo. Já aconteceu e deveríamos esquecê-lo.

— Não acredito que eu seja capaz de esquecer tudo o que aconteceu naquela noite e nos meses posteriores.

Os seus olhos se encheram de lágrimas e procurou um lenço no bolso do vestido.

— Sei que sofreu muito.

— Não, não tem nem ideia.

— Eu também sofri. Senti saudades suas e estive procurando-a constantemente após. Não pode pensar que eu não sofri porque sabe o que sentia por você.

— Eu não sei nada, George e tampouco quero saber. Já passou o tempo e agora cada um tem a sua vida. — Ficou de pé, embalando Charlotte e o olhou com lágrimas nos olhos — O meu pai diz que é um privilégio para a menina estar contigo e estou de acordo. Pode vê-la todo o tempo que fique em Nova Iorque, mas eu não quero vê-lo, a sério. Não quero falar mais de um passado que ainda me dói, não quero voltar a chorar pelo que já chorei, nem recordar, nem reviver

tudo aquilo, por favor.

— Sinto muito, Emily, sinto muito.

— Bem, agora vou levar Charlotte para a cama. É a hora da sua sesta. Já falamos e obrigada por querer esclarecer-me isso das suas bodas e tudo o resto.

— Ainda fica muito sobre o que falar.

— Da minha parte, não.

— Como não? — Sujeitou-a pelo cotovelo e ela quis afastar-se, mas não pôde — Temos Charlotte. Não pretenderá que agora me esqueça disso.

— E isso o que quer dizer? Não vai levar a minha filha. Ela é minha e temos a nossa vida aqui...

— O quê? É óbvio que não vou levar a minha filha, mas que tipo de monstro achaque sou?

— De nenhum tipo, só quero deixar isso claro. Charlotte é minha e de ninguém mais.

— Não, Emily. Charlotte é minha filha também, mas essa circunstância não vai levar-me a tirá-la. É mãe dela, jamais faria algo semelhante, pelo amor de Deus.

— Muito bem, então não há nada mais sobre o que falar. Vem vê-la quando quiser, mas deixa-me em paz, porque não quero discutir mais nenhuma vez contigo.

— Não temos de discutir, Emily, por Deus. — Sujeitou-a melhor pelo braço, e ela o olhou com cara de pânico — Eu te amo. Não sei o que sente por mim, mas eu continuo amá-la e não penso ir embora dos Estados Unidos, sem antes ter tentado recuperá-la.

Olharam-se longamente nos olhos e ele sentiu o impulso de abraçá-la e beijá-la, mas ela, por fim, deu um passo atrás, com sua

filha bem sujeita contra o seu peito e se voltou para sair quase correndo para a casa. George Connaught baixou os braços, derrotado. Atirou a toalha sobre a secretária e saiu para a loja, que estava cheia, para falar com Josie.

— Pode pedir a alguém que me traga minha casaca? Josie, por favor. Ficou na casa.

— Claro, milorde. Um segundo.

— Obrigado.

Saiu para a rua e ficou esperando no jardimzinho de entrada das “Modas Gardiner”, sentindo-se o mais idiota dos mortais.



— O que aconteceu?

Emily entrou no salãozinho onde Beatrice chorava agarrada a seu pai, que por sua vez tinha um enorme sorriso na cara.

— Bea?

— Está tudo bem, querida. É que me condecoraram.

— Como?

Emily deu um passo para eles e olhou de soslaio para George, que observava a cena em silêncio.

— A rainha Vitória lhe outorgou a Cruz Vitória, que é a condecoração militar mais alta de todas as condecorações britânicas, Emily. É muito importante. — Beatrice se aproximou dela para agarrar-lhe nas mãos — Por seus serviços prestados na Índia. É uma enorme honra.

— Deus bendito! Quanto me alegro. Parabéns. — Abraçou o seu pai e lhe deu um beijo na bochecha — E tens de ir a Londres para

recebê-la?

— Não, não creio. Não sei, para já, aceitei-a, agradecido e depois veremos qual é o protocolo nestes casos. Sabe o que terei de fazer, George?

— Não, mas imagino que é a rainha quem deveria te dar.

— Bom, depois veremos.

— Teremos que comemorar. Anunciaremos na festa de meu aniversário, o que acha, Emily?

— Claro, é óbvio. É maravilhoso.

— Bom, de momento, vamos jantar. George, fica, homem, a cozinheira preparou um pudim estupendo.

Jantaram juntos. Emily se sentou muito longe de George, ao qual não dirigia palavra desde a conversa mantida em seu gabinete e quando os cavalheiros se meteram na biblioteca para tomar um conhaque, as damas foram para a cama para continuar a conversar um pouco sobre as novidades.



— Emily tem algum pretendente?

George abordou diretamente Michael. Levava semanas tentando evitar aquela conversa para não parecer desesperado, mas não podia mais, porque ela se comportava de maneira gélida para com ele e cada dia lhe era mais difícil aparentar que não se passava nada entre eles.

— Duzentos e cinquenta, pelo menos. — Michael Shafterbury se apoiou no encosto de sua cômoda poltrona e observou o seu camarada com um meio sorriso — Por quê?

— Não tenho direito de saber?

— Direito?

— Sou o pai de sua filha. Eu...

— Oh, não, amigo! Não vá por esse caminho.

— Como não? Ela e eu...

— Diz que a ama e que não suportaria que outro tipo se aproximasse e eu entenderei, mas não me venha com idiotices desse tipo, como é o pai de sua filha. Isso já sabemos e não acredito que seja impedimento de nada.

— Como não?

— George, pelo amor de Deus...

— Está bem. — Ficou de pé e se apoiou na batente da janela — Eu amo Emily e vim até aqui com a intenção de suplicar-lhe por outra oportunidade. No entanto e apesar de Charlotte, ela nem se incomodou em dar-me uma resposta.

— O que tem Charlotte a ver com isso?

— É nossa filha. Sei que nos amamos. Deveríamos dar-lhe um lar.

— Emily já lhe deu um lar, equivoca-se em tudo, George. Se quiser a minha filha tem de esperar que ela esteja preparada para aceitá-lo. Sofreu muito, chorou por você, sei que a esteve procurando durante semanas para pedir perdão e suplicar por mais uma oportunidade, mas o destino os separou. Agora simplesmente está transtornada com a sua aparição, dá-lhe tempo.

— Já passou quase um mês desde que cheguei.

— Pois se tiver pressa, volta para casa e dá tempo ao tempo.

— Não penso sair daqui sem ela e sem a minha filha.

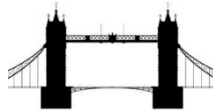
— E tu acha que ela quererá voltar para a Inglaterra?

— Se não quiser, ficamos, não me importa, desde que estejamos juntos.

— Bem.

— Mas há algum pretendente sério?

— Não, George. Há muitos, mas ela os ignora a todos.



— Está linda.

Beatrice a olhou através do espelho. Estava ultimando a sua indumentária, ajudada por sua donzela e viu a sua enteada entrar radiante no quarto. Emily lhe sorriu e se aproximou para arrumar-lhe a bainha.

— Deixa isso, não está trabalhando.

— É mania. — Abraçou-a pela cintura e lhe sorriu.

Beatrice estava muito bonita, com as suas bochechas avermelhadas e o cabelo loiro sujeito em um coque primoroso rodeado de pérolas. O traje era azul escuro, apertado na cintura e com saia ampla. As mangas levavam muito tecido e tinham sido debruadas com renda branca. O decote era quadrado e não muito profundo, mas sim muito feminino: à última moda.

— Está espetacular.

— Graças a vocês que me fizeram este primor.

— É seu, fica perfeito e é o nosso presente de aniversário.

— Obrigada. E você? Não me diga, Emily, por favor.

Voltou-se para ela e a sujeitou pelas mãos para admirá-la. Para a festa, Emily tinha escolhido um vestido maravilhoso, cor baunilha e que tinha margaridas lilases bordadas. Tinha um corpete muito

apertado e rígido, o qual moldava perfeitamente os seus seios, com decote barco, que lhe deixava os esbeltos ombros ao ar, a cintura era estreita e a saia não era muito ampla, mas com uma suave queda de seda que lhe conferia o aspecto de um anjo.

— Eu adoro que use o cabelo solto.

— Bom, Mary o prendeu com estes broches. — Virou-se para que visse o que a cabeleireira tinha feito com o seu cabelo — É muito cômodo usar o cabelo assim.

— Parece uma princesa. — Beatrice lhe acariciou o comprido e ondulado cabelo escuro, solto pelas costas, e lhe sorriu — E se parece tanto com o seu pai.

— Ele é muitíssimo mais bonito. Anda, estão à nossa espera.

— E o que passa com George?

— Não sei. Agora está no quarto de Charlotte.

— Emily... — Beatrice viu uma sombra de tristeza em seu semblante e a deteve antes que ela lhe virasse as costas para sair correndo — Quando vamos poder falar do assunto?

— Não agora, certamente.

— Não pode continuar a guardar tudo o que sente. Vai adoecer. Olha para mim. — Aproximou-a da cama e a obrigou a sentar-se — O que sente?

— Sinto-me terrível por não poder falar com o homem que tanto amei, isso é o que sinto.

— Pois fala com ele. O seu pai diz...

— Não sei, não posso. Por que não descemos para a festa? O meu pai está sozinho recebendo as pessoas.

— Claro, mas precisa desfazer-se dessa dor que tem aqui — disse e lhe tocou no coração — eu permaneço a seu lado para ajudar

no que for preciso.

— Muito obrigada, sei. — Levantou-se e a abraçou com força — Por isso, adoro-te, Beatrice Shafterbury, porque é maravilhosa e um farol no meio da bruma.

— Ui, que bonito! Vou chorar.

— Não, não chores, não arruínas a maquiagem. Anda, vamos de descer para acompanhar o seu marido.

Desceram e se colocaram na entrada, junto ao dono da casa, para receber os convidados, era o costume e Emily se propôs sorrir, oferecer a mão para que a beijassem e ouvir galanteios sem pigarrear. Inclusive saudou com amabilidade William Butler, que chegou acompanhado de seus pais e a seus olhos, fazendo desagradáveis demonstrações de admiração. A casa estava cheia e quando acabaram de receber as pessoas, misturaram-se com os amigos para provar os deliciosos manjares do coquetel e as bebidas.

— Mãe de Deus! Sim é bonito.

Elizabeth Roth sussurrou-lhe ao ouvido e lhe indicou as escadas. Por elas descia George Connaught vestido com um fraque clássico, mas complementando-o com um colete cinzento de seda primorosamente bordado. Emily engoliu em seco e lhe deu as costas. Desceu apressadamente os degraus e assim que pisou o chão, várias senhoras correram para saudá-lo, ao que ele respondeu com um grande sorriso em seus olhos de cor impossível.

— Vive aqui?

— Não, estava adormecendo Charlotte.

— Pois é espetacular e muito alto. Santo céu! Vem para cá.

— Senhoras, boa noite.

— Olá, George. Apresento a minha amiga Elizabeth Roth, Liz.

Este é o doutor George Connaught.

— O pai de Charlotte — particularizou a jovem — Encantada.

— Sim, o afortunado pai de Charlotte. O prazer é meu.

— Como se está dando na nossa cidade, doutor?

— Muito bem, obrigado. É muito grande e o clima por estes dias, estupendo.

— Sim, mas quando aperta o calor é desagradável.

— Teremos paciência. Emily — dirigiu-se a ela, que levantou os olhos pela primeira vez para olhá-lo na cara — podemos falar?

— Agora?

— Não sei. A sua agenda é impossível, talvez agora fosse um bom momento. — Cravou-lhe os olhos água-marinha e ela negou com a cabeça.

— Agora não.

— Quando terminar a festa?

— Não sei. Olha, eu... — Dirigiu a vista para o palco improvisado por Beatrice, onde uma pequena orquestra começava acomodar-se e se separou dele — Tenho coisas a fazer.

Saiu do salão e se meteu na cozinha. Não sabia que demônios estava acontecendo com ela, mas não podia enfrentá-lo, nem dizer-lhe o que ele esperava ouvir, nem nada de nada. Era como ficar paralisada e cada vez que o via perto, tanto a vista, quanto a razão se tornavam nubladas. Assim, como uma maldita covarde, ficou um pouco entre os garçons e os encarregados do coquetel, enquanto lá de fora lhe chegavam os sons do baile.

— Sai lá para fora, ou acabarão sequestrando George. — Josie, que estava radiante e feliz vestida de cor-de-rosa, entrou na cozinha para procurá-la. — Estão acossando-o. É horrível.

— Não tenho nada a ver com isso.

— Tem cinco anos?

— O quê?

— Está escondida na cozinha da sua própria casa, enquanto lá fora há uma festa. Não sei... É apenas um pouco estranho.

— Olha, Josie, eu...

— Sai daí e resgata George, ele não merece, o pobre. É tão educado que não sabe como defender-se e só está aqui por você, então, já chega e age em conformidade.

Arrastou-a literalmente de volta para o salão e uma vez lá pôde ver como George Connaught se debatia entre várias damas que o rodeavam. A maioria delas eram solteiras muito bem posicionadas e os seus pretendentes começavam a olhar para o inglês com muito maus-olhos. Emily sentiu pena, mas não foi capaz de agarrá-lo pelo braço e tirá-lo da confusão.

— Deve-me uma dança desde o Natal.

— No Natal estava prestes a dar à luz — foi a sua resposta a William Butler, que correu até ela ao vê-la chegar à pista.

— Por isso a deve. Não me envergonhe diante de nossos amigos.

— É muito chato, William.

— Só uma, por Deus, ou me ajoelho aqui no meio de todos.

Ela cedeu e permitiu uma valsa do mais aborrecida, colocando muita distância a seu par, o qual não lhe dava nem a mínima trégua, olhando para o chão e sem responder às perguntas e à conversa de Butler, que tagarelava como uma comadre.

— Permite-me?

A voz de George chegou a um centímetro de distância. Levantou

a cabeça e o viu com as mãos nas costas, muito educado, pedindo a William Butler que lhe cedesse a vez. O advogado olhou para ele muito confuso e George não esperou resposta. Agarrou a mão de Emily e a sujeitou pela cintura com decisão.

— Se não for assim, não consigo nada contigo.

— O quê?

— Estou há uma hora e meia aguentando toda esta gente. De verdade, não sabem falar? Viste como pronunciam? Ninguém lhes ensinou que existem consonantes?

— Mas como pode ser tão desagradável?

— Estou há uma hora e meia à sua espera. Vim por você e nem sequer se digna a estar uns minutos comigo.

— Estou ocupada.

— Só peço para conversar, Emily. Olha para mim. — Apertou-a contra ele e ela o olhou, carrancuda, sentindo os olhos de todos do salão nas suas costas — Tem medo de mim? Porque me evita?

— Não quero falar contigo e muito menos aqui e agora.

— Quando então?

— Não sei.

— Estou há um mês em Nova Iorque.

— E o que quer que faça, doutor?

— Fala comigo, sempre conseguíamos falar...

Ela fez menção de ir-se, e ele a sujeitou com força.

— De acordo. Bem, agora não...

Ficou em silêncio e lhe roçou a testa com os lábios. Ela estava tão bonita que não se sentia capaz de conter-se e deslizou a mão por suas esbeltas costas, sentindo o seu calor e como estremecia com o contato.

— Acredito que nunca tínhamos dançado juntos.

— Não.

— Por quê?

— Só deitava comigo.

Soltou uma gargalhada e Emily fechou os olhos sentindo o seu aroma tão característico e o som de sua voz a tão curta distância.

— Emily, nunca queria me acompanhar a nenhuma parte.

— Não era o mais conveniente.

— Sim era, claro que era...

Subiu a mão por suas costas até à nuca e se aninhou em seu pescoço, inclinando-se para alcançá-la. Deixaram de dançar e Emily soltou um suspiro ao senti-lo colado a ela. George percebeu a sua confusão e moveu a cabeça para beijá-la ali mesmo, diante de toda aquela gente, mas a voz desagradável de um tipo os deteve. Emily se afastou um passo e ambos olharam para William Butler com os olhos semicerrados.

— Emily, está bem? Este senhor está incomodando-a?

— Não! Mas o que diz, William?

— Ah, amigo! Não tenho nem ideia de quem é, mas não se meta, de acordo?

George Connaught lhe cravou os olhos claros e o norte-americano pestanejou com energia.

— William Butler, senhor. Sou amigo da senhora Gardiner.

— Ah, sim? E isso lhe dá direito a...?

— Perdão?

Butler quadrou os ombros e se aproximou mais daquele arrogante britânico que era muito alto e muito forte, mas do qual não tinha nem pinga de medo.

— Já chega, George — Emily o sujeitou pela casaca e depois olhou para o seu amigo, que estava começando a ficar vermelho de ira — Obrigada por sua preocupação, William, mas não preciso da sua ajuda.

— O que se passa aqui?

Michael Shafterbury se aproximou da pequena agitação que estava chamando a atenção de todos os seus convidados e olhou para o médico e para a sua filha, antes de fixar a vista naquele Butler.

— Senhor Butler?

— Não, nada, senhor Shafterbury. Acreditei que este indivíduo estava incomodando a sua filha.

— Indivíduo? Deus bendito! — George soltou, meneando a cabeça. Agarrou Emily pela cintura e tentou tirá-la dali — Vamos.

— Não, não vou. — Ela se voltou e o olhou com firmeza — Estou em minha casa e é a festa de Beatrice. Se quiser ir, pode fazê-lo.

— Não sem você.

— Pois terá de ficar e esperar.

— Estou há um mês à espera. — Agarrou-a pelo pulso e puxou-a — Pelo menos, saíamos um momento para o jardim.

— Disse-lhe que não, amigo, não ouviu?

William Butler, com a imprudência da ignorância, tocou-lhe no ombro. George, que estava cada vez mais alterado por culpa de Emily se voltou e o empurrou. O advogado tropeçou e se agarrou ao dono da casa para não cair no chão.

— Não me toque!

— George, por favor! — Emily o olhou, suplicante.

— Vai defender este imbecil?

— Não quero que lhe faça mal, de acordo?

— Está bem, então vou embora daqui.

Indignado, arrumou a jaqueta para sair, muito ofendido, para o jardim, mas quando ouviu a voz daquele tipo repreendendo-o aos gritos, ficou quieto no meio da pista de baile.

— Quem demônios acredita que é? Ah? Quem acredita que é?

— George Connaught, amigo — falou alto para que todo o mundo o ouvisse — o pai de sua filha, Charlotte e portanto, o suposto marido morto da dama, do qual, por certo, todos especulam nas suas costas.

As pessoas soltaram um murmúrio de protesto e Emily ficou quieta, impassível, olhando como lhe virava as costas e se dirigia para a rua a grandes passadas. William Butler quase se afogava da raiva, pálido como papel e Michael Shafterbury sorriu, meneando a cabeça. Olhou para a sua mulher, que parecia muito nervosa e lhe fez um gesto para que dissesse à orquestra que continuasse a tocar. Depois, fixou os olhos em Emily e quis consolá-la, mas ela se esquivou, saindo com muita energia atrás do doutor.

— Não pode vir da Inglaterra, aparecer de surpresa e supor que vou mudar toda a minha vida por você. — Chegou ao jardim, onde ele se passeava com um cigarro na mão e falou com calma, sem gritar e sem aborrecimento algum em suas palavras — Custou-me muito superar o que se passou entre nós, fazer uma nova vida e conseguir esta da qual eu gosto.

— Não quero que mude a sua vida por mim. Quero vivê-la contigo.

— Acreditei que nunca voltaria a vê-lo, que ia criar a minha filha sozinha, falando de você como de um fantasma, tinha-o aceitado,

estava aceitando-o e, de repente, não posso esquecer tudo e jogar-me em seus braços.

— Por que não?

— Por que não? Sabe por acaso...

— Sim, sei pelo que passou e sei pelo que eu passei, mas te amo e estou disposto a esquecer, a perdoar, a enterrar todas as nossas tristes lembranças para começar de novo. Temos uma filha, Emily, amamo-nos. Como podemos fazer tanto mal um ao outro?

— Não quero voltar a enganar-me. — Sentou-se em um banco da praça e tapou a cara com as mãos — Aterra-me voltar a passar pelo que aconteceu, George. Não acredito que pudesse voltar a superar.

— Não voltará a acontecer. — Ficou de joelhos em frente a ela e a obrigou a olhá-lo aos olhos — Amo-te, quero cuidar de você pelo resto da minha vida, de nossos filhos. Não voltaremos a separar-nos e não permitirei, nunca mais, que alguém se interponha entre nós ou lhe faça mal.

— É muito fácil dizê-lo.

— Estou disposto a tudo para tentar.

— E esquecer Paul Hamilton? Aceitar que a mãe de sua filha é uma delinquente?

— Emily...

— Não faz tanto tempo assim se envergonhava de mim. Como sei que isso não continuará a ser um problema no futuro?

— Olha... — disse e baixou os olhos e suspirou antes de falar — o que disse naquela noite foi fruto de um aborrecimento monumental. Hamilton me abordou quando saía para buscá-la, cinco minutos depois de ter falado com o meu pai sobre a minha intenção de casar-

me contigo e me disse tantas coisas, deu-me tantos detalhes sobre as suas atividades, que fui incapaz de rebatê-las, que não pude defendê-la. Esse tipo me provocou e conseguiu fazer-me sentir vulnerável, pela primeira vez em minha vida. Não tinha nenhuma arma com a qual protegê-la e não pude aplacar a raiva que sentia antes de chegar a sua casa. O meu erro foi ir ter contigo naquele estado, sem pensar e o que disse foi produto da humilhação e da raiva e me arrependerei toda a vida por lhe ter feito mal, de ter dito tantas barbaridades. Emily, olha para mim. — Ela se apoiou no banco e olhou para ele — Você era a pessoa mais importante da minha vida e de repente, não soube quem eu estava amando, o que havia realmente em seu passado, não sabia nada e te odiei, sinto muito, mas foi assim, odiei-a e me amaldiçoei por amá-la.

— Sei, pude senti-lo.

— Nessa noite foi assim e nas semanas seguintes, até que fui capaz de pensar, distanciar-me do problema e recordar quem era. Então, pude começar a compreender os seus motivos para fazer aquilo e para me ocultar aquilo e o mais importante, compreendi que não posso viver sem você, porque te amo. Você é o melhor que me aconteceu na vida e me sinto incapaz de sobreviver sem você.

— Procurei-o por tanto tempo, doutor.

— Sinto muito, dói a alma cada vez que tento imaginar pelo que passou e te peço perdão de joelhos. Mas sei que consegue compreender, sei que pode entender como me senti e que podemos consegui-lo e começar de novo.

— Entendo e perdoo, mas...

— Já sabemos o que é estar separados. Não voltaremos a cometer os mesmos erros. Emily?

— Não é tão simples assim.

— É tudo tão simples como queiramos que seja. Somos você e eu, Emily...

— Não quero voltar para a Inglaterra, nunca mais. Não vou deixar Nova Iorque e esta vida. Charlotte vai crescer neste país e eu não vou retornar, jamais, a Londres.

— Bem, estou de acordo.

— Não é uma decisão irrefletida, nem falo por falar, estou dizendo isso a sério.

— E eu também, ficamos aqui. Acredito que precisam de médicos eficientes nesta cidade — disse, e lhe sorriu tocando-lhe na cara.

— E a sua família?

— Charlotte e você são a minha família. Nada mais importa.

— Não, quero que medite sobre isto e pense...

— Já pensei. Desde que a vi aqui, soube que não quereria voltar e estou disposto a ficar.

— Está completamente certo?

— Juro por minha filha.

Aproximou-se e lhe deu um beijo, sem mediar mais palavras. Emily fechou os olhos e sentiu a sua língua quente e deliciosa dentro da boca, com o coração aos pulos. Jamais acreditou que o voltaria a tocar, a tê-lo tão perto e esticou a mão para acariciar-lhe a bochecha e olhá-lo nos olhos.

— Não vou voltar.

— Está bem, perfeito. — Levantou-se e se sentou junto a ela, abrindo o colete e tirando a gravata — O meu lar está onde estiver, Emily. Aqui, em Londres ou em Bombaim. Só quero estar com você.

Quer estar comigo?

— Sim.

Levantou a cabeça para o céu e olhou para as estrelas do firmamento, engolindo em seco. Era uma noite muito luminosa e apertou a mão de George quando ele a agarrou com força.

— Acreditei que nunca voltaria a vê-lo...

— Emily, não... — Esticou o braço e a abraçou.

— Shhh! Escuta, não pude falar com ninguém sobre isto, não era capaz nem de pronunciar o seu nome, sem começar a chorar. Estava um farrapo que até deixei de pentear-me, era um desastre. E quando Charlotte nasceu, prometi que ia recompor-me por ela, porque merecia uma mãe normal, no entanto, continuei apensar que não voltaria a vê-lo jamais e que continuaria sentindo-me só para o resto de minha vida, enquanto dormia, todas as noites, abraçado à sua nova esposa rica e de boa família.

— Sinto muito.

— Porque é que a sua irmã foi capaz de dizer aquilo?

— Porque é uma estúpida imatura e má pessoa, mas não permitirei que ninguém da minha família volte a magoa-la, jamais.

— Eu tampouco. — Girou a cabeça e o olhou nos olhos — Por minha filha sou muito mais forte e não quero que se aproximem de Charlotte, nem eles, nem os Shafterbury, nem ninguém parecido. Sinto muito, mas é assim. Consegue perceber?

— Está no seu direito.

— Bem. — Ficaram um longo momento em silêncio, ouvindo ao longe os acordes da música que vinha desde sua casa, da mãos dadas e muito aliviados — Quero fazer três perguntas.

— Só três?

Olhou-a de soslaio, sorrindo. Naquela noite e naquele momento teria dado a lua se ela lhe tivesse pedido, mas só queria fazer três perguntas e ele achou muita graça.

— Adiante.

— A primeira: por que se afastou de mim depois do fim de semana em Cambridge?

— Porque notei que gostava de mim, que sentia verdadeiramente atraída por mim e não estava preparado para dar coisa alguma. A única coisa que podíamos ser era amantes e não era o que merecia. Era muito jovem e sem nenhuma experiência, então dei um passo atrás e preferi me afastar de você.

— Quebrou-me o coração, não entendia nada...

— Sei, perdoa-me. — Quis beijá-la, mas ela se esquivou.

— Segunda pergunta: para onde foi depois de brigar comigo?

— Fui para Bath, onde estive um mês e depois viajei para Berlim para passar dois meses e meio estudando com a equipe do doutor Koch, Robert Koch, o descobridor do bacilo da tuberculose. Recorda que falamos sobre ele? — Ela assentiu — Estive estudando e trabalhando com eles até setembro. Então, retornei a Londres para procurá-la.

— Estiveste com outra mulher neste ano e meio?

— Essa é a sua terceira pergunta? — Emily o olhou, carrancuda, e ele meneou a cabeça de forma negativa — É óbvio que não, estou apaixonado por você.

— Isso não foi impedimento jamais para os homens, todo o mundo diz isso.

— Pois todo o mundo está equivocado em relação a mim. Eu não poderia tocar em outra mulher que não fosse você, Emily.

— A última pergunta: pensava em mim? Sentia a minha falta? Porque eu mal pude respirar pensando constantemente em você, sem que pudesse me libertar do buraco enorme que me fez no peito, naquela noite em que foi de casa tão zangado comigo...

— Minha vida... — Estendeu o braço e a agarrou contra o seu peito — É óbvio que senti a sua falta, cada segundo de cada dia. Como não ia sentir saudades de você, se é toda a minha vida ? Eu te amo e embora me tenha portado como um canalha desalmado contigo, nunca deixei de amá-la, nem quando lhe disse todas aquelas barbaridades naquela maldita noite em sua casa, Emily.

— Sabia que se pensasse em você, faria o mesmo e assim estaríamos um pouquinho conectados, apesar de tudo, até mesmo, apesar da sua mulher. — Afastou-se para olhá-lo nos olhos e sorriu, iluminando a noite. George estendeu a mão e lhe limpou as lágrimas — No fundo de meu coração, jamais pude aceitar que não me quisesse.

— Porque sabe que isso é de todo impossível.

— Parece-me mentira que esteja aqui. — Aproximou-se e lhe deu um beijo muito apaixonado.

George a sujeitou pela nuca e respondeu com a mesma urgência.

— Amo-o.

— E eu a você, minha vida.

Emily se aninhou em seu peito e ficaram em silêncio, ela aspirando o seu delicioso aroma e ele acariciando-lhe as costas, até que, passados uns minutos, procurou os seus olhos e lhe perguntou com os seus semicerrados:

— Por que não me deixou quebrar a cara àquele cretino

intrometido?

— Ao Butler? — Sorriu, meneando a cabeça — É insuportável, mas é só um pobre menino que nunca brigou na vida. Não queria que o matasse.

— Muito caridosa e senhorita Gardiner... — disse e se aproximou para beijar-lhe o pescoço — Você e eu, quando é que nos casamos?

— Casar?

— Sim, casar e se for dentro de uma hora, melhor.

Manhattan, Nova Iorque, 13 de novembro de 1893

— Doutor, doutor...

Peter, o mordomo, chamou o seu chefe através da porta entreaberta e George respondeu de seguida.

— O que aconteceu, Peter?

— Rosemary Winter. É o seu filho, diz que a sua mãe está muito mal.

— Bem, já vou, obrigado.

Espreguiçou-se e afastou docemente Emily, que dormia sobre o seu peito. Beijou-lhe a cabeça e se levantou amaldiçoando baixinho a pobre senhora Winter. Eram cinco da madrugada e lhes tinha dito que não o chamassem, exceto se piorasse muito, portanto devia estar muito mal, mas não gostava absolutamente nada de sair da cama para ir para a rua, onde estava um frio de morte.

— O que aconteceu?

— Shhh! Nada, céu, continua a dormir.

— Mas o que foi? — Ergueu-se na cama e George a olhou passando a mão pela cara.

— Não tem frio, linda?

— Como? — Olhou para si mesma e recordou que estava completamente nua. Esticou a mão e se cobriu com o lençol — Onde vai?

— Aos Winter. Voltarei logo... — Sentou-se para calçar as botas

e a viu levantar-se depressa e ir ao banheiro para vomitar — Está bem?

— Sim, sim... — Há uma semana que estava com náuseas, mas era normal — Estou bem.

Foi ao banheiro e a abraçou pelas costas com força.

— Carinho, fica na cama e descansa, sim? Precisa descansar.

— Estou perfeitamente bem. É este menino que se empenha em se fazer notar. — Sorriu-lhe através do espelho e George a beijou na cabeça, acariciando-lhe o ventre por cima do lençol — Vai e assim volta cedo.

— Amo-te.

— E eu a você.

Emily Connaught viu sair o seu elegante marido com aquele sentimento de orgulho que sempre a envolvia no que dizia respeito a ele. Era um bom médico, mas além disso, era abnegado e compassivo e seus pacientes o adoravam.

Estavam casados há três meses e doze dias. As bodas foram organizadas às pressas, porque George não queria arriscar que ela se arrependesse, conforme brincava com todo o mundo e se tinham casado a 1 de agosto em sua casa de Washington Square, na mais estrita intimidade e sob o rito católico. Emily era católica por sua mãe e a religião para George dava igual, então disseram «sim, quero» com uma missa curta, acompanhados pelos Shafterbury, pelos funcionários do ateliê, da casa e quatro íntimos amigos, entre eles Liz Roth, que desempenhou o papel de dama de honra.

Uma cerimônia simples, muito emotiva e que acabou com um longo e apaixonado beijo dos noivos, ante o olhar perplexo de sua filha de sete meses, que não perdeu um só detalhe do enlace e que

estava ainda mais bonita e elegante do que a própria noiva.

Não teve vestido de noiva, nem presentes, nem grandes dramalhões. Casaram-se quase a sós, como ambos queriam e tinham trocado alianças com lágrimas nos olhos, os dois, pois não podiam sentir-se mais felizes e apaixonados.

— É muito bonita, mas não sei se devo usá-la diariamente. Pode estragar...

Emily o olhou da cama, na noite de bodas, no hotel onde acabavam de reatar a sua vida íntima. Tinha proposto serem apenas noivos até ao enlace e ele tinha aceito, a contragosto e com bastante esforço. Mas o tinham conseguido e finalmente estavam desfrutando de uma noite de bodas linda e muito especial, no hotel mais elegante da cidade. Esse tinha sido o seu presente de bodas, além do anel de compromisso, que a recém senhora Connaught usava desde aquela manhã junto à sua aliança de matrimônio.

— É o teu anel de compromisso, deveria usá-lo.

Serviu-se de outra taça de champanha e se aproximou dela para sentar ao seu lado. Emily, com o cabelo solto e nua debaixo dos lençóis, olhava para a sua mão com o cenho franzido.

— Era da minha avó, Elizabeth, duquesa de Stevenage e a mulher mais divertida de Londres. A teria encantado.

— Não sei, eu... — Deu de presente um sorriso e o beijou na bochecha — Está bem, não tirarei. Eu gosto muito dele, obrigada.

— Demoraram duas semanas a estreitá-lo para o seu tamanho sem danificar os brilhantes, o justo é que o use.

— E você? — Levantou-se e se sentou em cima dele, agarrou-lhe a mão e lhe beijou o dedo anelar com a aliança de ouro reluzente — Vai usá-lo sempre?

— Claro.

— Ah, sim? Hmm! — Colou-se a ele para aspirar o aroma de seu pescoço e lhe beijar a orelha — Não há nada mais bonito que as suas mãos e com este anel são insuperáveis.

— Você que é insuperável, Emily Connaught, agora baronesa de Mansell...

— O quê? Não me chateie, doutor. Não será barão de alguma coisa? Por Deus.

Emily desabou na cama morta da risada e George deixou a taça de champanha na mesinha.

— Que cafona...

— Cafona e muito honorável, mocinha, não ria de meus antepassados...

Baixou a boca para os seus seios, seu abdômen, sua intimidade e suas pernas, sentindo-se o homem mais afortunado que pisava na terra, ouvindo a risada suave de Emily, que estava um pouco bêbada, depois de várias taças de champanha.

— E os de seus filhos...

— De momento dos de Charlotte. Pobrezinha, baronesa de Mansell.

Depois das bodas viajaram diretamente para Washington, acompanhados por Michael Shafterbury, para casarem na embaixada britânica, em frente a dois funcionários e sem nenhum romantismo, mas empenhados, sobretudo George Connaught, em oficializar o matrimônio em ambos os países e para todos os efeitos, fazendo o mesmo sobre o reconhecimento de Charlotte formalmente como sua filha, uma série de trâmites que lhes levou um par de semanas, até que puderam instalar-se tranquilamente em seu acolhedor lar, já

como marido e mulher.

Apesar dos protestos e discussões iniciais, Beatrice e Michael Shafterbury decidiram deixara casa para eles, um assunto que teve Emily muito preocupada e chorosa durante dias, porque lhe doía na alma separar-se deles. Mas para todo o mundo a questão era pura lógica: George necessitava de um espaço para instalar a clínica, ela não se podia separar da loja e os Shafterbury estavam encantados com a ideia de ceder-lhes a casa. A decisão era muito normal e finalmente, depois de três meses vivendo todos juntos, eles por fim tinham conseguido uma casa a dois quarteirões de Washington Square, grande e muito bonita, que estavam reformando para poder mudar antes do Natal.

O doutor George Connaught, por seu lado e como mandava a tradição, decidiu instalar a sua clínica no andar térreo de seu domicílio, em uma sala com saguão que era grande e luminosa. Pendurou uma plaquinha na porta da propriedade onde dizia: «Dr. George Connaught, DOUTOR EM MEDICINA» e se dedicou a negociar com seus velhos colegas da zona, como o doutor Robinson, o seu novo papel na comunidade, já que não queria interferir, em nada, no trabalho de seus colegas americanos. Tinha levado várias semanas lutando contra certas invejas e desconfianças, mas, passados uns meses, não podia estar mais satisfeito com o acolhimento que estava tendo em Manhattan e o seu consultório fervilhava geralmente com tamanha atividade.

Estavam contentes e apaixonados, tinham a vida simples e familiar que os dois queriam e Emily esperava um bebê para finais da primavera, uma alegria extra que tinha vindo preencher a sua felicidade definitivamente.

— Senhora Gardi... Connaught — a clientes e corrigiu, sorrindo-lhe — Josie diz que é impossível ajustar mais a cintura de meu vestido.

— Sim, é que pode perder a beleza do desenho, senhora Blackhill. É melhor manter como está, não parece? — Olhou para a roliça senhora e se aproximou para esticar a parte traseira do vestido.

Josie tinha partido furiosa por causa do empenho da dama em se ver mais magra, apesar de que já tinham ajustado demais o modelo e Emily tinha tido de intervir desdobrando toda a sua paciência.

— Está você muito bonita com ele. A cor arroxeadada é, sem dúvida, a sua cor.

— Você acha?

— Como é óbvio.

— Está bem, levo assim.

— Parece-me bem. — Emily levantou os olhos e olhou para Josie através do espelho, sorrindo — Claire, uma das moças, ajudará a despir-se, senhora Blackhill.

— Obrigada e parabéns por seu bebê. Está muito bonita.

— Ah, sim! Muito obrigada.

Afastou-se meneando a cabeça. George contara a todo o mundo sobre a gravidez e já eram, outra vez, motivo de fofoca e entretenimento para seus conhecidos, embora nunca tivessem deixado de sê-lo, desde a noite da festa de aniversário de Beatrice.

— Quantas provas faltam?

— Uma senhora, Laura Hiton Page, quer um vestido como o que usava no jantar do prefeito.

— O vermelho? — Josie assentiu — E temos um parecido?

— Sim, Mary já o tem quase preparado. Não é igual porque mede vinte centímetros mais do que você e facilmente poderia correr o Royal Ascot sem arreios, mas...

— Josie!

Ambas se puseram a rir às gargalhadas.

— A sério, é uma potranca puro-sangue — sussurrou a balconista, olhando de soslaio para as clientes que enchiam a loja — mas ela acredita ser uma fina flor de Berkshiree sendo assim, faremos o que pudermos.

— Estupendo. Viu George passar? Saiu às cinco da manhã e não voltou.

— Aí o tem.

Josie lhe indicou a rua e Emily espreitou para ver como ele conversava com o carteiro, com o seu casaco marrom escuro e com o chapéu na mão. Era tão bonito que suspirou com um sorriso na boca.

— Robert!

— Bom dia, senhoras.

— Olá, Robert, tudo bem?

Emily se voltou para ver o recém-chegado sorrindo. Era o noivo de Josie, um menino muito agradável e ajudante do notário do bairro e por isso decidiu deixá-los sozinhos, acabar o trabalho no gabinete e depois voar a casa para dar almoço a Charlotte.



— Tudo bem? — Sentou na cama e lhe acariciou a cabeça. George abriu um olho e sorriu — Deveria se despir para dormir.

— É só uma sesta.

— O que aconteceu? Disseram que queria ver-me com urgência.

— Isso sempre... — Esticou a mão e tocou na sua preciosa face, acariciou-lhe o cabelo e depois fixou os seus olhos claros nos dela — O meu pai vem a Nova Iorque, chega a 20 de dezembro.

— Bem, estupendo. Fico contente por você.

— Quer conhecê-la e ver Charlotte.

— Vem com a sua mãe?

— Não. Sabe que não quero vê-la

- Acredito que viaje sozinho. O que parece?

— Muito bem, é seu pai. Será bem-vindo em nossa casa.

— Gostará de meu pai, Emily. É um bom homem.

— Sei.

— Também me disse, na sua carta que Alice morreu, a minha prima, a esposa de Paul Hamilton.

— A sério? Mas como? Era muito jovem.

— Mais ou menos da minha idade. Era uma boa moça. Passamos muitos verões juntos, o certo é que a apreciávamos muitíssimo em casa.

— Sinto muito. O que aconteceu?

— Caiu nas escadas.

— De verdade? Mas que coisa mais estranha. — Pensou em Hamilton e o seu sangue gelou. Aquele tipo era capaz de tudo e olhou para George com a boca aberta.

— Acredita que seria capaz de fazer mal à sua mulher?

— Esse tipo fez mal a muita gente, doutor, havia até rumores que tinha matado à pancada duas prostitutas chinesas, adolescentes. Tinha fama de violento e agressivo, além disso era um drogado. —

Levantou-se e George a agarrou pelo pulso — Não vou continuar a falar desse tipo, revolve-me o estômago.

— Está bem, mas fica comigo.

— George, há muitas coisas a fazer e precisa descansar.

— Não, fica comigo. Tenho uma surpresa e é boa.

— O que é?

— Vão me deixar operar no Bellevue Hospital.

— A sério? Isso é maravilhoso.

— Sim, por fim se dignam a aceitar os meus serviços como cirurgião. O doutor Petersen me disse isso esta manhã, por isso demorei para voltar para casa.

— Deus bendito! É maravilhoso, meu amor. Que boa notícia! — Voltou a sentar-se na cama para abraçá-lo — Têm muita sorte em poder contar contigo e quantos dias por semana?

— Ainda não sei, mas combinarei com a clínica perfeitamente. Não vou me matar de trabalhar.

— Hmm! Logo veremos...

— Agora vai me dar um beijo? — Agarrou-a pela nuca para beijá-la com paixão, desejava-a a cada hora de cada dia e Emily suspirou sobre a sua boca — Céu...

— Tenho Charlotte à minha espera lá em baixo, quero comer e depois vou passear um pouco com Beatrice, não posso ficar, mas esta noite é nossa, de acordo? Deitaremos, leremos um livro e será todo meu, sim?

— Não, não posso esperar.

— Claro que pode. Além disso, tem de descansar, mal dormiu ontem à noite. — Saltou e se separou da cama — Esta noite você e eu, tranquilos. É uma promessa.



— Está acostumado a viajar com valete, mordomo, assistente... é melhor que fique alojado no hotel. Alugamos vários quartos e ficará cômodo.

— A sério? Mas se vem para vê-lo, quererá estar contigo — disse Emily, levantando os olhos do consomê.

Jantavam com Beatrice e Michael tranquilamente em casa, onde planejavam a iminente chegada do duque de Stevenage a Nova Iorque, sozinho, sem nenhum membro de sua família.

— E vou vê-lo e poderá ver Charlotte, mas não tem de alojar-se aqui, não é necessário.

— Bom, você deve saber, não me importa acomodar as suas necessidades.

— Sei disso e agradeço, mas conheço o meu pai e preferirá não aborrecer muito.

— Faz anos que não vejo Daniel. Bom, sim, o vi em Londres quando fomos conhecer Emily, não, Beatrice?

— Claro. Jantamos em sua casa e George chegou a tempo das sobremesas.

— Claro. — George olhou para a sua mulher que observava o relógio de parede tentando ver a hora — Tem planos, Emily?

— Vou a casa da Liz. Vai me emprestar um livro e tomaremos chá, importa-se?

— Sim, me importo.

— Voltarei cedo.

— Mentira.

— George, não seja criança.

— Não sou criança. É verdade.

— A associação está crescendo muito, não?

Michael Shafterbury olhou para o desgosto na cara de seu genro e depois fixou os olhos em Emily, que observava George com o cenho franzido.

— Já estão se fazendo notar demasiado.

— Demasiado? O que quer dizer com isso?

— Os proeminentes homens da comunidade não veem com muito bons olhos que as suas mulheres falem de e discutam política, enquanto tomam chá e comem biscoitos.

— Não incomodamos ninguém.

— Ah, não?

George atirou o guardanapo para cima da mesa e se apoiou no encosto da cadeira, indicando, à donzela, com um gesto que não queria sobremesa.

— Feministas liberais e contestatárias no meio da alta sociedade nova-iorquina são bastante incômodas. Estou só há cinco meses aqui e me dei conta disso. É insólito que vocês não tenham notado.

— Claro que notamos a desconfiança que desperta ver um grupo de mulheres a pensar, mas preferimos ignorar.

— Ignorando, não impedem nada.

— Incomoda-o, doutor?

— Não, céu, não me incomoda que pense, sempre o fez, não? O que me incomoda é que ambos nos matamos a trabalhar e que o escasso tempo de que dispomos para estar juntos você prefira passar com Liz e com o seu grupo.

— Isso é muito injusto. Dedico-lhe todo o tempo...

— Não, Emily. Não é verdade... — Levantou-se e olhou para o

seu sogro. Michael o seguiu com um sorriso — Um brandy? Um paciente me trouxe um Napoleon; deve ser muito bom.

— Não é verdade que não dedique a você todo o tempo livre de que disponho, George! — Ele se deteve a meio de caminho — Ainda estou falando com você.

— Não vou acabar o dia, que foi muito duro, discutindo, Emily. Se quer ir, faz o que quiser, como sempre. Não se preocupe comigo.

— Maldição! — Emily protestou baixinho e sentiu os suspiros de Beatrice do outro lado da mesa — O que se passa?

— Grávida e recém-casada, com Charlotte esperando no berço. Deveria ser mais prudente, querida, dizemos isso porque gostamos de você.

— Prudente? Por quê?

— Detiveram algumas ativistas, as meteram na prisão e fizeram maldades, aqui, na Inglaterra, na França, o seu pai não diz nada, mas está preocupado.

— Nós não somos ativistas de rua. Não vamos a manifestações, nem nada disso.

— Houve detenções em casas, até em igrejas. É perigoso e você está grávida, Emily, pensa em seus filhos.

— Não, estou acostumada a viver com medo.

— Claro, mas não é por você, mas sim pelos seus.

Beatrice se levantou da mesa e a deixou sozinha na sala de jantar. Emily Gardiner passou a mão pela cara e suspirou, contrariada. Obviamente o grupo já tinha notado as desconfianças que levantavam. Muitas mulheres casadas tinham deixado de assistir às reuniões, porque seus maridos o proibiam e estavam preocupadas com as notícias que lhes chegavam das ativistas detidas em Boston,

Washington e, até mesmo, em Nova Iorque. Mas não tinham a intenção de deixar-se intimidar, porque elas não saíam às ruas com cartazes, nem atiravam pedras à polícia ou entravam na prefeitura pedindo o voto aos gritos. Elas só queriam conversar e consciencializar o seu meio e as novas gerações. Mas talvez Beatrice tivesse razão e devesse parar e pensar em seus filhos. George jamais se atreveria a proibi-la de qualquer coisa e muito menos da sua assistência às reuniões, mas quem tinha de decidir o que era melhor para sua família era ela.

— Disse a Liz que já não assistirei com regularidade às reuniões em sua casa...

Entrou no quarto com a camisola posta. George levantou os olhos do livro de farmacologia que estava lendo e a observou enquanto se metia na cama.

— Não me sinto muito bem com esta gravidez e preciso me cuidar mais.

— Bem. Você decide.

— Sei. — Cobriu-se e o olhou nos olhos — Detiveram Emma Robinson em Filadélfia anteontem. É a filha do doutor Robinson. Detiveram-na enquanto participava em uma manifestação.

Acabava de saber e os sinais tinham sido claros: devia afastar-se um pouco da Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres Americanas, até porque, nessa noite, até Elizabeth Lho tinha recomendado.

— Já a soltaram, mas foi um grande susto para a sua família.

— Santo céu e que idade tem?

— É mais velha do que eu. Deve ter vinte e três ou vinte e quatro anos. Casa-se na primavera, embora com esta notícia, todo o

mundo especule sobre o futuro desse casamento, pobre Emma.

— Sinto muito.

— Por que o governo reage assim? Não entendo, sinceramente. Neste país, que é o das oportunidades, as mulheres continuam relegadas às cozinhas e aos salões de suas casas.

— As mulheres inteligentes assustam os homens medíocres. São perigosas porque são as proprietárias do lar, da educação dos filhos. São as mais adequadas a mudar a sociedade e ninguém, minha vida, quer mudar o mundo, pelo menos não de momento.

— Graças a Deus que você não é medíocre, nem tem medo de nada. — Se aninhou em seu peito nu e aspirou o seu aroma a limpeza. George esticou a mão e lhe acariciou as costas e o traseiro arrebitado, suspirando — Continua a parecer mentira, quando entro aqui e a vejo na cama, ou quando acordo de noite e posso abraçá-lo. É um milagre, doutor.

— É... Quer que leia um pouco de farmacologia? Sobre o ácido salicílico? É espetacular para as febres reumáticas. Emily?

Notou como ela começava a beijar o peito com a boca aberta e imediatamente ficou excitado. Deixou o livro no criado-mudo e a olhou para ver como tirava a camisola de seda pela cabeça, deixando à vista os seus perfeitos e abundantes seios e o tronco suave.

— Amo-o, George, tanto, que às vezes sinto como se o peito me fosse arrebentar.

Montou em cima dele e o cobriu com seu cabelo comprido e solto, George Connaught gemeu contra o seu pescoço e a penetrou com suavidade, acariciando as suas coxas sedosas e sentindo o movimento de seus quadris à beira do abismo.

— Eu te amo mais e não sei nem respirar sem você.

— Não é mau para o bebê o fato de não pararmos de fazer isto?
— Encostou a sua testa à dele e lhe falou em cima da boca — Diz a verdade, doutor.

— É óbvio que não.

— Ainda bem.

Abraçou-o e se entregaram juntos àquela paixão transbordante que compartilhavam, mordendo-se, devorando-se e amando-se com tal intensidade, que acabaram, depois do clímax, esgotados e ofegantes sobre os lençóis, Emily satisfeita e sorrindo-lhe com doçura, enquanto George, exausto e feliz, devolvia-lhe o mais radiante dos sorrisos em seus olhos de cor água-marinha.

Daniel Connaught, duque de Stevenage, chegou às nove da manhã do dia 20 de dezembro a Nova Iorque. Vinha cansado e aborrecido de uma viagem tão longa, mas ao ver o seu filho favorito, que estava com um aspecto magnífico e feliz ao pé do cais, esperando-o com a sua filha Charlotte nos braços, mudou-lhe o semblante e o ânimo de forma instantânea. Aproximou-se dele e lhe deu um forte abraço ante o olhar curioso e surpreendido da menina.

— Deus bendito! É igual a você.

— Não, na realidade se parece muito a sua mãe. São os olhos que enganam. — George olhou para Charlotte e lhe beijou a cabeça — Olha, minha vida, é o avô Daniel, vai me dar um beijo de boas-vindas?

— Não importa, logo me dará um. Como está, Charlotte? Está bem? — A pequena assentiu — É uma boneca, muito bonita e tem os olhos dos Connaught, sem dúvida.

Em Washington Square a casa brilhava de cima abaixo. Emily levava dias esperando a visita de seu sogro e se passeava nervosa pelos salões e pela sala de jantar verificando que tudo estava em perfeita ordem, enquanto o seu pai e Beatrice a seguiam com os olhos, sem saber como acalmá-la.

— Daniel Connaught é como George, simples e muito simpático, filha, não se preocupe.

— Isso espero, embora o certo é que George não é muito simpático com as pessoas, amável e cortês sim, mas muito distante.

— Parece isso?

Beatrice a olhou com os olhos abertos.

— Claro, só é agradável quando quer. Olhem, aí vêm.

Aproximou-se da janela e viu George descer da primeira carruagem com Charlotte e depois o duque de Stevenage, que envergava uma maravilhosa capa negra debruada a vermelho, uma cartola alta e tinha bigode, tal como George. Eram suficientemente parecidos, sobretudo na altivez e naquele ar de nobreza que ambos não poderiam jamais negar. Era alto, não tanto quanto o seu filho, mas bastante alto e estava em muito boa forma.

— Emily! — George a chamou do vestíbulo e ela correu arrumando o vestido — Querida, meu pai. Papai, apresento-lhe Emily.

— Encantada, milorde. — Por puro reflexo lhe fez uma educada genuflexão, e Daniel Connaught agradeceu o gesto, agarrando-lhe a mão para beijá-la. Depois se afastou e a olhou de cima abaixo.

— Mãe de Deus, tinham dito que era bonita, mas as palavras ficam aquém.

— Obrigada, milorde.

— É a pura verdade, linda e muito jovem. Quantos anos tem?

— Vinte e um — George atravessou, piscando-lhe o olho ao vê-la tão pálida — mas ela acredita ser uma anciã.

— Uma menina, isso é o que é e tão bonita quanto a minha neta. Já vejo a quem Charlotte saiu.

— Daniel Connaught em Nova Iorque! Quem diria?

— Michael! — A cara do duque se iluminou ao ver o seu velho conhecido, Michael Shafterbury — Que alegria! Georgie já me tinha dito que estavam aqui. Tudo bem?

— Tudo bem. Lembra de minha esposa, Beatrice?

— Claro, claro, já vejo que vai muito bem.

— Sim, não nos podemos queixar.

— E mais agora que vamos aumentar a família, não? —
Connaught olhou para a sua nora e sorriu — Já me tinham contado que esperam outro bebê para junho.

— Sim, milorde. — Emily olhou para George e este se aproximou para abraçá-la pela cintura — Estamos muito contentes. Quer tomar alguma coisa antes do almoço?

— Não, obrigado querida. Prefiro almoçar diretamente.

— Claro, pedirei que o sirvam em seguida. — Ela agarrou Charlotte em braços para ir à cozinha e então o duque a fez parar.

— Já sei, já sei a quem se parece, a Anne Shafterbury.

Emily olhou para o seu pai e este assentiu.

— Digo constantemente. É igual à minha mãe.

— Sim e lady Anne Shafterbury era a dama mais formosa de toda a Inglaterra.

O duque de Stevenage resultou ser um homem muito simpático, tal como tinham dito Michael e Beatrice e muito carinhoso para com George e Charlotte. Era agradável, tinha a mesma cadência na voz que o seu filho e cativou a sua nora poucos minutos depois de conhecê-lo, porque embora ele mantivesse com ela um trato afetuoso, mas algo distante, era um homem realmente interessante, culto e muito divertido.

Emily observou em silêncio e com enorme atenção os seus movimentos, os seus olhos claros e a sua forma de expressar-se, tão parecida com a de George, rindo com suas anedotas e com o seu bate-papo animado, enquanto ele a olhava de vez em quando, preso pela sua beleza e juventude. Várias vezes, durante seu primeiro

encontro, mencionou o quão bonita era, enquanto ela ruborizava até às orelhas.

— As manhãs no hospital e as tardes na clínica.

Emily ouviu o bate-papo de George e seu pai na biblioteca, onde se tinham encerrado para tomar um brandy a sós, através da porta entreaberta. Beatrice e Michael tinham partido para sua casa e ela ficou sozinha no salão, depois de deitar Charlotte para dormir a sesta, então se sentou no batente da janela a escutar tranquilamente o bate-papo, durante o qual o doutor tentava explicar a seu pai as suas atividades profissionais em Nova Iorque.

— Estou encantado com o hospital e...

— E o que faz para se divertir?

— Além de estar com Emily e Charlotte? — Ouviu como soltava uma gargalhada e ela sorriu — Há um clube e posso praticar esgrima um par de vezes por semana.

— Não joga rugby?

— Não, de momento, tampouco disponho de tanto tempo.

— E quando pensa voltar para casa?

— Estou em casa, papai. Não comece.

— Não começo? O meu herdeiro está vivendo no fim do mundo e não quer que pergunte?

— Esta é nossa casa e nosso lar. Não gosta?

— É muito bonito, mas mais pequeno até mesmo que a sua casa de veraneio em Bath. Não quer dar à sua família o melhor, George?

— Isto é o melhor para nós e Emily não quer voltar para Londres. Foi condição *sine qua non* para casarmos e como é óbvio, aceitei-a...

— Uma mulher vai onde vá o seu marido.

— E eu estou aqui.

— Não seja irônico comigo, George, pelo amor de Deus. — Emily endireitou as costas, com o coração pulsando muito forte — Entendo que esteja louco por sua mulher, é a moça mais bonita que vi em minha vida, além disso parece uma boa mãe e o adora, mas deve usar a cabeça. Você tem deveres, é o futuro duque de Stevenage, deverá ir à Câmara dos Lordes, cumprir com centenas de obrigações e ela também, isso deve saber, ter consciência da sua condição, de seu sangue, que é agora o de seus filhos. Deve compartilhar com a sua esposa os direitos e deveres com os quais nasceu. George, isso não pode ignorar, só por que lhe apetece.

— Não ignoro nada. Está saudável e vivo. Não sei o que acontecerá quando tiver de assumir o ducado, que espero que seja dentro de muitos anos, papai, mas agora a minha vida é esta e ficamos aqui. Emily tem os seus projetos, o seu trabalho...

— Essa é outra questão que não compreendo.

— Que questão?

— Que a sua esposa, a minha nora, trabalhe costurando para as pessoas. Não é adequado, não entendo como o permite, como seu pai o permite. Onde demônios têm a cabeça? É a sua mulher, George, uma Connaught, não deveria estar servindo ninguém...

— Não serve ninguém. Tem um negócio próprio, muito próspero e levantou uma empresa sozinha. Não há nada de mal nisso, não tem nada a ver com o fato de ser minha esposa e sua nora. Estamos quase no século vinte, não me venha com parvoíces, pai. — Emily notou como George começava a perder, pouco a pouco, a paciência e não gostou nada — Ela trabalhou toda a vida. É uma mulher

independente e eu gosto que assim seja, de outra forma, certamente, não teria me apaixonado por ela.

— Mas tema menina, ela está grávida, pelo amor de Deus...

— Grávida, não doente e o negócio é dela. Não passa as noites bordando para dar de comer à sua família.

— Não é adequado para a mulher de meu filho.

— Você, pai, pensa o que quiser. Mas não pretenda vir aqui, à minha casa e dizer-me como devemos viver, de acordo?

— Só estou opinando.

— Não pedi a sua opinião.

— Deixará que seja ela a governara sua vida?

— Como diz?

— Claro, não quer viver em Londres, quer trabalhar. Ela é quem condiciona o seu futuro...

— Embora custe, tentarei fazer com que entenda... — George ficou de pé e encarou seu pai, olhando-o nos olhos — Emily e eu somos uma só pessoa, tomamos as decisões em uníssono e não fingimos que eu dito pelos dois, nem que sou a única cabeça da família. Isso não é para mim, papai. Não quero que a minha mulher manobre nas minhas costas, para acabar fazendo o que lhe agrada. Prefiro que sejamos honestos e trabalhemos juntos por nossa família, embora isso suponha que tenha de negociar com ela os passos e as decisões que tomamos, fui claro?

— Isso é uma utopia. As mulheres sempre fazem o que querem em privado, então, se não nos impusermos em público, acabaremos devorados por seus caprichos.

— Tem uma opinião muito pobre das mulheres.

— Vivi mais do que você e acredito que as conheço um pouco

mais.

— Não às que são como Emily, papai. Você, em toda a tua vida, não conheceu ninguém como ela, sendo assim, as suas opiniões não me servem.

— Está cego e apaixonado, e não o culpo, é um bombom.

— Deus bendito! — George soltou uma gargalhada e Emily se levantou para sair dali, antes que a apanhassem a espionar — É preciosa, estou louco por ela, mas felizmente é muito mais do que uma cara bonita.

— Já vejo, já vejo, não tem de dizer-me isso, já estou notando isso.



— O que faz aqui?

— Deus! Que susto, George.

— Susto? E o meu, que estou há quinze minutos procurando-a por toda casa?

— Disse a Ruth que viria trabalhar um pouco.

Deixou a tesoura sobre a mesa e se agasalhou com o xale, estava sozinha no ateliê, era meia-noite e estava frio.

— Ruth está dormindo. Por que não está na cama?

— Não tenho sono.

— É tardíssimo.

— Sei, já vou. Vai você deitar.

— Nada disso. Vem comigo imediatamente.

— Só falta esta bainha. — Mostrou-lhe a saia de seda e George procurou uma cadeira para sentarem frente a ela.

Olhou-a e lhe pareceu estar vendo uma menina, com o cabelo solto e os olhos enormes e inocentes. Aproximou-se e lhe beijou a cabeça.

— Não deveria estar aqui. Aproveita para dormir, Emily. Não para todo o dia e a gravidez...

— Grávida, não doente. — Elevou os olhos negros e sorriu — Ouvi parte do bate-papo que tiveste com o seu pai esta tarde. Obrigada por me defender.

— Mataria para defendê-la, mas não estava lhe defendendo. Era só um bate-papo e com o meu pai é normal ser nesse tom.

— De qualquer maneira, não demorou muito para perguntar pelo seu regresso a casa.

— Já lhe esclareci as dúvidas. Anda, à cama. Está gelada.

Daniel Connaught permaneceu trinta dias em Manhattan esbanjando personalidade e simpatia. Era um torvelinho de energia e combinou perfeitamente a vida familiar com os seus inumeráveis compromissos sociais e oficiais, já que tinha viajado para Nova Iorque por um assunto comercial muito importante do qual era representante, como membro do Parlamento britânico, além de desfrutar de seu filho, de sua neta e da acolhedora colônia inglesa, que o recebeu com os braços abertos, porque se tratava de um membro da Câmara dos Lordes e portanto, uma novidade por aquelas terras.

Com Emily, a relação foi cordial. Ela se esmerou por atendê-lo e oferecer-lhe toda a sua hospitalidade e ele a tratou, em todos os momentos, com amabilidade e simpatia. Uma relação normal entre nora e seu sogro, embora tivesse preferido chegar a intimar mais com ele, a conversar como fazia com o seu pai ou seus amigos e a conhecê-lo mais a fundo. Não obstante, tal não fora possível, embora

ele partisse prometendo retornar, quanto antes, para visitá-los.

— Foi um prazer conhecê-la, Emily e obrigado por fazer o meu George tão feliz. — Foi a sua despedida antes de subir ao navio.

— Eu é que agradeço por ter vindo, milorde. Encantou-nos tê-lo aqui.

— Voltarei e uma coisa mais...

— Diga.

— Cuida mais de meu filho. É incrível como o acossam as mulheres deste país. Sempre foi muito solicitado pelas mulheres, desde que cumpriu os quatorze anos, mas estas damas são umas descaradas.

— Levarei isso em conta, milorde. — Pôs-se a rir e ele com ela.

Entrou na sala de espera de George e sorriu às duas senhoras, que ficaram de pé para saudá-la. O médico triunfava com os seus pacientes e de passagem, Charlotte e ela, que recebiam contínuas amostra de afeto e de agradecimento por parte de todo o mundo.

— Senhora Connaught, não pode estar mais bonita. Por Deus, quanto tempo lhe falta para dar à luz?

— Ainda três meses.

— Mas está radiante, não, Cybill?

— É verdade que sim, preciosa e a pequena Charlotte também está muito formosa. Ontem a vimos a passear com o doutor e dá vontade de comê-la. É igualzinha ao pai.

— Sim, é como George. Sabem se está ocupado há muito tempo?

— Uns quinze minutos com o meu marido.

— Muito bem, vou esperar.

Fez menção de sentar-se, mas nesse mesmo momento o senhor Fleming saía despedindo-se do médico. Ele olhou para a sua mulher e levantou as sobrancelhas ao vê-la muito pálida.

— Está bem?

— Sim. Preciso dizer uma coisa, mas posso esperar.

— Não, não, já se vão, não é verdade, senhores?

Os Fleming e Cybill Smithson se despediram com um aceno e Emily lhes disse adeus, antes de seguir George até ao seu gabinete.

— Mãe de Deus!

Apoiou-se na parede, tocando na barriga e se pôs tensa.

— Está bem? Emily?

— É só uma contração.

— Pode ser, mas ainda é muito cedo. — Acariciou-lhe o ventre inchado e sentiu o bebê. Movia-se com normalidade e olhou para os olhos assustados de sua mulher com um sorriso — Está tudo bem, querida. Está bem. Às vezes o que acontece é que...

— Olha.

Tinha um jornal na mão. Era um antigo número do Daily Telegraph de Londres, um dos inúmeros jornais que lorde Connaught tinha trazido em sua viagem, fazia pelo menos dois meses. George tinha pedido para dar-lhes uma olhadela e nessa tarde ela os revisava antes de jogá-los ao lixo.

— Não o tinha visto?

— O quê?

— O obituário.

— Que obituário?

Agarrou a folha que lhe mostrava e viu um obituário muito discreto, onde os empregados e diretores do jornal davam o último adeus ao seu repórter, Edward Grant.

— Conhecia?

— Era o repórter a quem demos a informação sobre Hamilton. Há meses que o acossava para que nos delatasse e ao que parece, Grant se negou determinantemente a revelar as suas fontes ou pelo menos isso parecia. Era o único que podia relacionar-nos diretamente a Hamilton.

— Então, é uma boa notícia?

— Não se Hamilton tiver tido algo a ver com a sua morte.

Separou-se de George e procurou uma cadeira. Estava grávida de seis meses e se sentia esgotada na maior parte das tardes.

— O que está insinuando?

— Que se não conseguiu nada do jornalista acabou por matá-lo. É perfeitamente plausível. Escreverei a Winston para ver se sabe de alguma coisa.

— Já passou muito tempo. Não acredito que Hamilton continue...

— Eu sim acredito — interrompeu-o — Esse tipo é sinistro.

— Vem aqui.

Sentou-se na beirada secretária e a acomodou entre as suas pernas. Sujeitou-lhe o ventre com ambas as mãos e esperou para sentir o menino. Depois, levantou a vista e a viu muito alterada.

— Se ficar nervosa, o bebê nota.

— Sei, mas é que não posso... — Os seus olhos se encheram de lágrimas e procurou um lenço — Talvez esse homem tenha morrido por minha culpa, talvez Winston e Molly ainda corram perigo em Brighton. Não sei como pude nesse dia delatar Hamilton, não sei o que nos passou pela cabeça para sermos tão imprudentes.

— Eu acredito que é coincidência, que Paul Hamilton já nem pensa em mandar você para a prisão, nem em nada disso. Passaram muitos anos.

— Antes de vir para aqui, Bob “*O Carvalho*” me fez uma visita na loja para advertir-me que Hamilton não queria levar-me para a prisão, que só queria acabar comigo e que lhe dava igual o modo.

— Esse homem foi vê-la?

— Sim. Um dia deixei que o filho dele, Fred, se escondesse na loja porque estava ser perseguido pelo policial do bairro e ele veio,

umas semanas depois, contar o que Hamilton planejava. Disse que eu era um alvo fácil e que o conde de Worsthorne estava obcecado em me matar que só queria vingar-se e que não lhe interessavam os tribunais, porque depois da intervenção de lorde Salisbury em meu caso, ele não podia arriscar cair no ridículo novamente.

— E você acreditou?

— Demorei duas semanas para apanhar o navio para aqui. Claro que acreditei nele, George. Era uma informação em primeira mão e fez como agradecimento por eu ter ajudado Fred. As coisas em East End funcionam assim...

— E por que é que era um alvo fácil?

— Porque você tinha me abandonado e todo o mundo sabia. — Suspirou e afogou um soluço. George fechou os olhos e apoiou a sua testa na dele — Estava sozinha e...

— Maldito filho da puta...

— Isso já passou. Agora só me preocupam Winston e Molly. Ela estará prestes a dar à luz.

— Amanhã lhes mandamos um telegrama, quer? Embora não acredite que deva se preocupar. Se Hamilton tivesse querido ir por eles, teria feito faz tempo. É um bode vingativo e meticoloso. Se ainda não lhes tocou, terá as suas razões.

— Porque é a mim que quer .

— Mas você está longe e comigo.

— Está bem, mas amanhã, à primeira hora, mandaremos o telegrama e veremos o que acontece, sim?

— Mas tem de prometer que ficará tranquila. Não é bom que se altere desta forma. Eu não gosto das contrações no sexto mês de gravidez. — Deslizou as mãos por seu ventre e o bebê respondeu

dando uma patada — Deus bendito, é incrível.

— Charlotte só se mexia quando me metia na cama. Este menino faz a toda a hora.

— Tem muita energia, sente? — Ela assentiu, limpando a última lágrima — É o nosso filho, Emily. É maravilhoso, deveria estar contente e não pensar em outra coisa.

— E estou. Mas não posso deixar de pensar em tudo, assim de repente.

— Sei... e te amo por isso.

Inclinou-se procurando a sua boca. Deu-lhe um beijo apaixonado e Emily se agarrou a seu pescoço para abraçá-lo.

— É a grávida mais bonita que vi em toda a minha vida.

Michael Shafterbury se esforçava por sua mulher, por sua filha, mas especialmente por sua neta Charlotte e mal tinha tempo para outra coisa que não fosse dedicar-se à família. O oficial do exército de Sua Majestade, que colaborava ativamente na legação diplomática de seu país, procrastinava compromissos e jantares vários para passar mais tempo com as suas garotas, como ele as chamava e dedicava as manhãs ensolaradas a passear pelo parque com a pequena Charlotte em seu carrinho, embora ela, muito inquieta, empenhasse-se em caminhar bem sujeita pela mão de qualquer adulto.

Nessa manhã de junho, Emily se tinha animado a acompanhá-los no passeio e brincava de correr com a sua filha pelo parque, que estava linda no seu ano e meio de vida, quando lhe sobreveio a primeira contração. Ficou quieta e olhou para Beatrice, que soube logo o que estava a acontecer.

— Já vem.

— Muito bem. Vamos para casa. Fica tranquila.

— Terá de avisar George. Está no hospital. Tinha duas apendicectomias. Talvez chegue tarde...

— Está bem, está bem. Não pense em mais nada e vamos para casa.

A parteira chegou antes de George, todo o mundo chegou antes de George e Emily começou a impacientar-se no meio das contrações seguidas e intensas que lhe partiam o corpo ao meio ou pelo menos, era isso sentia cada vez que aquela dor implacável lhe atravessava a

coluna vertebral.

Sentou-se na cama e se negou a deitar-se até que aparecesse o seu marido, agarrando-se à coluna do dossel em cada ocasião que lhe sobrevinha uma nova dor, com a cara banhada em lágrimas e decidida a não dar à luz àquele menino, até que não chegasse o seu pai.

— Maldição! Onde estava?

— Estava no sala de cirurgia, mas não há pressa. Como está?

— Como não há pressa? Merda, George, nota-se bem que não é você quem tem de parir.

— Emily, querida...

Aproximou-se dela, sorrindo para a parteira, que parecia escandalizada pela linguagem que utilizava a jovem e elegante senhora Connaught e tirou a jaqueta e o colete para atendê-la, embora ela se esquivasse, muito zangada, para caminhar um pouco pelo quarto.

— Por que não se deita, senhora Connaught? Já deve estar muito dilatada.

— Não! Não penso em deitar-me porque gosto de caminhar, então me deixem em paz.

— Não zangue com a senhora Smith, minha vida, ela só quer ajudá-la. Zanga comigo se quiser.

— Onde estava metido?

— Na sala de cirurgia, Emily. Já tinha dito.

— E ninguém pôde avisar?

— Disse que estavam proibidos de me interromperem.

— Merda! — Ficou quieta e aguentou a contração, apoiando-se na parede — Nem quando a sua mulher pode dar à luz a qualquer

momento?

— Pois não, porque temos tempo de sobra. Vem aqui, deixa...

— Não! Não me toque! Faz quatro horas que mandei chamar.

— Emily.

— Fora daqui! E volta para a tua maldita sala de cirurgia. Se pude fazê-lo uma vez, poderei fazer uma segunda, embora esta seja a última. Juro por Deus.

— Não penso ir embora. Não vou perder o nascimento de meu próprio filho, então não gaste energia...

— Fora!

— Emily.

— Fora daqui! — Indicou-lhe a porta e George bufou, ficando com as mãos nos quadris.

A parteira se afastou deles e observou aquele muito alto e elegante homem, pelo qual suspiravam as mulheres de meia cidade.

— Não penso perder este parto, querida.

— Certamente terá outros para assistir. Quantos bebês trouxe já ao mundo? Cem? Certamente a senhora Smith trouxe pelo menos o dobro, então deixa-me com ela e diz a Beatrice ou a Josie que entrem, por favor.

— Emily, pelo amor de Deus. Quero estar contigo...

— Faz quatro horas que eu quero estar contigo. — Começou a chorar, desconsolada e George olhou para a parteira, meneando a cabeça — E não pôde vir. Não interessa mais nada que ver o parto, pois não o verá. Deixa-me sozinha.

— Emily, está nervosa e é normal. Tens muita dor e o teu corpo está experimentando um montão...

— Não me diga o que está experimentando o meu corpo, porque

já percebi, mãe de Deus! — Agarrou-se ao dossel, já nem via bem por causa das lágrimas e chamou com a mão a parteira — Agora sim, Louise. Ajude-me, por favor.

— Emily... — George a agarrou pela cintura e ela o sujeitou pela camisa para falar-lhe o mais seriamente possível.

— Deixa-me, doutor. Não quero que esteja aqui, já não, então, fora de meu quarto.

— Não, nada disso.

— Olhe, senhor — disse Louise Smith, que ficou entre ambos e olhou para os olhos transparentes do médico, franzindo o cenho —, não quero a minha parturiente mais nervosa do que já está, por isso me fará um grande favor e sairá para o corredor a esperar com os outros. Se precisarmos de você, não se preocupe, que o chamarei.

— Sou médico. Eu...

— Para mim agora mesmo é um pai comum e normal e que pôs muito nervosa a senhora, que levava horas perguntando por você e sendo assim, por favor, espere lá fora.

A parteira, que era muito alta, forte e com um sentido de autoridade inflexível, forjado por anos de exercício profissional, empurrou o eficiente doutor George Connaught para o corredor. Ele viu a sua mulher desabando na cama, enquanto sujeitava o ventre com as duas mãos e quis resistir e atendê-la, mas não houve tempo. Em menos de dois segundos estava no corredor e com a porta fechada diante da cara.

— Jogaram-no fora?

— Não me quer ali — George olhou para o seu sogro e este pôs-se a rir às gargalhadas — Não vejo qual é a graça.

— Por que não veio antes?

— Tinha uma operação marcada. Sabia que não ia dar à luz antes de seis horas. Mas assim que acabei, vim diretamente.

— Ela queria o seu apoio, estar contigo e que a agarrasse pela mão, doutor. Parece mentira que não entenda...

Michael Shafterbury se sentou em uma cadeira e viu a sua mulher chegar apressadamente para entrar no quarto. Beatrice olhou para George e o viu nervoso e sem saber onde colocar as mãos, algo um pouco insólito nele.

— O que faz aqui fora?

— Não quer que entre...

— Por algo será. Não se preocupem, não me moverei de seu lado.

— Chama-me quando o bebê esteja coroando. Quero vê-lo nascer.

— Esteja o quê..? Bendito seja Deus — Foi a resposta de Beatrice, que entrou no quarto e fechou a porta de uma assentada.

George Connaught abriu alguns botões da camisa, tirou-a das calças e decidiu sentar-se em uma poltrona junto a Michael. Fazia um pouco de calor, era plena tarde e estava mais nervoso do que tinha estado em toda sua vida, porque não existia experiência mais inquietante para ele do que a inatividade. Colocou-se de pé um par de vezes ao ouvir os gemidos afogados de Emily e por fim, desabou em seu assento, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Como está? O que faz aqui fora, doutor?

Josie se surpreendeu ao ver os dois homens da família em silêncio, esperando no corredor.

— Jogaram-no fora — brincou Shafterbury morto da risada.

— A sério?

— O que acha? — George a olhou e escondeu a cabeça entre as mãos: estava à beira do enfarte e sem nenhum ânimo para brincadeiras — Sabe onde está a minha filha?

— Com Ruth. Não faz mais que perguntar por sua mãe.

— Vou vê-la.

— Não! Não, amigo, se não estiver aqui quando ela chamar, está perdido. Charlotte é muito pequena. Não se apercebe de nada. Ruth se ocupará...

— Maldição! — Levantou-se uma vez mais, farto de tanta espera e olhou Shafterbury nos olhos, que o observava com atenção — O quê?!

— É bom que por uma vez esteja do outro lado. Isto humaniza, doutor.

— Estou desumanizado?

— Como todos os médicos conheço.

Ouviram um grito estridente de Emily e, uns segundos depois, o pranto enérgico do bebê. Caminhou com decisão para o quarto, abriu a porta e entrou sem esperar que o chamassem. Emily ofegava, exausta, apoiada sobre os seus cotovelos, seguindo com os olhos Beatrice, que tinha o recém-nascido nos braços, enquanto Louise acabava o parto com mãos peritas.

— É um menino — disse-lhe com o rosto banhado em lágrimas e um enorme sorriso — Um menino.

— Bendito seja Deus. — Arrebatou-o a Beatrice para aproximá-lo da luz.

Era verdade. Um menino, saudável e perfeito. Acariciou-o com um dedo, comprovando que estava bem e se pôs-se a chorar sem conseguir impedir-se. Aproximou-o da mãe e o pôs em cima do peito.

— Está bem?

— Não posso responder a isso agora — respondeu completamente esgotada mas sorrindo, esticou a mão e lhe acariciou a cara com doçura — Não chores, meu amor. Estamos bem.

— Obrigado, minha vida. — Abraçou-a aninhando-se em seu pescoço — Não sei como agradecer por isso. É muito corajosa.

— George...

— Shhh! É muito corajosa.



Michael Daniel Connaught nasceu com três quilogramas e meio de peso e em perfeito estado de saúde, conforme determinou o seu pai, depois de um exaustivo exame médico. George estava fascinado com o bebê, porque era a primeira vez que podia desfrutar e fazer um seguimento tão próximo de um recém-nascido e porque o menino, que era energia pura, resultava ser um prodígio inesgotável de progressos e novidades diárias. Era lindo, são e muito mimoso e imediatamente sentiu por ele um amor tão imenso como o que sentia por Charlotte.

Emily se recuperou muito depressa do parto e se empenhou em amamentar o bebê, pelo menos durante as primeiras semanas, atividade muito saudável a olhos de seu marido, que a apoiou em sua decisão. E quando batizaram o bebê, um mês depois de seu nascimento e rodeados por seus amigos, ela já envergava a sua estreita cintura embainhada em um precioso vestido do verão, com o seu peso e figura de sempre, completamente radiante e feliz.

Nesse sábado, ele a seguia com os olhos pelo salão, servindo

bebidas e manjares vários, com seu sorriso, iluminando todos os cantos da casa, sem poder perdê-la de vista. Habitualmente isso acontecia com Emily, não podia deixar de observá-la. Era um ímã poderoso que o empurrava a tocá-la ou a olhá-la incansavelmente e que normalmente despertava comentários nas pessoas que não hesitavam em cochichar, por entre risadas, que ele só tinha olhos para a sua esposa, algo que era completamente verdade.

Suspirou vendo-a falar com Josie e seu prometido, até que a mão do mordomo em seu cotovelo o fez voltar-se para ele. Temeu que se tratasse de uma urgência médica que o obrigasse a deixar a festa.

— Trouxeram este telegrama urgente para você, doutor. É da Inglaterra.

— Obrigado, Peter. — Sujeitou-o e se foi para a biblioteca para lê-lo. Era muito longo e assinado por seu pai — Oh Deus!

— Passa alguma coisa? Não me diga que tem de sair. — Emily apareceu e o viu sentado na secretária, quieto, com um papel na mão e olhando pela janela — George?

— Um telegrama de meu pai. A minha mãe está muito doente. Teve uma espécie de ataque e não sabem o que é.

— Sim? — Aproximou-se da mesa e ele lhe deu a carta para que a lesse — E o que quer fazer?

— Como o que quero fazer?

— Não sei, o seu pai diz que deveria ir vê-la.

— Vem comigo?

— Não, sinto muito.

— Escreverei a vários médicos que conheço para que se ocupem e me informem e depois decidirei.

— Está bem, sinto muito.

— Deve ser um enfarte...

— Papai? — Charlotte, pela mão de seu avô, entrou procurando seu pai e ele se levantou de um salto para agarrá-la nos braços.

— O que quer, minha vida? Quer brincar?

— Irmãozinho?

— Viu o seu irmãozinho? Não deixam tocá-lo? Anda, vamos ver se... — Desapareceu com a menina pelo corredor e Emily olhou para seu pai, sem saber muito bem o que fazer com a carta de Daniel Connaught.

— O que se passa agora?

— A mãe de George está doente e o seu pai lhe pede que vá vê-la. Faz anos que não se falam e ela quer vê-lo.

— E quando partem?

— Para onde? Londres? Eu nunca. Se ele tiver que ir, imagino que muito em breve.

— E estarão tantos meses separados?

— Bom, já estivemos antes e...

— Não com Charlotte e o pequeno Michael. Duvido muito que George queira separar-se deles.

Emily olhou para a carta e a deixou sobre a secretária, sentindo um frio estranho nas costas. Ela amava George e faria tudo por ele, tudo, exceto viajar para Londres. Olhou para o seu pai e o agarrou pelo braço para voltarem juntos para a festa de batismo de Michael. Depois pensaria nisso, em outro momento. Além disso, George sabia a sua opinião, seus medos e apreensões e estava certa de que não a pressionaria para viajar com ele, isso jamais.



— Está piorando e não lhe dão muito tempo de vida. — Entrou na loja e lhe falou diretamente, embora ela estivesse despedindo-se de umas clientes.

— Sinto muito, querido, dá-me dois minutos? — Olhou nos seus olhos claros e sorriu, antes de acompanhar as senhoras até à porta. Depois retornou para seu lado, sujeitou-o pelo braço e o levou até ao seu gabinete — Sinto muito. Quando pensa viajar?

— Quem falou em viajar?

— Passou um mês e não melhora. Imagino que queira ir.

— Claro, mas se não vier comigo, que demônios pretende que faça?

— George...

— Sim, Emily. Não quero me separar e dos meninos. Serão, pelo menos três meses contando com a viagem e a estadia lá. Quer que passe três meses longe de meus filhos?

— Se quiser... — Engoliu em seco e espremeu a saia, nervosa.

Levavam quatro semanas recebendo continuamente cartas de Londres, que o pressionavam para ir ver sua mãe, não só como filho, mas também como médico e a situação se estava tornando insustentável. Ele mal dormia e ela se sentia cada dia mais culpada.

— Se quiser leva Charlotte. Ruth pode ir com vocês e embora me parte o coração, pode estar com ela e deixar que a sua mãe a conheça.

— Essa é a sua solução?

— Tem outra?

— Sim, que agarremos um maldito navio, os quatro e passemos

um mês na Inglaterra. Tampouco é tão terrível.

— Disse que não ia voltar, disse isso.

— Não é uma mudança. São umas férias. Preciso ver a minha mãe, não entende?

— É óbvio que entendo, mas não quero ir a Londres, sabe disso. Não me faça sentir culpada. Eu não o impeço de ir...

— Não posso separar-me de você. Não quero separar-me de você e necessitaria que estivesse comigo neste momento. Trata-se da minha mãe. Talvez quando chegar lá já tenha morrido.

— Sinto muito.

— Certo.

Deixou-a de pé no gabinete e saiu para a rua para pensar. Precisava ver a sua mãe, mas mais ainda, precisava de Emily e dos meninos e não pretendia viajar sozinho, ou só com Charlotte, até à Inglaterra para passar um maldito calvário totalmente desnecessário, por isso, suspirou pensando em soluções. Ela não queria viajar, e ele não o faria sozinho. Devia ter paciência e esperar as melhoras de sua mãe, que estava sendo atendida por vários médicos, alguns amigos dele, que não encontravam nada de estranho em sua estado de saúde, nada concreto, no entanto, ela não conseguia ficar de pé, nem caminhar, nem fazer nada por si só.



— George.

— Esquece, Emily. Estou bem... — Ela entrou na clínica depois de esperar que terminasse a consulta com o último paciente da tarde.

— Não posso ir a Londres, sabe, mas você sim. Só são três

meses. Não façamos um drama de tudo isto, por favor.

— Só são três meses?

— Sim, poderemos suportá-lo, e você estará muito ocupado lá. Certamente notará menos do que nós, que ficaremos sem você.

— Não é necessário. Não vou, pelo menos não de momento.

— Olha...

— Tudo bem. O que há para o jantar?

— Está muito zangado e não suporto vê-lo assim.

— Eu não suporto muitas outras coisas e tenho de aguentá-las.

— Passou por seu lado sem tocá-la e saiu para o salão onde estavam os meninos. Emily ficou quieta, respirando fundo para não chorar — Onde está a minha princesinha? Charlotte, vem jantar com papai?

O que no início se tratou de uma simples doença, rapidamente se converteu em um enorme drama familiar no palácio dos Connaught em Westminster. As cartas se multiplicaram com o passar das semanas e George passou de receber missivas de seu pai, a receber também de seus irmãos, que lhe contavam a tristeza que embargava a duquesa, no meio de sua agonia, por não poder vê-lo e despedir-se dele.

George começou a pressionar Emily com métodos de todo o tipo, passando do aborrecimento à doçura e vice-versa, enquanto ela aguentava as mudanças com bastante coragem, embora, no final, acabasse chorando sozinha e às escondidas para evitar continuar a discutir. Ele a amava e jamais lhe faria mal, mas precisava ver a sua mãe. Expor como uma necessidade imperiosa, que lhes ocuparia só um mês de estadia em Londres e começou a tentá-la com a possibilidade de ver Winston, Molly e a sua filha, visitando a sua loja e inclusive com uma romântica escapadela a Cambridge para recordar

velhos tempos.

— O que me diz? O navio é espetacular.

Emily revisava as contas da loja na secretária de seu quarto, de noite e vestida com a camisola de dormir. George, que acabava de voltar de uma consulta de urgência, recostou-se no sofá que tinha ao lado e lhe tocou o braço com o pé. Estava em mangas de camisa e sem gravata, muito depravado, observando-a atenta em seus números.

— Haverá algum dia em que não falemos disto? Até meu pai percebeu a perseguição...

— Passaram quatro meses. Não posso esperar mais, querida.
— Esticou o pé e lhe acariciou a cintura. Estava preciosa nessa noite, com os ombros descobertos e o cabelo solto e começou a desabotoar a camisa sem tirar-lhe a vista de cima.

— Estou ocupada, doutor.

— Demora só vinte dias, ficamos um mês e estaremos de volta em seguida. Serão umas férias. Onde estaremos melhor que em alto-mar, sem nada mais para fazer que desfrutar um do outro? Ruth está encantada com a ideia de conhecer a pátria.

— Leva Ruth e a Charlotte. Já te disse isso.

— Não é boa ideia.

— George, por Deus.

— Emily...

— Tenho duas faltas... — Afastou os olhos dos papéis e o olhou com cara de angústia. A dele se iluminou e lhe deu de presente um amplo sorriso.

— Sei... — Aproximou-se e a abraçou com todo o corpo. Afundou o rosto em seu pescoço e começou a beijá-la com a boca

aberta — É maravilhoso.

— Michael só tem cinco meses.

— Mas é maravilhoso.

— É um presente de Deus, mas não posso continuar a ter um menino a cada ano. Tenho de trabalhar. Há a loja e...

— A rainha Vitória teve nove filhos e governa um império.

— Muito gracioso.

— É verdade.

— Não deixarei que se aproxime de mim por cinco anos.

— Muito bem, mas agora já não há remédio e precisamos de umas férias, uma lua de mel. Podemos desfrutar muitíssimo no navio. Emily, por favor, não me deixe sozinho, será só um mês. Prometo.

— Desconheço-o quando fala assim. Não é assim, não entendo que não possa fazer isto sozinho: ir a Londres e cumprir com o seu maldito dever, porra!

Colocou-se de pé à beira das lágrimas. Estava outra vez grávida, com dois bebês em casa, a loja, as suas obrigações, a sua vida e ele se comportava como um pirralho dependente e malcriado.

— Ter a você e aos meninos mudou tudo. Não concebo a minha vida sem vocês. Peço perdão por precisar de vocês comigo.

— Não se faça de vítima, doutor.

— Só sou sincero.

Estendeu as mãos e a aproximou para abraçá-la. Afundou a cara em seu pescoço perfumado de violetas e ela só pôde levantar a mão e acariciar-lhe o cabelo.

— Jamais pediria que voltasse para Londres se não fosse necessário, é um caso excepcional, Emily. Por favor, não me faça continuara rogar como um imbecil.

— Tinha prometido.

— São só umas férias. Não gosta de ir de visita, sabendo que a sua casa lhe espera aqui? Fará bem o descanso e passaremos a viagem estupendamente.

— Só um mês?

— Só um mês.

— Promete? — Agarrou-lhe a cara com as duas mãos e o obrigou a olhá-la nos olhos.

— Prometo, milady.

— Está bem, está bem.

O *RMS Úmbria* era um dos navios mais seguros e luxuosos que sulcavam os oceanos nos finais do século XIX. Propriedade da Cunard Line e gêmeo do *RMS Etrúria*, que tinha levado Emily de Liverpool a Nova Iorque, o *Úmbria* esbanjava elegância e comodidades para os seus passageiros de primeira classe, que mal notavam a longa e tediosa travessia, entretidos com agradáveis cafés da manhã, muito elegantes, jantares com baile e as infinitas atividades que lhes ofereciam para fazer o mais agradável possível a sua estadia no enorme transatlântico, que contava com cinco conveses e uma capacidade para albergar quinhentos e cinquenta passageiros de primeira classe e oitocentos de segunda, com os seus respectivos refeitórios, zonas comuns, salas de baile e conveses de passeio.

Lorde e lady George Connaught, com os seus dois preciosos filhos e a babá, embarcaram no porto de Nova Iorque a 30 de novembro, no meio de uma tempestade de chuva e vento que os manteve alertas até entrar em alto-mar, onde a tempestade cessou de repente, dando-lhes de presente uns primeiros dias de travessia frios, mas muito agradáveis, durante os quais apenas saíram de sua bonita e muito cara suíte, que contava com dois quartos, salão de jantar e convés envidraçado próprio, uma verdadeira casa isolada dos buliçosos passageiros, que os observavam com um pouco de inveja, cada vez que os viam passear de braço dado pelo convés principal ou jantando a sós no refeitório, olhando-se nos olhos e visivelmente

apaixonados.

Ambos eram bonitos, jovens, muito elegantes e além disso tinham pagado trezentos e quinze dólares por pessoa, que era o que custava a suíte mais cara de todo o *Úmbria*, fofoca que os converteu rapidamente na grande atração da viagem.

— O que fazem as duas aqui?

George deu um último golpe de folha em seu oponente e caminhou para Emily e Charlotte, secando o suor da testa. Estava em mangas de camisa e envergava umas calças justas de cor bege, uma imagem extremamente atraente para a sua mulher, que estava há dez minutos observando em silêncio o combate de esgrima.

— Michael dorme a sesta e saímos para dar um passeio, porque Charlotte sente falta do seu avozinho e está triste.

— Está triste, minha vida? — Ficou de joelhos para olhá-la nos olhos, e a menina assentiu, agarrando-se a seu pescoço — Estou suado, preciso de um banho e trocar de roupa, acompanha-me?

— Senhora Connaught, um prazer. — O adversário de George se aproximou a eles com um grande sorriso — Julian Mills.

— Senhor Mills, encantada, George já me tinha falado de você. Graças a Deus tem alguém com quem praticar um pouco de esporte.

— O mesmo digo eu. E esta preciosidade é Charlotte?

— Sim, é. — George ficou de pé com a menina nos braços, e olhou para Emily para que o seguisse — Vamos, querida. Preciso trocar-me.

— O seu marido me disse que é uma boa jogadora de pôquer.

— Bom, nem tanto, embora melhor do que ele, tenho a certeza.

— Esta noite temos um jogo completamente legal no salão azul. Poderia vir, há mais senhoras convidadas.

— Sim? — Emily deteve o passo para olhá-lo na cara — Pois é uma boa ideia. Talvez vá, se os meninos dormirem cedo.

— Se quiser é às oito, depois do jantar. Esperamos que venha.

A partir dessa noite, Emily começou a passar as veladas jogando às cartas e conversando com as pessoas. Era uma ótima maneira de distrair-se e afastar-se um pouco de George, que quando ela jogava, aproveitava para ler e estudar um pouco. Os dias foram passando com placidez, muita paz e muito amor, porque passavam as noites amando-se na enorme cama de seu quarto, com as cortinas abertas para que a luz da lua, se existisse, iluminasse os seus apaixonados encontros.

— Bom dia, Ruth. Vai dar um passeio. Eu me ocupo.

Entrou no pequeno terraço para tomar o café da manhã e atender os meninos. George tomava café com Michael nos braços, enquanto Charlotte brincava em um canto da mesa com o seu cofre cheio de botões de cores e joias de bijuteria.

— Tem a certeza, senhora?

— Completamente. Toma um par de horas, sem problema.

— Obrigada, senhora. Adeus, meninos.

— Adeus. — Emily se aproximou de Charlotte e lhe beijou a cabeça — O que faz, minha vida? São lindos, não são? Estes são os colares que deu de presente a senhora Higgins? — Charlotte assentiu encantada com as suas novas aquisições e Emily dirigiu o olhar para George e Michael — E vocês, tudo bem?

— Muito bem.

George pôs de pé o bebê sobre as suas pernas para observá-lo melhor. Michael, muito erguido, flexionava os joelhos com muita energia, olhando pela janela para a chuva que caía a cântaros.

— Está muito maior. É incrível como o tempo passa.

— Faz seis meses em dois dias. Já é um homem, não é verdade, Michael? Sim? Papai? Diz papai, carinho.

— Papai! — Charlotte gritou, muito contente e saltou para os seus braços. George abraçou aos dois e olhou para a sua mulher com um enorme sorriso. A que hora chegou ontem à noite? Adormeci à sua espera.

— Não sei, meia-noite. Estive conversando com um senhor de Nova Orleans. Importa e exporta fio e algodão. Ficamos de nos verem Manhattan.

— Fazendo negócios, muito bem. Estou orgulhoso da minha mulher.

— E isto o que é? — Jogou uma olhada a uma revista médica que havia sobre a mesa — Silphium?

— Um anticoncepcional natural. Ao que parece é muito eficaz, e embora nunca o tenha receitado, estou investigando.

— Que interessante!

— Não quero passar o resto de sua vida fértil dormindo no quarto de hóspedes.

— Deus bendito! — Olhou-o de esquelha, servindo uma xícara de chá.

— É verdade.

— Quero mais crianças, mas não tão seguidas. Isso é tudo.

— Perfeito, compreendo. Minha vida, Charlotte, come um pouco de bolacha e depois saímos para caminhar pelo convés, o que acha?

— Não está nervoso por chegar a Londres? Só faltam dois dias.

— Não e você?

— Não sei. Estive pensando nos últimos meses que vivi lá e mal

os recordo. Foi como estar meio inconsciente. Mal tenho certeza dos passos que dei. É estranho e se misturam muitos sentimentos.

— Ficaremos bem.

— Disse a seu pai que vamos para o Grand Hotel?

— Claro, Emily. Não se preocupe com nada. O que quer fazer primeiro?

— Passear, visitar a loja, lorde Sheen e escapar um par de dias para a costa. Quero ver Winston e Molly, agora me dei conta do muito que senti a falta deles.

— E comer *fish&chips*?

— É óbvio! Hmm! Que delícia. Meu Deus, doutor, morro por prová-los.



Aportar em Londres demorou uma eternidade. Emily se levantou cedo nessa manhã de 10 de dezembro para preparar os meninos e ultimar a bagagem após vinte dias de travessia. Era como desmontar uma casa e passaram um dia inteiro pondo em ordem os baús, até que nessa manhã os moços chegaram à suíte para recolher a bagagem e por na rampa de saída.

Muito agasalhados e atentos, seguiram as manobras de atracação com paciência e quando se despediram do capitão e dos oficiais, o coração de Emily saltava no peito com a só possibilidade de pisar novamente em sua terra. George agarrou Charlotte em braços e ela fez com Michael e juntos desceram devagar para o cais onde lorde Connaught, em pessoa, os esperava com os braços abertos.

— Bendito seja Deus! Charlotte, preciosa, lembra de mim?

Então você é o Michael? Que bonitos! Filho, dá um abraço. — Pai e filho se abraçaram com força e depois o duque abraçou a sua nora com carinho, olhando de perto os olhos claros do pequeno Michael — Parece com o seu tio Simon, pequeno homem.

— Disse isso mesmo a Emily, embora ela diga que é como a sua mãe — respondeu George, abraçando uma Emily cada vez mais pálida, pelos ombros — Jonathan!

— Milorde, milady. É um prazer vê-los. Tem uma família maravilhosa, milorde.

O educado mordomo o saudou com uma vênica, embora George lhe desse palmadas nas costas com carinho.

— Obrigado, homem, já tem sangue novo a quem ensinar a jogar rugby.

— Será uma honra, milorde.

— Emily?

A vizinha lhe chegou tênue no meio do barulho geral, mas Emily se voltou para ela com ansiedade. Ali mesmo, a um par de metros, encontrou o sorriso doce e tímido de Molly. Os seus olhos se encheram de lágrimas e correu para abraçá-la com toda a alma.

— Não chore.

— Deus bendito. Como é que veio? Que surpresa!

— O doutor nos avisou e este é Michael?

— Sim, diz olá à tia Molly, minha vida...

— E ao tio Winston, digo eu.

— Winston. — Abraçaram-se com os bebês no meio deles, porque o seu amigo levava a sua filha, Emily, que tinha nove meses, nos braços — Olá, linda xará, mas que bonita é. Olha, George.

— Já vejo, já vejo. Olá, como estão?

— Não tão bem como você, doutor.

Winston lhe deu um apertão de mãos sorrindo. Ambos recordaram fugazmente a última vez em que se tinham visto e baixaram a vista sem necessidade de qualquer explicação.

— Esta Emily é muito bonita também. Olá, pequena — comentou George, tocando no rosto da menina, que era loira e muito rosada — Charlotte, viu que amiguinha mais bonita tem em Londres? Vai dar o presente que trouxe? — Charlotte, bem sujeita a seu pescoço, assentiu, olhando-os com curiosidade — Que bem! Dá no hotel, sim?

— Não vem para casa, filho? A sua mãe está ansiosa.

O duque de Stevenage saudou os amigos de sua nora com amabilidade, mas olhou para seu filho com os olhos muito abertos ao ouvir mencionar o hotel.

— Vou deixar a família e...

— Não, querido, vai a sua casa. Eu vou para o hotel com os meninos. Winston e Molly me acompanham, sim?

— Tem certeza?

— É óbvio que sim. Charlotte, dá um beijo a papai e vem comigo. — Entregou Michael a Ruth e agarrou a menina em braços — Logo o veremos, está bem? Nós vamos conhecer a nossa casa nova, quer?

Despediram-se no meio do porto e George partiu com seu pai e Jonathan, vendo com olhos de angústia como Emily e os meninos se separavam dele e como a sua preciosa filha ficava a chorar desconsolada ao perdê-lo de vista.

— Mas o que faz?

Molly lhe indicou com a cabeça a elegante carruagem com o

escudo dos Stevenage na porta, que se detinha de repente. Parou de repente e de dentro saltou o doutor com o cenho franzido e colocando o chapéu.

— Não chore minha vida. Vem comigo. — Esticou os braços para a menina, que lhe agarrou com força do pescoço — Não chore, Charlotte. Levo-a comigo.

— Dentro de um minuto passa...

— Não. Levo-a comigo. Em seguida nos reunimos com vocês no hotel.

— George...

— Não, Emily. Não suporto vê-la assim. Amo-te. — Aproximou-se e a beijou nos lábios, um gesto em público completamente insólito, que Emily recebeu meneando a cabeça — Uma hora.

— Muito bem.

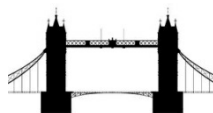
— Deus bendito, quem ia dizer que este homem tão bonito era também tão paizão? — Molly brincou, enquanto se instalavam na carruagem.

— Está como louco com os dois, mas com Charlotte é incrível.

— E você está linda, Emily. Recuperada. Olha que cara mais gloriosa, perfeita. Já não é o fantasma que era quando nos deixou...

— Bom, também ajuda o fato de que estou grávida. George diz que as mulheres se iluminam com a gravidez.

— Outro bebê? Mas o que se come na América? — Winston brincou, olhando de esguelha para a babá que ria vermelha como um tomate.



— Temos roupa infantil. Começamos por fazer vestidinhos de meninas iguais aos de suas mães e acabamos fazendo de tudo. Josie é um ás nos negócios. Ela me propôs isso e estamos tendo muito êxito.

— E o seu marido deixa-a trabalhar?

— Não tem que deixar, eu trabalho, sempre o fiz, Molly...

Deixou o bebê engatinhar pelo chão atapetado e olhou uma vez mais para a enorme suíte do Grand Hotel que lhes tinham atribuído. Tinha salão, sala de jantar, três quartos, dois banheiros, uma banheira de porcelana gigantesca no quarto principal e veludos e madeiras nobres por toda a parte. Assomou-se a uma das grandes janelas que davam para Piccadilly Circus e suspirou olhando para a agitação dessas ruas, as quais ela tinha percorrido incansavelmente, de cima abaixo, fazia tão pouco tempo.

— Meu Deus, tudo está igual. Quantas horas teremos passado, você e eu, rondando a praça, Molly?

— E mortas de frio...Que horror!

— Tudo está exatamente igual — repetiu impressionada por encontrar-se ali.

— Salvo que agora olha o mundo desde este privilegiado castelo.

— E aconteceu em tão pouco tempo, não é verdade?

— E que tal com o doutor?

— George é um presente do céu. Sempre o direi, e tudo está bem. Em Nova Iorque foi muito mais simples começar do zero.

— E seu pai?

— Oh, Deus! Esse homem é maravilhoso, a sério. Quase não trabalha. Está todo o tempo dedicado à família. É tão carinhoso, tão

especial, nem uma só vez acreditei que ia ter o privilégio de desfrutar de um pai e muito menos de um como ele, mas bom, como estão? Esta Emily Everhard é muito bonita.

— Outro presente do céu. É muito bom.

— Disse a Winston que quero mais filhos em seguida, mas ainda não aconteceu.

— Paciência, já sabe que isso chega quando Deus quer. — Desabou em uma poltrona, tirou o chapéu e olhou para os seus amigos com um sorriso — Alegro-me muito de vê-los...

— E nós a você.

— O que sabem de Hamilton?

— Nada. Desde que soubemos da morte do repórter, fiquei de olho aberto, mas nada de nada. Em teoria vive fora do país e não dá as caras por aqui.

— Melhor, mas estou certa de que estará atento e que já sabe que viemos. E os outros? “*O Carvalho*” e a sua turma?

Passaram horas conversando, comeram manjares deliciosos que lhes subiram à suíte, tomaram chá e às seis da tarde Molly e Winston se despediram dela para voltar para Regent Street, para a loja, onde ficavam quando visitavam Londres. Emily se despediu deles com um grande sorriso, mas começava a inquietar-se pela ausência de George e Charlotte, que levavam cinco horas sem aparecer. Por fim, deixou que Ruth deitasse Michael e se meteu na banheira com água quente para relaxar e tentar assimilar onde se encontrava.

— Como pode ser tão perfeita? — Falou-lhe colado ao ouvido e ela abriu os olhos devagar, até que se incorporou de repente, assustada, ao sentir a sua mão enorme em cima de seus seios.

— George!

— Não se mova.

— Mãe de Deus! Que susto! Que horas são? Onde está Charlotte?

— Oito, sinto muito. Já jantamos e Ruth a colocou na cama. Estava esgotada com tanta atenção... — Despiu-se muito depressa e se meteu na água ainda quente da banheira, que estava junto à lareira acesa — Deus, que agradável!

— Já passou todo o dia.

— É que estavam lá os meus irmãos, todo o mundo querendo ver Charlotte. Estive com a minha mãe, falei com os médicos. Enfim, pensei enviar alguém para avisar, mas me passou... Estão apaixonados por sua filha.

— Estava preocupada.

— Sinto muito. — Deslizou pela água para beijá-la.

Emily se acomodou para abraçá-lo e sentiu imediatamente a sua excitação.

— George...

— Shhh!, Deus bendito, como senti a sua falta, como te desejo. Emily, estou perdido sem você.



Stevenage House ou o palácio do duque de Stevenage em Westminster, datava dos inícios do século XVIII, contemporâneo do palácio de Buckingham, do qual era praticamente vizinho. Tratava-se de uma enorme construção branca imaculada de estilo georgiano, rodeada por uns jardins perfeitamente desenhados e cuidados por

vários jardineiros de uniforme. Emily, que já o conhecia por fora e pela área de serviço, onde a tinham recebido fazia mais de dois anos, quando procurava George desesperadamente por Londres, chegou a ele em uma primorosa carruagem com o escudo da família bem visível e com dois criados de libré, que falavam animadamente sentados na parte traseira do veículo, enquanto eles percorriam as ruas da cidade, virtualmente em silêncio, porque nessa manhã, a segunda em Inglaterra, Emily não estava para muitos bate-papos.

Deviam chegar antes do meio-dia à casa e se levantou muito cedo para vestir-se e arrumar-se com primor. Ela sozinha, sem donzela, que não tinha e com bastante habilidade, porque levava toda a vida arrumando-se sozinha, mas de pé diante do espelho. Não achava estar bem com nada e nenhum vestido lhe parecia suficiente.

Às onze da manhã, já tinha experimentado todos os modelos que tinha nos baús e às onze e meia vomitava de joelhos no banheiro, por culpa dos nervos e da gravidez, segundo o seu marido, que não queria opinar muito, vestido impecavelmente, como sempre, há horas.

— Está linda.

Percorreu com os olhos o vestido marrom claro que ela, por fim, tinha escolhido e que tinha ombreiras e um decote, não muito pronunciado, bordado com uma primorosa renda da Irlanda. O casaquinho e a saia se ajustavam à cintura e aos quadris, e caía de forma muito elegante e suave até aos tornozelos. Levava a capa cor chocolate aberta e tocava constantemente no cabelo, que tinha recolhido em um coque muito elegante, coroado com um chapeuzinho em tons marrons e com rede, que lhe assentava maravilhosamente. Emily era muito bonita e elegante, mas nessa manhã estava radiante.

— Emily?

— Disse obrigada.

— Não ouvi. O que se passa? — Inclinou-se para ela para procurar os seus olhos negros — Não esteja nervosa, só se trata de minha família.

— Não me sinto muito bem.

— Se estiver indisposta, pode deitarem meu quarto. Está igual a quando fui. Pode descansar lá. Ruth e eu nos ocupamos dos meninos.

— Não acredito que queiram conhecer-me. Na verdade, não sei nem para que venho. Eles querem ver você e aos meninos, talvez devesse voltar para o hotel. Tenho muitas coisas a fazer. Diz ao chofer que pare e eu vou a pé. Me faria bem dar um passeio...

— Não! Olha para mim, Emily.

Procurou os seus olhos e os viu cheios de lágrimas. Sabia perfeitamente como se sentia ante pessoas como a sua família, mas não podia permitir que fugisse constantemente deles ou jamais chegaria a acostumar-se a que tinha outra vida, outra família e outras obrigações.

— Quero que a conheçam. É minha esposa, mãe de meus filhos. É óbvio que querem conhecê-la, e ficarão encantados contigo.

— Milorde, milady.

Um dos jovens criados de libré abriu a pequena porta e Emily viu, ante si, um jardim e as escadas brancas que estavam diante da entrada principal. Assomou-se com o coração na garganta e viu o duque de Stevenage sair apressadamente para recebê-los.

— Emily, encontra-se bem?

— São os mal-estares da gravidez, papai, não se preocupe.

George a abraçou pela cintura e subiram juntos as escadas até ao saguão e depois caminharam para o salão, onde havia mais pessoas.

— Ah! Mas aqui estão.

Sophie, a irmã de George se aproximou com os braços abertos para agarrar em braços Charlotte e aproximar-se de Michael, que vinha nos braços de Ruth.

— Este é o pequeno? Mas se é igual a você, Simon. Olá, Emily, é um prazer voltar a vê-la.

— Olá, igualmente.

Emily saudou a sua cunhada e viu aparecer nas suas costas Simon Connaught, o irmão mais novo da família, que era loiro e tinha os olhos verdes como Michael.

— Encantada, Simon.

— O prazer é meu. Posso dizer que é ainda mais bonita do que imaginava?

— Não — George respondeu, tirando o casaco e o dos meninos. Olhou para a sua mulher e sorriu — Vamos ver a minha mãe, depois se quiser, recosta um pouco, sim?

Subiram as escadas em direção ao andar superior. A maravilhosa escadaria era de mármore, branca, enorme e Emily imaginou, sem querer, a infância de George e de seus irmãos ali. As inúmeras pessoas do serviço, os Natais, as festas, os domingos em família e não pôde evitar pensar em sua mãe e nela mesma, vivendo em uma casa similar, mas no andar de baixo e sem ver jamais os quartos, a biblioteca ou os jardins principais.

— É lindo, como a sua irmã. Olá, Michael. Olá, querido. Sou a tua avozinha Eleonor.

A duquesa os recebeu sentada em uma cadeira de balanço junto à janela. Estava muito agasalhada e a lareira ardia a bom ritmo. Assim que chegaram agarrou o bebê em braços para olhá-lo de perto.

— São muito bonitos, os dois. Nota-se que estão muito saudáveis.

— Sim, milady. A verdade é que graças a Deus ambos são muito saudáveis — respondeu Emily de pé e rodeada por George, seu sogro e Sophie, além de duas donzelas da dama.

— E Georgie me disse que esperas outro filho para o verão.

— Assim é. — Ruborizou um pouco e olhou para George, que estendeu o braço para sujeitá-la pelos ombros.

— É uma bênção para a nossa família. Os filhos são o maior presente de Deus e vejo que o meu George está feliz a seu lado.

— Obrigada, eu...

— Não diga nada. Os pequenos podem almoçar comigo? Jenni, que tragam o seu almoço aqui e comemos com eles. Não se importa, querida?

— Claro que não.

— Deixem-me ver. Charlotte, olha para mim. É o retrato vivo de seu pai e tem um papai muito bonito, não? Anda, ponham-nos aqui e almoçam com a avozinha.

Passaram umas duas horas junto à duquesa, que a Emily pareceu uma verdadeira beleza, muito mais que quando a tinha visto, fazia anos, na clínica de Cannon Street. Era amável e muito carinhosa para com os meninos e parecia muito forte, o que fazia afugentar imediatamente os rumores sobre o seu grave estado de saúde. Estiveram conversando sobre os partos, a evolução dos pequenos e todos aqueles temas domésticos que preocupavam

qualquer mãe e ao terminar o encontro, despediu-se, abraçando os seus netos com força.

A primeira toma de contato tinha resultado simples e agradável e quando nessa tarde retornaram ao hotel, Emily respirava mais tranquila, pensando que, talvez, ela não fosse um grande problema para a família Connaught, a qual, certamente, tinha acabado por aceitá-la.

— Eu a trouxe. Agora ocupe-se dela.

Eleonor Connaught, duquesa de Stevenage, aspirou o seu rapé com elegância e depois elevou os olhos para Paul Hamilton, que descansava com as pernas esticadas em frente à lareira.

— Não diz que está grávida? Tem o seu neto em seu ventre...

— Não quero saber desse pirralho. Toda a recompensa requer um sacrifício e a mim, os que de verdade me importam são George, Charlotte e Michael. Não imagina como são esses meninos. Lindos, vivos, muito formosos, tal como o meu Georgie.

— Não sei...

— Tem uma conta pendente com essa mulher, e eu a trouxe. Aqui a tem, então cumpre com a sua parte.

— Jamais acreditei que o levasse a sério, duquesa.

— Eu não faço nada de ânimo leve. Consegue ocupar-se dela?

— De verdade quer que liquide a mulher grávida de seu filho?

— Quero-a fora de nossa vida. Essa mulher arrastou George pela sarjeta, para longe de sua família, para o outro lado do oceano e se tiver que tirá-la do meio para recuperar o meu filho, farei o que for necessário. Já tinha dito isso... — Levantou-se e caminhou pelo quarto meneando a cabeça — Veste-se como uma dama, usando o anel de brilhantes de Elizabeth Connaught, mas se nota, a léguas de distância, que a sua mãe era uma faxineira. É tão vulgar.

— Não é verdade. É uma preciosidade e muito elegante.

— Pois toma-a e depois mata-a.

— Eleonor! — Hamilton soltou uma risada sarcástica.

— Não disfarce, todos a querem levar para a cama, todos a olham como se fosse um pedaço de carne e não os culpo, porque esse tipo de mulheres só serve para isso. Mas não para estar casada com um cavalheiro como George. Ele não sabe, mas faremos um favor e poderá ficar em Londres com os seus preciosos meninos e junto a nós.

— George não a deixa nem por um só minutos e ela não é boba...

— É mais esperto, Paul. — Caminhou para ele com energia e o olhou de frente. — É a oportunidade para se vingar. Procura o modo. Eu cumpri com a minha parte. Agora cumpre com a sua.

Paul Hamilton olhou para a sua tia favorita, levantou-se do assento e saiu do quarto sem despedir-se. Eleonor Connaught era tia de sangue de sua falecida esposa, Alice, mas sua segunda tia por parte de pai e se conheciam de toda a vida. Em parte Eleonor o tinha ajudado a fechar o compromisso matrimonial com Alice, que embora algo estúpida e superficial, era uma das herdeiras mais ricas de sua geração. Portanto, um troféu muito cobiçado, quando ele não era mais que um aristocrata falido e por isso lhe devia muitos favores, grandes e diversos e Eleonor sabia.

Depois da morte de Alice em sua casa de campo, a duquesa de Stevenage o tinha mandado chamar à sua residência em Westminster e o tinha informado que tinha muitas cartas de sua sobrinha contando-lhe a sua tragédia marital e o terror que professava a seu cruel marido, algo que ele tomou de ânimo leve, embora Eleonor, muito decidida, recitou de cor algumas das linhas que Alice escrevia constantemente a Londres.

— «Ata-me à cama, dá-me bofetadas e gosta de forçar-me, só desfruta se me forçar», lembra alguma coisa, querido?

— Alice era proprietária de uma mente muito frágil, querida duquesa.

— Frágil, sim, por isso sei que era incapaz de inventar semelhantes barbaridades. Diz que a obrigou a ter sexo com o seu mordomo negro, que se excitava vendo como ela se negava e gritava, que se masturbava em sua cara...

— Basta!

— Muito bem, calo-me, mas tenho-as, todas e posso imaginar que a queda de Alice pelas escadas não foi um fato assim tão acidental.

— Que insinua?

— Não, não insinuo. Sei que em um de seus ataques de ira a surra chegou longe demais e ela não conseguiu fugir, mas de momento não penso fazer nada contra você, embora pudesse fazê-lo, trazer à tona as cartas, publicá-las no Daily Telegraph como aquele assunto escuro em East End...

— O que quer, Eleonor?

— George disse a seu pai que fica para sempre em Nova Iorque. A puta de sua mulher volta a estar grávida. Instalou-se lá e continua sem falar-me, mas estou disposta a tudo para fazê-lo voltar...

— E em que posso ajudar?

— Sei sobre as contas pendentes que tem com essa rameira. Eu faço que George venha com ela, você a liquida, cobras as suas contas e eu recupero o meu filho.

— A sério?

- Tenho cara de quem está brincando?
- E o que pensa fazer para forçá-lo a voltar?
- Adoecer, gravemente e à sua mãe moribunda não negará nada.
- É médico. Como pensa enganá-lo?
- Faremos.
- Quem?

Hamilton se moveu incômodo e de repente, viu sair da sala de vestir uma mulher amadurecida muito familiar. Rose Shafterbury, duquesa de Monmouth, que o olhava com o leque fechado na mão.

- Olá, Paul. Como está?
- Que demônios...?
- Rose tem motivos para querer desfazer-se dessa mulher. Ela entende a minha angústia e se ofereceu para ajudar-me. Eu adoecerei e trarei o meu filho. Quando o trouxer, se ocuparás dessa Emily Gardiner?

— Daremos de bandeja, querido... — sussurrou Rose Shafterbury, que se tinha convertido na fiel aliada da duquesa de Stevenage, desde que soube que aquelazinha tinha conseguido casar-se com George Connaught e converter-se na esposa de um nobre.

Aquilo era mais do que podia suportar e precisava vingar-se dela, de Michael Shafterbury e de toda a humilhação que tinha sofrido, depois que ele tinha aparecido em Londres para atacá-la e pô-la em ridículo, publicamente e contra seu marido.

- Nós a traremos, e você executará.
- E você por quê? Não é acaso familiar...?
- A filha bastarda de minha costureira, isso é o que ela é e

meus motivos são poderosos. Mas o meu afã agora é ajudar a pobre Eleonor, que não merece passar por isto e perder o seu filho, por culpa daquela víbora.

— Tem-nos feito mal a todos e agora prende o meu pobre George longe de sua família e de suas obrigações...

— Visto desse modo...

— Fará?

— Farei.

— Muito bem. Dá-me tempo e a trarei para Londres.

Depois daquele bate-papo, fazia um ano, não tinham voltado a discutir o assunto e Paul Hamilton praticamente o tinha esquecido, até àquela mesma noite, quando Eleonor o tinha chamado, em segredo, a seus aposentos, para pedir-lhe que cumprisse com a sua palavra. Um compromisso que ele cumpriria, como não, embora o fato de que a moça estivesse grávida e fosse mãe já de dois filhos de George Connaught o fizesse sentir algo muito parecido à lástima, em seu frio e duro coração.

A primeira vez que se sentou à secretária de sua suíte para escrever uma carta a seu pai e a Beatrice, teve de procurar com muito cuidado as palavras para evitar transmitir o que na verdade sentia, por isso lhes falou do clima, da surpreendente experiência de estar outra vez em sua cidade, do colorido das lojas londrinas, de suas ruas, da elegância das damas que vestiam à última moda e evitou descaradamente o desgosto crescente que experimentava em sua alma. Estavam há pouco mais de uma semana em Londres e de repente, George tinha desaparecido de seu lado, ocupado com os seus compromissos no clube de cavalheiros, na faculdade de medicina, na escola de cirurgiões e junto aos veteranos de guerra, sem contar com a atenção permanente de sua mãe, que apesar de sua visita, não melhorava.

Viam-se pouco e começaram a discutir em seguida. Emily passava os dias preenchendo o seu tempo como podia, passeando acompanhada por Winston ou Molly, que tinham tido a deferência de ficar com ela na cidade, ou visitando os armazéns de tecidos, sedas, fios e chapéus; reunindo-se com lorde Sheen, ou passando as tardes em sua loja de Regent Street, que gozava de um maravilhoso sucesso. Tudo com o intuito de entreter os meninos e aplacar, de algum modo, a inutilidade de sua presença ali.

Todas as tardes visitava durante uma hora a duquesa de Stevenage e o resto do dia o passava sozinha com os pequenos. Que demônios fazia ali se tinha milhões de coisas para fazer em

Manhattan? Além disso, nem sequer servia de companhia a George, que não tinha tempo para eles e muito menos quando descobriu, com enorme surpresa, que ele estava retomando o costume de passar as manhãs no Royal Hospital Chelsea, uma ideia tão descabelada que não pôde evitar reprová-la, depois do qual acabaram discutindo aos gritos.

A viagem era em si mesmo um desatino, estava cada vez mais convencida e quando os constantes comentários de sua sogra, tentando convencê-la dos benefícios de criar os meninos na Inglaterra, com as suas tradições e o valor de seu sobrenome, começaram a ser sistemáticos e sem trégua, temeu que George estivesse pensando em alargar a sua estadia na cidade ou, pior ainda, que estivesse ponderando a possibilidade de ficar para sempre.

É óbvio, não podia falar sobre isso com ele, pois ele estava na defensiva, cada vez que o esperava para conversar sobre o assunto, até que uma noite, três semanas depois de ter pisado na Inglaterra, o assunto rebentou na cara a Emily, deixando-a completamente desconcertada.

— O que aconteceu?

George entrou na suíte procurando não fazer ruído, mas ao chegar a seu quarto descobriu Emily deitada, mas acordada, com Michael adormecido sobre o seu peito. Deixou a casaca em um sofá e se sentou na cama para acariciar a cabeça do bebê.

— Está incômodo, os dentes.

— Quando conheci Charlotte, ela estava sofrendo por seus dentes, lembra-se?

— Como não? Foi muito recente, doutor.

— Tem febre?

— Pouca.

— E o que fizeram hoje?

— Fomos jantar *fish&chips*. A Ruth adorou.

— Foste comer *fish&chips* sem mim?

— Estamos há três semanas aqui e não teve tempo para me acompanhar. Morria de vontade de provar... — Olhou-o com atenção e viu a contrariedade em seus olhos claros.

— Sinto muito.

— E o que dizem os seus colegas sobre a sua mãe?

— Nada de útil, o que me leva a querer dizer que...

— Não penso ficar mais tempo em Londres...

— Como?

— A sua mãe perguntou-me, por várias vezes, por que não ficamos uns meses mais. Ela o dá por feito, só estava esperando que lhe disse não pelos dois.

— Só quer estar com os seus netos. Está muito doente.

— E o que tem?

— Não sabemos. Tenho de explicar isso, uma vez mais? — Levantou-se para despir-se — Se já estou aqui, não posso ir sem saber que demônios lhe passa. Não posso deixá-la abandonada à sua sorte.

— Abandonada à sua sorte? Pelo amor de Deus, George, tem quatorze médicos pendentes dela.

— Mas eu sou seu filho.

— E poderá mudar alguma coisa?

— Pelo menos, não me sentirei tão culpado se morrer quando eu estiver longe.

— Muito bem, muito bem, compreendo perfeitamente. Pode ficar, fica com a sua família, mas os meninos e eu nos voltamos para casa. Não posso passar mais tempo longe de meus negócios, de meu pai, de Beatrice. Disse-me um mês, só um mês e já só falta uma semana para apanhar o navio.

— Não pode deixar-me aqui. Não quero ficar sem vocês. Emily, temos de discutir outra vez sobre o mesmo?

— Nem sequer nos vê, George. Está todo o dia ocupado.

— Isso é muito injusto.

— Está fazendo a sua vida de sempre e não tem tempo para nós, por isso, se quiser ficar, por mim perfeito. Esperamos em Manhattan.

— Não posso estar sem os meninos...

— Desde quando não toma o café da manhã com eles, deita-os, brinca com Charlotte ou lhes dá um banho? Eu digo, desde que chegamos, então não acredito que seja muito dura a separação...

— Por que está tão zangada?

— Eu não quero estar aqui, não queria vir, fiz por você. Já fiz aquilo a que me propus. Agora quero voltar para a minha casa.

— Emily...

— George, veio a Londres pela primeira vez com os seus filhos e não tem feito nada com eles. — Levantou-se com Michael nos braços para levá-lo para o seu berço e ele se sentou na cama afagando o cabelo — Não os vê; não me chantageie ao dizer que não pode estar sem eles, porque isso é mentira e além disso, essa desculpa já não me convence.

— Quinze dias mais — disse-lhe quando a viu retornar — peço só quinze dias mais.

— Não, vamos no navio de 10 de janeiro e não tem de vir, não irei zangada, juro. Só quero voltar para a minha casa.

— Emily — sujeitou-a pelo pulso para aproximá-la dele — sinto muito. Tem razão. Estive muito ocupado, mas preciso ficar umas semanas mais. O doutor Fritz, de Amberes, aceitou a ver a minha mãe. É a última esperança que temos e queria estar lá, quando a visitar, já que vim, deveria esperar para vê-lo.

— Não digo que não fique, querido. Sou eu quem parte.

— Não, por favor. — Abraçou-a com força, afundando a cara em seu pescoço — Não suporto a ideia de perdê-la. Estas últimas semanas foram maravilhosas para mim. Jamais esquecerei este Natal, o aniversário de Charlotte e o meu em casa, vê-la com os meus pais e meus irmãos compartilhando os nossos filhos com eles.

— Sei, meu amor. — Olhou-o nos olhos.

Na verdade, a família se enamorou deles e embora o Natal e a grande festa de aniversário organizada para pai e filha em Stevenage House a tivesse relegado a um discreto e até cinzento segundo plano, ela tinha consciência da felicidade que tinha embargado George nesses dias.

— Mas já passou. Agora só penso em retomar para a minha vida normal, não consegue entender? Já esqueceu do que me custou viajar com você?

— Sei, mas não quero que vá.

— Por que temos de discutir uma vez mais sobre isto, George? Era um mês e aqui estou. Vim, mas o meu mês já se cumpriu.

— Umas semanas mais e prometo passar mais tempo com vocês. Podemos mudar-nos para o andar de Mayfair, se quiser estar mais confortável e esquecerei do hospital.

— Não quero que esqueça do hospital, George. Mãe de Deus — afastou-se, bufando — Não entende nada. Por que me faz isto?

— O doutor Fritz me prometeu que virá a 15 de janeiro, por causa das provas e outras coisas. Acredito que por volta do final de mês teremos uns resultados confiáveis. Só umas semanas mais.

— Não quero.

— Por favor, já estamos aqui. Quando crê que voltaremos à Inglaterra?

— E o que acontece, se dentro de um mês, surge outro problema com a sua mãe?

— A deixarei partir.

— Não tem nenhum desejo de retornar a Nova Iorque, pois não?

— Não disse isso, mas não posso virar as costas à minha família.

— Bom, já entendi. — Meteu-se na cama e se tapou até ao pescoço dando-lhe as costas. George Connaught se deitou em seu lugar, suspirando.

— Emily...

— Só umas semanas e depois disso partirei. Minha vida está em Nova Iorque. É lá que está o meu lar, disse isso quando quis ficar conosco. Nunca enganei-o, então não me culpe por querer voltar para casa.

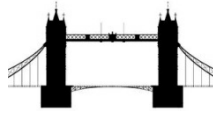
— Não culpo, meu amor. — Voltou-se para abraçá-la com todo o corpo e ela ficou tensa — Amo-te.

— Então, não voltemos a discutir por causa deste assunto.

— De acordo. — Subiu a mão para acariciar os seus seios cheios e ela deu um coice.

— Estou cansada, George. Deixa-me dormir.

- Amor...
- Deixa-me dormir.



— A paixão não é saudável no casamento — comentou a duquesa de Stevenage um dia diante dela, assim que soube da notícia de que não partiam na data prevista e que George lhe tinha rogado, quase de joelhos, que ficassem uns dias mais, coisa que tinha indignado Eleonor, que não engolia a sua jovem e silenciosa nora — Consume os maridos, os faz dependentes e superficiais e quando essa paixão se esgota, sobretudo nos homens, que são uns volúveis, procuram a mesma intensidade fora de casa e então deixam a esposa abandonada, relegada à cozinha e aos salões, criando os filhos e sem nenhuma consideração.

— Mãe, não sejas desmancha-prazeres. — Sophie olhou para a sua cunhada, meneando a cabeça — A paixão é importante.

— Em um casamento de verdade o amor chega com o tempo, consolida-se e a paixão se guarda para conceber os filhos, não para satisfazer continuamente o marido. Isso é coisa de bárbaros e selvagens.

— Mãe!

— Não sejas ingênua, Sophie. Há mulheres que servem para dar prazer aos homens e outras para casar-se com eles. É simples assim.

Eleonor Connaught estava acostumada a fazer esse tipo de comentários aparentemente inocentes, embora Emily se desse conta de que tinham sido dirigidos a ela e com má intenção. Pouco a pouco,

notou também como a observava com reprovação e como mudava de tema se ela tomava a palavra. Embora na sua chegada se mostrasse amável e carinhosa, com o passar dos dias, dissimular o seu desprezo se tornava mais difícil e Emily optou por tolerá-lo, pensando unicamente em que logo se iriam dali e talvez não voltasse a vê-la na vida.

A paciência era uma opção e decidiu ignorar os desrespeitos de sua aristocrática e depreciativa sogra e as ausências de seu marido, embora houvesse outros sentimentos que foram mais difíceis de ignorar e que tinham a ver com o medo e a insegurança. Logo começou a olhar nas suas costas quando caminhava pelo centro, quando reconhecia, por entre as pessoas, algum dos meninos de Bob “O *Carvalho*”, ou a recolher-se cedo no hotel, porque se sentia inquieta na rua de noite e com os meninos. E quando uma tarde a avisaram de que era seguida, compreendeu, uma vez mais, que a sua intuição continuava sendo confiável e certa.

— Lady Connaught, não?

— Sim, é ela.

Isolda Burns, membro da Associação Nacional Pró-Sufrágio da Mulher na Inglaterra, a qual Emily visitava com regularidade, em sua casa de Grosvenor Place desde que tinha chegado a Londres e graças à recomendação de Elizabeth Roth, olhou para Emily e para aquela juvenzinha, com aspecto de menino.

— O que aconteceu, Clarisse?

— Acredito que a seguem, milady.

— Que me seguem? E me chame de Emily, por favor.

— Temos um sistema de contra-vigilância muito eficaz e desde que veio por aqui, faz um mês, detectamos que a seguem.

— A mim? — Levantou-se e olhou pela janela. Lá fora chovia e passava muita gente apressada — Não sei, não acredito...

— Tem a certeza, Clarisse? A polícia?

— Não, não são eles, é gente particular.

— Crê que a família de seu marido a tem vigiada, Emily?

— A mim? Não, para quê?

— Muitas boas famílias deste país não querem que as suas mulheres se misturem conosco, ou melhor, talvez o seu marido...

— George? Não, ele não é assim, não se importa, sabe que nos Estados Unidos assisto a encontros similares. Não pode ser ele. — De repente, um calafrio lhe atravessou a espinha dorsal e pensou em Hamilton e em Bob “*O Carvalho*” — Se for verdade, deve vir de outra parte.

— É verdade. — Clarisse, muito ofendida, quadrou os ombros — Não conseguem enganar-nos. A nossa vida depende de que saibamos estar acauteladas.

— Sei, sinto muito, Clarisse, não duvido de sua informação, é só que me surpreende muito.

— Assim que pões o pé na rua há gente atrás. Deveria ter mais cuidado.

— Terei, obrigada.

Nessa tarde retornou cedo ao hotel e esperou que George e Ruth voltassem com os meninos da casa dos Connaught para jantarem tranquilamente. Como todas as noites, George se trocou e se preparou para sair depois do jantar, embora ela o detivesse no quarto de vestir, enquanto ajustava a gravata e lhe falou através do espelho.

— Disseram-me que alguém me segue, há dias.

— Como? Quem disse isso?

— Uma moça da Associação Nacional Pró-Sufrágio da Mulher. Elas vigiam constantemente o seu entorno e diz que descobriram faz um mês, embora me tenha só contado hoje.

— Brincam aos espiões?

— Não é nenhuma brincadeira. Eu tenho inimigos, recorda?

— Isso é passado, Emily. — Voltou-se para olhá-la nos olhos — Hoje em dia, ninguém ousaria fazer-lhe mal.

— Eu não estaria tão segura assim. Algo me diz que... — Tocou no seu peito, onde sentia um buraco enorme desde aquela tarde, e depois olhou para George, impecável com seu smoking e cabelo recém penteado — Deixa para lá, não será nada.

— Confundiram-se, amor... Emily? — Ela já tinha desaparecido em direção ao salãozinho e saiu atrás — Estou a falar contigo...

— Está tudo bem. Vai. Está ficando tarde.

— Se quiser, contrato alguém para que a acompanhe.

— Não é necessário, são só mais duas semanas aqui. Terei mais cuidado e fim da história. Não sei nem por que contei isso. Boa noite, doutor. Divirta-se.

Como é óbvio, George não deu importância ao assunto, ao mesmo tempo que ela se dedicou a procurar as suas antigas armas em sua casa em Regent Street. Tinha-as deixado guardadas em um armário quando tinha partido para os Estados Unidos, onde felizmente se sentiu segura desde o primeiro minuto e não se tornou a recordar delas até àquele momento, em que os fantasmas do passado pareciam revoar à sua volta, fazendo-a sentir-se vulnerável e tão insegura como quando não era mais do que uma ladrazinha faminta e assustada de East End.

— Senhora, por Deus, onde vai com isso?

Ruth, estava prestes a ter um ataque, quando a apanhou a limpar a pistola e a sua navalha em um canto da mesinha do ateliê.

— Está tudo bem, Ruth. Sei usá-las, não se preocupe.

— Mas precisa delas?

— Por prevenção. Nesta cidade muitas pessoas andam armadas. Não é nenhuma novidade. Em Nova Iorque, também, que eu saiba, não? — Elevou os olhos negros e lhe sorriu.

A babá meneou a cabeça, aturdida.

— As damas não, senhora, só a gente de má vida.

— Bom, aqui todo o mundo o faz, e prefiro tê-las à mão.

— E o senhor sabe que você...?

— Não acredito que lhe importe, Ruth, de acordo? Será um segredo entre nós duas. — Agachou-se e meteu a pistolinha na bota e depois a navalha no bolso da saia. Depois olhou para a babá e a animou a voltar para o hotel.



— Oh, meu Deus, a duquesinha.

Emily elevou os olhos e encontrou frente a ela Bob “O Carvalho” de braço dado com uma envelhecida Rogelia Hewitt, a sua amante de sempre.

— Bom dia.

— Estes são os seus brotos? — A mulher se assomou ao carrinho de passeio onde dormia Michael e olhou para dentro com o cenho franzido — Não eram dois?

— E como sabe que tenho dois filhos?

— Aqui tudo se sabe, majestade. Olha para você, que elegante e com babá.

— Alegro-me em vê-los, mas devo seguir, esperam-nos.

— Em casa dos Stevenage? Que grandes sogros foste arranjar, que sorte tem. Mas vamos, vão andando, acompanhamos.

— Não é necessário... — Seguiu o seu caminho por Green Park e “*O Carvalho*” não se moveu de seu lado, então aproveitou a oportunidade para perguntar diretamente — Sabe de alguém me seguindo, Carpenter?

— A que se refere?

— Sabe muito bem.

— Por que diz isso?

— Tenho a sensação de que alguém me pisa os calcanhares, desde que cheguei a Londres.

— É rica, bonita, talvez queiram sequestrá-la.

— Não. — Deteve o passo e pediu a Ruth que fosse adiante com o carrinho do bebê — Não é isso. Sabe de alguma coisa, ou não?

— Sei muitas coisas.

— Hamilton?

— Quanto me dá?

— Não sei...

Olhou-se para si mesma e se recordou da bracelete abominável que lhe tinha oferecido a sua sogra, mais como desprezo do que por outra coisa e que parecia um insulto ao bom gosto, então a tirou e a pôs nas mãos de Rogelia Hewitt, que abriu muito os olhos, ao ver as suas esmeraldas encastradas com brilhantes.

— Vale uma fortuna.

— Esse filho de uma cadela não se esqueceu de você e está em Londres.

— Que mais?

— Não lhe caça porque não anda sozinha e os meninos são o seu escudo.

— Meu escudo?

— São Connaught, sangue nobre. Não sabe que é primo de seu marido?

— Por casamento, sim.

— E o seu pai era primo de sua sogra, de verdade que não sabia?

— Não. — Baixou os olhos e depois olhou para Ruth, que a esperava à saída do parque.

— Toma cuidado, Taylor, pelos velhos tempos digo isso. Não há nada mais perigoso que um assassino com boa memória. Agora, se nos desculpa, Rogelia e eu temos coisas a fazer, adeus.

Respirou fundo e viu os seus antigos inimigos caminhar em direção contrária à sua. Pela primeira vez sentiu até simpatia por eles e compreendeu que as suas rixas nas ruas de East End não eram nada, comparadas com as conspirações que se podiam gerar na cabeça de alguém como Paul Hamilton, que não só era um violento e perigoso viciado, como também alguém capaz de matar por puro entretenimento.

Aproximou-se de Ruth e caminhou com ela a passo ligeiro até Stevenage House, onde nesse dia George e os seus irmãos se reuniam com o doutor Fritz. Entrou pela porta principal e depois deixou que a babá levasse Michael até ao antigo quarto de seu pai para que continuasse a dormir, antes de subir as escadas até ao

segundo andar, onde se encontravam os aposentos privados da duquesa.

No vestíbulo não estava ninguém, então se aproximou da janela para olhar para a chuva que começava a cair sobre a grama perfeita do jardim, pensando em Hamilton. Pelo menos, nos meninos não tocaria, sabê-lo era tranquilizador. Mas tampouco ia deixar que a atacasse facilmente, não lhe facilitaria a vida.

— Bom dia, senhorita Gardiner. Ou era Taylor?

A voz de um homem a fez saltar e se voltou para ele muito depressa. Tratava-se de Charles Connaught em pessoa, que a olhava com cara de desprezo.

— Por fim nos vemos. Passa pouco por aqui.

— O mesmo digo...

— O mesmo digo, *milorde*. Não ensinaram boas maneiras?

Ela ignorou o comentário e se voltou outra vez para a janela.

— Já sei que me conhece perfeitamente, mas tinha vontade de vê-la em pessoa. É bonita, sim. O meu irmão sempre teve sorte com as suas mulheres. Quando era adolescente perdeu a virgindade com uma moça preciosa, Lotti era como se chamava. Era uma servente de minha mãe. Sempre gostou das mulheres do serviço, inferiores a ele... E vejo que continua com os mesmos gostos.

— Pretende ofender? — Olhou-o na cara, quadrando os ombros.

— Descarada.

— E você é muito mal educado.

— Ai, se eu...!

— Emily! — A voz clara de George interrompeu o seu irmão mais velho, que teve de engolir as palavras, indignado. O médico caminhou para eles e beijou a sua mulher na testa, sem olhar para

Charles — Tudo bem?

— Sim. Onde está Charlotte?

— Sophie a levou para o quarto dos meninos. Está almoçando lá.

— Vou vê-las. Quero ir cedo.

— Não quer saber o que nos disse Fritz?

Agarrou-a pela cintura e caminharam para as escadas sem despedir-se de Charles. Ele se voltou sobre os seus talões para entrar no quarto de sua mãe, embora antes cuspiasse no chão, sem que o casal advertisse aquele gesto tão grosseiro.

— Como eu, não vê indícios físicos de nenhum mal que conheçamos, por isso acredita que é emocional, fruto de algum desgosto, um golpe muito forte... Não sei...

— Que desgosto assim tão forte teve a sua mãe, George?

— Ela diz que brigar comigo e a minha mudança para os Estados Unidos.

— Diz isso?

— Há pessoas muito sensíveis. — Olhou-a nos olhos e a viu fria como aço. Deteve o passo e falou com as mãos nos quadris — O que foi?

— Nada.

— Não, fala.

— Não vou discutir contigo por culpa deste assunto. Só acredito que a sua mãe é uma mulher privilegiada, que até ao momento não teve, felizmente, nada que lhe faça mal, nem perturbe o seu estupendo estado de saúde. Lamento que se sinta triste e mal, mas também sei que há pessoas que sofrem imensamente mais do que ela e não adoecem por isso.

— Não existe uma medida para a dor, nem para a tristeza.

— Está bem, certo. Vou ver Charlotte e depois vamos para o hotel. Quero começar a organizar-me com a bagagem.

— Ainda faltam cinco dias.

— Passam voando. — Afastou-se para subir ao apartamento da cobertura, mas se deteve no segundo degrau para dizer-lhe quase em sussurros — Queria pedir um favor, George.

— O que aconteceu?

— Não comente com ninguém que parto dentro de cinco dias. Prefiro mantê-lo em segredo.

— Por quê?

— Acabo de confirmar que me estão seguindo e não quero ser um alvo fácil.

— Seguindo? Volta com isso? Pelo amor de Deus, Emily...

— Não peço que acredite em mim, só peço que não diga nada.

— De verdade pensa que alguém quer fazer-lhe mal? Quem?

— Paul Hamilton.

— Está em França. Trabalha para o governo.

— Não, está em Londres e não se esqueceu de mim.

— Mas quem demônios lhe disse isso?

— Bob “O *Carvalho*” e eu acredito nele.

— Nesse delinquente? Pelo amor de Deus.

— Esse delinquente já me salvou a vida uma vez. Desculpa se confio em sua palavra.

— Emily...

Quis tocá-la mas ela se afastou, tinha os olhos úmidos e se sentiu muito incomodada, respirou fundo, mas antes de poder replicar, a voz de uma das donzelas o fez voltar-se para ela.

- Milorde!
- O que aconteceu, Francine?
- Sua mãe. Está muito enjoada e o chama.
- Obrigado, Francine. Diga-lhe que já vou.

Voltou-se para a sua mulher para terminar o bate-papo, mas ela já não estava ali. Perdeu-se pelas escadas e deu um golpe seco na parede para não gritar.



Sete semanas em Londres tinham transformado a sua já ampla bagagem em quase o dobro e quando, por fim, conseguiram um baú novo para acomodar os presentes e os caprichos adquiridos na cidade, teve de refazer tudo desde o início, para afastar as coisas de George e deixá-las, perfeitamente ordenadas, em um baú independente. Ele certamente se mudaria imediatamente para a casa de seus pais, pensou e trabalhou em excesso para ordenar as suas camisas, os seus trajes e os seus sapatos com um estranho nó na garganta.

— Milady, seu sogro, o duque de Stevenage, a espera na recepção.

— Diga-lhe que suba — foi a sua resposta ao camareiro, que desapareceu imediatamente pelo corredor.

Olhou para a bagagem ordenada no salão e suspirou. Em vinte e quatro horas apanharia o navio no porto de Londres, e com sorte, em menos de um mês estariam novamente em casa.

- Emily.
- Milorde, bom dia. Que surpresa!

— Não vim em sinal de paz. Aviso isso, por isso não vou enjoá-la com saudações protocolares.

— Você dirá. — Retrocedeu um passo e se agarrou ao respaldo de uma cadeira.

— Não posso acreditar que leves os meus netos para os Estados Unidos.

— Viemos por um mês, milorde e nos ficamos quase dois, o normal é que voltemos para casa. Não entendo o que...

— George fica.

— Por sua mãe, mas sabe que nós devemos voltar e como é óbvio, não nos colocou nenhum impedimento.

— O fato de ele ter este trato tão... «moderno»... contigo, não significa que seja o correto. Uma esposa deve estar junto de seu marido.

— E estive, mas já é hora de voltar para casa. Os meninos necessitam de sua normalidade e me esperam o meu trabalho e muitas obrigações.

— A sua única obrigação, juvenzinha, é estar com o seu marido. Para isso se casaste e tem duas crianças ainda por cima. É absurdo que vá assim, sozinha, em um navio e grávida de um terceiro. Estão loucos?

— É a nossa decisão, milorde e com todo o respeito, não acredito que seja assunto seu.

— É assunto meu e se fosse um desgraçado, levaria os meninos à força, com a polícia, para a minha casa, para que estejam com o seu pai e com a sua família, então não se atreva a desafiar-me.

— Não o desafio, milorde.

— Nem sequer compreendo como pode querer criar os

pequenos naquele país, longe de suas tradições, de sua família, mas claro, para você esses valores que demônios importam, não? O que sabe acerca do dever e do sangue?

— Não vou tolerar...

— Ninguém em seu são julgamento empreende uma viagem assim, sozinha, com duas crianças tão pequenas, mas tanta culpa tem, quanto George, que está sendo um irresponsável. Mas não farei nada, embora queira que saiba que poderia fazê-lo. Esses meninos são meus netos, são Connaught e posso reclamá-los quando tiver vontade, fui claro?

— George sabe que veio dizer-me isto? — Tremiam-lhe os joelhos, mas dissimulou muito bem e quadrou os ombros.

— Isso não é assunto seu e se me permite, quero despedir-me dos meninos.

O duque de Stevenage se despediu dos pequenos com muitíssima afeição, enquanto Emily esperava em silêncio no salão principal e depois passou diante dela com muito má cara.

— Adeus, Emily.

— Adeus, milorde. — Levantou-se para dar-lhe a mão, mas ele a ignorou. De seguida, saiu pela porta sem incomodar-se sequer em fechá-la.

Desde esse momento trabalhou em excesso para acabar a bagagem, passando da tranquilidade ao pranto à mínima coisa. Decidiu não se mover do hotel até sair a caminho do porto e passar as suas últimas horas em Londres, debaixo do amparo de sua elegante suíte e rodeada de gente. Já se tinha despedido de Winston e Molly, que estavam de retorno a Brighton, de Isolda e de lorde Sheen, não restava ninguém mais para ver, salvo George e a sua

família, embora ele tivesse decidido que não daria o desgosto a sua mãe de despedir-se dos meninos.

À hora do chá chovia torrencialmente em Londres e se assomou à janela para ver Piccadilly Circus, com um buraco de angústia, cada vez maior, no centro do peito. Não sabia o que aconteceria a George, se aquela seria a sua despedida definitiva ou se se veriam em umas semanas em casa, não sabia sequer se se despediria dela. Era insólito que estivesse pensando em separações definitivas, determinou, e quando se voltou para o salãozinho e o viu de pé ali em silêncio e esteve prestes a soltar um grito.

— Deus bendito, que susto!

— Já tem tudo preparado?

— Sim, já está. Deixei esse baú com as suas coisas.

— Dá por feito que não viajo contigo?

— Não me disse o contrário, George.

— Muito bem, perfeito... — Desabou em uma poltrona, atirando o chapéu ao chão — Sempre tão prática.

— E isso é mau, George?

— Não vá.

— Não, não comece outra vez, por favor. — Agachou-se para recolher uns brinquedos e o chapéu sem olhá-lo na cara.

— Acredito que poderei apanhar o navio no início de março, espera só umas semanas mais.

— E em março será abril e assim sucessivamente, porque acredito que, na verdade, não quer ir, e não o culpo. Mas eu sim preciso voltar para a minha vida, para a minha casa e para o meu meio. Não posso continuar, nem um segundo mais, aqui.

— Tão mal a trata Londres?

— Nunca me tratou muito bem; sabe disso.

— Agora tem uma família. Uma vida nova...

— Não, deixa para lá, está bem? Deixa... — Suspirou olhando-nos olhos e tentou sorrir, embora o seu coração se estivesse quebrando em pedaços, ante a perspectiva real de voltar sozinha para os Estados Unidos — Por que não desfruta das últimas horas com os meninos? Posso pedir *fish&chips* para jantar? Quer? Eu gostaria, ainda não os comi comigo.

— Tenho um jantar em casa de meus pais com o doutor Fritz. Na verdade, vinha buscá-la para que me acompanhasse.

— Saio às seis da manhã para o porto.

— Não haverá problema, porque dorme pouco. Tem por diante mais de vinte dias para descansar no navio.

— Não quero e tampouco acredito que seja boa ideia.

— Por que não é boa ideia?

— Porque não é, mas não se preocupe. Vai jantar com a sua família, doutor. De todas maneiras, pedirei algo para comer com a Ruth aqui e...

— Por que não é boa ideia?

— Você sabe.

— Não, não sei.

— Às vezes, é insuportável. — Passou a mão pela face, à beira do desespero, com enorme vontade de fugir quanto antes dali — Vai fazer-nos bem deixarmos de ver-nos. Acredito que cada dia se torna mais difícil ser amável para comigo...

— Continuas com os seus preconceitos. Não fez nada para se integrar com a minha família. — Ergueu-se de um salto e cruzou em seu caminho — Manteve-se à margem todo este tempo. Que

demônios se passa contigo? Trata-se só de um maldito jantar.

— Eles não me suportam, George. Não se dá conta? Claro que não, porque não presta atenção a nada que não tenha uma tonalidade médica interessante, mas me têm desprezado de todas as formas e feitios. A sua mãe, em primeiro lugar. — Deu um passo atrás, decidida a soltar tudo — Sabe onde estava eu durante a sua festa de aniversário? Viu-me em algum momento? Não, claro que não, porque ela me pediu que o deixasse dançar com as suas amigas e seus familiares, que o deixasse desfrutar sozinho, que fosse embora. Não me suporta e eu aceito isso, mas não me peça que passe uma noite mais com eles.

— Essa é a sua percepção. São os seus próprios preconceitos. Não acredito que a minha mãe...

— Muito bem, ótimo.

— Se não superou os seus complexos, Emily, não poderá começar do zero.

— Meus complexos?

— Sim, os seus complexos.

— Quem era Lotti, George?

— Minha babá, por quê? — Olhou-a, pestanejando muito.

— O seu irmão Charles me disse que tinha deitado com ela porque sempre gostou das mulheres inferiores, de serviçais, de garotas como eu... Foram os meus complexos que me fizeram interpretar assim as suas palavras?

— O meu irmão é um bode.

— E faz umas horas o seu pai veio até aqui para dizer-me que podia tirar-me os meus filhos quando quisesse, que podia reclamá-los porque eram Connaught, seu sangue e como eu não sei nada acerca

de dever, de sangue e de sobrenome, ele pode tirar-me os meninos quando quiser. Também são os meus preconceitos?

— Deus bendito!, ele fez o quê?

— Há semanas que me calo, para não interferir nas suas relações familiares. Não quis cansá-lo com os meus problemas, porque queria respeitar o seu espaço, George, mas não vou tolerar, nem um segundo mais, que me falem ao respeito, e muito menos irei jantar na mesma mesa que eles.

— Sinto muito, eu... — Olhou-a, completamente desconcertado.

— São a sua família. Não vou pô-lo contra eles, porque se de algo me arrependerei toda a vida é que a minha mãe morreu zangada e decepcionada comigo, sabe, mas não me peça que aja como se não se passasse nada.

— Mas, Emily...

— São a sua família.

— Vocês são a minha família.

— Bem, pois recorde-se disso, até que possa voltar para casa conosco. — Começou a chorar e ele esticou a mão para abraçá-la.

— Minha vida, não chore. Maldição, Emily! Não posso protegê-la se me deixar à margem. Porque não me disse nada?

— Eu só quero voltar para a minha casa e esquecer-me de tudo isto. Sabia que não era boa ideia vir, George. As coisas não mudam...

— George fixou os olhos claros nela com uma sensação de impotência tal no peito que lhe custava respirar — Eu só quero ir para casa.

— Perdoa-me.

— A você? Por quê? Não tem culpa de nada.

— Por não me dar conta, por não perceber nada. Sou seu

marido, deveria protegê-la. Eu...

— Eu me protejo sozinha. Não se preocupe. — Riu, enxugando as lágrimas — Continuo sendo forte, embora não queira viver, nem um dia mais, alerta e em guarda, entende isso? Eu não gosto de estar sempre na defensiva e aqui vivo assim. Não me agrada e quero voltar para a minha casa.

Ficaram abraçados e em silêncio. Emily cheirando, com os olhos fechados, o seu aroma a limpeza e a loção de barbear, enquanto George, tenso e confuso, não parava de dar voltas às últimas semanas, aos gestos de sua família, ao incompreensível silêncio de Emily, a tantas situações que não tinha tido em conta, cego como estava com os problemas médicos de sua mãe e pelo prazer que experimentava ao sentir-se em casa. Finalmente, suspirou, beijou-lhe a cabeça e a olhou aos olhos.

— Vou a casa despedir-me. Falarei com a minha mãe e terá de entender que não posso fazer nada mais por ela.

— Não quero que discuta com a sua família por minha causa.

— Não se preocupe. — Entrou no quarto dos meninos, abraçou-os e os beijou antes de procurar o chapéu — Estarei de volta em seguida.

— Doutor... — Emily Gardiner, com uma certeza absoluta no peito, caminhou para ele e lhe sorriu com um nó na garganta — Sairemos daqui às seis da manhã. Esperarei até essa hora.

— Mas o que diz, amor? Não demoro mais que um par de horas.

Sorriu-lhe com seu aspecto magnífico e seus olhos cor água-marinha, brilhantes, antes de fechar a porta. Ela se colou à parede e pôs-se a chorar sem conseguir evitar. Depois, respirou fundo e engoliu os soluços quando viu sair Charlotte do quarto procurando o

seu pai.



— Não me diga isso. Daniel!, Daniel! Chama o seu pai. Francine, chama o duque!

— Embora faça um escândalo, vou, mãe. Não torne isto mais difícil. — Caminhou pelo quarto e olhou uma vez mais para a sua mãe, que descansava em um sofá junto à lareira — Só quero despedir-me e penso levar alguns livros de meu quarto. Pede a Jonathan que os empacote, por favor.

— O que aconteceu? — O duque entrou apressadamente no quarto.

— George veio despedir-se, assim, de repente, sem avisar.

— A mulher dele vai amanhã. Disse isso, Eleonor.

— Mas acreditei que os meninos e George ficavam...

— Eu nunca disse isso...

— Por isso foi ao hotel esta manhã, pai? De verdade pensava tirar os meninos de Emily?

— Não. Crê que sou um delinquente?

— Mas a ameaçou.

— Porque essa sua mulherzinha merece um castigo. Faz o que tem vontade e arrasta-o com ela.

— Como se atreve...? — Caminhou para Daniel Connaught, jogando faíscas pelos olhos e o duque retrocedeu — Como pôde ameaçá-la? Ela é minha esposa, pai, não entende?

— Você é pai desses meninos e deveriam estar com você, por seu bem-estar e educação. Não digo mais nada.

— E estão comigo e com a mãe deles, que é melhor mãe que qualquer outra que tenha conhecido antes.

— George! — Eleonor Connaught ficou de pé, agarrando-se teatralmente à parede e pôs-se a chorar tremendamente — O que diz, meu filho?

— Dá igual, enfim. — Afastou o cabelo, já levava meia hora falando com a sua mãe, que não entraria jamais em razão, por isso, agarrou o chapéu e fez menção de ir — Já me despedi, mandarei um telegrama quando chegarmos a Nova Iorque. Passarei por meu quarto para recolher algumas coisas.

— Não, filho.

A duquesa olhou para o seu marido, que permanecia impassível e decidiu jogar a sua última carta. Deu um grito e desmaiou.

— Eleonor!

Daniel correu para tentar sujeitá-la, mas a sua mulher já jazia no chão com convulsões. George, com bastante calma, aproximou-se e se inclinou sobre ela para tomar o pulso.

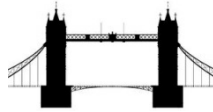
— É um desmaio. Chama o seu médico. Não estão jantando lá em baixo?

— Não deixará a sua mãe nestas condições?

— Deus bendito! — Olhou para o seu relógio de pulso e comprovou que eram sete da tarde. Podia ficar um momento mais — Muito bem, tragam água de tília e me ajudem a colocá-la na cama.

Eleonor Connaught demorou muitíssimo tempo para recuperar os sentidos. O seu filho e o doutor Fritz, que estava na casa, atenderam-na com esmero e determinaram que era o princípio de um enfarte. Tinha o pulso acelerado e sofria enjoos, segundo ela, então que lhe administraram várias infusões e lhe recomendaram dormir,

embora ela se agarrasse com fúria a George, com os olhos bem abertos, impedindo-o de ir.



À meia noite, ele continuava junto à cama e quando lhe sobreveio um segundo ataque, foi acompanhado de vômitos e uma febre crescente, assim que a envolveram em panos frios, e Fritz começou a preocupar-se seriamente pelo diagnóstico, que lhe parecia cada vez mais complexo.

— Francine, sabe onde se aloja lorde Hamilton?

Assim que George e o seu marido abandonaram o quarto, chamou a donzela e a aproximou dela com força pelo braço.

— Sim. Por quê?

— Diz a Bastian, o das cocheiras, que lhe leve isto. — Tirou de debaixo do colchão uma nota e lha entregou — Vai com ele e diz a meu sobrinho que reterei o meu filho aqui todo o tempo que possa, mas que será difícil, que não tem mais opção e que atue depressa. Ouviu?

— Sim, milady. Mas a senhora está melhor?

— Cale-se e vai! Obedece, Francine, se não quiser que lhe esfole viva! Corre!

A moça saiu correndo e ela agarrou o frasquinho de ervas que Rose Shafterbury lhe tinha conseguido e que era um emético excelente. Tomou um gole, esperou uns minutos e começou outra vez a gritar, desolada. Outro ataque e assim, um após o outro, até passadas as seis da manhã, momento em que George Connaught, desesperado, agarrou o casaco e abandonou a casa de seus pais

para tentar despedir-se de Emily e dos meninos.

Chegou à porta do Grand Hotel às seis e meia da manhã e na recepção o informaram que a senhora e os seus filhos tinham partido às seis e vinte; que tinham deixado a bagagem para ele em seu quarto e uma nota de despedida. Ignorou o papel e saiu correndo em busca de uma carruagem que o levasse ao porto. «Emily não merece isto», pensou cada vez mais zangado consigo mesmo por ter-se permitido chegar àquele ponto e incentivou o chofer para que corresse velozmente pelas ruas lotadas, uma tarefa eterna, até que por fim pôde divisar, ao longe, a figura inconfundível do enorme *RMS Úmbria*, que levaria Emily de volta a casa.

Saltou do carro a correr e nomeio de muita gente, começou a procurar a sua família. Tudo eram idas e vindas de pessoas, gritos, ordens, brigas e confusão, mas graças à sua altura pôde controlar a enorme multidão por cima de suas cabeças. «É igual a um campo de batalha», pensou com angústia, até que localizou Emily em uma das passarelas de ascensão ao transatlântico, com Charlotte nos braços e vestida de azul claro. Não lhe importou empurrar e afastar. Abriu caminho como pôde e quando a teve a menos de dois metros, chamou-a aos gritos. Ela se voltou para ele e lhe sorriu daquela forma que iluminava a manhã.

— Doutor, veio? — O coração lhe deu um tombo ao vê-lo ali, embora notasse em seguida seus olhos de desolação — Não vem conosco?

— Minha mãe se agravou esta noite. Neste momento, estão transferindo-a para o hospital... Emily, eu...

Passou a mão pelo rosto, sentindo um cansaço enorme nas costas. Engoliu em seco e a olhou outra vez. Ela tinha os olhos

úmidos, estava pálida e sujeitava com um pouco de esforço Charlotte, que dormia profundamente contra o seu ombro.

— Para o hospital, por quê?

— Fritz quer intervir. Pensa que pode ser o apêndice ou o fígado. Na realidade, continuamos muito perdidos. Mas a meterá na sala de cirurgia hoje. Por isso não pude ir ao hotel a tempo.

— Bem, espero que a sua mãe se recupere. — Aproximou-se, ficou em bicos de pés e o beijou na bochecha — Nós temos de ir.

— Não, por Deus, não vá assim. Ainda faltam quarenta minutos para que zarpe. Desce e falemos um momento.

— Não, não quero falar. Deitarei aos meninos e ficarei no camarote. Estou muito cansada e só quero ir para a cama. Não dormi muito ontem à noite... — As lágrimas começaram a molhar-lhe as bochechas, e o olhou tentando parecer calma — Estou esgotada. Na verdade, não me sinto muito bem.

— O que se passa? — Olhou para o seu ventre ainda liso — Estás bem? É o bebê?

— Estou bem, mas vou deitar-me. — Voltou-se para o navio onde Ruth esperava com Michael nos braços e lhe fez um gesto para que aguardasse só um minuto mais — Odeio despedidas, então é melhor ficarmos por aqui, está bem? Contarei aos meninos que veio dizer adeus.

— Não vás.

— Adeus, doutor Connaught. — Forçou um sorriso e se aproximou para beijá-lo novamente na bochecha — Quando quiser ir a Nova Iorque, estaremos esperando.

— Emily...

George olhou para o céu para não chorar. Depois, seguiu a sua

figura, pequena e elegante, até que chegou ao convés para saudar o capitão e os oficiais, que lhe fizeram uma reverência antes de deixar que se perdesse dentro do navio. E foi como se lhe tirassem o coração do peito. Retrocedeu um passo e ficou a olhar para a agitação das gentes, sem conseguir reagir, nem mover-se, nem pensar, como uma maldita figura de sal sem força, nem vontade.



— Está bem, senhora?

— Sim, Ruth, obrigada. Não se preocupe, só preciso ir para a cama.

Apoiou-se no corredor de primeira classe respirando fundo. Não queria chorar mais. Já tinha passado a noite acordada a chorar, então engoliu em seco e tentou espantar os seus maus pensamentos, os olhos desolados de George e esse medo permanente que lhe atendia à alma e que era augúrio de muito mais lágrimas. Precisava dormir e recuperar-se e depois ficaria bem. Era imprescindível, pelo bem de seus filhos, incluindo o bebê, que embora às vezes se esquecesse, continuava crescendo em seu ventre.

— Vamos ao camarote e deitemos os meninos, sim?

— Sim, claro, mas tem má cara. Não quer que avisemos um médico?

— Não, estou bem. Vamos, Ruth.

— Mãe do céu! Que coincidência.

— Como diz?

Voltou-se para a voz e viu o doutor David Law entrando pelo

corredor.

— Doutor Law? O mesmo digo. Como está?

— Encontra-se bem?

Law deu um passo em frente ao vê-la tão pálida e apoiada contra a parede, com a menina em braços.

— Sim, sim, só estou um pouco cansada.

— Então, viajamos juntos? Que agradável surpresa! Onde está George? Vi-o faz uns dias no clube e...

— Ficou em Londres por motivos familiares.

— Ou seja, viaja sozinha com os meninos?

— Bom e com Ruth, que é nosso anjo da guarda.

— Como não... — O médico olhou para a babá e lhe fez uma vênica — é óbvio. Espero que possamos ter tempo para conversar e compartilhar alguma refeição.

— Claro, será maravilhoso. Já nos veremos.

— Muito bem e encantado por saudá-la.

O doutor Law passou a seu lado muito sorridente e ela entrou na suíte, onde um mordomo e uma camareira já ordenavam a sua bagagem, saudou-os e ajudou Ruth a meter os meninos na cama, que não despertaram no meio de toda a agitação. Agasalhou-os com o edredom e ficou uns minutos pensando em George e em suas circunstâncias. Imaginou a pena que sentiria ao ter de separar-se dos pequenos e voltaram a encher-se os olhos de lágrimas, assim pigarreou e olhou para a babá com um sorriso.

— Vou para o meu quarto. Vou deitar-me um pouco. Pode ficar com os pequenos até que despertem?

— Sim, claro. Você meta-se na cama agora mesmo.

— Obrigada, Ruth.



A questão se resumia a uma decisão: esquecer-se de sua mãe e saltar para o navio sem bagagem, ou voltar para o hospital para assistir o doutor Fritz na operação. Baixou os olhos, meditando. Jamais se tinha visto em uma encruzilhada semelhante, porque jamais hesitara em suas decisões, por isso a angústia ia aumentando, à medida que o navio começava a soltar amarras e deixava entrar os últimos passageiros pelas passarelas de embarque.

«Não devia ter permitido que Emily partisse», concluiu bastante zangado. Ela era sua mulher e levava os seus filhos; além disso estava grávida, era uma loucura viajar trinta dias só com os dois pequenos e em seu estado. Voltou a olhar para o transatlântico, pensando em que a seguinte opção podia ser subir até ao camarote e obrigá-la a descer ao porto. Uma alternativa possível, mas muito incômoda, porque não estava disposto a provocar um escândalo.

Afastou o cabelo e percorreu uma vez mais com os olhos o enorme navio e a uns metros, na seguinte passarela, na de segunda classe, viu uma figura muito familiar. Avançou uns passos para distingui-la melhor e ao reconhecê-la, o sangue lhe congelou nas veias. Era Paul Hamilton, ou alguém idêntico a ele, que subia apressado, seguido por dois indivíduos.

— Milorde, o que faz aqui? Não parte?

— Como diz?

Desceu os olhos e encontrou um jovem ruivo, com barba de vários dias e um chapéu puído.

— Fred Carpenter. Já não se lembra de mim, doutor?

— Carpenter? Claro, claro que me lembro. O que faz aqui?

— Estou dando uma olhadela.

— E sabes se Paul Hamilton subiu ao navio?

— Não sei...

Fred sabia perfeitamente, mas olhou para o elegante médico esperando uma recompensa. Connaught meteu a mão no bolso e tirou dinheiro, bastante e lhe pôs na mão, vendo com desespero como o navio se separava do cais.

— Subiu sem bagagem e com dois guarda-costas.

— Tem certeza?

George fez menção de saltar para a passarela, mas já era muito tarde. Estava a dois metros de distância. O *RMS Úmbria* se movia lento, mas seguro e partia no meio da gritaria geral. Agitou os braços para alertar o capitão e deter a manobra de zarpar, mas era impossível àquela distância e com tanto ruído em redor. Voltou-se para Fred “O Ruivo”, agarrou-o pelo peitilho e lhe falou de muito perto.

— A minha mulher e meus filhos estão lá em cima. Preciso chegar ao navio, pode ajudar-me?

— Não sei...

— Pode?! Maldição! Pagarei o que me pedir.

— Atraca em Plymouth. Posso conseguir um bom transporte para que chegue a tempo, milorde.

— Não! Maldição, maldição!

Começou a andar com o coração na garganta. Estava certo que Hamilton tinha subido para procurar Emily, que estava sozinha. O tipo os tinha vigiados e ele tinha sido tão estúpido que se esqueceu de sua segurança e nem sequer tinha feito caso de seus temores, de que a seguiam. Não era mais que um maldito bastardo...

— Doutor! Conheço um marinheiro que, se pagar bem, talvez possa aproximá-lo do navio, mas quando estiver mais entrado no mar, tão perto é perigoso. O que lhe parece?

— Vamos!

Agarrou Fred pelo cangote e correram juntos pelo cais para procurar a zona dos pescadores. Era a única hipótese: aproximar-se em uma embarcação pequena e pedir que o deixassem subir. Tratava-se de uma emergência; não poderiam negar-se. Fechou os olhos e rezou por Emily e pelos meninos, para que Deus os protegesse, porque se ela estivesse alerta, como sempre e pudesse pedir ajuda, a quem quer que fosse, para defender-se daquele filho de uma puta. Se ela o visse, podia pedir amparo ao capitão. Essa era a sua única hipótese.



Não tirou a roupa, só o casaco e as botas e se atirou em cima da enorme cama pensando em George, no muito que sentiria falta dele e na eterna travessia que os esperava por diante. O navio parava em Plymouth, antes de tomar rumo aos Estados Unidos e isso atrasaria a chegada. Ela teria preferido fechar os olhos e despertar já em Nova Iorque, mas era impossível e devia fazer frente a trinta longos dias em alto-mar, com Charlotte e Michael aborrecidos e inquietos.

A viagem se apresentava tediosa, mas fechou os olhos evocando os de George, os seus preciosos olhos cor água-marinha que ela amava e cuja lembrança seria o seu maior consolo em todas as semanas que estariam separados.

Voltou a pensar na possibilidade de que ele não pudesse retornar, em que a separação se eternizasse e em que não chegasse a tempo nem para o nascimento do novo bebê e sentiu um nó na garganta. Soltou um soluço contido e acariciou o ventre tentando acalmar-se. Não podia desesperar-se, era inútil, assim que o mais sensato era relaxar-se, fechar os olhos e dormir.

— Que bonita é!

A voz soou junto a seu pescoço e um dedo lhe acariciou os peitos por cima do vestido. Emily suspirou e não se moveu. «Estou a dormir há pouco tempo», pensou entre as trevas, uma hora quando muito e precisava continuar a fazê-lo, então não fez o menor caso.

— Linda.

— George... — sussurrou.

De repente o frio lhe gelou as costas, assim que recuperou os sentidos e recordou onde se encontrava e que ele não estava com ela.

— Mãe de Deus!

Ficou de pé de um salto e encontrou Paul Hamilton jogado displicentemente sobre a cama, com uma pistola na mão e observando-a com olhos lascivos.

— O que faz aqui?

— O que acha?

Olhou-a de cima a baixo. Realmente a moça era linda e sensual, com aquele corpo escultural, a sua cara perfeita e aqueles lábios carnudos e apetecíveis. O doutor Connaught tinha muito bom gosto, disso não restava a menor dúvida.

— Onde vai? — Levantou-se ao ver que ela tentava abrir uma das portas da suíte.

— Meus filhos, não se aproxime de meus filhos.

— Não, eles são Connaught, não são assunto meu, mas sim da família do teu marido. Saberão cuidar deles, não se preocupe. Só me importas você e a sua sogra me disse que podia tomá-la, antes de acabar contigo. O que parece? Fazemos por bem ou por mal? Eu prefiro que seja rebelde e me oponha resistência. Talvez decida atá-la e usá-la durante horas. Alguma vez George Connaught lhe algemou?

Ela não podia nem mover-se. Colou-se à parede e começou a pensar em um meio de fuga, em gritar e alertar a tripulação sem assustar os meninos.

— Eu posso algemá-la e depois brincamos. Farei de você mulher, antes que caia acidentalmente ao mar, bem antes de atracar em Plymouth. Será uma pena: uma mulher tão bonita, jovem e grávida. De quanto tempo está?

— Quase cinco meses.

— Não se nota. Dispa-se!

— Não!

— Como não? — Soltou uma risada sarcástica que assustou mais Emily que a pistola com a qual lhe apontava todo o tempo — Assim eu gosto, resistência, mas não aqui. Vamos!

— E meus filhos? Por favor, eu farei o que queira, mas os meninos...

— Estão com a babá. Não se inteiram de nada, mulher. — Agarrou-a pelo cotovelo e a arrastou para a porta que dava diretamente para o corredor — Calce-se, vamos sair daqui. Ainda temos umas horas antes de chegar ao primeiro porto. Mas uma coisa — agarrou-a com força, fazendo-a dobrar-se de dor — se gritar, pedir ajuda ou tentar alguma coisa, um de meus homens voltará e degolará

os filhos de George. Fui claro? — Ela assentiu — Certeza?

— Sim.

— Muito bem. Põe boa cara e saiamos daqui.

Empurrou-a para o corredor e depois a agarrou pela cintura como se fossem um casal de apaixonados. Emily viu com a extremidade do olho um tipo enorme que abandonava a porta da suíte para segui-los e ao girar para a saída de primeira classe se encontrou com outro que apareceu por diante. Assim, duas pessoas os rodeavam e por ali não se via ninguém mais. Era cedo e os passageiros estariam no refeitório tomando o café da manhã, ou em seus respectivos camarotes. Olhou para o chão e pediu ajuda divina, à sua mãe, aos seus avós, a Deus e à Virgem Santa, porque estando ali sozinha, no meio do mar, não lhe ocorriam muitas alternativas, salvo um milagre.

Chegaram à escada para sair para o convés de passeio e, nesse momento, ouviu a voz de alguém chamando-a pelo nome. Era David Law, mas obviamente não pôde nem olhá-lo e seguiu caminhando a bom ritmo para o convés de segunda classe, sentindo as mãos e o calor daquele indivíduo asqueroso, que respirava colado à sua cabeça.

— Senhora Connaught! Emily!

— O que quer, milorde?

Um tipo enorme que caminhava a uns passos atrás da mulher de seu amigo cruzou no seu campo visual.

— Saudar a dama. Somos conhecidos. Quem demônios é você? Não me toque.

— Sinto muito, milorde, desculpe-me. Os senhores querem um pouco de intimidade.

— Que senhores? Com quem vai?

Law se moveu a tempo de ver de soslaio o cabelo escuro de Emily Connaught e algo em toda aquela situação não lhe agradou minimamente.

— Com o marido, claro, lorde Connaught.

— George está aqui? Mas se ele tinha ficado...

— Sinto muito, milorde. Devo deixá-lo — interrompeu o homem

— Direi a meus senhores que depois o procurem, parece-lhe bem?

— Claro, eu...

O médico ficou uns minutos sem saber o que fazer. Era muito estranho que George tivesse uma escolta ou um empregado como aquele, não batia certo e ficou perplexo por vários minutos, sem mover-se. Depois, respirou fundo e decidiu voltar para o seu quarto, queria trocar-se para jogar tênis com umas americanas muito simpáticas que acabava de conhecer no bar e tinha um pouco depressa, por isso girou sobre os seus calcanhares e entrou no corredor de primeira classe uns metros, bem a tempo de sentir que alguns homens corriam e se aproximavam rapidamente de sua direção.

— George!

Viu o seu amigo a um palmo de distância. Estava em mangas de camisa, com o casaco nas mãos e sem gravata. Tinha aspecto desesperado e o olhou sem reconhecê-lo.

— David? Sinto muito, não posso falar agora...

George o esquivou para procurar a suíte de Emily.

Seguiam-no o capitão e dois oficiais, além de um menino ruivo com um inconfundível aspecto de *cockney* londrino.

— Procuras a sua mulher?

— Sim. O que aconteceu? — Olhou-o nos olhos e David compreendeu que algo muito grave estava a acontecer — Viu-a?

— Acabo de vê-la. Ia com uns homens para o convés de passeio, por ali atrás. Eu quis detê-la, mas não me fez caso... George!

— Comprove que os meus filhos estão bem, capitão, por favor!
— Gritou o médico, que correu como se o demônio o perseguisse para a saída de primeira classe.

Fred e um dos oficiais o seguiram e atrás deles, David Law, que se esqueceu imediatamente da partida de tênis. Chegaram ao convés e aí não viram ninguém.

— Merda! Onde se podem ter metido?

— Na segunda classe — Law opinou, vendo que George Connaught levava uma pistola no cinto — O que se passa, amigo?

— Sequestraram-na. Vamos dividir-nos.

— Estão na segunda ou na terceira classe, milorde — disse o oficial, que não devia ser mais velho do que Fred “O Ruivo” — Têm o mesmo acesso e há novecentos e sessenta passageiros agora mesmo ali. É muito grande.

— Vamos nos dividir, pois e vá procurar mais ajuda. Fred, vem comigo!

George Connaught desceu as escadas de um salto. Milagrosamente Fred Carpenter tinha dado com o seu amigo no porto, um homem muito estranho que lhe tinha alugado, a troco de uma fortuna, uma embarcação ligeira e veloz para alcançar o *RMS Úmbria* em alto-mar. Tinham demorado muito pouco para chegar ao navio e pedir ajuda desde o seu diminuto transporte. Felizmente os oficiais lhe tinham facilitado a ascensão a bordo para identificar-se e

explicar o que acontecia, e em menos de quinze minutos lhe tinham permitido entrar para procurar Emily. Mal respirava desde que tinha avistado Hamilton no porto e o peso da tensão lhe mantinha os ombros rígidos, mas nada importava, a sua mente estava limpa e pensava com clareza e isso o ajudaria a encontrar a sua mulher. Estava completamente certo disso.



— A sua sogra diz que passa a vida na cama com George. É verdade isso?

Hamilton a tinha confinado em um diminuto camarote de segunda classe muito mal ventilado e lhe falava baixinho, enquanto começava a tirar com parcimônia o casaco, o colete e a gravata. Emily, que respirava com bastante dificuldade, olhava-o de frente, sem ouvi-lo, imaginando como podia usar a arma que tinha escondida na bota.

— Diz que é uma rameira, que trabalhava como puta em East End e que por isso conseguiu enrolá-lo. É verdade? Vai brincar comigo como faz com George?

— Lady Connaught sabe que está aqui?

— Claro. Ela me avisou ontem à noite que ia embora. Inventou uns ataques para reter o imbecil do George em Londres e dar-me tempo para procurá-la. Logo descerei em Plymouth com os seus bastardos e os levarei a seu palácio em Westminster como um favor. Pobre George, viúvo e com sentimentos de culpa por não ter sabido cuidar de sua jovem mulher. A mãe dele ficará encantada de buscar-

lhe consolo e uma nova esposa, uma mais decente que você Mary Taylor.

— Estou certa disso.

Emily se deslocou um pouco e Hamilton jogou mão à pistola.

— Não se mova. Só se moverás na cama, ouve? E se for boa, talvez deixe-a viver um pouco mais.

— Como às pobres prostitutas chinesas de East End?

— Lixo, eram só lixo.

— Quero água.

— Nada disso.

— Se não quiser que vomite e desmaie nestes quatro metros quadrados, dê-me um pouco de água.

— Sente-se mal?

Aproximou-se dela e lhe acariciou a bochecha. Emily aguentou com paciência o contato e quando ele se inclinou para beijá-la na boca, levantou o joelho e o incrustou nos genitálias.

Paul Hamilton chiou e se dobrou de dor, amaldiçoando-a.

— Será filha de uma puta, rameira, vadia, maldita filha do demônio.

Ela se escondeu por sua esquerda e tentou sair, mas a porta tinha chave por fora. Começou a chutar e a gritar, até que notou a mão do conde de Worsthorne agarrando-a pelo cabelo de forma brutal. Deu-lhe um puxão e depois a lançou contra a parede. Ela protegeu o ventre, mas sentiu o golpe seco na têmpora.

— Maldita seja! Se voltar a tocar-me, matarei os seus bastardos, ouviu? Levante-se.

— Não consigo.

Mal via, a vista se nublava e estava muito enjoada, assim

Hamilton se agachou, agarrou-a pelo braço e a pôs de pé de um puxão.

— Vou vomitar.

— Vomita, não me importa.

Puxou o seu vestido e lhe rasgou a manga. Depois se aproximou e lhe tirou as forquilhas que estavam no cabelo e o deixou solto, admirando com a boca aberta as ondas escuras e espessas, que caíram docemente sobre as suas esbeltas costas.

— É bonita, Mary Taylor, uma puta muito bonita.

Caminhou para ela e lhe apertou um seio, completamente excitado. Emily deu um coice e vomitou sobre os seus sapatos. Hamilton protestou e se afastou, tapando a boca.

— Disse-lhe que ia vomitar. Sinto-me muito mal.

— Maldita seja! — O nobre, enojado, bateu na porta e o guarda a abriu. — Limpa isto, Thomas. Depressa.

— Sim, milorde.

O capanga agarrou umas toalhas e tirou a sujeira para o corredor, olhando de esguelha para Emily, que respirava muito mal, apoiada contra a parede. Mas nem se alterou e saiu outra vez para deixar entrar o seu chefe.

— Bem e agora o quê? Dispa-se pouco a pouco. Quero ver o que tem para dar-me.

— Abra a janela. Estou enjoada.

— É uma chorona, Taylor!

O conde de Worsthorne, desesperado pela atitude desafiante da moça, decidiu que a tomaria rapidamente e depois a mataria, como tinha acordado com Eleonor Connaught, mas muito rapidamente, sem floreios, porque era uma puta complicada. Então lhe deu as costas

um segundo e se inclinou para abrir a escotilha, que era diminuta, logo se voltou para ela e a viu de pé, colada à porta, com uma maldita pistola entre as mãos.

— Dispara e meus homens correrão a degolar os seus filhos. Quando conseguir sair daqui, já estarão mortos.

— Abra a porta.

— Não.

— Abra a porta, Hamilton!

Disparou para o teto e o ruído a desorientou um milésimo de segundo, o tempo suficiente para que Paul Hamilton se lançasse sobre ela e lhe cruzasse a cara com um bofetão. Emily perdeu o equilíbrio e caiu redonda no chão. Tirou-lhe a pistola, agarrou-a e a atirou para cima da cama. Já estavam armando muita confusão, mais do que aconselhável, assim começou a abri-las calças para tomá-la, inconsciente ou não, a faria dele. Mas uma gritaria no corredor deteve as suas intenções e o obrigou a aproximar-se da porta para escutar o que acontecia. Podia ouvir vozes afogadas, uns golpes e dois disparos. Assustou-se e empunhou a arma. Nesse momento a porta do camarote caiu esmigalhada no chão e se encontrou de frente com George Connaught, olhando-o com cara de assassino.

— Filho de uma grande puta!

George levantou a sua pistola e a apoiou na cabeça dele. Hamilton esticou a mão para Emily e lhe sorriu.

— Dispara e eu matarei a sua mulher.

— Está perdido, Hamilton.

De soslaio viu a figura inerte de Emily sobre a cama. Estava inconsciente, mas não havia sangue, não estava ferida. Engoliu em seco e fixou os olhos claros em seu parente.

— Não conseguirá fugir daqui. O capitão vem detê-lo.

— Não acredito. — Separou-se do médico e se aproximou mais de Emily — Vou levá-la comigo, assim poderei sair daqui. Parece bem, George?

— Deixa-a!

— Oh, não! Calma, amigo, se não quiser que lhe dê um tiro diante de seus olhos.

Incorporou-a com um braço e a pôs de pé. Ela se queixou e abriu um pouco os olhos.

— Deixe-me sair daqui...

— Não!

— George?

Emily ouviu a sua voz e abriu os olhos. Viu-o muito nervoso, despenteado e com uma camada fina de suor lhe cobrindo a testa. Jamais o tinha visto tão fora de si e quando girou a cabeça e viu que Hamilton lhe apontava a arma, compreendeu o que estava acontecendo.

— Dispara, doutor.

— Se disparar, eu dispararei em você e de passagem em seu filho por nascer. Que bonito para a consciência de qualquer um! — Viu a hesitação nos olhos de Connaught e avançou uns passos, com a mulher sujeita pela cintura — Deixe-me passar!

— Não, George, não o deixe ir.

George Connaught olhou para Emily e depois para Paul Hamilton sem mover-se. Sentiu os passos de mais oficiais e marinheiros que chegavam correndo para limpar a zona e os corredores a gritos e decidiu que mataria aquele tipo antes de permitir que voltasse a aproximar-se de sua família. Deslizou o braço e voltou

a apontar-lhe a pistola a um palmo de sua cabeça. Hamilton percebeu a mudança em sua atitude. Agarrou Emily e a empurrou com violência contra a parede. Ela se queixou e George instintivamente fez menção de auxiliá-la. Nesse momento, o conde de Worsthorne aproveitou para sair correndo, seguido por um de seus capangas.

Saiu pelos corredores apontando a todos os que ousaram cortar-lhe o passo e chegou a um convés onde a chuva caía a torrentes. Olhou em todas as direções procurando um bote de salvamento, uma saída razoável e então a voz escura de George Connaught lhe chegou pelas costas. O médico tinha deixado a sua mulher recuperando-se junto a David Law e tinha saído atrás de Hamilton, decidido a acabar com ele. Não lhe daria nenhuma oportunidade só queria matá-lo e depois arrojá-lo ao mar.

— Bastardo! — gritou e disparou, errando o tiro por culpa da chuva e do vento.

Plantou-se com as pernas separadas na madeira escorregadia do convés e voltou a disparar com a mesma má sorte.

— Perdeste a tua lendária pontaria, primo? — Hamilton nem se alterou, movendo-se com rapidez e ordenando com a mão à sua escolta que procurasse um bote — A rameira da sua mulher também lhe tirou isso?

George se deslocou, desesperado, pensando que só restavam duas balas na arma e avançou para Hamilton com passo firme. Ficou a um metro dele e lhe aplicou um murro que o atirou ao chão de costas.

— Levante-se, filho da puta e morre como um homem.

— Ui! — Hamilton se levantou, agarrando-se ao corrimão — Importa-me uma merda morrer como um homem, George, que

ingênuo é...

Esticou a perna, deu-lhe uma patada, e o médico tropeçou, mas não caiu. Levantou a arma e fez menção de dispará-la na cabeça de Hamilton, mas o capanga do conde de Worsthorne o impediu, sujeitando-o pelo pescoço. Ele se revolveu e lhe cravou o cotovelo nas costelas. Depois girou veloz e lhe colocou um gancho de direita no fígado que o lançou inconsciente ao chão, uma manobra rápida e limpa, que no entanto o fez perder a pistola, que descansava inocentemente sobre o convés empapado de água.

— Estás morto, Georgie. A tua mãe lamentará muitíssimo, mas não me deixas mais alternativas...

— Não!

Emily Gardiner caminhou decidida até eles seguida por David Law e Fred “O Ruivo”, que não tinham podido fazer nada para retê-la no camarote. Agachou-se, recuperou a pistola de George e quis dar, mas ele levantou a mão para fazê-la retroceder.

— Sai daqui, Emily! Volta para dentro. Fora daqui!

— Isso, sai daqui, puta!

Paul Hamilton, conde de Worsthorne, apontou diretamente para a cabeça de George, mas Emily não esperou nem um segundo. Levantou a sua arma e disparou à queima-roupa. Acertou-lhe à altura do pescoço, mas não pôde ver mais, nem repetir a ação e até porque o disparo de Hamilton soou quase ao mesmo tempo que o seu, atravessou o ar e a chuva e a alcançou em cheio no ombro, na clavícula, o golpe a atirou para trás e a fez cair de costas no chão. Acabava de disparar com a sua própria pistola, aquela pistolita diminuta pela qual tinha pago uma fortuna a um comerciante de Aldgate.

Sentiu o golpe seco no ombro e calor, muito calor e ouviu os gritos de seu marido, que se agachou para abraçá-la.

— Dispara, doutor, que não fuja, dispara — disse e lhe pôs a pistola na mão.

George Connaught se voltou para Hamilton, entreabriu os olhos e disparou. Essa vez sem errar a última bala, que o alcançou totalmente na testa. O conde de Worsthorne abriu muito os olhos e caiu contra o corrimão, completamente inerte.

— Deus bendito, Emily...

George atirou a arma e se inclinou para tentar tapar a ferida. Era grande e com certeza, tinha quebrado parte do osso. Arrancou a manga da camisa para parar a hemorragia, sem muito êxito, porque ela começava a perder a cor de suas bochechas a uma velocidade extraordinária.

— Tranquila, minha vida, a salvaremos, tranquila.

— É de calibre pequeno.

O doutor Law chegou a seu lado e se ajoelhou junto a Emily, mais sereno. Moveu-a para ver a trajetória do disparo e comprovou que a bala, que era de 1,88 gramas, tinha atravessado completamente. O projétil e as lascas do osso tinham caído no chão de madeira do convés e isso podia dar-lhes uma margem de manobra, ou não, nada era seguro ante um disparo a tão curta distância.

— Calma, George, por Deus, terá de tirá-la daqui. É um calibre 22, uma bala pequena. Podemos solucioná-lo.

— Emily, minha vida, olha para mim, fala comigo, não feche os olhos — sussurrava-lhe, desesperado, ao mesmo tempo que ela ia perdendo os sentidos e o seu sangue empapava o chão — Emily!

— Os meninos? Onde estão os meninos?

— Estão bem, com dois guardas e com a babá — disse o capitão, olhando com assombro o que acabava de ocorrer em seu elegante navio — Não se preocupe, milady.

— Meu amor, amo-o, é a pessoa que mais quis em minha vida — sussurrou, procurando os olhos de George — Cuida dos meninos, sim? Leva-os para casa, para Nova Iorque. O meu pai e Beatrice ajudarão com eles. Não os leve para Londres, George!

— Não diga isso. Cale-se e não feche os olhos...

— A sua mãe está mentindo, doutor. Ela avisou Hamilton de que ia sozinha. Não quero que os meus filhos se criem com ela. Promete.

— Não vai acontecer nada, vai ficar bem. — Continuou a pressionar a ferida, chorando, desolado.

— George, dá a sua mão. — Mal lhe saía a voz e a certeza de que estava morrendo lhe deu, de repente, uma paz absoluta e muito agradável. Engoliu em seco e voltou a falar — Dá-me a sua mão, por favor.

— O que quer?

George limpou a mão livre e a deu. Ela levantou com muito esforço a sua, a sujeitou e a aproximou do nariz, insinuando um sorriso. Depois aspirou o aroma de seu pulso e fechou os olhos.

— Eu adoro o seu aroma, doutor, a loção de barbear e a limpeza...

— Emily!

Emily Gardiner perdeu a consciência agarrada à mão de seu marido. Ele a chamava a gritos, tentando despertá-la e notou que a moviam, mas já não lhe importava nada. Ao longe viu a cara de seus filhos, de seu pai, de Beatrice, de sua mãe e de Winston e Molly;

depois, a escuridão mais absoluta.

Eleonor Connaught se passeava como um tigre enjaulado dentro de seu quarto. Lá fora chovia e fazia frio, mas ela tinha suores, de nervos e preocupação, porque fazia mais de trinta e sete horas que não sabia nada de seu filho George e o seu medo ia crescendo.

Há duas noites tinha fingido um agravamento de seu estado de saúde e ele ficou assistindo-a. Não tinha partido para Nova Iorque como era seu desejo inicial, mas tinha acabado por deixá-la às seis da manhã nas mãos de Fritz, para sair em busca da rameira de sua mulher. Tinha prometido retornar e não o tinha feito e ninguém sabia dar-lhe uma explicação a respeito de seu paradeiro. O seu marido, bastante farto de toda aquela história, acreditava que George ia, àquelas horas, rumo aos Estados Unidos com a sua família. As suas filhas pensavam de igual maneira, embora a sua donzela tivesse assegurado no Grand Hotel que ele não tinha recolhido a sua bagagem e que aquela mulher, Emily Gardiner, tinha partido sozinha com os meninos para o porto.

Talvez estivesse zangado e triste pela ausência de seus filhos e como de outras vezes, se tivesse refugiado no trabalho, no hospital, para tranquilizar-se, ou talvez lhe tivesse acontecido alguma coisa. A situação era cada vez mais preocupante e quando ouviu vozes e um estrondo proveniente do andar térreo, alterou-se. Caminhou para a porta do quarto para entreabri-la e ver o que ocorria, e não gostou minimamente do que lhe chegou de baixo, do vestíbulo.

— Mãe...

— Meu filho, estava preocupada. Onde estava? Está bem?

George entrou, sem bater, no quarto. Vinha muito mal vestido, seguido por seu pai e suas irmãs e ao aproximar-se da luz viu a sua roupa manchada de sangue seco, a camisa, as calças, o colete aberto. Atirou o casaco ao chão e caminhou diretamente para o seu criado-mudo, onde tinha umas garrafinhas de vidro primorosamente ordenadas sobre uma bandeja de prata. Eleonor olhou para o seu marido e para as suas filhas com cara de interrogação e o deixou abri-los e começar a cheirá-los com parcimônia e sem olhar para ela.

— Nabo do diabo — disse por fim, reconhecendo o líquido que ocupava dois daqueles frascos tão delicados — Como não me ocorreu antes?

— Mas o que diz? O que se passa contigo? Daniel, faz o favor de perguntar a seu filho o que lhe aconteceu?

— *Bryonia cretica* — particularizou, olhando-a na cara — um bom emético. Provoca até febre se tomadas doses muito elevadas, dores abdominais, taquicardias, diarreias... perfeito para fingir uma doença, embora possa ser mortal, sabe? Não disse isso o bastardo que a trouxe, mãe?

— O quê?

A duquesa desabou em uma cadeira com a mão no peito. Certamente era nabo do diabo e a tinham comprado, via importação, em uma loja em East End, mas pretendia negá-lo até à morte.

— George, filho, o que aconteceu? Por que está ensanguentado? O que aconteceu?

Daniel Connaught interveio, tocando-lhe nas costas, embora George se esquivasse com violência.

— Do que está falando?

— A sua mulher, pai, fingiu, durante meses e meses, uma doença impossível para manipular-nos e usar-nos a todos, a mim, principalmente. Isso foi o que aconteceu.

— Mente. Como se atreve?

— E por que não está no hospital?

— Fiquei melhor e não quis que aquele médico me abrisse. Não estou louca.

— Ah, não? Quem diria?

— George! Respeita a sua mãe. Diz-me o que aconteceu. Por que está manchado de sangue?

— É o sangue de minha mulher, pai. — Voltou-se e atravessou o duque de Stevenage com os olhos claros bordeados por umas profundas olheiras — de minha jovem esposa, grávida de cinco meses, a qual a sua mulher mandou matar, quando se encontrava sozinha e vulnerável a bordo do navio.

— Deus bendito!

Sophie e Amanda Connaught se agarraram pelas mãos e soltaram um soluço instantâneo. Os duques de Stevenage se olharam entre si e Daniel Connaught retrocedeu devagar para apoiar-se contra a parede, com uma dor profunda no peito.

— À mãe de meus filhos, que ainda são uns bebês.

— Eu não fiz nada. — Eleonor quis chorar, mas não pôde — Como se atreve? Ela era sua esposa, a mãe de meus netos. Onde estão os meninos? Trouxe-os? Necessitam de sua família e você, também. Está transtornado, meu filho. Vem aqui, senta-se, descansa um pouco. É terrível, terrível...

— Cale-se e não se atreva a tocar-me! Sei que foi você. — Avançou para ela com vontade de estrangulá-la, mas se deteve a um

palmo de sua cara — Avisou Hamilton para que a atacasse no navio, porque eu ficava aqui colaborando com a sua farsa, atendendo-a por causa de uma enfermidade fantasma. Você o fez e tenha a decência de não continuar a mentir!

— Deus! — Fingiu desmaiar em uma poltrona. As suas filhas foram socorrê-la, mas nem o seu marido, nem o seu filho se incomodaram em olhá-la.

— Como pode dizer isso, George?

— Sei. Emily me confirmou isso e vi Hamilton disparar-lhe diante de meus próprios olhos. Esse filho da puta quis assassinar a minha mulher diante de mim, e depois eu o matei, mas a sua mulher é cúmplice de seu crime, fui claro? Porque não penso calar-me e a denunciarei à polícia.

— Está alterado é normal, desçamos à biblioteca. Bebe alguma coisa e falemos, filho. Diz-me, onde estão Charlotte e Michael? Com quem? Tem de trazê-los, somos a sua família, nós ajudaremos...

— Não se aproximarão nunca mais deles! Iremos para Nova Iorque, assim que toda esta loucura acabar.

Agarrou o frasco de nabo do diabo e o meteu no bolso. Depois, recolheu o casaco e fez menção de ir embora. Não podia suportar, nem um segundo mais, olhar para a cara de sua mãe.

— Não vá, Georgie, querido!

Eleonor se levantou de um salto para segui-lo pelo corredor.

— Nós ajudaremos com os pequenos. Michael é um bebê, necessitam de sua família. Charlotte nos adora. É tão preciosa e os amamos tanto.

Desceu os degraus a correr. Já dissera o que tinha a dizer e tinha provado a teoria de David Law no que dizia respeito ao nabo do

diabo. O seu amigo, que era perito em muitas matérias, tinha-o sugerido durante as últimas e trágicas horas que tinham compartilhado e por fim, tinha resultado ser verdade.

Não tinha nada mais a dizer. Precisava ir ao clube de oficiais onde tinha instalado Charlotte, Michael e Ruth, sob custódia militar, para tomar um banho, trocar-se e abraçar os seus filhos. Depois disso, poderia pensar.

Abandonou o que tinha sido o seu lar, com a intenção de não voltar a pisá-lo nunca mais. Cruzou o portão e se encaminhou silencioso para o parque sem olhar para trás.

— Perdemos — sussurrou a duquesa de Stevenage com um lenço na mão, aproximando-se de seu marido.

— É culpa sua, Eleonor, tenta viver com isso a partir de agora.

O Royal Hospital Chelsea estava concebido para atender os veteranos de guerra, militares no ativo e seus familiares. George Connaught sempre se havia sentido orgulhoso de ter podido trabalhar ali, não só pelo serviço público que prestavam, mas também porque eram de vanguarda quanto aos avanços médicos que desenvolviam e aplicavam em seus pacientes, além de contar com uma equipe profissional de primeiro nível. Era o melhor da Europa, conforme diziam os seus colegas e ele estava de acordo. Entre os seus médicos se encontravam os melhores do mundo, os mais brilhantes e os únicos em que ele confiaria o cuidado de seus seres mais queridos.

Olhou para a fachada e depois para as horas em seu relógio de bolso. Eram oito da manhã. Chegava cedo, depois de ter conseguido dormir dez horas seguidas.

No clube de oficiais, depois de sua passagem pelo palácio dos Connaught em Westminster, tomou um banho, tinha jantado, brincado um pouco com os meninos e por fim, tinha podido meter-se na cama para descansar. Estava há mais de dois dias sem dormir, quando pousou a cabeça no travesseiro e dormiu de forma instantânea, até às seis da manhã do dia seguinte, quando se levantou de um salto preparado para dar o café da manhã a Michael, que estava acostumado a despertar muito cedo chamando por sua mãe. Tinha-o atendido com um sorriso e depois lhe tinha dado tempo de vestir Charlotte e dar o café da manhã também a ela, antes de arrumar-se

um pouco, deixá-los nas mãos de Ruth e sair a caminho do hospital.

Chegou ao terceiro andar, a área dos quartos privados e caminhou pelo corredor, percebendo o aroma da lixívia com a que estavam limpando a área. «Há uns dez anos a medicina militar utiliza lixívia como desinfetante», pensou, de forma involuntária e o aroma grudava no nariz durante horas. Não gostava nada, embora o seu uso fosse, para além de conveniente, muito eficaz.

Abriu a porta do quarto 313 e verificou que a doente não estava sozinha. Suspirou e ficou observando, em silêncio, David Law, inclinado sobre ela e utilizando o estetoscópio de Laënnec sobre o seu abdômen. Se não se tratasse de seu amigo, o teria tirado dali a pontapés, porque tinha dado ordens estritas de que ninguém a tocasse. Não obstante, ao tratar-se dele, fechou a porta com cuidado e deixou que acabasse o seu trabalho antes de falar.

— Pulso firme e regular, tem um filho muito forte, Connaught. Espero que jogue rugby por Cambridge.

— Se for menina, não deixarei que se aproxime de uma bola de rugby.

Tirou o casaco, pendurou-o no cabide e se aproximou da cama onde Emily ainda dormia profundamente. Estava pálida, da mesma cor dos lençóis, o que produzia um contraste enorme com o seu cabelo escuro e os hematomas que tinha na bochecha esquerda.

— E se for menino, jogará em Nova Iorque.

— Será menino... — Law o olhou de cima abaixo e o viu muitíssimo mais recuperado, com a roupa impoluta e o seu porte de cavalheiro britânico de sempre — E quero ser o padrinho.

— Feito.

Pousou os dedos no pescoço de sua mulher e comprovou o seu

pulso regular. Olhou para a enorme atadura que lhe cobria o ombro e fez o gesto de tirá-la, mas seu amigo o impediu.

— Limpamos faz meia hora. Está melhor, não se preocupe e não teve febre por dez horas. Dormiu tranquila, dizem as enfermeiras e quando vim, às seis da manhã, abriu os olhos e perguntou pelos meninos.

— A sério?

— Sim, disse-lhe que estava dormindo com eles no clube de oficiais e sorriu.

— Devia ter vindo antes, mas adormeci.

— Não houve necessidade. — O doutor Law agarrou o seu casaco e observou como George aproximava uma cadeira do lado da cama e se sentava nela, tomando a mão de sua mulher — Tenho de ir. Tenho algumas coisas para fazer, mas voltarei pela tarde.

— David...

— Sim?

— Obrigado outra vez. Jamais poderei pagar o que fez por Emily e por mim. Eu, não sei...

— Shhh! Foi um prazer. Além disso tudo é mérito dela, que é a moça mais forte que vi em minha vida.

O jovem e brilhante médico lhe sorriu antes de sair, fechou a porta e George ficou estático por uns minutos, sentindo o calor que Emily lhe transmitia através de sua diminuta mão. Esticou-lhe os dedos finos e os beijou, de seguida a palma e o pulso, engoliu em seco e começou a chorar como uma criança.

Jamais, em toda a sua carreira profissional, tinha se sentido como um inútil, muito pelo contrário. Desde o primeiro dia na Faculdade de Medicina de Cambridge tinha manifestado uma

capacidade inata para exercer medicina: um pulso firme, uma cabeça fria e uma capacidade de concentração impressionante. No entanto, na primeira vez que, de verdade, tinha necessitado ser um bom médico, para salvar a vida de sua mulher, não tinha podido fazê-lo, bloqueou, tinham atrofiado os sentidos e se transformou em um boneco de pano apavorado. Felizmente e graças a Deus, David Law, um dos melhores médicos que conhecia, estava com ele naquele momento e tinha assumido o controle da situação parando a hemorragia, fechando a ferida de Emily e em definitivo, salvando a vida dela e a do bebê. Um milagre, um verdadeiro milagre que o fez acreditar, por umas horas, que Deus realmente existia e cuidava dos seus.

Sabia que não poderia esquecer aquela manhã no navio, com ela desmaiada em seus braços, perdendo sangue a jorros e sem recuperar a consciência. Estava morta, acreditaram os oficiais do navio que os levaram até à enfermaria do navio, onde David Law gritou pedindo que lhe levassem a sua maleta e de onde tirou gazes e fenol para desinfetar a ferida, que era limpa e completamente circular. Atuou a uma velocidade extraordinária, sem que George Connaught, oficial médico do exército de Sua Majestade, pudesse fazer outra coisa salvo chorar, impotente, pensando que perdia a sua mulher e que não poderia continuar a viver sem ela, nem sequer por seus filhos. Não tinha ajudado absolutamente em nada e se limitou a ver como Law limpava completamente a ferida, cauterizava alguns vasos sanguíneos e em seguida suturava a ferida com mestria, apesar do acelerado do processo. Por fim, tinha desinfetado uma vez mais os pontos da sutura por cima da pele e o olhou, engolindo em seco.

— A ferida já não a mata, George, mas sim a perda de sangue.

Roga a Deus para que possamos reanimá-la e conseguir que recupere o que perdeu.

A única forma de recuperar sangue era hidratá-la e se dedicaram a molhar-lhe os lábios constantemente com leite frio e infusões de todo o tipo, principalmente de alecrim, fornecida pelo médico do navio e que contribuiu para manter a ferida longe de infecções. O processo era quase impossível com ela desmaiada, mas tinham conseguido hidratá-la até pisar em Londres, porque o *RMS Úmbria* tinha parado motores e tinha retornado a porto depois do incidente. Enviaram-na para o Royal Hospital Chelsea, onde os seus colegas a instalaram em um quarto asséptico e debaixo de estrito controle médico, até que recuperou a consciência e puderam administrar-lhe líquidos por via normal.

Até àquele momento, quase cinco horas depois de receber o tiro, ninguém falou em voz alta de sua gravidez. David Law soube porque George o disse, como de passagem, durante a sua mudança do porto para o hospital e ninguém quis comprovar o bem-estar do feto, até saber que tinham estabilizada a mãe, processo que se levou a cabo quando ela abriu os olhos e perguntou por seu bebê. Nesse momento ele tampouco foi capaz de fazer alguma coisa e teve de ser Law, uma vez mais, a pedir um estetoscópio para comprovar, com um sorriso, que o coração do menino continuava a pulsar.

— Doutor... — sussurrou e George a olhou nos olhos, sorrindo.

— Não me venha com doutor. As pessoas começam a rir de nós.

— Para mim sempre será o doutor.

— Como se sente?

— Melhor, obrigada. Onde esteve?

— Com os meninos. Estão muito bem no clube de oficiais. As pessoas estão encantadas com eles e pude contratar uma donzela, a filha de um antigo camarada, para que ajude Ruth.

— Só foi lá?

— Claro.

— Foi ontem às cinco da tarde.

— E estive ocupado. Sentiu saudades minhas?

— Só estava preocupada. Não quero que faça nada do qual possa se arrepender.

— Como o quê? — Procurou os seus enormes olhos negros e lhe sustentou o olhar sem falar — Não fiz nada do qual possa me envergonhar.

— Bem, fico contente. — Suspirou, observando o quarto — George, preciso ver os meninos. Por que não me leva para um hotel ou para a casa em Mayfair? Se tenho de dormir aqui prefiro dormir perto deles.

— É muito recente, Emily. Levou um tiro, perdeu muito sangue, precisa descansar e ter o ombro imóvel. David já lhe explicou que tem o osso da clavícula comprometido, perdeste massa óssea e...

— Shhh! Não diga mais nada. Sinto-me melhor, não exagere.

— Não dói?

— Um pouco.

— Mais que um pouco, não minta. — Acariciou-lhe o cabelo e voltou a olhá-la nos olhos — É insólito que medindo um metro e sessenta e pesando cinquenta quilogramas seja tão forte. As mulheres são surpreendentes.

— Tendo você como enfermeira permanente só posso melhorar.

— E a David Law com a sua serenidade à prova de bomba. Tem

fome?

— Um pouquinho...

— Vou pedir que tragam caldo de carne e um ovo passado por água. É hora de começar a comer sólidos.

— George! — Com a mão livre tocou no ventre e ele se sobressaltou.

— O que foi?

— Está mexendo.

Os olhos se encheram de lágrimas e George lhe acariciou o cabelo com ternura. Depois, esticou o braço e pousou a sua enorme mão em cima da dela.

— Graças a Deus, estava há horas sem senti-lo.

— É muito pequeno ainda, por isso não o sentia.

— Já o senti antes da viagem é muito inquieto.

— Sendo nosso filho, não pode ser de outra maneira. — Sorriu-lhe e ela lhe devolveu o sorriso com doçura.

— Tenho sono.

— Dorme, vai fazer bem...

Sem deixar de acariciar-lhe o ventre, debruçou-se sobre seu pescoço e lhe beijou a orelha. Depois, olhou-a nos olhos, até que os fechou e se sumiu novamente em um sono profundo e reparador.

— Por que não nos disse que estava viva?

Sobressaltou-se, mas não mudou de postura, só elevou os olhos para seu pai, sem nenhuma expressão na cara. O duque de Stevenage entrou sigiloso no quarto e tirou o chapéu.

— Sabe, por acaso, o calvário que estive passando...?

— O que faz aqui?

— Jonathan conseguiu localizá-lo. Ele sempre faz.

— Não devia ter vindo. Emily necessita de repouso absoluto e não tem permissão para receber visitas.

— Não incomodarei muito, só quero comprovar como estão.

— Bem, obrigado.

— E o bebê?

— Felizmente continua vivo. Os dois estão bem.

— Por que não me disse que não tinha morrido, George?

— Não era assunto seu.

— Passei a noite tratando de imaginar a dor que estava passando.

— Não se importaram com a dor pela qual estava passando quando queriam separar-me dela.

— Eu não. Eu jamais...

— Visitou-a na véspera da viagem ameaçando tirar-lhe os meninos, pai, assustou-a e a magoou, por isso não tente agora simular que se importa com ela. — Levantou-se e meteu as mãos nos bolsos — Não permitirei que se aproximem de minha mulher ou de meus filhos nunca mais, por isso suplico que vá embora. Já sabe que está viva e que se recuperará, procurarei que o faça e assim que esteja melhor, vamos para Nova Iorque e não penso voltar a pisar na Inglaterra pelo resto da minha vida.

— Eu não quis magoá-la, mas se tratava de meus netos e você não fazia nada para impedir que os levasse...

— Iam para casa, porque eu tinha de continuar atendendo a embusteira de minha mãe. Só retornavam a casa.

— Sinto muito.

— Tarde, mas se agradece.

— Não sabia nada do que a sua mãe estava maquinando. O seu

médico, o doutor Mullighan, acredita que está transtornada, que o consumo de rapé e outras substâncias acabou por danificar-lhe o cérebro e a vontade...

— Não me interessa.

— Não quero justificá-la, George, mas Eleonor faz anos que não é a que era e a sua viagem para os Estados Unidos, as suas bodas... foi demasiado para ela...

— Algo mais?

— Levaram para um sanatório, fora da cidade, para tratá-la. Não peço que a perdoe, porque não tem perdão, mas pelo menos não me considere seu cúmplice. Suplico, filho.

— Obrigado por vir, mas como disse, Emily necessita de repouso absoluto, assim...

— Denunciou a sua mãe?

— Ainda não. Mandeï chamar Albert Sheen para que se ocupe...

— É sua mãe, filho.

— Uma mãe que tentou matar a minha esposa — bufou, meneando a cabeça — Não se dá conta da gravidade dos fatos?

— Desterrá-la-ei, irá para longe de Londres e estará sob vigilância médica. Ocupar-me-ei de que não volte a tentar nada contra vocês. Terá o seu castigo, dou a minha palavra de honra. Mas, por amor de Deus, suplico, não a mande para a prisão.

— Pai...

— Faz por mim, George, suplico.

Ao duque lhe encheram os olhos de lágrimas e olhou para o seu filho com uma mão no peito. George afastou o cabelo e desviou o olhar.

— Falarei com Albert Sheen e depois comunico-lhe o que ele

disser.

— Obrigado, filho.

— Não tenho nada mais a dizer, pai, assim por favor...

— Quando vão?

— Espero que na semana que vem. A viagem é longa e servirá para que obtenha repouso. Em Nova York, em nossa casa e com a família, se recuperará definitivamente.

Daniel Connaught se apoiou na parede, olhando para o seu filho. Estava cansado, George notou e a sua atitude era tão humilde e afligida que começou a sentir lástima por ele. Independentemente de tudo, o seu pai sempre tinha sido um homem decente.

— Nunca imaginei vê-lo convertido em um pai de família dedicado e carinhoso, em um marido apaixonado e feliz. Formou uma bonita família e me sinto muito orgulhoso de você.

— Tudo é obra de Emily. Ela é o melhor que me aconteceu na vida.

— Sei. Desde que a conheceu algo mudou.

— Ela mudou tudo. Quem dera que tivessem podido compreender isso!

— É óbvio, filho e não sabe quanto o sinto... — colocou o chapéu e o olhou nos olhos — Bom, vou embora, não incomodo mais.

— Adeus, pai.

— O que acontece ao título e à herança, George? Tenho de perguntar.

— Passa-os a Simon. Ele saberá responder como é devido.

— Claro.

Os seus olhos se encheram de lágrimas e saiu para o corredor com passo lento. George respirou fundo, olhou para o teto tentando

ser justo e finalmente saiu atrás, para detê-lo a meio do caminho.

— Pai, espera.

O duque se voltou e o olhou com o rosto inquisitivo.

— Não o culpo, não o quero culpar, mas permite que não me sinta muito orgulhoso da família que tenho. Não quero o título, jamais precisei dele e o melhor é legá-lo a Simon. Além disso, vou para Nova Iorque e não voltarei à Inglaterra.

— Compreendo, é melhor assim.

— Muito bem.

— Dá um beijo aos meninos. Talvez possa ir visitá-los mais tarde.

— Estão no clube de oficiais, em Park Lane. Se quiser, vai despedir-se deles.

— Obrigado.

— Sinto muito. — Superou a distância que os separava e o abraçou.

Daniel Connaught o apertou com força, fechando os olhos para não chorar e depois se separou dele, golpeando-o no ombro.

— Sinto que tenhamos chegado a este ponto, papai, mas acredito que jamais poderei perdoar a minha mãe.

— É o melhor de meus filhos, sempre o soube e dou graças a Deus pela esposa que lhe deu e pela vida que escolheu ter com ela. Desfruta-a, Georgie.

— Isso farei. Não se preocupe.

Deram um último abraço e esperou que seu pai se perdesse pelo corredor, antes de voltar para o quarto onde Emily tentava incorporar-se apoiada no braço são. Correu para a cama e a sujeitou, franzindo o cenho.

— O que pretende, Emily, pelo amor de Deus?

— Está tudo bem?

— Sim, minha vida. Recosta.

— Tem certeza?

— É óbvio que sim. Se a olho nos olhos tudo está perfeito, acaso não sabe disso?

— Lisonjeador.

— É a pura verdade. Vamos, deita. Colocarei mais almofadas, quer?

— Doutor — disse-lhe e procurou os seus olhos de cor água-marinha. Ele se sentou na cama para olhá-la de perto — Está bem?

— Sim, minha vida, muito bem. E você?

— Eu estou feliz apenas por saber que o verei amanhã... — Sorriu-lhe, recordando aquelas palavras que lhe tinha dito fazia anos em sua casinha de Regent Street e George Connaught se aproximou para beijá-la na boca.

— E eu sou feliz sabendo que continuamos sendo você e eu, Emily Gardiner, agora e sempre, você e eu.

Epílogo

Manhattan, Nova Iorque, abril de 1897

— Mami!

Charlotte entrou correndo no quarto e Emily se voltou para ela muito séria.

— Mamaaaaã...!

— O que foi agora, minha vida?

— Papai se foi!

Chegou até ela e subiu a seus joelhos com as lágrimas empapando-lhe a sua preciosa carinha. Emily lhe afastou o cabelo escuro e procurou os seus olhos cor água-marinha.

— Tinha de sair, Charlotte. Não pode ficar sempre contigo...

— Charlotte Connaught! — George entrou com grandes passadas no quarto e olhou para a sua filha, carrancudo — Não volte a sair correndo dessa forma, pode cair e machucar-se. Além disso ainda estava a falar.

— Não!

A menina, que nos seus quatro anos era uma verdadeira força da natureza, se aninhou no ombro de sua mãe e Emily olhou para George, meneando a cabeça.

— Não, amor, escuta o papai. Não seja caprichosa.

Afastou-a e a pousou no chão. Charlotte olhou então para o seu adorado pai, fazendo beicinho.

— Não posso levá-la comigo, princesa, mas voltarei cedo e lerei

um conto, sim?

Ficou de joelhos e a olhou nos olhos. A menina era a maior debilidade de sua vida e teve de fazer um esforço sobre-humano para parecer severo.

— Não é normal que chore por tudo e por nada, só saio para jantar fora e venho em seguida.

— Não quero que vá.

— Minha vida...

Charlotte saltou para o seu pescoço e Emily pôs-se a rir. Era uma enganadora nata e George estava prestes a sucumbir.

— Amo-a muito, querida, mas não posso deixar de ir. Esperam-me.

— Vamos...

— Não, nem sequer a mamãe vem, é só para senhores.

— Muito bem, já chega. — Emily se levantou bufando e agarrou a sua filha nos braços, a acomodou no quadril e saiu com ela para o corredor — Acompanharemos o papai até à porta e depois tomaremos um banho muito agradável antes de jantar e se jantares bem, brincaremos com as joias e com os botões dos cofrinhos, quer? — Ela assentiu — Compramos muitas coisas novas no mercadinho, sabe, papai? Tem muito por onde escolher. Olá, Michael! Anda, acompanha-nos a despedir-nos de papai, que vai com o avô a um jantar... — O menino se agarrou à sua mão e saíram para o alpendre da casa para deixar que George partisse para o clube, onde havia um jantar só para homens — Divirta-se, meu amor e não chegue muito tarde.

— O que faria sem você? — George lhe sussurrou, beijando-lhe o ombro nu onde ainda podia distinguir-se com facilidade a cicatriz do

tiro que quase lhe tinha tirado a vida.

— Viveria mais tranquilo — respondeu ela, dando-lhe de presente um grande sorriso.

O doutor os olhou por um segundo de soslaio e saiu a grandes passadas para Washington Square, a caminho de seu jantar.

Abraçou Charlotte e retornou a casa com o pequeno Michael colado às suas saias. Fazia dois anos e três meses que Paul Hamilton lhe tinha disparado e ainda tinha dores no ombro com as mudanças bruscas de temperatura, algo que George lhe tinha dito que iria piorar com a idade, porque a ferida tinha comprometido o osso, por isso ela estava resignada àquele incômodo crônico que, às vezes, a obrigava a parar de trabalhar, embora se empenhasse em ignorá-lo e em seguir com a sua vida normal, sem fazer o menor caso.

Estavam já em abril e David, o seu filho mais novo, fazia dois anos no fim do mês, nos dia 24. O seu nascimento se adiantou umas semanas, quase quatro, no entanto, felizmente, tinha nascido saudável e forte, como seus irmãos, e o batizaram com os dois nomes que escolheu seu padrinho, o doutor David Law em pessoa: David Joseph Connaught. Era um lindíssimo menino loiro como seu pai e como o pequeno Michael, mas tinha uns enormes e amendoados olhos escuros muito parecidos com os de sua mãe e com o seu avô Michael Shafterbury, que não se cansava de repeti-lo a todo o mundo.

Depois do parto tinha respirado por fim e tinha iniciado a sua recuperação definitiva, porque nos meses posteriores ao disparo mal dormia, morta de preocupação, pensando nos perigos que tinha exposto o seu filho e nas sequelas que aquilo poderia ter deixado.

Não obstante e graças a Deus, o menino era perfeito e nos seus quase dois anos de vida era uma preciosidade, forte e doce, imensamente mais tranquilo que Charlotte e Michael, que eram uns redemoinhos inesgotáveis, que mal podiam controlar.

O seu regresso a Nova Iorque tinha sido imediato. Assim que George decidiu que estava fora de perigo, subiu-a em braços ao navio, onde não a deixou mover-se durante a longa travessia, cuidando pessoalmente de sua recuperação. Uma vez em casa tinham retomado à sua vida o melhor possível, ele com os seus pacientes e ela com os seus vestidos, dedicados à família e decididos a esquecer-se do ocorrido. De fato, jamais falavam do tema Hamilton, nem dos problemas com a família Connaught, era um compromisso que tinham aceitado na viagem de volta e o cumpriam, embora o seu marido ainda sofresse pesadelos pelas lembranças desse dia e ela olhasse, de vez em quando, para as suas costas quando um ruído indefinido a sobressaltava. «É uma questão de tempo», tinha-lhe dito seu pai, que continuava horrorizado pelos fatos e ela confiava em que um dia conseguiriam esquecer aquele 30 de janeiro, em que a vida tinha mudado para sempre, especialmente para George, que não queria saber nada, absolutamente, da Inglaterra.

— Olá, preciosa...

O doutor Connaught entrou em seu quarto e atirou a casaca e a gravata para o chão, sem tirar a vista de cima de sua mulher, que afastou os olhos do livro que estava lendo na cama, para observar o que fazia e depois mover a cabeça em sinal de reprovação.

— O que foi?

— Precisa de um valete, doutor, continua sem saber ordenar as suas coisas.

— Um mau hábito.

— Muito mau.

— E os meninos?

— A dormir, felizmente. Que tal foi?

— Não pode nem imaginar quem encontrei no jantar.

— Quem? — Ela continuou lendo “O morro dos ventos uivantes”, mas ao notar que não continuava a falar, deixou o livro a um lado e o olhou nos olhos — Quem?

— O meu irmão Simon.

— Simon em Manhattan e não o veio ver?

— Chegou esta tarde e pretendia vir amanhã. — Despiu-se completamente e se meteu na cama — Trouxe-me uma carta de meu pai e além disso me contou que continuo sendo o herdeiro Stevenage, porque os advogados opinam que como tenho dois filhos varões e ele continua solteiro, sou um legatário mais seguro.

— A sério?

— É insólito, não? Revoltante. Terei de pedir a Sheen que trate disso em meu nome e o arrume de uma maldita vez.

— Claro, não entendo nada desses assuntos, até porque tinham chegado a um acordo...

— Isso, amor, mas agora esquece o que eu disse e dedica uns minutos a seu marido... — Abraçou-a e Emily se aninhou sobre o seu peito. Ele esticou a mão e lhe acariciou as esbeltas costas — O que lê?

— “O morro dos ventos uivantes”.

— Outra vez?

— Sim, eu gosto muito. Lê para mim um pouco?

— Oh, não! Emily, por favor, ocorrem-me mil coisas melhores

para fazer... — Baixou a mão até seu traseiro arrebitado e lhe beijou a cabeça — Está linda.

— Lê um pouco. Adoro escutá-lo, doutor. — Incorporou-se para beijá-lo e lhe acariciou o rosto perfeito, coberto àquelas horas pela barba loira e rebelde — Sabe que me ponho muito romântica a escutá-lo...

— Hmm! Ah, sim?

— Sim, claro. — Pôs-se a rir e George Connaught a empurrou sobre o colchão para imobilizá-la — Sabe isso perfeitamente.

— Que continua a ser uma mocinha muito travessa? Claro que sei.

— Talvez Simon possa vir ao aniversário de David, não?

— Certamente que sim.

Baixou a boca para beijá-la com calma e ela aproveitou para acariciar-lhe o cabelo, claro e sedoso.

— Se calhar até lhe conseguimos uma noiva americana, casa-se e fim do problema com a herança e com o título.

— Não acredito que meu irmão pense em casar-se. É um solteiro feliz e independente.

— Também era e olhe para você.

Pôs-se a rir e George levantou a cabeça para olhá-la muito sério.

— Não terá tanta sorte como eu. Não existe outra Emily Gardiner no mercado.

— Que galante, milorde! Mas não tem de adular-me, já me tem à sua mercê...

— Que embusteira! Oxalá pudesse acreditar em você...!

Inclinou novamente a cabeça e lhe mordeu o abdômen, fazendo-

a retorcer-se da risada.

— Não acredita em mim?

— Claro que não. É uma rebelde e não está à mercê de ninguém e isso é o que mais eu gosto em você.

— George...

Subiu a boca e a beijou com paixão. Emily o abraçou sorrindo, colando-se a seu corpo para sentir o seu aroma a limpeza, para amá-lo uma vez mais, com aquela paixão desmedida que unicamente eles compartilhavam e que os convertia, desde há sete anos, em uma só pessoa, um só corpo, um só coração.



Notas

[←1]

Vendedora de castanhas assadas.

[←2]

Peixe e batatas fritas – prato típico da culinária do Reino Unido.

[←3]

Corrente elétrica que se move no subsolo ou através do mar. A ciência está estudando a associação destas correntes telúricas e o sinal de alarme dado pelos animais, que parecem detectar estas, permitindo-lhe assim preparar-se para o acontecimento e para uma eventual fuga. Neste contexto, significará medo, receio, susto.

[←4]

Filha de pais solteiros. Semelhante a bastarda.

[←5]

Palácio de Westminster